HORACIO SOUSA

MEMÓRIAS FLUMINENSES

CYCLO AUREO

HISTORIA DO 1º CENTENARIO DE CAMPOS

CAMPOS DOS GOYTACAZES

Essentia
EDITORA

2014

© 2014 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

S729c Sousa, Horacio.
Cyclo Aureo: Historia do 1º centenario da cidade de Campos 1835 – 1935/ Horacio Sousa.—. Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2014.
445 p.; il. - (Memórias Fluminenses; v.1).

Reedição da obra original de 1935.
Inclui índice.

ISBN 978-85-99968-47-5

1. Campos dos Goytacazes (RJ) – História. I. Título.

CDD 981.53 20.ed.
CDU 94(81)

Essentia Editora
Rua Coronel Walter Kramer, 357. Parque Santo Antônio - Campos dos Goytacazes/RJ
CEP 28080-565 | Tel.: (22) 2737-5648
www.essentiaeditora.iff.edu.br | essentia@iff.edu.br

Tiragem: 1000 exemplares
Impressão: São Jorge Gráfica e Tecnologia | Tel.: (61) 3035-8300

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense

Reitor Luiz Augusto Caldas Pereira
Pró-Reitor de Administração Helder Siqueira Carvalho
Pró-Reitora de Desenvolvimento Institucional Ana Lúcia Mussi de Carvalho Campinho
Pró-Reitor de Ensino Carlos Márcio Lima
Pró-Reitora de Extensão e Cultura Paula Aparecida Martins Borges Bastos
Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação José Augusto Ferreira da Silva

Coordenação Editorial da Série Memórias Fluminenses
Gustavo Gomes Lopes
Paula Aparecida Martins Borges Bastos

Comissão Organizadora
Claudia Herrera de Vasconcellos
Fernanda Lima Rabelo
Gustavo Gomes Lopes
Kárin Klem Lima
Maria Catharina Reis Queiroz Prata
Paula Aparecida Martins Borges Bastos
Rogério Ribeiro Fernandes

Equipe Editorial
Capa, Projeto Gráfico e Diagramação Cynthia Santos Monteiro
Catalogação Henrique Barreiro Alves
Revisão de português do Prefácio Ednalda Maria da Silva Ribeiro

SUMÁRIO

PREFÁCIO — 5
PRELUDIO — 11
CREAÇÃO DA CIDADE — 13
A CIDADE INCIPIENTE — 19
ADMINISTRAÇÃO PUBLICA — 65
A ILLUMINAÇÃO — 69
A VIAÇÃO EM CAMPOS — 81
O CHOLERA-MORBUS — 107
A LIMPEZA PUBLICA — 117
A GUERRA DO PARAGUAY — 129
COLONIAS AMIGAS — 141
AS NOVAS RUAS — 155
A INSTRUCÇÃO — 185
AS INSTITUIÇÕES — 207
RELIGIÃO — 233
A ABOLIÇÃO — 295
O PARAHYBA E SUAS ENCHENTES — 319
A REPUBLICA — 325
AS BELLAS ARTES — 331
DÔR, LUTO, DESOLAÇÃO — 349
AS EPIDEMIAS — 361
AS ASSOCIAÇÕES CAMPISTAS — 371
O CARNAVAL CAMPISTA — 385
O SPORT EM CAMPOS — 391
POETAS E LITTERATOS DE CAMPOS — 401
CAMPOS ANTIGA - CAMPOS MODERNA — 421
NOS ULTIMOS TEMPOS — 435
AVE, CAMPOS — 441

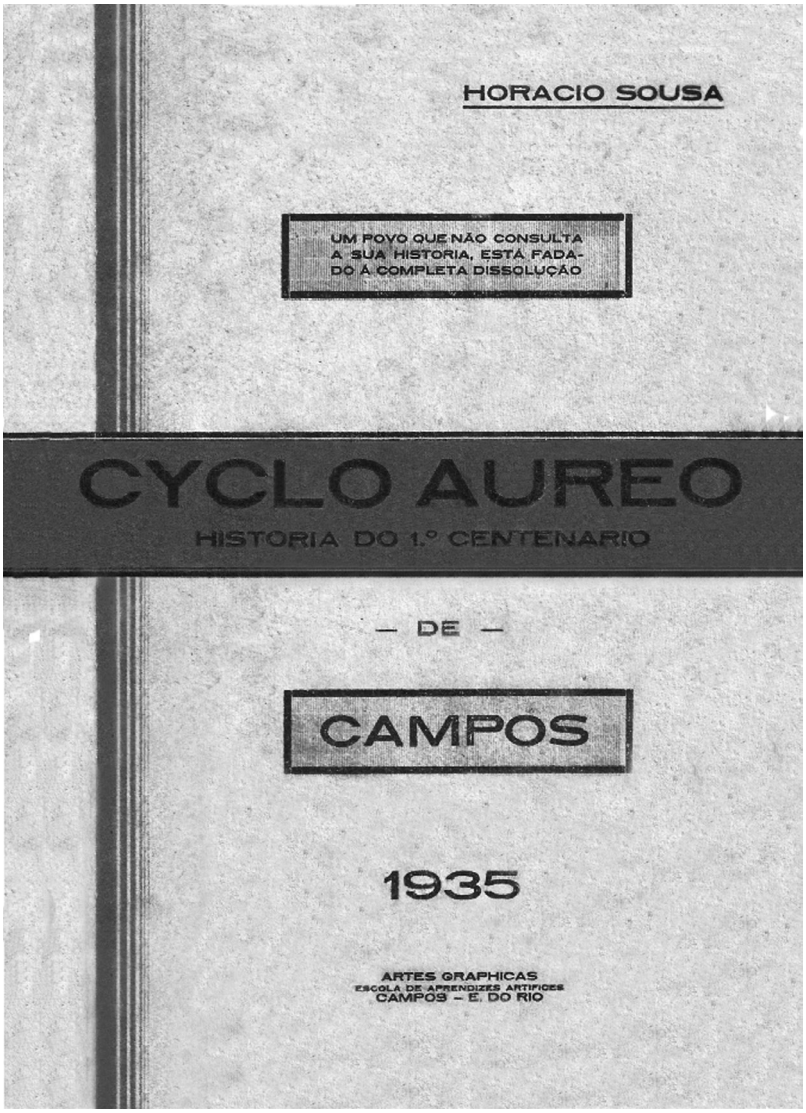

Imagem da capa da primeira edição do *Cyclo Aureo*.

PREFÁCIO

O livro Cyclo Áureo. História do Primeiro Centenário de Campos 1835-1935 faz parte de um grupo de obras incontornáveis para pesquisadores, estudiosos e todas as pessoas interessadas em conhecer a história da cidade de Campos dos Goytacazes. A obra se inscreve no rol dos trabalhos de cunho memorialista, literário ou historiográfico sobre Campos, escritos por jornalistas, cronistas, poetas, romancistas, teatrólogos e historiógrafos, responsáveis pelas construções das diferentes representações e concepções da cidade e da vida urbana e rural e da própria identidade dos *campistas*.

O autor, Horacio Sousa (1878-1937), é natural de Campos dos Goytacazes. Escreveu para jornais locais, alcançando o reconhecimento como homem das letras pelas instituições político-culturais da cidade. A escrita de Sousa é, assumidamente, fruto do "bairrismo" do autor, pretensamente compartilhado com seus leitores, os "queridos conterrâneos". Seu objetivo é criar um monumento à cidade de Campos e exaltar as suas tradições e as "facetas luminosas da nossa historia", firmando-a entre os principais municípios do Brasil e destacando-a como capital financeira e "capital do intellectualismo fluminense". Alguns autores recentes têm destacado o momento histórico da década de 1930 como um contexto de efervescência política e de concertadas manifestações da elite letrada, política e econômica da cidade, reivindicando a transferência da capital do Estado do Rio de Janeiro, de Niterói para Campos.

Embora possa ser visto por alguns como algo externo ao texto, há um curioso elemento de modernidade urbana típico dos jornais

que se faz presente no *Cyclo Aureo*: pequenos anúncios publicitários de casas comerciais de gêneros variados (armarinho, vestuário, mobília, material elétrico, peças para máquinas, automotivos, etc) e fábricas (doces, fundições). Na 1ª edição de 1935, as peças publicitárias foram publicadas nas 2ª, 3ª e 4ª capas e nas margens superior e inferior do capítulo intitulado "Campos Antiga – Campos Moderna". Estes anúncios fornecem pistas para os estudiosos que buscarem examinar as redes sociais que participam da criação deste sentido de pertencimento à "nossa cidade" e reforço de uma identidade que reivindica mais poder político para a cidade.

Apesar de o *Cyclo Aureo* ser reconhecido como a principal obra de Sousa, o próprio autor solicitava indulgência com a obra e condescendência com a "inaptidão do auctor, attendendo à sua qualidade de estreiante neste diffícil, ingrato e delicadíssimo gênero de publicidade". Apesar de elencar os "historiógraphos" que se dedicaram a escrever a "história de nossa terra", Sousa não se filia a nenhuma escola ou tendência de produção historiográfica, tampouco analisa as obras apontadas. Esta humildade cumpria um protocolo retórico que não obliterava o seu interesse manifesto de celebrar o valor e desenvolvimento da sua amada cidade por meio de um alegado "feitio novo e ameno" na organização dos assuntos tratados no livro.

O presente livro traz importantes contribuições, particularmente, para os estudos urbanos. Ao focalizar o mundo citadino, nos apresenta a diversidade das atividades e da sociedade urbanas em toda sua plenitude, oferecendo subsídios aos pesquisadores para ampliação de sua compreensão do processo de urbanização, relativizando a visão fortemente agrícola e açucareira, até então predominante sobre a cidade. Nesta História do 1º Centenario não há periodizações estruturantes que articulem os temas tratados nos capítulos. Ao pretender facilitar as vias para que o leitor se dedicasse apenas às partes adequadas aos seus interesses, o autor optou por uma representação fragmentada da cidade a partir de vários temas específicos: *"topografia, estatísticas, política, viação, obras públicas, agricultura, comércio, indústrias, imprensa, letras,*

artes, ofícios, religião, ciências, instrução, associações, esportes, finanças, instituições, cidadãos eminentes, acontecimentos, curiosidades, etc." O livro é assumido pelo autor como sendo *"simples compilações de notas para a História de Campos."* Um dos resultados dessas escolhas textuais é uma narrativa que atinge momentos de vivacidade ao se aproximar do cotidiano, intermediados com elencos de fatos pontuais. Em ambos os casos, os estudiosos se beneficiam do convite recorrente do autor aos seus leitores para buscarem o passado do espaço urbano nas marcas e contrastes que são encontradas na cidade em 1935.

Podemos destacar alguns capítulos de especial interesse para os estudos urbanos. O capítulo *A cidade incipiente* é dedicado ao século XIX, quando a cidade ainda era "villa", franqueando ao leitor a possibilidade de reconstituir um "mapa" da cidade de Campos do período, conhecer um pouco de como se desenvolvia a vida urbana; relata-nos, também, alguns acontecimentos históricos e fatos curiosos; apresenta personagens importantes e também os cidadãos "comuns"; informações sobre as obras e transformações urbanas. Sousa nos revela o quanto foi difícil a sua tarefa, pois faltavam dados precisos e fontes, problema que ainda enfrentamos na atualidade, o que reforça ainda mais a importância do seu trabalho que contém informações preciosas. No entanto, para organizar a sua narrativa, Sousa faz um esforço – nem sempre bem-sucedido – de afastar-se da teleologia e do anacronismo de algumas abordagens que apontam uma linha necessária de transformação evolutiva de Vila em Cidade. Sousa é pródigo na utilização de referências a situações que ainda não tinham sido modificadas e eram presas a velhas práticas. Aliás, Sousa é pródigo na utilização do advérbio "*ainda*" para marcar a resistência ao avanço do tempo em direção ao seu modelo de cidade moderna.

Capítulos como "*A iluminação pública (e privada)*"; *"A viação em Campos"; "A Limpeza Pública"; "As novas Ruas"*, *"A Instrução", "As Instituições (Antigas e Atuais)"*, permitem ao leitor identificar as áreas privilegiadas pelos serviços e obras e os principais eixos de expansão da cidade, os principais meios de transporte e edificações significativas.

Pode-se depreender, assim, a estrutura e o funcionamento da cidade em diferentes momentos, buscando estabelecer as principais fases e formas de sua transformação material. No capítulo "*Colônias amigas*", são identificados os imigrantes de diferentes origens que também são atores responsáveis pelo desenvolvimento urbano de Campos e pela construção de sua cultura urbana. Ao apresentar as práticas religiosas, o ensino, as atividades artísticas literárias e as atividades esportivas, destaca alguns dos personagens e instituições importantes para a história da cidade e não apenas os costumeiros "barões de açúcar". Pode-se vislumbrar uma economia textual dual que busca enfatizar as tradições de Campos articuladas aos elementos que denotariam a tipicidade moderna da cidade.

Consagrado à cidade com suas ruas, suas praças, seus portos, os fatos diversos da vida cotidiana e não apenas tradicionais grandes eventos históricos, o *Cyclo Aureo* aborda epidemias, como a grande epidemia do cólera *morbus*, de 1855, por exemplo. Apresenta as inundações do rio Paraíba do Sul, suas consequências e as medidas tomadas para contê-las. O capítulo "*A Abolição*" se destaca dos demais pela alta carga de dramaticidade e convulsão social envolvida na luta pelo fim de um dos últimos bastiões do escravismo no Brasil.

Felizmente, a cidade é uma obra complexa, dinâmica e em permanente (re)construção. Ademais, toda obra escrita possui dados inesgotáveis e oferece diferentes interpretações e formas de abordagem. Ao estudarmos a história urbana, aprendemos com Marcel Roncayollo que além de materialidade, a cidade é representação, ou melhor, um conjunto de representações. A compreensão desta dimensão nos permite abordar a história de Campos dos Goytacazes a partir de suas representações. A partir do encontro de diferentes formas de narração, a cidade se delineia para os contemporâneos das obras que a contam e para a posteridade e as suas leituras eivadas por novas questões que surgem. Algumas narrativas que se debruçam diretamente sobre a cidade, afirmam pontos de vista, privilegiam aspectos e participam ativamente da construção da cidade. O livro que se apresenta reeditado,

faz parte de uma categoria de obras que se tornam indissociáveis do objeto que representam. O *Cyclo Aureo* é parte indissociável dessa obra que é a cidade de Campos dos Goytacazes.

Assim, esperamos que a presente edição do *Cyclo Aureo* motive as novas gerações a produzirem as suas próprias indagações, renovando as pesquisas e o conhecimento produzido até então, sobre a cidade de Campos dos Goytacazes. Conhecer a sua história reforça nosso elo com sua materialidade, sua monumentalidade, suas práticas culturais, fazendo-nos compreender a importância de preservar e reelaborar os seus significados num diálogo incessante com a contemporaneidade.

Teresa de Jesus Peixoto Faria
Gustavo Gomes Lopes

Vamos ver a cidade
Meu presado confrade,
CAMPOS, *a flôr,*
Bella e sem par,
Tem seductor,
Magico olhar!

Logo á primeira vista,
Prende a moça campista,
Rosa d'Abril, filha gentil
Deste amado Brasil.

Feiticeira cidade adorada,
Traz venturosa a população,
Pois esta TERRA DA GOIABADA
E' um novo seio d'Abrahão!

(Da harpa dulcissima de
AZEVEDO CRUZ)

N.E.: Imagem do poema de Azevedo Cruz constante na p. 3 da primeira edição do *Cyclo Aureo*.

PRELUDIO

Tarefa por demaes difficil é esta, certamente, para resumir nas poucas paginas de um livro toda a fulgurante historia dos cem primeiros annos d'uma cidade como Campos, – que se povoou e se enriqueceu prodigiosamente pelas bençãos de Deus, seu divino Padroeiro, – tornando-se o maravilhoso philtro das grandes idéas de Liberdade, Democracia e Progresso, colméa do mais intenso e admiravel Trabalho que vem gradativamente augmentando ao ponto de se tornar um dos mais importantes municipios do Brasil.

Para bem accentuarmos o valor e o desenvolvimento de Campos basta considerarmos o que era a Villa de S. Salvador em 1835 e o que é hoje a Cidade de Campos dos Goytacazes, cem annos após receber a nossa Municipalidade o decreto que determinou a sua cidadania.

Si bem que neste livro, como accentúa o seu titulo, vamos encrustar pelas suas paginas as facêtas luminosas da nossa historia no desdobrar dos ultimos 100 annos, – comtudo, nas ultimas paginas damos um rapido retrospecto da historia antiga ou colonial de Campos, súmula do que foi, desde o inicio, a decantada – Terra dos Goytacazes.

Desejado imprimir um feitio novo e ameno a esta pequena obra, tivemos o maior cuidado (e foi o que mais requereu basto emprego de paciencia e energia) em seleccionar os assumptos historicos, guardando quanto possivel nesta seleção a precisa ordem chronologica, para assim propôrcionar aos leitores a facilidade de lêr apenas aquelles capitulos que lhes interessar, pois, o assumpto que é do agrado de uns torna-se fastidioso ou desinteressante para outros. Quem goste de lêr a historia das artes, das lettras, da

instrucção pública ou privada, já póde enfadar-se da historia sobre lavoura, industrias, sports ou instituições; haverá quem busque lêr a historia sobre sciencias, commercio, estatisticas, e não cuide de saber das narrativas sobre officios, as obras publicas, viacção, topographia e religião.

Começamos por mostrar, de maneira clara, o estado da cidade de Campos nos dias de 1835 e dos annos consecutivos; – suas ruas e praça, os costumes de então, suas possibilidades; e a seguir, tudo o que importa á sua historia: – topographia, estatisticas, politica, viacção, obras públicas, agricultura, commercio, industrias, pecuaria, imprensa, letras, artes, officios, Religião, sciencias, instrucção, associações, sports, finanças, instituições, cidadãos eminentes, acontecimentos, curiosidades, etc

Entregando este fructo do nosso esforço, e do nosso bairrismo á benevolencia dos queridos conterraneos, supplicamo-lhes o maximo de indulgencia para o mesmo, a mais ampla condescendencia para com a inaptidão do auctor, attendendo á sua qualidade de estreiante neste difficil, ingrato e delicadissimo genero de publicidade.

Cidade de Campos, 25 de Janeiro de 1935.
Horacio Sousa

CREAÇÃO DA CIDADE

«Um povo que se lembra das suas tradições é um povo capaz
de grandes cousas».
Gustavo Barroso.

Afastados da séde do governo Provincial por muitas leguas, os habitantes da pacata e já então famosa Villa de S. Salvador dos Campos estavam no mez de Maio de 1835 e seus actos officiaes ainda tinham a designação de «Villa».

Numa fase de vida em que não se conheciam as antênas do telegrapho nem os trilhos das empresas ferroviarias, as malas do correio vinham mui morosamente, ajaezadas na lombada do cavallinho do velho Cataia, o pachorrento estafeta daquelles remotos dias. Por isso a Camara da já então ex-villa, em seus actos e officios, ia continuando a mencionar: «Villa de S. Salvador», como pudemos constatar nos livros de Actas, no de Registro de Officios, de editaes, etc.

Em 1º de Abril de 1835 foi lançado o «Termo de juramento e posse» do Juiz de Paz da Aldeia da Pedra, (então territorio campista) e lá estava junto á data, «Vila de S. Salvador dos Campos» (fls. 102); assim também no «juramento» dos officiaes de Justiça Francisco Rodrigues Arêas e Luiz Antonio Pereira Bastos, datados de *15 de Abril*; no do juiz de Orfãos Dr. Angelo José da Fonseca, em *12 de Maio*, (fls. 103), bem como no «termo de posse» do Procurador, Francisco Luiz de Andrade Lima, tambem datado de 12 de Maio.

D'ahi o regeitarmos como veridica a affirmativa do respeitavel historiador Julio Feydit que escreveu a fls. 429 do seu livro, que «*a*

noticia official» da elevação da Villa chegou a Campos a *4 de Abril*. Ha um equivoco manifesto á vista do que expomos acima. Uma noticia particular, ou mesmo officiosa, poderia ter vindo 7 ou 8 dias depois da promulgação da lei, porem não "a notícia official", tanto assim que officialmente a Camara considerava-se o governo de uma simples villa.

Que houvesse regosijo, illuminação geral por tres noites, com as lanterninhas de vella de sebo, *Te Deum*, na Matriz do Padroeiro, cavalhadas com os dextros mouros e christãos a quebrarem boiões de barro e arrebatarem argolinhas de prata, na Praça Principal, tudo isso é bem admissivel e mais que certo quando se teve conhecimento da nova categoria conferida á terra goytacaz, pois era um uso muito em vóga, sem faltar as danças de mascarados...

Si attentamente observarmos a data da Portaria que vehiculára a «Carta de lei», portaria essa que foi registrada no livro da Camara por ordem do presidente da Municipalidade, Pe. Antonio Pereira Brados, notar-si-á que a remessa do decreto provincial foi datada de Nictheroy em *24 de Abril*, isto é, *vinte e sete dias depois* da sua promulgação.

Para melhor elucidar, transcrevemos aqui o que lêmos no livro de registro da Camara Municipal, (fls. 148):

«Registro da Portaria *enviando* o Decreto sobre esta Villa ser elevada á Cathegoria de Cidade: – O Vice Presidente da Provincia *manda remetter* á Camara Municipal da Cidade de Campos dos Goytacazes o incluso exemplar da Carta de Ley de 28 de Março proximo passado, pela qual foi elevada a Cathegoria de Cidade para sua intelligencia, e devida execução. E porque o disposto no art. *1º* da Carta de Ley do 1° de Outubro de 1828, devem compôr-se as Camaras das Cidades de 9 membros, deverá a mesma Camara chamar os imediatos em votos dos que ora servem, para completar esse numero. – Palacio do Governo da Provincia do Rio de Janeiro 24 de Abril de 1835 – Paulino José Soares de Souza. – A Camara Municipal da Cidade de Campos dos Goytacazes.»

– «Cumpra-se e registre-se. Sala da Camara Municipal em sessão de *12 de Maio* de 1835. Brados. – Baptista. – Pinheiro. – Norberto – Collares – Bittencourt.»

Neste nosso livro procuramos evitar o mais possivel as transcripções de documentos, por serem fatigantes e fastidiosos para os leitores. Preferimos narrar os factos historicos acentuando as circunstancias, as datas, os nomes, portanto fazendo apenas citações para que a leitura fique mais leve, resumida, porem sem discrepancia.

Um documento, entretanto, não podemos omittir pela sua primasia e significação historica, portanto, para aqui o trasladamos fielmente;

«CARTA DE LEI elevando a Villa de S. Salvador á cathegoria de Cidade.

Joaquim José Rodrigues Torres, Presidente da Provincia do Rio de Janeiro – Faço saber a todos os seus Habitantes, que a Assembléa Legislativa Provincial Decretou, e Eu Sanccionei a Ley seguinte:

«Art. 1.º – A villa Real da Praia Grande, Capital da Provincia do Rio de Janeiro e elevada a Cathegoria de Cidade, com a denominação de Nictheroy.

Art. 2.º – Ficão igualmente elevadas a mesma Cathegoria a Villa de São Salvador dos Campos, com a denominação de CIDADE DE CAMPOS DOS GOITACAZES e a villa da Ilha Grande com o nome de Angra dos Reis.

Mando portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e a execução da referida Ley pertencer, que a cumprão e fação cumprir tão inteira como nella se contem. O Secretario desta Provincia a faça imprimir, publicar e correr. Dado no Palacio do Governo da Provincia do Rio de Janeiro aos vinte e oito dias do mez de Março de 1835, decimo quarto da Independencia, e do Imperio. – Joaquim José Rodrigues Torres.»

– «Carta de Ley pela qual V. Ex. manda executar o Decreto da Assembléa Legislativa Provincial, que Houve por bem Sancionar, elevando a cidades a villa da Praia Grande, Capital desta Provincia com a denominação de – Nictheroy, – e a de São Salvador dos Campos, com a denominação de – Cidade de Campos dos Goitacazes – e Ilha Grande, com a Cidade de Angra dos Reys, tudo na fórma acima declarada. Para V. Ex. vêr. – Joaquim Francisco Leal, a fez. – Registrada folhas cinco do livro primeiro de registo de Leys Provinciaes. Secretaría do Governo da

Provincia em 2 de Abril de 1835 – Joaquim Francisco Leal. – Publicada e sellada nesta Secretaría do Governo da Provincia do Rio de Janeiro em 2 de Abril de 1835. – Doutor Antonio Alves da Silva Pinto. – Rio de Janeiro na Thipographia Nacional 1835.»

A Camara de 1835

A Camara Municipal que funccionava em 1835 fora eleita para o quatrienio 1833–1836, e era constituida dos seguintes Vereadores:

Rev.º Padre Manoel José Pereira Brados, (Presidente) Bento Benedicto de Almeida Baptista, José Martins Pinheiro, Dr. Custodio Francisco de Castro Norberto, sargento-mór Candido Narciso Bittencourt, conego Agostinho dos Santos Collares.

Substitutos: Dr. José Vieira Mattos, cap. João Bernardo de Andrade e Almada, Dr. José Francisco Vianna, Dr. Francisco Gomes Alves de Mattos Prégo, Francisco José Alypio, Manoel Joaquim Pereira Baptista, José Fernandes da Costa Pereira, Dr. José Ferreira Tinoco, José Ribeiro de Castro, Candido Francisco Vianna.

A posse foi dada pelo presidente da Camara cujo mandato terminára Dr. Joaquim Pinto Mattos dos Reys, em 7 de Janeiro de 1833, após os juramentos sobre os Santos Evangelhos.

Era Secretario, José Francisco de Azevedo Lima, que tinha o ordenado trimestral de 150$000. O Procurador era Theotonio dos Santos Collares.

A segunda Camara que governou a nascente Cidade era constituida dos cidadãos seguintes (1837 a 1840):

Desembargador Francisco José Nunes, presidente; Dr. Deocleciano Augusto Cesar Amaral, Dr. Francisco Gomes Alves de Mattos Prégo (reeleito); José Joaquim Pereira de Carvalho, José Francisco Vianna (reeleito, e era de uma grande actividade); D. José de Sadanha da Gama, José Martins Pinheiro (reeleito), João Bernado de Andrade e Almada (reeleito), José Gomes da Fonseca Parahyba.

Supplentes: Rev. Conego João Carlos Monteiro, José Ribeiro de Castro, D. José Vieira de Mattos, Padre Antonio José da Silva Pessanha, José Fernandes da Costa Pereira, Antonio Joaquim Teixeira, Chrysantho Leite Pereira Sá, Luiz Antonio de Siqueira, Dr. Joaquim Pinto Netto dos Reys.

No capitulo que tratarmos da Politica, nomearemos os vereadores que assentaram na cadeira da presidencia da nossa Municipalidade. Vamos agora entrar na exposição da cidade em seu inicio, para que os leitores observem o contraste estupendo da pequenina cidade dos nossos avós com a grande e movimentada *urbs* dos nossos dias.

AU PETIT PARC

Sedas, tecidos de algodão, linhos, armarinho, confecções, luvas, carteiras, perfumarias, artigos de sports, bijouterias.

ALMEIDA CAMPISTA & C.

FIRMA CONSTITUIDA EM 1911, POR JOÃO DE ALMEIDA CAMPISTA, FRANCISCO CHRIS GUIMARÃES E REYNALDO DE QUEIROZ GUIMARÃES.

Rua 13 de Maio n. 24 — (Edificio proprio) PHONE N. 534

— CAMPOS —

CASA RABELLO

Moveis modernos,
Tapeçarias finas,
Artigos de vime.

MOVEIS DE ESTYLOS, PARA SALA DE VISITAS, DE JANTAR, DORMITORIOS E ESCRIPTORIOS.

Rua Santos Dumont n. 39 e 43 — PHONE 1210

RABELLO & FILHO

N.E.: Imagem da segunda capa da primeira edição do *Cyclo Aureo*.

A CIDADE INCIPIENTE

Dizer o que era Campos na epoca em que se verificou a transição da Villa para cidade, não é tarefa muito facil como suppuzemos quando nos abalançamos a fazer este trabalho. As escassas fontes de informações; a imprecisão destas; o laconismo e até as ommissões que preponderaram na redação das actas e dos demaes escriptos officiaes da Camara Municipal; a quasi ausencia de imprensa, pois, só existia na cidade um jornal que se publicava treis vezes por semana, e para mais, sem nenhum trabalho de reportagem, visto que naquella epoca de costumes pacatos, recolhidos, singelos, os poucos factos se transmittiam de bocca em bocca, de visinhos para visinhos, e a imprensa nada tinha a dizer, alem dos factos politicos e acontecimentos da Côrte, nada nada com referencias á população que se recolhia bucolicamente aos seus penates logo que as torres das egrejas vetustas desferiam as badaladas dôces e tristonhas das "Ave-Marias", e bem poucos se demoravam pelas boticas (que eram os "*Hyg-Lifes*" daquellas éras), até que o sino da Cadeia, (mais tarde o da Matriz) dobrava o celeberrimo «toque de recolher»... pelas 10 horas da noite.

Tudo, tudo coopéra para empurrar o historiador que tenta levar a termo as suas pesquisas para as mais complicadas sinuosidades d'um labyrintho desnorteador. Vontade é força. E porque tinhamos vontade forte de conhecer a nossa tradição, conseguimos a energia precisa para transpormos aos óbices múltiples que se nos antolhavam a jornada.

O MUNICIPIO. – Para mostrarmos bem o que era a cidade nascida da velha Villa de S. Salvador dos Campos, é bom que façamos já referencias

ao seu municipio, pois, si a cidade é a cabeça, o municipio constitue o complemento do seu corpo. Campos tinha então mais do triplo do seu territorio actual. Limitava-se com as provincias de Minas Geraes e Espirito Santo, e com os territorios das tres villas: Cantagallo, S. João da Barra e Macahé, fazendo parte dos seus dominios, alem dos actuaes 16 districtos (que então tinham outras divisões), mais os seus curatos de São Fidelis, da Aldeia da Pedra e todo o extenso Itabapoana, portanto, todo o actual territorio do rico municipio de Itaperuna.

OS LIMITES. – A divisão do municipio que nos restou partindo do curato de Santa Rita da Lagôa de Cima (hoje 11º Districto, S. Benedicto da L. de Cima), seguia por uma linha que partindo do Rio Preto, na fazendo do Dr. Francisco José Alypio, seguia pelos fundos da fazenda de Cantagallo abrangendo a fazenda Nepomuceno e todos os habitantes de um e outro lado dos rios «Preto» e «Norte», proximos ás serras, pertencentes ao 1º Districto de Santa Rita. Pelo lado sul do Rio Parahyba com S. João da Barra, no corrego «Vallêtas» até encontrar a lagôa do Tahy Pequeno seguindo pelo corrego do «Martinho» até ao rio Iguassú, no districto de S. Sebastião; pelo lado norte do Parahyba pela estrada «Campo Novo» na fazenda de «Barra Secca» seguindo pelo sertão até encontrar o districto de Santo Antonio dos Guarulhos. Com Macahé pelo curso do rio Macabú.

A Carta de Lei do Visconde de Itaborahy veio encontrar a novel cidade da margem do Parahyba com duzia e meia de ruazinhas estreitas e tortuosas, e seis travessas, quasi todas sem pavimentação, crivadas de atoleiros, a mingua de illuminação pública, sendo esta feita por 74 lampiões de azeite de peixe, construcções acaçapadas com as respectivas rótulas e recatados «postigos»", alguns solares dos barões e fazendeiros ricaços.

Todavia já era naquelle tempo um logar digno de nota, tanto que atrahiu as attenções dos dirigentes da Provincia para lhe dignificarem com a categoria que reconheceram ter elle direito. A cidade tinha sómente 1 praça e 4 largos. Convidamos ao leitor para fazer comnosco, em pensamento, um passeio por aquellas ruas campistas de 1835: – vamos examinar tados aquellas ruas e praça dos tempos idos:

Praça Principal da Constituição. – (Depois de relacionarmos as vias publicas, daremos desenvolvidas noticias acerca dellas).

Largos: do Rosario, do Pelourinho (ou do capim)*, do Rocio, das Verduras.*

Rua Direita, tendo o nome de – S. Francisco – desde a egreja do Carmo até á travessa do Caderno;

Rua do Sacramento, (terminava na rua formosa);

Rua do Rosario, (ia até encontrar a rua Direita);

Rua do Alecrim, hoje Barão do Amazonas, ia até a rua formosa, tendo o trecho desde a esquina da do Conselho o nome jocoso de – *Rua Fôfa* – por passar sobre um aterrado, parte da Lagôa do Furado.

Rua Beira-Rio Parahyba, começava na curva da egreja da Lapa até á esquina da rua do Cercado furtado (hoje rua 24 de Fevereiro), onde ficava o Porto da Lancha; d'ahi para a «Corôa» e abaixo da Lapa eram estradas denominadas – Beira-Rio.

Rua Cercado Furtado (rua 24 de Fevereiro)

Rua Nova da Constituição, (ia até a rua Cercado Furtado: para alem era estrada que ia ao cemiterio do Quimbira.)

Rua das Flores, (Rua 7 de Setembro), ia até á rua Detraz do Rosario.

Rua da Quitanda, (Barão de Cotegipe).

Rua Detraz da Matriz, (rua Vigario J. Carlos), ia até a rua da Bôa Morte.

Rua do Conselho, sendo o trecho Detraz do Rosario e Ouvidor apellidada «Rua da Valla» por causa das aguas pluviaes que ali accumulavam, por muito tempo, até completa evaporação.

Rua Detraz do Rosario, (Andradas).

Rua Nova do Ouvidor, (21 de Abril).

Rua Formosa, (Tenente Coronel Cardoso), ia da rua Sacramento até o Rocio.

Rua das Cabeças, (Aquidaban).

Rua da Bôa Morte

Rua do Proposito, (Dr. Gesteira)

Rua do Mafra

Rua Santa Iphigenia.

Rua do Frade.

Travessa do Busca, (S. Salvador)

Travessa do Constantino (Carlos Gomes.)

Travessa do Carmo (entre Direita e Quitanda), hoje rua Oliveira Botelho

Travessa do Barroso

Travessa do Cabral (ou de S. Francisco)

Travesso ou Becco das Cancellas (rua Gil de Góes), ia até pouco alem da rua do Proposito.

HISTORIA DAS RUAS – Conhecido o numero das vias publicas que existiam no começo da cidade, e reparando-se na quantidade e extensão das que agora formam o perimetro urbano, para logo tem se a noção nitida do extraordinario desdobramento da cidade. Basta considerarmos que em 1835 não existiam ainda estas grandes e pomposas avenidas, como as ruas: Ouvidor (Marechal Floriano), S. Bento; (Barão de Miracema) Dr. Alberto Torres (que se desenvolveu até o Sacco,) Formosa (Ten. Coronel Cardoso) já então desde Riachuelo até ao Sacco), Goytacazes Passeio Municipal, Visconde do Rio Branco, Salvador Corrêa, Saldanha Marinho, Principe, (Marechal Deodoro), José do Patrocinio, Conselheiro Octaviano, (antiga estradinha do Curral,) e isto para só referirmos ás mais sumptuosas.

Em se tratando de historia, é bem que examinemos a evolução de cada uma dessas vias públicas, para melhor apreciarmos as metamorphoses porque cada qual foi submettida.

PRAÇA PRINCIPAL – A nossa bonita Praça S. Salvador chamava-se outrora «Praça Principal» ou «da Constituição». Em 1835 era a principal... e a unica, – tanto que muitos habitantes denominavam-na simplesmente – "Praça". Nella existiam então como edificios principaes a velha Matriz, a egreja de N. S. Mãe dos Homens, a Santa Casa de Misericordia, a Cadeia, (que tambem se transformava em Paço Municipal e forum, edificios dos habitantes mais abastados, adstrictos á architectura da epoca.).

Fronteiro á Praça ficava o "Porto da Cadeia", onde eram desembarcados tóras, mastros, etc., o que determinára a approvação de uma postura da Camara, em 1839, prohibindo aquellas descargas que empachavam o local.

Na mesma epocha a Camara solicitou do Vigario João Carlos para fazer demolir um barracão, (telheiro aberto), que existia "ao lado da Matriz e de muita irregular construcção", que fora levantado em 1829 para guardar materiaes quando se fazia o concerto da egreja.

Em 1839, em sessão da Camara, de 19 de Desembro o vereador José Fernandes Pereira disse que «estando a Praça de dificil transito em tempo chuvoso, propunha o seu calçamento em faixas de 6 palmos, desde a rua Nova do Ouvidor e travessa do Barroso e desde o Becco do Busca até a rua da Constituição, e em igual largura desde o Porto da Cadeia até a porta principal da Matriz», o que foi approvado e executado. Em 1851 ja existiam as calçadas (passeios), feitas com grandes lages juntas ás habitações.

Nessa mesma Praça em que hoje palmilhamos em bem dispostos parallelepipedos e que nos seus taboleiros verdes sorriem as florinhas polychromas, o matto abundava em 1841, tanto que, devendo realizarem-se nella as festas de regosijo pela côroação do jovem Imperador, a Camara ordenou ao seu fiscal que mandasse proceder a uma rigorosa capina... E em Janeiro do anno seguinte o fiscal recebeu da Camara um officio, (que burocracia já em 1842!) reclamando providencias para o «grande charco existente ao lado da Cadeia (fronteiro á Santa Casa), bem com para um atoleiro junto da Matriz, em frente á rua das Flores»...

Foi então que se cogitou de fazer calçamento nesse ultimo local. Em sessão de 10 de Janeiro de 1867 e por proposta do vereador Dr. Gregorio Pereira de Miranda Pinto, a Camara approvou a designação de – «Praça S. Salvador» – Em 1869, sendo ainda muito irregular o sólo da Praça, a Camara fez proceder ao necessario nivelamento das proeminencias, conforme deliberação de 15 de Janeiro.

Como todos nós sabemos, a Praça possuia uma alameda formada de palmeiras imperiaes, assim renques latteraes de copadas nogueiras indianas ali plantadas em 1839, por proposta e diligencia do vereador João Bernardo de Andrade Almada, cujos specimens foram-lhe fornecido por Plat & Reid, do Rio de Janeiro. Isto não bastou ao espirito do Dr. Lourenço Baptista, por isso que sendo vereador em 1874, propôz na sessão de 5 de Junho «o ajardinamento da Praça, fechado por gradil», o que não se realizou logo.

Em Agosto do mesmo anno plantou-se mais 26 arvores differentes, assim na Beira-Rio, desde o porto da Lancha até a Lapa, sobresaindo os «flamboyants», por iniciativa do vereador Araujo Silva.

Contudo a idéa do ajardinamento agitado pelo Dr. Lourenço não morrera, tanto que mais tarde, em 1879, novamente foi projectado, incumbindo-se ao Dr. Abreu Lima de dar-lhe execução. Ainda dessa vez não passou de projecto, e por muitos annos ainda ficou sem solução; entretanto em 1883 a imprensa reclamava contra o «estado vergonhoso da Praça, invadida pelo matto», (reclamação que foi repetida tambem em 1885).

Em 30 de Outubro de 1884, bem nos lembramos, lá fronteiro dos hoteis Jannes e Gaspar, foi armado um circo de cavallinhos... do grande Manoel Pery, e tambem nos lembramos do quanto divertiram a nosso espirito infantil as piruêtas e chalaças do então afamado palhaço Polydoro, assim tambem á nossa gente, santa população ainda tão impregnada de bonhomia e simploriedade, tanto que com a mais candida displicencia tolerava pavilhões de saltimbancos em pleno coração da cidade...

Os lados da Praça foram pavimentados em Novembro de 1876, sendo o terceiro calçamento feito em Campos com parallelepipedos. Só em Junho de 1888 foi que o Dr. Vicente Castro fez a planta do ajardinamento, até que em 1893, em Abril, fez-se o jardim fechado com enormes gradis, imitando o Campo da Aclamação, do Rio, tendo quatro grandes portões um em cada lado, os quaes eram trancados ás 9 horas da noite... e quem estivesse naquella hora refestelado nos bancos ou passeando pelas abéias, era convidado... por um guarda mui «delicado», para se retirar incontinenti daquelle «*logradouro publico*»...

Aqui está, em ligeiros traços o histórico desta célebre Praça que foi o proscenio das escaramuças de nossa heroina Benta Pereira, e que hoje já não comporta mais o barracão da Matriz, a Cadeia Velha, as cavalhadas de S. João, os "imperios" do Divino, as "danças de anões", nem os velhos solares com seus severos beiráes onde os commendadores e barões residiam patriarchalmente. Hoje na tradiccional Praça Principal deram um verniz de urbanismo porisso que alli pompêam como uma apotheose do gosto e valor do povo goytacaz, aquellas perspectivas

offerecidas pelos edificios da Associação Commercial, Repartição dos Telegraphos, Lyra de Apollo, Camara Municipal, templo da Misericordia, Banco do Brasil, palacetes Bastos Pimenta, Bartholomeu Lyzandro, Dr. Godofredo Tinoco, Hotel Gaspar e demais magnificos edificios, coroados pelas sumptuosidades da Cathedral do Padroeiro.

Na Praça S. Salvador estão: a Recebedoria do Estado, Ponto dos bondes, séde do integralismo, Casa Bancaria, Abelardo Queiroz, Camara Municipal, Bibliotheca Municipal.

RUA BEIRA-RIO PARAHYBA – Devido a sua posição seguindo as sinuosidades do soberbo rio, era essa a rua de maior movimento, a unica entrada da cidade, pois não havia ainda caminhos de ferro; conforme já dissemos, a rua propriamente dita, até o anno de 1874, era desde o promontorio em que se debruça a Igreja da Lapa até ao ponto de embarque na lancha do Lambert, que fazia a viacção para Guarulhos, em frente a rua Cercado Furtado; as duas grandes extremidades desta rua escapavam então ao perimetro urbano, si bem que em 1835 se dava o nome de – rua da Corôa, – aquella extensa estrada cheia de grandes chacaras e cercados da zona da "Corôa".

OS PORTOS – Nessa rua encontravam-se os seguintes portos, guardadas as disposições dos locaes, de cima para baixo: *Porto da Lancha*, fronteiro á rua 24 de Fevereiro. Em 1884 era ainda o porto preferido pelas lavandeiras para ensaboarem as suas roupas sujas... Em 1845 deram-lhe uma construção com lagedos.

Porto de Anna Maria, quasi fronteiro á rua do Proposito; tirava o seu titulo da circumstancia de defrontar ás propriedades da fazendeira viuva Anna Maria da Conceição Teixeira, matrona de muitos haveres que eram administrados por seu filho capitão Camillo Francisco Ribeiro Coutinho.

Porto das Pedras, fronteiro á rua do Alecrim, (B. Amazonas) em cujo local existiam grandes lagedos soltos e era o lugar de desembarque de pedras trazidas pelas canôas.

Porto do Ingá, fronteiro á Santa Casa, junto á casa de João Joaquim de Sá e Costa, e o seu nome era porque nas margens do rio frondejavam

dois grandes pés de ingá. Nesse porto foi que se deu a tentativa de suicidio de Raymundo Franco Miranda, em 1890, atirando-se ao rio.

Porto da Cadeia, fronteiro á Praça.

Porto Grande, fronteiro á rua Direita e em cuja ribanceira do lado esquerdo existiu muito mais tarde, já nos tempos modernos, o celebre "Banco das Scismas" de que trataremos adiante.

Porto do Pelourinho, fronteiro á rua da Quitanda, tirando o seu nome por estar junto ao largo onde se achava o pelourinho, no qual eram surrados publicamente os desditosos escravos. Esse porto era tambem denominado "do Lourenço", porque nelle havia um trapiche de Lourenço José de Araujo, tendo desapparecido com o ser construida a muralha em Junho de 1845.

Porto da Banca, fronteiro á Rua do Rosario. Este porto tinha alem desse nome muito popular por causa das *bancas do pescado* ali construida, mais o nome de – porto de José Silva, um vendeiro luzitano das immediações.

Porta da Escada, (fronteiro á rua dos Andradas), revestido de lagedos em 1846. Quando terminou a guerra com o paraguay, e por proposta do Dr. Thomaz Coelho foi esse porto officialmente denominado – "Porto dos Voluntarios da Patria", – para perpetuar a memoria do heroismo dos bravos Campistas que naquelle porto embarcaram para combater o Lopez e desafrontar a Patria. No salão de honra da Camara Municipal conserva-se o quadro historico de Arrault, representando uma das partidas dos patriotas campistas.

Porto do Fragata, fronteiro á rua da Lapa; tirava o nome de "Fragata" do appelido dado a Francisco Lopes Guimarães, ali residente. Em 1841 chamavam-lhe – Porto do Raymundo – porque lá tinha seu trapiche o Raymundo Franco de Miranda, assim como tambem outros lhe designavam – Porto do Osorio. Com a abertura da rua do Ouvidor tambem chrismaram-no por – Porto do Ouvidor.

Fóra já daquella zona urbana existiam mais:

Porto da Lapa, onde Claudio do Couto Sousa, negociante em madeira (1837) fazia descarregar as suas mercadorias.

Porto das Vaccas, fronteiro á estrada do rumo (rua Riachuelo), onde nos tempos de enchente as aguas do rio alagavam a estrada a ponto de nadarem os animaes, o que motivou, em 1841, a deliberação de 22 de Novembro em que a Camara mandou construisse «um paredão de adôbes e aterrasse a estrada.»

Porto do Amorim, abaixo da Lapa, fronteiro á chacara de Antonio Martins de Amorim.

Porto do Genipapo, na «Corôa», que ainda existe quasi em frente a Cadeia.

Porto da Jaca, só foi construido 21 annos depois da creação da cidade; com o abrir-se em 1837 a rua da Jaca, (Voluntarios da Patria), annos depois já existia nesta muitos habitantes, os quaes, em 1856 solicitaram da Camara a abertura do porto fronteiro áquella rua.

Outros portos, com o correr dos tempos foram desapparecendo; havia um, em 1872, pouca acima aonde se construiu a ponte, que o designavam – Porto José Ribeiro. Assim tambem na Corôa o «porto de Domingos Ramos.»

Os portos eram sujos por causa do despejo de materias fecaes que se faziam no rio, o que motivava por muitas vezes a Camara recomendar aos seus fiscaes que procedessem ás necessarias limpesas. Na acta da sessão de 14 de Agosto de 1839, tratando-se de taes limpesas, escreveram: «que se recomendasse ao fiscal a limpesa especialmente o porto do "Largo do Capim" (fronteiro á rua da Quitanda) e toda muralha beira-Rio desde o dito porto até o trapiche do Raymundo, que se acha em pessimo estado, soffrendo os moradores o maior encommodo com o terrivel fétido que exála.»

Não existindo outros meios de transportes para a importação e exportação a não ser por via fluvial e maritima, a rua Beira Rio era crivada de guindastes, (assim tambem de bombas de sucção d'agua, do que trataremos no capitulo competente).

Os varios proprietarios de trapiches eram: Chrysantho Leite Pereira Sá, coronel Bernardino José Maciel, João Martinho Kock, Manoel Pereira Pinto, Manoel Machado Guimarães, mais tarde, já em 1876 a

1885 estabeleceram seus guindastes: Janot Irmão & Chrysostomo, E. F. Macahé-Campos, Alves Carvalho & Oliveira, Da. Constantina José Gonçalves e Luiz dos Reis Evangelista. Agora somente a Fabrica de Tecidos e a Leopoldina Railway são que possuem guindastes. É que a viação ferrea e automobilistica arranjaram a *aposentadoria* da viacção fluvial.

AS BANCAS – Entre o porto da rua do Rosario e o largo do Capim estendiam-se as "bancas" para o commercio do pescado. Taes kiosques começaram a ser arrazados desde 1842 a 1850.

Encontramos ainda em 1886 o mercado das trahyras e crumatões na Beira-Rio, porém sem as "bancas", apenas os robalos, piáus e tainhas eram expostos á venda nas lages da calçada... debaixo das ramalhudas nogueiras que por ali haviam...

ARBORISAÇÃO – Em 1839 e por proposta do vereador João Bernardo de Andrade e Almada projectou-se a arborização da rua, mas sómente em 1857 foi que se procedeu á arborisação sendo a Beira Rio a primeira que recebeu o beneficio e a *novidade*, isto entre o Porto Grande e o do Fragata, e entre o porto de Anna Maria e o da Lancha, sendo plantadas 50 mudas de nogueira da India.

MURALHAS – O Parahyba começou a receber muralhas na parte que defronta a cidade em 1835 e 1837.

Tendo em abril a Camara adquirido pedras para as construcções que foram transportados em 250 barcadas, cujo transporte devem a José Fernandes da Costa Pereira, tendo vindo tambem 40 tonelladas de pedras do Rio de Janeiro, e do sitio de Innocencio Antonio Pereira bem como da pedreira de D. Maria Custodia Cabral.

As obras tiveram a direcção do engenheiro major Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde e do brigadeiro Antonio Eliziario de Miranda e Brito. Em 1843 foram feitas muralhas entre o porto da Lancha e o de Ana Maria, (reconstruidas em 1850); em 1845 o Governo proseguiu na construção de cáes e o Ministro da Justiça autorisou a Camara a empregar nos serviços os presos captivos.

O deputado provincial Caldas Vianna em 1857 apresentou o projecto de construcção de muralhas, porem, como sempre são feitas as

obras do Governo, as construcções se faziam com uma merosidade de doêr... porisso que o "Monitor Campista" commentando o caso disse que "o cáes levou muitos annos para fazer-se, e isso mesmo aos saltinhos...» Tal qual como, agora pois desde o governo Botelho (1910) deu-se principio ás obras do novo cáes, e apesar de já decorridos vinte annos, a Corôa tem apenas uma parte com caes, isso mesmo, por rematar... e a Lapa, a parte baixa da cidade e onde mais prejuisos causam as enchentes, espera que com as kalendas gregas cheguem tambem as suas muralhas... não obstante o povo pagar o imposto especial para remodelação e saneamento da cidade.

CALÇAMENTO – No começo da cidade a rua Beira Rio era calçada apenas entre o Porto Grande e a Praça e entre a Praça e o porto de Anna Maria, calçamento este que fora feito em 1822. Num ou noutro ponto havia apenas "calçadas" (passeios), tendo a rua em varios trechos atoleiros bem consideraveis, sobretudo em frente dos portos de Anna Maria, da Lancha, por causa do serviço de desembarque de madeiras, e no porto de Gramacho.

Em fins de 1856 projectou-se o calçamento da rua "entre a esquina da rua do Ouvidor até o trapiche do Lourenço", e em 1858 o trecho entre os portos da Banca e da Escada, o que só feito em Abril de 1866. Na acta da sessão da Camara de 12 de Março consta o prejecto de pavimentação do trecho entre as entradas das ruas do Rosario e Quitanda e em 1860 foi que se cuidou do calçamento entre o porto de Anna Maria até ao da Lancha, o qual só foi executado em Julho de 1879, pela quantia Rs. 25:560$220.

Quando em 1864 a Camara quiz *ensaiar* o calçamento a parallelepipedo, até então desconhecido dos habitantes, projectou fazelo no trecho da rua da Quitanda, desde a esquina da rua do Conselho até aos fundos da Egreja do Terço, mas por ulterior deliberação mandou que fosse feito «o ensaio» (e este foi o termo textual que encontramos na acta da sessão de 15 de Junho) na Beira Rio, entre as ruas do Rosario e Detraz do Rosario (Andradas). E foi este local que primeiro recebeu em Campos o calçamento a parallelepipedos, a mais perfeita e duravel das pavimentações. Ainda agora fomos áquelle local verificar si de facto ali existiam parallelepipedos, e vimos que, antes e depois do trecho designado na acta de 15 de Junho de 1864, o calçamento é de pedras irregulares,

e somente entre o porto da Banca e até quasi chegar ao Quartel, são parallelepipedos bem conservados, que ali permanecem ha já 70 annos.

Uma deliberação de Fevereiro de 1869 mandava construir «calçamento desde a frente da casa da Baronesa de Muriahé, (hoje edificio do Quartel) até á rua do Ouvidor.

PREDIOS MARGINIFORMES – Antes de passarmos adiante, isto é, antes de cuidarmos do historico dessa rua na epoca mais moderna façamos um retorno para os primeiros annos da cidade, afim de darmos mais um golpe de vista sobre o seu aspecto semi-colonial de então.

Em 1836, no porto do Gramacho existiam bardos de maricá «que muito prejudicavam ás viaturas», e é interessante sabermos que em 1856, perto da esquina da rua do Proposito, onde hoje vemos as facecías de uma avenida tão requintada de graças, onde ora nossa juventude faz seus passeios nocturnos, – era onde se debruçava nos tremedáes da via pública um vicejante capinzal, cujo proprietario annunciava no «Monitor» – «vender capim a qualquer hora, a 160 réis (meia pataca) o feixe, mas o frequez mandando buscar»...

A rua Beira Rio dos annos 1835-1858 não era em nada semelhante á rua quando tomou o nome de – D. Pedro II», – muito menos á nossa espaçosa Avenida 15 de Novembro que ali vemos espaventosa e tão rica de louçãnias. Era uma rua estreitinha, apertada entre seus predios, sem o descortinio que agora ella offerece a nossos olhos de toda a magnitude do Parahyba e amplidão das paysagens que a mão de Deus desenhou com carinho naquellas agradaveis perspectivas guarulhenses que se derramam da grande curva do Fundão áquell'outra na usina de S. João.

Nada disto! a Beira Rio compunha-se de trechos feios, simplesmente inestheticos porque sendo os seus predios pauperrimos de architetura e toda a margem do rio antulhada por elles, a vista dos transeuntes de outr'óra ficava interceptada pelas québras e curvas dos quarteirõesinhos, lobrigando o querido Parahyba apenas pelos vãos que offereciam os portos sujos e asquerosos, pois as casinhas e sobradões, á semelhança daquellas chóças de indios que tinham sempre os fundos para o rio, vedavam todo o encanto que o campísta frúe agora ali na vasta

e movimentada avenida, onde se estasia o espirito na contemplação do azul-violaceo das montanhas do Oeste, assim no branco poetico daquella ermida que scisma ao Levante, sobre o promontorio em que, genuflexa, parece ser a préce eterna da Cidade a agradecer a Deus a ventura que gosa, auferida da prodigalidade do Omnipotente.

Em 1845 já tinham sido desappropríados e arrasados 31 predios da margem do rio; não obstante isso ainda restavam muitos predios marginiformes que a Camara com muita difficuldade tratava de desappropriar. Em 1851 foram demolidos os predios do espolio do Gramacho e do commendador Parahyba; em 1854 mais quatro, entre o Porto Grande e o do Lourenço, (largo do Capim), pertencentes a Maria Francisca Leite de Faria. No mez de Setembro de 1856 desappropriou-se o predio de José Fernandes Velloso e em Dezembro uns terrenos do Barão de Carapebús, entre os portos das ruas Rosario e Andradas. Por fim em 1858 a Camara adquire por 7 contos «as casas velhas das irmãs Leite», e assim ficou completamente descortinado o trecho da Beira-Rio desde o porto Grande até Ouvidor o que determinou ficasse a descoberto o – "Banco das Scismas".

– «Banco das Scimas»?...

Tal é a interrogação de muitos. Havia não faz muitos annos, (poucos, não; vinte annos a mais que se foram correndo pelas furnas do Preterito...) na margem do Parahyba entre a esquina da rua Direita e a Praça, dois vetustos sobrados que ali estreitavam a rua, dando costas para o rio, refestelados em poderosos alicerces. Esses sobrados, resquicios das edificações marginiformes pertenceram á respeitavel familia Miranda Sá e n'um delles foi a redacção da «A Evolução», jornal que foi do Dr. Homero Morethzshn e Carlos Hamberger; no outro, que foi o armazem da «Companhia de Navegação», tinha, no lado da rua Direita que avançava para o rio, uma amurada onde existia, encrustada na parede, bôa saliencia em concreto formando um banco. Já então desde ali nada mais interceptava a vista até a órla da Lapa, e os nossos bardos, jovens estudantes e rapazes cultores das lettras, dentre elles Azevedo Cruz, Manoel Moll, Theophilo Guimarães, Mucio da Paixão, costumavam ali se reunir para cavaquearem

acerca de litteraturas. Diz-se que naquelle celebre «Banco» das Scismas, como elles o baptizaram, foi que Azevedo Cruz sentiu a lyra de sua alma tanger com suavidades as notas emotivas da sua sublime "*Amantia Verba*"

O PARAHYBA – Quando hoje vemos o Parahyba, admiramos-lhe a largura, onde logares ha que medem mais de 100 metros, não imaginamos que nem sempre elle foi assim. Em uma representação da Camara ao Governo da Provincia, em Dezembro de 1854, dizia-se textualmente: «O Rio Parahyba, uma das riquezas desta Comarca, e que ha muitos annos tinha tão pequena largura que em alguns logares se conversava de um para outro lado, apresenta hoje um leito espaçoso e ameaça engulir em poucos annos a importantes fabricas, e as terras mais pingues, que são as das suas margens, e unir-se algumas lagôas que lhe são parallelas.»

OUTRAS NOTAS – Feito o Canal tornou-se preciso tambem construir-se nessa rua uma ponte, de madeira, a qual já em 1879 se encontrava muito arruinada, pelo que o vereador Pimenta em sessão de 12 de Outubro propoz se pedisse providencias ao Governo Provincial.

Em 1847, para commemorar a visita do Monarcha a Campos, a Camara deliberou ficasse a rua com a denominação: – «Rua D. Pedro II.»

Com o desenvolvimento da cidade, acentuadamente pela abertura das ruas S. Bento, Jaca e outras, construção da ponte sobre o Parahyba e estabelecimento da E. F. Macahé-Campos, a Zona da Corôa foi tendo um grande e rapido incremento, deixando de ser a antiga e lamacenta estrada suburbana para tornar-se uma movimentada parte urbada. Em 1880 procedeu-se ao calçamento do trecho entre a ponte e a rua da Jaca, e depois contractou-se com Pereira Dias & Paiva o calçamento até á Estação da Corôa.

Por seu turno tambem progredia a zona da Lapa, com o estabelecimento da Fabrica de Tecidos em 1885, tanto que em Fevereiro 1887 o vereador Ezequiel Pinto Sampaio propôz o calçamento da rua, desde a esquina da rua do Ouvidor, até a Fabrica. A proposta foi remettida ao engenheiro e ás commissões de obras e fazenda, cujo parecer... se espera já pelo decorrer de 47 annos!... A Lapa, a populosa e desditosa Lapa continua sempre e sempre sem o menor bafejo da Municipalidade,

e ainda conserva as classicas "calçadas" dos tempos da Villa...

Em 1886 foram feitas as penultimas desappropriações, ficando restando apenas 7 predios: 2 juntos ao lado direito do porto das Pedras, 1 ao lado esquerdo do mesmo, 1 com jardim ao lado do porto da Cadeia, 2 sobrados já mencionados, entre a Praça e a rua Direita, e o ultimo, que todos nós ainda o vêmos como uma reliquia secular, prótotypo que guardamos das construções coloniaes, grave achatado, sem uniformidade architectonica, que vive despreocupado ali ao lado do porto do Ouvidor e que teve por últimas funcções servir de armazens da "Companhia S. João da Barra e Campos, unico que resistiu a febre da remodelação e de saneamento de Campos, quando por aqui tivemos a Commissão dos engenheiros do Estado, em 1891-92 para que... «Campos transformasse a sua cidade com os lucros da exploração do seu sólo», conforme escreveram no Obelisco que se ergue sobre o Canal.

A rua mudou o nome de – D. Pedro II – porque assim mal entendeu a Camara em Janeiro de 1890, dando-lhe a designação de – «15 de Novembro».

Dois annos depois, em Maio de 1892, e porque com as edificações da Caixa d'Agua e da Cadeia a zona foi cada vez mais se desenvolvendo, os vereadores Virgilio de Sousa e Bernardino de Oliveira propuzeram o calçamento desde a estação da Corôa até a rua Rocha Leão. Por fim, o prefeito Dr. Luiz Sobral fez construir magnifico calçamento, desde a rua Rocha Leão até ao Cemiterio, em Maio de 1917.

Ahi está o historico desta extensa via publica de Campos, que se estende agora da zona de S. Martinho, (Matadouro Modelo) até ao Hospital dos Tuberculosos, e tende a avançar pelos sitios da «Mombaça», assim para o «Ayrizes», visto que a cidade augmenta dia a dia, em todas as direções, na ancia de evoluir.

Esta rua actualmente tem 4 kilometros e 930 metros de extenção, e nella se encontra: Cadeia, Cemiterios, Triturador da Limpeza Publica, Caixa d'Agua, Estação Meteorologica, Fabricas de Tecidos, Egreja da Lapa, Orphanato de São José, Loja maçonica «Atalaia do Sul,» Estação Campos-Cargas, «Palace-Hotel» Clubs nauticos, Club Tenentes de Plutão, grandes officinas metalurgicas, Quartel da Policia.

RUA DA BOA MORTE – Antiga rua, calçada em 1831, devendo a sua denominação porque assentava-se nella a egreja de Nossa Senhora da Boa Morte. Sómente em 1913 foi que a Prefeitura, então dirigida pelo Dr. João Maria da Costa, entrou em accordo com a Ordem Terceira da Boa Morte para o recúo do templo, sendo então construida a egreja com o frontespicio voltado para a rua Dr. Alberto Torres, que fora alargada na occasião.

RUA DIREITA – (Treze de Maio) – Por sua posição topografica a rua Direita sempre teve a primazia, sempre requestou a predilecção do povo, attrahindo-o para os seus tortuosos e irregulares quarteirões. De inicio a população dava-lhe o nome de – «Rua dos Mercadores», – o que bem indicava sua qualidade de antigo centro commercial; depois não sabemos si por irrisão, por jocosa antonymia, chrismaram-na por – Rua *Direita*, – mesmo tendo todos aquelles defeitos de alinhamento que tanto a prejudicam.

Tambem tinha uma parte designada por – Rua de S. Francisco, – que era aquella que desde a egreja do Carmo faz o angulo da esquina da travessa Cabral indo até a entrada rua Cóvas d'Areia (hoje do Patrocinio). Um trecho dessa rua em 1835 estava intransitavel, pouco alem da egreja de S. Francisco, porisso o vereador Bento Baptista propoz que fossem escoadas as aguas para o Cercado de S. Francisco e aterrados os atoleiros.

Dahi para baixo já começava a ser a «estrada do Becco» e o trecho que hoje fica entre as ruas Marechal Deodoro e Ouvidor, ainda em 1845 era conhecido pelo nome de »Busina.» Desse ponto até onde agora a rua se cruza com a dos Goytacazes (a qual não existia ainda, até 1871), chamava-se «Ilha dos Lazaros»... onde existiu um hospital de bexiguentos e onde os atoleiros eram um caso serio! Dali até ao Rumo era propriamente «o Becco», estrada Geral, ou tambem «Seguro», designação nascida da circunstancia de morar por ali e possuir alguns terrenos, o portugues Antonio José Seguro e Lima, negociante do logar, e que apezar de ser «seguro» deu de presente á Camara os terrenos precisos para o alargamento da estrada do Rumo, em Outubro de 1850.

O trecho da rua entre a do Rosario e Ouvidor chamou-se tambem – «rua Direita da Cruz das Almas»... e por mais que pesquizassemos, não pudemos decifrar o inigma desse titulo tão complicado.

Feita a exposição da antiga nomenclatura dessa rua tão extensa, passemos ás demais descripções:

No começo da cidade a rua Direita já era calçada desde o Porto Grande até á rua do Conselho; esse primitivo calçamento, (e que fôra o *primeiro calçamento* feito na Villa,) foi collocado em 1795. Dahi para baixo via-se apenas «calçadas» e os indefectivos atoleiros, tanto que, ainda em Março de 1839 a Camara officiava ao fiscal dizendo que: – «as ruas Direita, Sacramento, Rosario, Atraz do Rosario, Principe e Formosa estavam *em desgraçado estado devido aos atoleiros*.»

Em 1837 Balthazar Dias Carneiro offerecia á Camara o serviço de aterro á sua custa, do grande atoleiro que existia em frente a sua chacara. Foi por essa epoca que se pensou em calçar a rua até a frente da egreja de S. Francisco, e por que Joaquim Ignacio de Moraes, empreiteiro do calçamento, deixasse de bem cumprir o seu contracto, a Camara mandou ao seu Procurador para intentar uma acção contra o empreiteiro. Só em 1845 é que se procedeu ao tal calçamento.

Na intersecção da rua com a travessa do Curral (hoje rua Conselheiro Octaviano), ficava o «Curral do Açougue,» (isto é, o Matadouro); o terreno ali, pela sua conformação formava um receptaculo das aguas pluviaes que estabeleciam lençóes até alcançarem a cancella da fazendo de Manoel José de Oliveira Guimarães, e que obrigava a Camara a fazer consecutivos escôamentos para a grande baixada junto á estradinha das Covas d'Areia, (baixada que ficava onde hoje se ostenta a Praça Almirante Porto.)

O calçamento primitivo dessa rua era bem defeituoso e basta saber-se que em 1850, cinco annos após a sua construcção, elle estava tão damnificado que havia «buracos onde as aguas das chuvas se accumulavam até que apodreciam e ficavam esverdeadas.»

Em 1882 a Camara approvou a denominação de – Rua 1º de Março – porem esse nome não vingou, pois o povo entendeu que o direito era chamal-a – «direita»; mais tarde após a libertação da

escravatura, foi denominada – «13 de Maio», – cujo nome perdura conforme perdura o titulo chrónico de – Rua Direita...

Agora, tomaram-lhe dois quarteirões, desde a Beira Rio até a rua Sete, que deram a denominação de – «Santos Dumont,» – preito de homenagem ao grande brasileiro; tambem amputaram-lhe outra parte, desde a entrada da rua José de Patrocinio até Goytacazes, a que foi dado o nome de – «Rua Ypiranga».

Em 1891 foi feito o calçamento desde a frente da egreja de S. Francisco até á esquina da rua J. Patrocinio, e em 1920 o prefeito Sobral fez continuar o calçamento até á rua Carlos de Lacerda, e o infatigavel prefeito Bruno de Azevedo constuiu o magnifico calçamento a parallelepipedos até á rua Goytacases.

Nessa rua se encontram: Egreja do Carmo, Automovel Club, Egreja de S. Francisco, Instituto Commercial, Loja maçonica «Fraternidade Campista», Sociedade União Artistica Beneficente, Estação Telephonica, Montepio Beneficente, Redação do «Monitor Campista» Syndicato dos Commerciantes Varejistas, Theatro Trianon, Instituto do Café, Redacção da «A Gazeta», Lyra Guarany, Correio, Redacção do «O Dia», Palacetes: João Renne, Joaquim Cunha, Adelino Perlingeiro, Abelardo Queiroz, Francisco Ribeiro Vasconcellos, Francisco de Moraes Lamego, Confisserie Trianon, Café Hyg-Life, Café Lord, Café Club, Theatro Orion.

RUA DO ALECRIM, (Barão do Amazonas) – Não penetramos no âmago do misterio que envolve a causa deste titulo. A não ser o sobrenome de algum morador de preponderancia no logar, porque a tão arraigada designação de rua do Alecrim, folha odorifera já tão fóra da moda?... É certo que annos passados cultivava-se bem o alecrim, a mangerona, o mangericão e até o capim-limão ("capim-cheiroso"), que as donzellas de 1840 até mesmo de 1870 gostavam de depositar nos guarda-roupas e canastras para que a roupa ficasse impregnada dos suaves aromas; é certo que o alecrim já esteve muito em vóga até uns 30 anos passados, para ser benzido nos sabbados de Aleluias, e, conforme as palmas bentas, os ramos eram guardados para queimar-se por occasião das trovoadas; mas... onde buscarmos a certeza desse intrigante nome – Rua do Alecrim?...

Antes desse titulo chamaram-na tambem – Rua da Alagoa do Osorio, e muito antes tambem foi conhecida por Rua do Padre Paiva. Esses nomes são bem comprehensiveis.

Com a victoria que alcançamos na guerra com o Paraguay, a Camara em sessão de 10 de janeiro de 1857 votou a designação – Rua Barão do Amazonas.

Porque ficava proximo da lagoa do Osorio, (tambem chamada lagoa do Furtado), tinha um trecho chamado – Rua Fôfa – que é aquelle que hoje defronta o Mercado, appelido que adveiu de um aterro ali feito numa orla da lagôa, feito com madeira a que se sobrepoz uma camada de terra, ficando o terreno mólle, sensivelmente balôfo.

Em 1835, no mez de Agosto, Joaquim Antonio de Oliveira offereceu á Camara "o terreno desagregado dos seus cinco lanços de chãos que faziam face para a rua do Sacramento, para o prolongamento da rua quasi a chegar a Travessa do Cabral».

Assim tambem Antonio Belem, Francisco José de Freitas, José Marques de Carvalho, Francisco Antonio de Moraes e outros na mesma occasião fizeram cessão de terrenos para que a rua se prolongasse «até á estrada do Queimado», estrada essa que passando pelo cercado de S. Francisco (Praça da Republica) vinha se encontrar com a travessa do Cabral. Não obstante essas cessões a abertura daquelle prolongamento só se realizou em 1858, faltando, naquelle anno, apenas romper o bardo que separava a chacara de Saturnino Braga da do Dr. Maximiano Marques de Carvalho afim de attingir a então Praça do Imperador (da Republica).

Em 1829 quando ainda era uma das ruas mais movimentadas, possuiu ella na esquina da então rua Detraz da Matriz (Vigario João Carlos) um theatrinho denominado "Casa da Opera". Desde então já era calçada até á rua do Conselho e em 1892 o calçamento foi feito até á rua Formosa.

De inicio o trecho entre Beira-Rio e Constituição não tinha a largura actual, pois em todo o quarteirão foram demolidos quatro predios terreos e dois sobrados que existiam dando fundos para a Santa Casa, desaparecendo porisso o açougue e a vendóla do portuguez Braga, mais o hotel Fonseca e a relojoaria do André Paradisi, etc.

Nessa rua vê-se: Estação de Saneamento, Mercado Municipal, egreja Presbyteriana, Hotel Amazonas.

RUA DO CONSELHO – Essa rua que a Revolução de 1930 fez mudar o seu antiquissimo nome para o de – João Pessôa, – teve nos tempos coloniaes e nos da Villa os nomes: «Desembargador Nunes Machado,» «da Camara» e «do Açougue». Este ultimo titulo por causa da «Casa do Açougue», isto é, o Matadouro... que já foi no ponto de intersecção da rua com a da Quitanda onde hoje é a casa commercial de Freitas, Alvim & C. (tradiccional casa Silva Carneiro & C.). Chamou-se rua da Camara, e do Conselho, porque a séde da Municipalidade tinha sido nella, antes de *ir para a Cadeia*...

Em 1839 a rua tinha somente passeios, feitos pelos proprietarios, e no começo da rua existia um vallão, que em Janeiro foi aterrado pela Camara e por causa desse valão era dado o nome de – Rua da Valla – ao trecho desde a rua Detraz do Rosario até a do Ouvidor. Mais tarde esse trecho foi areiado (1842) tendo recebido o calçamento em 1850. Quatro annos depois, em 1854, por deliberação de 10 de Janeiro, foi determinado o calçamento desde a rua Detraz do Rosário até a do Alecrim.

O barão de S. Fidelis fez cessão em Outubro de 1869, de terrenos para o prolongamento da rua até a beira do Canal, (não existia ainda a praça). Em 1882 fez-se o alinhamento de seu prolongamento aquem Canal, o que veio mais tarde tornar-se a rua Benta Pereira.

Foi uma das ruas mais commerciaes e onde em certa epoca em que as joias abundavam por aqui, bem podia ser chamada – Rua dos Ourives, – tantas eram as casas de ourives que nella existiam.

RUA DA CONSTITUIÇÃO – (Dr. Alberto Torres). No começo o seu nome official era – rua Nova da Constituição. Em 1835 tinha tanto matto que a Camara officiou ao fiscal para proceder á limpesa, e o seu traçado foi feito pelo antigo campo ou cercado do Padre Furtado e sómente tinha predios até a rua Cercado do Furtado; seu final era uma estradinha que ia até ao portão do Quimbira (hoje Policlinica).

Pelo que lemos na imprensa de 1844 era ainda uma rua morta, de quasi nenhum transito, pois, quando na Camara trataram em Agosto

daquelle ano, de fazer-se o calçamento do trecho entre as ruas Alecrim e Proposito, o parecer da comissão fôra contrario, porque, dizia-se que tal rua *se achava afastada do centro da cidade*... Então procedeu-se apenas ao calçamento desde a Praça até a rua do Alecrim.

Em 1844 tratou-se de fazer o alinhamento para prolongal-a. O vereador José Fernandes Pereira doôu em 1851 o terreno na parte que o dito alinhamento tinha de occupar, e ajustou-se com Antonio Francisco Torres Junior a tróca e indemnisação de terrenos, assim como com Manoel Francisco de Carvalho, para o prolongamento.

Gradativamente a rua foi ficando disseminada de habitações, e já em 1856 o vereador José Fernandes da Costa Pereira propunha que se fizesse o prolongamento da rua «até encontrar o novo Cemiterio», isto é, os fundos do Cemiterio da Corôa, construido no anno anterior. Tal proposta não vingara pelo que se deprehende da deliberação de 13 de outubro de 1857, que determinara o prolongamento da rua «desde Quimbira até ao Outeiro» (alto do Pinheiro, hoje Praça Rio Branco).

Em 1869 foi projectado (porem não executado) o calçamento desde a egreja da Boa Morte até a rua S. Bento, por 14:891$480

A ponte que transpunha o Canal, em 1873 offerecia muito perigo pelo máu estado do madeiramento, e nesse anno, pelo mez de Abril foi aberto o trecho de rua até ao bardo de João Joaquim Moreira procedendo-se á limpeza do terreno para a demarcação.

Em 1877 junto á chácara do Belisario (onde a rua cruza com a do Conselheiro José Fernandes) havia uma grande baixada que foi preciso fazer-se aterros em fins de Fevereiro.

Por proposta do vereador José J. de Souza Motta em Julho de 1880 foi deliberado a feitura do calçamento desde a egreja da Boa Morte até a esquina da rua Voluntarios, tendo entretanto sido executado o serviço apenas até a esquina da rua de S. Bento.

Já em 1883 a ponte novamente offerecia perigo por isso que em Dezembro do anno seguinte procedeu-se á sua reconstrucção, passando a ser feita de concreto.

Para mostrarmos um interessante flagrante do que era essa rua em 1886, vamos transcrever algumas linhas que foram publicadas no «Monitor Campista» em 13 de Fevereiro: – «Estão de tal modo crescidos *os bardos* das chacaras desta rua que impossibilita o transito pelo *passeio de pedra* que se dirige para o Lyceu»...

Em 1887 ainda a rua recebia aterros em suas profundas depressões, entre as ruas S. Bento e Voluntarios, (acta de 15 de Julho) e em 1889, por accordo com a Companhia Ferro Carril, procedeu-se ao nivellamento desta rua e da rua Baronesa, afim de ser assentada a linha de bondes. O francez Felix Roses propoz permuta de terrenos, em 1893, em tróca da «estrada velha do Sacco», para prolongamento das ruas Constituição e Espírito Santo junto á praça do Sacco.

Hoje a movimentadissima rua Dr. Alberto Torres constitue uma das principaes arterias da cidade, onde se levantam: o Forun, a Policlinica, a Maternidade, Egreja da Boa Morte, Club Macarroni, imponentes chacaras que lhe proporcionam bizarras perspectivas.

RUA CERCADO DO FURTADO – (Vinte e Quatro de Fevereiro)

No começo da cidade esta rua era toda formada de chacaras e nella se projectava construir-se nova cadeia, por ser o extremo da Cidade. O seu nome derivou da circunstancia do seu traçado ser feito no campo (ou cercado) que pertenceu ao padre Manoel Furtado de Mendonça, cercado esse que em 1742 era pastagem e que hoje está retalhado em quarteirões, cortado por ruas ja agora importantes. Para bem capacitarmos da extensão desse cercado basta considerarmos que seu rumo partia dos fundos das casas existentes na rua da Boa Morte e Alecrim, assim tambem dos fundos dos predios da Beira Rio, abrangia a actual Praça Azeredo Coutinho, ruas: Formosa (desde Sacramento) S. Bento, Constituição (desde Proposito até ao Quimbira, e parte da Praça do Imperador, formando um formidavel irregular polygono. Em Julho de 1835 na extremidade dessa rua (hoje Praça Dr. Galvão, ou «fatia de queijo») junto ao logar denominado «Cruz das Almas» tinha tanto matto que o engenheiro Brigadeiro Antonio Eliziario para poder fazer exame do local e demarcação das ruas projectadas (S. Bento e Gil de

Góes) teve necessidade de requisitar á Camara 4 prisioneiros-escravos para procederem à uma roçada!

Foi então que o vereador Dr. Custodio Francisco de Castro Norberto propoz o prolongamento dessa rua até a estrada do Queimado (trecho que mais tarde se tornou o prolongamento da rua de S. Bento). O projecto cahiu das cogitações da Camara e mais tarde (1847) foi agitado novamente pelo vereador Tinoco, cujo deliniamento seria pelas propriedades do Mosteiro de S. Bento, tendo este então offerecido gratuitamente todos os terrenos precisos.

O seu calçamento foi feito em 1890 por 4:309$567, que ficou concluido no mez de Janeiro de 1891.

Nessa rua está a Loja maçonica "Progresso".

RUA DAS CABEÇAS (Aquidaban), O nome de – rua das Cabeças – foi dado pela população antiga, porque nela foram espetadas em postes, *para escarmento* segundo a justiça do tempo colonial, duas cabeças humanas, de justiçados por um crime que se disse ter sido perpetrado lá. Estando assentada junto aos brejáes da lagôa do Cortume ultimamente (conhecida por «Sta. Efigenia»), em Abril de 1849 foi aterrada aquella parte pantanosa.

Quando o bravo Barroso prespegou na cara do dictador Solano o incrivel feito de Humaytá, noticia que aqui chegou meses passados para inflamar o animo dos patriotas campistas que o festejaram com luminarias e musicas, – fez nascer a proposta de dar á rua o nome de – «Aquidaban.»

Em 1888 propoz o Barão de Itaóca, em sessão de 1°. de Agosto, o prolongamento da rua até a do Riachuelo, entretanto, até o presente ainda não passou ella da rua dos Goytacazes, não obstante ser bem necessario o seu prolongamento para bipartir um enorme quarteirão lá existente.

Em 1890 foi feito o calçamento entre Andradas e Ouvidor, pelos contractantes Antônio Santos Pereira & Cª em Abril, e no anno seguinte teve a designação official de – Rua Dr. Abreu Lima – porem apenas por pouco tempo, pois, a politica que o engendrou tambem o desfez, voltando a officializar o antigo e patriotico nome.

Em 1893, no mez de Novembro, foram demolidos dois predios das ruas Rosario e Andradas, para que a rua avançasse até junto da Egreja do Terço.

Nada existe nessa rua digno de nota a não ser o seu nome, e de reparo sómente aquella má reputação que possuia annos passados, por ter um quarteirão todo occupado por gente infeliz, lastimavel, que em sua desgraça offendia inadvertidamente ás sagradas leis de Deus e da Familia.

RUA DETRAZ DA MATRIZ, – (Vigario João Carlos). Essa rua tinha tambem o appellido de «Travessa da Matriz», e antigamente quando existia nella um theatrinho, na esquina da rua do Alecrim, intitulado «Casa da Opera», o povo dava-lhe a designação de – rua da Casa da Opera.

Foi calçada em 1831. No seu remate, parte não calçada e que se abysmava na Lagoa do Osorio estava intransitavel em 1842, pelo muito esterquilinio nella atirado. Em 1847 a Camara ordenou a remoção daquelles monturos e em 1850 foi deliberada a abertura do seu prolongamento desde a rua da Bôa Morte, pelos terrenos do Barão de Santa Rita até ao Canal, tendo tambem sido desappropriado um terreno da Ordem da Bôa Morte. (Acta de 15 de Setembro de 1857).

Em 1882 a Camara approvou a designação de – «Rua Dr. João Carlos», – porem isso não foi logo effectivado, pois, só na sessão de 31 de Outubro de 1887 foi que o Barão de Itaóca propoz e foi approvado o nome – Rua Vigario João Carlos.

Em 1883 ainda a rua apresentava charco e era ainda receptaculo de lixo, (acta de 21 de Junho). Nessa rua foi edificado o palacete do Visconde de S. Sebastião, (que tem o n° 1,) fronteiro á Praça.

RUA DETRAZ DO ROSARIO, (Andradas). – Nos dias dos nossos bisavós essa via pública teve o nome agora inigmatico de – Rua do Fogo; nos dias dos nossos avós ela era denominada – Rua Atraz do Rosario (ou Detraz do Rosario), porque passa pelos fundos da egreja de N. Senhora do Rosario. Só em 1867, portanto nos dias de nossos paes é que foi chamada – Rua dos Andradas, – como justo pleito de admiração aos grandes patriotas que collaboraram na nossa Independencia.

Em 1835 apenas tinha calçadas, por isso que em 1836, 1839 e 1844, dizem as actas da Camara, as reclamações eram geraes por causa dos atoleiros, sobretudo um que empanturrava o cruzamento com a rua Santa Iphigenia.

Só em 1856 foi que a Camara resolveu fazer o calçamento – «por ser rua muito commercial», conforme resava a deliberação; contudo não foi de todo executado, tanto que ainda em sessão de 7 de Outubro de 1859 foi novamente deliberado o calçamento, desde a rua do Conselho até ao Rocio.

Nessa rua ha um predio que prende a attenção do historiador, porque rememora uma cruzada titanica e audaz, pelo que exige um registro: é aquele sobrado singelo que hoje tem o n° 90, que defrontava o ántigo Mercado, fortaleza que foi do destemeroso Abolicionismo, cujas particularídades empolgantes deixamos para tratar em outras paginas, quando, adiante tratarmos da formidavel e intelligente arrancada em prol da humanidade sofredora, a martyrizada raça negra.

RUA DO FRADE. (Major Gwyer de Azevedo). – É uma antiga travessa que já foi chamada – rua Marcilio Braz. Sempre a conhecemos pelo nome de – «rua dos Frades», e lembramo-nos de que o velho e respeitavel padre Corrêa de Sá, ha muitos annos, nos explicara que aquella designação advinha da circumstancia de ter morado lá, num predio de feitio bisonho, em forma de pombal, com accesso por uma escadinha exterior, no centro do terreno onde é hoje construido o cine «Mascote», um velho frade da Ordem Franciscana, cujo religioso vivia solitario, recolhido naquelle seu «conventiculo», e certo dia foi encontrado morto na escada, vitimado por um insulto cardíaco.

Lembramo-nos de que a rua era bem lamacenta, em 1887, e no mez de Maio do anno seguinte foi que a Camara contractou o seu calçamento com José Negrí.

Essa rua já teve e tem denominações exquisitas pela inexpressão das pessôas que são homenageadas pela politica, em relação á collectividade campista. Quantos conterraneos illustres, e valorosos,

como Saturnino de Brito, Marianna Barreto, etc., que ainda não têm uma rua, mesmo do feitio da – Rua do Frade, – como homenagem de admiração e gratidão do seu povo!...

RUA FORMOSA, (Tenente Coronel Cardoso). Em 1835 já lhe offereciam o gracioso epitheto de – Rua Formosa... Que formosura, entretanto, podiam ter uma ruasita de 30 palmos de largura e umas 100 braças de extensão recamada de casas de beiraes, e *atapetada* de... lama?... pois já não era «chapa» aquella continua recommendação da vereança de 1835-1846, para que os fiscaes cuidassem de aterrar atoleiros nella contidos?... Si se applicasse agora aquella adjectivação comprehender-se-ia facilmente pois essa rua constitue hoje uma das mais lindas avenidas, já pela sua largura e edificações que a rendilham, jà pelo alinhamento, pavimentação, extensão e primorósa arborisação. Porem, ha uns trinta annos atraz...

Em 1839 projectou-se fazer o calçamento entre Direita e Rosario. Em 1842, nos fundos do Theatro S. Salvador existiam monturos de cisco, (acta de 9 de Maio) e na esquina da rua do Sacramento um «tremedal», segundo a expressão dos rusticos. Porque a rua estendia-se do Rocio até a rua do Sacramento a Camara tratou de prolongal-a, em Outubro de 1844.

No anno seguinte tornou a projectar-se o calçamento da rua, fazendo-se o orçamento.

O prolongamento da rua desde o Canal até á rua S. Bento foi projectado em 1869, e que foi logo executado pelo concurso prestado pelo Mosteiro de S. Bento que fez doação de todo o terreno de sua propriedade, bem como d. Anna Joaquina Carneiro Pimenta, que tambem cedeu terrenos que eram da sua chacara, (Acta de 15 de Setembro.)

Em Outubro de 1872 Manoel Joaquim Ribeiro Meirelles propoz á Camara construir ponte sobre o Canal, nessa rua, tendo angariado 600$000 e a Camara concorrido com Rs. 1:400$000.

Sómente em 1875 foi que se procedeu no trecho entre as ruas Direita e estação do Rocio, ao calçamento a parallelepipedos, tendo sido a 2.ª rua em que se empregou esse systema de calçamento.

Em 1880 foi feito o calçamento entre Sacramento e Canal. Perto da egreja de Santa Iphigenia havia em 1882 uma estiva em que ali perdurou por muitos annos até que foi feito o aterro da lagôa, por contracto com a «Leopoldina Railway».

Por deliberação da Camara em sessão de 16 de Novembro do mesmo anno foi dada a essa rua o nome de «Almeida Barbosa,» justa homenagem ao medico illustre e chefe liberal Dr. Antonio Francisco de Almeida Barbosa, porem essa deliberação não prevaleceu, visto que continuou a rua com o nome de «Formosa» e em 1891 foi votada a designação de «rua Mariano de Brito», que tambem não vingou, porisso que após a deposição do governador Portella, os camaristas votaram a mudança do nome da rua para – «Rua Tenente Coronel Cardoso» que foi chefe politico, deputado, presidente da Camara, e genro do Dr. Almeida Barbosa que se quiz homenagear em 1882.

Ainda em 1886 fronteiro á chacara do Dr. João Pires, (posteriormente do major José Bernadino Maciel), existiu um tão incrível atoleiro que, em Novembro, cahindo nelle um carro de lenha, foram precisas 10 juntas de bois para retira-lo do peráu... Em 1887 foi construida sobre o Canal a ponte em arco e de alvenaría, por 6:000$000, pelos contractantes Negry & C. que a remataram em Setembro.

Em 1888 foi feito o prolongamento desde a rua Goytacazes a do Riachuelo, em terrenos de Salvador José Faria, no mez de Agosto.

Em Outubro de 1889 foi feito o prolongamento desde Voluntarios da Patria atravessando a grande chacara de Madame Dubois. Souto Camarinha & Oliveira contractaram em 1893 o calçamento do trecho entre Canal e S. Bento, por 6:900$000.

A parte estreita dessa rua (entre Sacramento e Andradas) foi alargada depois que a Municipalidade desapropriou os predios do lado par, dentre elles os sobrados da familia Gesteira Passos, de Pedro Ramalhos e o magnifico edifício do Teatro S. Salvador.

Na magnifica administração do Prefeito José Bruno de Azevedo a rua recebeu perfeita pavimentação a parallelepipedos desde a estação dos bondes até ao Sacco.

Nessa rua se encontra a Escola de Aprendizes Artifices, Estação dos bondes electricos, Grupo Escolar João Clapp, Egreja Baptista, Banda Musical Operarios Campistas, Capella de Nossa Senhora do Soccorro, Futurista Peteca-Club.

RUA DAS FLÔRES, (Sete de Setembro) – Nos dias da Villa deram a essa via publica o nome de – Rua da Mangerona – certamente porque em alguma parte della pacatos hortelãos vindos da metropole fizessem lá a cultura da cheirosa planta da familia das labiadas hoje banida do uso. Depois ampliaram o titulo, fazendo-nos crer que nos tempos idos já a rua fosse um aggregado de ridentes jardins como hoje realmente é naquelle trecho que da rua Marechal Floriano desce para alem da rua dos Goytacazes (então inexistente).

Nós a conhecemos ainda mui estreitinha, como a actual rua Vinte e um de Abril, bordada de casinholas muito feias; aonde agora a nossa gente elegante, as campistas donairosas flaneiam no examinar as bellas *vitrines* os arrumados das sedas e «ottomans» nada mais era que um encarreirar de açougues, vendolas e quitandas, onde pontificava o magarefe «Pedro Cabeça», o gordalhudo Santafé, as «capetinhas» do «Barão Souza Machado», e si não se via os tentadores mostruarios de agora, se encontrava uma exposição de rabanetes e tomates, carne secca gordurenta e cabeças de cevados, polpudas alcatas de vitellos e sanguinolentas frissuras que muito provocavam os apetites e afagavam á gulodice.

A estreitesa da rua começava na esquina da «Casa Inglesa» do velho inglez Henrique Spittle, sobradão que fazia esquadria na rua Direita e que com o do popular Souza Machado comprimia a pobresinha deixando-a com a conformação de uns quinze palmos, e nessa sequencia de largura se esgueirava até a rua do Ouvidor.

O trecho desde a rua Detraz do Rosario até Ouvidor foi aberto em Outubro de 1844.

Em 1839, pelo mez de Agosto fizeram o calçamento desde a rua Direita até á «Quitanda Velha», por contracto com Domingos Gomes Barroso; em 1841 José Martins Pinheiro arrematou dos herdeiros

da Baronesa de Campos um predio dessa rua, situado entre as ruas Direita e Quitanda, offerecendo-o á Camara para o alargamento da rua; contudo não foi executado tal projecto.

A «subida da Praça» como ainda hoje é bem conhecido o trecho entre rua Direita e Praça, recebeu pavimentação no mez de Agosto de 1841, mas o serviço foi tão *primoroso* que já no anno seguinte requeria concertos por ter muitas pedras soltas...

O trecho aberto em 1844 entre Andradas e Ouvidor, á menor chuva ficava intransitavel, e isto, até 1856, quando se procedeu ao calçamento. Foi o local em que se estreou o emprego de «meios-fios». Até então todos os «passeios» eram feitos por pedras inteiriças, que abrangia toda a largura do passeio.

Em 10 de janeiro de 1867, por proposta do patriota Dr. Gregorio de Miranda Pinto, foi dada á rua a designação de – Sete de Setembro, – e nesse mesmo anno, em Desembro, projectou-se o prolongamento desde a rua do Ouvidor até a Riachuelo, tendo varios proprietarios, em Julho de 1869 doado terrenos, excepto Chrysantho de Miranda Sá que exigiu o fechamento do seu terreno pela Camara. Os doadores Clementino Domingues da Cruz, Francisco José de Mattos Lima e José da Terra Pereira ainda concorreram, cada um com 100$000 para o terraplenamento da rua. O novo trecho foi inaugurado no dia 7 de Setembro de 1871.

Um anno depois, em uma baixada proxima á Rua Riachuelo era onde se lançava o lixo.

Em 1888 foi a primeira rua de Campos que ficou sem nenhum escravo, logo que a «Commissão Libertadora» formada em 18 de Março, sahiu pela cidade solicitando a ampla liberdade dos escravos, porisso, na noite de 23 de Março uma banda de musica percorreu toda a rua, emquanto a multidão sacudida pelo enthusiasmo bradava: «Viva a Liberdade!»

Em 1891 o intendente Joaquim Venancio da Silva apresentou uma proposta em sessão de 1 de Junho, com o parecer favoravel do intendente Arthur Rockert, para proceder-se ao alargamento da rua,

desde a Praça das Verduras até a rua do Ouvidor, afim de que ficasse ella com 60 palmos. Nem por ter sido approvada esse segundo projecto de alargamento, tivera execução, permanecendo com sua estreiteza até a epoca da remodelação do governo Oliveira Botelho, em 1912.

O trecho entre a esquina da rua do Ouvidor até fronteiro á chacara do Dr. Portella foi calçado em 1890, – concluindo-se o serviço em 1891.

Hoje é uma das mais opulentas avenidas de Campos. Em seu seio ella afaga o commercio chic, as vivendas mais graciosas, os jardins mais floridos. Seu aspecto é bom, agrada á vista, sente-se perfeitamente a suavidade do seu completo urbanismo que tem etapas differentes, umas encravadas no bulicio da parte central, outras reclinadas na doce quietude de um arrabalde perfumado pelas magnolias, rosas e jasmins. Vê-se nella predios muito bonitos, vestidos de uma architectura garrida que têm por espaldares o verde das cópas vicejantes e por molduras as alfombras onde desabrocham os mais graciosos chrysanthemos.

Nessa rua está o palacete do Banco de Minas, Posto Veterinario, praça de sportes do «C. S. Rio Branco».

RUA NOVA DO OUVIDOR, (Vinte e um de Abril.) Essa estreitissima rua que desde da Praça já teve o nome de «Becco do Campello», assim como foi chamada «rua de José Carlos».

Porque a denominaram – Rua *Nova* do Ouvidor? É sabido que em 1835 já existia essa rua, desde muitos annos, e a outra que teve o nome de *Ouvidor* então não existia a não ser no traçado arrevezado de uma estradinha, foi então alinhada e recebendo o nome de – Rua Larga do Ouvidor; como, pois, a mais antiga *é nova*, e a mais recente fica assim subentendida ser mais velha?

Bonhomia dos nossos avós.

Em 1838 foi feito calçamento do trecho entre a Praça e a Rua Direita, e tambem reparos no velho calçamento feito em 1796 entre as ruas Direita e Quitanda.

Em 1839 procederam ao alinhamento para ser prolongada a rua pela chacara de José Alves Rangel, contudo só em 1844 foi que se procedeu a novo alinhamento, sendo aberta a rua pelos terrenos

doados por José de Brito Ribeiro, José Alves Rangel, Antonio Francisco Cassalho de Oliveira e d. Marianna de Oliveira Miranda.

Em 1857 projectaram o calçamento da rua entre Andradas e Ouvidor. Por esse tempo suscitou uma questão que fez protelar a abertura do prolongamento da rua alem da do Ouvidor. D. Marianna Miranda cedeu gratuitamente á Camara o terreno necessario para o prolongamento, bem como «para as outras ruas projectadas que lhe ficarem parallelas» (acta de 7 de Julho), – porem Chrysantho Leite Pereira de Sá allegou á Camara que taes terrenos lhe pertenciam por compra feita em 1842, por isso não podia prevalecer aquella cessão. O projecto ficou encravado até 1882 quando os moradores das immediações reclamaram a abertura da rua, sendo que sómente em Janeiro de 1886 tornou-se realidade o tal projecto que já era «quarentão»...

Em 1878 foi que se procedeu ao calçamento entre Andradas e Ouvidor, projectado ja havia 23 annos...

A Camara em Novembro de 1882 votou a mudança do nome da rua, sendo o trecho desde a rua do Rosario até a Praça denominado – Rua José Carlos – e desde a rua do Rosario até o final, denominado – Rua Manoel Theodoro. Taes nomes não passaram das actas da Camara, pois o povo continuou a chamal-a – Nova do Ouvidor – até que em 1890 o intendente Cesario Lyrio de Gusmão propôz e foi bem recebida a sua proposta dando á rua o nome de – Rua Vinte e Um de Abril.

Si nos fosse dado o direito de corrigir a denominação, pederiamos para intitulal-a – Rua Tiradentes, – o que seria bem mais expressivo.

RUA DO MAFRA, (Juarez Tavora). Essa curtissima rua que em verdade é uma – travessa – tirou o seu antigo nome de um dos ouvidores da Villa, que nella residiu no tempo da colonia. Teve tambem em tempos remotos o nome de – Travessa do Padre Sylvestre.

Em 1835 já tinha calçamento, o qual, por muito estragado careceu de grande concerto em 1841.

Nessa rua está o edificio do «Gremio Operario de Auxilios Mutuos» antiga organisação proletaria de beneficencia e assistencia social.

RUA DO PROPOSITO, (Dr. Gesteira). Chamou-se-lhe tambem – Rua Traz da Boa Morte, – porque a primitiva egreja da Boa Morte tinha fundos assentados nella. Em 1846 se fez o *proposito* de prolongal-a até á rua Detraz da Matriz, porem o projecto não passou mesmo de um proposito. Em 1882 a Camara resolveu em sessão de 16 de Novembro dar-lhe o nome de – «Muniz e Barros», mas a voz do povo sempre articulou o nome antigo. Vem de poucos annos a nova denominação – Dr. Gesteira Passos, – nome de um campista mui respeitavel, magistrado e expressão politica que teve muita preponderancia. Não obstante isso, muita gente ainda sustenta o firme proposito de só lhe chamar – Rua do Proposito...

Nella está installada, desde muitos annos, a tradicional «Corporação Musical Lyra Conspiradora».

RUA DA QUITANDA, (Barão de Cotegipe). Essa rua foi projectada em 1797 e aberta em terrenos do alferes Joaquim Vicente dos Reis com o nome de – Rua da Alagôa, – por causa do seu percurso atravessando a antiquissima «lagôa do Rosario» que existiu onde foi a Praça das Verduras, (hoje, Prudente Moraes) e no leito da rua até a esquina da Travessa do Constantino, (Travessa Carlos Gomes.) Tambem teve os nomes: «Rua Detraz do Terço», rua do Jogo da Bola, rua Barão do Triumpho, e a inveterada denominação – Rua da Quitanda.

Em 1831 começou a ser feito o calçamento da rua, o qual fôra interrompido por questão suscitada com o empreiteiro e só proseguiu em 1835 contractado com Domingos Gomes Barroso. Em Novembro Custodio Coelho Almeida fez offerecimento para construir o calçamento até os fundos da egreja do Terço, fornecendo a Camara a pedra.

Em 1884 havia muitos atoleiros no trecho alem da egreja até á rua Formosa, pelo que a Camara deliberou em sessão de 9 de Dezembro fazer o calçamento do referido local. Em 1849 concluiu-se o calçamento desde a Beira-Rio á Praça das Verduras.

O engenheiro Navarro pretendeu em Agosto de 1860 introduzir em Campos o calçamento *en chaussée* (abaúlado), sendo o trecho até a rua Formosa o primeiro a receber o então novo estylo de pavimentação, pois os antigos calçamentos tinham a fórma concava, com uma só sarjêta bem ao centro da rua.

Com o perder a «Quitanda Velha» a rua perdeu tambem a popular denominação, passando a homenagear ao estadista – Barão de Cotegipe. Cortando o centro da cidade e na melhor parte commercial, tem um movimento apreciavel, estando situados nella o «Banco Hypothecario de Campos», «Banco Mercantil», «Associação dos Empregados no Commercio», «Companhia de Seguros» «União Fluminense».

RUA DO ROSARIO, (Carlos de Lacerda). Era uma das ruas mais compridas em 1835: houve tempo que lhe deram o nome – rua Miguel Fernandes – porque esse cidadão em 1737 construiu uma «Casa de Açougue» (matadouro) dando-a á Camara, cujo logar de matança do gado era na rua do Conselho esquina da rua da Quitanda. Comtudo o nome de – Rosario – por estar nella a egreja do Rosario, é tão arraigado que a população, já pelo habito, já pela religiosidade, não prescinde de nomeal-a «Rua do Rosario.»

Em 1835 o vereador Dr. Castro Norberto requereu – «o aterramento dos grandes atoleiros existentes» e porque taes atoleiros fossem muitos nas varias ruas, propoz mais «a creação de um ajudante do Procurador, cujo encargo fosse fazer dar esgoto ás aguas que se ajuntam nas ruas da cidade e seus suburbios, afim de ser prevenida a formação de mais atoleiros.»

Em Fevereiro de 1854 começou a ser feito o calçamento da rua desde o porto José Silva até a rua do Conselho, cujo serviço foi concluido em Setembro. *A Camara Incorporada foi assistir a collocação da ultima pedra...* na tarde de 9 de Setembro.

Em 1859 a Camara cuidou de fazer o prolongamento da rua além da Rua Direita, em terrenos de Monoel Pinto de Oliveira, mas... só vinte e seis annos depois foi que teve logar tal emprehendimento da Municipalidade.

Em 1886 recebeu calçamento o trecho entre Conselho e Cabral, proposta do Dr. Olympio Pinto, e no anno seguinte o trecho entre Cabral e Imperatriz (Saldanha Marinho), proposta do vereador Ezequiel Pinto Sampaio.

Em 1919 o prefeito interino Dr. Cesar Tinoco fez calçar o trecho entre Saldanha Marinho e 13 de Maio, e o dr. Sobral concluiu o calçamento até a esquina do Passeio Municipal.

Agora a rua tende a prolongar-se em magnifica e extensa planicie,

parallelamente á rua da Leão, por alguns kilometros, até atingir ao traço longinquo da rua S. Jeronymo.

Nesta rua estão: Matriz de N. Senhora do Terço, egreja de N. S. do Rosario, Delegacia de Policia e Inspectoria de Vehiculos, Hotel Flavio, Academia de Commercio.

Após a Abolição e como um preito de admiração ao infatigavel paladino campista que muito luctou e soffreu stoicamente pela extinção da escravidão foi dada á rua o nome de – Carlos de Lacerda. Essa rua em 1903 tinha de comprimento 1.207 metros, até ao Passeio Municipal, e presentemente quasi o dobro daquella extensão.

RUA DO SACRAMENTO, (Dr. Lacerda Sobrinho). – Em 1835 a rua terminava na rua Formosa; para baixo, desde 1875 era parte suburbana, estradinha que se dirigia para o cercado de S. Francisco; os poucos predios que existiam lá em 1839, como a chacara de José Gomes da Fonseca Parahyba estavam livres do imposto da decima «por estarem fóra da comprehensão da cidade», conforme resava uma deliberação da Camara. No cercado de S. Francisco (hoje Praça da Republica) ella se vinculava com a estradinha do Queimado.

Tudo isso é muito interessante lêrmos agora, quando vemos as pompas daquella rua e praça, coalhadas de predios importantes e chacaras confortaveis.

A rua foi chamada com o antiquissimo nome de – Sacramento, – não só por passar no lado da Matriz, unico templo que conservava no sacrario o Santissimo Sacramento, como porque nella existiam muitos predios pertencentes á Irmandade do SS. Sacramento, com séde na Matriz.

Nos primeiros annos da cidade, como as demaes ruas, ella tinha grandes atoleiros, sobretudo na descida entre a Travessa da Matriz (rua V. João Carlos) e a rua do Conselho. Quatro mezes após a elevação da cidade, procedeu-se ao alinhamento da rua até a travessa do Cabral, entretanto, só em 1839 foi que se abriu o prolongamento da rua, tendo o commendador Parahyba, cedido terrenos nos fundos da sua chacara e Julião Ribeiro de Castro offerecido á Camara os seus escravos e algumas carroças para o

serviço de aterros do novo quarteirão.

Em 1840 a engenheiro A. Pralon fez por ordem da Camara o orçamento para calçamento do trecho entre Conselho e Formosa, cujo serviço só foi feito em 1842. Até 1848 a rua ficava intransitavel a menor chuva, no trecho entre Formosa e Praça do Imperador, sendo preciso que repetidas vezes a Camara mandasse escoar as aguas para a valla do cercado de S. Francisco, e para evitar esse consecutivo trabalho foi resolvido o calçamento, que ficou prompto em Dezembro de 1849.

Em 1851 projectaram o prolongamento da rua desde a Praça do Imperador até Cóvas d'Areia, (Conselheiro Octaviano), e por proposta de Caldas Pinheiro em 15 de Novembro de 1867 foi approvado o prolongamento «até ao projectado passeio Municipal», prolongamento que só se verificou em parte no anno de 1887 pelo alvitre do vereador Dr. Benedicto Galvão Baptista que mandava fossem desappropriados terrenos de Leopoldo Muylaert, mas que somente em 1891 foi effectuado, ficando completa a abertura da rua até ao Passeio Municipal, no mez de Junho, por outra proposta do intendente Joaquim Venancio da Silva.

Em 1892 na sessão de 21 de Dezembro a Camara votou a mudança do nome da rua para – «Doutor Porciuncula» – afim de satisfazer umas conveniencias politicas, porem pouco durou a nova designação, pois, a politica que lh'a deu, ela mesma lh'a tirou... e a população, catholica por tradição, continua a lhe dar o religioso epitheto, não obstante após a morte do inolvidavel medico e intrepido demagogo Dr. Lacerda Sobrinho, a Municipalidade tel-a officialmente dado o nome daquelle integro campista que se deu em holocausto, servindo ao mesmo tempo de sacerdote e victima, no altar das reivindicações do Povo e dos deveres da Sciencia.

Nessa rua estão: – Escola Profissional Feminina «Nilo Peçanha» Linha de Tiro n° 29, Escola do Pharmacia e Odontologia.

RUA SANTA IPHIGENIA – Antes da piedade dos campistas catholicos pretender a construcção nessa rua de uma egreja sob a invocação da princesa nubiana que fôra ingressada no Christianismo pela pregação do evangelista S. Matheus na Africa, a ruasita que terminava em bréjo, remanescente da antiga Lagôa do Curtume tinha o

nome de – rua Dr. Allypio, assim como tambem a chamaram – rua do Theatrinho, – por causa do «Theatro Campista,» a casa de diversão do Miguel Chagas, (1838-1841).

Em 1835 José Francisco Silveira pedia alinhamento para ser aberta a rua dentro dos seus terrenos; projectado esse prolongamento em sessão de 14 de outubro de 1844 foi alinhada, e em 1849 foi começado o indispensavel aterro do brejo para poder communical-a á rua do Ouvidor que tambem vinha sendo aterrada. Em 1854 foi que se completou o aterro naquelle cruzamento das ruas, e assim foram sendo conquistados, pouco a pouco, os leitos daquellas ruas até então do pleno dominio das esverdeadas aguas da lagôa. Em 1855, no mez de Abril, Antonio Alves dos Santos cedeu gratuitamente o terreno para o prolongamento sob a condição de conservar os seus terrenos abertos até que fosse possivel collocar alicerces para os muros naquelles logares de recente aterro, (Acta de 11 de Abril).

Em 1856 foi projectada pela Camara a abertura da rua até á rua do Rosario, mas esse projecto ficou sem execução até hoje.

Em Março de 1893 foi feito o calçamento, e aqui fica todo o historico dessa modesta via pública que, nem por estar no centro da cidade deixa de ser desconhecida de muitos campistas que nella nunca pizaram porque perdeu seu predominio desde os distantes tempos que de lá tiraram o theatrinho e os alicerces do projectado templo da Santa africana que lhe dá o nome.

LARGOS, BECCOS E LAGÔAS. – Até aqui tratamos das ruas antigas, isto é, daquellas vias publicas que ao chegar a cathegoria de cidade já existiam; falta-nos ainda mencionar os largos, beccos ou travessas e lagôas, para que o leitor fique com uma noção completa da ex-villa, e isto antes de passarmos a tratar das ruas que foram abertas ou prolongadas depois de 28 de março de 1835, algumas dellas sobre o leito de lagôas hoje desapparecidas.

«BACIA», (*Praça Azeredo Coutinho*). A grande baixada produzida pelos outeiros da Praça e actual rua S. Bento (que foi aberta em 1854) determinava o grande recipiendario que se chamou «Bacia». Já em 1856

havia sido comprado pela Camara, por 900$000 o terreno do sargento-mór João Nepomuceno Baptista Pereira, assim os dos herdeiros de José Joaquim Pereira de Carvalho e Manoel José Pinto Netto, pois se escogitava de abrir uma praça junto á rua do Conselho.

Em Março de 1865 o Mosteiro de S. Bento offereceu á Camara os terrenos para completar a abertura da então chamada – "Praça do Canal", – pedindo que a Camara fizesse o alinhamento afim de poder fechar os seus terrenos que facejassem com a nova praça.

Attendendo a essa solicitação a Camara em sessão de 7 de Abril determinou "que fizesse uma limpa no local para que, desvencilhada do matto, pudesse proceder-se ao alinhamento". Mais adiante desenvolveremos minuciosamente como foi feita essa praça que hoje é occupada pelo Mercado.

LARGO DAS VERDURAS, (Praça 10 de Dezembro)

Em 1737 era uma lagôa denominada – «do Rosário.» Ainda em 1831 fazia um pequeno cotovello na direcção do becco de Domingos Pereira Lobo e em 1842 ainda tinha um grande terreno aberto nos fundos do «extincto açougue.» Em 1850 o fiscal da freguezia envia á Camara a suggestão que «seja creada uma postura prohibindo a desseccação de assucar nas praças destinadas para o mercado das Quitandeiras, para evitar as contendas que tem havido entre as mesmas e os negociantes daquelle genero.» (Acta de 10 de Janeiro.)

Em 1854 fez-se calçamentos nas faces leste e sul e completou-se em 1872. Em 1877 foi arborisada com quatro nogueiras. Quando em 1878 a Camara deliberou mudar o local do Mercado para o Rocio, oito proprietarios e negociantes do largo das Verduras fizeram uma representação pedindo não fosse effectivada a mudança que feria os seus interesses.

Quando houve a deposição do governador Portella os politicos entenderam de denominar o largo com o nome – Praça 10 de Dezembro – para fixar a data da queda do illustre Dr. Portella que tanto trabalhou pelo engrandecimento de Campos.

LARGO DO CAPIM, - tambem chamado Largo do Pelourinho.

É aquelle polygono triangular que na Beira-Rio emboca a rua da Quitanda. Dos dois nomes o mais antigo é o de «Pelourinho,» porisso que antes de ser escolhido pelos vendedores de feixes de capim para o seu mercado, foi onde se assentou o pelourinho, columna de pedra com argolões engastados para nelle serem atados os infelizes escravos tidos como delinquentes, afim de serem submettidos ao azorrague, cujos castigos de 100, 200 ou mais chibatadas graduavam a extensão da culpa... ao arbitrio do senhor ou das autoridades. Em 1835 já não eram surrados publicamente os escravos, contudo o pelourinho, a tétrica columna de granito ainda lá se encontrava em 1837, e porque não tinha mais funcção, José Peixoto de Oliveira querendo utilisar-se daquella lage, offereceu á Camara 400$000 pela sua acquisição, o que foi acceito, comtudo, para uma tal venda era preciso obter a Camara a licença... da Provincia! Em 1851 foi demolido aquelle signo da deshumanidade e o producto da venda foi destinado – «á factura da casa das sessões» (Acta de 30 de Outubro de 1850).

Só em 1841 é que foi calçado o Largo do Capim, mas pela disposição do terreno, ainda em 1876 se formava ali grande charco, cujas aguas ficavam estagnadas.

LARGO DO ROSARIO, enquadrado pelas ruas das Flores e do Rosario, pela travessa e a egreja. Foi calçado em 1878

LARGO DO ROCIO, Era uma verdadeira praça e não simples «largo» como o denominavam. Em 1835 estava tomada pelos arbustos e vassoural o que difficultava as manobras da Guarda Nacional que lá eram feitas; porisso o Chefe de legião pediu providencias á Camara.

Algumas depressões foram aterradas em 1836 porem ainda em 1878 estava uma boa parte da praça transformada em paúl. Em 1879 estando muito profundo esse bréjo começou a ser aterrado convenientemente, pois projectavam construir o Mercado.

Após a promulgação da lei aurea, deu-se ao Rocio o nome de – Praça da Redempção, – por ter sido nella que o Abolicionismo ensarilhou com assombroso denodo as suas armas libertadoras.

Foi nessa praça que se construiu – a primeira estação ferroviaria de

Campos, – predio hoje occupado pela Escola de Aprendizes Artífices.

Transferida a Praça do Mercado para perto do Canal desappareceu o antigo largo do Rocio, pois os terrenos foram alienados pela Camara, surgindo ali dois bonitos quarteirões cingidos pela travessa que se denominou – Rua Dr. Cesar Tinoco.

BECCO DAS CANCELLAS. Trataremos desse becco mais adiante, quando descrevermos a abertura da Rua Gil de Góes.

TRAVESSA DO CABRAL. Tambem chamada "Travessa de S. Francisco". Em 1836 era passagem muito lamacenta porque atravessava a valla de S. Francisco que se estendia nos fundos da egreja franciscana até aos terrenos hoje dos herdeiros de Paschoal Segreto; essa valla tinha um leito muito profundo. A travessa começava na rua do Sacramento e ia até á rua do Rosario; em 1842 projectaram o seu prolongamento até á rua do Ouvidor atravessando a chacara do Barão de S. João da Barra. Apezar ser de grande utilidade a continuação da rua até á rua dos Goytacases, como ja foi projectada por vezes, há 92 annos que isso não passa de prejecto...

Em 1854 foi feito o aterro da valla de S. Francisco para a melhoria da travessa e no anno seguinte foi projectado o seu prolongamento até á rua de S. Bento, aliás um bem justificado projecto que, nem porisso teve execução até hoje. Em 1856 procederam ao calçamento da rua entre Direita e Rosario. Os terrenos que eram do Barão de S. João da Barra, em 1869 eram propriedade de João Alves Siqueira Rangel, que os offereceu gratis á Camara para se fazer o prolongamento da rua entre Principe e Ouvidor, ficando a Camara com a obrigação de fazer as tapagens, o que não foi aceito; igual offerecimento fez, ha poucos meses o snr. Canella, porem a Prefeitura notou que as despezas de construcção de muros superavam o valor dos terrenos cedidos, e assim fica um grande trecho sem facilidade de transito.

No anno de 1885 a Camara fez calçar o trecho desde o Collegio Cornelio até rua do Sacramento e em 1886 entre as ruas Rosario e Principe.

TRAVESSA DO ROSARIO, Antiga travessa que ladeira pelo lado norte á Egreja do Rosario. Já teve o nome de Travessa do Valongo.

TRAVESSA DO CADERNO, (hoje é a rua Saldanha Marinho). Era um becco que começava na rua de S. Francisco (Direita) e

terminava na do Principe, entrada do "Cercado de José de Meu Tio". Nos dias de 1841 graphavam esse nome com *que*: – Quaderno, – isto na mesma escripta official.

Donde tiraram esse caderno (ou quaderno), não descobrimos, mas seguindo as regras do uso inveterado da epoca, seria o sobre nome ou alcunha de algum dono de bodéga da esquina, ou senhor de fazenda cheio de patacas e cruzados...

Em 1846 se fez o prolongamento do becco, desde a rua Direita até a então nova praça de S. Francisco (hoje da Republica) e tendo vindo Suas Magestades Imperiaes visitar a cidade de Campos em 25 de Março de 1847, a Camara deliberou commemorar esse facto dando á nova rua aberta nos terrenos cedidos pela Ordem de S. Francisco, o nome de – *Rua da Imperatriz*.

Mais de espaço proseguiremos no historico dessa rua, quando descrevermos a rua Saldanha Marinho.

BECCO DO CONSTANTINO, (Travessa Carlos Gomes). Houve tempo em que se o designou com o nome – becco de Francisco José Duarte. Foi aterrado em Outubro de 1829 desde a rua Direita até a da Alagôa (Quitanda), pois ficava em cima de um dos braços da Lagôa do Rosario.

Em 1842 foi areiado para facilitar ao transito.

BECCO DO BARROSO, Ja foi uma via publica importante no tempo da Villa, tanto que já tinha pavimentação desde 1831.

BECCO DO CARMO, anteriormente conhecida por – Travessa das Almas, – assim tambem appellidado – Becco do Caldeira, – o banqueiro afamado dos ultimos annos da villa e primeiros da Cidade.

Foi aterrado em 1849 e em 1867, por proposta de Thomaz Coelho a Camara quiz pavimental-o, o que somente oito annos depois, em 1885 foi realizado. Era estreitinho como todas as ruas e beccos antigos, porisso em se tratando de alargal-o foram adquiridos e demolidos um sobrado na esquina da rua Direita, de Benedito Queiroz, atingido por um violento incendio, e uma sequencia de casinhas que eram occupadas por gente decahida.

Porque sua extensão era apenas até a rua da Quitanda, em Maio

de 1893 a Camara adquiriu para demolir, dois predios, um com frente para a rua da Quitanda, outro com face para a rua do Rosario e assim prolongou o velho becco até a rua dos Andradas, começando a ser designado por – Rua do Mercado, visto o accesso facil que então passou a dar aos compradores das couves, rabanetes e pepinos.

Paramos aqui na sua descripção porque vamos continuar a tratar dessa rua, mais adiante, já então com o nome actual de – Rua Oliveira Botelho.

TRAVESSA DO CURRAL, (Rua da Princesa, depois Conselheiro Octaviano). Era uma estradinha que começava nas Covas d'Areia, passava pelo Curral do Açougue (Matadouro) que lhe fornecia a designação e ia ter ao campo de José de Meu Tio.

O matadouro permaneceu nessa estrada, cruzamento com a rua Direita até 1872. Ficaram então devolutos aqueles extensos terrenos onde proliferavam goiabeiras, propriedade de José Caetano Pinto de Mesquita que, em 1883 retalhou a grande chacara, e vendeu todos os lotes.

Em 1885 a rua tinha então treis secções: desde a Praça Municipal (S. Benedicto) até rua Direita, denominava-se *Travessa do Curral*; da rua Direita até ao Canal, *rua da Princesa*; e do Canal até a rua de S. Bento, *rua das Cóvas d'Areia*. Para unificar a denominação, a Camara pediu á Presidencia da Provincia para que désse á toda rua a unica designação de – Rua da Princesa. (Acta de 2 de Janeiro).

Até para a nomenclatura das ruas era preciso a intromissão do Governo da Provincia!..

Na sessão de 19 de julho de 1889 a Camara votou a mudança do nome da rua, denominando-a – Rua Conselheiro Octaviano, homenagem prestada ao chefe do partido Liberal, Francisco Octaviano de Almeida Rosa, então fallecido.

Em 1887 o Dr. Galvão Baptista propoz o prolongamento até ao Rumo, sem que jamaes se executasse tão importante providencia.

O calçamento da rua no trecho desde o Canal até chacara de D. Maria Carlota, na entrada do Queimado, foi feito em 1888; o trecho entre Praça S. Benedicto e rua Direita, em 1913, e recentemente a parte que faltava: entre Direita e Sacramento.

Agora é uma das bonitas ruas, por suas vivendas graciosas e onde está estabelecido o Radio Cultura de Campos.

AS ANTIGAS ESTRADAS, Alem das ruas que ficaram mencionadas, existiam em 1835 as estradas dos suburbios, a saber: *Estradinha de S. Lino*. Era uma travessa que partia da rua Cóvas d'Areia (José do Patrocinio) e se dirigia para a chacara de S. Lino, onde mais tarde appareceu a rua das Palmeiras e no seu caminho está hoje fincada a Estação da Avenida. – *Estradinha Anna Benta*, (ou *Camboatá*) hoje é o traçado do Canal; em 1846 ainda existia e estava empachada da terra retirada da escavação do Canal. Tambem se lhe chamou: «rua de Bento Benedicto,» visto passar ao lado do predio do commendador Bento Benedicto de Almeida Baptista, pae do Barão de Miracema, cujo predio ultimamente era occupado pelo Grupo Escolar João Clapp. *Estrada do Rumo*, (hoje rua Riachuelo), foi alinhada em 1857, porem para que se tornasse mais espaçosa, em 1865 fizeram segunda demarcação, ficando com de 60 palmos, por proposta de Thomaz Coelho e José Pereira Terra, os quaes na sessão da Camara, de 11 de Dezembro propuzeram que se désse á rua o nome de *Riachuelo*.

– *Estrada das Cóvas d'Areia*, hoje é a esplendida rua José do Patrocinio, parte da rua Conselheiro Octaviano e a Avenida Pelinca. *Estrada do Capão*: actualmente é a Avenida Dr. João Maria, de que trataremos adiante. *Estrada do Queimado*, actualmente são as movimentadas ruas João Gonçalves, e Vicente Nogueira, onde está a maior praça de sports de Campos, do «Alliança F. C.» Em 1835 era tão lastimavel o seu estado que, por intransitavel a Camara tomou alvitre de solicitar do fazendeiro Francisco da Silva Leite permissão para o publico transitar pela sua estrada particular, afim de se ver a salvo de perigos. A estrada do Queimado não terminava na entrada da rua de S. Bento, fronteiro á chácara do Dr. Caetano Pinheiro conforme conhecemos; ella proseguia em sua sinuosa trajectoria até recortar ao Cercado de S. Francisco, indo terminar ao se juntar com a Travessa do Cabral. – *Estrada do Sacco*. Eram varias as estradas com esse nome, uma serpeava acompanhando mais ou menos a rua da Constituição, num percurso que, com poucas variantes é hoje a rua Gil de Góes subia o outeiro

do Pinheiro (alto do Lyceu), contornava uma parte do palacete do Barão de Lagoa Dourada (Lyceu) e descendo em saracoteios até esbarrar-se com a outra Estrada do Sacco que vinha das Cóvas d'Areia, fazendo juncção em frente dos cannaviaes da Fazenda de S. Caetano, a grande propriedade do Dr. Caetano Thomaz Pinheiro. Essa tão tortuosa estradinha desappareceu em varios trechos que foram dados em troca de outros terrenos para a rectificação das novas ruas: Gil de Góes, Salvador Corrêa, Luiz Sobral, etc. Outras estradinhas do Sacco partiam da Corôa, demandando sempre a tradicional ermida de Nossa Senhora do Rosario, sendo ellas, com algumas modificações de alinhamentos, as ruas actualmente denominadas Rocha Leão e Espirito Santo. Mais uma *Estradinha* sem designação existiu até 1846, entre as então novas ruas do Principe e Ouvidor, partindo pouco abaixo da Travessa de S. Francisco (Cabral, a qual desappareceu com o ser aberta a Praça Municipal (S. Benedicto).

Tal era a cidade de Campos incipiente, no traçado de suas vias publicas, porem, antes de passarmos ás exposições da illuminação publica, do abastecimento d'agua, do estado sanitario naquelle anno de 1835 e seguintes, fallemos ainda acerca da pavimentação daquellas ruas e das lagoas (bréjos) que existiam então no seio da cidade, e que a tenacidade deste povo fez desapparecerem, operando essas metamorphoses que ahi estão, num ostentar de magnificos quarteirões.

O CALÇAMENTO das ruas, era o problema mais difficil para Campos, como é ainda hoje, pela completa inexistência de pedreiras proximas, com aggravante então de não haver meio de transporte facil, como hoje dispomos das estradas de ferro. A pedra era adquirida no Rio de Janeiro, transportada para Campos em barcos e pranchas; ou das pedreiras da Boa Vista, sempre com o dispendioso e moroso transporte por via fluvial.

Os calceteiros ganhavam o salario de 640 reis diários, (2 patacas) e a alvenaria era adquirida a 1$200 por tonelada.

Sete meses após a creação da cidade, em Outubro, deliberaram não mais adquirir pedras no Rio, passando a serem extrahidas das pedreiras de D. Maria Custodia Cabral e Innocencio Antonio Pereira. Os transportes foram contractados com Lourenço José de Araujo, Gregorio Francisco

de Miranda, Francisco de Paula da Silva Pacheco, Domingos Gomes Barroso, Manoel Pinto Netto, Antonio José Ferreira e Antonio Luiz Ferreira Pinto, para por meio de suas barcas fazerem o descarregamento na Cruz das Almas (Porto da Lancha).

CALÇADAS – Em sessão de Março de 1839 o vereador José Fernandes propoz para a Camara fornecer aos habitantes, a pedra para elles fazerem as calçadas (passeios) nas testadas de suas casas. Essas caracteristicas calçadas de 1839 AINDA EXISTEM como uma reminiscencia... da cidade incipiente. O leitor pachorrento que quizer examinal-as tome o bond das linhas "Goitacazes" ou "Matadouro", salte na curva da entrada da rua do Ouvidor, siga á pé pela Beira Rio, e desde a esquina da rua da Lapa até a ultima Fabrica de Tecidos encontrará as authenticas calçadas de um seculo atraz...

LAGOA DO FURTADO, É interessante considerarmos que trechos onde hoje atravessamos, na rua Barão de Amazonas (entre Conselho e Formosa), Rua Vigario João Carlos, (entre Boa Morte e Canal), Praça Azeredo Coutinho onde hoje vemos o Mercado, já foram os charcos, as represas de aguas putridas da "Lagôa do Furtado" tambem chamada "do Osorio". Chamavam-na do Furtado, por estar dentro do antigo campo do Padre Manuel Furtado e se depois a denominaram – do Osorio – foi porque o campo passou para o dominio de Pedro da Fonseca Osorio.

Nella se fazia os despejos, no lado do Becco das Cancellas, e foi por isso que a Camara desejando fazer cessar a inconveniencia, mandou proceder a rigorosa limpesa de suas margens e collocou guardas para que obstasse se fizesse ali os despejos que attentavam contra a hygiene, dando causa as febres escarlatinas então reinantes com intensidade. (Acta de 28 de Agosto de 1843).

Ficava proximo á Bacia e com ella se correspondia, banhando os fundos dos terrenos dos predios das ruas Boa Morte, Barão do Amazonas e um trecho da rua do Sacramento, contendo "aguas mortas" e ainda hoje existiem vestigios, do seu leito, apezar dos ultimos aterros que recentemente foram feitos no terreno da antiga casa do Dr. Galvão.

Quando em 1847 as obras do Canal ainda estavam nos seus

inicios, foi feito um escôamento da lagôa por meio de uma valla que atravessava a estrada das Covas d'Areia e em 1849 começaram a ser feitos no leito da lagoa os alinhamentos para as ruas projectadas.

Em 1850 foi desseccada e então foi alinhada pelo engenheiro da Camara – «a praça em redor da Bacia,» conforme se disse na acta.

LAGÔA DO ROSARIO. Seu leito estendia-se desde a praça das Verduras até ao becco do Constantino, incluindo o trajecto da rua da Quitanda, então chamada – da Alagôa. Em 1812 ainda existia uma parte della, onde hoje é o «Banco Hypothecario de Campos,» terrenos que eram de Joaquim Vicente dos Reis. Depois das grandes chuvas as aguas ficavam ali retidas até que esverdeavam e iam depois de muito tempo seccando pela acção do sol.

LAGOA DO CORTUME (ou de Santa Iphigenia). Era um grande pantano em 1835, estendido «proximo» da cidade. Escrevemos e mettemos entre aspas a palavra – proximo – porque a ultima rua daquella zona era a rua dos Andradas. Não existia ainda a rua do Ouvidor, que desde a rua do Conselho foi feito dentro do leito da lagôa até proximo á rua Formosa. As ruas: Santa Iphigenia, Aquidaban e Conselho espadanavam-se nella pelos profundos peráus, e ella ia até perto da rua do Gaz.

O nome de «Cortume» adveiu-lhe de um cortume que existiu nas suas proximidades, pertencente a um tal Jeronimo, e depois foi de Raymundo de Miranda. Dahi chamal-a tambem – Lagôa do Raymundo – e com o passar a rua Ouvidor por sobre ella, intitularam-na em 1858 «lagôa da rua do Ouvidor,» assim tambem «lagôa do Rocio.» Por fim, com ser iniciadas as obras de construcção da Egreja de Santa Iphigenia, deram-lhe o nome da Santa.

Na quadra calamitosa do cholera-morbus, (de que trataremos adiante, no capitulo respectivo), muito cooperou para propagar o mal, pois, todo o bairro da cidade era dominado pela influencia dessas aguas apodrecidas e cheia de esterquilinios.

A Camara tentou esgottal-a mandando abrir uma valla para o Rio, mas por ser trabalho infructifero abandonou o tentamen. Já em 1847 procuraram esgottal-a pelas vallas divisorias das chacaras da viuva

de Domingos Ramos e Manoel Domingues Carneiro, lagôa de José Maria (rua 7 de Setembro-Rumo) valla de divisão do Dr. Jeronimo Pinto e corrego do José Fidelis. Em 1849 Domingos Gomes Barroso coadjuvava ao Engenheiro da Camara no aterro da lagôa, em toda a extensão da rua do Ouvidor e em 1854 as aguas das chuvas foram tantas que inundaram a rua do Ouvidor e Rocio.

Somente em 1858, em Março, foi que o activo e esforçado fiscal Francisco Dias Furtado, funccionario publico digno dos melhores encomios pela tenacidade com que se atirava aos serviços publicos, promoveu uma grande subscripção para atacar os serviços de aterro da praça do Rocio, e por esse modo conseguiu coadjuvar a Camara na metade dos dispendios, sahindo-se galhardamente do seu tentamen em prol da causa pública.

Em 1870 por deliberação de Fevereiro, da Camara, o Engenheiro-major Antonio Rodrigues Costa fez dessecar por meio de vallas, as aguas que estavam paradas na praça e circumvizinhanças, fazendo a escôação para o corrego de «Nossa Senhora».

Por contracto lavrado com a «Leopoldina Railway», em 9 de Junho de 1906, a Camara fez desapparecer totalmente os restantes da Lagoa de Santa Iphigenia, tendo a companhia ingleza feito despejar naquelles tremedáes dez mil metros cubiços de aterro, (7.500 metros cubicos de areia e 2.500 de terra,) na administração do prefeito Dr. Manoel Camillo Ferreira Landim.

Agora, graças ao espirito primoroso do Dr. Pereira Nunes, boa porção do leito da antiga Lagoa do Cortume são aléas e canteiros do vicejante Horto Municipal e optimo traçado da rua Oliveira Botelho.

ADMINISTRAÇÃO PUBLICA

Campos estaria presentemente muito mais desenvolvida si não fosse o pernicioso atrophiamento que lhe causa a politica na administração publica. No inicio da cidade, não era a politica local que tolhia o surto da communa, mas sim a politica do Governo Provincial, pois a administração municipal era uma cousa muito platonica: – tudo dependia do *placet* da Presidencia da Provincia, das controversias da Assembléa, e por vezes até das bôas graças da Coroa. Assim, si a Camara deliberava a abertura de uma rua, a desappropriação de um immovel, a alienação de um bem qualquer, se fazia mistér levar o facto ao conhecimento da Provincia para que o presidente resolvesse pró ou contra a deliberação municipal...

Addicione-se a isto mais a demora da correspondencia official, numa epoca em que o correio não dispunha de caminhos ferro-viarios; a solução de um projecto durava mezes, emperrando as iniciativas locaes.

O primeiro presidente da Camara Municipal quando surgiu a nossa cidadania foi o Rev° Pe. Manoel José Pereira Brados e dos demaes camaristas destacavam-se pela sua operosidade em prol da communa, em varias legislaturas: José Martins Pinheiro (depois Barão da Lagôa Dourada), cap. João Bernardo de Andrada e Almada, Dr. Francisco José Allypio, Bento Benedicto de Almeida Baptista, Padre Agostinho dos Santos, Thomaz Coelho de Almeida, Dr. Francisco Portella, Barão de Itaóca, Antonio Ribeiro Cardoso.

Pela exiguidade das rendas municipaes no exercicio 1835-1836, apenas foram feitos alguns aterros em ruas centraes, desappropriações

de alguns predios da margem do rio Parahyba e o prolongamento da rua do Sacramento, até a esquina da rua Formosa.

Naquelle tempo a maior parte dos impostos era arrecadada pela Provincia e pela Corôa, ficando a Municipalidade com uma insignificante arrecadação, a saber: encaixamento de assucar, talho, afilamentos, alvarás.

Tudo que de mais importante se fez e se faz em Campos é pelo ingente esforço da iniciativa particular.

Nos tempos modernos têm chefiados a Municipalidade homens de valor real, contudo já susjeitos ao despotismo da politica. Nos dias do Imperio era o degladiamento liberaes com conservadores; – nos dias da democracia é a balburdias dos credos politicos a tecerem uma urdidura complicada em que o Municipio ficou sempre emaranhado a se debater qual insecto em teia de aranhas.

Para não alongar estas considerações passamos a mencionar os presidentes da Camara e os prefeitos da epoca republicana, assim alguns dos seus feitos.

Logo que foi proclamada a Republica foi acclamado presidente do Municipio o Dr. Antonio Francisco Ribeiro, secretario Dr. Candido de Lacerda; em 10 de Janeiro de 1890 tomou posse da presidencia da Intendencia de Campos o *Dr. Mariano de Brito*, estimado clinico campista. Tinha sido presidente da ultima Camara do tempo monarchico o Dr. Affonso Peixoto de Abreu Lima, o qual sendo convidado a comparecer no Paço Municipal para o transmissão do governo não acceitou o convite. Na administração Mariano de Brito foram feitas pontes sobre o Canal nas ruas Saldanha Marinho e Gil de Goes, (reconstrucção) e abertura do final das ruas Dr. Miguel Heredia (até 7 de Setembro) e Sacramento (até Passeio Municipal).

O Dr. Manoel Gesteira Passos tambem presidiu a Intendencia em 1892, passando nesse mesmo anno a presidir o vice-presidente Antonio Ribeiro Cardoso.

Foi uma administração operosa, tendo feito calçamentos de trechos das ruas Ouvidor, Barão de Amazonas e Sacramento, assim a

abertura da rua 24 de Maio. Todavia foi mal succedida na questão que suscitou contra o Mosteiro de S. Bento.

Passaram pela presidencia da Camara mais os seguintes dirigentes:

Em 1901 a 1903 o *Dr. Benedicto Gonçalves Pereira Nunes*, que teve de lutar com varias epidemias e as consecutivas suspensões dos serviços de agua e esgoto; promoveu varias obras, dentre ellas o calçamento a parallelepipedos da Praça S. Salvador.

Em 1904 foi nomeado o primeiro prefeito, cuja escolha recahiu no Dr. Manoel Rodrigues Peixoto, que pouco tempo exerceu o cargo. Foi quem mandou collocar o grande repuxo da Praça.

Substituiu-lhe o *Dr. Manoel Camillo Ferreira Landim*, em 1905. Foi o prefeito que teve de arcar com as consequencias da grande enchente de 1906.

Em 1907-1908 esteve na prefeitura o coronel *João Antonio Tavares*; foi quem fez o prolongamento da rua Formosa até á rua Riachuelo.

Julio Feydit foi o prefeito de 1908-1909 e o *Dr. José Nunes de Siqueira* geriu os negocios, publicos bem como o Dr. Abreu Lima. Foi uma phase muito difficil para o municipio.

Em 1911 entrou para a Prefeitura o *Dr. João Maria da Costa*, que desenvolveu muita actividade e cooperou para o urbanismo da cidade: ruas alargadas, reconstrucção da Egreja da Boa Morte com grande recuo, rectificação da estrada do Capão, e muitas outras obras.

Em 1914 occupou a Prefeitura o *Dr. Luiz Sobral*. Contrahindo um emprestimo fez grandes melhoramentos na cidade, taes como o Novo Mercado, o Matadouro Modelo, o Triturador, fechamento com muros de granito de toda a área do Cemiterio Publico, introduzindo neste melhoramentos, calçamento a parallelepipedos da rua 15 desde a rua Rocha Leão até ao Isolamento, alargamento da rua Formosa com a custosa desappropriação do Theatro São Salvador, macadamisação da estrada S. Gonçalo (hoje Boulevard 24 de Outubro.)

Depois de ter occupado temporariamente a prefeitura os presidentes da Camara: Coronel João Pache de Faria, Dr. Luiz Antonio Ferreira Tinoco e Dr. Cesar Nascentes Tinoco, voltou a dirigir o

Municipio o Dr. Sobral em 1920 a 1924 e nos dez primeiros mezes de 1930, sendo apeiado do governo municipal pela Revolução.

Em Maio de 1924 entrou para a Prefeitura o infatigavel e operosissimo prefeito *José Bruno de Azevedo*. Homem do commercio, contabilista consummado, Bruno imprimiu na cousa pública tal orientação que, recebendo a Municipalidade crivada de dividas, dentro de poucos mezes levantou bem alto o credito do Municipio e quando deixou o cargo, não obstante as varias e custosas obras que emprehendeu, entregou ainda ao seu successor a Prefeitura com pequeno saldo.

Novamente na direcção do municipio o *Dr. Benedicto Pereira Nunes*, fez apreciaveis obras, taes como os calçamentos a parallelepipedos das grandes avenidas: S. Bento e 13 de Maio, pavimentação da rua dos Goytacazes, abertura do prolongamento da rua Dr. Oliveira Botelho e o magnifico Horto Municipal que vem prestando muitos beneficios á cidade.

A Revolução de 30 collocou por alguns dias na Prefeitura o *Major Gweyr de Azevedo*, tendo em Dezembro de 1930 occupado o lugar de prefeito, o operosissimo e intelligente *Dr. Oswaldo Cardoso de Mello* que se mostrou um habil e perfeito urbanista. Melhorou a Praça S. Salvador, promoveu o calçamento das ruas Salvador Corrêa e Voluntarios da Patria, provocou a remodelação do centro commercial, e isto dentro de poucos meses!

Em 1931 foi substituido pelo *Dr. Silvio Bastos Tavares* que proseguiu com muita diligencia no programma administrativo do seu antecessor, e passou o gaverno ao *Dr. Francisco da Costa Nunes*, que fez obras de urbanismo e cuidou do systema rodoviario do Municipio, continuando ainda a construcção de rodovias importantes que muito servirão para o engrandecimento de Campos.

A ILLUMINAÇÃO
(PUBLICA E PARTICULAR)

«A bella tentativa de Campos marcará epoca na historia do emprego da electricidade.» – «Campos, cidade da Luz.» (Do "Jornal do Commercio")

Vimos já o que era Campos, em suas ruasinhas, ao nascer a cidade; vamos agora observar as etapas da sua illuminação, quer a pública, quer a privada

O AZEITE DE PEIXE. – Em 1835 imperava nos candieiros o azeite de peixe, com suas bôrras, suas torcidas e suas fumaradas. Então o inglez Spittle, o allemão Zulchner mais o Rockert ainda não tinham montadas suas casas para a venda de lampeões de kerosene; porisso, em Junho de 1838 Justino de Sá Vianna contractou com a Camara, pelo prazo de um anno, o serviço da illuminação publica, fazendo accender os 74 lampeões de azeite, – «desde ás 7 horas da noite até 1 hora da madrugada nos mezes de Abril a Setembro e das 8 horas da noite nos demais mezes, *isto quando não houver luar.*» Os 2 lampeões da Cadeia ficavam accesos toda a noite.

Em 1840 o arrematante do serviço de illuminação foi José Gesteira Passos, pae do conhecido advogado Gesteira Passos, e em 1841 encarregou-se de fazer luz nos lampeões das ruas o cidadão Manoel Francisco Dias, pelo preço de 5:800$000. Devemos apressar em dizer que tal illuminação era a dôr de cabeça da vereança. Em Janeiro de 1839 o Procurador reclamou em sessão quanto a desorganização do serviço de

luz, profligando que o descaso era tal "que ás 10 horas muitos lampeões já se encontravam apagados por falta do azeite que os alimentasse". Extinguindo em Julho daquele anno o respectivo contracto, a cidade, (como nos tempos do celeberrimo Vivaldi) ficou immersa em trévas, – e para não perdurar por mais tempo tal anomalia, o vereador Conego João Carlos Monteiro propoz que tal serviço ficasse a cargo do Procurador até que fosse celebrado novo contracto de accordo com o orçamento.

Foi por aquelle tempo que o infatigavel vereador José Francisco Vianna, (gósto muito de elogiar os administradores bons e activos,) fez a seguinte indicação. – «Por uma experiencia *que fiz* no lampião collocado na Praça principal esquina da rua Nova do Ouvidor, (onde hoje é o "ponto" dos freguezes do "Café Java"), de que a luz dos lampeões *é turva geralmente por causa da qualidade do azeite e grossura das torcidas*... bem como pela sujura dos vidros e estreiteza dos respiradouros, – proponho que o Procurador purifique o azeite lançando nas vazilhas com um pouco de argilla, empregando torcidas de fio de algodão mais finas e que os buracos dos bicos dos candieiros sejam maiores e os bicos dos candieiros sejam de algodão e não de panno como se praticam actualmente, devendo limpar melhor os vidros e alargar os respiradouros dos lampeões, e para que se accendam impreterivelmente ao menos até ás 7 horas da noite.»

Isso, certamente teria cahido no agrado dos demaes circumspectos vereadores, pelo que, é de se conceber, não seriam poucas as gostosas pitadas do melhor «Paulo Cordeiro» que teriam denunciado a satisfação e approvação de cada um daquelles venerandos e ponderados dirigentes da Communa.

Pelo que consta da acta de 9 de Dezembro de 1839 ficou assentado que o azeite para illuminação fosse purificado com argilla ou fervido com um pouco de farinha de trigo. Apezar de turva e «fumarenta», nem assim deixavam os archaicos lampeões dos nossos avós de incommodar aos amigos... das trévas, (como ainda succede); ao ponto de commetterem a baixesa moral, a perfidia, ou antes a boçalidade de se fazerem destruidores das inoffensivas e placidas torcidas azeitadas... Já em 1841, apezar das severas e estridulas badaladas do «toque de recolher»

de que ainda trataremos, havia notivagos desalmados, cabeças vazias de senso e talvez empanturradas de malicia, quiçá almas criminosas que procuravam encobrir as infamias e negruras do proprio espirito, com as brumas que fabricavam ao damnificarem a luz publica, o que determinou as providencias da Camara, recomendando ao seu Procurador fizesse altear os lampeões em esteios cuja altura impedisse «ser alcançada pelos cavalleiros e carroceiros em cima dos carros» (Off. de 7 de Janeiro).

GAZ HYDROGENIO. – Em 1850, pelo mez de Janeiro, Carlos Perret Gentil, empresario e proprietario do Gaz Hydrogenio liquido, pediu á Camara certificasse si a sua fabrica era de utilidade pública e si merecia a proteção dos poderes de Estado para poder ser montada em mais alta escala.

Foi então que o povo campista começou a deixar para um canto os pavios, as candeias de azeite e alheiando-se das vellas de sebo, industria da tia Sabina e da gordalhuda «Sá – Figenia.»

Mesmo introduzido entre nossa gente o gaz de illuminação em forma liquida, continuava a illuminação publica ser a mesma e até se lhe augmentou mais 10 lampeões em Janeiro de 1851: – na rua do Frade esquina da do Cabral; na ponte das Cóvas d'Areia; na rua do Sacramento esquina da do Cabral; na rua do Conselho esq. da do Ouvidor e outro no cotovêlo entre as esquinas Sacramento e Alecrim; no porto do Genipapo (onde hoje está a Cadeia); na rua da Boa Morte esq. da Detraz da Matriz); na rua Beira Rio esq. da da Jaca e outro fronteiro ao alambique de D. Maria Maciel: e na rua da Constituição.

Em 1854 se convenceu a vereança de que não mais devia ficar a lambusar-se naquelle systema de azeite de peixe, porisso publicou edital e foi arrematado por Manoel Francisco Dias e José de Brito Ribeiro o serviço de illuminação pública, por treis contos annuaes, empregando o gaz hydrogenio liquido, com 75 lampeões, cuja illuminação começou a 1°. de Março.

O gaz foi invenção do francez Philipe le Bom approveitado pelo inglez Winson; em Maio de 1854 o «Monitor Campista» concitava a população para usar o gaz da fabrica montada por Samuel Henssler, na rua Beira Rio – «substituindo por elle as «vellas de espermacete e os

morrões de fumarentas lampadas de malcheiroso e nauseabundo azeite.»

Dahi lembrar-se alguem de publicar então estes versos:

"Chorae, gentes do regresso,
Das fivellas e dos calções;
Chorae com todas as véras
A morte dos lampiões!

Agora, mais não se pescam
Baleias nem tubarões
Findou-se o azeite de peixe
A morte dos lampiões!»

A illuminação publica ficou sendo distribuida, em 1858 por 90 lampeões.

LUZ ELECTRICA. Em 15 de Setembro de 1860 foi exhibida pela primeira vez em Campos a – luz electrica, – então produzida por Francisco de Paula Bellido, em uma columna onde accendeu um facho por meio de 40 pilhas, isso por occasião dos festejos organizados pelos artistas campistas para commemorar a terminação da guerra do Paraguay.

Reproduzamos aqui o que disse a respeito o jornal «A Regeneração»; – «O sr. Francisco de Paula Bellido apresentou pelas oito horas da noite a luz electrica aos olhos maravilhados da população desta cidade, que admirava um dos mais curiosos phenomenos da physica moderna. A luz electrica produzida por uma pilha de Bausin, com 60 elementos de grande modelo, satisfez completamente a expectativa.»

Era a predestinação de Campos que se iniciava, no patentear-se a pioneira da electricidade, a terra progressista que na America do Sul tomaria a frente de todas as cidades, conforme annotaremos mais adiante.

O KEROSENE – Em 1864 penetrou victorioso em Campos o petroleo, para, com gaz, escurraçar o azeite das lamparinas e o sebo dos castiçáes. No anno seguinte a illuminação publica passou a ser feita com o emprego do Kerozene e com 90 lampeões, pelo emprezario Manoel Francisco Dias, que iniciou seu serviço em 9 de Agosto.

GAZ CORRENTE – Na sessão da Camara em 9 de Julho de 1865 a commissão nomeada para dar parecer acerca da illuminação publica a gaz corrente, tendo com relator o Dr. Manoel José de Lacerda Francoso declara ser então *inexequivel* a illuminação a gaz corrente, pelas seguintes razões:

«A cidade tinha 7.800 braças de ruas, vindo a necessitar de 559 lampeões para ser collocados á distancia de 14 braças como no Rio de Janeiro, e faltavam recursos para essa despesa; mas dado que se reduzisse para 300 lampeões, viria a ter a despesa de 20:880$.»

Não obstante esse parecer desconcertante, o dr. Gregorio Pereira de Miranda Pinto na sessão de 19 de Março de 1867 formulou novo projecto de illuminação a gaz, para a parte central e commercial da cidade, isto é, – Beira Rio desde S. Bento até á porta da egreja da Lapa, e do espaço limitado pela praça de S. Salvador, rua Detraz da Matriz, desde a dita praça até Rua do Sacramento, por esta até a rua Formosa, seguindo pela Formosa até a rua Direita; desta desde o canto do Theatro até a rua do Conselho e por esta até á rua dos Andradas e seguindo finalmente até a Beira Rio.

A arrematação do serviço, estabelecimento da fabrica e 100 lampeões seriam feitos, e a illuminação do restante da cidade ficaria com lampeões de kerozene.» A proposta foi approvada porem ficou sem andamento e continuava a illuminação publica com preponderancia do kerozene. Por esse tempo Guilhermino de Sá Vianna, um bom velho latoeiro ali da rua Direita perto do collegio do Cornelio, e que nas epocas carnavalescas fabricava e vendia a dois cruzados e a trez patacas seringas de folha para o jogo do entrudo, – era um "fanatico" pelos lampeões de petroleo, tanto que annunciava possuir "um variado sortimento," que alugava para as egrejas e festas. Conheci-o sempre ás voltas com seu grande lenço de assoar e com os seus lampeões, contractante que era da illuminação do velho Theatro S. Salvador, (pelos annos 1886-1890).

Por que já houvesse experiencias do gaz corrente no Rio de Janeiro em 1854, para a illuminação publica, começando a Corte a ser illuminada pelo novo systema desde 25 de Março, – veio a Campos em Novembro de 1869 Thomaz Dutton Junior, que havia dois annos entabolava negociações

com a Camara, contractou o serviço, e tratou de executar os preliminares trabalhos de assentamento do gazometro e canalisação subterranea.

Em data de 18 de Novembro Dutton oficiou á Câmara, dizendo que – "o local mais conveniente para o estabelecimento do Gazometro era a chacara que foi do finado Manoel Domingos Carneiro, á Beira-Rio e logo abaixo da egreja da Lapa, e submettia á apreciação da Camara o local, pedindo a sua desappropriação.» Porem em Julho de 1871 foi escolhido outro local, sendo adquirido terrenos dos herdeiros de Antonio Joaquim de Faria, na Lapa, porem afastado da beira-rio, pois não fôra possivel adquirir-se o da propriedade da viuva Rachel Carneiro, anteriormente visado.

Foi então que se tratou de abrir a rua dos Goytacazes, a que o povo ficou chamando, até agora, – Rua do Gaz.

Em Maio a "Campos Gaz Company" annunciava que faria a inauguração da luz em 1° de Janeiro de 1872, tendo seu escriptorio na rua Direita canto da rua das Flores. Contudo sómente em 8 de Janeiro foram começados os trabalhos de assentamento da canalização, e o edificio da fabrica era construido pela firma Corrêa, Chrispim & Carvalho, constituida pelos architectos José Corrêa Fernandes, Chrispim Corrêa da Silva e Francisco de Carvalho.

A 7 de Setembro de 1872 foi feita a inauguração. Era gerente da fabrica Thomaz E. Greenhalgh.

Em 10 de Janeiro de 1876 a directoria da Companhia, da qual era então presidente Clement H. Wilmont, convocou os accionistas para resolverem sobre a venda ou liquidação da mesma. Foi então que Thomaz Dutton Junior e o Barão da Lagôa Dourada tomaram a si a empresa, a qual não prosperou, tanto que em Novembro o leiloeiro Manoel Francisco de Carvalho annunciava levar em leilão a massa fallida da Companhia; o leilão não foi levado a effeito porque suscitaram dúvidas nos licitantes.

A Camara rescindiu o contracto com Dutton, em Novembro de 1877 e contractou a illuminação publica com Guilherme Scully, que em 1881 importou o material necessario á sua fábrica.

De insucesso a insucesso, a empresa via o gaz lutar com o seu antagonista, o kerozene, ficando stoicamente na gerencia o mui popular «Adão do Gaz» (Adão Alves da Costa Guimarães).

Pouco durou o contracto da Camara com Scully, pois, já em Março de 1882 a Camara entrando em desintelligencia com aquelle contractante, abriu concurrencia para a arrematação da illuminação publica a kerozene...

E foi no mais acceso desse duello do gaz corrente *versus* gaz petroleo que pizou na arena a vencedora:

LUZ ELECTRICA. – Presidia a Camara Municipal em 1882 o benemerito cidadão Dr. Francisco Portella, quando, na sessão de 16 de Fevereiro fez uma suscinta e orientadora exposição acerca dos gastos com a illuminação publica a gaz e a kerozene, mostrando que attingiam a 28:336$000 mensaes e a urgencia da Camara em tomar providencias para esquivar-se a tão alta despesa da illuminação, por meio de electricidade pelo systema de Brusch, que elle propoz. E continuou:

«Para levar a effeito o projecto da illuminação electrica, depois de bem estudada por mim a materia, venho propôr á Câmara as medidas necessarias, baseadas nos cálculos feitos no maximo das despesas – As despesas segundo os preços da Brusch Electric Company, – machina motora dymnamica, acessorios, assentamento, 11,530.00 dolares (31:980$200); custeamento de lampeões, por anno, carvões, pessoal, oleo, etc., 12:000$000, em vez dos 28:336$000 da illuminação a gaz e kerozene.

José Beal se propoz fazer a illuminação por 12:000$000 mandando vir a apparelhagem do seu paiz, Estados Unidos.

Na edição de 4 de Maio de 1882 o «Monitor Campista» publicou:

«Na exposição especial que se fez em Paris, foi reconhecido pelas mais competentes autoridades nesta materia, não só que a luz de Brusch era inteiramente propria para a illuminação publica como nenhum outro systema se lhe avantajava para esse fim. É pois um verdadeiro motivo de satisfação para nós, que *Campos seja a primeira cidade* que adoptou esse admiravel systema de illuminação publica, adeantando-se a outras do Imperio.»

Na noite desse mesmo dia em que a imprensa enaltecia a superioridade da luz electrica, Campos ficou immersa nas trévas, – uma pequenina manifestação de despeito... pois, por determinação do proprietario Scully, o gerente Adão Alves Guimarães não quiz fazer accender a illuminação publica.

É que Campos nunca teve sorte com Scullys e Vivaldis.

Em 8 de Junho de 1882 foi apresentado á Câmara uma proposta de Dr. Manoel Francisco de Oliveira, Joaquim Jorge Alves e Francisco José Rodrigues de Carvalho para illuminarem a cidade por meio da electricidade e por 20 contos annuaes. Na sessão de 23 de Novembro foi lido um requerimento de Alves, Carvalho & Oliveira pedindo prorrogação do prazo para estabelecer a illuminação, até Abril de 1883.

Veio a Campos, em Abril de 1883 Pedro Kurezyne, agente da «Brusch Eletric Light Company» para assistir a experiencia publica que se realisou no dia 26, pelas 6 horas da tarde, no poste da rua do Ouvidor, com uma lampada de 2.000 vellas.

Em 4 de Maio fizeram a segunda experiencia em 4 póstes da Praça S. Salvador e rua D. Pedro II, entre Ouvidor e Quitanda, havendo grande regosijo no povo que, em massa compacta naqueles logares, notadamente na Praça, assistia radiante o estupendo acontecimento. Em 2 de Junho foi feita a primeira experiencia com lampadas de 50 vellas na illuminação domiciliaria.

Escolhido o dia de S. João (24 de Junho de 1883) para a inauguração da luz electrica, foi convidado para assistil-a Sua Magestade o Imperador, que veiu com a Imperatriz viajando por S. Fidelis, chegando pela manhã daquelle dia a bordo do vapor «Agente.»

Na comitiva de S. S. Magestades Imperiaes vieram: o ministro da Agricultura, o Presidente da Provincia, Cons. Bernardo Avelino Gavião Peixoto, e representantes da imprensa da Côrte.

O Dr. Olympio Joaquim da Silva Pinto, então Presidente da Camara, saudou ao monarcha no seu desembarque, occorrido do porto da Banca, tendo o Imperador e sua comitiva feito a pé o trajecto da rua Beira Rio, Quitanda e 7 de Setembro até á Matriz onde foi fazer sua

oração, finda a qual, foi hospedar-se no palacete do barão de Santa Rita, na rua Sete, onde é hoje o Banco de Minas.

A tarde foi assistir as corridas no «Jochey-Club,» (no Becco, esquina da estrada do Capão), e ás 7 horas da noite foi á Estação da Luz Electrica, onde, depois de examinar a «planta», fechou a corrente electrica para fazer luz na cidade.

Espirito progressista, D. Pedro II, com a melhor vontade, quiz tomar parte nesta explosão de progresso organisada pelos Campistas.

A posteação da luz era com grandes mastros de 10 metros providos de ganchos de ferro por onde subiam os encarregados da substituição de carvões, e as lampadas eram possantes holophotes que projectavam claridade de um quarteirão a outro; os postes ficavam nos cruzamentos das ruas.

O Club de Engenharia, do Rio, tratando em sua sessão do acontecimento campista que então fazia convergir para a cidade de Campos a attenção geral de todo o Paiz, no parecer que apresentou assim se expressou: «Felizmente entre nós, para que o Brasil desta vez não se deixasse ficar no ról das nações semibarbaras, como por vezes nos soe acontecer, A IMTRÉPIDA CIDADE DE CAMPOS, SEMPRE DAS PRIMEIRAS NO CAMINHO DO PROGRESSO, acaba de contractar a sua illuminação por electricidade pelo systema Brusch. E é de esperar que esta grande Capital (a Côrte) que ora gosa da vantagem de não achar-se prêsa por contracto algum de illuminação *siga o exemplo de Campos*, estabelecendo leal e franca concurrencia para a illuminação pública por electricidade.»

Como é facilmente concebivel, a inauguração de luz electrica foi feita com os mais estrondosos festejos, visto que o regosijo popular espoucava por toda a parte, celebrando o facto que celebrisou mais a mais a Terra Campista.

Uma commissão popular superintendia com muita diligencia e perfeito bairrismo a 25 sub-commissões de festejos, formada pelos conspicuos cidadãos: Emilio Feydit, José Narciso Dias Teixeira de Queiroz, Dr. Domingos de Alvarenga Pinto, Manoel Francisco de

Carvalho e João Francisco Ribeiro. A cidade ficou completamente engalanada, e os arcos e festões superabundavam por todas as ruas.

O Club de Engenharia enviou a Campos uma comissão composta dos Srs. Dr. Aarão Reis e Dr. Joseph Linch.

D. Pedro II externou então a sua predilecção por Campos.

A Empresa da Luz Electrica tinha como comanditarios os seguintes benemeritos cidadãos que muito honraram a nossa terra: – Dr. Francisco Portella (o grande agitador da idéa), Dr. José Corrêa Fernandes, João Vigné, José Francisco Martins Guimarães, Dr. Chrysantho Leite de Miranda Sá, Jos Beal, Dr. Manoel Francisco Póvoa Ferreira, Dr. Feliciano Manhães Pimenta Barreto, Manoel Gomes Pínto de Alvarenga, Francisco José Ribeiro de Barros, Virgilio Barreto de Azevedo, Emilio Feydit, Dr. Manoel Rodrigues Peixoto, Dr. José do Canto Coutinho, Balthazar Rangel Coutinho Baptista, João Alvarenga, Attilla de Alvarenga, D. Maria Jorge Leite Rangel, João Francisco Ribeiro, João José de Sampaio, Vasconcellos & Lima, José Feydit Filho.

Os primeiros predios em que se installou a luz electrica nesta cidade foram os de Manoel Duarte & Carneiro e de Antonio Leite de Freitas Guimarães.

Como succede a tudo que é bom e justo, não foi sem a lucta de jugular dificuldades e vencer opposições que se firmou a ideia de dotar Campos com o beneficio da luz electrica: – o Dr. Portella, espirito superior e combativo em apresentando pela primeira vez a sua ideia no recinto da Camara, nem por ver sua proposta unanimemente approvada pelos seus pares, deixou de passar pelas refregas da luta com as opiniões que alimentavam propositos inconfessaveis por verem seus interesses pessoaes contrariados.

Como tudo que é bom e justo, triumphou a causa, – Campos irradiou sua influencia e sua fama tal qual a electricidade irradia sua luz e potencialidade, – tanto que, para logo Recife maravilhada com a licção de progresso ministrada por Campos tres mezes depois experimentava a illuminação electrica, e em Outubro, tambem a Paulicéa imitava a terra dos Goytacazes.

Das cidades fluminenses a primeira que seguiu a arrojada iniciativa dos campistas foi Parahyba do Sul, tendo a Camara daquelle municipio solicitado da nossa as informações acerca do então novo systema de illuminação publica, resolvendo adoptal-o. A seguir Valença adopta o bom exemplo, e por fim a Côrte a incomparavel cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, que a 17 de Janeiro de 1884 iniciou o moderno systema illuminativo, em Villa Izabel.

O circumspecto e sobrio «Jornal do Commercio» quando noticiou a inauguração da luz electrica em Campos, publicou as seguintes linhas: – «Já tiveram noticias os nossos leitores de haver dado resultado satisfactorio a experiencia definitiva da illuminação da Cidade de Campos por meio da luz electrica. Assim corresponda o serviço permanente ás esperanças e aos votos que devemos todos fazer pelo bom exito da *esclarecida iniciativa da municipalidade campista*.

«Ao prospero municipio de Campos caberá a honra de ter sido o primeiro no Brasil e utilisar a electricidade na illuminação de uma cidade. Esse arrojado commetimento a que não foi obstaculo a indifferença incredula com que era para ser recebida a noticia do projecto, será certamente lembrado no futuro como padrão de amor do progresso e da confiança nas conquistas da sciencia. Dia virá em que o systema empregado em 1883 na cidade de Campos parecerá tão rudimentar quanto nos parece hoje memoravel experiencia pela qual H. Davey, ha 53 annos, produziu pela primeira vez a nova luz, sob a forma de arco voltaico, com sua enorme pilha de 2.000 elementos. Sejam quaes forem, porem, os progressos da luz electrica, a bella tentativa de Campos MARCARÁ EPOCA NA HISTORIA do emprego da electricidade.»

Nos fins do anno de 1884 o commercio foi adoptando nas suas lojas a luz electrica.

Em 1890 João José Nunes de Carvalho e Carlos Duarte da Cruz aos 20 de Setembro assignaram termo de obrigação na Camara «para o estabelecimento de uma empresa para fornecer electricidade, com o titulo – Empresa Luz e Força.

O primeiro predio em que foi installada a *força electrica*, foi o da redação do «Monitor Campista,» na rua Direita, para o accionamento da maquina impressora, em 11 de Janeiro de 1891, installação de Carlos Dias da Cruz e Antonio Barroso. A experiencia despertou muita curiosidade no publico, porisso que naquelle dia e nos successivos a redação do grande orgão foi muito visitada, afim de ser apreciado o trabalho motriz electrico.

Por escriptura de 19 de Junho de 1891 foram vendidos todos os materiaes da empresa "Luz Electrica de Campos" á «Companhia Alto-Parahyba» com todos os direitos adquiridos por contractos, a qual adquiriu tambem a «Empresa Telephonica» e a «Companhia Ferro Carril», assignando termo para a exploração desses serviços em 3 de Agosto do mesmo anno.

Em 1892, na sessão da Intendencia, de 15 de Janeiro o intendente Julio Feydit propoz a nomeação de uma commissão para se entender com o director da Fabrica do Gaz no sentido de *ser restabelecida* a illuminação publica por gaz...

Felizmente não chegamos a commeter tal retrogradação, pois a luz electrica, boa ou má, ainda não póde encontrar melhor competidora e nem era curial empanar-se a gloria do Dr. Francisco Portella e do Dr. Manoel Francisco de Oliveira, – quiçá a gloria de Campos.

A primeira vez que Campos ficou em falta de illuminação por desarranjo no piston do motor foi nas noites de 10 e 11 de Junho de 1901.

Em 1° de Junho de 1912 J. G. Boesch e Arthur Duarte Pinto assignaram com o prefeito Dr. João Maria da Costa um instrumento de novação de contracto, concessão de serviços de luz, força e telephones, com o praso de 60 anos concessão essa que foi transferida por contracto de 13 de Agosto de 1914, á Companhia Brasileira T. L. F., assignando-o o Dr. Caio de Carvalho e Domingos Teixeira da Cunha Louzada.

Na gestão do sr. Bruno de Azevedo os serviços de força, luz e telephones foram encampados pela Municipalidade, sendo depois transferidos para o Governo Estadoal, na gestão do Dr. Pereira Nunes, em 1928, em virtude da Deliberação n°. 351 de 7 de Março.

A VIAÇÃO EM CAMPOS

No principio da cidade não existiam como meios de viação os vapores fluviaes e apenas para locomoção se dispunha dos carroções de bois. Na viação urbana uma ou outra caleche. Havia viagens por terra na lombada dos cavallos ou pelo mar sujeitas aos imprevistos das ressacas e perigos dos baixios de S. Thomé.

Vamos vêr tudo isso por partes.

Tudo neste livro toma a sua selecção e ordem chronologica, por vezes até a ordem alphabetica, (no encarreirar dos nomes), porisso que tivemos a attenção sempre voltada para tal organisação, afim de que tudo ficasse methodicamente narrado, bem registrado, e assim facilitar aos leitores nas consultas dos assumptos que melhor lhes interessarem. Os leitores, pelas paginas anteriores já terão reparado bem o encarreirar dos factos.

Chegou agora a vez da viação antiga. Deviamos tratar em primeiro logar da viação terrestre que era a unica que existia no inicio da cidade, a não ser as barcas e canôas do transporte fluvial; entretanto vamos cuidar da viação fluvial e maritima, deixando aquelle assumpto para quando descrevermos o estabelecimento das estradas ferroviarias.

VIAÇÃO FLUVIAL – Até 1851, isto é, até ao decimo sexto anno da cidade, não existia em Campos nenhuma navegação a vapor. Foi o inglez Alexandre Davidson quem aqui primeiro pensou nisso, e requereu á Camara privilegio para construir uma barca a vapor.

Alguns vereadores retrogrados (cujos nomes aqui escondemos), foram desfavoraveis á pretensão do inglez, – "porque o vapor *faria afugentar os peixes*... e traria inconvenientes á navegação a remos"!… Taes camaristas

em nada se mostraram possuidores do caracteristico dos campistas...

Todavia a Camara não se deixou vencer por aquelles derrotistas, e foi favoravel a Davidson, visto que a sua maioria tinha mais amor ao progresso que ás rabadas dos peixes...

A 20 de Junho de 1852 viu-se a primeira carreira de embarcação a vapor em Campos, sendo dado ao vapor o nome de "*Goytacaz*", o qual fez seu primeiro trajecto de experiencia até á cidade de S. João da Barra. Davidson tinha sua officina na Coroinha, (Fundão).

No dia 22 o vapor partiu novamente para a fóz do Parahyba com o mestre de bordo Mannoel João Cardoso.

Em 1853 Davidson construiu outro vapor, de maiores proporções, a que deu o nome de "*Rainha do Parahyba*". No dia 11 de Janeiro de 1854 deu-se uma terrível explosão nesse vapor ao regressar de S. João da Barra, ficando o inglez e dous empregados bastante queimados e feridos, tendo morrido um menino e o machinista João. O vapor submergiu no Fundão.

No mesmo anno de 1854 foi constituida a "*Companhia Macahé e Campos*" que tinha seus vaporsinhos para tomar passageiros nos portos da Banca e da Cadeia, e conduzil-os até á bordo dos vapores que partiam do porto de S. João da Barra para a Corte. Esses vaporsinhos chamavam: "Goytacaz", "Machaense" e "Diligente", sendo Antonio José Pereira Codeço Filho o agente nesta cidade, passando depois a ser José Alves da Torre.

No anno seguinte organisaram outra companhia com o nome de "*União Campista-Fidelista*", com o capital de 250 contos. Foram seus instituidores: Antonio Rodrigues Fluminense, Antonio Alves de Almeida Pereira, Antonio Luiz Ferreira Pinto, Candido Francisco Vianna, Isidro Antonio de Passos, José Bento de Araujo, José Martins Pinheiro, José Ribeiro de Castro, João Caldas Vianna Filho, José Cardoso Moreira e José Ribeiro de Meirelles. Os seus vapores eram: – "Ceres", "Hermes" (que naufragou), "Galgo", "Cachoeiro", "União", "Murihaé".

As duas companhias se fizeram rivaes e disputavam as preferencias dos viajantes.

ESTALEIRO – Na sessão da Camara, de 9 de Julho de 1855 foi concedida licença a Joaquim Francisco Simões para o estabelecimento d'um estaleiro para feitura e concertos de embarcações, o qual foi construido no primeiro porto abaixo da Lapa. Também José Luiz da Silva teve um estaleiro onde construiu em Maio de 1870 a lancha "S. João Baptista", de propriedade de João Gastambide.

Foi a 25 de Março de 1870 que teve logar a primeira viagem de vapor para S. Fidelis, com o vapor «Goytacaz.»

Nem sempre corriam placidas as viagens fluviaes e maritimas, tanto que, alem da citada explosão da «Rainha do Parahyba», sossobrou no Fundão em 1855 o vapor «Flor do Parahyba»; em 16 de Outubro de 1857 o patacho «Jovem Adelina», assim os vapores «Hermes» e «Goytacaz», cujos grandes sinistros narraremos adiante minuciosamente.

Os vapores nem sempre podiam sahir ou entrar na barra nos dias marcados, pois muito dependiam elles das marés da lua cheia... ficando por vezes retidos dois ou mais dias.

Tambem a travessia em Guarulhos era bem difficil até 1846. Na sessão de Junho de 1833 o vereador José Fernandes da Costa Pereira reclamou providencias urgentes – «para manter a tranquilidade e segurança, saúde e commodidade dos habitantes em relação á travessia do Rio Parahyba, de Guarulhos para a cidade, tendo unicamente uma canôa arrombada na prôa, navegada por dois escravos ignorantes, a qual apenas com muito risco podia conduzir 3 ou 4 pessoas, resultando deste desleixo grande incommodo e sacrificio dos habitantes». Isso provocou a iniciativa que se tomou de ser officiado ao Collector das Rendas Publicas para que tomasse immediatas providencias.

Em 1878 foi organisada a «*Companhia Martima e Fluvial S. João da Barra e Campos*», pelo mes de Novembro, tendo por primeiros dirigentes: Manoel Felisberto da Silva, Manoel José Nunes Teixeira e Manoel Antonio de Oliveira Cruz. O agente em Campos era José Alves da Torre e em 1888 passou a ser Joaquim Silvino Carrazedo.

Tambem em Agosto de 1886 Thompson, Black & C. construiram um vaporsinho «*Santa Rosa*» para viagens pelo rio Murihaé.

BARCA-PENDULA – Como vimos, linhas atraz, a travessia para Guarulhos não era facil, e essa circunstamcia fez que o francez Jules Lambert se abalançasse á empresa de construir uma «*ponte-volante*» para o transporte de passageiros, cargas e animaes da cidade para Guarulhos e vice-versa. Obtida a concessão Lambert fez trafegar a sua *barca-pendula* pela primeira vez no dia 2 de Julho de 1846. A barca-pendula era impellida pela correnteza e achava-se ligada ao cabo que se prendia a uma lancha.

Partia do porto fronteiro á rua Cercado Furtado, por isso denominado – o porto da Lancha, – e aportava no fronteiro, que em Guarulhos ainda existe junto á Ponte, e era chamado – «Porto da Passagem».

A inauguração desse serviço fluvial foi muito festiva e encheu de regosijo ao povo, porque assim cessaria o penoso e difficli transporte dos productos das fertilissimas zonas do Murihaé e de Carangola, os riscos das boiadas que atravessavam até então a nado, e os cavalleiros tinham de se apesar, tomar uma canôa e por essa puxar o seu cavallo a nado; nenhuma carruagem ou vehiculo podia transpor o rio. Tudo isso foi sanado com a construcção da barca de gaulez Lambert.

Como corollario de bem comprehensivel despeito, as tripulações das canôas e barcas de velas não puderam se alehiar á ogerisa pela barca-pendula que lhes fazia forte e insuperavel concurrencia... por isso procuravam sempre causar á embarcação do francez as avarias e prejuisos que pudessem fazer sem responsabilidades.

Em 1° de Fevereiro de 1850 a Camara approvou a seguinte postura:

«1.ª O ancoradouro da Barca-pendula será ao lado da Cidade, no porto da *Lanxa* (conservamos a graphia), onde se conservará sempre que não estiver em viagem, podendo se demorar na margem do Norte do Parahyba unicamente o tempo necessario para desembarcar e embarcar as cargas e passageiros que tiver de conduzir. As violações desta postura serão punidas com a multa de 4$000 e prisão até 3 dias que será imposta ao mestre da Barca.

2.ª O proprietario da Barca é obrigado a conservar desde a Ave-Maria até a meia-noite dois lampeões com luz, um collocado na Barca, e outro na lanxa a que se acha presa a corrente de ferro de amarração.

Esses lampiões terão vidro de côr distinta para serem reconhecidos e differençadas ao longe das outras luzes da illuminação da Cidade. A falta de luz em qualquer desses logares mencionados, penas de 8$000 de multa e prizão até 6 dias.» Deixamos de transcrever os demais capitulos da postura, por prolixos e desinteressantes, fazendo, por remate, a 7.ª postura: «Nos casos das posturas antecedentes, os violadores poderão ser condusidos logo presos a presença da authoridade policial, como em flangrante, ou para serem retidos na Cadeia, caso sejam desconhecidos, ou para se proceder aos competentes autos e ter logar a imposição das penas. A pena de prisão dos que forem escravos poderá ser substituida pela authoridade competente *na razão de 25 açoites* por cada dia de prizão... convindo nisso seus senhores»...

Em 1855 o emprezario da Barca avisou, aos 9 de Outubro, que para não expôr os passageiros ao *perigo do sereno*, (era a epoca horrorosa do «cholera»), a barca desde então não trabalharia senão até as Ave-Marias. Ao amanhecer do dia 9 de Novembro de 1860 foi submergida a barca-pendula de sobresalente, que se encontrava amarrada na margem de Guarulhos. Houve indicios manifestos de que o facto não fôra casual e sim premeditado attentado, pois era ella sempre inspeccionada, diariamente, pela manhã, quando se abria as escotilhas para arejal-as.

O CANAL CAMPOS-MACAHÊ – Em officio da Camara dirigido ao sargento-mór-engenheiro Henrique Luiz Nemeyer Bellegard, datado de 15 de Novembro de 1838, resava o seguinte: – «Lembra esta Camara Municipal a necessidade de se levar a effeito, quanto o permitta o estado das Rendas Provinciaes e o progresso das outras obras actuaes a abertura de um canal que torne communicaveis os dois rios: Parahyba e Ururahy, para o desenvolvimento deste paiz e poder elle só assim tirar vantagens dos seus immensos recursos, hoje reconhecidamente paralyzados, senão improductivos, *pelas difficuldades de transporte e de communicações*.» Assignou o officio José Francisco de Azevedo Lima, secretario.

Bellegard falleceu quatro mezes após sendo nomeado para substituil-o o sargento-mór Justiniano, em principios de 1839.

Em 1843 a Camara de Campos envía á Presidencia da Provincia a representação acerca da necessidade do canal – «por onde possam sahir

em qualquer tempo os productos agricolas deste Municipio, e entrarem os generos de consumo é uma necessidade vital, e urgentissima, contra a qual clama a lavoura e o commercio, não só deste Municipio como o de S. João da Barra, que mesmo agora estão soffrendo a falta de objectos mais necessarios ao consumo e grandes prejuizos pela impossibilidade da exportação dos seus productos, a trez mezes accumulados e retardados nos barcos e trapiches.»

Em 1845 o vereador Julião Ribeiro de Castro pediu na sessão de 11 de Janeiro que se fizesse exposição ao Governo da Provincia da necessidade que havia de facilitar-se a exportação e importação da cidade «dando prompto andamento á construcção do Canal já decretado, *unico recurso* do Povo Campista para se vêr livre da oppressão que soffre»

Determinadas as obras iniciaes do canal, a Camara em Setembro de 1847 constituiu uma commissão composta dos vereadores P. Antonio Aquino dos Santos Collares, Julião Ribeiro de Castro e Dr. José Ferreira Tinoco para se dirigir aos proprietarios de terrenos que faziam fundos com elle, afim de conseguir a cessão do terreno necessario para fazer em suas margens ruas de 60 palmos.

Em 1850 a Camara recebeu cópia da Portaria lavrada com o emprezario da abertura e conservação das obras pela qual ficou obrigado a dar começo e todo o andamento do serviço desde a Lagôa da Piabanha. (Acta de 7 de Out.)

De Outubro de 1850 a Fevereiro de 1851 foi aberta a Bacia e o Visconde de Araruama com muita perseverança e diligencia fazia que as obras tivessem bom andamento, já então sendo elle o arrematante das mesmas.

Em 1856 segundo lêmos no jornal «A Ordem» as obras estavam paralyzadas e o Visconde de Araruama tomou sob seus auspicios a continuação dellas, empregando não pequeno capital. Tambem naquella occasião Francisco Leão da Costa prestou importantes serviços. Emquanto isso na Assembléa Provincial alguns deputados encetaram animado debate acerca do projecto que autorisava ao governo mandar fazer as precisas explorações sobre a possibilidade da juncção da Bacia com o Rio Parahyba.

Devemos notar aqui que o Canal começava na Bacia, e só mais tarde foi que se estabeleceu a communicação de suas aguas com as do caudaloso rio.

Em 1857 o deputado Caldas Vianna apresentou o projecto de uma eclusa á margem do Parahyba, o que foi approvado em 3ª. discussão a 19 de Agosto de 1858. Já então as obras da abertura atingiam ao «Barreto», em Macahé, tendo navegação quotidiana de pranchas, canôas e até balsas com madeira, cujos desembarques eram na Bacia.

Julião Ribeiro de Castro cedeu gratuitamente todo o terreno para abertura da rua marginal do Canal, tendo os demaes proprietarios se negado a isso.

Em 1863, pelo mes de Outubro começou o serviço de escavação para que o Canal recebesse do Parahyba o abastecimento de suas aguas. O engenheiro conterraneo Antonio Rodrigues da Costa, chefe do districto, deu inicio ao trabalho para a collocação do tubo-syphão no porto de Anna Maria.

O canal foi construido com cerca de 2.000 contos. O Dr. Silveira da Motta na presidencia da Provincia muito concorreu para o serviço de communicação do Parahyba com o canal, para o renovamento das aguas deste. O syphão de ferro tinha 12 pollegadas de diametro interior; as peças foram fundidas na fundição do Dr. Pacova, sendo collocadas a extremidade do tubo e a valvula na profundidade do rio a 53 palmos de distancia da muralha, no porto referido.

No anno seguinte, (em Maio) o Barão de Carapebús disse na Camara: – «Julgando que resultam inconvenientes do local em que assentou-se o syphão e a direcção que deram aos canos que têm de levar agua do Parahyba para alimentar o Canal, como sejam a extensão do encanamento, o consideravel augmento da despesa, e convindo dividir-se o extenso quarteirão que existe entre o porto de Anna Maria e o da Lancha, com o prolongamento da rua que parte da Bacia do Canal e termina na rua da Constituição; – proponho que esta Camara mande uma commissão que se entenda com os proprietarios dos terrenos por onde deve ser prolongada aquella rua, para saber si os cedem, e por quanto, e caso conheça que é

possivel levar-se a effetto este importante melhoramento, para o qual a Camara deve envidar as suas forças, se represente ao Governo Providencial fazendo-se sentir as vantagens de praticar-se por esta rua em linha recta o encanamento da agua que tem de alimentar o Canal».

Não estando ainda prompto o serviço em 1869, o Dr. Miguel Heredia publicou em 31 de Julho no "Monitor" o seguinte: "Si a empresa communicar o canal com o Parahyba, em vez de um vallão infecto, teremos um pequeno rio salubre e se poderá edificar no largo da Bacia" e em 23 de Agosto o Governo Providencial baixou uma portaria concedendo permisão ao conselheiro João de Almeida Magalhães para fazerem a juncção das aguas do Parahyba e Canal.

Em Maio de 1869 fundeou junto á Comporta de Olaria o vapor destinado á navegar nos rios Ururahy, Macabú, Lagôa de Cima e Canal mandado construir pelo conselheiro João de Almeida Pereira. O vapor desenvolvia a velocidade de sete milhas por hora, com reboques, tendo a força de 12 cavallos.

No mez de Agosto foi publicado o annuncio seguinte:

"Empreza Macahé e Canal. – Pedro Gonçalves da Silva, agente nesta cidade desta Empreza, previne aos srs. negociantes e exportadores, que recebe cargas nos portos da Lagôa Feia e no Ramal do Ururahy, para serem remettidas para o Rio de Janeiro. Immediatamente que o Canal tenha agua serão na Bacia do mesmo Canal recebidas todas e quaesquer cargas; trata-se na Rua do Conselho nº. 115".

Para as descargas na Bacia foi alli construido um guindaste, de Antonio José dos Reis, o qual ainda existia já bem avariado até 1889.

Em 24 de Novembro de 1869 o barão da Lagôa Dourada, então na presidencia da Camara, convocou uma sessão extraordinaria para ser deliberado acerca de um requerimento dos concessionarios do previlegio de navegação a vapor no Canal, que pediam licença para executar as obras do Canal – "atravessando a *rua de Bento Benedicto* no sentido longetudinal e as ruas Beira-Rio, Constituição e Cancellas no sentido perpendicular, cuja planta apresentaram." Em janeiro começaram as obras e o Conselheiro Thomaz Coelho, que então occupava a presidencia da Municipalidade, embargou-as,

exigindo do concessionario que fizessem os serviços que acautellassem a cidade da invasão das aguas do Parahyba bem como a construcção de uma muralha na rua Bento Benedicto, ao lado do predio de Bento Benedicto Baptista, (ultimamente occupado pelo Grupo Escolar João Clapp.)

Em 19 de Fevereiro de 1872 começou a navegação do Canal, partindo para Macahé o vapor "*Visconde*" rebocando uma prancha de passageiros. As sahidas eram nos dias 5, 9, 15, 19, 26 e 29 de cada mez, e chegadas em 3, 7, 13, 17, 23 e 27, encontrando os passageiros que quizessem seguir para o Rio de Janeiro os vapores "Macahé" e "Conde d'Eu" que sempre seguiam nos dias immediatos.

As passagens de Campos a Macahé custavam 15$000.

A primeira viagem foi a 25 de Fevereiro, sahindo o vapor "Visconde" ás 7 horas da manhã conduzindo os onze primeiros passageiros, que foram: Antonio Maria Corrêa de Sá, (seminarista), Alberto José dos Santos, Dr. Camillo Maria Menezes, senhora e filha, Dr. Domingos de Alvarenga Pinto, José Francisco Martins Guimarães Junior, José Maria Pereira Cardoso, Luiz Francisco Bellas, Raphael Antonio da Fonseca e S. Tribiani.

Em 4 de Março chegaram os primeiros 14 passageiros, que foram: – Alexandre de Souza Lima, Barão de Araruama, Christiano Canak, Carmelo Sevane, Euzebio de Queiroz Mattoso Ribeiro, Francisco José Rangel, d. Francisca Ferrão Guimarães, Giuseppe Furiate, George Craufurd, José Pinto Leite, José Pinto Leite Junior e 3 escravos.

Em 15-16 de Dezembro de 1872 foi estabelecida a communicação das aguas do Parahyba com o Canal.

Já tinham as obras causado muitos dispendios e sacrificios á empresa "Companhia União Industrial" quando esta começou a sentir o seu anniquilamento, cujo epilogo veio a ser – o abandono, – e isso logo que começou a funccionar a Estrada de Ferro Macahé-Campos.

Em 1882 o Governo Provincial julgou *desnecessaria a navegação fluvial...* e por essa impressão deixou Campos entregue ao polvo que suga toda a energia campista pelo seu monopolio do transporte. Em 1891 o intendente Julio Feydit, sempre muito enthusiasta do Canal, propoz na sessão de 31 de Dezembro a abertura de concurrencia para

o aprofundamento do Canal entre o Parahyba e a eclusa da Olaria, – o que só foi effectuado em 1929 pelo Governo do Dr. Manoel Duarte, ficando o serviço interrompido com o irromper a Revolução de 1930.

Em 1909 a Commissão de Saneamento projectou o revestimento do leito do Canal com cimentação até ao Passeio Municipal, cujo serviço foi iniciado apenas no trecho entre a Beira Rio e rua Dr. Alberto Torres, não sendo proseguido até ao presente.

E isto é bem desploravel! Como são quasi todas as obras publicas feitas pelo Estado, que uma vez começadas deixam o remate para... quando houver patriotismo e tino administrativo nos governantes...

VIAÇÃO TERRESTRE. – Dissemos já que em 1835 e demaes primeiros annos da cidade, eram raros os meios de transportes terrestres, especificamente os urbanos. De facto: ainda em 1854 usavam as nossas conterraneas as «*cadeirinhas*» com suas competentes cortinas, onde as «sinhás-moças» eram conduzidas por dois escravos possantes, e quasi sempre «de estímação».

Os «parceiros» bem se ralavam de inveja ao verem aquelles privilegiados que tinham a honra... de conduzir suas sinhás-moças ás festas...

Pois foi pelo anno de 1854 que começaram a rodar nas ruas esburacadas de Campos os primeiros tylburis e «sociaveis», por iniciativas de Domingos Gomes Leite e Bernardino Antonio de Oliveira, montando cada qual a sua cocheira. Bernardino então fazia reclame da sua casa annunciando que – «alugava carroças, sociavel, e tylburi com parelhas *ou com cordão*»...

Em 1856, porque se desenvolvia a moda e gosto pelos vehiculos, o seu numero já não era pequeno e porisso a Camara iniciou o uso da numeração, por proposta approvada em sessão de 2 de Junho. Com isso as «cadeirinhas foram sendo dispensadas até que cahiu do uso, pois, em 1858, segundo uma estatistica que tivemos á mão, já havia em Campos 49 séges, 66 sociaveis e 74 carrinhos.

Em 1865 o que estava no rigor da moda eram as caleches, berlindas, cabrioléts, e nós ainda nos lembramos dos irmãos Cruz, do «Velho Lisbôa», com seus *stocks* de carruagens, entre as quaes preponderavam os coupées» de luxo para conduzir noivos á egreja; – e por onde anda toda

aquella carraria de rodas estrepitosas?... É que assim como os «sociaveis» escurraçaram as «cadeirinhas» das recatadas yayás de 1835, os automoveis fizeram que se escafedessem as socatas, as andorinhas, as aranhas e demaes vehiculos das boléas em que se encarapitavam cocheiros enfactuados de compridas sobrecasacas, sem dispensar as cartólas, por vezes rôtas.

Lembramo-nos ainda do grande movimento de carros nas nossas ruas, que, com as carroças, faziam um barulho estonteante, sobretudo na rua Beira Rio, caminho que era das estações da Corôa e Carangola. A primeira deliberação regulamentando a direcção dos vehiculos da viação urbana foi sanccionada em fins de 1887 e entrou em vigor a 1º. de Fevereiro de 1888.

VIAGENS PARA CÔRTE. O caminho para o Rio de Janeiro emquanto não havia vapores nem estradas de ferro era detestavel. A Camara recommendou ao Governo Provincial, em officio datado de 25 de Janeiro de 1836, os melhoramentos de que carecia a estrada Campos-Praia Grande cujas maiores distancias eram pelas costas do Atlantico, onde os viajantes a custo encontravam «pousos» e agua para si e para seus animaes! Porisso observou a Camara que «a estrada poderia após atravessar o rio Ururahy, seguir pela fazenda de Joaquim José Francisco da Cruz, até o sertão do Quilombóla, e continuar pelo sertão Quimbira até ao logar chamado Elesbão, que já se achava mais ou menos transitavel, donde se fazia uma recta ao rio Macabú por entre o mesmo Elesbão e o Cachoeiro do Bananal, donde tomaria uma picada já existente que vae ter ao logar Socego,» logares todos planos, por entre pastos e ribeiros, vantagens essas que não se encontravam nas margens pantanosas da Lagôa Feia. nem nos areiaes dos «Olhos d'Agua», nem nos enfadonhos campos dos «Sabões», finalmente nem nas extensas praias dos Paulistas.»

Ainda em 1851 a estrada para o Rio continuava a ficar alagada pelas aguas da lagôa de Cacomanga, nas fazendas do Conego João Carlos Monteiro e de Francisco da Silva Leite.

AS ESTRADAS DE FERRO. – Tendo o Presidente da Provincia sanccionado em 1857 a lei que autorisava a garantia até 8% á Companhia que se incorporasse para o fim de construir estrada de ferro em Campos, e sendo esse objetivo dos mais ardentes anhelos dos Campistas,

devendo ser o Governo o primeiro a concorrer para a realisação de tão importante melhoramento, excitando com o seu exemplo o patriotismo dos municipios interessados, o Dr. Almeida Barbosa propoz que – «a Camara de Campos convidasse por meio de editaes e de commissões nomeadas para as freguezias de fóra da cidade, a todos os seus municipes a concorrerem com as suas assignaturas, para a construcção da dita estrada; remettendo depois ao governo a lista das pessôas que quisessem ser accionistas da empresa, pedindo que haja de acceitar quanto antes a autorisação da assembléa provincial e de empregar os seus esforços para a realisação da mesma empreza, para o que offerece já as ditas assignaturas,» (sessão de 20 de Outubro de 1857.)

Nessa mesma occasião uma empresa de Nictheroy, capitalistas e fazendeiros, projectou fazer a 1ª. secção de estrada de ferro, (Nictheroy-Itaborahy), sem preoccupação da sua continuidade até Campos, – o grande centro productor. – Em vista disso alguns deputados propuzeram e foi approvado que se contractassem engenheiros em Londres para as explorações e traçado de estrada ferroviaria entre Nitheroy e Campos.

O engenheiro Dr. Capanema começou a fazer o levantamento da planta e nivellamento da 1ª. secção até «Venda das Pedras» além de Itaborahy, terminando o trabalho em Março de 1858. Treis mezes depois, na agencia do correio desta cidade encontrava-se uma lista para receber as assignaturas das pessôas que quizessem tomar acções (até 100), para se effectivar a *Estrada de Ferros Campos a Nictheroy* e a declaração dos motivos que moveram a directoria de tal empresa a repartir as acções pelos municipios a que ella interessava.

Por deliberação da Presidencia da Provincia foi nomeado então presidente da companhia o Dr. Candido José Cardoso.

Os engenheiros Ignacio Wallan da Gama Cocrane e Antonio Augusto Monteiro de Barros exploraram o terreno no mesmo mez de junho e em Novembro o Barão de S. Gonçalo, Francisco José Cardoso e José Duarte Galvão Junior fizeram distribuir circulares para a acquisição de acções, a fim de serem executadas as obras até Campos.

Em 13 de Julho de 1859 houve a rescisão do contracto que a Provincia tinha celebrado em 1 de Dezembro de 1877 com os empresarios.

A 1ª. ESTRADA DE FERRO EM CAMPOS

E. F. SÃO SEBASTIÃO – Deccorriam já nove annos que a idéa de ligar Campos á capital da Provincia por meio de linha férrea vinha fervilhando na mente dos Campistas, entretanto estava estacionaria, quando o conselheiro Thomaz Coelho levanta sua voz no seio da Assembléa Provincial para pedir approvação do projecto de construcção de um caminho de ferro, da cidade de Campos á freguezia de S. Sebastião.

Aproveitando a opportunidade de se encontrarem reunidos em S. Gonçalo, por occasião da festa de Nossa Senhora das Dores, grande numero de fazendeiros, capitalistas e commerciantes, bem como muitos lavradores do districto, de S. Sebastião, os concessionarios da Empreza promoveram uma reunião afim de estabelecer as bases daquelle auspicioso objectivo, isso pelo anno de 1869. Dois annos após, em Julho de 1871 foi eleita a directoria da empresa, composta do Comendador José Dias Delgado de Carvalho, engenheiro William Ellisoon e Jorge Wilmon, e solicitaram a licença á Camara para o assentamento dos trilhos nas ruas: do Principe, Direita, Ouvidor e estrada do Becco, e em 8 de Junho de 1872 teve a empresa approvação da planta da estação nos terrenos fronteiros ao Largo do Rocio, a qual ficou prompta no principio de 1873.

No dia 15 de Janeiro de 1873 houve uma festa para celebrar um fácto inteiramente novo para a população – o assentamento dos primeiros trilhos, ás 6 horas da tarde, na Rua do Ouvidor, com presença de todos os vereadores e autoridades locaes, crescido numero de pessoas gradas que lá foram dar um cunho de solemnidade aquelle começo da sementeira do Progresso. O vice-presidente da Companhia, major José Dias Delgado de Carvalho discursou com enthusiasmo, entregando, ao terminar sua oração, ao então Presidente da Camara, Dr. Lourenço Maria de Almeida Baptista (Barão de Miracema), o martello para bater a primeira cavilha do primeiro trilho.

Confessamos nossa ignorancia em não saber si lá esteve na occasião para fazer musica vibrante, o Manoel Baptista regendo a Lyra de Apollo, ou o Leopoldo Muylaert a Phil. Euterpe; talvez o Chico Barbosa é quem

empunhasse a batuta para que a banda N. S. Senhora da Conceição tocasse o hymno; todavia, são méras supposições; o que sabemos com segurança é que houve uma musica d'outra especie: – harmonioso discurso do Dr. Francisco Portella a cantar hymnos á bella iniciativa dos Campistas.

Havia decorrido apenas 14 annos da inauguração da primeira via férrea no Brasil, – a de Mauá, – quando, pela propaganda consecutiva da imprensa campista, a nossa gente FEZ CORRER PELO SÓLO GOYTACAZ A PRIMEIRA LOCOMOTIVA, aos 21 de Junho de 1873, sahindo o trem, para fazer experiencia, desde a estação do Rocio, pela Rua do Principe, até á frente da redacção do «Monitor Campista» que era naquella rua.

A locomotiva tinha o nome «*Campos*» e foi movimentada pelo machinista Charl F. Rondalk, estando tambem nella os engenheiros George Wilmot, Clemente Wilmot, Brunel e H. L. Northpeld: A segunda experiencia foi dois dias depois, indo a locomotiva até á rua Direita.

Nossa cidade tem na data de *21 do Junho* uma grande ephemeride, que marca uma forte propulsão do desenvolvimento da Terra de S. Salvador, – assim como tem no dito mez, nas epocas festivas e poeticas do Precursor do Christo, outra data célebre, por outra mais forte arremettida para a evolução; é que Junho é o mez auspicioso para Campos, – ora vendo raiar em si, qual auréola gloriosa os clarões da electricidade, e isto antes que se visse em qualquer parte da America do Sul, – ora vendo deslisar no seu seio verde e uberrimo, como jactos de vida, as vertiginosas rodas do Progresso, e isto antes que o mesmo experimentassem tantos outros logares da Provincia, quiçá do Paiz.

Sómente em 5 de Julho foi que teve logar a primeira viagem do trem, que fez o percurso até á estação de S. Gonçalo, indo nos wagons a Camara Municipal encorporada, autoridades civis e religiosas, accionistas e muitos convidados, tendo o Vigario Conego João Carlos Monteiro feito o benzimento da machina e dos carros, segundo o ritual romano, e durante a viagem tocou a banda de musica Phil'Euterpe.

A estação de «Don'Anna» foi feita posteriormente e em homenagem á D. Anna Gregoria de Miranda Pinto, que deu gratuitamente á empresa as terras para o leito da linha no valor de

dez contos de réis. A secção primacial terminava em Mineiros, sendo inaugurada em 21 de Dezembro de 1873.

O primeiro desastre occorrido naquella estrada de ferro foi em Junho de 1874, tendo o trem esmagado uma desditosa menina de oito annos, filha de Francisco de Paula e Almeida, da rua do Ouvidor, entre as ruas 7 de Setembro e Nova do Ouvidor.

Em 1875 alguém que assignou – «Um campista» – escreveu no «Monitor»: – «Já ha quem faça por Campos alguma cousa. Já não têm inimigos as estradas de Ferro. Já os ministros filhos desta terra não dizem que – facilitar as communicações, levar a vida ao seio dos sertões adormecidos *é um mal*... Não é só o digno Conselheiro Costa Pereira, são todos os campistas talvez sem excepção que têm cooperado para arrancar este fertilissimo torrão do marasmo em que vivia. As empresas que para isso têm concorrido ahi estão, e a do Carangola, mais que nenhuma outra, é sem contestação o mais poderoso elemento».

O estylo e o assunpto denunciaram o auctor: só podem ser do Dr. Portella estas linhas daquelle pseudonymo.

Em 1876 pretendeu o Barão da Lagoa Dourada levar a linha ferrea até Santo Amaro e dali até ao mar, por causa dos seus campos de criação, na «Boa Vista», tendo requerido ao governo provincial para tal fim.

Em 1883 a estrada teve a gerencia de Francisco das Chagas Silva Junior.

Com haver outro desastre na rua do Ouvidor, na manhã de 20 de Setembro, tendo a machina pilhado uma pobre mulher, surda, de nome Thereza, esmagando-lhe a coxa direita e o pé esquerdo, a imprensa começou a reclamar para a supressão daquella linha, que ia até a Beira Rio.

E. F. MACAHÉ-CAMPOS – Em 1870 foi concedido privilegio a Andrew Taylor, José Antonio dos Santos Cortiço e Antonio Joaquim Coelho, pela lei provincial nº. 1464 de 3 de Fevereiro, sendo o capital de 5.000 contos em 25000 acções de 200$. A empresa projectava construir uma linha ferrea entre as cidades de Campos e Macahé com o complemento de uma linha maritima a vapor entre Imbetiba e o Rio de Janeiro.

Em 1871 o Dr. Adolpho Bezerra de Meneses, José Luiz de Almeida, Antonio Joaquim Coelho e o engenheiro Eduarde James Linch vieram a Campos, em 21 de Fevereiro, para angariar subscriptores de acções.

Em 22 de Setembro a empresa fez traçar o eleito da estrada por toda a extensão da Rua de S. Bento, pretendendo construir a estação fronteira a ponte (então em construcção), porem a Camara impugnou aquelle traçado, concordando com um outro que vindo por terrenos particulares atingiria a frente da ponte. Surgindo difficuldades ainda quanto ao local da estação e passagem da linha, veio a Campos no mez de Maio de 1873 o engenheiro da Companhia, Barão de Holleben para escolher difinitivamente o local adquado para a estação, tendo então sido escolhido a Corôa, onde actualmente é a Estação "Campos-Cargas".

Foi no dia 14 de Janeiro de 1875, ás 5 horas da tarde que chegou na estação da Corôa a primeira locomotiva iniciando a communicação desta cidade com a de Macahé, e isto n'uma explosão de jubilo da nossa população, não sendo esquecidos os rojoes e as girandolas. No comboio vieram 200 pessoas e a banda de musica "Nossa Senhora da Conceição" que tinham partido desta cidade em trolys puxados pela locomotiva «Macahé» desde Santa Fé até Ururahy. (Santa Fé era um trecho da estrada pouco alem da fazendo do Sacco).

Foi servido um copo d'agua tomando parte na mesa o Dr. Hehl, engenheiro, Barão de Araruama, Dr. Richard F. Welby, inspector do trafego, Dr. Julio de Miranda, Dr. João Baptista de Lacerda Filho, Dr. Bezerra de Menezes, capitão Rocha Braga, Dr. Miguel Heredia e Barão de Itabapoana.

Em 1875 rebentou uma gréve, no dia 17 de Dezembro, dos funccionarios da estação da Corôa, sendo tentado impedir a partida do trem, como protesto pela falta de recebimento dos seus salarios de cinco mezes! O delegado Capitão Antonio Peixoto da Costa agiu com fino tacto e apaziguou os animos.

Em 1888, em Agosto, um syndicato inglez comprou a Companhia Leopoldina por 7 milhões e 100 mil libras, e o projecto da ligação de Campos a Nictheroy, encubado havia já 35 annos, só então se realizou pela construcção do ramal Rio Bonito–Macahé, contribuindo muito

para isso o Dr. Cesario Alvim. O trem tendo partido de Nictheroy no dia 4 de Novembro, ás 6 hs. da manhã, chegou ás 11 hs. 20 m. em Macahé, e partindo d'ali ás 15 hs. 20 m. chegou a Campos ás 18 hs. 15 m. trazendo o Presidente da Provincia. Dr. José Bento de Araujo, que se hospedou na casa do Dr. Manoel Coelho Barroso.

Em 1889 foi lida na sessão da Camara, de 19 de Julho, um requerimento da Companhia Leopoldina pedindo licença para construir uma ponte sobre o Canal, no Passeio Municipal, para a ligação das suas rêdes de S. Sebastião e Campos–Macahé, sendo assignado o contracto com a Camara Municipal, em 22 de Agosto assignando-o o Dr. Gesteira Passos por parte da Camara e Joaquim Silverio de Castro Barbosa, engenheiro-chefe da estrada.

A ligação foi feita no dia 27 de Agosto, a uma hora da tarde, partindo da estação do Rocio a machina «Esperança» dirigindo-se para a Corôa, percorrendo os 2 kilometros e 740 metros em 10 minutos.

Até 10 de Setembro as bitolas eram differentes nas linhas da Leopoldina sendo desde Sant'Anna em Nictheroy até Macahé, ramal Rio Bonito, de bitola estreita, passando desde aquelle dia a ter uma só bitola larga para evitar as baldeações.

Em Agosto de 1904, a Leopoldina requereu ao ministerio da Industria e Viacção concessão para ligar as estradas de Carangola e Campos-Macahé por meio de construcção de uma ponte sobre o Parahyba. O Ministro Lauro Muller enviou ao Presidente Nilo Peçanha o requerimento e plantas para as informações precisas.

A Associação Commercial reuniu em assembléa geral seus associados, em 15 de Agosto, para tratar do assumpto, sendo os socios contrários á construção da ponte.

Os trabalhos da construcção da ponte para a ligação das vias-ferreas da «Leopoldina» começaram em Agosto de 1906.

Em Novembro foi concedida pela Camara permissão á Leopoldina» para abrir uma rua ao lado da então nova estação, no Sacco, para dar accesso á mesma.

A PONTE MUNICIPAL. – Desde 1835 se cogitava da construcção de uma ponte sobre o rio Parahyba, cujo local primitivamente escolhido

foi em frente a Praça Principal, conforme lêmos n'um officio da Camara, datado de 8 de Agosto e dirigido ao Governo Provincial.

Em 1838 se tinha organizado a «Companhia da Ponte do Rio Parahyba», a qual no mez de Dezembro pediu á Camara licença para levantar guindaste no local da obra; porem, em 1845 foi que ficou resolvida a construcção da ponte no local em que está collocada, tendo tambem sido anteriormente escolhido o local do Pelourinho (frente da Rua da Quitanda).

Na sessão de Outubro de 1857 da Assembléa Provincial o deputado campista Caldas Vianna apresentou um projecto autorizando o Governo a contractar com José Juliot a construcção de uma ponte de cantaria sobre o Parahyba, em frente a cidade de Campos, a qual ficaria de propriedade perpetua do concessionario, tendo a proposta obtido approvação na sessão de 24 de Novembro, e no anno seguinte a «Companhia da Ponte» entrou em liquidação, tendo a conta publicada accusado um saldo de…. 7:361$210 que rateiado por 1.335 ações de 25$000 dera 5$514 para cada uma.

Assignaram a conta de liquidação Manoel Joaquim da Fonseca Figueiredo, Bernardino Baptista Pereira e José Fernandes da Costa Pereira.

Estando na presidencia da Camara Municipal, em 1866 o commendador José Martins Pinheiro, fez subir á presidencia da Provincia, no mez de Agosto, uma representação assignada por grande numero de cidadãos desta cidade, pedindo a execução da lei provincial nº. 1309 de 28 de Dezembro de 1865, que autorisava a Provincia a contratar com Duton & Candler a construcção da ponte. Não obstante isso o Governo nada adiantou a respeito, tanto que passados dois annos, o engenheiro Conde Rozwado-Wiski, agente da fabrica de pontes Shifkorn, no salão da Sociedade Portugueza de Beneficencia effectuou, no dia 12 de Dezembro de 1868, uma reunião em que fez minuciosa exposição acerca da projectada e tão almejada ponte, orçando as obras, em 500 contos. Formou-se então uma commissão composta do Barão de Itabapoana, Major Pimenta e engenheiro Corrêa Fernandes.

Foi então que Dulton & Clander propuzeram construir a obra por 220 contos, o que não foi acceito pelo governo, já pela insufficiencia da largura, já pela ausencia de condições indispensaveis á

solidez e durabilidade da obra. Então o Conselheiro Thomaz Coelho de Almeida, sendo membro da commissão de fazenda e orçamento da Assembléa Provincial, conseguiu que fosse votada a lei autorizando o governo a contractar a obra até a quantia de 396 contos, e, para logo a firma constructora apresentou um novo plano.

Emquanto isso, o Barão de Itabapoana reunia, em 24 de Março de 1869 no salão da Sociedade Portugueza, os interessados na incorporação de outra companhia para a construcção.

Estavam as cousas nesse pé quando Diogo Teixeira de Macedo, presidente da Provincia, resolveu addiar a arrematação do serviço da ponte por achar conveniente o governo mesmo construil-a, mas em 22 de Outubro foi contractado com Thomaz Dutton Junior, da mesma firma Dutton & Clandler a construcção e arrendamento da ponte. Em 14 de Julho do anno seguinte deram começo as obras, e ainda se acham entre nós os dois subditos inglezes que vieram da Inglaterra propositalmente para trabalharem na ponte: Thomaz Helblen e Diogo Moore, que aqui constituiram familia e nunca mais deixaram o convivio com o povo Goytacaz. Serviu como interprete dos constructores inglezes o Snr. Vicente Fernandes.

Em Agosto de 1872 ficaram promptos os trabalhos dos escaphandros empregando dois apparelhos de Heinkee, sendo o mestre da construcção Christiano Cohrs.

No começo do anno de 1873 a Camara Municipal publicou um edital designado, por solicitação de Thomaz Dutton, o dia 16 de Janeiro, ás 5 horas da tarde para inauguração da ponte, mas não obstante isso, a ponte só foi inaugurada a 5 de Abril, ás 11 horas, com a presença das autoridades locaes, sendo a Camara representada pelo seu presidente o Dr. Julio de Miranda (depois Barão de Miranda) e Dr. Francisco Penalva.

A banda musical «Phil'Euterpe» tocou o Hymno Nacional e em seguida o Vigario de S. Salvador, Conego João Carlos Monteiro procedeu ao benzimento da ponte, discursando então o presidente da Camara e sendo em seguida franqueada a ponte ao publico. Na parte do lado de Guarulhos discursaram o Dr. Miguel Heredia e Augusto de

Carvalho. Foi o primeiro passo para o desenvolvimento de Guarulhos.

Quinze dias depois da inauguração se verificou o primeiro suicidio na ponte – o escravo Malaquias, que se atirou nas aguas, perecendo.

O pedagio ficou sendo cobrado pela seguinte tabella:

Pessoa descalça, 40 rs.; calçada 60 rs.; animal 120 rs.; animal carregado, 120 rs.; carrinho ou tilbury, 200 rs.; carro de 4 rodas, 400 rs. Nos primeiros nove mezes da construcção o movimento na ponte foi o seguinte:

Pessoas calçadas, 100. 479. Pessoas descalças, 92.878. Animaes sem cargas, 65.255. Animaes com cargas, 7.071. Tilburys, 674. Carros de quatro rodas, 684. Carroças vazias, 1.478. Carroças carregadas, 346. Carros vazios, 1327. – Porcos, carneiros, 685. Aves, 8.408. Malas de carne, 1.402. Pipas vazias, 201. Pipas cheias, 122. Saccos, 13.648.

O primeiro administrador da ponte foi Antonio Lopes Rangel. Em 26 de Abril de 1890 o Estado fez entrega da ponte á Municipalidade.

OS BONDS. – Campos não tinha viação carril urbana até 1871, trigessimo quarto anno da sua creação, quando pelo mez de Setembro Felippe Hermes Fernandes Trigo de Loureiro solicitou autorização do Governo Provincial «para estabelecer em Campos uma linha ferrea de carris para o transporte urbano de passageiros e cargas» cuja pretensão recebeu a approvação da Camara expressa na acta de 22 de Setembro. Na mesma occasião Antonio Victor de Assis Silveira fez igual pedido, sendo preferida a sua proposta como a melhor, por fixar o preço das passagens em 200 réis, comquanto a de Loureiro fixava em 400 réis.

Tambem o Dr. Caetano da Rocha Pacova e Clemente H. Wilmont requereram autorização para construcção de uma linha de bonds. Todas essas solicitações de concessão não chegaram a attingir o terreno das realizações, e quasi dois annos após, em 6 de Junho de 1873 foi fundada a «Companhia Ferro Carril de Campos», porem só em Julho de 1875 foi que Eduardo Ferreira Guimarães e Cesario Antonio Ferreira propuzeram construir uma linha de carrís ligando as estações das estradas de ferro e passando pelas ruas principaes.

A 19 de Setembro de 1875 os campistas viram correr nas ruas da sua cidade o primeiro bond, ficando inaugurada a 1.ª secção da linha,

desde a estação da Corôa até a Praça de São Salvador. A linha proseguiu depois na sua construcção pelas ruas Beira-Rio, até a Lapa e pelas ruas Direita, Rosario e Quitanda, attingido á estação do Rocio.

Eram emprezarios: Eduardo Guimarães (gerente), Barão da Lagoa Dourada e João de Queiroz.

Em 1876 foram inaugurados os bonds para fumantes e para familias, (estes eram envidraçados, como carros de estradas de ferro,) e tambem a linha da rua do Rosario. Essa rua no trecho entre a egreja e a Beira-Rio, era o «ponto obrigado» (conforme é hoje a rua Treze), pois lá era que estavam as lojas da gente chic, sobresahindo a casa de João Vigné, um francez de apurado gosto em materia de modas e que importava para Campos as novidades de Pariz. O Arthez era outro expositor das ultimas creações parizienses, e saibam, que a mulher campista sempre teve requintada predisposição para acompanhar de perto, as manifestações do gosto de vestir com elegancia. E não era sómente a seda, os rendados, e as lãs finas, que attrahiam para a rua do Rosario aquella gente do bom tom dos annos que já se vão distantes, por mais de um jubileu, era também a loja do Borges.

Os leitores não se lembram do Borges? O famoso Borges!...

Lhes conto: o Borges era um figaro muito loquaz, estimado e acatado cabellereiro que tinha seu salão ali bem em frente ao então Becco do Constantino, (hoje Travessa Carlos Gomes), e que tinha sempre na sua vitrine variada exposição de sedutores *bandós, cachos, cockes*, todos aquelles artificios para os complicados penteados das nossas mamães ou vóvós, e que tanto enlevavam as suas vaidadesinhas...

Só muito mais tarde, com a abertura dos «cafés». (L'Opera, Café Club, etc.), a loja «Bon Marché» do Admardo e José Eugenio, casa do Rockert redacções dos jornaes, a Rua Direita foi arrancando para si o sceptro da primasia, tornando-se o iman que puxa para seu principal quarteirão, a preferencia do publico.

Sem querer, sahimos do trilho dos bondes... mas, retomemos o nosso caminho: Em 1878 os bondes tinham o ponto de partida na Praça S. Salvador, linhas ao Matadouro, á Corôa e rua Direita até em frente á egreja de S. Francisco. Esta linha foi prolongada, em 1879, até a frente

do Collegio S. Salvador, (depois collegio Paula Machado), sendo então directores da companhia, Manoel Coelho de Almeida, Antonio José de Mattos Judice e Francisco Leite Nunes.

Em 1881 a linha na curva da Lapa offerecia grande perigo e porisso foi interrompido o trafego por ali. Em 1882 foram retirados os trilhos da rua do Rosario por não passarem mais por ella os bondes. Em 1882 foi construido em Campos o primeiro bonde, por iniciativa da empresa. Parte das ferragens foram feitas nas officinas do Dr. Eugênio Magarinos Torres, (hoje Fundição Cruzeiro), e as obras de carpintaria pelo artifice conterraneo Benedicto Roque, que se serviu de vinhatico e genipapo da nossa flora.

Em 1887 a companhia passou a ter como diretores: Commendador José Cardoso Moreira, José Antonio Domingues Tinoco, Manoel Martins Chaves, Antonio Cardoso Moreira e Jayme Augusto Pereira Porto.

Em 1883 foram inauguradas em 7 de Outubro as linhas que se construiram pelas ruas dos Goytacazes e 7 de Setembro, para attingir ao Matadouro e da rua do Sacramento-S. Bento, para o Lyceu.

Em 1891 fizeram tambem uma linha que partindo da Beira Rio pela da rua Baronesa, ia até ao Lyceu.

Por esse tempo a Companhia resolveu recolher uma grande emmissão de «vales» dos valores de 100 e 200 réis que havia feito para facilitar o trôco a ser dados aos seus passageiros, em vista da grande falta de moedas de nickel, cujos «cartões-vales» circulavam por todo o commercio como se fosse moeda do paiz...

Em Junho de 1887 o Dr. Albert J. P. Hargreaves requereu á Camara previlegio para o estabelecimento de bonds electricos, o que lhe foi negado visto a Camara não ter competencia para conceder previlegios.

Em 1914 o contracto foi transferido á Companhia Brasileira de Tranways Luz e Força, assignando o termo o prefeito Dr. Caio de Carvalho e Domingos Teixeira Cunha Louzada, em 13 de Agosto.

Desde 1891 que se projectou fazer correr bonds em Guarulhos. Em 15 de Outubro daquelle anno Francisco Antonio Pereira Lima, Antonio Rodrigues Peixoto e José Custodio Pessanha de Brito

requereram ao Governo do Estado concessão para construirem linhas de tranways que partindo da margem do Rio, fosse ao Fundão e dali até o Nogueira e Usina de S. João pelo praso de 50 annos, cujo contracto chegou a ser celebrado com a Intendencia Municipal. na presidencia de Manoel Antonio de Oliveira Seabra. Em 1892 houve uma reunião de fazendeiros na casa do Vigario de Guarulhos, conego, Joaquim José Pacheco Guimarães, afim de tratarem da construcção da linha de bonds naquelle districto.

E até hoje o grande bairro campista ainda não foi contemplado com tão importante melhoramento.

E. F. CARANGOLA. – Com ser iniciada a construcção da ponte sobre o rio Parahyba condensou-se mais a mais a idéia do Dr. Francisco Portella, de ser construido um caminho de ferro para Gargahú e Carangola. Em Novembro de 1871 o Barão da Lagôa Dourada, Thomaz Dutton, Dr. Francisco Portella e Chrysanto Sá de Miranda, pediram privilegio para a construcção da Estrada de Ferro Carangola.

Em Abril de 1872 foi asignado pelo presidente da Provincia o contracto com o Dr. Chryzantho de Sá Miranda, Dr. Francisco Portella e Dr. Manoel Rodrigues Peixoto, e em 28 de Julho, n'uma reunião presidida pelo Barão da Lagôa Dourada, o Dr. Portella com o auxilio de uma carta topographica mostrou as grandes vantagens do traçado da projectada estrada de ferro que iria ligar Campos a Minas Geraes, apontando as riquezas do valle do Carangola, demonstrando a extensão de 25 léguas de Campos a Tombos do Carangola que requeria o capital de 5.000 contos para um dispendio de 20 contos por légua.

Começaram a ser tomadas as acções da Companhia, – Antonio José de Magalhães, 500; Barão de Pirapetinga, 100; Francisco Ferreira Saturnino Braga, 250; Commendador Julião Ribeiro de Castro, 100; Francisco Rodrigues Abreu Caldeira, 200; Teixeira de Queiroz, 100. O commendador José Cardoso Moreira emprehendeu uma viagem de propaganda a Natividade, Tombos de Carangola e S. Pedro do Murihaé, e passou 3.562 acções.

Cardoso Moreira, Dr. Portella, Dr. Joaquim Seabra e José Fernandes da Costa Pereira se tornaram os grandes propugnadores da construcção da via ferrea carangolense, dando grande impulso ao auspicioso emprehendimento.

Em 1874 houve uma grande reunião na Sociedade Brasileira de Beneficencia para incorporar a companhia, eleição da directoria e approvação dos estatutos, sendo eleita a sua 1ª diretoria, assim formada: Presidente, Dr. Francisco Portella; Vice-presidente, Barão de Pirapetinga; 1º Secretario, Dr. Manoel Rodrigues Peixoto; 2º Secretario, Dr. João José Pereira Bastos; 1º Thesoureiro, José Cardoso Moreira; 2º Thesoureiro, Francisco Ferreira Saturnino Braga; Couselho-fiscal: Barão da Lagôa Dourada, Dr. Joaquim Ribeiro dos Santos e Antonio Francisco Torres Junior.

No mez de Março de 1875 foram adquiridos os terrenos fronteiros á ponte, que eram de propriedade do commendador José Ribeiro de Castro, para ser construida a estação. Pelo decreto nº 5880 foram approvados pelo governo os estatutos, no mesmo dia 14 de Junho foi collocada a primeira pedra para a edificação da estação com a presença de SS. MM. Imperiaes, Conde d'Eu, conselheiro José Fernandes Pereira, então ministro da agricultura e o Presidente da Provincia Pinto Lima. Ainda agora se encontra na sala nobre da Camara Municipal, o retrato a oleo em tamanho natural do ilustre campista Conselheiro José Fernandes da Costa Pereira, mandado fazer pela Directoria da E. F. Carangola, em reconhecimento dos valiosos serviços que prestára áquella empresa e a Campos, sendo o retrato feito pelo pintor conterraneo Leopoldino de Faria, tendo sido collocado naquelle recinto no dia 6 de Fevereiro de 1876.

A estação foi construida em 1881 por Domingos da Costa Lapa Belém.

E. F. CAMPOS-SÃO FIDELIS. – Os drs. Antonio José Fausto Garrida e Augusto Barrandon, engenheiros, tiveram concessão em 1872 para construir um caminho de ferro que ligasse Campos a S. Fidelis e a S. João da Barra, tendo chegado a Campos, no mez de Maio, para procederem ás explorações iniciaes do traçado e agenciarem subscriptores de acções.

Esse projecto não vingou logo, pois, sómente 15 annos depois, pelo anno de 1885 foi que a Companhia da Estrada de Ferro Macahé-Campos tentou executal-o, requerendo da Assembléa Provincial, em Outubro, permissão para a construcção de um seu ramal que fosse ter á visinha cidade, margeando o rio Parahyba, e no anno seguinte, conforme vimos na acta da Camara de 30 de Abril, pretendia fazer tambem outro ramal para a Lagôa de Cima e passando por Dôres de Macabú.

Todavia só em Março de 1890 foi que se construiu o ramal para S. Fidelis, sendo o empreiteiro da construcção Hilario Masson, tendo sido iniciado o trafego em 1891.

E. F. CAMPISTA. – Pelo mez de Abril de 1895 se encetaram as obras de construcção dessa via-férrea, desde muitos annos anciosamente desejada por são-joanenses e campistas, tendo se construido a estação na rua dos Goytacazes fronteiro á Fábrica do Gás, na esquina da rua Saturnino Braga. O serviço foi superintendido pelos engenheiros Dr. Carpenter e Vicente Campos.

Em Setembro já o lastro da linha attingia ao Amparo do Tahy, e em 30 de Novembro ouviu-se pela primeira vez o silvo da primeira locomotiva que, pelo seu arfar ruidoso fez com que as grandes populações de S. João da Barra e Campos arfassem fortemente da mais justificada satisfação.

Assim, campistas e são-joanenses, populações que se irmanam pelos laços da familia, dos interesses reciprocos e mais ainda pelos da topographia se tornando como um só povo, puderam estar fruindo as facilidades de se utilizarem das incomparaveis praias de Atafona e Grussahy, nas epocas de verão.

VIA-FERREA PARA O ITAÓCA. – Houve um tempo em que se cogitou muito da construcção de um caminho de ferro para o Quimbira, a fertilissima serra da mais rica zona campista, cujo caminho teria seu traçado pelo Itaóca. O Governo Estadoal chegou a fazer a concessão, em Maio de 1891, a Joaquim José Pereira de Oliveira, cujo contracto foi considerado caduco em Junho de 1892 em vista de não ter o concessionario apresentado os planos para a sua construcção dentro do prazo legal.

Já William James Lindsey, engenheiro bretão que por aqui andou em Janeiro de 1885 afagou a idéia de construir a Estrada de Ferro Itaóca, cujo traçado seria: – partir da estação do Rocio e terminar no Itaóca, passando por Ururahy seguindo rumo sudoeste em mais de 2 kilometros até ao morro.

Mil pés acima da planicie fica a culminancia ultima da cordilheira do Imbé. A vista é de um esplendor indizivel: campos virentes semeados de bosques, por onde espelham sinuoso cursos d'agua, phosphoream as marólas azuladas da Lagôa de Cima, e lá para fóra, muito para alem do verdor suave das grammineas saccharinas, o vulto esbelto, donairoso e fascinante da célebre sereia parahybana: – a Cidade de Campos dos Goytacazes.

A LIGAÇÃO DAS ESTRADAS. – Em 1889 a Companhia E. F. Macahé-Campos (Leopoldina), por escriptura de 10 de Outubro adquiriu por 7.555 contos a E. F. Carangola e por 500 contos a E. F. S. Sebastião, sendo supprimida a estação do Rocio e o trafego pelas ruas Marechal Deodoro e 13 de Maio logo que, a pedido do Dr. Augusto Octaviano Bessa, a Intendencia officiou em data de 8 de Abril de 1892 ao Chefe do Trafego da Leopoldina Railway.

Em sessão da Camara, de 3 de Dezembro de 1913 foi concedido autorização para ligar as linhas ferreas «Mineiros» e «Campista», construindo no Passeio Municipal uma praça em que foi edificada a estação de suburbio, denominada «Avenida», e sendo doada a Estação do Rocio e terrenos annexos á Municipalidade, os quaes foram depois doados, á União, para ser installada a «Escola de Aprendizes Artifices», de que trataremos no capitulo respectivo.

O CHOLERA MORBUS

A GRANDE EPIDEMIA DE 1855

Dentro do seculo que a cidade ora remata, não houve um acontecimento mais tétrico nem mais apavorante que a peste que dizimou a população, nos dolorosos dias de 1855. D'um lado a inclemencia da Parca, terrivel, violenta, ferína, fazendo subitamente cahirem nas ruas, dezenas de victimas, e victimas fataes, que instantes antes se achavam sadias, perambulando, entregues aos labores da vida; – d'outro lado a Caridade, o desprendimento, o sentimentalismo christão a accudir, prestes, diligente, infatigavel, áquelles que tombavam aos golpes profundos de um mal tão insidioso quão fulminador!

– O chólera de 55! Como não se referem a elle, os habitantes anciãos que guardam ainda no espirito aquellas scenas pavorosas de oitenta annos atraz!

Foi pelo mez de Setembro que começaram a ser constatados casos de cholerina. A Camara preveniu-se de uma enfermaria, servindo-se do edificio do Lyceu da Lapa (hoje Azylo), e de uma casa contigua á Egreja do Sacco, tendo pedido á administração da Santa Casa medicamentos para os pobres e aos medicos os seus prestimos profissionaes, se prestando com muita dedicação os doutores: Miguel Antonio Heredia de Sá, Francisco Rodrigues Penalva, José Ferreira Tinoco, Gervasio Caetano Peixoto Lima e Camillo José de Moura.

Porque se aggravasse o mal, a população promoveu procissões de préces com as imagens de S. Salvador, S. Sebastião, N. Senhor dos

Passos e N. Senhora das Dôres nos dias 19, 20 e 21 de Setembro, com grande concurso de irmandades e de povo.

A 4 de Outubro foram verificados novos casos, porisso no dia seguinte foi feita em Guarulhos a trasladação da imagem de N. S. da Conceição da egreja de Travessão para a capella de São Manoel, e no dia 1º de Outubro a trasladação da imagem de Nossa do Rosario do Sacco, para a Matriz.

O Governo Provincial nomeou então para a Commissão Sanitaria em Campos os drs. Antonio Francisco de Almeida Barbosa, Joaquim Manhães Barreto, João Baptista de Lacerda, Caetano Thomaz Pinheiro e José Manoel da Costa Bastos.

Nos dias, 8, 9 e 10 de Outubro, as Ordens Terceiras do Carmo e S. Francisco promoveram procissões de penitencia com as imagens de N. S. dos Passos e N. Senhora da Soledade. Damas distinctas acompanhavam as procissões com os pés descalços, cabellos soltos, empunhando cyrios accesos.

As ruas apresentavam aspectos lugubres, pelos clarões rubros das fogueiras de alcatrão que se accendiam de noite.

No dia 10 de Outubro ficou caracterizada a especie do mal, visto que não mais se manifestou como cholerina, mas perfeito *cholera-morbus*, tendo o preto de nome Izidoro, escravo de Candido Nogueira da Costa, cahido repentinamente na rua, a 1 hora da tarde, sendo soccorrido pelos Drs. Lacerda, Ferreira Tinoco e João Antonio de Oliveira Bastos, sendo salvo a custo. O mal então recruscedeu.

O pharmaceutico Antonio Manoel da Silva Campos offerece á Camara todos os medicamentos para os enfermos pobres. Antonio Fernandes Cassalho de Oliveira tambem se offerece para servir nas enfermarias. O conego Britto, José Ribeiro de Castro e o vereador José Fernandes fazem seus offerecimentos de medicamentos e a Santa Casa faz publicar que estará aberta dia e noite para receber os enfermos cujos medicos attenderão aos signaes de chamada do sino da Egreja Mãe do Homens.

José Gomes da Fonseca Parahyba poz á disposição da Camara a sua chacara da Beira-Rio para servir de enfermaria dos cholericos.

A intensidade do mal toma maiores proporções, porisso o delegado da policia, Dr. José Manoel da Costa Bastos nomeou cidadãos prestimosos em todos os quarteirões da cidade, para soccorrerem aos enfermos, cujos abnegados e humanitarios cidadãos bem merecem que aqui gravemos seus nomes, não só como um pleito de admiração pelas suas virtudes de solidariedade humana, como para que tão sublimes exemplos de caridade e abnegação sirvam de magnificas licções para os pósteros.

Antonio Fernandes Cassalho – ruas Ouvidor, Principe, Rocio.

Alexandre Gomes Pinto Mello – Travessa do Carmo.

Antonio Manoel Silva Campos – ruas Direita, Nova do Ouvidor.

Antonio Ferreira Macedo e Domingos Machado Vianna – Beira Rio, desde o Porto Grande até Porto da Lancha,

Agostinho dos Santos Collares (Conego) – Beira Rio. da rua do Ouvidor ao Porto Grande, alem de superintender todo o serviço de soccorro.

Antonio Joaquim de Campos, rua do Proposito.

Antonio José de Mattos Judice, – Lapa até rua do Ouvidor.

Belarmino José da Gama e João Antonio de Oliveira Bastos Filho – rua do Sacramento, desde a Praça até a rua Formosa.

Clemente de Magalhães Bastos – ruas Boa Morte e Cancellas.

Daniel Gonçalves de Oliveira, – rua do Rosario, entre Formosa e Conselho.

Eduardo José de Moura – rua Direita, desde o Simões até rua do Ouvidor.

Francisco Luiz Goytacaz – rua do Rosario.

Francisco de Paula Pinto e França – rua Direita, entre Cabral e travessa do Caderno.

Francisco José Camacho Bittencourt – rua Detraz do Rosario.

Felizardo Ribeiro de Souza – desde a cancella do Moreira, (Fazendinha-Passeio Municipal) até o Rumo.

José Antonio da Cruz, – Beira-Rio desde a rua da Jaca até a marcação do limite da cidade...

João Cordeiro de Carvalho – ruas do Mafra e Conselho desde Alecrim até Sacramento.

João Antonio de Oliveira Bastos – rua Direita entre Flores e Cabral).

Joaquim Pereira Pinto – rua do Conselho, até Sacramento.

José Vaz Corrêa Coimbra e Ayres de Freitas Guimarães, rua da Quitanda.

José da Rocha Pinto Neves – ruas da Cancella e Constituição.

João Baptista Rosa Pessanha – rua das Flores, do largo do Rosario até Ouvidor.

João Lopes da Silva Lima, – desde porto da Lancha á rua da Jaca, e ruas S. Bento e Furtado.

José Joaquim Coelho da Rocha – rua Cabral.

Luiz Capistrano de Almeida – rua Detraz do Rosario.

Luiz Pinto Pereira Magalhães – rua Nova do Ouvidor.

Manoel José de Siqueira (padre) – rua do Sacramento, desde rua do Mafra até Praça.

Manoel José Rodrigues Nunes – rua do Rosário até á estrada do Becco.

Manoel José Pires Simões – rua do Conselho, entre Ouvidor-Rosario.

Marcellino Ferreira da Silva – rua Santa Iphigenia.

Prudencio Joaquim de Bessa – rua do Alecrim e suas travessas.

Bernardo José de Mattos – Beira Rio entre Rumo-Lapa.

Assim o cholera-morbus surgiu em Campos, no dia 10 de Outubro e foi gradativamente augmentando até tomar as proporções mais pavorosas. O povo supplicava pelas ruas a clemencia divina, bem como nas egrejas eram consecutivas as préces publicas.

A «Sociedade Portuguesa de Beneficencia», que ainda não dispunha de hospital nem de séde própria, mostrou logo a tendencia philantropica da operosa e amiga colonia luzitana, organizando 2 enfermarias de emergencia, não só para os seus associados como para as pessoas pobres, patenteando o sentimentalismo christão da util associação, benemerita já desde os primeiros tempos da sua organização.

As enfermarias eram na rua do Rosario nº. 18, na casa nobre do vice-presidente da Sociedade, José Bento de Araujo, e n'uma chacara no fim da rua Direita, recolhendo nessas enfermarias, desde 13 de Outubro até 25 de Novembro, 66 cholericos, dos quais 21 falleceram.

No dia 22 de Outubro o jornal «A Ordem» dizia que fôra informada de que no dia 20 não se encontrava mais uma gallinha á venda, na cidade, e que se pedira como preço de um frango 3$000! Naquelle tempo em que 3$000 continham 7 cruzados, portanto comportavam o salario de 3 a 4 dias!…

A 23 de Outubro a epidemia não mostrava declinio; o máu tempo conservando a athmosphera humida, concorria para a propagação do mal.

Havia então falta de medicamento, assim tambem escasseiavam os generos, de 1ª necessidade. A Camara então áge, assim tambem o delegado de policia, que officiando áquella, diz que «tendo a epidemia tomado mais incremento e tendo, porisso, de fazer mais victimas, era necessario tomar-se providencias para que o novo Cemiterio começasse a funccionar, afim de *os templos não se tornassem fócos de infecção*» (Ata de 11 de Outubro).

Não obstante as precauções tomadas pelo governo da cidade para a prompta remoção dos cadaveres, não foi possivel evitar que muitos cadaveres ficassem retidos nas casas por muito espaço de tempo. O cemiterio do Quimbira conservava um fétido horrivel: eram corpos insepultos a espera de cóvas, e assim os corpos sepultados á superfície e AMONTOADOS NAS VALLAS!…

A 25 de Outubro a carne verde escasseou. Um só marchante Joaquim Ribeiro de Freitas se esforçou para que não houvesse absolucta falta de carne. Até a lenha e a agua tornaram difficeis de abastecimento. A agua sobretudo! Nem estando a cidade debruçada no Parahyba! Não era indolencia de buscal-a na grande torrente, mas sim a falta de braços para tal serviço, pois, a peste victimava mais aos escravos, e a estes é que estava affecto o mister de abastecer as casas. Um sr. Leite, bem como Antonio Cassalho de Oliveira fizeram transitar suas carroças distribuindo agua á população pobre, gratuitamente.

A confusão e desorientação era tanta que a imprensa (vide «Monitor Campista» de 24 Out. nº 122) noticiou ter se espalhado na população haver sido constatadas a ressurreição de treis pretos escravos do sr. Judice, que se levantaram das cóvas depois de *atirados nellas*. O monitor desmentiu os casos.

Apressaram a construcção do Cemiterio na Corôa, visto que o Quimbira já não comportava mais sepulturas, e assim no dia 25 de Outubro foi bensido o novo Cemiterio, começando a receber os corpos no dia 26. Era então administrador João Baptista Rosa Pessanha, e o benzimento foi feito pelo Vigario da Vara.

Nos dias 29, 30 e 31 houve preces publicas na Egreja da Bôa Morte, sahindo depois em procissão a imagem de Santa Rita, advogada dos impossiveis e de N. S. da Conceição, padroeira do Brasil.

No dia 30 a epidemia irrompeu em Guarulhos e outros districtos Campistas. Era a provação do povo que continuava, afim de satisfazer os altos e impenetraveis juizos da Divindade.

O combate ao mal foi melhor operado por meio de chloro: Samuel Heussler applicou em si, logo que se viu atacado do cholera, e em seus escravos, obtendo o melhor successo, não perdendo um só doente.

Tambem o Dr. A. Dias Coelho Netto Reis (Barão de Carapebús) dono da fazenda do Becco e que já tinha perdido 35 escravos pela violencia do cholera, começou a applicar o chloro e evitou o mal dentro de 24 horas, não sendo verificado mais nenhum obito na alludida fazenda. Outro medicamento que andou muito em uso com efficacia era o seguinte: um litro d'agua de arroz preparada com 2 onças de arroz, coada depois de fervida, a qual se ajuntava uma colher de sopa de agua de Labarraque.

HUMANITARIOS E BENEMERITOS. – É preciso que a historia assignale indelevelmente os nomes daquelles que se dedicaram á causa de socorrer aos seus semelhantes, sem outro interesse sinão o de cumprir os mandamentos salutarissimos do Christo. Por aquelles dias lugubres e lutuosos, um funccionario publico entregou-se com heroismo á sagrada labuta de salvar aos cholericos: foi o cidadão

Francisco Dias Furtado, que então desempenhava o cargo de fiscal da Camara, o qual, pelo testemunho da imprensa que é a voz da população, se tornou credor da gratidão publica, pela sua coragem, energia, zelo e operosidade. Infatigavel, dia e noite, exposto aos rigores do tempo, sujeito á acção do miasma envenenador, já nas egrejas e já nos cemiterios, ora nos açougues ora no matadouro publico, percorrendo as casas commerciaes, as praças e ruas, sem temer o perigo, o heroico fiscal só tinha em mira a conservação dos seus conterraneos.

Outras dedicadas autoridades foram o estimado clinico Dr. Antonio Francisco de Almeida Barbosa, presidente da Camara, e o delegado Dr. José Manoel da Costa Bastos, affoitos lutadores empenhados na jugulação do mal.

Mas não foram só estes os que fizeram jus á gratidão do povo de Campos e os eternos encomios da História Goytacaz – dedicação e destemor foi visto naquella figura veneranda do Padre Ricardo Mauricio de Oliveira, que nas enfermarias prestava os soccorros da Religião, permanecendo nas cabeceiras dos desditosos cholericos, bem alheio ao perigo de ser atacado pelos horrificos miasmas, bem como o Conego Agostinho dos Santos Collares que superintendia a todo o serviço de soccorros em toda a cidade.

Para mais, os valorosos Anjos da Caridade, aquelles admiraveis misericordiosos cidadãos Bernardino de Senna, Julio Esberard, Manoel Joaquim Pires, Felippe Bandistel, Luiz Renner, Felippe Nery dos Santos e Carlos Leroy, que lançando mãos de enxadas foram para o cemiterio abrir vallas para sepultar a grande quantidade de corpos que jaziam insepultos, por não poderem os coveiros dar sepulturas imediatamente a um tão grande numero de corpos.

Esse acto de pura misericordia christã começou no dia 29 de Outubro, pois grande fora a mortandade nos dias anteriores. A 4 de Novembro diminuiu a mortandade, sendo a metade dos obitos verificados nos dias 2 e 3. É que na tarde do dia 3 de Novembro houve uma tempestade com fortes descargas electricas, melhorando sensivel e promptamente o estado sanitario. Nos dias 23, 24, 25 a Irmandade

da Santa Casa fez celebrar préces na egreja Nossa Senhora Mãe dos Homens para a cessação da peste. Vem então a Campos o medico francez Dr. J. Gornet, afim de fazer observações para escrever um livro acerca da epidemia na Provincia do Rio de Janeiro.

Só em principio de Dezembro, depois de dois mezes de pezada angustia no animo da população, foi que o terrivel morbus começou a restringir-se, mas, mesmo assim ainda era pavorosa sua acção, pois, no ultimo dia do nefasto anno de 1855 ainda elle dizimou 20 pessoas!

Na enfermaria que a policia improvisou, para os pobres, na rua do Principe, assistiu o quarto-annista da Faculdade de Medicina, Albino Rodrigues de Alvarenga, tendo se internado nella, desde 12 de Outubro a 29 de Novembro, 61 enfermos.

A peste que flagellou a população campista fez 2.279 victimas, sendo o maior numero de mulheres, conforme o quadro elucidativo no verso.

Deixemos, por agora, assumpto tão compugente e vamos reparar como era o estado sanitario da cidade nos tempos primitivos.

CHOLERA DE 1835	PESSOAS VICTIMADAS			PESSOAS FALLECIDAS		
RUAS E TRAVESSAS	Livres	Escravos	TOTAL	Livres	Escravos	TOTAL
Beira Rio	134	142	276	46	102	148
Rosario	193	67	260	53	39	92
Beira Rio (E. abaixo da Lapa)	150	168	318	13	4	17
Conselho	140	58	198	44	31	75
Direita	60	65	125	40	87	127
Quitanda	60	81	141	13	31	44
Sacramento	60	65	125	7	42	49
Detraz do Rosario	71	42	113	20	26	46
Alecrim	55	39	94	19	32	51
Flores	52	16	68	17	9	26
Bôa Morte	50	14	64	21	6	27
Santa Casa Misericordia	42	12	54	21	14	35
Cercado do Furtado	25	22	47	3	27	30
Proposito	22	20	42	13	12	25
Ouvidor	23	29	52	5	5	10
Mafra	32	15	47	7	2	9
Praça Principal	14	24	38	6	11	17
Ilha dos Lazaros	16	23	39	11	1	12
Cabeças	27	9	36	8	4	12
Constituição	14	11	25	8	12	20
Nova do Ouvidor	22	7	29	9	2	11
Cancellas	25	3	28	3	2	5
Frade	16	6	22	7	4	11
Santa Iphigenia	14	7	21	6	2	8
Cabral	15	4	19	2	1	3
Lagôa do Osorio (Bacia)	9	15	15	0	6	6
Cóvas d'Areia	6	6	12	5	4	9
Travessa do Barroso	13	2	15	3	1	4
Praça Municipal	4	7	11	2	3	5
Principe	8	1	9	5	1	6
Jaca	9	2	11	0	4	4
Detraz da matriz	10	2	12	2	0	2
Largo do Rosario	5	3	8	4	0	4
Largo do Rocio	3	6	9	1	1	2
S. Bento	2	2	4	1	5	6
Becco Constantino	1	6	7	2	0	2
Travessa do Carmo	3	1	4	3	1	4
Formosa	1	0	1	6	0	6
Largo das Verduras	2	0	5	0	1	1
Imperatriz	0	3	0	4	0	4
	1339	940	2279	440	535	975

TURUNA CAMPISTA

Unico estabelecimento de JOSÉ NAKED

Rua João Pessôa, 64 — PHONE 966

Varejo e atacado - Maior sortimento - Maior variedade - Maior barateiro.

FAZENDAS - ARMARINHOS - BIJOUTERIAS.

ALFAITARIA

FORZANO

ANTONINO FORZANO

Artigos Nacionaes e Estrangeiros.

Rua 13 de Maio, 25 — (Predio proprio) TELEPHONE N. 1644

TINTURARIA E CHAPELARIA DO "COMMERCIO"

CASA FUNDADA EM 1897

Rua João Pessôa, 40 (antiga do Conselho)

Tinge-se e lava-se qualquer fazenda.

Reforma completa de chapéos.

LUTO EM 12 HORAS. — LIMPEZA A SECCO. — LAVAGENS. — OFFICINA DE ALFAIATE.

BENEDICTO DE ALMEIDA — (Fone 730)

N.E.: Imagem da terceira capa da primeira edição do *Cyclo Aureo*.

A LIMPEZA PUBLICA

-Os tigres das 10 horas;
-Barris d'agua por 2 vintens;
-Por fim os esgotos do inglez.

Dar hygiene á cidade, nos dias de 1835 – 1887, era o probléma mais difficil a ser resolvido e que tanto dava que fazer aos cérebros dirigentes da Communa.

Entretanto do desasseio da cidade, a falta de rêde de esgotos aggravada com a existencia de varias lagôas onde eram atiradas todas as immundicies, eram causas que determinavam as erupções de varias doenças, por vezes verdadeiras calamidades públicas como vimos no capitulo anterior.

Não existindo a canalisação para as materias fécaes do grande agglomerado que já era a nossa população, ellas eram lançadas no rio Parahyba, penoso trabalho da gente escravisada que, pelo desmazelo e boçalidade, nem sempre fazia as descargas dentro da torrente, mas sim nas margens, em plenos portos...

Na sessão da Camara, em 4 de Novembro de 1839 disse o vereador José Francisco Vianna:

«Parece-me que o unico meio de que a Camara póde lançar mão com proveito, para conservar sempre limpos os portos e caes desta cidade, como lhe cumpre em desempenho de suas posturas para salubridade e decencia publicas, é ter-se em cada um delles, um guarda permanente, morador no logar, que obrigue aos *serventes* a fazerem

os despejos dentro do Rio e não em terra, como fazem actualmente, donde provém a imundicie, de que estão recheiados, e outrossim, que recambie para as lagôas do Cortume e Furtado, tudo o que fôr cisco, que sirva de il-as gradualmente aterrando.»

O art. 63 do Codigo de Posturas a que se referiu o vereador Vianna, estatuía: – «Os despejos de materias fécaes no rio Parahyba só poderão ser feitos depois das 10 horas da noite.»

Limpeza, nos primitivos annos da cidade, era um mytho. A Camara mandava, em 1839 que seus fiscaes providenciassem na limpeza das ruas, porque – «algumas se acham entupidas de lixo»… (Acta de 14 de Agosto) Não obstante as prescripções do Codigo, até 1841 ainda continuavam a despejar nos portos as esterqueiras, forçando a Camara tomar em bôa conta a propósta do vereador Vianna, creando no mes de Julho, a classe dos – Guardas-portos, – dividindo os portos em secções para a melhor vigilancia, cujas secções eram as seguintes:

1ª Do porto do Terra ao porto José Maria: 2ª deste ao porto do Pelourinho; 3ª deste ao porto da Cadeia; 4ª deste ao porto Anna Maria; 5ª deste ao porto da Lancha; 6ª deste ao porto da Jaca.

Os primeiros guarda-portos (casulos da metamorphoseada guarda Municipal que ahi temos), foram os cidadãos: Francisco Rodrigues Arêas, Antonio Pereira Rabello, José Affonso, Pedro Amancio da Costa e José Feliciano de Araujo, tendo se lhes caracterisado com um *petit-bonet* de cópa rasa e respectiva «gurumgumba» mui respeitavel para os cães esfaimados das ruas, e mesmo... para algum conductor de «tigres» recalcitrante...

Mais adiante fallaremos desses desavergonhados «tigre» que não respeitavam aos delicados olfatos de nossos avós, agredindo-os assanhadamente!

No mesmo anno de 1841 foi publicado um edital, no mez de Dezembro, lembrando-se a observancia do art. 17 do Codigo: – «Fazer qualquer lavagens, desde o porto de Anna Maria até ao da Escada, ou dar de beber a animaes no porto da Cadeia, – multa de 6$000. –Art. 62. – Os despejos enxutos, ou lixos de qualquer qualidade não immundos (?) serão lançados na parte baixa da rua do Ouvidor junto á lagôa do Cortume, ou

na margem da lagôa do Furtado (lado do beco das Cancellas). –Art. 63 – Fazer despejos de immundicies no porto da Cadeia a qualquer hora do dia ou da noite, ou em outro porto da cidade antes das 9 horas da noite, ou depois de amanhecer, ou conduzir as vazilhas descobertas, – Pena de multa de 2$ a 4$000 e em flagrante, paga da Cadeia.»

E o legislador d'antanho poude seleccionar o lixo, de maneira que descobriu uma especie de – «*lixo* não imundo»…

O vereador Bernardino José Maciel havia proposto, em Novembro do dito anno que o lixo fosse lançado nas lagôas do Osorio e do Raymundo, mas o seu par, commendador José Martins Pinheiro offereceu uma emenda, pelo que ficou então deliberado que o lixo fosse atirado á corrente do Parahyba.

Pobre Parahyba daquelles tempos!

Em 1842 novamente a Camara ordenou ao fiscal que mandasse – «fazer nas lagôas do Furtado e do Cortume os despejos do lixo, cisco, terra e o mais que servir para aterral-as, e que os despejos de immundicíes, aguas sujas, etc. fossem feitos dentro do rio.» Até 1849 os porcos que vagavam pelas ruas e os urubús que faziam suas «assembléas» nos monturos das margens das lagôas eram os unicos «agentes» da *limpeza publica*... Muitos cabritos cabriolavam pelas vias públicas, bem como os gallinaceos das chacaras, pelo que a cidade em certas partes conservava os mesmos tons rusticos lá de Santo Amaro ou Travessão...

No mez de Fevereiro de 1850 reinando na Côrte a febre amarella, a Camara por medida de precaução ordenou ao seu procurador para – «mandar limpar alguns monturos que se hão *formado em diversas ruas*, na das Cancellas e outras, e que se pedisse ao Delegado de Policia o emprego de rondas nos logares onde se costumavam fazer despejos immundos, afim de privar que elles se façam.» (Acta de 1º de Março).

Em 1854 notando-se a introducção do costume de serem lançados lixo e esterqueiras no Canal, entre a Bacia e a ponte das Cóvas d'Areia, deliberaram na Camara, em sessão do mez de Setembro, determinar á guarda melhor vigilancia para impedir o abuso. Entretanto, por mais argutos que fossem os guardas, por mais que o Codigo prescrevesse

multas, ameaçando com as grades da Cadeia, e até com as lambadas dos verdugos... nada obstava que a cidade tivesse as margens do seu rio e lagôas em deploravel, vergonhoso e insuportavel estado de immundicie, tanto que lêmos na acta da sessão da Camara do dia 1 de Agosto de 1855 (já no inicio da cholerina que precedeu ao cholera-morbus), que um angulo do movimentado porto da Lancha estava transformado em centina porisso que o vereador Conego Brito requereu em sessão de 1 de Setembro que fossem feitas quatro pontes á margem do rio para os despejos, cujo projecto de construcção de pontes a que deram o nome de «embarcadeiras de despejos» foi approvado na sessão de 9 de janeiro de 1855 mas... nunca foi executado.

Foi então que o velho orgão «Monitor Campista» (naquelle tempo ainda mocetão faceiro porem sempre circunspecto), em sua edicção de 21 de Fevereiro, disse: – «As nossas ruas, das 10 as 11 horas da noite torna-se mais frequentadas dos conductores de materiais facais. Pedimos ao Sr. Delegado de policia haja por bem distribuir pelos portos em que taes despejos se effectuam, um soldado policial munido do competente *camarão*… De certos mezes a esta parte a escravatura vocifera contra a sua sorte (pudéra!…) de um modo descommunal. Tudo serve-lhe de termo: mas a conducção dos *tigres* excita-lhes mais a atrabilis.»

E os pobres escravos, sempre que podiam evitar maiores caminhadas nocturnas com os incommodos e nauseabundos barrís na cabeça, desvencilhavam-se do terrivel conteúdo onde mais perto não encontrassem a vigilancia dos homens da gurungumba, e assim descargas eram feitas no Rocio, na estrada do Becco, nas margens do Canal e em certos pontos da Côroa.

Para o lixo a Municipalidade achou remedio em começo do anno, contractando com Antonio Francisco de Brótas Limas a remoção do lixo domiciliar por meio de uma carroça.

Em 17 de Maio de 1867 João Alves de Siqueira Rangel estabeleceu um serviço de collectar barrís de materias fecaes por meio de carroças hermeticamente tampadas, e isso trouxe um grande allivio, aos escravos incumbidos de conduzir tão indezejaveis cargas. Tempos depois Rangel

pediu permissão á Camara para fazer o serviço do despejo no rio – desde as 3 horas da tarde... porem a Camara achou muito sem graça um tal espectaculo para o publico, não consentindo as descargas senão á noite.

O dr. Francisco Portella propoz na sessão de 18 de Outubro de 1869 que o lixo das varreduras das ruas fosse lançado na parte baixa e alagadiça das ruas das Cabeças e Formosa, cobrindo-o convenientemente com terra virgem.

ESGOTOS E AGUA CANALISADA – Na sessão da Camara de 7 de Janeiro de 1870 o Dr. Francisco Portella reforçando a opinião emittida na imprensa acerca do estado sanitario da cidade, disse: – «Esta cidade, que por suas condições naturaes e pelo desleixo e indifferença dos particulares é hoje uma Argel ou uma Angola, como disse ha pouco o Dr. Miguel Heredia, precisa, exige mesmo imperiosamente a applicação da attenção d'aquelles que tem por dever indeclinavel tratar dos seus melhoramentos. A população vive imersa em meio miasmatico, humido, immundo pernicioso. A cidade se transforma em um charco immundo todas as vezes que chove. É necessidade indeclinavel, que se trate quanto antes de levar a effeito um plano de esgostos de aguas fluviaes.»

Em 1871 a «Campos Gas Company» se propoz fazer obras necessarias de tanques, encanamentos, chafarizes, por 300 contos, para abastecer Campos de agua potavel, tendo para isso se reunido no paço municipal em 25 de Maio, o proponente Thomaz Dutton Junior e os cidadãos: Barão da Lagôa Dourada, Dr. Francisco Portella, Francisco Ferreira Saturnino Braga, José Ribeiro Meirelles, Manoel José de Castro, Antonio José Ferreira Martins, Dr. Thomaz Coelho, Dr. Manoel Rodrigues Peixoto, Dr. Chrysantho Leite de Miranda Sá.

Em 1872 Alberto Rocha Miranda e João Van Erven Sobrinho solicitaram da Assembléa Provincial concessão para estabelecer nesta cidade esgotos nas habitações, o que foi communicado á Camara, em sessão de 15 de Outubro. Entretanto, sómente 13 annos depois foi que a «*Campos Syndicat Limited Cª*» obteve concessão para estabelecer os esgotos, pelo Decreto n. 9529, de 12 de Novembro de 1885.

Em Março de 1886 desembarcaram na cidade 700 trabalhadores para os serviços da «Syndicat,» sob a gerencia de H. E. Holmes e engenheiro-chefe E. Benest.

DESASTRES E ATTENTADO – Por todas as ruas eram feitas as escavações para collocação da rêde, e succedeu que nas Cóvas d'Arêa, devido a natureza arênoza do terreno, entre o Canal e a rua de S. Bento, houve um desmoronamento no dia 27 de Abril de 1886, ás 10 ½ horas da manhã, ficando sotterrados na profunda valla que foi aberta, os operarios Herculano Manoel da Silva, José Justo, José Brito e Chrysantho Gomes Crespo, sendo este ultimo o unico que foi retirado com vida, dando entrada na Santa Casa em estado grave. Os demaes trabalhadores abandonaram o trabalho e o povo, que andava muito irritado com a Companhia Sindicate e seriamente contrariado com o Governo por causa do contracto da agua encanada, e excesso das taxas a serem cobradas, – fez um grande tumulto attentando contra o material da Companhia, que se achava naquelle local, quebrando os canos, arremessando bombas, e sendo a polícia impotente para deter a exacerbação popular.

Outro desastre identico occorreu na rua D. Pedro II em frente á officina de Torres & Pentland (hoje «Officina Cruzeiro» do Sr. Alexandre Barbirato), pelas 5 horas da tarde, morrendo soterrado o nacional Francisco Pereira e ficando muito maltratado o portuguez Manoel Matheus.

A rêde de esgostos da Comp. Syndicate começou a funccionar em 11 de Abril de 1887 nas seguintes ruas – desde Coroinha até a rua Goytacazes, ruas do Vieira, Baroneza, Cons. José Fernandes, (até Thomaz Coelho,) Voluntarios da Patria até Constituição; São Bento, Cercado do Furtado, Proposito, B. Amazonas, Constituição (até Voluntarios da Patria), Gil de Góes até S. Bento; Sacramento, Boa Morte, Barroso, Vigario João Carlos, Mafra, Conselho, Praça de S. Salvador, Direita, Becco do Busca, Quitanda, Rosario, Andradas, Ouvidor, 7 de Setembro até Goytacazes, Aquidaban, travessa do Carmo, Cabral, Formosa, Frades, Imperatriz, praça do Imperador, Cóvas d'Areia, Principe, Princeza, Santa Iphigenia, Canal, Rocio, rua da Lapa, e Saturnino Braga.

A rêde de esgotos não estava ainda assentada nas ruas: Goytacazes, Riachuelo, Rocha Leão, Espirito Santo, Thomaz Coelho, Voluntarios da Patria desde Constituição até Cóvas d'Areia, Constituição, desde Voluntarios da Patria até a Estrada de Ferro, Alto do Pinheiro, Salvador Corrêa e Benta Pereira.

A Companhia violando seu contracto, fez ramaes de esgotos ligados em 2 ou 3 casas com uma só derivação para o collector da rua. O Governo Provincial obrigou a Companhia a fazer as derivações de cada predio directamente para o collector.

Uma representação da Camara ao Governo solicitando medidas que resguardassem a salubridade da cidade e os interesses dos municipes, com data de 3 de Maio de 1887, e assignada pelo Dr. Portella, Dr. Vicente Souto e Dr. Antonio Manoel de Azevedo, reclama o seguinte:

«1º – A execução da clausula 2ª § 1º do contracto de 12 de Maio de 1882 fazendo a Companhia canalização especial adequada ao escôamento das aguas pluviaes.

«2º – A lavagem dos canos dos esgotos das casas conforme o § 4 da clausula 2ª.

«3º – Que os lançamentos dos despejos e liquidos dos esgotos fossem feitos no rio Parahyba e nunca no Canal, etc.»

Em Maio de 1887 já se contavam 2.000 predios com esgotos.

Os dr. Antunes, em uma serie de artigos atacou o contracto de *agua obrigatoria*. Os proprietarios de predios se reuniram na noite de 28 de Outubro no salão do Theatro S. Salvador afim de deliberarem sobre a attitude que tomariam em face do decreto. Fallaram os Drs. Manoel Gesteira Passos e Pedro Tavares.

Veladamente, por traz de todo aquelle movimento, a politica sempre matreira e exploradora de circunstancias tecía seus cordéis para urdir a reacção contra o governo fluminense. Para mais irritar ao povo, foram publicadas as tabellas das penas d'agua do Rio e de Campos, que aqui reproduzimos:

Tabella do Rio de Janeiro			Tabella de Campos		
Classe do predio	**Valor locativo**	**Taxas**	**Classe do predio**	**Valor locativo**	**Taxas**
1ª	Até 60$000	Gratis	**1ª**	Até 60$000	12$000
2ª	De 60$100 a 300 $	12$000	**2ª**	De 60$000 a 120$000	24$000
3ª	De 300$100 a 600$	24$000	**3ª**	De 120$000 a 300$000	36$000
4ª	De 600$100 a 1.000$	36$000	**4ª**	300$000 para mais	54$000

Ao primeiro golpe de vista na tabella parece que a razão estava toda inteira com os campistas reclamantes, mas, se naquelles dias o povo considerasse sem paixão e com ponderação que uma pequena casa gasta, no minimo; diariamente, e na peior hypothese, 1.000 a 1.500 litros d'agua, e que se comprava, anteriormente, de 10 a 15 barris d'agua diarios, a 40 réis, eram assim despendidos mensalmente, no mínimo, 12$000, portanto, a mesma quantia da tabella da companhia inglesa... ninguém se irritaria por ter dentro das casas as torneiras d'agua, portanto, bem a salvo do incommodo dos consecutivos vae e vens dos abastecedores d'agua com os barris á cabeça.

Ademaes, nem sempre que acabava a agua das talhas, se encontrava á porta a pipa abastecedora, e era preciso se esperar que o preto Honorato ou o «Pae Januario», em morosa distribuição do precioso líquido pelo quarteirão, se aproximasse da porta e desatarraxasse a torneira para servir com alguns barris.

A 2 de Janeiro de 1888 o Governo sanccionou o projecto apresentado pelo Dr. José do Couto Coutinho regulando a taxa de esgotos, concebido nestes termos:

"Art. 1º - A taxa de esgotos estabellecida pela lei nº 1729 de 19 de Fevereiro de 1872, na cidade de Campos, destinada a accorrer ás despesas do serviço de esgoto da dita cidade a cargo da Comp. Campos Syndicat Limited, será cobrada proporcionalmente ao valor locativo dos predios."

Convem rememorarmos aqui, como se fazia antigamente o abastecimento da agua. Primitivamente a população da parte suburbana se valia das cisternas das suas chacaras e quintaes, e da parte central, si era gente pobre ia com suas latas apanhar a agua no rio, e si era rica

(ou possuidora de escravos) tinha tal mister feito pelas mãos dos seus captivos. Depois passou a ser vendida a agua pelas ruas, conduzida em pipas montadas em carroças. Em Agosto de 1843 Manoel Francisco Dias pediu licença á Camara «para collocar uma bomba no Porto Grande afim de encher com facilidade a pipa em que conduz a agua para vender» Foi a primeira bomba de sucção colocada na Beira Rio para tal fim.

O segundo industrial de agua potavel foi José Bento de Araujo que em 1844 collocou uma bomba no porto da Cadeia. Surgiram outros exploradores do ramo industrial, como sejam: José Francisco da Silva, Porto, Luiz Salvignol, Domingos Gomes Leite, tendo este feito uma declaração pela imprensa, dizendo constar-lhe que seus escravos empregados no serviço de vender agua costumavam, em alguns pontos da cidade, pedir mais de 20 réis por barril do liquido, sem a sua autorização, porisso rogava áquellas pessôas a quem fosse exigido mais de um vintem, annotassem o nome do vendedor para denunciar-lhe.

Em 1855 fundou-se no mez de Dezembro a «Sociedade Aquatica»... para promover o melhor abastecimento d'agua á cidade, requerendo a devida licença para duas bombas, os directores Manoel Ferreira da Penha e Antonio Maria Corrêa de Sá, cujas bombas começaram a funccionar em 7 de Janeiro de 1856.

Nem porque a 1º de Agosto de 1887 começassem as torneiras da Companhia Syndicate a fornecer ás habitações a preciosa lympha, deixaram de transitar as carroças d'agua tanto que ainda em 1890 existiam na cidade 21 pipas que abasteciam as casas das ruas onde não havia rêde da companhia ingleza. Foi dos nossos dias o velho portuguez Rodrigo, morador na rua da Princesa, que vivia na abastança fazendo o velho Honorato e mais outro distribuidor dagua rodar as carroças da facilima e lucrativa industria.

E foram os remanescentes dessa venda ambulante que puzeram, nos dias 3 e 4 de Julho de 1890, a população em difficuldades: – estallando uma grêve dos carroceiros (pois já não eram mais escravos,) boa parte da cidade ficou sem supprimento d'agua, e a Intendencia Municipal valeu-se então da Companhia Syndicate fazendo fornecer a agua pelas caixas existentes nas esquinas das ruas.

No mez de Outubro o Governo do Dr. Portella contractou com o «Syndicat Limited» o supprimento de agua (400 litros) obrigatoriamente, e por 12$000 annuaes. Então os predios da cidade que eram servidos de esgotos contavam-se em 2610 e apenas 554 possuiam a canalisação d'agua!

Em 1892 a Assembléa Fluminense approvou em sessão de 19 de Outubro o parecer apresentado pelos deputados campistas Antonio Ribeiro Cardoso, Sebastião Lacerda, Candido de Lacerda e Alcebiades Peçanha, declarando irrita e nulla a novação do contracto de 12 de Maio de 1882 celebrado entre «The Campos Syndicat Limited» e o Governador Dr. Francisco Portella.

Em 1901, pelas 13 horas do dia 10 de Abril foram paralyzados os serviços de abastecimento dagua e os esgotos, por falta de combustivel, pois o respectivo fornecedor, Francisco de Mattos Pimenta, suspendera a remessa por falta de pagamento. Por seu turno Samuel Burgum, gerente da Companhia, declarou que a falta de pagamento de lenha era motivada por estar o Governo com um anno de atrazo dos seus pagamentos á empresa, num total de 152 contos! …

Entretanto o povo campista, este povo que quanto mais paga impostos mais soffre, – naquella ocasião ficara sem os serviços sanitarios com grave perigo e incalculavel incommodo justamente quando acabava de saldar os seus impostos á bocca do cofre!!!

Sempre a lastimavel sina dos campistas, de pagar ao Estado os melhores impostos, – e receber como uma esmola, a migalha da displicencia governamental...

Naquelles dias o povo si quiz saciar a sêde e fazer os serviços hygienicos teve de ir buscar ou pagar quem buscasse em latas a agua do Parahyba. No dia seguinte (11 de Abril) surgiu pelas 2 horas da tarde a agua nas torneiras, para tornar a faltar nos dias 3, 4 e 5 de Maio, pelo mesmo motivo, pois o Governo Quitino Bocayuva promettia providenciar... mas a unica providencia que era a remessa do dinheiro, deixava de fazer...

A Camara, então presidida pelo Dr. Benedicto G. Pereira Nunes, tudo fizera para jugular o mal, dando fim a tão terrivel estado de cousas.

No dia 13 de Junho o operariado da Syndicate tambem declarou-se em parede por falta de recebimento de seus salarios. Nova paralysação dos serviços sanitarios, justamente quando a Collectoria Estadual, que se fazia tão diligente e pressurosa em collectar os impostos, arrecadava do povo campista o tributo para gosar da agua canalisada e dos esgotos.

Foi preciso que o Vice-presidente da Camara, Dr. José Nunes de Siqueira agisse com acerto e, valendo-se do seu prestigio pessoal junto dos trabalhadores, conseguiu o restabellecimento dos serviços no dia 15.

Em Julho houve terceira paralysação dos serviços, nos dias 3 e 4, e só cessou tão terrivel anormalidade no dia 5, quando o Governo resolveu fazer o pagamento.

Presentemente os serviços de agua e esgotos estão encampados pelo Governo sendo o abastecimento feito pela Caixa d'Agua, da Corôa, installada com possantes motores.

OUTROS SERVIÇOS SANITARIOS, – Em 1901 começou a ser cobrada a Taxa sanitaria, pela remoção do lixo domiciliario, por proposta do Dr. Pereira Nunes, e no anno seguinte foi collocado o primeiro mictorio publico em Campos, na rua Formosa, ao lado do Theatro S. Salvador, sendo a proposta feita pelo vereador Bernardino José de Oliveira.

N.E.: Imagem da quarta capa da primeira edição do *Cyclo Aureo*.

A GUERRA DO PARAGUAY

«Adeus, Campistas! Adeus, tudo
[o que amo:
Esposa, filhos, mãe, e amigos meus
Um dia voltarei cantando glorias,
Ou então... para sempre, adeus,
[Adeus!»

Epopéa empolgante, da arremettida dos leões goytacazes em busca do insultador da Patria amada!

Lições de coragem, de desprendimento, de fé civica que nos deixaram aquelles destemidos Voluntarios Campistas abandonando as plagas camposinas nos dias apprehensivos de 1865, em busca do Sul, para baterem rijos ao Atrevido de Paysandú! Sómente a 25 de Janeiro de 1865 foi que os campistas puderam ter a demorada noticia da quéda de Paysandú occorrida a 2, e da invasão do territorio brasileiro, na Provincia de Matto Grosso pelas hordas fanaticas do Lopez, occorrida a 26 de Dezembro (1864).

A alma campista fremiu de patriotismo, e já na manhã de 28, tres dias após a tremenda noticia, o vapor «Galgo» silvava annunciar do que ia levar os primeiros patriotas.

Effectivamente cheios de stoicismo e sêde de desafrontar a terra do Cruzeiro, 12 campistas (e não 5 como assinalou Julio Feydit,) subiam para bordo do vapor no porto da Banca.

É preciso que fiquem aqui bem gravados os nomes daquelles gloriosos conterraneos bem dignos da grande patria que os teve por

filhos; esses primeiros voluntarios foram os seguintes: – Pio Francisco de Magalhães, Francisco José Carvalho Junior, José Rodrigues da Silva, Romualdo Pereira de Andrade, José Vicente dos Santos (da guarda Nacional), Bento Lopes da Silva Lima, (agrimensor e situante no Murihaé), Geraldo dos Santos Ferreira de Barcellos, João Lopes da Silva Costa, Deolindo da Silva Lima, João Manoel de Freitas, Felismindo Pacheco Piracicaba e João José Caldas Junior. Ao cáes concorreu a população estimulando mais a mais aos doze primeiros combatentes com applausos e acclamações á Patria. O Dr. José Joaquim Heredia de Sá, então delegado da policia, fez um vehemente discurso, terminando por concitar daquelles heróes para que fossem castigar ao tyrano d'Assumpção.

Na Matriz foi cantado *Te Deum* em acção de graças pelo feito de Paysandú e Coimbra, e terminada a oração, foi benzido um livro intitulado – Livro da Patria – destinado a receber a inscripção do voluntariado, sendo então recebidas as seguintes assignaturas dos voluntarios:

Francisco Antonio Sanson, (filho do francez Victor Sanson); Manoel Theodoro de Almeida Baptista, filho do commendador Bento Benedicto Almeida Baptista, o qual morreu no combate de 24 de Maio, Balthazar de Brito Lima, Antonio José de Carvalho Filho, Antonio Francisco da Cruz Cardoso, João Augusto de Freitas.

Nas noites de 6 e 7 de Fevereiro houve illuminação nas fachadas dos predios e a banda da Guarda Nacional percorreu as ruas tocando o Hymno Nacional e o Hymno dos Voluntarios.

No dia 9 embarcaram no vapor «Ceres» mais 11 voluntarios, tendo discursado no cáes os drs. Miranda Pinto e Heredia de Sá.

O commendador José Martins Pinheiro pôz á disposição dos moços que quisessem se alistar, 10:000$000 em quótas de 100$000. Em 10 de Fevereiro embarcaram no vapor «Presidente» mais sete voluntarios e o Dr. José Pinto Ribeiro de Sampaio, no cáes pronunciou o seguinte canto de guerra:

Paraguayos, tremei! Lá vão gigantes
Insolencias punir de um vil tyranno!

Aos muros d'Assumpção, no embate d'armas
Vão plantar o pendão americano,

Não temem, não trepidam, brasileiros
Desdenham desses monstros sanguinarios,
Morrerão, si morrerem, como bravos,
Os da Patria valentes voluntarios.

Das terras de Cabral dilectos filhos
As plagas paraguayas vão contentes;
Querem louros colher, em sanha infrêne
Nesta luta de heróes os combatentes,

Quem não tem liberdade não tem crenças,
Desconhece o porvir, não tem progresso
– Raça de Guaranys, barbaro povo
Que á voz do dictador vegeta opresso.

Sem costumes, sem lei, tendo por norte
A vontade de um fero despotismo,
São escravos soldados de Solano
Não têm Patria, é seu timbre o servilismo.

Alastrem nossos campos de cadaveres
De sangue envermelheçam nossos rios,
Selvagens, á pilhagem se arremessem;
Vencidos cahirão aos nossos brios.

Temerarios que são, que olhi-vendados
Compram a morte em campo de bravuras;
Cada esforço é a suplica da vida;
Cada golpe o flagello das torturas.

Eia! O Prata vos chama! eia! ao combate!
Empenhei-vos na lucta que é de gloria.
E nos craneos dos trêdos Paraguayos
Bebei o sangue quente da victoria!

BRAVOS CAMPISTAS! Queremos aqui destacar circumstancias que bem fazem projectar o vehemente fulgor do patriotismo goytacaz. Alem de Manoel Theodoro, outros filhos de illustres familias campistas tomaram pressurosos o rumo do Paraguay, como Virgilio Antonio de Carvalho, Henrique Simão, Polycarpo Luiz Peixoto, Jacintho da Costa, Crescencio Mendes da Cruz, João Francisco Fontoura, Manoel Oliveira Braga, Antonio Alves de Souza Guerra e Luiz Fellipe de Saldanha da Gama

Pois bem; n'um desses momentos chócantes do embarque para a guerra, surge por entre a trópa e a multidão uma mulher, uma authentica filha da Terra de Benta Pereira, e, emquanto as mães, as irmãs, as noivas soluçavam, ela resoluta, empolgada pelo patriotismo brada para o seu filho, o voluntario Antonio Alves de Souza Guerra:

– «Parta contente, ó filho! vá vingar galhardamente a honra e integridade do Imperio, ameaçados pelos paraguayos; o melhor trophéu que lhe poderás trazer da guerra é a roupa salpicada do sangue inimigo, e mostres sempre digno de mim e da Patria!»

Esta mãe campista tão ciosa da honra do Brasil foi a matrona Francisca Alves Corrêa de Jesus. Outra gloriosa mãe, cuja acção devemos assignalar bem aqui, foi a viuva de Victor Sanson. Era com anciedade que se esperava, naquelles dias, as noticias do campo da lucta trazidas morosamente pelos jornaes da Côrte, nas chegadas dos vapores. Numa daquellas occasiões chegou a noticia de um combate em que cahira morto o voluntario campista Francisco Antonio Sanson. Pessoas amigas da viuva Sanson, foram compungidas dar-lhe a triste noticia da morte do seu unico filho, – mas aquella alma varonil, nem por se vêr só no mundo, deixou de alegrar-se extraordinariamente porque, dizia então, teve a honra e a gloria de ter tido um filho que deu seu sangue e sua vida pela Patria!

A «Companhia União Campista-Fidelista» deliberou em começo de Fevereiro, officiar á Camara e ao delegado offerecendo passagens gratuitas aos Voluntarios. Em 18 de Fevereiro e por iniciativa de Sylvestre José Pereira Guimarães foi entregue uma bandeira ao batalhão de voluntarios, e no vapor «Galgo» embarcou no dia 17 o batalhão da Policia com a respectiva banda de musica. Foi quando o grande vate conterraneo Dr. José Alexandre Teixeira de Melo desferiu a sua elegia patriotica;

AO PARAGUAY!

O Brasil vae fazer de um povo escravo
Um povo livre – A algema brutalisa!
Horda de vis sicarios que inda beijam
A propria mão que férrea os tyranniza.

Vae dar uma licção tremenda ao déspota
Que o povo á escravidão contente guia;
E ao gremio das nações chamar o escravo
Que adora a escravidão e a tyranía.

Vilão e sanguinario, os seus escravos
Lopez verá passar livres do jugo,
Livres a seu pezar qu'importa aos bravos
Que vão das mãos tiral-os do verdugo?

Tyranno em miniatura, ha de a arrogancia
Ante os nossos canhões depôr em terra!
Sús! á guerra, valentes paladinos
Da luz, da liberdade, á Guerra! á Guerra!

Ides regar de sangue aquelles campos
Onde impera o terror da tyrannia;

Porem do vosso sangue generoso
A liberdade ha de nascer um dia!

Filho da gloria, o santo enthusiasmo,
Que da Patria o amor, te guia e inflamma;
Arde-te a face á injúria feita á Pátria,
Que nunca embalde o sangue teu reclama.

E o paraguayo, embrutecido aos ferros
De antiga escravidão e ao servilismo,
Vacilla e treme! E só o instiga o látego
Que Lopez deu por sceptro ao despotismo

Qu'importa ao servo a gloria da conquista,
Os louros da vitorias dos tyrannos?
Elles não têm amor á liberdade...,
São Paraguayos, não americanos!

Obedecem á voz da tyrania,
Ao aceno da féra que os domina,
Ide, valente, tróço de guerreiros,
Mudar d'aquelles barbaros a sina.

Ide ensinar áqueles salteadores
Que a Matto Grosso as garras estenderam,
Dos seus covis a estrada ensanguentada,
E a aprenderem de novo o que esqueceram.

A apprenderem que ás nossas bayonetas,
Já deveram a patria e a liberdade,
E que um povo d'ingratos que isto esquece
É indigno de viver na nossa idade.

Heroes, vingae o ultraje feito á Pátria,
E a luz levae áquella escuridão!
Mostrae áquelles vis que um Brasileiro
Vale cem dos escravos d'Assumpção.

Ao Paraguay, valentes campeadores,
A luz, a liberdade, e a paz levae!
A gloria vos sorri, vos abre os braços:
Ao Paraguay, irmãos, ao Paraguay!

Dentre os bravos que investiram as terriveis fortificações de Paysandú figurou o campista LUIZ FELLIPPE DE SALDANHA DA GAMA, então guarda-marinha, sendo o porta-estandarte do contingente que o Barão de Tamandaré fez desembarcar para auxiliar as forças terrestres.

O patriotismo não incendiava sómente o espirito daquelles que podiam partir para o Sul; elle escaldava o animo dos que não podiam alcançar o theatro da lucta, porisso que agiam conforme as circunstancias: – João Joaquim de Sá e Costa, para auxiliar o voluntariado, poz 3:000$000 á disposição do delegado, e assim tambem Dr. Joaquim Manhães Barreto, tenente Domingos Pereira Pinto, Chrysanto Leite Pereira Sá, que offereceram, cada qual 1:000$000; Dr. Hermenegildo Rodrigues de Alvarenga e João Caldas Vianna Filho, 500$000 cada um, Dr. Manoel José de Lacerda Trancoso, Gregorio Miranda Pereira Pinto, cap. José da Terra Pereira e Dr. Thomaz José Coelho de Almeida, 30$000 cada um, durante o tempo da guerra.

O fazendeiro João Rodrigues da Cunha offereceu dois filhos para seguirem como voluntarios, e em logar do terceiro filho que era necessario para ficar administrando a fazendo de café, apresentou o voluntario Fortunato Rodrigues da Cunha, sobrinho do ultimo commandante de milicia de Campos.

A 25 de Fevereiro partiram mais 150 voluntarios campistas. Antes da empolgante partida os voluntarios seguidos da banda de musica da

Guarda Nacional, grande numero de officiaes e muito povo dirigiram-se para a egreja Matriz onde fizeram oração implorando a assistencia Divina para a sagrada causa do Brasil, e em seguida deu-se o embarque no porto da Banca, tomando o vapor «Galgo» que conduziria até bordo do vapor «Presidente.»

A mae do voluntario Manoel Theodoro, D. Maria Carlota de Almeida Baptista fez celebrar uma missa na egreja da Misericordia, para o bom successo das armas brasileiras.

Na hora do embarque varios discursos patrioticos foram feitos pelos Dr. Francisco Portella, Thomé José Ferreira Tinoco, e Dr. José Heredia de Sá. Recitaram poesias de suas lavras o Dr. Trancoso, Dr. Teixeira de Mello, tendo o Dr. Sampaio recitado a melhor das suas concepções lyricas, o poema «Riachuelo» no qual cellebrava e avivava a gloria dos brasileiros, cujo poema, n'um momento de profundo desgosto o poeta lançou ao fogo, e assim perdeu-se uma preciosa peça de arte e patriotismo.

Foi então que dentre os voluntarios tambem se viu a musa planger notas emotivas e sublimes: Joaquim Ribeiro da Silva Pinto, recitou:

«Adeus, Campos, adeus, que eu vou deixar-te,
Deixo tudo o que amei, tudo o que amo;
A Pátria, a mãe, a irmã, a esposa e amigos
E meus filhos que embalde agora chamo!

O sol do Paraguay se céva em sangue
O carniceiro e audaz Lopez Segundo;
Horda de canibaes sem brio e honra,
Teu crime e atrocidade espanta o mundo!

Eu vou ao Paraguay! aos meus irmãos
Vou levar o meu braço e o meu soccorro,
E com elles vingarei injurias tantas,
Ou senão pela Pátria alegre morro.

Campistas, se algum dia á vossa porta
Um filho meu chegar pedindo um pão,
Não deixeis ir mais longe o coitadinho,
Abri o peito ao dó, a compaixão!

Quando voltar, me curvarei ás plantas
Dos que dos filhos meus forem amigos,
Eu que a trôco que fôra de um Imperio
A fronte não curvára aos inimigos.

Adeus, CAMPISTAS! adeus, tudo o que amo:
Esposa, filhos, mãe e amigos meus;
Um dia voltarei cantando glorias,
Ou então, para sempre, adeus, adeus!

O primeiro invalido conterraneo que voltou da guerra, no mez de Setembro, foi Antonio José Monteiro, que tomou parte da guarnição da fragata «Amazonas», a cujo bordo fôra ferido.

Outro ancião que entregou seus tres filhos como voluntarios, foi o capitão Antonio da Silva Guimarães, da freguezia de Santa Rita da Lagoa de Cima, cujos filhos chamavam-se: Domingos, Joaquim e Custodio Pinto Guimarães, que seguiram no contingente comandado pelo capitão João Gomes Barroso.

A 1º de Março de 1865 foi fundada a «*Associação Promotora dos voluntarios da Pátria e Protectora de suas Familias*» no Paço Municipal, constituida pelos directores: Dr. José Innocencio de Campos, (presidente) era o Juiz de Direito da Comarca; Dr. Francisco de Almeida Barbosa, Barão de Itabapoana; Dr. José Joaquim Heredia de Sá; Dr. José Fernandes da Costa Pereira; Dr. Francisco Portella; Dr. Thomaz Coelho de Almeida, Dr. José Trancoso, commendador José Martins Pinheiro; capitão José da Terra Pereira, José Ribeiro Meirelles.

A costureira D. Izabel Ravel offereceu á Camara seus serviços para costurar gratuitamente as roupas para os voluntarios e suas familias.

O Juiz Dr. José Innocencio de Campos tambem apresentou ao delegado seus dois filhos Americo Eugenio de Campos e Joaquim Carlos de Campos para seguirem para a guerra, sendo incorporados ao contingente que, em 12 de Abril, após assistir a Missa na egreja do Carmo, embarcou para o Sul.

Em 9 de Outubro de 1866 foi feito o embarque dos primeiros recrutas: 8 amarrados, segundo a praxe e 9 seguros pela roupa, por serem guardas, sendo escoltados pela guarda até bordo do vapor «Agente».

Num combate cahiu ferido por 13 ferimentos e fallaceu o campista Joaquim Rodrigues da Costa, irmão do coronel Antonio Rodrigues da Costa, cujo combate a bordo do encouraçado «*Luiz Barros*» foi travado em frente á fortaleza de Humaytá.

No dia 11 de Janeiro de 1869 chegou a Campos a noticia da victoria do exercito brasileiro pela tomada de Loma Valentina, porisso percorreu as ruas da cidade a banda musical *Santa Cecilia* acompanhada do delegado e do povo que se regosijou, dando vivas ao Brasil, á Sua Magestade Imperial e aos officiaes e soldados.

Campos fremiu de enthusiasmo e alegria nos dias 18, 19 e 20 de Março de 1870, quando chegou a noticia do término da guerra com a morte de Lopez.

Musicas, foguetes, illuminações, flammulas, discursos quentes pelo ardor patriotico, poesias celebrando os feitos épicos dos vencedores, o hymno Nacional vibrando por todos os recantos, vivas á Religião Catholica, á Nação, ao Imperador, ao Exercito, á Armada, cantavam pelas ruas, jorrava de todos os peitos uma alegria electrisante, as dores moraes eram suavizadas pelo jubilo, houve libertação de escravos como rigosijo, em suma, descrever aquelle embevecimento de gloria a que se entregara toda a população é cousa que supera a melhor vontade do historiador.

Desde a Praça S. Salvador até ao Porto da Lancha fez-se um vistoso embandeiramento e illuminação. A Camara Municipal fez celebrar um solenne *Te Deum laudamus*, na egreja Matriz, no dia 27, a que assistiu encorporada com o seu estandarte, bem como se achou presente toda a Guarda Nacional commandada pelo Barão de Itabapoana e autoridades.

Nos dias 30 e 31 os festejos foram nas Covas d'Areia, abrilhantando-os a banda *Santa Cecilia*.

Nos dias 3 e 4 de Abril os festejos foram na rua D. Pedro II. Treis bellos corêtos foram occupados por outras tantas bandas de musica. Pela primeira vez em Campos foi erigido o *Páu de cêbo* com um premio de 50$000 para quem pudesse apanhanha-los, em frente á serraria de Joaquim Gomes Barroso.

Nos dias 7 e 8 os festejos foram promovidos pelos Artistas.

Francisco de Paula Bellido foi o director das festas. No centro da Praça S. Salvador ergueram uma columna em honra dos defensores da Patria, com 50 pés de altura sobreposta por uma estrella onde se fez *pela primeira vez em Campos acender a luz electrica*.

Quatro bandas de musica tocaram em coretos. As jovens dd. Mafalda e Tilia Pinto Salgado, filhas de João Bernardo Pinto Salgado e d. Laura Zenobia, filha do Dr. Sampaio, cantaram o Hymno Nacional. Os drs. Miguel Heredia e Fernandes Lima arrebataram a assistencia com os seus discursos, e o Barão de S. Fidelis e Barão da Boa Viagem declararam livre o ventre de suas escravas desde 1º de Janeiro de 1871.

Um campista que fez a guerra entrando nos combates Itapirú, Passo da Patria, Caruzú, Carupaity, Humaytá, Timbó e Assumpção e voltou a Campos, foi o capitão-tenente da armada Dyonisio Manhães Barreto, tendo sido ferido 2 vezes, á bordo do «Barroso» e na passagem de Humaytá.

Em 24 de Junho de 1902 falleceu nesta cidade um artista marcineiro, musico dos mais entusiastas que foi da banda musical *Lyra Conspiradora*. Foi um dos musicos que fizera toda a campanha do Paraguay, incorporado ao 15º batalhão de infanteria, e chamou-se Horacio da Rocha Nunes. Era nosso tio, pela parte materna e inflamado de patriotismo, seguiu o então jovem musico para os campos do Sul.

Terminada a guerra, nossa mãe não poude obter noticias do irmão nas informações que buscava sempre entre os que regressaram da campanha. Quinze annos já se haviam passado do término da guerra, quando nascemos, e então, ella querendo sempre se recordar do

irmão que suppunha ter sido um dos bravos que morreram nas eteppes do Paraguay, fizera nos baptisar com o mesmo nome do voluntario-musico. Uma grande surpreza, porem, não se lhe fez demorada: – É que chegou logo a Campos o voluntario do 15º batalhão, desposado com uma guapa paraguaya de comprida cabelleira, trazendo já nos braços um pimpolho que aquelles paes não sabiam bem si era um «platino» ou mais um subdito do grande Pedro II, pois nascera em pleno Atlantico, na viagem que vinham de fazer.

E assim, tivemos uma tenue ligação com os factos da unica guerra que o Brasil fôra forçado a ferir.

COLONIAS AMIGAS

OS FRANCESES

Si no presente, a colonia franceza é pequenina em nosso meio, devemos aqui frizar bem que Campos nos seus tempos passados, teve uma avultada colonia da gloriosa terra de Joanna D'Arc. Eram commerciantes, industriaes, artistas, negociantes de joias, artifices, excellentes cooperadores desta grande tarefa da formação desta cidade que hoje prepondéra e que produz.

A influencia franceza na nossa gente era muito acentuada, tanto mais porque a antiga geração campista como a actual, seguia mui de perto os costumes, as modas, a litteratura e as artes da França. O que era da França podia contar com a predilecção dos campistas, porisso que os lojistas como o Jean Vigné, o Pierre Chatel, Jean Arthez; joalheiros como o Jean Rouff, Henrique Marchand, Jean François Berenger, Alfonse Norat; alfaiates e modistas como Constant Jendy, Dahir, madame Elise, madame Lacoste e madame Agostinhe Gamondes; sapateiros de obras finas como Jean Espezer, Jean Pierre Bourguler, tinham a preferencia da freguezia do bon ton e viveram muito bem entre nós. Houve aqui o celebre «Hotel Frances» e ainda existe a antiquissima «Confeitaria Franceza» que foi do velho Rodoz e Ressignier.

Para mostrar aos conterraneos como era grande e como trabalhou na construcção do progresso campista essa gente d'alem mar que buscou a terra campista para centro das suas actividades e emprego de seus capitaes e intelligencia, passamos a enfileirar nomes.

Aqui todos se recordam daquelle nome benemerito de Jules Lambert, espirito progressista que estabeleceu a facil communicação da cidade com Guarulhos por meio das suas «barcas-pendulas». Hoje nada representa isso, mas hontem representou um grande melhoramento local.

Outros membros da sympathica colonia foram: – Amiedée Bouet, Auguste Matias Rodoz, (carpinteiro) Alexandre Dubois, Alfredo Bloc, Bernard Norat, Charles Lemonier, Delmas, Eduard Leroux, Etienne Bussiére, Edmund Lambert, Estevão Boynard, Emile Joseph Lemontey, François Cuter, (ferrador) F. J. Magnin (joalheiro). Felisberto Bulier, (latoeiro), Felix Roses, Gabriel de Preandes, Alfred, Gabriel, José Luiz Eliot, José Feydit (pae do historiador Julio Feydit), industrial com curtume no Fundão, (1855), Julião Benoit, (tintureiro), fundador da «Tinturaria Franceza» em 1854, que existe ainda, agora na rua João Pessoa de madame Panchaud, João Espezer (sapateiro), Jean Viannay, (modista), José Esberard, Jean Pierre Eugene, José Pedro Jorand, Jean François Berenger, J. A. Fabry, Jean Leaubon, Jean Charles Dubois, Luiz Thevenot, (segeiro), Luiz Berand, Luiz Haas (ourives), Luiz Dufournel, Paul Lecler, Pierre Antoine, (dentista), M. A. Crétton, Leon Ressignier, Pedro Aimé Rousseau (caldeireiro) Luiz Clement e o grande artista parisiense Clovis Arrault.

VICE-CONSULES – Até 1850 era vice-consul francez Miguel Alamir Baglione (fazendeiro e agricultor) succedendo-o naquelle cargo no mez de Abril, Julio Lambert, que fez parte do exercito francez tendo sido condecorado com a medalha de Santa Helena pelo imperador Napoleão, ao lado de quem combateu aos prussiannos, em Clichy, no anno de 1815. Morreu a 28 de Fevereiro de 1864 com 69 annos, casado com a nossa conterranea, D. Francisca Maria Dias Lambert. Substituiu-o no cargo Paul Leclér, que o exerceu até 1920, quando morreu, sendo então nomeado Jules Sellier. Hoje representam a colonia figuras importantes como: Victor Sence, Dr. Rapahel Benejent, Carlos Hamberger.

OS INGLESES

Não sendo tão numerosos como os franceses aqui, nem auferido tanta influencia pela differenciação da religião e da raça latina, contudo os saxões tambem muito cooperaram nas nossas lidas para o estabelecimento do progresso em Campos. O velho Henry Spittle, foi um dos primeiros inglezes a vir para Campos, e se estabeleceu na rua Direita esquina da rua das Flores, com casa de machinismos, mais tarde tambem commerciario em objectos e materiaes sanitarios, lampeões e machinas de costurar: aqui tambem residia o bretão João Ludolfo Anderson e foram elles que fizeram a introducção da crença protestante em Campos, promovendo tambem um cemiterio que a população denominava-o «dos protestantes» ou «dos inglezes».

Com os trabalhos de construcção das estradas de ferro «S. Sebastião» e «Macahé-Campos», assim tambem da ponte sobre o Parahyba e fabrica de Gaz, cresceu mais a colonia ingleza na terra campista, pela chegada e permanencia aqui dos seguintes inglezes e escocezes: Aorvard Edevin Holmes, Alexandre Adame, Alexandre Terris, Andrew Bentland, Alexander's M. Bean, Alexander's Bell, Charl F. Randalk, Dr. Clement Wilmont, H. L. Northfleid, David Findlay, David Goodis, James Walzer, John Leitck, Diogo Moore, Henrique Landale, Thomaz Helbren, Willian Findley, David Reid, Allan Noble.

OS ALLEMAES

Como a ingleza foi sempre uma colonia pequenina, mas formada de pessoas circumspectas, pacificas, trabalhadoras e honestas. Os antigos allemães que existiram aqui deixando umas próles mui consideradas no nosso «interland», foram: José Rokert, Antonio Zulckner, Henrique Poley, assim tambem nos tempos menos remotos Adolphe Beckner, Henrique Stern, João Sieberath, Sophia Magdalena Eliot, Guilherme Bolckau, Elisabeth Lyd.

OS ITALIANOS

Immensa é a colonia italiana em Campos. Povo da mesma raça, fortemente ligado ao nosso povo pelos élos indestrutiveis da Religião e da Arte, – os italianos fomentaram muito a grandeza da nossa terra, já na lavoura, já no commercio, assim nos officios, nas industrias, na musica, na pecuaria, e tambem pela constituição das familias.

Os velhos italianos ahi têm respeitavel descendencia, foram elles Mauricio Escrennaz, Antonio Balbi, Lengi Zaccaro, Leopoldo Bartolotti, Henrique Cardoni, Francisco Antonio Balbi, Casantino Pauzal, Antonio Romano, Paschoal Mángano (que foi tambem um ardoroso abolicionista), Luiz Ferraz, Domingos Portely, Paulo Cesario, Vicente Renne, Vicente Sant'Anna , Herminio Grosso, Paschoal Calomeni – constituindo ainda agora fortes sustentacujos da nossa evolução social e material os distintos italianos: Caetano Piconi, João Balbi, Nicolau Granato, Nicolau Judice Maria, Antonio Zaccaro, Antonio Forzano, Pompeu Policani, José Mário Balbi, Vicente Scovino, Nicolino Profio, Vicente Ferreaiole, o habil architecto José Benevento, Antonio e José Calomeni.

Em 11 de Setembro de 1888 falleceu o grande pianista Carlos Rinaldi, desposado com a nossa conterranea d. Florencia Linhares Rinaldi, o qual vinha sendo até então o vice-consul italiano; o cargo foi occupado, a seguir pelo estimado Paulo Genta, que por muitos annos foi estabelecido na Rua do Rosario, com fabrica de chapeus de sol.

Atualmente o vice consul dos italianos é o cidadão Francisco Julianelli.

Antes da unificação da Italia exerceu o vice-consulado das Duas-Sicilias nesta cidade, Manoel José Dias Tinoco, nomeado a 16 de Setembro de 1839.

OS HESPANHÓES

Outra grande colonia, igualmente operosa, de gente latina como nós, porisso mesmo irmanada comnosco pelo sentimentalismo catholico, é a formada pelos filhos da patria de Cid, que deixaram a

grande peninsula Iberica para conviver na planicie dos Goytacazes.

Desde 1870 tinha como vice consul a Ramon Mir, que residia na Coroa, passando depois o cargo a D. Juan Gastambide, que falleceu a 27 de Março de 1873 na avançada idade de 69 annos, sendo substituido por José Alfredo Carneiro de Fontoura.

Em 1879 exerceu as funcções de consulado Joaquim Pereira Miranda na Coroa, e com tanta solicitude que permaneceu nelle até morrer, quando o cargo passou para José Maria Morgarde Senra, que o exercera na Rua Formosa, onde era sempre vista a bonita bandeira rubro-aurea do paiz de Cervantes.

Foram os mais destacados membros da Colonia Affonso Gonsales, Garcia Antonio Godoy Perez, Antonio Nosso, Antonio Cebico Gonçalves, Bernardo Hespinoso Bermudes, Cecilio Muños Lopez, Damazio Rijo Delgado, Francisco Casso Delgado, Fernando Quintero Martin, Francisco Romeiro Trebinho, Francisco Ruiz Thobes, Francisco Santos Lopez, Gabriel Sarreda, Gabriel Albares, José Maria Romero, José Alvaro Ervanero, João Nogales Machios, José Moreno Ruiz, José de Souza Fidalgo, João Cassianno Perez, Justo Senches Hernandes, Gregorio Gil Gimenes, Leandro Perez, Miguel Gonsales Viscajno, Manoel Aiquellada Garcia, Manoel Martins Delgado, Nazario Guevara Ruiz, Quancabello Cercedo, Raqhael Imene Acêdo, Seraphim Muñóz, Salvador Retañero Osune, Salvador Voler Romero, Thomaz Cabrera Robayna.

OUTRAS COLONIAS

Campos desde tempos bem distantes atrahiu para o seu centro agricola-commercial muitos extrangeiros, tanto que o recenseamento feito no anno de 1848 accusava entre nós 665, tendo existido aqui mais os seguintes vice-consulados:

SUISSA. (1843) Vice-consul Charles Henssbr; (1845) Carlos Perret Gentil, Membros proeminentes: Engéne Bricolens, que foi proprietario do «Monitor», Gustavo Lomba, Samuel Hensseler.

AUSTRIA. (1846) Vice-consul Bernardo de Mattos Trindade. Figuras Prestigiosas: Fernando Fritsch, D. Carolina Fritsch.

SUECIA-NORUEGA. (1838) Vice-consul, Raymundo Franco de Miranda Filho. (1843) Luiz de Siqueira Tinoco.

HANOVER. (1838) Vice-consul, José Monteiro de Figueiredo Gravêto (1848) João José Pereira Bastos.

HAMBURGO. (1835) Vice-consul, João de Oliveira Guimarães, (da cidade Livre de Anseatica de Lubeck),

BELGICA (1867) Henrique Pedro Moll.

NORTE-AMERICA. José Beal, Samuel L. Doherty.

PAIZES-BAIXOS (1838) Vice-consul, José da Cunha Nunes Campos e em 1893 era vice-consul da Hollanda, Paulo Leclér.

RUSSIA (1837) Vice-consul, Bernardo Antonio de Passos.

ARGENTINA. (1837) Vice-consul, João Francisco Martins. Membro proeminente, José Ciattei, engenheiro.

OS SYRIOS

É com a melhor abundancia d'alma que vamos tratar aqui da numerosa colonia vinda do Monte Libano, daquellas terras sagradas por onde andou Jesus Christo derramando o balsamo santissimo nas almas bem formadas – colonia christã que emigrara da Terra Santa forçada pela maldade dos adeptos do Alkorão, os sanguinarios sarracenos, porisso mesmo é tão bem acolhida e se faz tão attraente ao povo da Terra de Santa Cruz.

Não bastando aos syrios a credencial valiosissima da fé catholica, para se fazerem credores da melhor estima a sympatica raça phenicia que veiu em bom numero para Campos, trouxe o melhor dos predicados – a moralidade absoluta.

Sim, os syrio-libanezes, nem por estarem algum tempo ao jugo de um paiz onde os peiores exemplos da polygamia são apresentados, deixam de ser magnificos professantes da santificante moral christã.

Os primeiros syrios que vieram para Campos, em 1880, foram Téres Coury, Nagib Coury, (de Beirouth), Salina e Amin Coury, (naturaes de Douar), Salim Salomão (de Brebdim) e Salim Elhaj, de Zahle. Depois destes seis pequenos negociantes que se estabeleceram na rua D. Pedro II (Beira Rio,) chegou tambem, no mesmo anno, Elias Gabriel Beiroute, natural de Tripoli. Salim Elhaj sendo muito versado na lingua franceza, servia de interprete aos seus compatriotas ainda desconhecedores do vernaculo.

A "Gazeta de Noticias" do Rio de Janeiro, edicção de 30 de Julho de 1889 publicou a noticia de ter chegado a bordo do vapor *Bearn* sem passaportes, passageiros naturaes de Libano christãos catholicos, alguns dos quaes já tinham no Brasil as suas familias. Um dos passageiros fora incumbido por um seu irmão, agricultor em Campos, de trazer-lhe patricios para a lavoura, cuja incumbencia então desempenhava."

O primeiro syrio fallecido em Campos, foi Abrahão João, no dia 12 de Fevereiro de 1890, e que não teve assistencia medica.

Por esse tempo a Camara cobrava aos syrios que mascateavam, a licença de 10$000 por bahú. Felix Antonio e Lichad Joseph eram dos desses ambulantes.

Em 1890 chegaram a Campos Jorge Bomenhem, Chequer Nacif Jorge Nacif, (de Rexmaia), que já encontraram aqui os compatriotas José e Mussi Daher, José Bechara Elquik, Miguel Gazal, Hanna Abdala, sendo todos esses seus conterraneos, o que foi motivo para o mais intenso regosijo entre elles, encontrarem-se em terra tão distante, mas tão hospitaleira e carinhosa para com todos os adventicios.

Então já se encontravam em Campos: Chequer Hadad, (natural de Merdjehioum), Antonio Cheibub, Jacob Bukhadra, João Baroudo, João Tourqui, Gabriel Minassa e seu irmão Antonio, todos de Tripoli, e Mitre Henaiquete, de Beirouth.

Alguns destes eram negociantes e outros "mascates", (vendedores ambulantes de quinquilharias: rosarios, bentinhos, etc.) José Assad, espirito authentico do phenicio de outr'ora, fazia a pé suas viagens periodicas para o Rio de Janeiro, comprando e vendendo mercadorias

pelo caminho. Ainda em 1890, chegou a Campos em 15 de Março, Miguel Calil Chacar, natural de Mahasser Elchuff, vindo em sua companhia seus compatriotas Abdala Daud Acrouch, (de Gebjanin), Ibrahim Haddad, Pedro Caram, de Barouk, e Namitala Buchaul, de Rexmaia.

Em 1892 aportaram aqui José Jorge Pedro, Antonio Chacar, Macoul Daúd Chacar, primos de Miguel Chacar.

Em 1893 chegaram Nassrala e Rescala Haddad e José Bitar, (de Beit-Meri), indo depois Nassrala e irmão para o Rio de Janeiro, onde actualmente são grandes commerciantes. Bitar foi para o 12 districto (Dores de Macabú) onde é negociante e agricultor.

Em 1894 chegaram a 24 de Abril José Jorge Mussi, Miguel Dahea, Pedro Salum e Bechara Abusada, todos naturaes de Mahasser Elchuff já encontrando em Campos os compatriotas Abdo Saiah e Mitre Jorge, (sendo este o que abriu o primeiro restaurante syrio) e Salim Saleha.

Nessa epoca foi que muitos delles começaram a ter um grande desenvolvimento commercial e agricola, assim tambem social, por ter alguns contrahido consorcios com senhoras campistas, o que veio mais a mais apertar os laços da amizade e da concordia entre os emigrados e os nativos.

O primeiro casamento de syrio com brasileira foi no dia 14 de Janeiro (sabbado) de 1893, tendo surgido factos deploraveis provocados por uns desordeiros entre os quaes José Ennes, que alliciado por Joaquim Benedicto Costa, certamente despeitado com o nubente, arrombaram as portas do estabelecimento, depredaram tudo, interrompendo as festas nupciaes. Este facto foi muito censurado pela imprensa e pela população, que o verberou acremente, porisso que attentou contra nossos fóros de civilisação, como que desmentira a nossa proverbial hospitalidade.

De 1905 até Março de 1906 residiu em Campos o sacerdote syrio Luiz Tyah, do rito maronita, muito estimado dos seus compatriotas e dos catholicos campistas.

O melhor elogio da colonia já se fez, e muito bem, nestas linhas:

«O arabe logo que se acha estabelecido, procura uma patricia e constitue familia.

Respeitador das nossas leis, é raro vel-o delinquir.

Sobrio em extremo, é bem raro ver um arabe embriagado.

Trazem consigo as tradições do seu paiz: na casa do arabe a hospitalidade é peculiar.

A mulher arabe, duma belleza pouco commum, é sempre uma bôa mãe de familia; e aqui entre nós não consta que uma só se tenha desviado do caminho da mais pura honestidade.»

Os syrios têm sempre se mostrado excellentes amigos da terra que os acolheu. Hoje, que elles aqui já se demoram por mais de meio seculo, sempre predispostos ao labor honesto, vivendo alegres quando nos sentimos alegres; soffrendo comnosco nas horas dos soffrimentos, – hoje que já se acham entrelaçados na familia campista, e os que não se consorciaram com nacionaes, entretanto contam muitos filhos que são brasileiros, legitimos, – tributemos a esses bons filhos da Palestina o preito da nossa estima e da mais perfeita consideração.

A grande colonia mantem duas aggremiações patrioticas: – o «Centro Syrio-Libanez», fundado em 31 de Outubro de 1930 e o «Campos Phenicio Club», tendo existido em 1906 a «Sociedade Syria Beneficente», cujos directores foram Miguel Chacar e Chefue Addad.

OS PORTUGUEZES

Deixamos para remate deste capitulo a maior colonia de Campos, – a dos gloriosos lusitanos. Explanações acerca da acção dos portuguezes nesta cidade, como em todo o paiz, são prolixidades, pois, o portuguez, para nós, não é extrangeiro, é o mesmo povo, o mesmo idioma, a mesma religião, porisso que são nossos irmãos, nossos paes, nossos avós.

Dahi surgir em cada empreitada da construcção de Campos a mão diligente do portuguez, para o levantamento desse edificio moral que é a Sociedade Campista, desse monumento de grandeza material que é – a Cidade de Campos.

Um portuguez fervoroso felicitou-nos em escolher para Campos o melhor patrono – S. SALVADOR.

Folhear as paginas da nossa historia, reparar nas nossas instituições, nos nossos bellos templos, em todos os emprehendimentos desta terra é deparar com a infallivel collaboração dos portuguesez. Conservadores por indole, trabalhadores por convicção, muito temos lucrado do concurso dos que mais ainda se empenharam no desdobramento da cidade, mais ainda do que quando a terra Goytacaz era dominio da Corôa Portuguesa.

Assim, todo o emprehendimento que escapava á acção governamental para ficar acrysolado pela iniciativa particular, lá está conjugado com o nosso esforço o esforço portugues, não obstante o sentimento patriotico que tanto caracterisa aquelle povo.

Campos ainda não tinha nenhuma aggremiação quando os portugueses, em 1852 deliberaram fundar a primeira instituição. Convocaram uma reunião dos membros da colonia, a qual teve logar no dia 25 de Julho, do salão do Theatro S. Salvador, e assim ficou fundado esse padrão de glorias que é a "Sociedade Portuguesa de Beneficencia", para a qual tomaram por Orago o thaumaturgo portugues Santo Antonio.

No capitulo respectivo damos o historico dessa associação de philantropia e patriotismo.

A colonia teve membros que culminaram na sociedade campista em todas as modalidades do labor e da iniciativa. São nomes aureolados por próles distintas: – Francisco Ferreira Saturnino Braga, commendador José Cardoso Moreira, José Correia Coimbra, Bernardo José de Mattos, Manoel José Alves Torres, Sylvestre José Pereira Guimarães, José Bento de Araujo, Manoel José dos Santos, Filippe Antonio de Oliveira, Manoel José de Souza Azevedo, Miguel José Ferreira Conteiro, commendador Claudio do Couto Souza, Ignacio da Silva e Sequeira, Manoel José Ferreira Martins, José Ribeiro de Meirelles, Mathias José de Freitas Arantes, Jeronymo de Oliveira, Manoel José da Silva Carneiro, o benemerito Antonio Fernandes dos Santos... uma interminavel sequencia de nomes de commerciantes industriaes, capitatistas etc., que encheria muitas páginas, tal o avultado numero delles.

José Custodio Osorio, foi o vice-consul de Portugal desde Setembro de 1843 até 1872 quando o cargo foi conferido a José Ribeiro de Meirelles.

Em 1883, no mes de Junho foi nomeado José Alves da Torre, sendo por morte deste investido do cargo, em Agosto de 1889 o popular commendador Domingos José Vieira, e a seguir, os srs. Appolinario de Azevedo Branco, Carlos José Martins Moreira, Adolpho Eustachio Cavalheiro, e agora Domingos Motta Faria.

Quando foi proclamada a Republica o Governo Provisorio publicou em 14 de Dezembro de 1889 o decreto determinando a declaração dos extrangeiros que não quizessem acceitar a nacionalidade brasileira, tendo assignado a recusa na Camara Municipal de Campos os seguintes:

Antonio Cardoso Rebello, Antonio García Serpa, Antonio de Sousa Branco, Antonio da Camara, Antonio Cardoso, Antonio Teixeira Ferreira Junior, Antonio Freitas Martinho, Antonio da Silva, Antonio Joaquim de Freitas, Antonio Martins Castanheira, Antonio Dias Teixeira, Antonio Monteiro de Moura, Antonio José Pinhões, Antonio Joaquim Gonçalves Silva, Antonio Teixeira Portella, Antonio Bento da Camara, Antonio de Aguiar, Antonio da Costa Pacheco, Antonio de Araujo, Antonio José de Espindola, Alberto de Almeida, Antonio da Silva Barreira, Antonio Francisco Martins, Antonio Pinto Moreira, Antonio Rodrigues Duarte, Antonio da Costa Machado, Antonio Ferreira, Antonio Martins, Antonio Soares da Costa, Antonio Santos Paiva, Antonio Dias Torres, Antonio de Almeida Couto, Antonio José de Araújo, Antonio Raposo, Antonio Monteiro de Moura Junior, Antonio Luiz Patrício, Antonio da Costa, Antonio Ignacio Martins, Antonio Alves de Faria, Antonio Thomaz de Azevedo, Antonio Camillo Fernandes, Belmiro Augusto de Sá Pacheco, Bento José da Silva, Custodio José da Costa, Carlos Eugenio Alves, Constantino Almeida Couto Claudio do Couto e Souza, Custodio José Pereira, Custodio Francisco Ferreira, Damião Pinto de Azevedo, Domingos José Vieira, Domingos Freitas Gomes Oliveira, Domingos Fernandes, Domingos José de Brito, Domingos Lopes Malheira, Domingos Ribeiro de Faria, Domingos da Cunha, Domingos José Gomes, Domingos Marques, Domingos Gomes Sobrinho, Dionysio

Barbosa, Domingos Joaquim Gonçalves Carneiro, Domingos José Machado Vianna, Domingos José Pereira David Cordeiro dos Santos, Emilia da Piedace, Elias Alves de Oliveira, Elias Alves Pereira, Francisco da Camara, Francisco Freitas Gomes de Oliveira, Francisco Manoel Martins, Francisco Cardoso da Fonseca, Francisco Augusto de Oliveira, Frederico Augusto de Carvalho, Felismindo José da Coota, Florindo Marques Ropue, Francisco Emygdio de Menezes, Francisco Rezende da Fonseca, Francisco José Rodrigues, Francisco Ignacio Reis, Francisco Pessoa de Campos, Francisco dos Santos, Francisco Duarte, Francisco d'Aguiar, Guaudencio Tavares de Souza, Ignacio Monteiro de Moura, José Vaz côrrêa Coimbra, José de Souza Meirelles, José Santa Maria, José de Aguiar, José Fagundes, José de Faria Simões, José de Souza Fidalgo, José Vertentes, José Lopes Rodrigues de Carvalho, João Baptista Lopes, João Joaquim de Freitas, João Muniz Ribeiro, João de Souza, João da Costa Manteiga, João de Mello, João Medeiros Mariz, João Vertentes, João da Camara, João Luiz Domingues Salgado, João Baptista Simões, José Rodrigues Novo, José dos Santos Camarinha, José dos Santos Martins, José Baptista Pinto, José Fernandes, José Joaquim de Araujo, José dos Santos, José Pereira Garcez Bessa, José Joapuim Barroso, José Raposo, José corrêa da Silva, José Pints Porto, José Henrique, José de Sá, José de Faeitas Bastos, José Brandão, José Alves de Brito, José Cardoso, José Bento da Silva, José Moreira da Silva, José Luiz Coelho, José Marques, José Luiz da Cunha, José Luiz Fernandes, Joaquim Rodrigues da Silva, Joaquim de Freitas, Joaquim Mendes, Joaquim Netto Costa Moura, Joapuim José Hedripue, Joaquim José Moraes Costa, Joaquim Pereira, Joaquim Tavares Corraes, Joaquim Alxes Goulart, Jeronymo Antonio Pedro, Jeronymo Pereira, Januario Nunes Motta, José Luiz de Mattos, José Rodrigues Ignacio Moreira, José Lilveira do Amaral, José da Silva Lopes, José Valerlo de Medeiros, José Fernandes de Castro, José Nogueira Junnior, José Dias, José da Silva Bento, José Antonio Teixeira da Silva, João Oonéalves de Almeida, João Jacintho Botelho, Ignacio Fernandes Barbosa, Ignacio Ferreira Guimarães, Luciano Albino Teixeira, Luiz Candido de Lonza Figueiredo, Luiz Gonçalves Leite, Luiz

Francisco Martins, Miguel Pereira Dias, Miguel Joaquim da Silva, Miguel Martins Ramalho, Marianno Medeiros Mauricio, Manoel Pedroso dos Santos, Manoel dos Santos, Manoel Marques dos Reis, Manoel de Souza, Manoel Aguiar, Manoel Bonifacio Muniz, Ma- Fagundes Rezende, Manoel Muniz, Manoel Simões Birrento, Manoel José Espindola, Manoel Joaquim Domingues Salgado, Manoel Joaquim Ribeiro de Macedo, Manoel Raposo Bicudo Junior, Manoel Gomes, Manoel de Souza Branco, Manoel Ignacio Alves, Manoel Almeida Couto, Manoel Jacintho de Medeiros, Manoel Ferreira Santos, Manoel Joaquim Costa Gomes, Manoel Furtado Raposo, Manoel Rodrigues Barreto, Manoel Alves da Cruz, Manoel Joaquim Marguina, Manoel Matheus, Manoel Marques de Souza, Manoel Alves, Manoel Pessôa de Campos, Manoel Rodrigues, Manoel Luiz da Silva, Manoel Gomes dos Santos, Manoel José Lourenço, Manoel Pereira de Mello, Manoel Antonio Jeronymo de Miranda, Manoel Cardoso, Manoel Francisco Bras, Manoel Gomes dos Santos, Manoel José Luiz, Manoel Machado Marques, Manoel Tavares Carraes, Manoel Machado Costa, Manoel da Silva, Manoel Antonio Ferreira, Manoel Pereira da Cunha, Roberto Rezende, Ricardo Silva Carvalho, Salvador da Silva Barreira, Salvador Gomes de Oliveira Cruz e Vasco da Gama e Silva, Vicente Antonio da Silva, Antonio Cardoso Rebello, Antonio Garcia Serpa, Antonio de Souza Branco, Antonio da Camara, Adtonio Cardoso, José Luiz Kibeira, José de Sá Chedas, José Aguiar, José Dias Simões, João da Motta, Manoel Martins Chaves, Danoel Carvalho, Marianno de Medeiros Mauricio, Manoel de Souza, Manuel Cardoso e Manuel Furtado de Medeiros.

Presentemente é temeridade encarreirar nomes dos membros proemientes da colonia tal o numero delles e as infalliveis lacunas que surgeriam. Porisso fechamos este capitulo com uma evocação que cabe a todos os luzos que tanto têm collaborado para a grandesa da Terra Campista: – *Salve! povo da patria de Cabral e de Frei Henrique de Coimbra!*

AS NOVAS RUAS

Ja vimos no começo deste livro quais e quantas eram as ruas que existiam no tempo da Villa e no começo da cidade. Agora vamos historiar acerca das ruas que se abriram dentro deste centenario, e por esta leitura verificar-se-ha quanto Campos dilatou em sua esphera de acção, quanto progrediu, numa demonstração da impectuosidade deste povo que dia por dia cresce prodigiosamente.

Desde 1835 não mais se alinharam ruas estreitissimas conforme as traçara a engenharia colonial que, carrancista e myope, quiçá zarôlha, não podia vislumbrar nas brumas do futuro o desenvolvimento que viria ter esta terra, tanto que riscou vias publicas ora com a largura de 15 a 20 palmos, como a entrada da rua Direita, a Nova do Ouvidor, a das Flores, Rosario, Sacramento, Detraz da Matriz, Alecrim, etc. ora tortuosas e aleijadas como a do Conselho e Direita.

Só em 1841 «começou a haver preoccupação com o conveniente arruamento. Amelio Pralon, Bellegarde, Antonio Rodrigues da Costa foram os precursores do grande Saturnino de Brito, pois, na medida do possivel traçaram seus projectos para que a Camara melhor se orientasse no abrir novas ruas e praças que se iam fazendo necessarias. Nota-se bem isso examinando-se um officio da Camara dirigido ao engenheiro Bellegarde, datado de 25 de Novembro, pedindo «que augmente na planta da cidade o numero de ruas projectadas, visto haver na planta grande extensão sem traços designativos de novas ruas, pois, é preciso um plano em maior escala e em harmonia ao crescimento da população, pelo que deverá ampliar a planta, augmentando o numero de ruas e

praças do modo que *julgar mais conveniente* e o terreno permitir».

Em Abril de 1842 o engenheiro Amelio Pralon remette a nova planta, advertindo que – «não deu nomes ás ruas novas projectadas por ser isso competencia da Camara».

Em Agosto Pralon solicitou a sua exoneração do cargo de engenheiro civil da Camara.

RUA DA JACA (Rua Voluntarios da Patria). – Foi a primeira rua que se construiu após a alevação da Villa em cidade. Em Maio de 1836 a Camara considerando «ser de utilidade pública e progresso da cidade o abrimento de uma rua partindo do canto do Cemiterio da Misericordia (hoje a Polyclinica) para o Rio,» fez demarcal-a por terrenos doados por Ursula Maria das Virgens e atravessando a «estradinha da Cruz das Almas» que, em parte fôra dada em permuta áquella proprietaria.

Debalde buscamos encontrar o que motivou o primeiro nome dessa rua. Já na acta da Camara (sessão de 9 de Maio de 1842) se encontra tal designação tão desconnexa assim officialisada... É de se presumir que na chacara da dona Ursula houvesse uma ou mais jaqueiras que, por offerecer os seus adocicados e tão cheirosos favos, fomentasse aquella denominação do publico, que a Camara ractificou... Mas isso é mera conjectura e as hypotheses não comportam em um livro, que deve registar tudo com acerto e integral verdade.

Em Abril a rua e suas immediações ficaram inundadas, conservando na parte baixa aguas estagnadas. No mez de Agosto foi demarcada desde o Quimbira até Covas d'Areia, porem a abertura daquelle trecho só foi feito pela Camara em 1856, com acquisições de terrenos feitos á viuva Manoel Francisco de Carvalho e á Santa Casa (parte do Cemiterio então fechado), sendo preciso roçar o matto até a estradinha do Sacco (hoje rua Gil de Góes). Em 1864 a rua ainda não estava completamente aberta por causa de uma questão suscitada pelo proprietario José Domingues Tinoco.

Em 1866 os engenheiros Antonio Rodrigues da Costa e Navarro concluiram a abertura total do citado trecho de rua, o que foi feito em 24 annos!

Na sessão da Camara de 10 de Janeiro de 1867 o vereador Dr.

Gregorio de Miranda Pinto propoz a designação de – «Voluntarios da Patria,» – «por gratidão do Municipio ao heroismo dos seus dignos filhos que accudiram pressurosos ao reclamo da Patria.»

Em 1931, estando como titular da Prefeitura o operoso administrador Dr. Oswaldo Cardoso de Mello, foi a rua calçada com parallelepipedos desde a rua 15 até á esquina do «Collegio Nossa Senhora Auxiliadora".

RUA DO OUVIDOR (Rua Marechal Floriano) – Quatro annos depois da instituição da cidade foi aberta, em 1839, parte dessa rua que então era denominada – Rua Larga do Ouvidor. Foi alinhada nas testadas de José Brito Ribeiro e José Francisco de Oliveira sobre a antiga «estradinha do Barreto,» e seu traçado passou sobre vallas, bréjos e bardos de espinhos (acta de Novembro 1841).

Chamou-se-lhe «Ouvidor» por que na Beira Rio, num sobrado fronteiro ao porto do Fragata e que fazia angulo na estradinha, lá morava desde 1824 o ouvidor Dr. Cabral.

Em 1841 proseguiam os trabalhos de abertura, e então foram indenisados por suas propriedades julgadas de utilidade publica José Francisco da Cruz Sobrinho, d. Angelica Maria do Espirito Santo, José Alves Rangel e Balthazar Dias Carneiro. Em 1842 o matto avançava desassombradamente e o local estava sujo de cisco alí atirado, e porisso a Camara recommendou ao seu fiscal que procedesse á limpesa – e «para evitar que se obstruisse com immundicies. Em 1843 d. Marianna de Oliveira Miranda cedeu gratuitamente terrenos e em Abril de 1844 a rua ficou totalmente aberta, mas até 1845 ainda existia uma parte tomada pelo bréjo até ao Rocio, sendo feito um grande aterro em 1846 desde a rua do Conselho até a Formosa, concorrendo com donativos José Brito Ribeiro, Daniel Frey, Manoel Soares da Costa, José Alves Moreira e Francisco Vieira de Campos.

Em 1867 a rua estava intransitavel em toda a sua extensão, devido as chuvas do verão.

Em 1880 foi projectado o calçamento da rua desde a Beira Rio até a Praça Municipal, mas só em 1893 (treze annos depois) foi

que se executou a pavimentação até á egreja de Santa Iphigenia, por 22:641$000.

A Camara deliberou em 1882 fazer a mudança do nome da rua para o de «Visconde do Rio Branco,» e em sessão de 21 de Desembro de 1892 foi approvada a proposta do vereador José Elminio Drummond Esmeraldo para dar-lhe a designação de – Rua Marechal Floriano.

Nesta bella rua está a Usina da Força e Luz, a Egreja de Santa Iphigenia, Torre Elevatoria, Horto Municipal, Asylo de N. S. do Carmo da Velhice desanparada, Capella do Carmo, templo dos Adventistas, e as mais garridas habitações estylisadas.

RUA DE S. BENTO (Rua Barão de Miracema – Foi a terceira rua que se abriu após a creação da cidade. Em 1849 se projectou a abertura, e era considerada, em parte; prolongamento da rua Cercado Furtado e foi alinhada então até o primeiro bardo da chacara de Francisco de Paula Pacheco, atravez de toda a chacara do Mosteiro de S. Bento.

Em 1851 foram apresentados os papeis para a abertura da rua em 31 de Março, porem em 1854 ainda faltava a desapropriação de alguns terrenos, estando entregue ao transito publico a parte entre Covas d'Areia e a chacara de Bernardino Baptista Pereira.

Nesse mesmo anno Francisco de Paula Silva Pacheco, no mez de Fevereiro, pediu o alinhamento dos seus terrenos para poder plantar bardos... e para logo o engenheiro deu alinhamento nas chacaras de Pacheco, do Mosteiro de S. Bento e de Roberto Wallace, exigindo que fossem feitas, immediatamente as *plantações de bardos*, (Acta de 7 de Out.

Em 1855 a Camara votou 600$000 «para os serviços de aterro das vallas e baixadas, escavações e destruição de bardos e capoeiras, desde Covas d'Areia até a estrada do Sacco e um grande aterro proximo da Beira Rio. Esse local, hoje entrada do «Colyseu dos Recreios,» até 1860, sempre que chovia torrencialmente ficava alagado por varios dias,

Em 1865 o «Monitor» inceria um annuncio de venda da chacara n.º 8 da rua de S. Bento,» com casa de campo, jardim, pomar e pastos...» Hoje é todo um casario importante por traz do qual está a casa de espetaculos e cinema.

Esse local ainda era muito lamacento em 1877, segundo consta da acta da Camara, de 13 de Outubro, e no mez de Dezembro de 1886 ficou intransitavel.

Na parte que vae da esquina da rua Formosa ate Covas d'Areia, em 1882 existiam baixadas formando terriveis atoleiros, o que determinou a proposta do vereador Emilio Feydit para serem feitos os necessarios aterros.

Em 1889, quando foram desmontadas terras do Alto do Lyceu, foram ellas empregadas no aterro daquella parte da rua.

Na sessão de 21 de Dezembro de 1892 a politica faz com que a Camara Municipal mude o nome da rua para – «Barão de Miracema, – não obstante a mesma Camara em 1849 approvar a judiciosa proposta do vereador Conego Manoel Pereira Brados, na sessão de 15 de Novembro «em testemunho de *gratidão para com a Ordem de S. Bento* pela concessão gratuita que fez dos seus terrenos para a abertura do prolongamento da Rua Formosa e da do Cercado do Furtado, se désse a esta ultima o nome de – «São Bento.» O referido «prolongamento da Rua Cercado Furtado» é a actual rua S. Bento.

É que a gratidão, para a politicagem, não é virtude...

Em 1893 se procedeu ao calçamento desde a esquina da Rua 15 de Novembro até á rua Tenente Coronel Cardoso, e em 1894, desde esta ultima até á Avenida Pelinca, contratado por 28:720$000, cujo calçamento, de pedras irrigulares, foi substituido por magnifica pavimentação com parallelepipedos, até ao Passeio Municipal, em 1929, gestão do prefeito Dr. Pereira Nunes.

Nessa rua está o bello e amplo edificio da Sociedade Portuguesa de Beneficiencia, a magnifica praça de sports do «Americano F. Club,» bonitas vivendas.

RUA DO PRINCIPE (Rua Marechal Deodoro) – Em 1839 já se projectava a abertura dessa rua e chegaram até a escolher-lhe a denominação de «Benta Pereira.» A Camara encontrou difficuldades para traçal-a, pois até surgiu uma querella judiciaria que entravou por muito tempo a sua abertura.

Consta da acta de 22 de Novembro de 1842 uma reclamação de José Francisco da Cruz Miranda, (conhecido pela alcunha pittoresca de

«José de Meu Tio») por allegar ter soffrido prejuizos em sua plantação de café, fruteiras, limoeiros e cercado de grammas (hoje Praça de S. Benedicto, porisso chamado o Cercado de José de Meu Tio) portanto obstava a abertura da rua exigindo uma indemnização de 14:800$000!…

Quatorze contos em 1842 quando a carne secca custava uma pataca a libra, não deixava de ser polpuda fortuna…

Não conseguimos saber como terminou a contenda, mas o facto é que a rua foi aberta, dando-se-lhe o nome de «Principe», sendo então por vezes tambem chamada «Rua do Conde,» não vingando a denominação de – «Benta Pereira.»

Em 1871 esteve intransitavel para carros de bois...

Em 1890, quando os republicanos buscavam por toda parte apagar os vestigios da monarchia, deram á rua o titulo de «Marechal Deodoro»

Foi calçada no referido anno, desde a esquina da rua T. Coronel Cardoso até Cabral, sendo mais tarde, em 1906 calçada até á Rua 13 de Maio.

Quando, nos ultimos instantes da escravidão, (em Março 1888) se fazia na cidade intensa propaganda para a extirpação daquella deshumana instituição, foi na Rua do Principe, onde a «commissão-libertadoura» não mais encontrou uma unica pessoa escravisada.

RUA DO CANAL (Rua Visconde do Rio Branco) – Tendo ao centro o canal Campos-Macahé demarcaram-na com 80 palmos na margem occidental e 60 palmos na ontra, desde a Bacia até Cóvas d'Areia, por portaria da Presidencia da Provincia de 12 de Setembro de 1850.

Em 1856 o commendador Bento Benedicto de Almeida Baptista pediu á Camara solução definitiva acerca do terreno que lhe interessava para a abertura do projectado prolongamento da rua junto ao Canal, entre a Bacia e a Rua da Constituição, em seus terrenos; para que pudesse resolver acerca da edificação d'um predio (o que ultimamente era occupado pelo Grupo Escolar «João Clapp»), tendo a Camara nas sessões de 15 de Novembro e 15 de Dezembro tratado do assumpto, determinando o alinhamento e abertura da rua até á rua da Constituição, e ajustando com outros proprietarios para que pudesse proseguir na abertura até a rua Beira-Rio.

Em 2 de Março de 1857 foi franqueado ao publico o novo trecho da rua, á qual, por falta de nome official, o povo logo chrismou-a por – «Rua (travessa, e becco) Bento Benedicto».

Em 1859 Francisco Ferreira Saturnino Braga pediu indemnisação por seus terrenos desapropriados para o alargamento da rua. Em 1865 o Tenente-Coronel Germano Rodrigues Peixoto pediu permissão á Camara para construir sobre o canal uma ponte em frente á sua chácara.

Por proposta do vereador Ezequiel Pinto Sampaio foi dada á rua no anno de 1887 a denominação – «Visconde do Rio Branco» e em 1889 foi projectada a abertura da outra rua marginal, á direita do Canal, o que foi feito desde a rua Formosa até ao Passeio Municipal.

Nessa rua está estabellecido o «Abrigo dos Pobres» na chacara nº 99, pelos esforços e zelo philantropico do Padre José Severino.

RUA GIL DE GÓES – O começo dessa rua foi o antigo Becco das Cancellas e parte do seu trajecto já foi a antiga estradinha do Sacco. O Becco das Cancellas chamou-se tambem «Becco do Passadiço». Em 1839 estava intransitavel, o que provocou uma deliberação da Camara, mandando remover o inconveniente.

Tendo a Camara ordenado ao engenheiro A. Pralon, em Abril de 1841 para levantar a planta e alinhar o prolongamento do becco, o engenheiro consultara em 1842 «si devia alinhar do lado da lagôa do Furtado» Foi feita outra demarcação em Novembro de 1858, ao Outeiro (alto do Liceu), a qual tambem não prevaleceu como a primeira, tanto que em Outubro de 1862 a Camara novamente ordenou ao engenheiro para fazer a demarcação da rua, com uma largura de 60 palmos. Comtudo no começo da rua, junto á Rua Boa Morte foi conservado o antigo alinhamento do Becco das Cancellas por que lá estavam edificados uns casébres infectos, cortiço de umas abelhas malandras, porisso que era o ponto dos desordeiros e gente da ínfima esphera.

Em 1863 deram á rua o nome de «Gil de Góes», fazendo então cessão de terrenos para a projectada praça da Bacia, Pinto Magalhães & C., e Alexandre José da Silva.

Aos 15 de Novembro de 1865 o conselheiro Thomaz Coelho

propoz a abertura da rua desde a praça do Pinheiro (Lyceu) até ao Sacco. Chamava-se-lhe tambem «Estrada do Outeiro», por subir ao alto do Pinheiro, denominação que perdurou até 1888.

O Barão de Miranda cedeu gratuitamente em 1890 terrenos para o prolongamento para os lados do Sacco, e o major José Fernandes da Costa Pereira fez cessão de terrenos para o alargamento da rua entre as Ruas Bôa Morte e Proposito, desaparecendo então o tal «beco» e as casinholas da gente desditosa que lá residia. No mesmo anno demoliu-se uma arruinada ponte sobre o Canal e foi construida uma nova por Henrique Pedro Moll, por 1:795$000, ultimamente demolida.

Nessa rua está situado o importante «Colegio Bittencourt», equiparado.

PRAÇA DO IMPERADOR (Praça da Republica) – Em sessão de 30 de Março de 1847 a Camara que tinha projectado fazer uma praça no Cercado de S. Francisco, deliberou que se lhe desse a denominação de – Praça do Imperador. Em 1850 a Ordem Terceira de S. Francisco cedia gratuitamente os seus terrenos e o vereador Dr. José Ferreira Tinoco propoz que se fizesse o alinhamento nas faces das ruas Sacramento e Cabral (acta de 8 de Outubro) Sendo depois resolvido ampliar mais o então novel logradouro foi demarcada por terrenos de Domingos Pereira Pinto, Carlos Grain, José Marques de Carvalho, Manoel Pinto da Silva Guimarães, Antonio Alves dos Santos (vulgo Antonio Cantador), Francisco Ferreira Saturnino Braga e Manoel José Rodrigues Nunes.

Em 1851 não estando ainda aberta a praça, a Ordem de S. Francisco pediu á Camara para effectuar o trabalho, assim tambem a abertura das ruas do Sacramento (prolongamento) e Imperatriz, em seus terrenos, entregues gratuitamente.

Não obstante tanta generosidade e expontaneidade da ordem Franciscana, a Camara ainda demorou em ordenar o levantamento da praça, pois, só em Dezembro de 1854 foi que mandou seu engenheiro fazer a definitiva demarcação e parte da abertura. Abundava no local os capizáes d'Angola que eram vendidos aos feixes pelos escravos, que os apregoavam pelas ruas.

Ainda em 1857 não se achava de todo aberta, cujo serviço foi executado em Abril de 1863 ficando então com a dimensão que hoje apresenta.

Em 1890 foi mudado o seu nome para o de – Praça da Republica.

É um dos grandes logradouros da cidade, donde se desfructa bonitas paysagens, toda circumdada com palmeiras imperiaes, vasta arborisação, tendo ao centro o bizarro edifício da Escola Maternal.

Debruça-se no Canal e ao torno estão construidos graciosos «bungalows» e o austero palacete Saturnino Braga, ora occupado pelo Grupo Escolar 15 de Novembro.

RUA SALVADOR CORRÊA – Foi projectada a sua abertura em 1854 e a Camara pediu ao Mosteiro de São Bento – «o terreno necessario para a abertura de uma rua que da Bacia do Canal vá ter á estrada do Sacco», – deliberando em sessão de 1º de Março de 1855 a abertura até á chácara do então commendador José Martins Pinheiro (Barão da Lagôa Dourada).

Em 1858 Bernardino Baptista oppôz-se á demarcação por suas terras, e a dificuldade fora removida no anno seguinte, quando então o engenheiro Antonio Navarro de Andrade procedeu ao alinhamento.

Em 1862 deram-lhe a denominação, homenagem ao fundador de Campos, e em 1868 ainda não estava completa a abertura, o que realizou com a doação de terrenos pelo commendador Pinheiro.

A parte que hoje vemos entre a rua S. Bento e Canal ainda não estava aberta, em 1873, por uma questão levantada pelo Mosteiro de S. Bento, assim como o commendador Manoel Pereira de Azevedo tambem questionou por causa do alinhamento em suas terras. Só em 1886 foi que sanaram as difficuldades e uma proposta de Francisco Ferreira Saturnino Braga fez que se realizasse em Setembro a abertura do referido trecho, e a seguir foi construida uma ponte sobre o Canal.

Nessa rua está localisado o Collegio Nossa Senhora Auxiliadora, das Irmãs Salesianas, e respectiva capella ora muito frequentada.

A rua foi calçada em 1931, pelo prefeito Dr. Oswaldo do Cardoso de Mello.

RUA DA IMPERATRIZ (Rua Saldanha Marinho) – É prolongamento da antiga Travessa do Caderno.

Em 1849 o Barão de S. João da Barra cedeu o necessario terreno para se abrir em linha recta a rua, condicionando que a Camara lhe cedesse o terreno da estradinha «que vae da rua do Principe á do Ouvidor» (hoje desaparecida em virtude da permuta).

Em 1851 foi aberto o trecho entre Direita e Sacramento, pelos terrenos cedidos pela Ordem de S. Francisco, e em 1860 fizeram o prolongamento desde o Canal até S. Bento, antiga propriedade de João Joaquim de Sá e Costa trecho que desde muito é apellidado por *Becco das Corujas*, não se sabendo a causa de tão pittoresca denominação arranjada pelo vulgo.

Em 1864 a Camara desappropriou um predio de Manoel de Souza Gomes, na esquina da Rua Direita, por 2:500$000 para o alargamento da rua.

Dr. Gregorio de Miranda Pinto, Dr. Benedito Galvão Baptista e Dr. Portella, respectivamente em 1867, 1887 e 1888, propuzeram o prolongamento da rua desde Ouvidor até Riachuelo, entretanto sómente em Agosto de 1897, trinta annos depois da primeira proposta foi que se verificou tal prolongamento, assim mesmo por etapas: primeira entre Goytacazes e Praça S. Benedicto, em 1897, pelos terrenos de Antonio Leite de F. Guimarães; depois, entre Goytacazes e Riachuelo, em 1927.

Com o advento da Republica deram-lhe a denominação de – «Saldanha Marinho», e construiram uma ponte sobre o Canal, em 1890; a qual foi *demolida* pelo Estado!!!

RUA DO LEÃO – Traçada por terrenos da chácara do Dr. João José Martins Leão, que se estendia até a margem do Canal, foi aberta em 1860, e na falta de uma deliberação da Camara que lhe desse designação official, o povo foi lhe baptisando com o nome de – rua do Leão.

PRAÇA S. BENEDICTO (Praça Nilo Peçanha) – O nome official dessa praça era – «Municipal», – porém ao começar a ser construida em 1865 a egreja de S. Benedicto, o povo começou a dar-lhe o nome do Santo siciliano, por uma forte manifestação de sentimento religioso, designação essa que, por vezes, se encontra até nas actas da

Camara, e no povo perdura até agora, e perdurará sempre.

Outr'ora serviu de sitio para os fins mais que oppostos: – Nos dias da mocidade dos nossos avós, mocidade sem os venenos distillados pela cinematographia hodierna, naquelles dias suaves, placidos, despreocupados, de mil oitocentos e quarenta e tantos... era ali, no então "Cercado do José do Meu Tio" que se reuniam as púdicas familias campistas, – matronas circumspectas, de idades pundonorosas, cavalheiros reverenciadores, – nos dias das annuaes festas joanninas, durante uma semana, para os folguedos então denominados – «convivencia».

Mais tarde, já não era o logar dos risos e diversões innocentes, mas sim, nos dias tétricos da justiça homicida, foi o local do patíbulo para o enforcamento dos escravos, em 1873.

Hoje… que differença! Templos da fé e da instrucção, – porisso, receptaculos da caridade e da educação, lagos artificiaes, pontesinhas rusticas, hermas dos grandes vultos da cidade, alamedas caprichosas, e, para mais, a innocencia a brincar, creanças rosadas a correrem atraz das borboletas amarellas e das libellulas azues, nas folgas recreativas do perfeito estudo que, ao ar livre, emprehendem ali juuto daquellas columnas egypcias. Porisso, não mais rufam ali os tambores da milicia nem clangoreiam os cornetins da soldadesca, abafando com os seus angustiosos rumores os ultimos gritos dos pobres negros barbarisados... antes, rufam os tymbales da Crença, conclamam as trompas eburneas da Religiosidade glorificando ao Thaumaturgo Preto, o Santo mui querido dos campistas que, na singelesa do seu burel franciscano, tanto emociona e attrahe pelos seus milagres, os corações igualmente singelos e despretensiosos como elle, por um culto em que trescalla o perfume da sua intercessão junto ao throno cerúleo da Divindade.

Feitas estas digressões preliminares, entremos pelos meandros da Historia. Em 1850, a Camara cogitou de obter, sem dispendios, o terreno necessario para abrir a praça traçada na planta da cidade, e se incumbiu dessa missão o respeitavel e influente Dr. Antonio de Almeida Barbosa. Já então agia o querellante José de Meu Tio oppondo embargos para exigir grossas indemnisações pelos seus «bardos de limoiros»… Em Fevereiro

foi officiado ao Governo Provincial pedindo a desappropriação dos terrenos, cuja autorisação a Camara recebeu em Março.

Em 1851, sendo preciso se concluir a abertura da praça, uma commissão de vereadores foi convencionar a respeito com o Barão de S. João da Barra, então o maior proprietario da zona, – o qual concordou em demolir um seu predio para a rectificação do traçado da Praça, o que era de todo o necessario para que seguisse o mesmo alinhamento da travessa do Caderno, (Rua Saldanha Marinho).

Em 1858, ficou prompto e limpo o grande quadrilatero, existindo duas grandes baixadas do lado da rua do Ouvidor, em terrenos que eram dos herdeiros do Capitão Justinianno e Antonio Manhães Barreto. Em 1860 ainda ali ficava represada muita agua das chuvas, ao lado da egreja (em construcção).

Em 1864 ainda se faziam as «convivencias» naquelle logar, com as quaes eram encerradas as festas de S. João e onde se improvisavam ranchos, pernoitavam-se nos «sociaveis» e carros de bois «*encourados*,» Pae João e Mae Maria faziam as delicias da boa e pacata gente com as revira-voltas do «boi pintadinho,» e o velho commendador Bernardino de Senna tinha opportunidade para mostrar a sua pericia na confecção dos fogos de pyrothenia.

Em 1904 fizeram a mudança do nome para – «Praça Nilo Peçanha,» por deliberação de 6 de Abril, sendo ajardinada, tendo ao centro a «Escola Wenceslau Braz,» que dizem ter assemelhança com o Templo de Pambrose, a cujo vestibulo se encontra o busto do Dr. Nilo Peçanha, e numa das aléas está erigida a herma de José do Patrocinio, cinzelada pelo esculptor campista Modestino Kanto.

PRAÇA DA BACIA (OU DO CANAL) (Praça Azeredo Coutinho) – O Grande valle produzido pelos outeiros da Praça S. Salvador e chacara do Mosteiro de S. Bento determinava o extenso recipiendario que era chamado «Bacia». Em Março de 1865 o Mosteiro de S. Bento offertou á Camara seus terrenos que se faziam necessarios para se construir uma praça, então chamada Praça do Canal, e pedindo que a Camara mandasse fazer o alinhamento afim de poder fechar os seus terrenos que facejariam á

nova praça, e em sessão de 7 de Abril foi determinada «uma limpa no local para que, desvencilhada do matto, pudesse proceder-se ao alinhamento.»

Em 1868, na sessão de 1º de Fevereiro, o Dr. Gregorio Pereira de Miranda Pinto apresentou á Camara a seguinte proposta que foi approvada: – «Proponho que se dê á Praça da Bacia do Canal o nome de – Praça Azeredo Coutinho – em homenagem á memoria do inclyto Campista José Joaquim de Azeredo Coutinho, Arcebispo d'Elvas.»

Em vista da planta apresentada á Camara pelo seu engenheiro, em sessão de 15 de Dezembro de 1871 foram desappropriados os terrenos de Antonio Joaquim de Campos e outros, comprehendidos na demarcada praça.

Em 1880, conforme consta da acta da sessão de 18 de Fevereiro, havia na praça muito matto.

BOULEVARD OU PASSEIO MUNICIPAL – Em 1849 o vereador José Fernandes disse na Camara: «Sendo conveniente a abertura da rua projectada na planta da cidade, que da cancella da fazenda de José Alves Moreira, pae de Raymundo Moreira córta os quintaes, chacaras, etc. e vai ter á estrada das «Covas d'Areia» requeiro que se ordenne ao engenheiro afim de que indo ao logar, informe á Camara si nisso ha impossibilidade ou obstaculo.» Na sessão de 14 de Novembro o engenheiro informou acerca da conveniencia da abertura da rua planejada, mas foi dado o parecer pela «desnecessidade, por enquanto, da abertura da rua».

Foi deliberado em sessão de 1 de Junho de 1860, por indicação do engenheiro Antonio Navarro de Andrade, a abertura da rua, inicialmente até a cancella da «Fazendinha,» e sómente em 1868 foi que o vereador Dr. Gregorio Miranda Pinto propoz se encarregasse ao engenheiro para proceder ao alinhamento do Passeio projectado na planta da cidade, devendo estender-se desde a rua Riachuelo e ter a largura de 120 palmos. Em 1886 foi que o vereador Dr. Gregorio Miranda Pinto propoz se encarregasse ao engenheiro para proceder ao alinhamento do Passeio projectado na planta da cidade devendo, estender-se desde a rua Riachuelo e ter a largura de 120 palmos. Em 1886, por proposta do Dr. Antonio Manoel de Azevedo, na sessão de 1 de Fevereiro, foi approvada e immediatamente aberto o

prolangamento desde a cancella da Fazendinha até e margem do Canal.

Em 1 de Agosto de 1889 foi acceita a proposta da Companhia E. F. Campos-Macahé para a abertura da grande via desde o Canal até ao Sacco afim de poder ser feita a ligação dos ramaes ferreos, atravessando as terras de lavouras da fazenda de S. Caetano, e as de Julio Feydlt, sendo estas vendidas por 28 contos.

Em Janeiro de 1890 deram ao Passeio Municipal o nome de «rua Governador Portella,» designação que foi logo retirada, quando estalou a revolução de 10 de Dezembro de 1891.

Julio Feydit, quando vereador em 1892 propoz a abertura do Passeio entre a praça do Sacco e a rua Thomaz Coelho em terrenos cedidos por Joaquim Dias de Freitas.

É a rua mais larga da cidade, e a sua extensão, desde a esquina da rua Riachuelo até ao Parahyba, na «Coroinha,» é de mais de 4 kilometros. Por ella correm diariamente os trens de S. Amaro, Colonins e S. João da Barra, achando-se na intersecção da rua Barão de Guarulhos (antiga «das Palmeiras») a Estação de suburbio «Avenida». Fronteiro á rua Marechal Deodoro está o aprazivel predio do «Collegio N. S. do Soccorro» (equiparado ao Collegio D. Pedra II) e em terrenos do «Queimado» o esplendido e espaçoso estadio do «AlIiança F. C1ub».

RUA JOSÉ DO PATROCINlO (Antiga estrada das «Cóvas d'Areia») – Chamou-se-lhe tambem – «rua Dona Anna Leão», – nome da esposa do Dr. Leão, grande proprietario naquellas bandas. Foi projectado o seu alinhamento em 1858.

Em 1884 Benedicto Jeronimo Alves cedeu terreno para abertura da rua e em 1891, na sessão de 15 de Maio o Íntendente João Gregorio Francisco de Miranda propoz que se désse á rua o nome de – «José do Patrocinio».

Em 1895, pelo mez de Novembro, foi construido o primeiro predio importante daquella rua, pelo Dr. Antonio da Silva Corrêa e a seguir o constructor Augusto José Riheiro construiu a sua magnifica vivenda, que hoje é propriedade de João Baptista Seixas.

Hoje ella está crivada de confortaveis chacaras, como as do Dr.

Luiz Sobral, Benedicto Martins, Alvaro de Vasconcellos Cruz, José Augusto Fernandes.

RUA CONS. JOSÉ FERNANDES – Foi projectada e aberta ao transito publico com a designação official de «Rua Conselheiro Costa Pereira», não se sabendo como foi feita a transição para – «Rua Conselheiro José Fernandes», como agora está officialmente determinada. É verdade que as duas designações convergem para a mesma individualidade de José Fernandes da Costa Pereira. Os terrenos com que se fez a rua foram doados pelo Barão da Lagôa Dourada e outros adquiridos de José Gomes da Fonseca Parahyba.

Em vista do offerecimento condicional do Barão, a Camara que a projectava desde 1859 cuidou logo de abril-a. A designação de – «Costa Pereira» – foi proposta pelo Barão de Itaóca na sessão de 23 de Maio de 1874.

Com a construcção da Estação da Companhia Ferro Carril no mesmo tempo da abertura da rua, o povo foi adquirindo o costume de nomeal-a – «Rua dos Bonds», cujo nome, por ser breve, arraigou-se de tal forma que, nem por ter desapparecido de lá a Estação dos bonds, ha quasi 20 annos, a denominação popular não se retrae dos labios da população campista.

Com o ser retalhada em quarteirões a antiga e vasta Chacara do Chaves, foi feito o prolongamento da rua até á Avenida Pelinca, e nem por ser um trecho mais novo, deixou de ficar marcado com o nome vulgar de – Rua dos Bonds...

RUA DA BARONESA – foi traçada em principios de 1879 e ficou totalmente aberta em Março, (o que constatamos da acta de 1 de Abril), depois de estar projectada desde... 1859! Os terrenos foram doados por José Martins Pinheiro em sua mór parte, e outros desapropriados a José Maria Pereira Cardoso, João Bernardino da Cunha, João Pinto da Motta Porto e José Joaquim de Araujo Silva.

Seu nome é uma homenagem prestada ao Barão da Lagoa Dourada na pessoa da sua esposa.

Essa rua por ficar ao lado do Forum foi grandemente melhorada com pavimentação a parallelepipedos feita no fim do anno passado,

pelo Prefeito Dr. Francisco da Costa Nunes. É uma via publica de muito futuro, por ser caminho forçado de grande número de lyceistas da zona da «Corôa», que por ali tem o seu transito para o Lyceu, e com o funccionamento do Forum, e logo que o calçamento se estenda até a rua 15 de Novembro, libertando-a da baixada que por vezes fica intransitavel nas epocas pluviaes, será muito procurada pelos moradores das immediações e pelos passeiantes automobilistas.

Nessa rua está o bellissimo palacete do Dr. Artilano Chrysostomo de Oliveira, a vivenda do sr. Antonio Amares e espaçosas chacaras, como as de Francisco Cava1canti, Adelino Perlingeiro, Gustavo Salles e Francisco Araujo.

RUA CONS. THOMAZ COELHO – É outra rua construida em terrenos doados pelo benemerito Barão da Lagôa Dourada em 1859. Foi aberta em 1876 e suggerira a sua designação o Barão de Itaóca. Tinha uma baixada célebre, (que ainda conserva resquicios), tão profunda era, que comportava dez palmos, d'agua, e um cavallo com seu cavalleiro quasi afogaram-se nella. Em 21 de Janeiro de 1887 morreu no referido peráu o joven Francisco da Silva Lobo, e na manhã de 16 de Abril de 1882 lá appareceu mysteriosamente o corpo de um homem branco, desconhecido de toda a população, presumindo-se ser estrangeiro, cujo corpo estava BOIANDO sobre a lagôa!...

E não foi só: – tambem um rapaz de nacionalidade syria, tentando atravessar a «lagôa» dessa rua, lá deixou a vida, e foi com serviços de *mergulhadores* que se descobriu o corpo do infeliz. Esse local pertencia a d. Maria Fausta, fiIha de José Francisco Toscano (1890).

Pavorosa baixada! que, felizmente; desde muito deixou de ser fatidica, dos transeuntes daquella rua, formada de baixos e altos, e está sendo aterrada.

RUA DO BARÃO – Foi projectada em 1859, entregue ao transito em 1873, e como as duas precedentes, foi traçada por terrenos doados pelo Barão da Lagôa Dourada porisso que o Barão de Itaóca propoz a sua designação bem justa. Ia sómente até a rua Salvador Corréa, e em 1900 fez-se o prolongamento até a rua Formosa, e ultimamente até Avenida Pelinca.

PRAÇA DO PINHEIRO (Praça Barão do Rio Branco, – O local

em que se fez essa praça, era a chacara do Outeiro, propriedade de José Martins Pinheiro, que lá construiu o seu palacio (hoje edificio do Lyceu).

Em 1857 querendo Pinheiro edificar o dito palacio, a Camara mandou fazer o alinhamento do prolongamento da rua Constituição, bem como da rua das Cancellas (Gil de Góes).

Em 1860 Martins Pinheiro offereceu a Camara «o terreno necessario e de sua propriedade para uma praça, bem como se encarregava de mandar preparal-a com o plantio de arvoredos propios ao embellesamento della e commodidade pública.»

Quando do,embellesamento da cidade pela Commissão de Saneamento no governo do benemerito amigo de Campos, Dr. Francisco de Oliveira Botelho a praça foi ajardinada conforme o «Jardim Affonso Penna» do Rio, tendo sido antes desmontada muita terra do outeiro e applicada no aterro da Praça Azeredo Coutinho.

Neste jardim que defronta ao Lyceu de Humanidades está levantada a artistica herma do grande brasileiro Barão do Rio Branco.

PRAÇA DO SACCO (Praça 5 de Julho) – Antigo adro da capella da Fazenda do Sacco, foi em tempos remotos propriedade de Pedro Rodrigues da Cunha que dou a seu filho Francisco Xavier das Chagas com a respectiva capella de Nossa Senhora do Rosario; depois passou possuil-a Miguel Alamir Baglione.

Lugar tradiccional pelas grandes festas religiosas e profonas que ali se realisavam no mez de Junho, as quaes se desdobravam por uma e até duas semanas, em honra do Divino Espirito Santo, da Virgem do Rosario e do martyr São Manoel.

Ainda existe muita gente que conserva saudosas reminiscencias daquellas festas «campestres», que se afiguravam realisar-se muito longe... da cidade! Assim era que muitos iam a cavallo, as familias em carros de bois ou «sociaveis», e mais tarde, com o ser construida a estrada de ferro Campos-Macahé, tomavam o trem na «Coroa» com passagens a duzentos réis... depois do indispensavel tostão para o bond que partia do centro até á estação.

Hoje a gente não póde lêr aquellas viagens, para o Sacco sem

rir... porisso que com o serem bem pavimentados, com parallepipedos os caminhos, e os passeios cimentados parece que as distancias se encurtaram, tanto mais que já não se vê os bardos de maricá e arueira da fazenda do Baglione, nem as duas cancellas seculares, nem a poeira das tortuosas estradinhas... a cidade avançou para os lados do Sacco como para todos os demaes lados, e hoje lá se levantam bonitos predios, e em frente da ermida está a Estação "Campos".

Em 1929 a Camara deu á praça o nome de 'Dr. Manoel Duarte", mas a Revolução de 1930 entendeu que devia mudar o nome della para rememorar o acontecimento politico iniciado em – "5 de Julho".

RUA DOS GOYTACAZES – Desde sua abertura foi chamada pelo povo com o nome de "Rua do Gaz". A phrase não estava escorreita nem clara, porisso que o "gaz" se encontrava canalisado por muitas outras ruas; bem mais expressiva ficaria si se enunciasse: «Rua do Gazometro», pois tal era a intenção do epitheto popular.

Escolhido o local para o estabelecimento da fabrica do gaz-corrente, em Junho de 1871, na chacara dos herdeiros de Antonio Joaquim de faria, cujo edificio ficou prompto no anno seguinte, e porisso lá ainda se encontra no frontespicio em numeração romana – MDCCCLXXII, – foi a esplendida rua delineada e aberta até ao Becco, e para logo enfeitou-se de predios modestos e chacaras aprasiveis.

Hoje a rua offerece bonitas perspectivas, tanto pelo seu traçado rigorosamente rectilineo, sua largura bem apreciavel, pavimentação com espaçosos passeios e arborisação, como pelo consecutivo movimento, visto ser uma grande arteria da zona da Lapa, de um bairro popularissimo por se aproximar das fabricas de tecidos onde trabalham centenas de tecelões, e por onde correm duas linhas de bonds.

Nos terrenos que foram do antigo, «C1ub Athletico» está hoje construida a importante praça de sports da valente aggremiação sportiva "Goytacaz F. Club", e tambem a do "ltatyaia F. C.»

Muitas são as chacaras ali situadas.

RUA DR. MIGUEL HEREDIA – O vereador Dr. José Seabra propoz, em 14 de Março de 1874, a abertura dessa rua que, de começo

teve apenas transito franco n'um trecho do lado do rio. Somente desessete annos depois foi que completaram a abertura dando sahida na rua Sete de Setembro, cedendo seus terrenos Antonio Rodrigues de Mello. Em Junho de 1891 o intendente Joaquim Venancio da Silva propoz a designação muito acertada, para homenagear ao humanitario medico, grande amigo da pobreza desta cidade e prestigioso cidadão.

RUA DAS PALMEIRAS (Rua Barão de Guarulhos) – Teve ha muito tempo o nome de – Rua de S. José – A designação popular de – rua das Palmeiras – foi creada por causa da alameda de vistosas palmeiras imperiaes que pompeavam por toda extensão da pequena rua. Tão lindos specimens foram morrendo, com isso morreu tambem a designação que vinha tendo e que agora foi substituida em 1928 para: – "Barão de Guarulhos".

RUA DO ESPIRITO SANTO – Havia até o anno de 1882 uma "estradinha da Corôa" que se dirigia para a egreja do Sacco, a qual foi substituida no referido anno pelo traçado da nova rua, desde então denominada – "do Espirito Santo" uma evocação popular ao Divino Espirito Santo, muito venerado naquella ermida e cujas festas tradiccionaes são das mais vivas recordações da nossa população.

RUA DO VIEIRA – foi aberta em 1884 e com esta denominação por causa do seu iniciador, o commendador Domingos José Vieira, que obteve da directoria da Estrada F. Campos-Macahé á sahida dessa rua para a Beira-Rio. Tambem concorreram com seus terrenos Antonio da Silva Manhães e outros.

Vieira pediu á Camara que désse á rua o seu nome, (acta de 15 de Abril) e o tenente-coronel Antonio Rodrigues da Costa, relator do parecer, mostrou-se favoravel á pretenção da officialisação daquelle nome, – "já porque Domingos Vieira tivesse dado muitos terrenos para a abertura da rua, já em lembrança ao Padre Vieira que no seculo XVII salvou o norte do Brasil da dominação estrangeira, sustentando por espaço de vinte e quatro annos sanguinolenta guerra contra as trópas de uma das nações européas, conseguindo militarisar os seus compatriotas e a sua frente bater e vencer batalhas como a dos Guararapes».

Assim, – que concluir? O nome da rua é um preito de gratidão ao

finado ex-consul de Portugal ou uma manifestação patriotica ao valente jesuita Antonio Vieira?...

RUA BENTA PEREIRA – Aberta em principios de 1884, mas não tinha ainda designação em 1890 quando na sessão de 26 de Abril e por proposta de Cesario Lyrio de Gusmão (descendente da heroina campista), foi dada a rua o nome de – «Benta Pereira».

A rua ainda apresenta solução de continuidade, pois resta a sua abertura no trecho entre as ruas Voluntarios da Patria e Conselheiro José Fernandes, em terrenos do grande parque do Collegio N. S. Auxiliadora.

AVENIDA DA LIBERDADE – De avenida... só tem o nome essa microscopica travessa projectada desde 1884 a qual pretenderam dar o nome de – «São Salvador» (acta de 10 de janeiro). Em 1889 desapropriaram-se terrenos de Benildo Ribeiro de Campos, para a sua abertura.

RUA SATURNINO BRAGA – A abertura dessa rua foi solicitada por Francisco Ferreira Saturnino Braga, e outros, em sessão de 20 de julho de 1885 e no anno seguinte, na sessão de 22 de Fevereiro o Dr. João Ribeiro propoz a denomimação de – «Rua Saturrnino Braga».

AVENIDA PELlNCA – (Antiga Estrada Covas d'Areia) – No tempo da colonia chamou-se Estrada da Olaria, e houve tempo, pelos annos de 1887-1890 tinha muito movimento por causa da linha de bonds que ia até o portão da chacara do Chaves, (Pensionato), e ainda mais com o ter lá feito a sua chacara o Vigario Luiz Nobre Pelinca.

Era o ponto dos passeios domingueiros aquella «Chacara do Vigario» tão decantada, onde existia uma variedade de passaros e bichos, constituindo um minusculo jardim zoologico. Em 24 de Fevereiro de 1888 foi benzida uma bonita capella na chacara com a invocação de Nossa Senhora da Conceição.

Com o desapparecimento da linha de bonds, do Pensionato e da chacara do Vigario Pelinca, desappareceu tambem a animação daquella *avenida sem arvoredos*... que, a partir da esquina da rua Voluntarios da Patria tem uma sequencia de perspectivas rusticas até alcançar a rua Bruno de Azevedo, no Sacco. Nessa rua installaram o "Radio Cultura de Campos".

RUA ROCHA LEÃO – Era uma das antigas e sinuosas estradas

do Sacco, que da "Corôa" buscava a egreja tradicional e foi transformada, depois de algumas retificações em – "Rua Presidente Rocha Leão" – por occasião do assentamento da 1ª pedra para a construcção da Cadeia nova, por proposta do Barão do Itaóca, em 1887, para homenagear ao então presidente da Provincia, o Dr. Antonio Fernandes da Rocha Leão.

Simplificaram a denominação official primitiva, omittindo a palavra – Presidente.

RUA 24 DE MAIO – Antonio Joaquim Alves Costa allegou á Camara, em 3 de Maio de 1888 que "tendo comprado em praça os terrenos entre a rua Baronesa, e a estrada de ferro Campos-Macahé, e tendo se obrigado a abrir uma rua de 79 palmos para dar sahida aos moradores das ruas proximas, pedia o alinhamento." Esse local era chamado Alto da Boa Vista.

A rua foi aberta em 1892, e por propostas dos vereadores Luiz Chrysotomo de Oliveira e Bernardino de Oliveira, foi dado á rua o nome de Vinte e Quatro de Maio," data da 1ª Constituição Republicana.

RUA 24 DE NOVEMBRO – Pequenina travessa que em depressões desce da altura da rua 24 para a baixada da rua da Baronesa. Nas epocas dos grandes aguaceiros fica innundada. O nome lhe fora dado por proposta dos mesmos vereadores que lançaram o nome de 24 de Maio, e isso por commemoração... á data, "em que foi restaurada a legalidade no Brasil por meio de revolução que trouxe como consequencia a resignação do marechal Deodoro... e a subida do marechal Floriano ao poder, pondo terno á dictadura" – é o que está lá graphádo, sem faltar uma letra, na acta de 27 de Dezembro de 1892.

PRAÇA 13 DE MARÇO – Quasi todos os campistas desconhecem esse nome dado ao antigo "Largo do Dr. Pinheiro", nem nos livros da Prefeitura, presentemente, elle figura. É um largo conformado triangularmente e recortado pelas ruas Saldanha Marinho; Avenida Pelinca e rua João Gonçalves.

A praça foi doada pelo Dr. Caetano Thomaz Pinheiro, que tinha a sua grande chacara ao lado, na estrada do Queimado, e o seu titulo já obscurecido para os contemporaneos é uma recordação da data em que

a esquadra legal entrou na bahia Guanabara.

RUA DE S. LINO – Longinqua rua perdida lá para as bandas das Comportas, pela qual noventa e oito por cento dos habitantes jamais a palmilharam. Assim a rua de S. Jeronymo" ou de "S. João" é a mais distante de todas, e cuja existencia muitos campistas desconhecem completamente.

PRAÇA DR. GALVÃO ("Fatia de queijo") – Surgiu esse pequeno largo com o arrazamento, quando da remodelação da cidade pela Commissão de Saneamento, de uns sobradinhos que ali existiam desde 1869, propriedades que foram de Generosa Maria Lage. Dada a sua configuração triangular pela bifurcação ali feita pelas rua S. Bento e 24 de Fevereiro, o povo deu-lhe o jocoso epilheto de – Fatia de Queijo.

O prefeito Dr. Silvio Bastos Tavares remodelhou-a dando-lhe melhor illuminação. A revolução de 1930 lá deixou para reliquia sua, – um canhão...

PRAÇA ALMIRANTE PORTO – Surgiu essa praça em virtude da grande enchente de 1906, e pela circumstancia de ser construida no Passeio Municipal a "Estação Avenida".

Era um quarteirão até 1904, com muitas casas que facejavam as ruas do Leão, José do Patrocinio, estradinha de S. Lino que ia para a rua das Palmeiras, e Passeio Municipal. Moradores nossos conhecidos, bem nos lembramos ainda; o velho Felippe Cruz, (avô do poeta Azevedo Cruz), o João França, o Maximiano Duarte e mais o Calixto da venda. Bem fronteiro á Estação existiu até um sobradinho pitoresco em suas formas grotescas, construcção de páu a pique.

Deve-se ao Attila de Alvarenga a idea da construcção dessa praça, pois, aquelle velho jornalista, em 1904, quando se construia a estação de suburbio, pelas columnas do "Monitor" apontou a vantagem de ser transformada aquella baixada em uma ampla praça.

Dois aunos depois, tendo o Parahyba invadido furiosamente a cidade com a memoravel cheia de 1906, as aguas que vieram pelo Corrego do Cula empaturraram aquella baixada, de modo que quasi todas as casas do quarteirão se desmoronaram. Pareceu que a pavorosa enchente endossára a ideia do Attila, apressando poderosamente a

transformação do local na ampla praça que hoje lá vemos a concorrer para o urbanismo, da cidade, com a "Escola Claparède" ao centro.

Prevalecesse minha tenue e nulla opinião acerca da designação da praça, embora saiba ter sido Manoel Leopoldino Almirante Porto, uma impetuosa expressão politica, contudo achava mais adaptavel áquelle logradouro o nome de quem o idealisou – "Attila Alvarenga", – como um culto de admiração, á Imprensa ponderada e propulsora do progresso da cidade, tanto mais que Attila por muitos annos vinha sempre empregando outra força, impetuosa e bem mais uctil que a da politica, – a força jornalistica, pelo desenvolvimento material e moral da Terra dos Goytacazes.

*

* *

Mostramos já como eram as ruas antigas e como se transformaram, bem como outras foram sendo traçadas; porem, antes de fecharmos este capitulo com a relação de muitas outras ruas recentemente abertas, convem dizermos mais alguma cousa da cidade primitiva.

Outr'ora traçar uma rua, naquellas epocas em que a cidade ainda se enrolava nas faixas da antiga Villa, até que pudesse ser franqueada ao transito público, era uma cousa por demaes laboriosa.

As obras públicas, em parte, (como ainda agora), estavam affectas ao Governo da Provincia que mantinha em Campos o seu Brigadeiro-Engenheiro, mas... as obras não eram executadas e os projectos dormitavam nos gabinetes, – porisso os vereadores campistas da commissão de contabilidade fizeram no orçamento de 1840 maior dotação para calçamento e aterros das ruas (20 contos), «visto que recahiam sobre a Camara os clamores do Público emquanto que o Governo Provincial ficava a salvo e por demaes longe... para ouvir as justas queixas do povo campista que pagava imposto á Provincia. Assim sendo, os vereadores opinaram para que a Camara tivesse um seu Engenheiro, visto que a lei provincial nº 53 *permittia* aos engenheiros civís fazer obras públicas

municipaes, as quaes, anteriormente a 1840, só podiam ser projectadas e superitendidas por engenheiros do Imperial Corpo...

Foi então contractado o engenheiro francês Amelio Pralon que mais tarde, em 1844 foi substituido pelo engenheiro conterraneo Antonio Rodrigues da Costa, o qual cuidou do nivelamento geral da cidade.

Todavia, abertura de ruas e outros serviços não podiam ser feitos sem a autorisação provincial... e em 1839, quando fazia parte da vereança o activo Dr. José Francisco Vianna, na sessão de 3 de Outubro evocando a circumstancia da Camara dispôr de 18 contos e ter autorisação da Provincia, «não era justo que a Camara visse impassivel quebrarem-se carros e séges nas ruas da cidade e cahirem nellas pessoas a cavallo e a pé,» porisso – «propunha que a Camara mandasse fazer todos os reparos precisos principalmente os da rua Direita e do Sacramento e pela beira-Rio do lado de baixo e do lado acima, e das Flores desde a Praça até a rua Direita por ser de grande transito.»

Ahi está uma revellação official e nitida, do que era Campos nos seus primeiros annos de cidade. Por esse tempo a cidade contava 44 quarteirões, o que se constata pelo livro de Officios da Camara, (fls. 272)

Por um outro importante trabalho de estatistica feito pela Camara, em Novembro de 1838, (treis annos após a ellevação da Villa), pudemos constatar que Campos tinha então uma população *urbana* de 17.459 habitantes, a saber:

HOMENS		MULHERES	
Brancos	1967	Brancas	2026
Preto livres	177	Pretas livres	307
Pretos escravos	6748	Pretas escravas	4338
Pardos livres	528	Pardas livres	786
Pardos escravos	299	Pardas escravas	270
indios	8	*indias*	5
	9727		7732

Em 1856 o engenheiro mostrava á Camara «a conveniencia de proceder á demarcaçao da parte *não edificada* da cidade para se poupar aos cofres grandes sommas com as desappropriações futuras» tendo sido em sessão de 2 de Junho ordenada a demarcação das então futuras ruas.

Em 1869 o engenheiro Antonio Navarro de Andrade quiz introduzir na cidade o systema de calçamentos, abaúdos (*en chaussée*), e que sómente em 1888 por edital de 9 de Janeiro, ficou determinada a feitura daquelle então novo systema de calçamento. em Campos.

Em Abril de 1859 afagaram muito a ideia de ser aproveitada a grande chacara que abrangia todo o espaço entre Rocio, ruas do Ouvidor e Principe e praça Municipal para ser feito um *Passeio Publico*, o que ja havia sido planejado em 1857 na chacara da rua Beira Rio, do commendador Parahyba. Nem uma nem outra vez a ideia vingou porem aquella semente tinha de nascer modificada, o que se verificou 30 annos depois arredando-se um pouco mais do ponto vizado: – o Dr. Pereira Nunes, quando Prefeito, aproveitou a grande área conquistada á antiga Lagoa do Cortume (Santa Ephigenia), e viu-se então vegetar ali maravilhosamente o Horto Municipal.

Em 1855 foi que chegou a Campos a primeira remessa, (300 metros) de *meios-fios*, até então desconhecidos na cidade, pois, as «calçadas» eram feitas com grandes lagedos lavrados, sem taes supportes marginaes. Aquelles primeiros meios-fios foram empregados no calçamento feito em Abril na rua das Flores.

Em tal occasião teve logar a reclamação acerca dos salarios, feita pelos ajudantes de calceteiros, pois não quizeram trabalhar mais com a diaria de pataca e meia (480 réis), pelo que a Camara, diante daquella *primeira greve* havida em Campos, ordenou ao Engenheiro Rodrigues da Costa que lhes fizesse o jornal de duas patacas (640 réis) o que ficou constando da acta de 12 de Abril.

De 1840 a 1849 fizeram 1710 braças quadradas de calçamento nas ruas de Campos.

No anno de 1856, pelo mez de Abril e por pedido dos moradores da rua do Ouvidor, se cuidou da abertura de uma rua parallella á rua do Ouvidor, para o lado da Lapa, com direcção ao Becco, havendo até uma

offerta de 1:200$000 feita pelos interessados; porem o cidadão Chrysantho Leite Pereira Sá não permittiu na desapropriação das suas terras e predio na Beira-Rio onde devia começar a projectada rua, pois, julgava elle que ficaria muito prejudicado (acta de 2 de Maio) e a rua nunca foi aberta, occasionando aquelles grandes quarteirões que vão da rua do Ouvidor a dos Goytacazes, com muito prejuizo para o transito publico.

Os predios da cidade não podiam ter a altura que excedesse a 1 1/2 vez da largura das ruas... nem ter menos de 18 palmos de altura, pois a tanto obrigavam os dispositivos do Codigo de Postura em vigor desde 1842.

Em Agosto de 1840 os predios da cidade receberam numeração e as ruas suas respectivas placas, trabalho esse contractado com o ajudante Clemente de Magalhaes Bastos, um criolo muito espevitado e cheio de faceirices que era negociante, estabellecido com armarinho na «Subida da Praça» (rua 7 de Setembro), figura saliente da briosa Guarda Nacional e eleitor, não sabendo bem si do partido Liberal, si do Conservador.

Tal serviço foi feito por arrematação e pelo preço de 400$000. Depois do serviço dado por prompto, houve reclamações, já acerca da collocação dos numeros, já por causa de alguns defeitos orthographicos nas placas da nomenclatura.

As ruas da cidade, em varias partes, eram crivados de *frades*. Já então, (1857) vigessimo segundo anno da cidade, Campos tinha 34 ruas, e 4 praças, – isto é, foram feitas mais 14 ruas e 3 praças. A Camara mandou, pelo mez de Outubro, que fossem arrancados todos os *frades* de madeira e de pedra, por julgal-os inestheticos.

Agora a Cidade de Campos é cortada por 132 ruas, tem 12 praças, 2 largos, 6 travessas e beccos; 7.812 predios, 6 matrizes, 8 egrejas, 3 lojas maçonicas, 3 casas de cultos protestantes.

UM CONFRONTO – *Ruas que existiam na Villa de S. Salvador em 1835:* – Eram as seguintes, que citamos com os nomes modernos: Alberto Torres (até rua 24 Fev.); Aquidaban (até á lagôa do Cortume); B. Amazonas (até Conselho); Barão de Cotegipe, Bôa Morte, Carlos de Lacerda (até Direita); Carlos Gomes, Gesteira Passos, Conselho, Cabral

(entre Direita e Rosario), Gil de Góes (entre Bôa Morte e Canal), Sacramento (até Formosa), Frade, Mafra, 15 de Novembro, (Lapa até 24 de Fev.); 7 de Setembro, Santa Iphigenia (terça parte, o mais era bréjo), Barroso, 13 de Maio, Vígario João Carlos (entre Sacramento e Amazonas), 21 de Abril (até Andradas); 24 de Fevereiro, Praça S. Salvador, Verduras, Rosario, Rocio.

Ruas prolongadas neste centenario: – Alberto Torres, (4 vezes mais da extenção primitiva), Aquidaban, B. Amazonas, Carlos de Lacerda, Gil de Góes, (8 vezes mais extensa) Cabral, Dr. Lacerda Sobrinho, (mais 6 quarteirões); Formosa (prolongada em mais de 2 kilometros): Vigario João Carlos, 21 de Abril (mais 2 quarteirões).

RUAS ABERTAS NESTE CENTENARIO: (pela ordem alphabetica)

1 Americo Machado
2 Almerinda
3 Antonio Manoel
4 Barão de Miraeema
5 Barão de Guarulhos
6 Barão da L. Dourada
7 Baronesa
8 Benedicto Queiroz
9 Benta Pereira
10 Bezamat
11 Bruno de Azevedo
12 Campos Salles
13 Cardoso Moreira
14 Crespo
15 Crespo Sobrinho -
16 Costinha
17 Commend. Bern. Senna
18 Cons. José Fernandes
19 Cons. Thomaz Coelho
20 Cons. Oetaviano
21 Dr. Alberto Torres
22 Dr. Alvaro Lacerda
23 Dr. Cardoso de Mello
24 Dr. Ignacio de Moura
25 Dr. João Maria
26 Dr. Cesar Tinoco
27 Dr. Luiz Sobral
28 Dr. Manoel Landim
29 Dr. MigueI Heredia
30 Dr. Oliveira Botelho
31 Dr. Pereira Nunes
32 Dr. Sampaio
33 Dr. Siqueira
34 Dr. Silva Tavares
35 Domingos Vianna (*S. Pedro*)
36 Espirito Santo
37 Francisco Crespo
38 Gonçalves Dias
39 Goytacazes
40 José do Patrocinio

41 João Gonçalves
42 Julio Feydit
43 Kirck
44 Leão
45 Liberdade
46 Lapa
47 Machado de Assis
48 Marechal Deodoro
49 Marechal Floriano
50 Margem L. Campista
51 Mucio da Paixão
52 Nova
53 Operaria
54 Passeio Municipal
55 Paulina Perlingeiro
56 Peixotinho
57 Pelinca (*Avenida*)
58 Professor Faria
59 Riachuelo
60 Rocha Leão
61 Rockffeller
62 Rodrigues Peixoto
63 Saccadura Cabral
64 Saldanha da Gama
65 Saldanha Marinho
66 Salvador Corrêa
67 Santa Theresa
68 S. Bartholomeu
69 S. João
70 S. Jeronymo
71 S. Lino
72 Saturnino Braga
73 Severino Lessa
74 Silva Jardim
75 Vieira
76 Vicente Nogueira
77 Visconde do Rio Branco
78 Voluntarios da Patria
79 Vinte e quatro de Maio
80 Vinte e tres de Novembro
81 Vinte e quatro de Outubro

GUARULHOS

82 Beira Rio
83 Barão de Miracema
84 Calabouço
85 Casemiro de Abreu
86 Ferreiras
87 Fundão
88 Floriano Peixoto
89 Joaquim Ramos
90 Larga
91 Margem L. Carangola
92 Mello
93 Santo Antonio
94 Souza Motta
95 Theotonio Faria
96 Teixeira Dias
97 Vigario

TRAVESSAS E BECCOS

1 Arthur Cardoso
2 Maria Augusta
3 Olinda
4 Rosario
5 Silva Pinto

6 Santa Therezinha

PRAÇAS:

1 Azeredo Coutinho
2 Cinco de Julho (*Sacco*)
3 Dr. Galvão Baptista
4 Nilo Peçanha
5 Republica
6 Santa Antonio (*Turf*)
7 Santa Antonio (*Guarulhos*)
8 Treze de Março

RUAS ALINHADAS
(Em construcção)

Villa N. S. da Conceição

1 Avenida da Comporta
2 Projectada
3 Projectada

Fazenda Grande

4 Rua E
5 Rua F
6 Rua G

Villa Amaral

7 Rua Margem da L. Miracema
8 Rua B
9 Rua C
10 Rua D

Jardim Maria de Queiroz

11 Avenida Principal
12 Rua Nº 1
13 Rua Nº 2
14 Rua Nº 3

Em arrumamentos e edificações estão tambem as chacaras «João Ferreira», de «Manoel Pinto», de «Pedro Seixas», «Villa Rosario» de Benedicto Martins e a de Menez Ribeiro dos Santos.

A INSTRUCÇÃO

Neste capitulo cada campista deparará com um raio de luz que o fará enchergar um traço longinquo delineando sensitivas reminiscencias da sua infancia escolar.

Quando houve a mudança de categoria de nossa terra, Campos se mostrava pauperrima de escolas publicas, como se póde verifiar n'um rapido exame sobre o quadro abaixo:

ESPECIE	FREQUEZIAS A QUE PERTENCEM	Nº. DE ALUMNOS		
		1832	1833	1834
Ensino Mutuo	Villa	97	87	76
Primeiras letras	Villa	110	119	113
Collegio de meninas	Villa	41	40	31
Collegio de meninos	S. Sebastião	20	18	50
Gramatica latina	Villa	12	9	11
Francez	Villa	-	-	10
Geometria	Villa	-	-	6

A Camara pediu em 1835 ao Governo Provincial a creação de 5 escolas de primeiras letras. Era então professor do curso de francez Carlos Frederico Renne e o de latim Simplicio Euzebio Nogueira. Em 1837 eram professores publicos: Antonio José Rodrigues Picanço, (tinha 122 alumnos), d. Maria do Carmo Moreira de Sá, sendo inspector provincial frei José Polycarpo de Santa Gertrudes, benedictino, e inspector municipal Bento Benedicto de Almeida Baptista. Era lente de Geometria, e engenheiro Antonio Rodrigues da Costa.

Em 1840, eram professores, Galdino Ferreira Estrella e Theodorico José Ferreira de Moraes, (da "aula de ensino mutuo").

Ainda em 1846 a Camara instava com o Governo Provincial para a creação de escolas, accentuando que «a instrucção primaria neste municipio, composta de sete freguesias e um curato, constava apenas de *tres escolas,* 2 do sexo masculino e outra do sexo feminino».

Foram então gradativamente sendo creadas mais escolas e em 1856 o professorado publico em Campos compunha-se dos professores D. Maria Sophia Baraúna, T. J. F. de Moraes, L. L. Fernandes Pinheiro, D. Anna Josepha de Faria Tinoco, Antonio Caetano da Rocha Braga e Antonio Carlos Caldas de Alvarenga.

Em Janeiro de 1859 foi creada a primeira escola em Guarulhos, por proposta do deputado José Fernandes da Costa Pereira.

Em 1869 prestou exame de habilitação, na Camara, d. Antonia Rodrigues da Costa, presidindo o acto o Dr. Honorio Teixeira Coimbra.

Em 1875 eram professores publicos (ou régios): D. Anna Mendes da Rocha, Pedro Martini, d. Carolina Fraga de Paula Machado, Candido José Mendes Pereira, Francisco Lopes Lourenço, Manoel Pinto Souza Guimarães, Carlos Augusto de Araujo Reis.

Em 1885 havia mais os seguintes pedagogos: Heleodoro de Paula Machado, José Luiz da Cunha Bastos, Francisco Gonçalves Mouta, Gustavo Adolpho Reis, d. Esmeraldina Maria de Souza, d. Maria Leonor da Motta Vianna, d. Eliza Augusta Pires Ferreira Eliot, Emiliano Pires Almada, Bernardino Joaquim da Rocha, (Morro Grande), d. Deolinda Xavier Souza Nery, Manoel Jacintho Gonçalves, D. Rosa Cassalho, d. Castorina Araujo, Alvaro Poppe.

Em 1892: – Balthazar Dias Carneiro, D. Carlota Pires Vianna, d. Benedicta Heredia de Sá, d. Thereza Chrispina Ribeiro, d. Antonia Jacintha Nunes, d. Branca Floresta de Alvarenga, d. Bernarda Santos Galvão, d. Marianna Couto Reis, d. Alexandrina Maria de S. José Franco, d. Maria Isabel Armond, Maximiano, Alves de Aguiar, Chrystovam Maciel da Rocha, Sebastião Viveiros de Vasconcelos, Theophilo Carlos de Gouvêa.

Em 1895 foi installada a *Escola Normal,* da qual trataremos desenvolvidamente mais adiante.

PROFESSORADO PARTICULAR – Por mais que diligenciassemos não conseguimos descobrir os nomes dos professores particulares dos primeiros annos da cidade. Em 1866 foi que cahiu sob nossa vista um annuncio d'um collegio regido por Pedro Amancio da Costa que, sem delle tirarmos uma virgula trancrevemos da edicção de 2 de Junho do "Monitor Campista", apenas gryphando uma ou outra palavra:

«A aula particular de instrucção primaria da rua do Rosario nº, 207 mudou-se para *a mesma rua immediata* ao nº. 189, casa de vidraça com melhores commodos para o dito magisterio, onde continua a receber alumnos; o seu methodo é de manhã a todos os alumnos manuscripto copiado de bons livros; de tarde letra redonda; ás quartas-feiras e sabbados, arithmetica, doutrina christã: tambem recebe-se alguns pensionistas, internos, meio-internos: o preço do ensino *por cada* alumno é conforme as circumstancias dos pais, ou protectores; o seu professor tambem *propoem* a dar licções por casas ás pessôas que não possam ir ás aulas».

Já por esse tempo havia muitos collegios particulares quasi dez vezes mais que as escolas do Governo. De 1854 a 1864 constatamos as seguintes casas de instrucção: – *Collegio* S. *Lourenço,* de Antonio Gonçalves de Oliveira, rua da Quitanda; *Collegio Decurial,* de Fellippe Antonio de Oliveira, rua Direita, 92; – *Collegio* S. *Salvador,* de Euzebio Ildephonso Barroso, rua da Quitanda, (sobrado); *Lyceu Cammercial* de Joaquim Francisco Dias, na rua Direita; – *Gymnasio Campista* de Moysés Marques de Carvalho, no Largo do Rocio, com 2 cursos: o de «N. S. da Conceição» para meninas, e o de «N. S das Dores,» para meninos; – *Collegio Santa Thereza,* de d. Anna Josepha de Faria Tinoco, (ex-professora régia em S. Fidelis); – *Collegio Ultra,* de João Alberto Ultra, (instrucção elementar e secundaria) rua Direita ns. 96 e 98*;* – *Collegio Santa Izabel,* tradiccional instituto das Professoras Maria José de Andrade e irmãs, fundado em 1860 no predio da rua do Rosario, 33 sobrado na esquina da Praça do Rosario, mais tarde transferido para a Beira-Rio, esquina da Praça e finalmente para a chacara da Lapa, onde hoje é o «Orphanato de S. José; – *Collegio S. Joaquim,* de Joaquim

Pinto de Almeida, na rua Nova do Ouvidor; – *Collegio S. Lourenço,* de Celestino Satyro Martins: – *Collegio Santa Rosa de Lima,* de d. Emilia de Lima Coutinho, na rua do Alecrim, 62; *Collegio S. Antonio,* do padre Jorge Guaraciaba, na rua Detraz da Matriz, fazendo parte do corpo docente Dr. Francisco Portella, Gregorio Pereira de Miranda Pinto, José Alexandre Teixeira de Mello e o engenheiro Antonio Navarro de Andrade; – *Collegio Santa Adelaide,* de d. Izabel Ravel e Adelaide Martins Ravel, na rua de S. Bento, 1.

No periodo desde 1865 a 1880 existiram os seguintes estabelecimentos: – *Collegio S. Luiz Gonzaga,* do padre-mestre Antonio de Paula Pinto; – *Collegio Santa Anna,* de d. Analia Carolina da Gama, rua da Constituição, 8; – *Collegio S. Francisco de Paula,* do padre mestre Francisco da Cruz Paula, na rua do Sacramento, 68*;* – *Collegío Santo André,* de André Alves da Fonseca Junior, na rua Direita 52; – *Collegio Bôa Esperança,* de João Gomes de Mesquita e Souza na rua do Sacramento, 20; – *Externato S. João Baptista,* do padre Eugenio Martins do Couto Reis, successor do Padre José Pires da Silva Almada; – *Escola do Povo* depois conhecida por «Collegio Cornelio,» do popularissimo professor Cornelio Bastos, fundado nas Covas d'Areia e depois transferido para a rua Direita, esquina da Travessa do Cabral.

Foi um collegio de fama naquella epoca em que imperava a famigarada férula como um dos melhores compendios de pedagogia... Em 1882 o professor Cornelio desfructava uma nomeada fulgurante como estrella de primeira grandesa na constellação da Instrucção, e foi quando apresentou as scintillações do seu trabalho; – os primeiros alumnos approvados nas varias classes, foran os seguintes: (observada ordem alphabetica: Alamir Feydit, Amadeu Feydit, Benedicto Pereira Pinto, Francisco Tertuliano da Costa, Francisco Bernardo Graim, Getulio Moreira Pinto, Hermenegildo de Alvarenga, José Adriano Pereira, Jorge Francisco Pinheiro, João Isidro da Silva Vianna, José Corrêa dos Santos e Manoel Bento Leite. Em 1888 Cornelio criticou com fina ironia ao professor Azurara, por erros de concordancia encontrados n'uma poesia deste sobre a liberdade do escravos.

Collegio Santa Cruz, de d. Augusta Adelaide de Lorena e Souza, Praça Principal esquina da Rua Detraz da Matriz; – *Collegio Braga,* de Antonio Caetano da Rocha Braga, Rua do Rosario, 94; *Collegio de Santa Thereza* das irmães Domingas Maria e Thereza de Jesus Barreto, na rua Direita, em frente da egreja de S Francisco; *Collegio Santa Rita de Cassia,* de d. Maria Elyseu Candida de Abreu, na rua do Sacramento; *Collegio S. Salvador,* de d. Henriqueta Maria da Silva Campos, na rua Formosa; *Collegio S. Salvador,* de Antonio Gonçalves de Oliveira, na rua Direita; *Collegio S. José,* de José Cardoso Pereira Lobo, antecessor de José Coelho da Rocha, rua do Ouvidor esquina da rua do Conselho; *Collegio Christiano,* de Christianno Cohrs, rua de S. Bento, 11; *Collegio S. José de Calazans,* do bacharel José Manoel Carlos de Gusmão, rua Barão do Amazonas, 39; *Collegio S. João Baptista,* de João Baptista Pires Almada, rua do Mafra, 27; *Collegio* S. *Theodoro,* de Rodolpho Lourenço d'Athayde, rua Direita, 92 (sobrado); *Internato S. Carlos,* de Candido José Mendes Pereira, praça S. Salvador, 44; *Collegio N. S. da Conceição,* de d. Maria Balbina Martins de Souza Machado, rua do Rosario 161; *Collegio N. S. da Victoria,* de madama Laure Chardinal d'Aspenans, na chacara abaixo da Lapa; *Instituto Collegial Campista,* de Thomay J. Manger, rua B. Amazonas, 21; *Collegio Santa Candida,* de d. Dometilla Candida de Andrade, rua de S. Bento, 7; *Collegio Perseverança,* na chacara de D. Anna Pimenta, rua Formosa; *Collegio N. S. da Gloria,* de d. Eduarda Ritta Capistrano Falcão, rua da Constituição, 63; *Collegio S. Pedro,* do padre Francisco Luiz Goytacaz, na Beira Rio; *Collegio do Espirito Santo* de d. Antonia Rodrigues da Costa, em Cóvas d'Areia; *Externato* S. *Luiz,* de Luiz J. Cunha Bastos, na Lapa, *Collegio S. Salvador,* de A. Biolchine, com o corpo docente: padre Couto Reis, Olympio Martins, Luiz Carlos de Lacerda, Emiliano Pires Almada e Cesar Merly: *Collegio N. S. do Amparo,* de d. Luiza Pires Almada Ururahy, rua de S. Bento; *Collegio N. S. do Carmo,* de dd. Maria Anta Sá Ultra e Maria Castorina Heredia de Sá, rua D. Pedro II, 9 (Lapa); *Lyceu Azurara,* de José Azurara e Dr. A. Bente, rua Direita, 67, onde foram approvados, em 1879, os alumnos: Benedicto Indio da Costa, Francisco José de Mattos Pimenta e Manoel da Paixão Soares; *Collegio Pereira Nunes* de Manoel Gonçalves Pereira Nunes, rua do Sacramento, 61.

No periodo de 1881 a 1890 existiram os collegios seguintes: – *Collegio Americano,* Hemeterio José Ferreira Martins e Alberto Muylaert; *Collegio Fonseca,* rua B. Amazonas, 44; *Collegio Progressista,* de d. Olympia Emilia Peixoto de Lacerda, rua Díreita, 142; *Externato Aguiar,* de Maximiano José Alves de Aguiar, na rua D. Pedro II n. 351 (Corôa); *Internato Luiz Peixoto,* director padre Julio Peixoto de Magalhães, que depois fundou em 1890 o «Internato Magalhães».

Desse estabelecimento foram prestar exames na Instrucção Publica do Estado, em 1889, os seguintes alumnos: Ramiro Ferreira Saturnino Braga, João José de Sampaio Junior, Francisco Ayres Oliveira Bastos, Manoel Teixeira de Queiroz, Luiz Augusto de Almeida Ramos, Frontino Ribeiro de Azevedo Vasconcellos, Joaquim Saturnino Rodrigues de Brito, José Mattoso Sampaio Corrêa, João Manoel da Silva Tavares, Miguel Ribeiro da Motta Barros, Joaquim Bento Ribeiro de Castro, Alexandre Martins Manhães, José Martins Manhães.

Atheneu Campista, director padre Manoel Lobato Carneiro da Cunha. Anteriormente, em 1880 Augusto de Carvalho tambem teve um instituto com igual titulo, na rua Direita, 49; – *Collegio Henrique Dias,* palacete S. Francisco, *Externato Carneiro,* de Balthazar Carneiro, rua 13 de Maio; 135; – *Collegio da Immaculada Conceição*; directores padre Manoel Lobato da Cunha e d. Rosa de Araujo Passos, na rua 13 de Maio.

ANNUNCIO DE UM MESTRE, EM 1841...

Gozem agora um pouco os caros leitores com o annuncio infra que encontramos no «Monitor Campista », edicção de 30 de Abril de 1841:

«Quem tiver precizão de mestre para ensinar seus filhos a lêr, escrever, e contar, dentro da cidade em suas cazas, como tambem ensina os *minuêtos lizo de côrte e afandangado*; quem PERTENDER dirijase a esta typographia que se dirá *quem o annunciante*»…

Foi bem prudente o pedagogo-dançarino em esconder o seu nome...

PRECEPTORES E DISCIPULOS

Antes de tratarmos dos grandes institutos antigos e modernos, façamos uma recapitulação bem como ligeiras explanações acerca do professorado de outr'ora e seus discipulos. Muitos dos leitores gostarão de encontrar aqui, destacados, enfeitados com os florões da nossa reverencia e apreço, – os nomes daquelles velhos e benemeritos preceptores d'antanho que foram os que accenderam em suas intelligencias a luz dourada da alphabetização.

Sabemos bem quanto isto é emotivo e agradavel; d'ahi o nosso proposito de procurarmos tanger essas cordas dulcissimas da cordialidade e das reminiscencias.

FELLIPE ANTONIO DE OLIVEIRA – Pontificára na instrucção particular pelo anno de 1857 e seguintes, sempre na melhor evidencia, tal os gabos que lhe dispensavam, – Felippe de Oliveira foi um bom homem que pacientemente muito se esforçou por arrumar bem direitinho na memoria de Antonio Fernandes Cassalho de Oliveira, José Custodio Osorio, Francisco Ferreira Saturnino Braga, Bernardino Joaquim da Rocha, Claudino do Couto Souza Lima e Cornelio Manoel da Costa Bastos, aquelle abcedario todo… para as formações phoneticas, bem como as regras da grammatica e mais os rudimentos da doutrina christã, de permeio com os caracteres arithemeticos para a contradança complicada da mathematica.

Successos fez elle naquelle tempo remoto e logo no primeiro anno lectivo tanto que no "Monitor" de 18 de Dezembro de 1858 publicou as linhas que aqui transcrevemos fielmente, para bem caracterisar o pedagogo; – é um relato dos estudos:

«Antero Fernandes Cassalho de Oliveira sabe ler bem, escreve bastardo, bastardinho e cursivo com bastante perfeição, estudou grammatica e *a exerce-a.»* Dias depois relacionando o approveitamento de outros alumnos, publicou a respeito de Cornelio Bastos (o então futuro e egregio professor da palmatoria e da vara), as seguintes linhas: «Escreve bastardo, bastardinho e cursivo *com esperança de perfeição*. Estuda grammatica com approveitamento; estuda arithmetica com

approveitamento e conta até fracções ordinarias. Estuda a philosophia moral pelo cathecismo de Montpellier. Sua intelligencia é bôa, assim elle *fosse mais cuidadoso* em seus estudos»... (Monitor, 23 Dezº.)

Quatro mezes depois de escrever aquillo, o bom preceptor restituiu a Deus sua singela e santa alma de educador esforçado, desapparecendo do meio dos vivos aos 6 de Maio de 1859.

PADRE JOÃO ANTUNES – O padre João Antunes de Menezes Silva foi um dos grandes educacionistas antigos, cujo nome ainda hoje é pronunciado com verdadeira reverencia e emotividade, por aquelles que conheceram o seu estupendo trabalho de cultivar o intellecto da mocidade de 1860.

Para patentearmos ao vivo uma facêta apenas da sua pericia no lapidar intelligencias, basta darmos a rellação dos alumnos do seu "Collegio S. José", cujos nomes vieram depois fulgir nas lettras, nas sciencias, na religião, na jurisprudencia, engenharia e demaes ramos da actividade humana. Em 1862 prestaram exames primarios com o melhor brilho, os seguintes allumnos: – Antonio Ferreira Saturnino Braga, Olympio da Silva Pinto, Manoel José Linhares, Antonio Victorino Baptista Cabral, Boaventura Rodrigues da Costa, Antonio Alves Mira, Antonio Rodrigues da Costa; – no curso de latim: Joaquim Duarte Pimenta Bueno, José Ferreira Barreto, Augusto Octaviano Bessa, Feliciano Manhães Pimenta Barreto, Antonio Maria Corrêa de Sá, Manoel Coelho de Almeida Barroso, Luiz Militão Pereira de Aquino, Antonio Manoel de Azevedo, Manoel Joaquim da Silva Pinto.

JOSÉ AZURARA – Linhas passadas citamos o nome de José Azurara, e aqui devemos dizer que foi um espirito activo, que aportou em Campos no anno de 1876 como director de uma companhia dramatica que estreiou no Theatro S. Salvador em dezembro com o drama «Fé, Esperança e Caridade», tendo depois levado á scena o drama de Alencar «Mãe» e mais «O pelotiqueiro», «Os incendiarios», etc. No mez seguinte abandonou a ribalta e fundou o «Lyceu Azurara», no predio nº 37 da rua do Alecrim, tendo mais tarde leccionado no salão da Sociedade Brasileira, predio nº 67 da Rua Direita.

Esse preceptor era filho, do antigo professor José Joaquim Pereira

de Azurar, que em 27 de Agosto de 1865 se retirou do nosso meio, indo leccionar em Parahyba do Sul, freguezia de S. José do Rio Preto.

Os alumnos de Azurara que se distinguiram em 1878 foram: Gustavo Alvarenga, Antonio Barroso, Silvestre Santos, Alberto de Carvalho, Silesio de Oliveira, Alfredo Leal, Samuel Campos e destacadamente Aurelio Tavares de Oliveira e Marcial de Oliveira.

Em 1880 Azurara fez representar o drama de sua autoria, «José, fílho d'Israel» por seus alumnos: Joaquim d'Athayde (que viria a ser o grande actor e autor campista), Alberto Alvarenga, Diogo Bento, Carlos Carvalho e Valeríano Bourlier,

PADRE CRUZ PAULA – É outro nome de destaque na historia da pedagogia campista. O *Padre Chiquinho,* como era geralmente conhecido, muito cooperou para elevar o nivel da intellectualidade da nossa terra, Seus discipulos formaram um consideravel coeficiente da grandeza de Campos: – Benedicto Galvão Pereira Baptista, Luiz Marianno Rodrigues da Costa, Martinho Corrêa de Sá, Francisco Ferreira de Macedo, Boaventura Rodrigues da Costa, Benedicto Delgado Motta, Manoel Leopoldino Almirante Porto, Adolpho José Mourão de Souza Filho, José Bento da Silva Porto, João Baptista de Souza Castro, Manoel Coelho Barroso, Fernando Ferreira Barreto, Luiz Marianno Rodrigues da Costa, José Pinto Barbosa, Antonio Fernandes da Costa Pimenta, Joaquim José Pinto Ribeiro, Americo Valentim de Figueiró receberam do padre-mestre Cruz Paula os mais firmes conhecimentos do latim.

EPIPHANIO JOSÉ DOS REIS – Tão illustre e operoso como os anteriores, este director do afamado «Collegio S. Salvador», em 1873 foi outra columna-mestra do grande templo da instrucção regional. Seus melhores alumnos foram: Pedro Augusto Tavares Junior, Domingos Manhães Faisca, Francisco Manhães Faisca, Fernando de Souza Kock, Gregorio Francisco de Miranda Pinto, Alberto Pereira de Lima Leal, Eduardo Ribeiro Maximo de Azevedo, Benedicto Ribeiro de Azevedo, Carlos Joaquim de Faria, José Pinheiro de Andrade, Sebastião Gomes Barroso, Eloy José Ferreira Martins, Bernardo de Mattos Trindade Netto, Antonio Bernardino Dias Furtado, Tancredo Saturnino Teixeira de Mello, Bento da Silva Carneiro, Jeronymo

de Sousa Motta, José Manhães Faisca; Antonio Manhães Faisca, Francisco Thomaz Pinheiro, Eduardo José Manhães, Candido José Ferreira Martins, João Baptista de Paula Barroso, Luiz Cardoso de Mello, Vicente Pereira Ribeiro, Francisco de Miranda Pereira Pinto, Bernardo Passos Pereira Bastos, Joaquim Ribeiro de Castro, Joaquim Ferreira Saturnino Braga.

Nomes veneraveis do magisterio antigo de nossa terra não faltam e seria enfadonho encarreiral-os todos. Assignalemos mais alguns, nomes dos que muito trabalharam na educação das gerações passadas e presente, dedicados que foram no transmittir suas virtudes moraes, civicas e intellectuaes á mocidade feminina de outr'ora, formulando boa porção da belleza que se viu e ainda se vê na sociedade Campista.

D. Maria do Carmo Moreira de Sá, (fallecida a 17 de Maio de 1859), d. Anna Clara do Espirito Santo Andrade (fallecida a 26 de Setembro 1859 com 78 annos de idade), d. Maria Auta de Sá Ultra, d. Maria José de Andrade, d. Thereza e Rachel Bessa.

SEMINARIO DA LAPA – Quatro dias antes de ser sanccionada a lei que elevava a villa em Cidade a Assembléa Provincial solicitou os seguintes informes: – qual a dotação do Seminario? qual a sua renda? qual o encarregado de sua administração e por que titulo?

O «Monitor» em seu nº 163, de 16 de Novembro de 1841 em artigo edictorial reclamava em prol da instrucção:

«Temos um Seminario *in nomine* ha muitos annos metamorphoseado em aquartelamento de tropas bem contra o fim e vontade do seu Fundador, que o instituiu para educação da mocidade Campista: e porque se não cria em o Seminario da Senhora da Lapa um Lycêu?»

E concluia: «A instituição de um Collegio em Campos é uma necessidade urgente, e toda a demora nos é prejudicial. Restaure-se o Seminario, reunam-se nelle as instrucções preparatorias, ver-se-á, como em outras partes, despontar na mocidade o gosto ás sciencias».

Em 1845 foi nomeado director o padre-mestre José Rodrigues Barbosa e no anno seguinte substituiu-o o padre Marianno Leite da Silva Escobar. Em 1847, aos 11 de Abril se installou o Lyceu no consistorio da Egreja do Terço, com a presença de Sua Magestade D. Pedro II.

O rev. conego Pessanha Baptista apresentou na sessão da Camara em 15 de Setembro de 1849 o seguinte parecer: «Sendo manífesta a utilidade do Lyceu estabelecido em o consistorio da Egreja do Terço, que não pode accommodar-se ás precisões do ensino, e impossibilidade de poder o director velar sobre o exercicio das cadeiras creadas e averiguado como se conhece das deligencias e exames da Commissão de negocios externos, que o edifício da Lapa, com o dispendio de 6:400$000 presta-se ás acommodações exigidas para a instrucção, conclue o seu parecer do modo seguinte: que com urgencia se represente sobre a conveniencia de reparo daquelle edificio, enviando-se o orçamento apresentado, que por emquanto seja o Lyceu transladado para alguma casa particular e a ella annexada a primeira aula de instrucção em vista do vencido na Camara».

Em 1850 uma commissão composta do Barão de Muriahé e Commendador Dr. Joaquim Pinto Netto dos Reys ficou incumbida de inspeccionar e dirigir os reparos do Seminario da Lapa, para se fazer a transferencia. Em 1855 ficou o Lyceu Provincial ao desamparo, os lentes ficaram com meio soldo e fechado o estabellecimento... até 1857.

À vista disso, em Outubro o professor inglez Adolpho Tiberghei requereu á Provincia a cessão do predio da Lapa para nelle installar um seu gymnasio ...

Consultada a Camara, o Dr. Barbosa, presidente da Municipalidade informou desfavoravelmente apontando – "a inconveniencia de semelhante concessão porque a mocidade necessita de *uma instrucção que encontre certo* CARACTER DE NACIONALIDADE.»

Somos fortes adeptos da nacionalisação do ensino, por isso que mais rudimentar noção de justiça está a frizar que a mocidade brasileira, agora, não pode ser melhor e convenientemente educada conforme as conveniencias actuaes e futuras da Patria, senão por educadores NACIONAES patriotas, e nunca por estrangeiros importados por *«boards»* organisados nas nações IMPERALISTAS como a Inglaterra e os Estados Unidos. Dahi, o remarcarmos com versaes aquelle conceito do circunspecto e bem avisado Dr. Francisco de Almeida Barbosa em sua resposta ponderada ao Governo da Provincia.

Attento a este conceito, é que temos combatido o instituto que os norte-americanos vindos assalariados com grande porção de *dollares,* para se fazerem aqui preceptores da mocidade campista, levantaram a rôdo de muito dinheiro, com grande apparato, em rua principal da cidade para melhor attrahir, e assim conseguir os seus fins imperialistas que, com o mais refinado artificio encobrem sob o pretexto de religiosidade...

A resposta do Dr. Barbosa tornou-se muito judiciosa tanto mais pela consideração de que – o edificio do Lyceu da Lapa, (hoje Asylo das orphãs) que aquelle estrangeiro solicitava para explorar nelle uma *pedagogia de inglez*... foi uma propriedade da Mitra Diocesana que doôu ao Governo para o estabelecimento de instrucção, – mas, de uma instrucção que não fosse capa de conveniencias sectarias muito menos da politica estrangeira!...

Varias foram as tentativas de taes sectarios, para propagarem por meio de collegios as suas theorias anti-brasilicas, e dellas trataremos mais adiante.

INSPECÇÃO DO ENSINO. Em 2 de Janeiro de 1837 foi nomeado inspector do ensino em toda a Provincia, o benedictino frei José Polycarpo de Santa Gertrudes. Em 1842 era inspector escolar do municipio o padre João José da Silva Pessanha, sendo substituido annos depois pelo Dr. Caetanno Thomaz Pinheiro. Em 1863 foi nomeado o Dr. José Alexandre Teixeira de Mello e em 1869 o inspector parochial era José Corrêa Fernandes.

LYCEU DE HUMANIDADES – Antes de tratarmos da creação e funccionamento deste grande estabelecimento da instrucção secundaria em 1884, os leitores gostarão de lêr o historico daquelle tradicional edificio onde as gerações campistas têm bebido os melhores conhecimentos de humanidades.

Em Outubro de 1858, justamente quando vinha de ficar abandonado pelo Governo o Lyceu da Lapa, José Martins Pinheiro (mais tarde Barão da Lagôa Dourada) homem rico e de ideias progressistas fazia entrar na Camara Municipal um seu requerimento dizendo que «pretendendo edificar uma casa de vivenda em sua chacara comprehendida no prolongamento *assignalado* da rua das Cancellas até a egreja do Sacco requeria mandasse dar o devido alinhamento á mesma rua para poder

edificar na verdadeira direcção desta, evitando-se assim embaraços que possam sobrevir si não fôr o edifício devidamente collocado.»

Em 1861, em 9 de Janeiro o dito commendador requereu á Camara para que – «fossem prolongadas até á praça que já estava demarcada, as ruas da Constituição e Cancellas. Tambem fez sentir a necessidade de ser aberta a rua immediata á das Cancellas (hoje Salvador Corrêa) até a entrada da chacara do major Lucas José de Alvarenga offerecendo o terreno da sua propriedade que fôr abrangido por estas tres ruas, contanto que lhe fique pertencendo o terreno da parte da estrada do Sacco que fôr inutilisado, desde a rua da Jaca até aquella praça.»

Em 1864 ficou prompto o palacete do commendador Pinheiro e a imprensa de então annotou que – «era o mais rico edificio e do melhor gosto que hoje se encontra na nossa cidade e seus suburbios.»

Em 4 de Julho foi feita experiencia da installação a gaz, produzida por um apparelho assentado no proprio palacete. Em fevereiro de 1865, o commendador deixou o seu predio que era na Beira Rio (hoje séde do Club de Regatas Saldanha da Gama) indo residir em seu novo palacete.

Em 1880 o deputado campista Dr. Candido de Lacerda apresentou na Assembléa Provincial um projecto que tomou o n. 2503, creando o Lyceu de Humanidades de Campos.

As commissões de instrucção e fazenda que deram seus pareceres favoraveis eram compostas dos deputados: Martins Torres, Victorio da Costa, B. Torres e Villaça de Azevedo. Em 21 de Outubro foi publicado o regulamento dando organização ao Lyceu. Em 1883 o Presidente da Provincia nomeou uma commissão para angariar donativos para acquisição do edificio para o Lyceu, composta dos srs: Visconde de S. Sebastião, Barão de Santa Rita, Dr. Manoel Rodrigues Peixoto, Conego Joaquim José Pacheco Guimarães, Dr. Manoel Francisco de Oliveira, Tenente-coronel José Joaquim de Moraes (depois Barão de Guarulhos), Manoel Coelho de Almeida, Dr. Olympio Joaquim da Silva Pinto, Dr. Antonio José de Mattos Lima e Antonio Manoel da Costa.

Em 16 de Julho de 1883, por diligencia do deputado campista Dr. Manoel Rodrigues Peixoto, foi votada na Camara dos Deputados validade

dos exames do Lyceu de Campos nos cursos superiores do Imperio.

Em Novembro já estavam angariados 14 contos para a acquisição do predio e uma commissão nomeada para escolher o edificio composta do Dr. Manoel Francisco de Oliveira, Dr. Manoel Rodrigues Peixoto e commendador Antonio Manoel da Costa preferiu o do então fallecido Barão da Lagôa Dourada, sendo arrematado em praça do espolio em 12 de Dezembro, pela quantia de 25 contos; para logo o Presidente da Provincia, José Leandro de Godoy e Vasconcellos, em vista da doação feita pela Camara Municipal de Campos, doação essa approvada em sessão de 28 de Dezembro, mandou fazer a necessaria installação. Antonio Mel. da Costa concorreu com grande quantia.

Aos 13 de Janeiro de 1884 foi inaugurado o Lyceu, sendo o primeiro Director, Dr. Candido de Lacerda, e primeiro corpo docente: Augusto Castro de Lafayette (latim, historia e geographia), Dr. Candido de Lacerda (philosophia e rhetorica), João Lino Gomes (portugues e francez), Eduardo Frederico Alexandre (inglez), Carlos Augusto de Araujo Reis (mathematica), nomeados por acto de 23 de Janeiro.

A matricula começou em 14 de Fevereiro. O primeiro porteiro foi Theodorico Francisco da Cruz, um gago muito enthusiasta da politica conservadora;

Para a festa da inauguração foi nomeada uma commissão promotora do grande sarau, composta do Barão de Itaóca, Dr. João Belizario, Dr. José Nunes de Siqueira, Dr. Vicente Soutto Mayor, Dr. Costa Guimarães, Dr. Itabaiana, João Ribeiro, Dr. José Pinheiro de Andrade, Commendador Heleodoro e José Narciso Teixeira de Queiroz.

Os primeiros candidatos que prestaram exames de admissão foram os seguintes: – Abel Cassalho de Lima, Amelio Ribeiro Arêas, Antonio Marianno de Medeiros Sobrinho, Antonio Pedro Moll, Antonio Strocinio Linhares Coutinho, Braulio Antão Nunes, Dario Leopoldo Ramos, Edgard Norberto Gonçalves, Eugenio Alves da Costa Guimarães, Franklim Vaz Teixeira, João Gomes, Joaquim Gomes de Castro, Joaquim Thomaz de Faria, José Antão Nunes, José Rodrigues Leite Junior, Julio Ribeiro de Campos, Luiz Chrysosthomo de Oliveira,

Manoel Gomes, Manoel Lavra, Manoel Pedro Moll, Marianno de Carvalho, Paulo Zulckner, Samuel Golb da Silva Campos, Tancredo Herculano da Cunha, Theophilo Joaquim de Faria e Waldemiro Manhães Peixoto (26)

Aos 4 de Março teve lugar a primeira aula. No anno seguinte ficou como director Augusto Castro de Lafayette, substituindo o Dr. Lacerda desde 26 de Junho.

No dia 7 de Setembro de 1885 foi collocado solemnemente o retrato do Dr. José Leandro de Godoy e Vasconcellos no salão nobre do Lyceu, justa homenagem ao presidente provincial que creara o estabelecimento. Pouco mais de trez mezes após aquella solemnidade, o successor do Dr. Godoy decretou o fechamento do Lyceu dispensando os professores e mais empregados... porem a abnegação e patriotismo dos lentes frustraram os bótes da política e ampararam o Lyceu, forçando a sua reabertura, em 18 de Janeiro de 1886, porisso que se offereceram para leccionar GRATUITAMENTE! Sempre o Governo da Provincia mui cioso de arrecadar os impostos do grande povo campista e abandonal-o a toda sorte de necessidades! Muito avaro no collectar, mas ridiculo e injusto em sua *parcimonia*... ao ponto de negar a instrucção ao povo! Já em 1839, vimos em paginas atraz, o quanto a Camara de Campos reclamava instantemente para que «recomeçasse a funccionar a Aula de primeiras lettras da cidade, que havia annos estava fechada (acta de 3 de Julho).

Quem assista hoje aquelles batalhões de Jovens cheios de garridíce, subindo ou descendo a rua Dr. Alberto Torres e outras tantas que dão accesso ao antigo outeiro do Barão da Lagôa Dourada, satisfeitos e ricos de bom humor, seguindo para as aulas ou voltando dellas, sem denunciarem no animo ou nos semblantes a menor fadiga, não póde deixar de sorrir ao lêr aquella reclamação e alvitre contidos no officio do director do Lyceu, no anno de 1887, «acerca da *distancia* do Lyceu, que não podia ser frequentado, pelo que lembrava a conveniencia de mudar o Lyceu para o Paço Municipal e o Forum para aquelle solar do Pinheiro.»

A commissão de instrucção deu parecer desfavoravel em sessão

de 15 de Julho, porem mais tarde, treis annos após, em Abril de 1890 installaram a Intendencia Municipal no cazarão ao alto do Pinheiro, o Lyceu no casarão da Praça S. Salvador, o que aliás foi tambem de pouca duração, porque estallando a revolução de Dezembro de 1892, foi logo feita a contradança, voltando *os pares* aos seus primitivos logares.

Foi director, no anno de 1889 o Dr. João Pedro de Saboia Bandeira; em 1890 o Dr. Manoel Francisco de Oliveira e em 1891 serviu como director-interino o Dr. José Ferreira Dias. Nesse anno prestaram concurso os professores: Joaquim Silverio dos Reis, (francez), e Carlos Hamberger, (calligraphia e desenho), Em Maio de 1896 foi nomeado director o Dr. Joaquim Ribeiro de Castro, que logo pediu sua exoneração, em Junho sendo seu substituto Arno Gouland e em Dezembro voltou a ser director o Dr. Manoel Francisco de Oliveira.

Por decreto de 15 de Julho de 1901 o Presidente da Republica equiparou o Lyceu de Campos ao Gymnasio Nacional (Collegio D. Pedro II.)

O corpo docente em 1902 era assim constituido: Dr. Manoel Camilo Ferreira Landim, (latim) José Pacifico da Fonseca, (portuguez) Henrique José Dias Junior, (inglez), Joaquim Silverio dos Reis, João Barreto, (historia e geographia, Dr. Duarte Alfredo Flores, (historia natural physica), Padre Julio Peixoto de Magalhães, Luiz Peixoto, João Menezes, (mathematica), Aurelio Cassalho de Oliveira, escripturação mercantil) Amo Alexandre Gouland, (allemão).

Em 1894 prestaram concursos para as cadeiras de historia nat. e geographia, mathematica, sciencias physicas e portuguez, respectivamente, os professores: João Barreto, João de Miranda Menezes, Theophilo Carlos de Gouvêa e Carlos Silva, – e de todo o professorado que tem servido no Lyceu os unicos sobreviventes são: o venerando professor Gouvêa, de quem mais de uma geração tem recebido os influxos beneficos do seu saber, e da sua bondade, corollarios de uma magnifica e sólida fé católica, sendo seu concurso realisado a 13 de Agosto e em 1931-32 occupou o cargo de director do Lyceu, – e o professor Carlos Hamberger.

Em 1895 o Dr. Joaquim Ribeiro de Castro voltou a dirigir o Lyceu

e servia como secretario Julio Armond. Em 1901 foi para a direcção do Lyceu o Dr. João Manoel da Silva Tavares que era desde Abril de 1895 lente de physica e chimica; em 1906 foi nomeado director o professor Sebastião Viveiros de Vasconcellos; em 1927 o rev. Padre Antonio Carmelo, em 1928 o Dr. Antonio Bastos Tavares e seguidamente, em caracter interino, os professores: Joaquim Silverio dos Reis, Theophilo Carlos de Gouvêa, Manoel Manhães e actualmente o Dr. Theobaldo Miranda Santos.

Não podemos encerrar a noticia historica do Lyceu sem nomearmos o nome de Benedicto Hermogenes de Menezes, que em Março de 1904 foi nomeado lente de grego, e do Padre Ambrosio Mayer, lente de allemão. Vem servindo de secretario a muitos annos o sr. Carivaldino Pinto Martins.

ENSINO MUNICIPAL – A Camara Municipal em 1886 deliberou criar e manter escolas nos varios districtos ruraes, cujo regulamento foi publicado em 19 de Janeiro daquelle anno. No mez de Março foram nomeados os seguintes professores.

Joaquim Manoel Araujo Silva, (Guarulhos); José Maria Caldas de Alvarenga, (S. Gonçalo); José Caetano Peixoto Canella, (Morro do Côco); Manoel Moreira de Andrade, (Santo Antonio do Carangola); Sebastião da Silva Vianna, (S. Sebastião) Thomé da Silva Guimarães, (Santa Rita) Thomé da Costa Guimarães, (Dores de Macabú); o ensino tinha em cada escola um inspector, cujas funcções foram desempenhadas pelos srs: Joaquim Pinto Rodrigues de Britto, João Wagner dos Santos, Ignacio Ribeiro do Rosario, Dr. Manoel Gomes Bittencourt, João Cordeiro dos Santos, Dr. Vicente Soutto Mayor e Pedro Fernandes Pereira.

Com o augmento da população rural e já no tempo da Republica, a Prefeitura elevou o numero de escolas municipaes a 50, destinando 3 escolas para cada districto, e em Novembro do anno passado o Prefeito Dr. Costa Nunes creou mais cinco escolas, que são superintendidas pelo illustre professor Joaquim de Athayde, que ha 16 annos exerce com muita proficiencia o cargo de Inspector do Ensino.

GRUPO ESCOLAR – O primeiro grupo escolar creado em

Campos, foi denominado «Barão de Tautphœus», pela reforma Paranhos, em Favereiro de 1900, funccionando no mesmo edificio do Lyceu.

Antes de passarmos a tratar do curso normal, destacamos aqui mais alguns nomes bem dignos da veneração dos campistas: Professora d. Marianna Gomes Pinto de Alvarenga, da 16º escola; d. Colina Mendes, d. Carlota Pires Vianna; d. Maria Carlota Maciel da Rocha, d. Maria Dias Campos.

ESCOLA NORMAL – Foi creada em 1894 pelo presidente Dr. José Thomaz da Porciuncula, tendo vindo a Campos para installal-a, em janeiro de 1895, o sr. Antonio Aydano Gonçalves Almeida.

Em fevereiro foram nomeados interinamente os seguintes lentes: Carlos Silva, (litteratura patria e portuguez), João de Miranda Menezes, (mathematica), João Alves de Souza Barreto, (portuguez e geographia). Em Abril foi aberta a matricula, sendo encerrada no dia 22, com 49 alumnos matriculados: 45 moças e 4 moços, que passamos a relacionar:

Anna Mesquita de Campos, Anna de Alvarenga Hechet, Almerinda C. Armond dos Santos, Auta Gomes, Antonio Machado da Matta, Alzira Mesquita, Alzira de Campos, Alcidia Gomes, Adelia das Neves Cunha, Antonia Neves, Amelia de Mattos Machado, Carolina Angela Nogueira, Carolina Augusta Pires, Carmen de Alvarenga, Clodomira Theodora Vieira, Christovão Maciel da Rocha, Clarinda Rabello, Circe Lyrio de Gusmão, Doralice Olivia Ribeiro, Dinorah Pires, Ercilia Barreto, Emilia Pires Almada, Evangelina Aurea da Fonseca Francisca, Candida da Silva Pedrosa, Honorina Carmen dos Santos Madruga, Horacio de Souza, Isabel Cardoso de Freitas Guimarães, Ignacio Duarte dos Santos, Josephina das Chagas Porto, Lilia Pinto da Silva, Maria Clotilde Arrault, Maria Augusta Tavares, Maria S. Alves da Silva, Maria Isabel Rabello, Maria Augusta Martins Amancio, Maria Izabel de Moura, Maria da Gloria Nunes Madruga, Maria Bernardina Ribeiro da Silva, Maria Ribeiro Sardinha, Maria Renne Arantes, Marianna Alves do Couto Reis, Norma de Souza Pessanha, Olivia Doralice Ribeiro, Olimpia Pereira Nunes, Ottilia Fraga de Paula Machado, Tancredo Bento Alves, Zelia de Alvarenga, Zulmira de Freitas.

A primeira inspectora foi d. Rosa de Oliveira Cassalho.

A inauguração da Escola foi a 4 de Maio de 1895, sendo nomeados lentes: José Pacifico dos Santos, (francez), d. Maria Luiza Arrault, (calligraphia e desenho), Castro de Faria, (geographia).

Cinco annos depois de installada a Escola Normal, foi publicado o Decreto nº 558, de 26 de Janeiro de 1900 que a extinguia, pelo que o dr. Joaquim Ribeiro de Castro e outros devotados campistas trataram de organizar então uma – *Escola Normal Livre*.

O sr. José Peixoto de Siqueira offereceu o seu predio da rua Voluntarios da Patria, gratuitamente, para nelle funccionar a escola.

A extincção foi promovida pelo então director da instrucção Dr. Paranhos da Silva. No dia 17 de Fevereiro ás 19 horas reuniram-se os interessados no edificio do Lyceu de Artes e Officios para tratar da adaptação do mesmo ao funccionamento da Escola. A Sociedade Propagadora de Artes e Officios fez cessão do pavimento superior do Lyceu pelo espaço de 5 annos.

Em 10 de Abril do dito anno e por concessão do governo, foi installada a escola no edifício do Lyceu, empossando-se o seguinte corpo docente: Director, dr. Joaquim Ribeiro de Castro: d. Marianna Alvarenga (portuguez) Sebastião Viveiros de Vasconcellos, (portuguez); d. Maria e Luiza Arrau1t Soutto Mayor, (francez); dr. Eugenio Guimarães, (arithmetica), Joaquim Silverio dos Reis, Balthazar Carneiro (geographia); d. Zelia Alvarenga (calligraphia); Dr. José Rodrigues Leite (desenho); João Menezes, (algebra e geometria); Candido Mendes, (pedagogia): d. Maria Luiza Peixoto (trabalhos de agulha); dr. Silva Tavares (physica e chimica); d. Francisca Amalia Nunes de Carvalho, (musica); dr. Manoel Camillo Ferreira Landim (Instrucção, Moral e Civica); Benedicto Hermogenes, (historia universal); dr. Ignacio Moura, (sciencias naturaes) Candido José Mendes Pereira, (Chorographia do Brasil).

As aulas começaram a 1 de Maio, tendo feito exame de admissão: Adhemar Laranjeira, Benedicta Ribeiro, Cloris Maciel da Rocha, Ducilla de Alvarenga, Herminia de Menezes, Hismenia Campos, Isaura Lucas dos Santos, Isabel de Alvarenga, José Luiz Coêlho de Aguiar, Maria Isabel Peixoto Queiroz, Oskella Martins.

Em sessão de 15 de Março de 1901 a Camara Municipal deliberou pedir ao Governo Estadoal o restabelecimento da Escola. Em 16 de Março o dr. Silva Tavares recebeu communicação tellegrafica do Director da Instrucção dr. Paranhos da Silva, de ter o Presidente, dr. Quintino Bocayuva RESOLVIDO annexar ao Lyceu de Campos a Escola Normal. A noticia foi recebida com viva demonstração de agrado, havendo até... os classicos foguetes.

O decreto restabellecendo a Escola teve o nº 677 e foi datado de 16 de Março. A inscripção foí aberta a 29.

Em 31 de Dezembro de 1902 foi publicado o quadro do Professorado Campista, pelo qual constatamos os tempos de serviço até 31 de Dezembro de 1934 das seguintes professoras:

Marianna Gomes Pinto Alvarenga	44 annos	–	24 dias
Julia Ferreira Varella	44 »	2 mezes	13 »
Colina Mendes	44 »	»	10 »
Claudina Alves Couto Reis	40 »	»	10 »
Antonia Jacintha Nunes	40 »	»	7 »
Maria Luiza Peixoto Landim	37 »	»	6 »
Maria Isabel de Moura	34 »	»	11 »
Honorina Carmen Nogueira Olivia Ribeiro, Zulmira Freitas, Isabel de Freitas Guimarães, Marianna Alves Couto Reis, Almerinda Armond dos Santos Norma Peçanha, Laura Fraga e Ercilia Barreto	34 »	8 »	29 »
Marieta Freitas Guimarães	34 »	7 »	–
Ottilia Fraga Paula Machado	34 »	5 »	21 »
Zelia Alvarenga	33 »	9 »	11 »
Cecilia Mangueira, Cora Alvarenga	33 »	8 »	16 »
Maria A. Monteiro Amancio	33 »	1 »	6 »
Chrysolina Honoria de Freitas	33 »	–	9 »
Delphina Teixeira Vianna	32 »	6 »	
Serizé Passos	32 »	3 »	6 »

Em 1903, em 12 de Fevereiro, concluiram o curso normal:

DD. Armanda Maria Cardoso, Alva Doralice Ribeiro, Americolinda Cardoso da Silva Pinto, Blandina Soutto Mayor, Cloris Coli Rangel, Carolina Angela Nogueira, Cecy Mello Araujo, Elvira Cossandey, Luiza Honoria de Freitas, Maria da Conceição Soutto Mayor, Margarida E. Fonseca Laranjeira, Olinda Gomes Pinto, Olivia José de Mattos Lima, Rita de Moraes Feijó, Waldemiro Barbosa de Castro e Zuleika de Mattos Lima.

A turma seguinte, que recebeu os diplomas a 25 de Abril de 1904, tendo em rigosijo feito celebrar uma Missa em acção de graças, foi a seguinte:

Altina Albuquerque, Alvarina Reis, Angelina Monteiro, Benedicta Ribeiro, Celestina Costa, Clotilde Martins, Cacilda de Carvalho, Ducilla de Alvarenga, Dinora Freítas, Euclydes Armando da Silva, Isaura Lucas dos Santos, Lincolina Ribeiro Moço, Maria Isabel Peixoto de Queiroz, Maria Marcolina, Marianna Alves Dias, Maria L. Aguiar, Olympia Pereira Nunes e Philomena Lima Assenço.

Depois de ter a Escola enriquecido tanto a instrucção no nosso Estado, pela formação de muitas turmas de professoras, foi tão util instituição golpeada de morte no anno de 1931, no governo do Interventor Plinio Casado, sendo secretario do Interior e Justiça o Dr. Cesar Tinoco. Assim a *ultima turma* de professoras normalistas foi diplomada no começo do anno passado.

INSTRUCÇÃO PARTICULAR – Importantes collegios têm existido nestes treis ultimos decennios, como sejam: *«Collegio Viveiros»* (depois «Gymnasio Campista»), 1900, de Viveiros de Vasconcellos, na rua Direita, 160; *«Collegio Victor Hugo»,* Tiburcio Caribé da Rocha, na Avenida Pelinca, (1900); *«Collegio* S. *Benedicto»,* de D. Luzia da Conceição Cesar Tinoco, rua Marechal Deodoro, 87; *«Collegio Normal»,* de d. Antonia qe Castro Lopes, (1901); *«Collegio* S. *Salvador»,* de Francisco Nogueira Trindade; *«Collegio Sacra Familia»,* das irmãs Gouvêa*; «Collegio N.* S. *do Rosario»,* de d. Elisa das Neves Cunha e irmã; (1902); *«Collegio Candido Mendes»,* palacete S. Francisco; (1906); *«Atheneu Campista»,* (2.º deste titulo), Carlos Silva; *«Collegio Cassalho»,* de d. Rosa Cassalho; *«Collegio Santa Maria»,* de d. Amelia dos Santos, (rua do Rosario); *«Collegio Diocesano»,* fundado pelo sr. Bispo D. Henrique Mourão,

no palacete Sat. Braga; *«Collegio Teixeira de Mello»,* do prof. José Castro.

OS GRANDES INSTITUTOS ACTUAES – No presente conta a nossa população com magnificos estabelecimentos de ensino primario, secundario e superior, como sejam: – Instituto Commercial, Academia de Commercio, Escola Profissional Feminina, Collegio Nossa Senhora Auxiliadora, Collegio Nossa Senhora do Soccorro, Collegio Bittencourt, (equiparados), dos quaes trataremos desenvolvidamente no final deste livro.

COLLEGIOS DE ESTRANGEIROS – Não raras vezes elementos estrangeiros tém tentado immiscuir-se na instrucção da mocidade brasileira, com fins tendenciosos, tanto mais que são de raças bem differentes da latina. Na imprensa temos já denunciado taes *pedagogos sem credenciaes,* como instrumentos do mais vellado imperialismo yankee.

O primeiro collegio de estrangeiro que se estabeleceu em Campos, foi em 1879: madama Minerva A. Doherty abriu a sua «Escola Americana» na rua do Mafra nº 4, (casa de culto presbyteriano). E era com emphase que a madama annunciava: - «A directora sendo *nascida e educada nos Estados Unidos...* e bem conhecida em Campos, espera o apoio da intelligente população desta cidade»... insinuando duas cousas: a superioridade do seu ensino por *ser nascida e educada nos Estados Unidos...* e a outra insinuação de que só isso é prova de aptidão e conhecimentos pedagogicos como que a sublinhar que os professores nacionaes NÃO TÊM VALOR porque *não nasceram em Richmond... nem se educaram na Callifornia...*

Em 1885 foi a vez das inglezas Emma Lindsey e filhas, que armaram uma armadilha pedagogica na rua do Rosario com o titulo «Collegio ANGLO-Brasileiro». O titulo era bem expressivo: a nacionalidade daquellas que pretendiam *educar* aos brasileiros preponderava para bem patentear que... antes dos interesses dos alumnos nacionaes estavam os occultos interesses das mestras anglo-saxonicas...

Por fim, ahi temos agora um grupo de norte-americanos, remettidos pelos *boards* de Richmond, mui ciosos de ministrarem á mocidade campista *o ultra-pyramidal ensino...* do abnegado Tio-San...

AS INSTITUIÇÕES
(ANTIGAS E ACTUAES)

A SANTA CASA – É o maior instituto da cidade, quiçá do Estado, erguido ha mais de seculo pela piedade catholica dos nossos antepassados, que se aggremiaram para os exercicios da caridade sob a denominação de – «Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens».

Cinco mezes após a creação da cidade, a irmandade pediu ao Governo Provincial a remessa da quantia de... 1:200$000, votada para a continuação das obras do hospital, e no anno de 1836 solicitou tambem á Assembléa Provincial, a extracção de seis loterias para beneficiarem as obras de conclusão do edificio, sendo concedida apenas uma loteria 5 annos depois, pelos esforços do deputado campista Joaquim Francisco Vianna, bem como foi votada a inclusão da verba de 2:400$000 na lei orçamentaria da Provincia para aquellas obras.

Era então capellão, e até o anno de 1860, o padre Hygino Alves Delgado Pimenta.

Em Maio de 1855 foi iniciado o costume de sahir-se esmolando pelas ruas, com uma sacola roxa tendo uma cruz de prata, afim de com aquellas esmolas serem celebradas Missas, semanalmente, nas enfermarias da Santa Casa pelos restabelecimentos dos doentes, (cujos altares ainda hoje existem) e em suffragio dos que alí morriam.

Em 1856 ficaram promptas as obras dos dois pavimentos do hospital, restando apenas alguns remates no frontespicio e que foram effectuados em 1859, conforme a planta feita pelo engenheiro Domingos Monteiro.

Em 1860 os membros da Irmandade: Tinoco, Roião, Jeronymo e Belchior, legaram predios e dinheiro para formarem o patrimonio da Santa Casa. Era então provedor o capitalista José Gomes da Fonseca Parahyba, que considerou "urgente necessidade a remoção do Recolhimento dos Expostos para outro edificio, onde alem de melhores condições hygienicas, encontrassem commodidades mais vastas e appropriadas». Isso porque na mesma Santa Casa conservavam-se as orphãs e expostos, e já havia desde 1859 sido suggerida a lembrança de ser adquirida para abrigo das recolhidas o edificio do Seminario da Lapa.

Antes de prosseguirmos tratemos de dizer algo sobre A «RODA DOS EXPOSTOS». Naquellas epocas passadas preponderou uma depressão moral tão abjecta quão cruel, por envolver na sua pratica a suffocação do sentimento maternal. Os casos de rejeição dos recem-nascidos eram tão frequentes que tornou preciso uma instituição misericordiosa: – «A Roda dos Expostos». Desde 1835 a Camara vinha dando, annualmente ao thesoureiro dos «Expostos da Santa Casa», a quantia de 400$000, para a creação dos engeitados.»

Mães desnaturadas, espiritos sem temor de Deus, não titubeavam em commeter o duplo crime: impureza e deshumanidade; emquanto as féras são ciósas de seus cachorrinhos... megéras-humanas atiravam á «Roda dos Expostos», quando não nas sargêtas das viéllas os fructos do seu despudor e irreligiosidade...

Era então uma moda infamerrima, que, graças a Deus, cahiu de uso, e apenas resta a cicatriz dessa chaga social, ali, bem na Praça S. Salvador: a «Roda» mettida na ultima janella do pavimento terreo da Santa Casa, – quêda, mas frisante, sello que authentica a infamia de uns corações e a misericordia de outros.

Fallamos em recem-nascidos atirados ás sargetas; é bem que citemos factos para não parecer que exageramos. No dia 9 de Agosto de 1865, um menino de 10 annos encontrou junto ao muro do Azylo da Lapa uma creancinha recem-nascida que chorava pelo abandono de quem a atirou lá... e no mesmo dia um policial que fazia sua ronda, deparou com uma menina de cor branca, na calçada da rua Boa Morte,

já sem vida!... As «cargas» eram tão «indesejaveis» que os criminosos não quizeram *ter o trabalho* de dar mais alguns passos até á «Roda»...

Em 1861 foi feita uma subscripção no Municipio para formar o patrimonio do recolhimento, attingindo em pouco tempo a 15:200$000. Havia então sob a égide da Santa Casa 184 expostos e recolhidos.

Uma odysséa da exposta Izabel, verificou-se em 1843: – Maria José de Jesus, ex-enfermeira da Santa Casa, solicitou da administração a menina Izabel, para leval-a comsigo para Minas, onde vendeu a infeliz orphã como... escrava! A administração da Santa Casa, tendo aviso do occorrido, por intermedio do Dr. Antonio José Monteiro de Barros executou uma precatoria para libertar a desgraçada mocinha.

Ainda em 1874 verificavam-se muitos casos de paes criminosos abandonarem suas creancinhas: desde Janeiro a Maio daquelle anno, foram expostos na «Roda dos Expostos» 5 crianças, portanto, uma engeitada em cada mez!

Deixemos esse paragrapho nefando da historia de Campos, e tratemos da grande instituição que hoje soccorre não só a pobreza da cidade e do Municipio, as tambem de todos os municipios vizinhos e até dos Estados de Minas e do Espirito Santo.

De inicio e até por muitos annos, vinha sendo a Santa Casa de Misericordia uma instituição perfeitamente Christã, formada com recursos catholicos, verbas testamentarias de muitos catholicos, para que a Caridade campista frondejasse e abrigasse os desventurados.

O titulo, a organização administrativa, os altares nas enfermarias, o lindo templo de N. Senhora Mãe dos Homens, as tradiccionaes Festas de Visitação de Santa Izabel, a doutrina christã que era ministrada ás orphãs e engeitadas, tudo patenteia que a Santa Casa foi erigida pelo sentimentalismo catholico, e em epoca que não existia ainda em Campos nenhuma outra doutrina que lhe fosse antagonica.

Em 1861 o Provedor Fonseca Parahyba, em seu relatorio indicou a necessidade de serem instituidos *mordomos* para os diversos misteres, assim como a feitura de um Regulamento para enfermeiras e ajudantes que se aproximasse o quanto possivel do admiravel regulamento das

Irmãs de S. Vicente de Paulo. Mais tarde o grande bem-feitor Antonio Fernandes dos Santos e o commendador Guilherme de Miranda muito se bateram para que se atingisse a um tão optimo desederatum.

Só quem não conhece a acção maravilhosa e obscura das *Irmãs de Caridade* nos hospitaes, é que não acquilatará a conveniencia de tão abnegadas creaturas ás cabeceiras dos doentes. O desvelo, a caridade, a paciencia, os perfeitos conhecimentos da pharmacopéa, a diligencia, o ESPIRITO DE SACRIFICIO pelos pobres doentes que não têm a seu lado uma mãe, uma esposa, uma filha, – tudo são ondas de allivio para os enfermos que nas pessoas das Irmãs encontram tantas outras mães que não o abandonam nem durante o dia, nem durante a noite, afim de ministrar os remedios e envolvel-os em mil cuidados, sobretudo o da salvação da alma.

OS CAPELLÃES – De 1860 a 1862 foi capellão o padre Ricardo Mauricio de Oliveira; de 1862 a 1884, padre Antonio Aquino dos Santos Collares; em 1885, padres Manoel Esteves Balanzoela e José Pires Ferreira de Moraes; de 1890 a 1893, padre Horacio Teixeira; 1893 a 1895, padre José Lopes Garcia, que fez graves accusações á administracção daquella epoca, pelo que foi processado, mas não pronunciado; em 1903 padre Ambrosio Mayer, tendo sido o ultimo capellão o padre Emilio des Touches.

AZILO DE N. S. DA LAPA – Conforme dissemos linhas atraz, a Irmandade da Santa Casa desde 1859 alimentava o desejo de collocar as expostas em lugar mais conveniente do que naquelle hospital. Ao encontro dos desejos daquelles excellentes catholicos foi o zelo apostolico do Bispo Conde Capellão-Mór, fazendo no dia 24 de Janeiro de 1861 entrega do edificio do antigo Seminario da Lapa que pertencia á Mitra Diocesana, á Santa Casa de Misericôrdia, bem como as terras contiguas do seu patrimonio, afim de servir de recolhimento das meninas expostas.

O Bispo deu tambem á Santa Casa, na mesma occasião, grande porção de apolices, sendo a entrega feita pelo vigario João Carlos Monteiro. No anno seguinte o provedor da Irmandade, Commendador Parahyba já havia conseguido 17 contos para o recolhimento, e o conego Marianno Leite da Silva Escobar ficou sendo mordomo e director espiritual do Azilo.

A mesa administrativa então eleita era a seguinte:

Prudencio José de Bessa, Julião Ribeiro de Castro, dr. José Ferreira Tinoco, dr. Joaquim Heredia de Sá, Francisco de Mattos Pimenta, Sylvestre José Pereira Guimarães, Rufino Gomes de Oliveira, dr. Thomaz José Coelho de Almeida, dr. Rodolpho da Cunha Collares, dr. Francisco Portella, Antonio Joaquim Rodrigues da Costa, padre João Norberto da Costa Lima e padre João Antunes de Menezes e Silva.

Tendo sido nomeado Juiz dos Feitos do Espirito Santo, em 1863, o sr. Franscisco José de Mattos Pimenta, promoveu a *Folia do Divino* destinando o producto das esmolas para o Azilo da Lapa, o que motivou que Prudencio Bessa, escrivão da Santa Casa, convidasse aos conselheiros e mordomos para tomarem parte na folia, que no mez de Maio sahia diariamente do consistorio da egreja de N. S. Mãe dos Homens.

Aos 23 de Junho de 1864, ás 5 horas da tarde, achando-se reunidos na Santa Casa as Ordens Terceiras, Irmandades, autoridades e o cléro, foi feita a trasladação processional do Santissimo Sacramento, e das Expostas para o Azilo, então inaugurado. O 13° Batalhão acompanhou o prestito. Chegado este á egreja da Lapa (então recentemente reformada) foi entoado solemne "Te-Deum", fazendo uma commovedora pregação o Conego Guaraciaba.

Em 1868 algumas damas da alta sociedade reuniram-se no dia 23 de Junho, no salão da Santa Casa, com o fim de fundarem uma associação de caridade, intitulada «Congregação das Protectoras do Azilo da Lapa», encabeçando o movimento as Baronezas de Muriahé e da Lagôa Dourada, e as senhoras do dr. Gregorio Pereira de Miranda Pinto, do dr. Thomaz José Coelho de Almeida e de Guilherme Calheiros da Graça.

Em 1904, quando já o espirito acatholico havia penetrado na direcção da Santa Casa, foi elaborado por Mucio da Paixão um – projecto de estatutos – com o fim de reformar a organização da Santa Casa, que até no titulo sofreria innovação, para que ficasse intitulada – CASA DE CARIDADE. Era a secularisação de um instituto que foi erguido pelo verdadeiro espirito de solidariedade humana e perfeita virtude de misericordia; era a profanação dos Santos intuitos dos nossos piedosos avós, que ergueram aquelle attestado de amor a Deus e observancia do mais bello preceito da Egreja. Só não levaram a termo a mudança porque um illustre causidico, o dr. Azevedo

Cruz, apontára aos promotores da innovação, o ponto de vista juridico de todas as doações, que foram feitas – *á Santa Casa de Misericordia* e não á «Casa de Caridade de Campos», e que graves complicações adviriam fatalmente.

Vindo naquelle mesmo anno a Campos o Bispo D. João Francisco Braga, e indo visitar aquelle sagrado Santuario da Dôr, deixou no Livro dos visitantes estas linhas de ouro:

«Em nossa visita Pastoral a esta bella terra Campista não teriamos podido deixar de visitar tambem um dos eloquentes padrões de sua caridade catholica, esta Santa Casa de Misericordia. Levamos dessa nossa visita a mais grata impressão e pedimos a Nossa Senhora Mãe dos Homens se digne de alcançar de Deus muitas e muitas bênçãos para que esta catholica instituição corresponda sempre, sempre melhor a seus BENEMERITOS DESTINOS – Campos, (em Visita Pastoral) 4 de Agosto de 1904. D. João Bispo da Diocese do Rio de janeiro.»

Em 1905 o Governo Estadoal concedeu á Santa Casa o privilegio de todo o serviço funerario na zona urbana, o que já havia sido pleiteado infructiferamente em 1856 ao Governo Imperial, confome informação favoravel que a Camara de Campos formulou e approvou na sua sessão de 8 de julho daquelle anno.

O grande instituto que tanto honra a Terra Campista tem actualmente como seu provedor o sr. Manoel Augusto Monteiro, thesoureiro o major Gastão da Costa Pimenta, e escrivão o sr. João Cruz, mui devotados á prosperidade do instituto.

A CADEIA – Quando o decreto da nossa cidadania nos veio em 1835, encontrou o presidio local erguido bem no seio da Praça Principal, sendo ali edificado havia já 52 annos, por Innocencio Mina e Braz Machado nos annos 1783-1784.

Em sessão da Camara, de 31 de Agosto de 1835 discutiram o projecto de construcção da nova Cadeia, cuja planta continha as accommodações tambem para a Camara e Sala do Jury, e se julgou mais util scientificar ao Vice-Presidente da Provincia para que fosse feita «a demolição da actual Cadeia visto que muito convem *desafrontar* a principal Praça por ter em frente della tal edificio construido sem regra.»

Então o Governo Provincial expediu ordem á Collectoria de Campos para entregar á Camara 200$000 mensalmente, a começar de Julho de 1835, para a cadeia que se ia fazer.

O pavimento superior da Cadeia Velha era occupado pelas audiencias dos Juizes e sessão da Camara, bem como pelo archivo desta.

O Vice-Presidente da Provincia não concordou com a planta que lhe apresentaram fazendo as seguintes ponderações.

«Primeiramente por que afiançando a industria, a riqueza desse Municipio progressivo desenvolvimento e augmento de sua população, necessariamente tem de crescer proporcionalmente o numero de presos. Em segundo logar porque convem fazer-se no edificio huma enfermaria, algumas prisões solitarias, e outras que tambem proporções e commodidades sufficientes para o trabalho a que os Réus tem de ser applicados pelas sentenças (art: 46 do C. Pen.) Em terceiro logar porque fazendo a Camara as suas sesssões e tendo o seu archivo na parte superior do edifício que occupa actualmente a Cadeia, acabada a nova pode reparar aquelle outro edificio e aplical-o para as suas sessões e para as dos jurados.»

Constatamos por um officio de 20 de Maio de 1836 dirigido ao Governo, que a Camara pretendeu edificar a nova cadeia «na parte alta da rua da Constituição, nos terrenos de Luiz de Mattos Pimenta.»

Então a Camara promoveu urna subscripção para tal fim, estando as obras orçadas em 49:048$000. Bernardino José Lisbôa era o carcereiro.

Em 1850, no domingo 28 de Abril pelas 3 1/2 horas da madrugada, fugiram os presos: Nicolau, (sentenciado á pena capital escravo que havia matado Pedro Delmas,) José Pereira Azevedo Terra, (condemnado a 12 annos por ter assassinado seu cunhado); João, escravo de D. Mana Rita de Jesus e Luiz escravo dos herdeiros de José Narciso da Rosa, – fugas que fizeram saltando do pavimento superior, pela frente do edificio e por cima... da sentinella!

Foram capturados, excepto José Pereira Terra. O carcereiro Bernardino José Lisbôa foi preso, sendo substituido no cargo por José Antonio Pereira Guimarães.

Apezar das demarches para a construcção de nova cadeia, o velho pardieiro da Praça lá permanecia em 1865, cada vez mais arruinado e nauseabundo, porisso Thomaz Coelho e o Dr. Trancoso, na Camara, incitavam esta para que obtivesse providencias do Governo da Provincia, e depois, em 1868 como deputado provincial o dito Thomaz Coelho apresenta um projecto votando 50 contos para a construcção de nova cadeia em Campos.

Em 1869, por parecer do engenheiro do districto foram indicados os terrenos adjacentes e pertencentes ao Azylo da Lapa para a construcção da cadeia, mais a commissão da Camara foi contraria áquella escolha de local porque – «alem da circumstancia de *afastamento do centro povoado,* repugna que se ponham em contacto immediato dois estabelecimentos de ordem tão dlfferentes» (acta de 15 de Janeiro) e concluira advertindo seria mais conveniente que a Cadeia ficasse o mais perto possivel da casa da Camara e tribunal do jury, indicando como local mais apropriado – «por detraz da nova casa da Camara, que por delibera- deve ser construida na Praça Municipal, fazendo frente ao templo de S. Benedicto, e na face opposta da dita praça deve passar o prolongamento da rua da Imperatriz, já projectado, e justamente nos fundos do novo edifício se encontra a grande chacara dos herdeiros do Barão de S. João da Barra a qual chega até á rua da Imperatriz».

No anno seguinte, (1870) foi escolhido outro local, na Beira Rio, abaixo da egreja da Lapa, em terrenos dos herdeiros de Manoel Domingues Carneiro, porem logo após resolveram em contrario, escolhendo a rua Gil de Góes, nos fundos do cemiterio do Quimbira cujos terrenos seriam cedidos pela Santa Casa.

Sómente em 1873 foi que os camaristas Dr. Barão de Miranda e Dr. Miracema por incumbencia da Camara escolheram o local para aquelle presidio, nos terrenos de Emerencia de tal, na «Corôa», proximo á chacara do Baglione. Não obstante isso, ainda permaneceu por muito tempo a Cadeia Velha na Praça, com seu sinozinho no sotão, suas immundas enxovias guardadas pelo carcereiro Manoel Pinto Rangel que, em 1875 foi substituido por Antonio Pereira dos Anjos Barreto e em 1883 tomou conta das chaves Manoel Joaquim da Silva, por fim o

Maximiano Joaquim Duarte que tambem era official de Justiça, porisso que deixou o cargo para Alcebiades Lucas Moreira.

Por fim o barão de Itaóca em 1887 ajustou com d. Carolina Cardoso a compra dos terrenos onde está actualmente aquelle presidio, por 5:000$000. Assim, já haviam decorridos 50 annos que se procurava remover da Praça aquelle ridiculo sobradão e se escogitava de um local ad-quado para o xadrez. Já em 1881 o nosso poeta Teixeira de Mello dizia que «a Cadeia de Campos era o attestado da incuria e deshumanidade,» e a imprensa local obtemperava assim: – «Essa masmorra horrenda foi a vergonha dos nossos antepassados, tem sido a nossa e ha de ser conservado para opprobrio das gerações futuras.»

Felizmente o prognostico falhou... pois o sujo presidio fôra empurrado para as bandas da «Corôa» em 1889, como linhas abaixo annotaremos.

Aos 26 de Outubro de 1887, ás 10 horas da manhã, foi collocada a primeira pedra do edificio da nova cadeia cuja construcção ficou a cargo do contractante Joaquim Domingues de Souza e Silva, estando presente o engenheiro da Provincia, Dr. Marianno de Vasconcellos. A pedra foi benzida pelo Vigario da Vara, conego Antonio Pereira Nunes, sendo lançada no solo pelas mãos do presidente da Camara, o Barão de Itaóca.

A construcção foi contractada por 86:500$000 e a Camara publicou, em 1888, um edital, annunciando a venda dos terrenos da rua S. Bento esquina da rua Benta Pereira, que tinham sido adquiridos para nelles se fazer a Cadeia.

Em 14 de Julho de 1888 foi collocada a cumieira do edifício e o empreiteiro offereceu um copo, d'agua ao dr. Carlos Bastos, Juiz de Direito, Barão de Itaóca, dr. Marianno Vasconcellos, Thomaz Lapa, Ezequiel Pinto Sampaio, Manoel Almirante Porto, (secretario da Camara), Alfredo Carneiro de Fontoura, João Pereira de Castro e José Lopes Rangel,

A 16 de Abril de 1889 foi feita a inauguração, tendo vindo a Campos para assistil-a o dr. Salvador Antonio Muniz Barreto de Aragão, chefe de policia. Ás 4 horas da tarde foi feito o benzimento do predio pelo vigario Conego Luiz Ferreira Nobre Pelinca.

Os presos foram removidos da Cadeia Velha para a Nova, á tarde, sendo transportados 33 homens e l mulher em vagões fechados da Companhia Ferro-Carril. 18 daquelles detentos estavam cumprindo sentença e 14 esperavam julgamento.

A Cadeia Velha começou a ser arrazada a 20 de Maio de 1889, sendo arrematante do serviço o mestre d'obra Augusto José Ribeiro, terminando a demolição nos primeiros dias de Agosto.

A Camara reservou no contracto de arrematação o sino e a pedra.

FUGAS DE DETENTOS – A primeira evasão de presos da nova Cadeia verificou-se na noite de 9 de Março de 1899, tendo escapado pelos ventiladores do porão os presos Molina e Romero, e em Junho de 1900 tambem fugiram os presos: Luiz Carlos da Silva (vulgo *João Russo)* Francisco Pessanha de Azevedo, (vulgo *Gavião)*, ambos detidos por roubos e Antonio Nunes, condemnado a 10 annos por homicidio.

Em 1 de Fevereiro de 1902 occorreram as fugas dos presioneiros: Antonio Barateiro, (arabe), Cyrillo José Leandro, Januario de tal, (todos condemnados) e José Marial Rial, argentino, processado, tendo os fugitivos se utilisado de uma chave falsa com que abriram a porta da prisão, subindo ao telhado por meio de um encanamento de esgoto e com Iençóes emmendados desceram para o sólo para galgarem depois o muro da rua.

Ultimamente e ainda no mez de Novembro do anno findo se verificaram evasões de presioneiros.

OS CEMITERIOS – Em 1835 e até 1855 os enterramentos eram feitos nos templos catholicos, si os finados eram membros das irmandades, ou no cemiterio do Quimbira, si eram indigentes ou escravos. Uma lei datada de 14 de Abril de 1835 aprovara o terreno escolhido para se construir um *Cemiterio Geral*. No anno seguinte a Camara Municipal apresentou á Assembléa Provincial uma suggestão apontando «a necessidade de remover para fóra da Povoação os Cemiterios, fócos de enfermidades, que um mal entendido respeito aos despojos mortaes fez estabelecer nos templos, e que uma perniciosa e indecente prática tem conservado a despeito das luzes do seculo». Nada foi conseguido a respeito, e os enterramentos continuaram a ser feitos dentro das egrejas.

Quando da reforma da Constituição, a Camara de Campos tratou de agir no sentido de destruir o inconvenientissimo costume «de tornar a Casa de Deus azilo de mortos, fócos de putrefações e de peste», pelo que repetiu a sua suggestão aos representantes da Provincia. (Officio de 3 de Dezembro 1836).

Em 1850 se cuidou de construir um Cemiterio, tendo se cogitado de estabecel-o na chacara do Padre Magalhães, porem a Commissão especial nomeada pela Camara para escolher o local ponderou que estando a chacara do Padre dentro do quadro demarcado na planta da cidade, não convinha porque «taes estabelecimentos devem ficar semgre *extra*«*murus*». Então a Commissão «achou mais adaptavel a chacara de D. Luiza Martins, adiante do Fundão, na estrada que vae para S. Fidelis, porque ao lado esquerdo da estrada seguindo para cima ha uma porção de terreno alto e espaçoso que offerece todas as condições convenientes, accrescendo mais que os corpos pódem para ali serem conduzidos, ou por terra, ou pelo Rio.»

E a commissão pediu á Camara breve resolução afim de que «quanto antes se trate de remover o enterramento dos corpos nas Igrejas.»

Por um singular acaso ou designios da Providencia Divina succedeu que a escolha do local para o Cemiterio recahiu no mesmo logar que nas éras remotas, quando Campos era o territorio dos indios goytacazes, ali mesmo estabeleceram aquelles indigenas o seu cemiterio. Constatou-se a coincidencia quando, ao se fazer uma sepultura em 1875 para o sepultamento de um corpo no Cemiterio conhecido pelo nome «*dos protestantes*,» se deparou com uma *igaçaba* com ossos de indigenas, assim tambem quando se abriram cóvas para os enterramentos da victimas do cholera-morbus, em 1855.

Em 1854 o Vigario João Carlos Monteiro entregou a Camara o resultado de uma subscripção que promovera para o Cemiteriao, e em Maio de 1855 entabolaram negociações entre a Camara, e os proprietarios João Pinto Martins e Justiniano Pinto Martins, para a acquisição daquelles seus terrenos, por 12 contos, em pagamentos de 4 contos á vista e semestralmente mais 4 contos. (Acta de 9 Julho).

Em 18 de Outubro de 1855 o engenheiro apresentou a planta e

orçamento do Cemiterio, tendo a Camara mandado fazer as obras com prestesa para que o Cemiterio começasse a funccionar.

Na sessão de 10 de Outubro, á vista da perspectiva do cholera-morbus, o vereador Conego Brito disse que «attendendo á gravidade do momento e a demora que tem de forçosamente dar-se com a obra do novo cemiterio, propunha que se ordenasse ao Engenheiro fazer com urgencia no cemiterio um cerco provisorio com estacas e grades de ripas, de modo que não embargasse o cerco de tijolos a construir-se devidamente, afim de poder o Cemiterio ser logo benzido e entrar em funcionamento. Isto foi logo approvado e additou-se que: – «A Camara officiasse ao Vigario da Vara para logo que se effectuasse a tapagem do Cemiterio, procedesse ao seu benzimento; officiasse á Santa Casa de Misericordia para ali fazerem os enterramentos assim tambem aos administradores das Ordens, Irmandades, devendo estas, de accordo com o engenheiro, demarcarem os terrenos precisos para seus cemiterios, a serem posteriormente pagos á Camara. (acta de 10 Out).

Em 25 de Outubro o conego Antonio Pereira Nunes procedeu ao benzimento do Cemiterio e os enterramentos começaram a ser feitos no dia 26 de Outubro. O primeiro Administrador foi João Baptista da Rocha Pessanha. Em Dezembro a Irmandade de N. S. do Terço solicitou a demarcação do seu cemiterio; em Fevereiro de 1856 começou a ser feito o da Ordem de S. Francisco, e o da Irmandade de N. S. do Rosario e Ordem da Boa Morte em Outubro do mesmo anno. Em 24 de Maio 1857 foi benzida a capella do Cemiterio do Carmo e a 29 de Novembro o cemiterio de S. Benedicto.

Em 1858 achando-se apodrecidas as tapagens de taboas do cemiterio, o engenheiro alvitrou que a Camara mandasse fazer o muro de tijolos. Actualmente ainda se vê no portão da entrada do Cemiterio a data – 30 de Março de 1858 – e no outro lado – 30 de Julho de 1910, data da grande reforma que foi feita pelo prefeito Dr. Luiz Sobral, contractada com Tatto & Vasquez, por 46:000$000

Em 1859 a Baronesa de Muriahé requereu da Camara a perpetuação de um terreno de 50 X 50 palmos no Cemiterio Publico, no mez de Julho.

Tambem o Barão de Carapebús requereu á Camara a acquisição de jasigo em que foi sepultado a Baronesa de Carapebús, no cemiterio Publico, em Maio de 1870.

Em 1885 foram demarcados os cemiterios das Irmandades de S. Miguel e Almas e de Santa Iphigenia, no mez de Abril e benzidos em Novembro de 1888, e em Abril de 1886 foi adquirido por compra o Cemiterio da Sociedade Portugueza.

Actualmente o Cemiterio Publico urbano apresenta bem cuidado aspecto, sendo o Administrador, Sr. Newton Morrisson de Oliveira. Mais adiante apresentamos a relação das sepulturas perpetuadas.

CEMITERIO ACATHOLICO – João Ludolfo Anderson e outros inglezes residentes aqui requereram á Camara em 1861 no mez de Outubro um terreno para cemiterio onde se fizessem os enterramentos das pessôas que professavam o Protestantismo. A Camara em sessão de 10 de Abril de 1862 approvou o parecer nº 41 que concedia o terreno junto á entrada do Cemiterio Publico (lado direito) aos estrangeiros protestantes, para que fizessem o seu cemiterio. Esse cemiterio desappareceu ao serem seus terrenos, em 1925 abertos e aggregados novamente ao Cemiterio Publico.

CEMITERIO DO QUIMBIRAE – sse cemiterio foi fechado em 1855 por ter sido construido o Cemiterio na zona da «Corôa.» Pertencia á Santa Casa de Misericordia e era situado onde hoje é a Policlinica e a Maternidade.

Anteriormente, até 1812 a Irmandade da Santa Casa tinha o seu Cemiterio nos fundos da Egreja N. S. Mãe dos Homens (onde hoje é o grande portão para rua Dr. Alberto Torres) mas como era muito acanhado o local resolveu fazer o cemiterio no Quimbira, comprando o terreno em 5 de Abril, o qual tinha 390 X 280 palmos, na *estrada* que seguia para egreja do Sacco.

Era tambem conhecido por «Cemiterio da Santa Casa e em 1840 a Camara ordenou ao seu procurador para realizar a escriptura de «arrendamento de 40 palmos de terrenos na frente da rua da Jaca e 150 palmos de fundos no cemiterio, para os enterramentos que faziam no cemiterio, da Matriz, pelo tempo de 4 annos, e pela annual quantia

de... 150$000 como assim se acha contractado, com a condição da Santa Casa mandar fazer um portão na frente do dito terreno e divisão no interior.» (Off. 1.º Set.º). Esse cemiterio da Camara inserido no Quimbira começou a funccionar em 1.° de Fevereiro de 1841.

Segundo a opinião de varios habitantes, os enterramentos dos cholericos feitos nesse cemiterio, pareceu ter sido causa da reapparição do mal em Abril de 1866, pelo que a Camara tomou severas providencias. Achando-se depois sem funcção durante mais de 30 annos, foi alugado em 1888 a um particular que o transformou em... criadouro de porcos...

Em 1904 o prefeito Dr. Manoel Rodrigues Peixoto determinou que fosse o local provisoriamente approveitado para viveiro de plantas para a arborização das ruas. Por esse tempo cogitaram da construcção de um outro cemiterio, no 2.º districto da cidade, na zona do «Becco» ou Turf-Club.

SEPULTURAS PERPETUAS – Alem do crescido numero de sepulturas perpetuas existentes nos nove cemiterios das irmandades, ordens terceiras e Sociedade Portuguesa, estão perpetuadas no Cemiterio Publico as seguintes sepulturas, (guardada a ordem alphabetica):

Albertina Maria da Conceição, Alberto Carvalho Vianna, Alberto Carvalho Guimarães, Aleixo Anomal, Alvaro fº. de Alvaro Carvalho, Alzira Gomes Araujo, Alzulina, filha de João Baptista da Silva, Amalia Mendes, Amaro Pinheiro Barbosa, Amelia Cardoso Cavalcanti, André Francisco da Cruz, André Pourroy, Angela Grossa, Anna Alves Teixeira, Anna Candida Monção, Anna Ruiz Soares, Annita Maria Siqueira, Anselmo Caldeira Louvain, Antonia Lopes da Costa, Antonia Moreira Dias, Antonia Pereira de Freitas, Antonio Freitas Filho, Antonio Moura, Antonio Pereira Mendes de Oliveira, Astrogilda Salles, Avila Pinheiro Paes, Anna Monteiro Duarte, Antonia Vieira, Antonia de Castro Pache de Faria, Arthur Barreto Paiva, Adaisa Cretton de Oliveira, Alcy Sarlo Beiriz, Anthero Fernandes Cassalho de Oliveira, André Francisco da Cruz, Antonio Esberard, Benedicto Pinheiro Amaral, Barão de Guarulhos, Bernardo Nunes Pereira, Carlota de Castro Delbons, Carolina Fausta Pimenta, Carmina Ribeiro de Vasconcellos, Delfina de Castro Faria, Daud José Acruche, Dr. Eduardo Manoel Francisco da Silva, Familia Alfredo Luna, Familia Nilo Pereira da

Silva, Familía Pache de Faria, Femando Guerra, Franklin Pessanha Paes, Dr. Francisco Victorino Baptista, Fortunata de Freitas, Gertrudes da Costa Santos Lima, Joaquina de Sá Freire, Jorge Andrade Silva, João Francisco Guinancio, João Stevanovich, Jacob Laterça, Joaquim Caetano de Souza, José Francisco Netto, Maria da Exaltação Souza Landim, Maria da Penha, filha de Isaura G. Rocha, Margarida A. Chatel, Mathias José Freitas Arantes-Maria José Soares, Manoel Amancio Luiz, María Isabel Gomes, ManoeI Brum, Miguel Francisco da Silva, Ovidio Ferreira de Almeida, Olympia G. Pinheiro, Sebastião Amaro, Zehira, filha de João Riscado.

CASA DA CAMARA – Como já dissemos, o Paço Municipal, em 1835, era no pavimento superior da Cadeia, não obstante a Camara possuir na mesma Praça Principal um sobrado (arruinado), onde funcionara anteriormente a Aposentadoria, o qual estava então alugado por 150$000 annuaes.

Em 1836 a Camara officiou ao Governo expondo que a casa da Aposentadoria, de sua propriedade, se achava muito estragada; o terreno não era extenso pelo que não se prestava para um edificio publico, porisso alvitrava a sua venda, para com o producto comprar terreno mais amplo para a edificação do Paço Municipal. Nesse anno a Camara passou a funccionar num predio que alugara. Projectaram fazer o predio da Camara no Rocio, tendo o engenheiro apresentado planta.

Em 1837 a Camara officiou ao Procurador ordenando «procurasse uma casa para suas sessões, mesmo que fosse terrea», e em Agosto de 1839 foi arrendado o predio da rua Direita, de José Martins Pinheiro, (hoje «Café Hygh-Life») para as sessõas da Camara, sessões do Jury e juntas de Paz, pelo preço de 763$000 annuaes, pagos mensalmente com 61$750....

Entre estas annotações que tomamos do livro das Actas e as que reparamos no livro «Subsidios» de Julio Feydit, que diz ter sido feita a mudança da Camara para o predio nº 77 da rua Direita em 2 *de Junho de 1848*, portanto nove annos depois do arrendamento, – ficamos deveras intrigados.

Em 1855, antes de irromper o terrivel Cholera-morbus a Camara pretendeu comprar terrenos da Ordem de S. Francisco, na Praça do

Imperador, para nelles construir o seu Paço. O engenheiro opinou que fossem adquiridos os terrenos da esquina da Travessa do Cabral, mais o vereador Dr. João Martins Leão advertiu que «os edificios de vastas dimensões e com architectura mais realçam no meio das praças, pelo que se divia preferir o centro da Praça do Imperador» (Acta de 1º de Maio 1855), e na sessão de 15 de Maio o engenheiro communicou que já tinha demarcado o terreno para o edificio, no meio da praça.

Essa medida de se procurar fazer na praça que hoje chamamos «da Republica» a casa da Camara, nasceu da circumstancia de não ter sido possivel adquirir, como aspiravam os camaristas, o «predio nobre» da Praça Principal, propriedade de Joaquim Vicente dos Reys Barroso, que exigiu pela venda 24 contos, e que com as obras de adaptação attingiria á importancia de 30 contos.

Não havia sido entretanto até 1857 construido o Paço, achando-se depositado na «Caixa Economica» para tal fim, a quantia de 13:742$400, e 12 annos já se haviam escoado nessas demarches do projectado edificio quando, em 1867 confiam ao engenheiro Leandro Lore a feitura da planta, mas... decorre o anno de 1867 e mais os de 1868 e 69 quando surge a ideia de se construir o paço na Praça de S. Benedicto. Só em 1870, na sessão de 28 de Abril, o vereador Dr. Thomaz Coelho deu uma direcção firme á questão, tratando da acquisição do predio da Praça S. Salvador, de propriedade da Viscondessa de Araruama, pela quantia de 50 contos, sendo o pagamento feito em prestações: a 1ª de 30 contos no acto da assignatura da escriptura, e os 20 contos restantes em duas prestações iguaes nos prasos de 12 e 24 mezes. O parecer foi approvado na sessão de 29 de Abril. As obras de adapção do edificio foram dirigidas pelos engenheiros dr. Camillo Maria de Menezes e Antonio Rodrigues Costa.

O MATADOURO – Nos tempos passados não se chamava Matadouro ao lugar onde eram abatidas as rezes para o consumo publico, mas sim, denominava-se-Ihe. «Casa do Açougue» ou então «Curral do Açougue». Já havia sido, pelos tempos coloniaes, na rua do Conselho esquina da rua da Quitanda!... porisso que se chamava a esta ultíma, «Rua do Açougue». Quando ganhamos fóros de cidade, o

curral do açougue era na «Rua Direita de S. Francisco», ladeadas pelas estradinhas das Cóvas d'Areia (hoje rua Jose do Patrocinio) e do Curral (actual rua Conselheiro Octaviano).

Em 1838 se cogitava da sua mudança para a estrada da Beira Rio onde era a «Chacara de Jerusalem», dos Frades da Terra Santa, (esquina da estrada do Rumo), porisso que em officio de 2 de Junho dirigido ao Governo Provincial, a Camara expunha que «queria mudar o Curral, a casa da matança de gado para a Beira Rio Parahyba, logar mais opportuno para conservar-se o asseio, o que não permitte o local onde actualmente se acha, pelo que roga ao Governo mandar levantar a planta e orçamento, conforme a lei».

As obras publicas... têm sempre o andar da preguiça, e porisso, ainda em 1855 se matutava sobre o assumpto da mudança do matadouro, apezar de já haver decorrido dezessete annos... No anno 1856 foi feita a demarcação e as bemfeitorias da Chacara de Jerusalem são avaliadas em 100$000; Frei Angelo, um dos frades de Jerusalem diz que seus religiosos não tinham meios para a despeza com a abertura das vallas e plantações de bardos nas projectadas divisões dos terrenos; o Commissario da Terra Santa mandou que o Syndico da Irmandade declarasse á Camara que se oppunha á concessão dos terrenos, mas a Camara resolveu levar avante a desappropriação Judicialmente.

Emquanto duravam essas querellas, o Curral do Açougue permanecia na rua Direita... onde, por vezes a imprensa reclamava acerca das inconveniencias que o gado fazia não só na rua como até, certa vez, uma vacca bravia entrou pelo corredor de uma das casas da rua Direita, indo até á sala de jantar, onde derrubou mesa, quebrou louças e moveis, e fazendo dos seus chifres pincéis *«pintou o sete»,* prespegando grande susto e prejuizo aos moradores.

Em 1857 o engenheiro opina para ser desprezada a idéa de se construir o matadouro na Chacara dos frades de Jerusalem, mas a Camara obstina e toma posse, a 8 de Maio de 1858 da alludida propriedade; o Syndico de Jerusalem protestou por uma publicação incerta no «Monitor», considerando o facto como violencia, e a imprensa impugna tal mudança

para aquella chacara. Então José Feydit Filho offerece á Camara um terreno de sua propriedade para a construcção do matadouro, mas não foi acceito. Em 1859 a boiada ainda commetteu estrepolias na rua Direita: uma menina ficou muito maltratada por uma rez, dentro de uma casa!

Dez annos mais tarde... na sessão de 19 de Março de 1869 Thomaz Coelho estando ha presidencia da Camara, disse: – «Desde 1854 projecta a Camara a construcção de um edificio para matadouro publico, removendo-o assim do immundo pardieiro existente na rua Direita. Em Janeiro de 1855 o Presidente da Provincia, sob requerimento da Camara, desappropriou parte do terreno sito á rua Beira Rio, pertencente aos Religiosos de Jerusalem, para nelle estabelecer-se o curral e matadouro publico. Tem o terreno desappropriado 100 braças de testada e 200 de fundos, e está situado no canto da actual rua do Riachuelo. Em 1861 requereu e foi lhe dada effectivamente a posse judicial do terreno. Não póde determinar os motivos porque a Camara inhibiu de realizar o projectado melhoramento, e ella ordenou ao seu engenheiro para não só indicar um local, como orçar e organizar o plano».

O engenheiro indicou então o terreno de João José Pereira Bastos, com 30 braças de frente e 60 de fundos, na Beira Rio, sendo sido feita a compra por 3:000$000. Em Janeiro de 1870 foi publicado o edital para a construcção do matadouro, orçado em 25:673$702.

Em 1872 o emprezario Joaquim Gomes Barroso fez entrega da construcção á Camara, no dia 21 de Fevereiro, tendo o edificio 92 palmos de fundos e 75 de frente.

O matadouro começou a funccionar a 1.º de Abril de 1872.

Em Outubro do dito anno o vereador Dr. Miranda Pinto propoz a construcção de uma residencia para o Administrador, junto ao matadouro. Em 1889 o terreno do antigo Curral do Açougue, na rua Direita, foi vendido em leilão, no mez de Julho tendo sido arrematado por Augusto José Ribeiro pela quantia de 1:305$000, onde elle construiu a magnifica vivenda que lá está collocada dentro do bello parque.

MATADOURO MODELO. – O Dr. Luiz Sobral, quando Prefeito em 1916, fez construir pelo contractante Prudent Noël por

139:300$000 o Matadouro Modelo com todos os requisitos da hygiene e technica modernas. Então abatiam-se diariamente, mais ou menos 20 rezes, 15 a 20 suinos, afora carneiros e caprinos.

É actual Administrador o activo funccionario sr. Sebastião Leitão. A matança continua a ser diariamente de 20 rezes, mais ou menos e outros tantos suinos.

O MERCADO. – No começo da cidade havia dois logares para mercadejar: – as Bancas do Pescado e a Quitanda. Já demos noticia minunciosa das «bancas», porisso vamos agora tratar da popularissima *«Quitanda Velha»*. O largo que hoje denominamos «Praça Prudente de Moraes», onde agora o Dinah Silva tem o seu «Livro Novo», Prazeres & C. o seu antigo «Au Louvre» e o Wagner a «Casa Fonseca», denominava-se «Praça das Verduras», em 1850 a Camara determinou que lá e mais no «Largo do Capim» fossem os logares especiaes «para se venderem quaesquer quitandas quer de verduras, quer de outro qualquer genero ou objecto» (acta de 15 Abr. 1850).

Em 1857 a Camara approvou uma indicação do fiscal, que escolhera o local para a venda do peixe no porto da Escada e suas immediações.

A lei provincial nº 782 de 21 de Setembro de 1885 autorisou a Camara a contractar com um empresario ou companhia o usufruto por 40 annos para uma Praça de Mercado Publico. Em Fevereiro de 1858 appareceu um proponente, o coronel Lazaro José Gonçalves Junior, (o mesmo que construiu a praça da Harmonia no Rio). O local escolhido foi o quarteirão formado pelas ruas: Quitanda, Rosario, Beira-Rio e Becco do Constantino. Não vingou o projecto.

Em 1869, na sessão de 2 de Agosto, o Conselheiro Thomaz Coelho, propoz a construcção de uma praça de mercado nos terrenos existentes á margem do Canal, entre as ruas Formosa e prolongamento da do Conselho.

Em 1875 o Dr. Francisco Rodrigues Penalva tratou na sessão de 3 de Fevereiro, do parecer acerca da construcção de 2 Praças de Mercado, uma na praça entre o Canal e rua Barão do Amazonas, e outra na Praça das Verduras, tendo ambas cobertura e gradís.

Em 1879 a Camara concedeu previlegio a uma empreza para explorar uma praça de Mercado, afim de extinguir-se a Quitanda Velha, feira ao ar livre e sem hygiene, no centro commercial. Escolheram então o Rocio para tal construcção. Essa praça do Mercado foi inaugurada a 7 de Fevereiro de 1880 ás 4 horas da tarde, com a presença dos camaristas. Eram os empresarios: Dr. Antonio José de Mattos Lima, Manoel José Alves Torres e Francisco das Chagas Silva Junior.

Os quitandeiros, pelo costume arraigado, não queriam abandonar a Quitanda Velha, pelo que os empresarios pediram providencias á Camara, porem esta se conservou em attitude dúbia, o que provocou uma questão judiciaria levantada pelos emprezarios, que durou 15 annos!...

Em 1883 passaram a fazer parte da Empreza da Praça do Mercado: Antonio José Ferreira Martins, Bernardino Alves Coelho Bastos, Antonio José de Mattos Judice, Domingos José de Castro, Francisco Ferreira Saturnino Braga, Manoel Pereira Borges, Francisco José de Mattos Lima, José Custodio Osorio, Anacleto Gomes Barreto, Constantino de Almeida Freitas, José Pinto de Souza Vasconcellos, Antonio Pinto do Carmo, Christiano Justo Antonio.

Em 1889 a Camara transferiu o mercado do peixe da rua D. Pedro II para a Praça Azeredo Coutinho (acta de 8 Junho).

Na sessão de 13 de Novembro de 1890 foi dado parecer para um entendimento com a Empreza da Praça do Mercado para liquidação do litigio por falta de cumprimento do 2.º contracto, ficando resolvido que as partes fizessem cessar a questão e a Camara indemnizasse a Empreza pelos prejuizos soffridos, cellebrando-se novo contracto por 16 annos, recebendo a Empreza a praça construida no Rocio, nas condições propostas pela directoria.

Eram então os emprezarios: Bernardido Alves Coelho Bastos, Domingos José de Castro, Francisco Martins Guimarães, Henrique Luiz Guitton, José Peixoto de Siqueira, José Pinto de Souza Vasconcellos, Manoel Pereira Borges e Pedro Ramalho.

Em Abril de 1901 o Dr. Pereira Nunes, presidente da Camara, com a sua sagacidade administrativa solucionou de todo a velha pendencia

que, de protellação em protellação por parte da Municipalidade que fôra condemnada pelo poder judiciario, havia já attingido pecuniariamente a grandes proporções. A empreza convocou uma assembléa dos accionistas, em 28 de Abril, na casa de Pedro Ramalho, para acceitação da proposta da Camara e para liquidação da empreza.

Assim, a Camara adquiriu a Praça do Mercado, no Rocio, fazendo a sua reabertura no domingo, 30 de Junho, depois do benzimento feito pelo vigario Conego Francisco da Cruz Paula.

MERCADO COBERTO. – Tornando-se acanhada a Praça do Mercado do Rocio, pelo augmento da população, em 1917 o prefeito Dr. Luiz Sobral, querendo dotar a cidade com um Mercado condigno, contractou com Prudent NoeI a construcção do confortavel proprio municipal que se ergue agora na Praça Azeredo Coutinho, o qual foi inaugurado em Março de 1920.

O actual administrador é o sr. Clevelland Cardoso.

BIBLIOTHECA MUNICIPAL. – Foi creada pela lei provincial n.º 1650, de 20 de Dezembro de 1871 e os Drs. Thomaz Coelho e Francisco Portella trataram da sua fundação em Fevereiro de 1872.

Em 1889 o commendador João Gonçalves Pereira, testamenteiro do Conego Antonio Pereira Nunes fez entrega á Camara de 555 volumes de diversas obras, legadas por aquelle sacerdote, para creação de uma bibliotheca, e no anno de 1903, por iniciativa do operoso Dr. Benedicto G. Pereira Nunes, então presidente da Camara, foi adaptado pelo engenheiro-architecto Miguel Clement o predio destinado á estação de bombeiros, na Praça S. Salvador, junto ao edificio da Camara para ser nelle installada a Biblioteca, cuja inauguração se verificou em 21 de Abril daquelle anno.

O CORREIO. – Desde 1798 começou Campos a ter correio, feito por meio de estafetas que faziam suas expedições cavalgando animarias. Em 1835 as expedições postaes eram feitas por terra e por mar, sendo essas conduzidas pelos vapores, e muito retardavam as transmissões das noticias, o que bem se constata num facto que vamos narrar:

Na sessão da Camara em 3 de Março de 1845 um vereador disse que – tendo chegado *pela Barca de vapor* a faustosissima noticia de haver a Imperatriz

dado á luz ao Principe Herdeiro da corôa, propunha se publicasse um edital convidando os habitantes da cidade para illuminarem suas casas nas tres noites, por demonstração de regosijo daquelle facto ha dias succedido e a Camara em nome do Povo do Municipio felicitasse aos augustos paes.»

Em 1836 o Presidente Paulino de Souza remetteu ao Ministro dos Negocios do Imperio um officio solicitando «a creação de *mais dois* estafetas do Correio em vista da crescente população, riqueza, relações commerciaes com a Côrte e continuada communicação das autoridades da Comarca de Campos com esta Secretaria». Então os correios partiam de 5 em 5 dias.

Em 1838 o Governo Provincial autorisou a Camara Municipal a publicar edital para a arrematação do serviço de conducção de malas do correio de Campos á Côrte e pontos intermediarios, por 2:845$000 annuaes...

Até 1842 vinha sendo administrador Francisco José dos Santos Rego e em 1843 ficou como administrador-interino Thomé José Ferreira Tinoco. Até então as cartas ainda não eram selladas e o porte era pago pelos destinatarios.

Em Abril de 1857 o Correio passou a remetter suas malas nos dias 5, 10, 15, 20, 25, e 30.

Em 1860 foi nomeado agente Candido Baptista Pereira.

Em Setembro de 1876 a agencia do correio foi installada no pavimento terreo do edifficio do Tellegrapho, na Praça S. Salvador até 1886. No anno seguinte foi occupar o cargo de agente Antonio Manoel da Silva Monteiro. Nesse anno morreu o antigo estafeta Miguel Fernandes Cataia, *maior de 100 annos,* cuja morte foi consequencia de uma quéda do animal em que costumava fazer as suas viagens, as quaes vinham sendo feitas desde 1798! Em 1879 appareceram então os sellos para franquia.

Em 1889 o agente era Antonio Amorim, e em 1890. Antonio Manoel Dias. Em Desembro de 1893 foi nomeado José Quirino de Souza Motta, e a Agencia era no sobradinho da Praça, esquina do Becco do Barroso, antiga propriedade do Vigario João Carlos e onde agora ostenta-se o palacete Vicente Nogueira, até que vindo a Campos, em Junho de 1906, o Dr. Aragão de Faria Rocha director dos Correios,

e major Cerqueira Braga, tiveram a peior impressão da installação da agencia postal naquelle acaçapado sobradinho.

Foi então determinada a construcção de um edificio apropriado nos terrenos que ficavam nos fundos do Telegrapho, com frente para a rua 13 de Maio.

Era então agente o major Antonio Pessôa de Barros que succedera a Quirino Motta. As obras de construcção do edificio começaram a 18 de Julho de 1906, sendo a inauguração do predio a 6 de Agosto de 1907, com a presença do Dr. Miranda Horta, director-geral dos Correios.

O TELEGRAPHO – O illustre campista Dr. José de Saldanha da Gama Filho bacharel em mathematicas e lente da Escola Central, vem a Campos com sua senhora, trazido pelo vapor «Diligente,» em 27 de Dezembro de 1864, afim de vêr si conseguia estabellecer uma linha telegraphica electrica entre esta cidade e a Côrte.

Em 30 de Dezembro o Dr. Saldanha da Gama fez uma representação a Camara dizendo que – «possuido do santo desejo de contribuir com o seu diminuto contingente para o engrandecimento da sua terra natal, cedendo ao impulso o patriotismo, apresentava algumas idéias que se lhe pareciam serem de incontroversa vantagem para o importante municipio de Campos.

«Uma dessas vantagens era – a telegraphia electrica.

Mostrára então a vantagem de ser prolongada até a nossa cidade a linha telegraphica que se procurava estabelecer entre a Côrte e o municipio de Cabo Frio. Lembrou á Camara as consequencias beneficas que resultariam da realização da idéia e disse não duvidar que a Camara tomaria a iniciativa de solicitar a sua realização dos poderes competentes. Terminou dizendo prestar-se a ser o interprete dos votos da Camara junto do governo geral, e para explorar algumas florestas afim de estudar as madeiras mais adequadas á posteação para o estabelecimento da linha telegraphica.

Um outro campista, o major-engenheiro João Martins da Silva Coutinho, propoz-se a trazer o fio electrico do telegrapho, de Cabo Frio a Campos. Tendo elle se entendido com o director dos telegraphos e com o governo, organisou o material preciso, querendo o governo apenas um

auxilio dos habitantes de Campos, de 2:000$000 annuaes. Abriu-se logo a subscripção na casa de Manoel José de Castro & Genro.

Cem cidadões cujos nomes quizeramos aqui assignalar, e que só não o fazemos porque precisamos resumir as narrativas, comprometteram-se para contribuir com 20$000 annualmente, afim de que Campos, a cidade provinciana que já se achava do seu 34 anno e ainda permanecia tão pobre de communicação com o centro do paiz, pudesse dispôr do telegrapho, o qual foi inaugurado no dia 2 de Dezembro de 1869, *dezessete annos depois* de ter sido estabelecido o telegrapho no Brasil.

Naquelle dia, e que era o do anniversario do Imperador, pelas 9 horas da manhã, reunidos na casa da estação telegraphica a Vereança, Dellegado da Policia e pessôas gradas, começou a funccionar o telegrapho sob a direção do Dr. Capanema, a quem muito deve a cidade pelo melhoramento. Em primeiro logar a Camara Municipal pelo seu presidente saudou a S. M. o Imperador e a S. Alteza a Princeza Imperial. A resposta tardou algum tempo porque a Familia Imperial não se encontrava áquella hora na Quinta da Bôa Vista, por estar então na Capella Imperial assistindo ao Officio divino.

Foi em 2º logar cumprimentado o Presidente da Provincia, tendo o Delegado cumprimentado o Chefe da Policia.

Os hymnos da musica uniam-se aos rumores da admiração do público que se achava jubiloso, pois, desde então, não ficaria elle ávido por receber noticias importantes durante cinco ou mais dias, conforme até então succedia. Discursou o Dr. Capanema começando por dizer que já era uma realidade a linha telegraphica unindo Campos á capital do paiz; congratulava-se e agradecia ás pessoas que contribuiram com seus esforços e donativos para aquelle importante emprehendimento.

A Camara offereceu um cópo d'agua, durando o festim que durou treis horas, quando brindes foram trocados entre muito enthusiasmo, sobresahindo o do Dr. Thomaz Coelho, presidente da Municipalidade, Dr. José Fernandes da Costa Pereira, Dr. Sampaio, Barão da Lagôa Dourada e Dr. Miguel Heredia de Sá.

O commercio esteve representado por uma commissão composta de Manoel José de Castro, Eugenio Bricolens, Felismindo José Teixeira, Antonio José Ferreira Martins e José Ribeiro Meirelles.

O constructor da linha telegraphica foi José Francisco da Costa. Os primeiros telegrammas trocados, tiveram estes termos:

«A Camara Municipal de Campos por si e em nome de seus municipes cumprimenta respeitosamente a V. M. Imperial e sua Augusta Familia, por cuja saúde e prosperidade faz os mais ardentes votos. Senhor! É summamente grato á população de Campos vêr inaugurada a linha telegraphica desta cidade, no dia em que todo o paiz transportado de jubilo festeja o anniversario natalicio do seu excelso Imperador.

Digne-se, pois, V. M. Imperial de acceitar esta saudação como a expressão da veneração e firme adhesão que os habitantes deste municipio consagram ao throno de V. M. Imperial. – Thomaz José Coelho de Almeida. – Francisco de Paula Gomes Barroso. – Barão da Lagôa Dourada. – João Belizario Soares de Souza. – Ignacio Ribeiro de Azevedo. – Dr. Gregorio Pereira de Miranda Pinto. – Dr. Francisco Portella. – Rufino Gomes de Oliveira. – João José Pereira Bastos».

D. Pedro II respondeu com este telegramma: – «Agradeço cordealmente os sentimentos que me exprime a Camara Municipal da cidade de Campos, e muito folgo que o serviço da linha telegraphica se inaugurasse ahi no dia dos meus annos, sobretudo pela parte que teve nesse melhoramento o concurso dos particulares. Sua Alteza Imperial muito agradece».

Trinta e nove pessoas concorreram com donativos de 197 postes, no valor de 920$000.

A estação era na rua Beira-Rio e em 1876, em Maio, passou para o predio assobradado e de beiral, que foi ultimamente reformado, por esforços do então deputado campista Dr. João Antonio de Oliveira Guimarães.

RELIGIÃO

TEIXEIRA DE MELLO, o primoroso poeta campista,
cheio de fé escreveu esta óde:

«Como é dôce scismar aqui nos campos
Á tibia luz da lampada do Templo!
Em que o Eterno é tão GRANDE! o homem tão pequeno!

«Aqui o coração bate mais leve
O peito tem mais ar em que se apague
E os olhos um painel de eternas côres,
De imagens seductoras, de paysagens
Feitas por DEUS, infindas primaveras,
Aqui, onde aprendí a amar sem crime
Vivos perfumes, – minhas rezas sóbem
Nas azas do silencio – ao frouxo e brando
Brilho dos cirios d'esse templo immenso
Chamado – natureza – e, como a myrrha
Que em branca spira pelo Altar se enrosca,
Lá vão o throno perfumar do Eterno,
ATHEUS!... curvae-vos!»

Varias são as doutrinas que em Campos contam seus adeptos, motivo porque neste capitulo vamos fazer o historico da acção de cada urna dellas, destacando bem uma das outras para melhor orientação dos leitores. Preponderando o Catholicismo, já por abranger sua acção desde o nascer da cidade, mesmo da villa, e até da

capitania, já porque teve durante este Centenario uma acção mais ampla, mais decisiva, o que nos obriga a narrativas numerosas, – deixamos porisso a historia da Egreja Campista para o fim do capitulo, começando por desenvolver a historia dos systemas religiosos que appareceram em Campos no decorrer destes ultimos cem annos. No final do capitulo damos um interessante SCHEMA da efficiencia de cada doutrina.

O PROTESTANTISMO

PRESBYTERIANOS – A primeira manifestação do protestantismo em Campos foi verificado no anno de 1874, *trinta e nove annos depois* da fundação da cidade. Em 14 de Junho daquelle anno, o vapor «Gerente» trouxe a Campos o primeiro pastor protestante *Candido Joaquim de Mesquita*, prebysteriano, – «para fazer algumas prédicas com o fim de adquirir proselytos», – conforme noticiou o «Monitor Campista» em seu nº 68. Elle fez o culto no predio nº 56 da rua do Sacramento, residencia do Dr. Canto Coutinho, fazendo a sua primeira pregação no dia 18 de Junho.

Alguns exaltados, ou por mal-entendido zelo pela fé catholica, ou por indole zombeteira ou mesmo desordenada, apedrejaram a referida casa durante o culto, quebrando as vidraças, pelo que o Dr. Canto não permittiu continuassem as pregações em sua casa, porisso que o culto passou a ser feito no predio nº 41 da mesma rua. Em 11 de Outubro de 1864 vieram a Campos outros pastores, Miguel Vieira Ferreira e o norte-americano A. L. Blackford, que fizeram pregações no Theatro Empyreo.

Esses tres primeiros pregadores da doutrina então desconhecida dos campistas, vieram até nossas plagas por convite de alguns inglezes e norte-americanos aqui domiciliados e dos que se achavam empregados nas construcções da estrada de ferro Macahé-Campos e da Ponte sobre o Parahyba; depois aquellas colonias fizeram uma reunião no dia 7 de Novembro, na casa do norte-americano José Beal, na rua 7 de Setembro nº 48, para tratarem de estabelecer um Cemiterio Acatholico, conhecido depois vulgarmente por – Cemiterio dos Protestantes, – cujo

local a Camara ultimamente desappropiou, fazendo nelle a «quadra B» do Cemiterio Publico, (a esquerda do portão da entrada).

Compareceram áquella reunião: José Beal, Henrique Spittle, David Reid, Allan Noble e João Rouff. Conseguido da Camara o terreno e construido o cemiterio, Daniel Reid, e Allan Nobre requereram á Camara em sessão de 8 de Julho de 1875 permissão para transladarem para o mesmo os restos mortaes de Carlos Silsbie, Robert Gladstone, Jacob Bertch e Alexandre Noble. O primeiro enterramento feito no cemiterio dos Protestantes, tambem chamado *dos Inglêzes*, foi do corpo de Luiz Lemann, (allemão), em 2 de Março de 1875.

Em 26 de Junho de 1875 o pastor Mesquita passou a fazer suas pregações na casa nº 147 da rua do Rosario. Foi portanto o portuguez Candido Joaquim de Mesquita quem trouxe o protestantismo para Campos, porisso que foi quem primeiro o pregou, e os anglicanos, lutheranos e presbyterianos que aqui eram domiciliados não praticavam, anteriormente, o culto das suas crenças. Em Agosto de 1875 aportou em Campos outro pastor, o cidadão portuguez Modesto Perestrello Bastos Carvalhosa, e começou a pregar na rua do Rosario nº 161, mudando depois o culto, em Novembro, para a Praça do Imperador, em um dos predios novos de Saturnino Braga. Neste anno pregou tambem o pastor Blackford.

Até aqui são apontamentos nossos, e a seguir vão os dados que gentilmente nos foram fornecidos pelo pastor Benjamin L. A. Cesar, com uma ou outra noticia que colhemos na imprensa:

«A Igreja Evangelica Presbyteriana de Campos foi organizada no dia 11 de Março de 1877 pelo rev. A. L. Blackford, por ordem do Presbyterio do Rio de Janeiro. Funccionava no predio nº 4 da rua do Mafra. Em Junho de 1878 esteve aqui o pastor norte-americano M. Haylett. Naquelle tempo permittia-se a organização de igrejas com numero reduzido de membros.

Os primeiros membros foram: – Margaret Murray, Henry Spittle, Domingos Moreira Roque, Anna Moreira Roque, José Francisco de Campos Junior, Joaquim Pereira Barbosa Cabral, Generosa Emiliana de Mattos, Henriet Purcel Doerty, Maria de Castro Carvalhosa e Maria Angelica Perestrello Carvalhosa. (10 membros).

Em Junho de 1878 esteve na cidade fazendo algumas pregações Miguel Vieira Ferreira e em Setembro o norte-americano J. F. Hauston; em Dezembro de 1886 veio fazer pregações aqui Antonio Trajano.

Carvalhosa muito trabalhou pela sua denominação, fazendo varias conferencias, primeiramente na rua 7 de Setembro nº 78, depois na rua do Mafra nº 7, onde presidiu varios casamentos de catholicos que por se acharem impedidos de contrahirem nupcias perante a Egreja, buscavam o recurso do protestantismo, e temos a mão a relação desses enlaces effectuados na rua do Mafra nº 7.

Depois pastoreou a igreja F. J. C. Scheider, norte-americano que desde Maio de 1887 começou a soffrer tenaz opposição dos crentes da sua grey, sendo preciso abandonar o pastorado, e tendo como substituto o pastor Manoel Menezes. Em 1889 ficou na direcção da egreja John M. Kyle, e a seguir Thomaz Porter, Samuel Barbosa, J. B. Kolb, Franklin do Nascimento, Laudelino de Oliveira, André Jensen, Henrique Louro, Firmino Miguez a Silas Ferraz.

Os tres primeiros pastores e o Kolb residiram em Campos, – os demais, residindo fóra, visitavam raramente a congregação campista. «Depois das ultimas visitas de Kolb, a igreja, abandonada por mais de 10 annos, desapparecia aos poucos. Ao ser organizada a denominação Baptista pelo pastor Salomão Ginsburg, a igreja Presbyteriana praticamente estava extincta, sendo recomeçado o trabalho pelo dr. Thomaz Porter, em Dezembro de 1907. Depois da reorganização, sem visitas pastoraes, sem pastores residentes, a igreja não experimentou sinão diminuto progresso.

«A phase moderna da igreja Presbyteriana, de franco progresso, data do pastorado de Armando Ferreira que aqui residiu desde 18 de Abril de 1926 a 24 de Abril de 1928. Em 30 de Março de 1929 veio residir em Campos o pastor Benjamin L. A. Cesar, que ainda aqui se encontra á frente da igreja» e manda a verdade que se diga ser elle um esforçado pelo desenvolvimento do seu culto.

Depois dos cultos serem feitos na rua do Mafra, passaram a ser effectuados no predio nº 57 da rua Barão do Amazonas, posteriormente ns 47 e 43. A igreja comprou da Maçonaria aquelle

predio que hoje está transformado em vistoso templo, traçado pelo engenheiro Dr. Julio Barcellos.

A denominação pretendeu construir o seu templo de grandes proporções num vasto terreno que adquiriu na Avenida 15 de Novembro; já em 1875 os presbyterianos pretenderam fazer um grande templo, chegando mesmo a adquirir e começarem a construir um edificio até a altura da cimalha, o qual abrangia as ruas do Mafra, Barão do Amazonas e Conselho, o que muitos dos presbyterianos actuaes desconhecem, mas nós ainda o vimos, antes de ser demolido para no local ser construido o predio nº 57, hoje propriedade de Mauricio Basseres; Carvalhosa, retirando-se para S. Paulo deixou o desanimo nos crentes que, nunca puderam levar avante aquelle intento.

Actualmente ha um predio em Guarulhos onde os presbyterianos fazem funcções da Escola Dominical.

O pastor Carvalhosa, recebeu por profissão de fé, durante o seu pastorado, 40 pessoas: Schneider recebeu 7; Porter, 6; Barbosa e Kolb, 2 cada um; Franklin, 40; Laudelino, 8; Louro, 10; Sillas, 10; Armando Ferreira, 14 e Benjamin Cesar, 114 (por profissão). A igreja conta 135 membros maiores, residentes aqui.

São presbyteros da igreja, os srs. João Alt, Domingos Felippe da Silva e Indio Alt; diaconos, os srs. Orcilio Rodrigues, Antonio Cordeiro, Ramiro Wagner, Adnagis de Souza e Manoel Cordeiro; ha membros esforçados pela causa presbyteriana, e aqui queremos accentuar, bem registrados os seus nomes: – Antonio Martins Junior, Antonio Lannes de Castro, dr. Philomena Martins, dr. Julio Barcellos, Jayme Pereira.

A congregação campista está jurisdicionada ao Presbyterio Leste Fluminense. Este, por sua vez, ao Synodo Central e este á Assembléa Geral da Igreja Presbyteriana do Brasil, não tendo, ao que parece, nenhuma ligação e subvenção de paizes estrangeiros expancionistas.

Os cultos actualmente são bem frequentados.

LUTHERANOS – Em Campos nunca houve casa de culto de envagelicos lutheranos, não obstante terem residido aqui, desde muitos annos, numerosos subditos allemães que professavam o lutheranismo. No

seio da colonia germanica em Campos, contavam-se as familias: Henrique Poley, Antonio Zulchner, João Sieberath, Henrique Stern, Guilherme Bolckau, Christiano Henrique Kock. Nicolau Rockert, Guilherme Spilborghs, Carlos Guilhermes Fisher e outras, mas é caracteristico nesses adeptos do lutheranismo a abstenção absoluta de qualquer propaganda do seu credo, muito menos se percebe nelles quaesquer hostilidades ás crenças dos nacionaes. O que se deu em Campos, notou-se em Petropolis, em Friburgo, nos estados do Sul onde ha consideraveis colonias germanicas. Esses adeptos do protestantismo allemão são tão esquivos aos expedientes das pregações aggressivas ás demais doutrinas que, quasi abdicam dos seus principios religiosos, para bem se adaptarem ao meio em que vivem, ficando porisso enraizadamente no seio da população que escolheram para nella conviver, e porisso são estimadissimos e mui considerados pelos nativos.

Para corroborar o que dizemos, apontamos alguns factos eloquentes. – Christiano Henrique Kock, natural de Kiel, de 54 annos, chegou até abjurar aqui o lutheranismo, recebendo o baptismo na Matriz de S. Salvador no dia 11 de Setembro de 1866. – O casal Zulchner, antigos negociantes estabelecidos na rua Direita onde hoje é o «*Orion*.» fez baptisar na Matriz, em 27 de Fevereiro de 1887, todos os seus filhos: Elisa Maria, Bertha Carolina, Lity Augusta, Welhibald Fernando e Max Joaquim. – Os troncos das famílias Poley, Zulchner, Sieberath, Stern, Bolchau, etc., tão conhecidos, estimados e respeitados pela população campista, foram essencialmente lutheranos mas todos os seus filhos, por nascerem num ambiente de religiosidade catholica, foram todos elles levados ao baptismo da Egreja.

BAPTISTAS – Das organisações protestantes que se estabeleceram em Campos, é a denominação que mais agitadamente organisa seu systema de propagação. Si ha pastores de maneiras affaveis e ponderadas como o estimado e veterano evangelista Joaquim Lessa, cérne da instituição baptista, espirito commedido na pregação das suas idéias, tambem houve missionarios sem a tactica da douçura, sem a suavidade da persuasão, como o affoito e aliás zeloso propagandista Salomão Ginsburg, que por vezes se mostrava intoleravel.

É a mais numerosa das organisações evangelicas. A «Egreja Baptista de Campos» foi organisada em 23 de Março de 1891, sendo fundadores os seguintes crentes:

Antonio Assenço, d. Anna Francisca de Oliveira, d. Amelia Lima dos Reis, d. Corina Maria Manhães, Domingos Joaquim de Oliveira, d. Euphrasia Maria Manhães, d. Julia de Oliveira Santiago, João Bernardino Manhães, e d. Rosa Lima Manhães, (9 membros).

O primeiro culto foi feito na rua do Sacramento, residencia do norte-americano José Beal e a egreja foi mais tarde, em 1893, transferida para o sobrado nº. 88 da rua dos Andradas, (fronteiro á praça do Mercado) por iniciativa do pastor W. Bagby. A communidade baptista começou a funccionar com 10 membros commungantes, e segundo dados que recebemos da bondade do pastor Joaquim Fernandes Lessa, tem actualmente 262 membros, não computados os que têm sahido para fazerem parte de outros centros. Acreditamos até que sejam uns 400.

Desde a sua organisação a Egreja Baptista de Campos tem tido os seguintes pastores: – W. B. Bagby (1893) Jayme L. Dawming (norte-americano) e V. E. Loper, (inglez) funccionando então a egreja no Becco do Barroso nº 7 (sobrado que faceja a rua B. Amazonas); retirando-se os dois ultimos, veio em Outubro de 1893 o portuguez J. Alves. Depois deste veio para Campos o esforçado Salomão Luiz Ginsburg, russo descendente de israelitas, o qual encontrou a egreja Baptista com 45 membros e muito trabalhou para que houvesse augmento de crentes, fazendo uma phase agitada para a denominação, com o concurso de Thomaz Collins Joyce e de outro espirito combativo que foi Antonio Ferreira Campos, (o A. Campos,) o qual, com Ginsburg, publicou o jornal evangelico «As Boas Novas».

Em principio de Janeiro de 1903 irrompeu uma grande questão no seio da egreja, que ficou scindida, e porisso sériamente abalada. O caso se aprecia bem pelo theor da declaração abaixo, que foi publicada na imprensa:

Igreja de Christo em Campos

Fundada em 1891

SÉDE: TEMPLO EVANGELICO

DECLARAÇÃO

Os abaixo assignados, antigos officiaes desta Congregação, declaram em nome da igreja, que por voto da maioria em sessão extraordinaria, foram disciplinados e expulsos da igreja, como perturbadores de sua paz e possuidores de sentimentos que os incompatibilizavam com a seriedade e justiça d'uma corporação christã, o missionario americano Alberto Dunstan, ha mezes chegado a esta cidade, e seus auxiliares assalariados Carlos de Mendonça, ex-funccionario da E. F. Leopoldina, e Pedro de Andrade, importado para esta cidade pelo missionario. Outro sim, foram demittidos, como coniventes nos planos sinistros dos disciplinados, os membros de suas familias e algumas outras pessoas; bem como uma parte dos professos residentes na fronteira na roça de Santa Rosa, aos quaes foi concedida carta demissoria

Igualmente protestam os abaixo assignados contra a linguagem grosseira e deshumana do *assalariado da Junta Americana Rev. Soren*, vindo a esta cidade para dizer «que preferia saber que todos os campistas tinham sido victimados pela peste bubonica, do que saber que o missionario havia sido expulso d'uma Igreja de Christo», e outras coisas de igual jaez a favor d'um homem ignorante e incivil que n'esta cidade tem dado provas abundantes d'isso, como constará do *Manifesto*, que esta Igreja vae publicar.

Igualmente declaram os abaixo assignados que a Igreja de Christo que fundaram e até aqui sustentaram com seus, esforços, continua a ser o que era e a manter todos os ritos, costumes e governo adoptados desde o principio, e portanto, que não reconhecem como organização legal, segundo as leis do paiz, o agrupamento revoltoso que fez seu quartel *na Serraria da Corôa*, debaixo do nome de Igreja Baptista, emquanto tal Igreja não provar que foi organisada licita e decentemente.

Igualmente declaram os abaixo assignados, que *dispensam o auxilio da Junta de Richmond* (a qual aliás são agradecidos) *emquanto aqui estiver o missionario grosseirão, antipatico e ridiculo que teve a infelicidade de nos enviar*; que por isso declaram a Igreja de Christo desta cidade, como corporação independente e *nacional*, sendo reconhecidos como seus membros todos aquelles dos actuaes que em proxima Sessão Extraordinaria se conformarem com isso.

Igualmente declaram os abaixo assignados, que todas estas coisas se deram desgraçadamente, por pretender o *missionario americano assalariar uma minoria*, para arrancar-nos o Templo Evangelico, nossa propriedade, levantada com os nossos esforços, e com o dinheiro em maior parte fornecido pelos humanitarios campistas, acontecendo que nesta operação não trabalharam os individuos expulsos, que nem baptisados foram por esta congregação nem filhos são desta cidade.

Assumimos inteira responsabilidade desta declaração por ser tudo verdade.

Campos, 18 de Janeiro de 1903.

A. Campos, pastor
J. Bernardino Manhães, diacono.
A. Rodrigues Mello, diacono.
J. Rodrigues Manhães, diacono.
Jacintho Lima, secretario.»

A scisão caracterisou-se: os que eram contra o missionario norte-americano, ficaram funccionando no templo da rua Formosa, e a parte que estava influenciada pelo missionario passou a se reunir na rua 15 de Novembro, residencia de Julião Guedes Pereira. Então os missionarios americanos publicaram no «Diario Popular» um protesto contra os baptistas brasileiros (de Campos) que não queriam submetter-se ás suas supremacias, e eram eles: W. E. Eutzminger, W. B. Bagby, J. J. Taylor, A. B. Dete, Herman Gartner e A. L. Dunstan.

Os crentes nativistas comtudo, obstinavam-se em repellir os enviados norte-americanos, tanto que foi publicado no «Monitor Campista» o seguinte:

«Igreja de Christo em Campos – Na sessão ordinaria desta igreja em 7 do corrente, (Janeiro), foi apresentada a seguinte proposta, assignada por Antonio Rodrigues de Mello, diacono: – «Proponho que esta igreja declare-se independente; que dispense qualquer auxilio da missão de Richmond; que não acceite *missionario* baptista, seja quem fôr, no sentido

de terminar contendas; e que seja a presente resolução publicada pela imprensa local». Tendo sido approvada esta proposta, que só teve um voto contra, faço publico que de ora em diante a egreja de Christo em Campos com séde no templo á rua Formosa n° 7 A, torna-se independente da missão baptista de Richmond. – O 1° Secretario – *Eduardo de Vassimon*».

Os missionarios estrangeiros então desenvolveram tal sagacidade e empregaram meios tão astuciosos que, dois mezes após, conseguiram abafar maneirosamente aquelles gritos do nativismo, pelo que se depreende da seguinte declaração publicada com data de 7 de Dezembro: – «A igreja de Christo em Campos, que funccionava á rua Formosa nº 7 A, *resolveu* em sessão ordinaria de 7 do corrente *annullar todos os actos* que a tornavam separada da Junta de Missões de Richmond... e *acceitar* O SEU PROTECTORADO por intermedio local do rev. A. L. Dunstan que, na mesma sessão foi eleito pastor dessa igreja. Com a deliberação acima *desappareceram* as contendas nessa igreja, que reconhece nenhum motivo ter de ser hostil á Junta de Missões e a *seus enviados no Brasil*. Faço a presente declaração para sciencia dos interessados. – *Antonio Maia* – 2° Secretario». Triumphou a catechese estrangeira...

Varios membros deixaram a denominação; Antonio Mello, pouco tempo depois falleceu e o ex-pastor A. Campos foi para S. Paulo, e lá se fez catholico.

Depois dessa luta entre os crentes, surgiu no pastorado com seu espirito apaziguador, o bemquisto pastor Joaquim F. Lessa, e depois successivamente: Alfredo Reis, João Mein, Orlando Alves, Luiz M. Bratcher, Fidelis Morales Bentacôr, Leobino da Rocha Guimarães, que vem se conduzindo com muita ponderação, efficiencia e galhardia.

O Templo que os baptistas construiram na rua Tenente-Coronel Cardoso, teve a sua primeira pedra collocada com solemnidade no dia 21 de Abril de 1897, sendo inaugurado com festas a 21 de Abril de 1898. Segundo narra Julio Feydit no seu livro «a Sociedade das Missões dos Estados Unidos remetteu 730 dollares para o levantamento do templo.» Antes de ser inaugurada essa casa de cultos, os baptistas funccionavam na rua Marechal Floriano n° 15, um dos edificios agora occupado pelo Azilo de N. S. do Carmo.

Os baptistas publicam um jornal mensal, «O Escudeiro Baptista», fundado por Joaquim Lessa em 1 de Janeiro de 1909.

CONFUCISMO – Com a vinda para Campos de alguns imigrantes chineses destinados ao trabalho agricola, veiu tambem a crença de Confucio, preponderante no ex-Celeste Imperio, si bem que não possua aqui nenhum dos seus «pagodes».

Gente obscura e retrahída, porisso que mal conhecida, chegada ao Brasil em 1887, não se póde precisar nomes, muito menos perceber se praticam as determinações da sua seita. O que pudemos conseguir acerca dos mysteriosos asiaticos da raça tártara dentro dos muros da Cidade do Salvador, é que já em 1859 residiu aqui um chin de nome Pobo, filho de Alolf e de Acuzza, que abjurou sua antiga fé em Confucio, recebendo o baptismo no dia 18 de Abril, na Matriz de S. Salvador.

Em 1888 morreu de cachechia paludosa um amarello que antes fôra baptisado com o nome de José Gregorio.

Um dos preceitos do Confucismo, em determinadas circumstancias, é o suicídio com o emprego de faca para cortar a carotida; isso faz lembrar o suicidio perpetrado pelo chin Assene que, na tarde de 20 de Agosto de 1897, na chacara do Dr. Luiz Cardoso de Mello, á rua de S. Bento, feriu-se com uma faca, tentando a morte.

Em 1893, chegou a Campos, nos dias 14 e 15 de Dezembro, grande numero de chins destinados á lavoura, e alguns delles tivemos occasião de vêr na chacara de João Gomes Sobral de Barcellos, na rua Conselheiro Thomaz Coelho, a comerem o seu arroz com dois pausinhos e a fazerem mimicas que, por sermos então muito creanças muito nos divertiram.

No momento sabemos de 2 filhos da China que residem entre nós: o hortelão Aloé, que tem uma barraca no Mercado Municipal e seu parente José Antonio, conhecido vendedor ambulante de cestas de bambú.

ISRAELISMO. – Pelo anno de 1914 chegou a Campos Elias Chigres que teria sido o primeiro israelita a pisar estas plagas goytacazeanas.

Antes de outros reparos, e não obstante ser certa a conspiração universal que os chefes dos fihos da Judéa promovem por meio das sociedades secretas e do communismo, para rehaverem *o sceptro de Israel*

abatido pela cruz do Christo, – vamos fazer já o attestado da nossa admiração por aquelles israelitas em que não se encontram perfidias nem dólos, antes praticam com a mais rigorosa exactidão os preceitos da sua religião. Nem por estarem fóra da sua Chanaan, tal qual como out'rora estavam no Egypto sujeitos ao Pharaó, nem por se verem espalhados pelos centros do mundo christão, os hebreus deixam de praticar com meticulosidade e precisão, os costumes dictados pelo Velho Testamento, nem desleixam em suas synagogas, dos serviços prescriptos por Moysés.

A primeira synagoga dos judeus em Campos foi no predio n.° 88 da rua Barão do Amazonas, (antigo solar do Dr. Galvão Baptista) funccionando em 1918 com o rabbino que veio a Campos, Meyer Malamud. Em 1919 veio José Rizel, figura muito bemquista dos campistas e entre a numerosa colonia que tem por bairro seu as ruas Paulina Perlingeiro, João Gonçalves e final da rua Barão de Miracema.

Poucos annos atraz havia uma associação israelita com séde na rua Dr. Lacerda Sobrinho n.° 32, o que bem se evidenciava por um «*signo*» *de Salomão* suspenso na parede da sala, mui visivel aos transeuntes. A Paschoa dos hebreus não é na época da Paschoa dos christãos, pois, nós a celebramos em reverencia á ressurreição de Jesus Christo, emquanto que elles conservam a commemoração do antiquissimo rito da tribu de Levi, assim a celebram em 19 de Setembro, com rigoroso jejum; o Anno Novo hebraico começa a 10 de Setembro, não sendo permittido pela lei o comer pães. Emquanto nós, christãos, estamos no anno de 1935 visto que contamos os tempos desde a mystica scena do presepe de Bethlem, os judeus e suas associações secretas timbram em contar a presente epoca como sendo – o anno 5555, (outros dizem 5935)...

Em 30 de Julho de 1929 veiu a Campos o Gran Rabbino, Dr. Isaias Raffalovich e reuniu a numerosa colonia desta cidade no «Centro Israelita» para resolver acerca da construcção do «Cemiterio Israelita», ora já construido.

Os principaes chefes de familias israelitas aqui residentes são os seguintes (guardamos a ordem alphabetica):

Abrahão Malamud, Aron Sdhweitzer, Abrano David Plotzky, Abrahão Leibl, Bernardo Skall, Berech Schigris, Bernardo Taffmann, Calman Gutman, David Pinkowsky, Hersch Leibl, José Rizel, José Femegauser, Jayme Malamud, Josua Cahane, Jacob Malamud, Jacob Groissimann, Jayme Lerner, José Groissmann, K. Gutmann, Leriz Ber, Mendel Ungar, Meier Malamud, Moysés Skall, Moysés Segall, Moysés Miller Moysés Schigris, Marcus Kaufmann, Mendel Ungar, Nahum Ber Pelz, Naftalis Segall, Raphael Weizmann, Schigris Moysés, Simão Nadler (que esteve envolvido na questão do desacato á bandeira Nacional pelos communistas), V. Sipris, Wolf Zipris, Z. Kats e Zelig Grossmann.

O numero de israelitas em Campos póde ser computado, inclusive suas creanças, em mais de 200. É uma colonia muito moralizada e diligente, affectuosa e porisso estimada.

FECTICHISMO. – Zona grandemente agricola, Campos, conforme Minas Geraes, foi o logar que mais recebeu o elemento africano escravizado. Com o vir os negros da Angola e Benguela, vieram tambem com elles as práticas da magia-negra, dos phyltros, dos encantamentos, porisso que os casos da feitiçaria generalizaram-se não só nas «senzalas» mas tambem na cidade, de sorte que senhores, feitores, sinhás-moças e parceiros que quizessem ficar immunes dos maleficios da arte magica da gente de Cham, tinham de, pela mesma arte mandar «*fechar o corpo*»... (?)

Os casos de encantamentos ou enfeitiçamentos abundaram nas epocas passadas; agora todos os «candoblês» tomaram fóros de *sciencia*, rótulos de *caridade*... Si a mór parte dos professantes da religião de Cham não passam de embusteiros e espertalhões que sabem com segurança que a humanidade, em bôa parte, é de uma ingenuidade e crendice ilimitadas, – alguns profissionaes das hervas e evocações sybilinas foram terriveis propagadores «*do mal e do bem*».

O dr. José Heredia de Sá, foi chamado certa vez a uma fazenda do Muriahé para vêr uma doente. Era uma «mucama» de estimação da fazendeira, que soffria de horriveis dores de cabeça, e isso desde que uma sua invejosa parceira offereceu-se para penteal-a. O medico examinou a doente, applicou toda a sorte de medicamentos, mas tudo em vão... – a

cephalalgia da pretinha a nada cedia. Depois de muitos dias de tratamento em pura perda, pois não havia symptomas que pudessem determinar um diagnostico, o clinico disse á fazendeira, que a medicina legal não resolveria o mal, portanto, chamasse para tratar da doente um «*medico d'Angola*»... Buscaram então a um «cabinda» daquellas bandas, e o velho africano em chegando, fez seus gestos cabalisticos sobre a enferma, mandou que lhe dessem alimento, o que foi feito, e com espanto a familia verificou que a doente conservara o alimento no estomago, o que não acontecia desde muito, e cessaram os delirios e a cephalalgia da pobre creatura.

Pelos lados da Tapéra, ha uns trinta annos passados, era de fama por toda aquella redondeza e até pela cidade um tal "*João Mina*", que operava bruxarias de fazer arrepiar os cabellos... até as cobras attendiam a seu assobio encantado...

Felismente essa arte ou "devoção" diabolica vae desapparecendo com o desapparecimento dos velhos africanos.

MAHOMETISMO – Bem poucos sectarios do Islamismo têm vindo a Campos, mas os abstinentes do toucinho não puderam permanecer na cidade senão poucos dias, quiçá horas, – não que a população campista, sempre tão hospitaleira, os escurraçasse, pois nem distingue o arabe do turco; mas porque se vêem premidos e sem amparo dos arabes que não os estimam, porque os sarracenos são seus verdugos em sua patria. É sabido quanto soffrem os armenios e os syrios-libanezes da oppressão e odio ottomanos, que a tanto instiga a doutrina do Alkorão. Porisso é que quando um ou outro devoto de Mahomet, turco authentico, vem para os paizes como o Brasil e a França, onde a gente de Beyruth e do Monte Libano se estabeleceu, taes subditos do pachá, por sua vez, são os que soffrem a merecida coacção por parte dos escurraçados filhos da Syria e da Armenia. Os syrios são catholicos que têm o rito maronita, instituido no Oriente por São Maron, grande asceta oriental, e a colonia que se encontra em Campos é muito grande, muito unida e muito amiga do Brasil, conforme nos referimos no capitulo em que tratamos das colonias que se acham no convivio dos goytacazes.

MAÇONARIA – Não deviamos incluir neste capitulo da – Religião – a historia do culto dos mysteriosos irmãos∴ do "templo de Salomão", porisso que os mançons dizem que a sua organisação é mera *associação de auxilios mutuos e philantropia*. Contudo aqui a collocamos porque a maçonaria tem «templos», «altares» do grão-mestre∴, evocam ao «supremo architecto do universo», possuem «ritual», pranteiam *a morte* do Adoniram, portanto praticam um – *culto*.

Foi mui difficil, por sermos «*profanos*», penetrarmos no ámago desse templo de Hiran, para reconstituir a historia mysteriosa da maçonaria campista. Buscamos a ajuda de graduados mações que o fornecimento de dados historicos da seita, e ficamos até muito esperançados com promettida cooperação do intelligente maçon Dr. João Vianna, mas... comprehendemos depois a mesma difficuldade de «Kaddoschs» e «Rosas-Cruzes» para dizerem algo da sua instituição, que sempre quer que o mundo profano nada lobrigue do que vae pelas «salas dos passos perdidos»...

Dahi as falhas que os leitores talvez possam encontrar em nossas narrativas, sobre-tudo si o leitor fôr «mestre», «experto» ou méro «aprendiz» no manejo da trôlha e da esquadría...

LOJA FIRME UNIÃO – Esta instituição era do rito moderno, foi a – mãe – das demaes lojas maçonicas de Campos, visto ter sido a primeira que aqui se organisou, ainda no tempo da villa, em 12 de Maio de 1832. Estava collocada no 11º logar em antiguidade no Brasil. Não pudemos saber, como desejaramos, quaes os seus iniciadores; em 1847 era o Veneravel, Antonio José Pereira Codeço, 33∴ fallecido em 29 de Outubro de 1877. Não só era «veneravel» nos recessos da loja como era uma figura «veneravel» pelas suas longas barbas brancas, solemne calvicie e compleição robusta.

Em 1866 essa loja, parece-nos, não estava ainda devidamente «iniciada» nos mysterios da Ordem maçonica, porisso que fazia uma curiosa mistura de praticas tão irreconciliaveis tal qual a juncção da agua com o azeite. Para que os leitores apreciem e tirem as suas illações, aqui transcrevemos o que encontramos no «Monitor» de 6 de Setembro de 1866:

Firme União. – Em suffragio das almas dos finados socios João Pinto Lopes e João dos Santos Mesquita manda esta sociedade celebrar duas missas, em a igreja de Nossa Senhora do Carmo, hoje, quinta-feira 6 do corrente; sendo a 1ª. ás 7 e a 2ª. ás 7 ½ horas da manhã, porisso são convidados todos os socios. – Secretaria da Sociedade 2 de Setembro de 1866. O Secretario, J. S. Lopes Monteiro,»... Não sabemos si os socios compareceram na egreja revestidos de suas insignias...

Diziam os antigos que as primeiras reuniões da «sociedade foram no consistorio da egreja S. Francisco... Nós conhecemos sua séde própria no sobradinho da rua do Sacramento n. 50, que ruiu em 1897 e nunca mais foi reedificado, apezar de ser propriedade de «*pedreiros-livres*»...

Em 27 de Junho de 1873 aquelle templo foi franqueado, pela primeira vez, ás famílias dos seus associados, havendo *baptismo* de «*lowtons*» (lobinhos), designação dada aos meninos que eram destinados a ser os maçons do futuro. Então João José Nunes de Carvalho e dona Esmeraldina Maria de Souza discursaram, bem como Dr. Francisco Portella e Francisco Paula de Bellido, tendo os dois ultimos tratado da então effervescente questão maçonico-religiosa de que resultou a prisão dos Bispos de Olinda e do Pará, por causa de «irmandades» pernambucana e paráense.

Em 1877 empunhava o malhete da loja, José Custodio Osorio. José Beal, um dos fundadores do protestantismo em Campos foi eleito Veneravel... em 1888, depois occupou esse alto cargo Bernardino Alves Coelho Bastos, maçon muito enthusiasta. Redactoriado por Mucio da Paixão a loja iniciou a publicação dum jornal intitulado «*Livre Edificar*», em 10 de Março de 1895, semanario, que em 1898 tomou o nome de «*Firme União*».

Em 1897 foi ofertado á loja o retrato do irm∴ Emilio Feydit, homenagem pelos seus valiosos serviços, fazendo os discursos para a entrega os srs. Manoel Almirante Porto, Sebastião Viveiros de Vasconcellos, Julio Armond, José Bruno de Azevedo e Joaquim Venancio da Silva.

Era um veterano no cargo de secretario, Antonio J. da Costa Portugal, que depois passou o «ramo de accacia» ao outro veterano e activo maçon Antonio Gonçalzes Ratto.

Em 1898 a velha organisação maçonica começou a enfraquecer, por sugir-lhe os pródromos da sua dissolução. É que levantou invencivel em seu seio, em 1900, uma fórte dissidencia: – uma parte era chefiada por Pedro Ramalho e tinha o bafejo do Gr.·. Oriente, e a outra parte rebellada tinha a chefia de Emilio Feydit, sendo que este grupo ficou funccionando no predio nº. 181 da rua 15 de Novembro, e aquell'outro no templo da loja «Progresso» e mais tarde, em 1902 passou a se reunir na loja «Saldanha Marinho», onde procedeu á eleição de suas «novas-luzes. Uma ordem do Gr.·. Oriente firmada pelo Secretario-Geral Valladares declarou suspensos os trabalhos da loja e determinou a expulsão da maior parte dos obreiros, passando, porisso, a loja a ter o patronato do Grande Oriente do Rio Grande do Sul, havendo uma fórte polemica na imprensa entre os dois grupos antagonicos, e a «Firme União» se tornou na mais *firme desunião* até que ficou de todo extincta.

LOJA TRIUMPHO DA VIRTUDE – A segunda loja maçonica que foi creada em Campos. Sua «officina» era na rua do Proposito n.º 8, e sua fundação data de 16 de Abril de 1848. Desappareceu em 1858 por causa tambem de dissidencia entre os seus associados.

LOJA SYMBOLO DA PERFEIÇÃO BRASILIERA – Foi a 3.ª loja: instituida em Campos, a 27 de Maio de 1855 e formada por maçons que abandonaram a loja «Triumpho da Virtude.» Teve vida mui ephemera.

LOJA PROGRESSO – Em 1870, aos 3 de Dezembro fundaram esta 4ª loja campista, do rito escossez, sendo o seu templo no sobrado de treis andares da rua da Quitanda n.º 90, ora desapparecido. Era veneravel Joaquim Taussia de Bellido, e foi regularisada em 17 de Fevereiro de 1871. Foi a loja que introduziu o uso, em 1873, de convidar as famílias dos seus socios para assistirem ás sessões magnas, fazendo-as passar sob a «*aboboda de aço,*» cujo proposito foi, conforme se disse na imprensa, – «desviar qualquer impressão relativa ao que era propalado acerca dos traalhos da instituição.

Quem aventou esse expediente foi o então veneravel... Prudencio Joaquim de Bessa, tendo sua esposa d. Rachel Antonia de Freitas Bessa cantado o Hymno Maçonico, com acompanhamento de piano pelo Barão de Beitenbauch, maestro allemão; a menina Rachel, de 5 annos,

filha do Veneravel Bessa tambem tocou no piano, com sua mãe, a quatro mãos. Discursou o orador da loja, Dr. Pedro Velloso Rabello.

Em 1877 voltou a ser o veneravel, Taussia de Bellido e occupou o cargo de orador o dr. Anthero Cassalho. Depois que falleceu o velho guarda da officina, – o Domingos «Bodóque,» mudaram a loja para o bonito edificio proprio da rua 24 de Fevereiro n.º 8, que dizem ser o edificio maçonico de maiores proporções no Estado do Rio.

Serviram então como veneraveis prestando muitos serviços á instituição os prestigiosos obreiros Dr. Manoel Francisco de Oliveira, Manoel Leopoldino da Cunha Porto e Sebastião Viveiros de Vasconcellos.

Baluarte dessa loja tem sido o velho João Luiz dos Santos Guimarães, secretario *per omnia sæcula*, mas que tambem é o *perpetuo* e indefectivo secretario da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario; essa officina tem socios enthusíastas e dentre elles o estimado José Nunes Teixeira, maçon-religioso e que tanto gosta da sua faixa bordada com o triangulo em pindurucalho, quanto se ufana de revestir-se do habito preto-cerúleo de Nossa Senhora da Boa Morte, para acompanhar a tradiccional procissão tão apreciada dos campistas.

Em 1904 essa loja tinha cerca de 500 socios.

LOJA GOYTACAZ – Existiu desde 1873 até 1883, ficando depois inactiva durante dezenove annos, reergendo-se, mais tarde em 1902 para immediatamente se estiolar novamente, desapparecendo em 1903. Foi fundada a 13 de Maio de 1873, epoca da effervescencia da chamada – «Questão maçonica» – por conchavo de alguns mações *avulsos* que funccionavam no templo da extincta loja «Triumpho da Virtude,» na rua do Proposito, tendo como animador da sua creação Fernando Aniceto Rosa. Era rito escossez e foi regularisada em 23 de Agosto do mesmo anno, havendo então festejos em honra de Hiran, tendo o acto da regularisação sido feito na forma do ritual pelo Dr. Camillo de Menezes commissionado pelo Grande Oriente.

O grão-mestre era o Barão de Pirapitinga, e os seguintes obreiros: José de Souza Campos, (secretario), Domingos José Machado Vianna, Antonio Pereira da Rocha, José Pinto Cambucá, João Ferreira do Amaral,

Antonio Rodrigues da Costa, José Tarquino Souza Figueíredo, Joaquim Jorge Alves, Francisco Paulino Moreira Castro, Dr. Domingos de Alvarenga Pinto, Manoel Pereira de Azevedo, José Adolpho Pereira Coimbra, Euzebio Idelphonso Barroso, José Gregorio Ferreira Tinoco, Dr. José do Canto Coutinho e José Guedes Pinto (que foi veneravel em 1883). Na festa daquelle anno a menina Maria da Costa Torres cantou o hymno maçonico, acompanhada ao piano pelo maestro Carlos Rinaldi.

Na segunda phase dessa loja, em 1902, foi veneravel, Manoel Leopoldino Almirante Porto, funcccionando no predio nº 15 da rua Marechal Floriano, (hoje Asylo de N. S. do Carmo) não subsistindo sinão por alguns mezes.

A QUESTÃO MAÇONICA. Com as prisões dos Bispos por iniciativa da Maçonaria, os dois campos oppostos (o maçonico e o catholico) estavam na mais alta ebulição. Em Campos o «Monitor Campita» enfeixava nas suas columnas tudo o que era publicado na imprensa anti-clerical da Côrte. Militou muito na imprensa em defesa da Egreja o Dr. José Joaquim Heredia de Sá, o qual enviou aos Bispos encarcerados as seguintes mensagens:

«Exmº. Revmº. Sr. Bispo de Olinda, – Que ignominia, Ex. Sr. aos olhos da impiedade; mas que mysterio tão sublime aos olhos da Fé e da piedade!... Sim, um Bispo em uma Penitenciaria!...

«Senhor, lembrai-vos que o orgulho do Imperador Teodosio expirou diante da intrepidez episcopal de Santo Ambrosio, que soube provar que um Bispo, com o Evangelho na mão, póde ser morto, porem, não vencido! E a vista de tão glorioso heroismo é que repetimos com o Psalmista. – Cantate Domino canticum novum quia mirabilia fecit! – Apostolo de Jesus Christo, do fundo desse carcere, onde foste arremessado pela onda da impiedade, com a roupêta do galé, a calceta do condemnado... na fila do libambo... em parceria com os sentenciados, misturado e confundido com os criminosos... dahi mesmo, Senhor, dae-me ou vos supplico, dae-me a vossa Benção! Cidade de Campos, 3 de Março de 1874. – José Joaquim Herédia de Sá.

Em consequencia dessa luta havida entre a maçonaria e a egreja brasileira, o «Monitor Campista» publicou em 15 de Maio de 1884 a encyclica do Papa «mostrando que a maçonaria conduz á negação de Deus

e da immortalidade da alma, destróe assim a base da moral e chega ao communismo, ao socialismo, á subversão social, pelas sociedades secretas que excitam os póvos e trazem as revoluções, pelo que recommendava aos Bispos que desmascarassem os obreiros de Satanaz pela prédica, pelas cartas pastoraes e pela organisação de sociedades catholicas.»

Muitos mações campistas exarcebaram-se pela publicação dessa encyclica, e outros, (inclusive padres-maçons...) abandonaram a maçonaria.

LOJA HONRA A SALDANHA MARINHO – Esta foi a 6ª loja maçonica organizada em Campos. Pela acção energica do graduado maçon Saldanha Marinho, contra os Bispos e a egreja, quer no governo, quer na imprensa onde atacava em artigos violentos, – homenageou-se-lhe dando ao titulo da loja o seu nome. A fundação foi em 21 de Junho de 1895 e era do rito adoniranita. Foi regulada em 9 de Setembro do mesmo anno e funccionou algum tempo na séde da loja Progresso, sendo mais tarde installada no sobrado da rua Barão do Amazonas nº 51, onde agora é a egreja Presbyteriana.

Foi mui esforçado Veneravel Antonio Epiphanio de Mello, que fez a publicação de um órgão official das lojas maçonicas, intitulado «O Pelicano» em que combatia desabridamente ao cléro, á doutrina dos catholicos, com ataques pessoaes que muitos maçons reprovavam.

Outros dedicados obreiros que cooperavam com Antonio Mello foram: Henrique Caspary, Antonio Martins Wanggallin e Egydio Genta. Em Abril de 1904 houve eleição das novas luzes∴ que dirigiram a loja nos annos 1904-1905: – Veneravel, João Brandão; 1º. Vigilante, Antonio Epiphanio de Mello; 2º vigilante, Egydio Isidoro Genta; orador, Dr. João B. de Lacerda Sobrinho; orador adj.∴ João Isidro da Silva Vianna; secretario, João Francisco de Azevedo Cruz; secr.∴ adj.∴ Benedicto Paulo dos Santos; thesoureiro, João Ferreira; thes.∴ adj.∴ Antonio Nunes de Azevedo Netto; chanceller, Julio Carlos Maciel; arch.∴ José Frederico dos Santos; hospit.∴ Antonio Dias Torres; mestre de cerim ∴ Lucindo Fernandes Faney; mestr.∴ cerim.∴ adj.∴ Antonio Portella; Expe to.∴ José Lopes de Souza Lobo; cobridor.∴ Vicente Honorio de Almeida. Muito se esforçaram por essa loja∴ os obreiros∴ Eudoxio de

Brito Falcão, João Baptista Lopes, Henrique Damas.

Essa loja desappareceu em Junho de 1913, tendo tido dezoito annos de existencia.

LOJA PODER – Foi fundada a 25 de Agosto de 1900, pelo seu veneravel Antonio Dias Torres, grande amantetico das cousas maçonicas. O primeiro secretario foi Benedicto Paulo dos Santos e compunha-se de 38 membros. Suas ultimas luzes: que que viram apagar-se a existencia da loja treis annos após sua fundação, em 1903, foram: – Henrique Caspary, veneravel; João Gervasio Braga, Egydio Genta, João Baptista Lopes, Sebastião Lessa, João Lopo dos Santos, José Ventura Louro, Alfredo Jabor, Vicente Honorio de Almeida e Antonio Gonçalves Patrão.

LOJA ANNITA BOCAYUVA. – Foi creada a 30 de Maio de 1902, na loja «Saldanha Marinho,» constituida por damas, tendo tido a seguinte directoria: – Veneravel, d. Maria da Conceição Soutto Mayor Pereira (gráo 3∴ «Mestra») 1.ª Vigilante, d. Emilia Viscont; 2.ª Vigilante, d; Joanna Tavares de Almeida; oradora, d. Guiomar Ramalho; secretaria, d. Arinda Martins; thesoureira, d. Maria da Penha Wanggallin; mestra de ceremonias, d. Thereza Petro Pina.

A loja∴ que era de adopção, teve vida mui ephemera tendo o Grande Oriente do Brasil julgado que ella não se esquadrava na *constituição maçonica*, sendo logo extincta. A ultima eleição de Maio de 1904-1905 foi a seguinte:

Veneravel, d. Arinda Martins; 1.ª vig∴ d. Isabel Espinoza; 2.ª vig ∴ d. Clotilde Mendonça; oradora, d. Anna Passos; secr∴ d. Maria Alves; thesou∴ d. Carlota Delbons; oradora, d. Isaura Lucas dos Santos; secr∴ adj∴ d. Marianna Cruz; thes∴ adj∴ d. Maria de Barros Boynard; mestr ∴ cer- d. Jozepha Espinoza e d. Clotilde Portella; chanceller, d. Maria da Penha Wanggallin; arch∴ d. Bertha dos Santos; experta∴ d. Anna Lobo; int∴ d. Elvira Ortiz; hospit∴ d. Stella de Mattos.

LOJA FRATERNIDADE CAMPISTA. – Essa grande aggremiação de pedreiros-livres (franc-maçons), foi producto, conforme indica o titulo, da fuzão das antigas e extinctas *fraternidades* intituladas: "Firme União," "Goytacaz" e "Saldanha Marinho," estabelecida a 25 de Junho de 1913. O Veneravel foi o Dr. José de Freitas, maçon enthusiasta

do culto de Hiran, porisso muito saudado com o retinir das espadas da «abobada de aço». Teve por demaes *luzes*: Vicente Honorio de Almeida, Carlos Magno de Moraes Barreto, Antonio Calomeni, Henrique Damas, José Benevento, Celso de Souza, Rosindo Soares, Manoel Ritter Vianna, Francisco Chris Guimarães, e Oscar Pereira da Motta.

LOJA ATALAIA DO SUL – É a ultima organização maçonica, presentemente, tendo sido fundada a 12 de Julho de 1919, por Sebastião Viveiros de Vasconcellos, dr. Domingos de Azevedo e Antonio Dias Torres. Seus trabalhos estão subordinados ao rito adinhoramita e começou a funccionar no templo da «Fraternidade Campista», até que edificou a sua propria «atalaia» na rua 15 de Novembro n° 393.

Tem luzeiros dedicados, como João Francisco de Azevedo Cruz, Roberto Mello, José Lopes de Souza Lobo, Orencio Coutinho Tinoco, dr. Americo Vianna, Elias Nacif.

LOJA MONTEZUMA – Foi a 11ª officina maçonica creada em Campos, em 1933, mas... morreu na casca, e só pudemos conhecer um dos seus organizadores, o sr. Norival Lyrio.

Por um exemplar que temos á mão do «Cobridor Experto dos Sete Gráus do Rito Francez Moderno», edicção da Typ. Austral, 1838, pudemos constatar, afóra do Livro revellador dos mysterios maçonicos, de Léo Taxil, que a organização tem *gráu*, *ordem*, *signaes*, *toques*, *decorações*, *palavras semestral*, *palavras de passe*, *palavra sagrada*, *marcha*, *bateria*, *signaes de afflicção*, *etc*. Os sete primeiros gráus são: 1° – Aprendiz; 2° – Companheiro; 3° – Mestre; 4° – Eleito Secreto; 5° – Grande Eleito Escossez; 6° – Cavaleiro do Oriente; 7° – Rosa Cruz. O rito escossez conta 33 gráus, sendo os mais elevados: o «Rosa-Cruz» e o «Koddosck».

Computamos em 2.000 o numero de maçons campistas, e esta estimativa póde não exprimir a realidade e ser exagerada, pois conforme dissemos já, não conseguimos «dados officiaes» como desejamos e conforme recebemos das demais organizações.

POSITIVISMO – As primeiras manifestações da «Religião da Humanidade» em Campos, foram verificadas em 1886. Quem primeiro se manifestou adepto da «doutrina» de Augusto Compte foi o dr.

Homero Moretzsohn, pela *A Evolução*, jornal de Carlos Hamberger.

Em Junho de 1892 o «Monitor» atacou severamente aos adoradores de Clotilde por causa da actuação dos positivistas nos primeiros annos da Republica. Em Campos bem poucos adeptos conseguiu a theoria comtista, sendo que sómente o dr. Chrysantho de Miranda Sá é orthodoxo, e foram simpathisantes: João Sobral Bittencourt, Comte Sobral Bittencourt, José Bruno de Azevedo, Egydio Martins.

ADVENTISTAS – É outra ramificação do Protestantismo, existente em Campos, e que tem reduzido numero de adeptos. Procuramos informes com o pastor, no templo que é na rua Marechal Floriano, mas apezar das promessas, nada conseguimos, e apenas sabemos que essa modalidade de pregadores da Biblia foi introduzida em Campos pelo sapateiro Amaro Trindade. De inicio faziam seu culto nos *sabbados*, quando se abstinham de todo o serviço, culto que foi feito no salão da Lyra Guarany, depois na rua dos Goytacazes. As outras denominações protestantes os combatem, porque interpretam a Biblia de modos differentes delles.

ESPIRITISMO – Das crenças existentes em Campos, é a que supera em numero de adeptos ao positivismo, maçonismo, israelismo e protestantismo. Essa nova modalidade da necrolatria penetrou em Campos fazendo sua phase experimental no anno de 1880. Foi em 6 de Agosto daquelle anno que alguns cidadãos desta cidade começaram estudando os phenomenos da necromancia, (psychomancia), organízando uma associação com o titulo «Sociedade Campista de Estudos Espiritas». Essa sociedade introductora da sciencia d'alem-tumulo em nossa terra teve de lutar, nos seus primeiros tempos de organisação com dois autagonistas: – o scepticismo e o protestantismo, este na pessoa do pastor Carvalhosa, ministro presbyteriano, que na imprensa publicou varios artigos com objecções contra o systema doutrinario de Kardec, girando a controversia acerca do versiculo biblico de Isaïas; – «Acaso não consultará o povo ao seu Deus?» – «Ha de ir fallar com os mortos acerca dos vivos?» – Por seu turno um comediographo escreveu a comedia «O Espiritismo», levada á scena no Theatro S. Salvador em Dezembro de 1881 e glosado pelo «Monitor», o que determinou um protesto contra

o jornal e o comediographo, feito pela Sociedade de Estudos Espiritas.

Em 1882 a sociedade passou ser denominada «União Spirita de Campos» a qual celebrava uma sessão magna a 31 de Janeiro, commemorativa da «desencarnação» de Allan Kardec. Em 1884 passou a denominar-se *Sociedade Spirita Concordia*.

Os primeiros espiritistas em Campos, foram: Julio Feydit, Antonio José M. de Lima, Emilio Feydit, Marcolino Sudario do Amaral, Cornelio Bastos, Francisco Muylaert.

Em 1897 o «Grupo Spirita da Fé» fez publicar em Junho o que dizia ser «communicações» feitas pelo espirito de Carlos de Lacerda, fallecido havia um mez, e no Theatro S. Salvador, a 3 de Outubro, o dr. Julio Cesar Leal fez a 1ª conferencia acerca da authropolatria.

Ha uns trintas annos passados eram entusiastas desse systema de abcessões e obcessões nesta cidade, os cidadão Antonio Sanfim Cardoso, Theophilo Guimarães, Henrique Gaspary, João Barreto, Domingos Serpa, Cypriano Maria de Castro Leão, Manoel Pereira Borges, Thomaz Armindo de Oliveira, José Climaco dos Santos Cordeiro, Luiz Malheiros do Prado, Adelino Larangeira, Feliciano Vieira, Antenor Pirajá, Manoel Teixeira de Queiroz, Mucio da Paixão, Manoel Augusto Monteiro, Francisco de Paula Carneiro.

Presentemente os mais famosos pioneiros da doutrina espiritista, e que gosam de fama entre os adeptos da seita, são Belarmino Gomes Neves, Honorato Soares Coutinho, Aristides Alves Cordeiro, Serafim de Almeida, Domingos Guimarães, Dr. João Vianna, Antonio Eugenio Fritsch, Amaro Soares, José Ciattei, e já pontificaram com muita preponderancia Antonio Alves Pinto e Francisco Ambrosio de Magalhães, famosos pelos seus conhecimentos mediunicos.

Existe actualmente a – «Liga Espirita de Campos», em que estão aggregados 14 grupos, a saber: «Grupo Antonio de Padua», rua C. de Lacerda, 273; «Pedro e Paulo», rua Riachuelo, 289; «Luiz de Gonzaga», r. 15 de Nov. 227; «Gabriel, Luz e Caridade», Passeio Municipal, 427; «Amor e Caridade», r. 15 de Nov. 279; «Benedicto Aprendiz do Bem»... r. Americo Machado, 70; «Ismael», r. do Vieira, 86; «Christo Redemptor»,

r. Dr. Manoel Landim, 9; «Severino Rosa», Passeio Municipal, 75; «Tenda de Luz e Perfeição», Villa Rosario, 1 «João Baptista», r. 7 de Setembro, 155; «Missão de Jesus»... r. Palmeiras, 55; «Caminheiros da Verdade», r. V. Rio Branco, 91; «João Evangelista», r. S. Pedro, 133.

Existem muitos outros «centros» ou «grupos», como o «São Francisco de Assis», «S. Jorge», «Santo Expedicto». Santo Antonio de Lisbôa», havendo certa questiúncula entre os adeptos, porque uns se julgam superiores a outros professantes dos que chamam – «*alto espiritismo*». Não cabe aqui cuidarmos de ferir as grammas altas ou graves dessa escala da necrolatria, mesmo porque não pretendemos menosprezar as crenças de ninguem, sinão registrarmos com verdade e imparcialidade, os factos da nossa historia. Dahi o dizemos que em Campos não existem somente 14 grupos espiritas, conforme o registro da «Liga», mas sim uns duzentos «grupos», seja do alto ou baixo espiritismo, uma vez que as evocações», (a spiritolatria) e os phenomenos e os effeitos são sempre os mesmos, havendo entre todos crença commum nas «incarnações» e «desencarnações».

A EGREJA

«*Sendo a religião a unica bussola que nos leva certeira ao porto da salvação, assegurando-nos a felicidade tanto nesta vida, como na futura, aquelles que não a cultivam são os entes mais infelizes da terra, porque vagam desprotegidos á mercê da vehemencia de paixões desordenadas: homine sine religione*, sicut eqnus sine fræno.»

Campos, como todas as povoações deste immenso Paiz, formou-se pela acção bemdita da Egreja, cresceu e floriu pela acção efficiente do Catholicismo. Para onde volvamos os olhos nesta *Terra de S. Salvador*, encontraremos os traços nítidos desta crença, já nos grandes e vetustos templos, já nas suas instituições de caridade, quer nos costumes tradiccionaes, quer nos refólhos da Historia.

A verdade inconcussa, insophismavel, é que onde se levantou uma ermida logo seus arredores se coalharam de habitações, isso desde a celebre matriz de palha, até hoje Ahi estão os arredores da Matriz do Padroeiro, do Carmo, da Bôa Morte, de S. Francisco a Lapa, o Sacco,

Guarulhos. Outr'ora a Lagôa do Cortume era o charco infecto, porem logo que em uma das suas margens se construiram a Egreja de Santa Iphigenia, como que uma vara magica, transformou todo aquelle sitio e são hoje quarteirões pomposos; o «Cercado de José de Meu Tio» eram capinzaes e bréjos, mas em lá construindo a Egreja de S. Benedicto, foi logo tudo transmutando até ao ponto de magnificencia que hoje prazerosamente constatamos. Isto por referirmo á historia antiga.

Hoje tambem a influencia da Egreja é a mesma, provóca a mesma disseminação dos mais ridentes transformismos: Não é de muito a existencia daquella extensa «chacara Dubois», cercada dos classicos maricás e arueiras que bardejavam as poeirentas estradas. Levantou-se lá uma capellinha de Nossa Senhora do Soccorro, ha cerca de 20 annos, e logo a rua prosseguiu, outras se rasgaram em diagonal, predios foram surgindo pelas circumvisinhança, e hoje aquella parte da rua Formosa é um trecho imponente e de intenso movimento. O Capão, a velha estradinha dos tempos idos é mais outra demonstração radiosa: – um grupo de hortelãos daquella longinqua tapéra, em sua piedade louvavel se lembraram de levantar lá as paredes de um singelo oratorio para nelle ser venerado o precussor de Christo, S. João Baptista; poucos annos depois a lamacenta estrada do Capão, por se enriquecer de vivendas, já recebia a classificação de – «Rua Dr. João Maria» – porque aquellas pastagens se metamorphosearam em chacarasinhas, dezenas de colméas de abelhas-humanas, nucleo de operosidade onde a vida canta agora seus hymnos de Victoria e Fé, impulsionados pela crença que faz estuar os corações, que retempéra os braços para a promoção do Progresso, que vivifica os espiritos para perseverarem, que anima, que produz, que transforma o Capão obscuro de outr'ora no bairro movimentado de agora, onde o tilintar dos bondes electricos confessam estridentes o vigor daquelle sitio, a capacidade de trabalho daquella bôa e religiosa gente.

Mais exemplos? Sim; a capella de Santo Antonio, no Seminario, lá por aquellas distantes quebradas do Turf-Club! a rua Saldanha Marinho, com o inicio da sua capella em que anno por anno ali cultuam o Orago da zona, assim como anno por anno a zona se refaz e desdobra, pelo milagre dessa crença que fomenta a esperança e emplantando por toda a parte a

Cruz do Amor e da abnegação, congrega as almas, irmana os cérebros, pacifica os corações, cimenta a amizade e a harmonia, e incrementa a bemaventurança, que são, pelos seus fructos, – o Progresso e a Evolução.

Fizemos taes disgressões acerca da Egreja, sem o mesmo ter feito a respeito dos systemas religiosos de quem já tratamos em primeiros logares, porque a Cidade de Campos *viu nascer* no seio da sua população, neste primeiro seculo de sua existencia, a todas aquellas confissões doutrinarias, ao passo que SÓ A EGREJA FOI QUEM VIU NASCER A CIDADE, em 1835, cantantdo então o «Te Deum»; foi quem viu nascer a Villa de S. Salvador; foi quem viu nascer a capitania dos Goytacazes, foi quem doutrinou seus selvicolas-guarulhos proporcionando a essses campistas-nativos a salvação do Christo.

É portanto um preito merecido, uma manifestação de justiça, um tributo de veneração mui razoavel á antiga religiosidade dos Campistas; é uma perfeita EVOCAÇÃO DO PASSADO, tanto que esta fé catholica que concitou a Benta Pereira a correr á luta exigindo da Metropole *uma Matriz para os campistas*, é ainda a mesma e immutavel fé, que concita a esse mesmo povo a levantar uma refulgente Cathedral no dia em que é fechado este Cyclo Aureo,

É um tributo de respeito á Tradição, uma homenagem á fé dos grandes campistas da Antiguidade, á fé dos aureolados campistas, como José do Patrocinio, Carlos de Lacerda, Saldanha da Gama, Saturnino de Brito, Lacerda Sobrinho, e do grande Nilo Peçanha que não quiz morrer sinão como Ruy Barbosa, fazendo chamar para junto do seu leito da agonia a figura plácida do monge benedictino, para que lhe transmitisse os soccorros da Religão as bençãos de Deus!

*
* *

Vamos reparar agora nas cousas d'antanho:

As festas do padroeiro S. Salvador, até 1828 eram feitas ás expensas da Camara Municipal, e o vereador Dr. José Francisco Vianna propoz

em sessão de 18 de Novembro de 1839 que – «voltasse a ser feita pela Camara e que comparecesse incorporada e precedida do seu estandarte, bem como á festa de Corpo de Deus». A Irmandade do Santissimo Sacramento que a promovia, não deixou de continuar a promovel-a até o anno de 1855, com auxilio da Camara, o que se verifica bem pelo Officio n.º 56, de 27 de Janeiro de 1840 remettido pela Camara ao presidente da Provincia Paulino José Soares, «enviando relação das despesas feitas com as festas de Corpo de Deus e Orago da Freguesia:

A MATRIZ. – Na epoca da elevação da Villa á Cidade, era Vigario

Musica, 32$ cada uma	64$000	Sermões a 25$600	51$200
Armação a 25$600	51$200	Altar	22$400
Cêra, 3 arrobas cada uma	192$000	Incenso, andador, etc.	16$000

de S. Salvador o conego Dr. João Carlos Monteiro e a Matriz, não obstante alguns concertos que recebera, ainda se encontrava em estado precario, porisso em sessão de 11 de Novembro de 1839 o vereador Dr. José Vianna disse que – «estando a Matriz, apezar dos reparos ultimamente feitos pelo Vigario João Carlos Monteiro, em estado de ruina e indecencia, tal que faz vergonha ao paiz, e contribue essencialmente para se perder o respeito á Religião Santa de nossos Paes, que não se póde manter se não rodeada de grande prestigio e explendor, para o que muito concorre a grandeza, o asseio e magnificencia dos Templos – propõe que se peça ao Presidente da Provincia, para incluir na lei orçamentaria a consignação de 200$000 mensaes para a continuação das obras.»

O vereador Vigario João Carlos Monteiro em 1843 apresentou uma indicação para que a Camara solicitasse do Governo Provincial a reconstrucção do templo, o que foi feito não só naquella occasião como tambem em 1844 e Junho de 1857, quando o engenheiro da Municipalidade scientificou que as torres da egreja ameavçavam ruinas e perigo e que convinha quanto antes se fizesse a demolição das mesmas.» Nem porisso a Matriz deixou de apresentar seus aspecto arruinado até 1860, quando o Visconde de Araruama vendo o estado desolador da Matriz se propoz a reconstruil-a. A Irmandade do SS. Sacramento

se incumbira da reconstrucção da capella-mor, por ser o logar do Tabernaculo, e a irmandade de N. S. dos Passos cuidou das obras da sua capella. O frontespicio da egreja já não tinha reboco, estando com uma das paredes lateraes fóra de prumo. O Visconde tendo sido nomeado festeiro de S. João Baptista, deliberou restaurar a egreja, dizendo:

– »Si eu desejo o asseio em minha casa, com duplicada razão o devo desejar na casa de Deus».

João de Almeida Pereira, Julião Ribeiro de Castro e Joaquim Ribeiro de Castro muito cooperaram naquelle emprehendimento. Como sempre, o que não fez a íniciativa do governo, poude bem fazer a iniciativa particular.

Em virtude das obras o Parocho passou a funccionar em Setembro de 1860 na egreja da Boa Morte, que ficara servindo de Matriz.

Concluidas as obras em Abril de 1862, foi benzida a egreja em 22 de Junho, ás 9 horas da manhã, sendo inaugurada com a festa de S. João começada a 22 de Junho. O Santissimo Sacramento e a imagem de S. Salvador foram pomposamente trasladados na tarde daquelle dia, sahindo da Egreja da Boa Morte, sendo entoado *Te Deum*, pregando o erudito pregador João Carlos Monteiro, que fez um tão empolgante discurso sob o thema – O Templo, – que provocou os seguintes comentarios do «Monitor Campista»:

O sr. conego Dr. João Carlos, na tribuna sagrada, tem exceptuado a regra geral. Filho legitimo da sciencia moderna, propugnador acerrimo das verdades da Cruz, subiu á tribuna em o dia 22 de Junho, onde os vôos da sua intelligencia occuparam maior espaço do que era seu costume. Quem ouvindo-o nesse dia de puro regosijo para Campos e de glorias para a Religião do Crucificado, seria capaz de deprecial-o? As bellezas que decoraram o seu discurso, as ideias bôas e utilitarias, unicas que approveitam á humanidade, assignalaram mais uma vez o triumpho do genio. A Philosophia – esse throno dos Gregos, o resumo das sciencias, teve nesse dia um fiel interprete; a Logica com seus argumentos e fórmas syllogisticas por elle foi explicada, quando ao mesmo tempo sua phraseologica era simples, porem repassada desse filtro fragrancioso, que dimana de uma alma crente, de uma alma que adora enthusiasticamente no Catholicismo a maravilha do Eterno.

«Sua dissertação – o Templo – esteve sublime e, em nosso humilde

pensar e gosto, encerra tanta inspiração que não se lhe pode negar a grinalda de Orador, e por isso o Brasil, fecundo em genios, tem reservado ha muito, de suas palmeiras, palmas virentes para tapeçar a brilhante avenida dessa verdadeira gloria do pulpito brasileiro. Apologista sincero dos sentimentos que o destingue na sociedade, e admirador de sua illustracção, cumpre-nos o dever de saudar o grande Orador.»

No anno seguinte (1803) foi que apromptaram a capella de N. S. das Dores, trabalho de talha do artifice Devesa. Os altares lateraes, tambem obras de talha, se concluiram na mesma occasião, excepto o de Santo Antonio que só ficou prompto em Novembro, obra do artista conterraneo João Luiz dos Santos.

Em 1869, a 21 de Fevereiro, uma faisca electrica fendeu a torre do lado leste (rua do Sacramento) e em 1878 o Conego Pelinca promoveu a reforma da egreja, cuja inauguração e benzimento teve logar a 14 de Novembro. As bandas de musica «N. S. da Conceição» e «Phil´Euterpe» tocaram na occasião.

Transformado a velha Matriz em Cathedral pela creação do Bispado de Campos, a egreja já apresentava, em 1928, cincoenta e um annos depois da ultima reforma, visiveis signaes de perigosa ruina, sendo demolida para surgir o estupendo templo projectado por D. Henrique Mourão e executado pelo extraordinario espirito de Monsenhor João de Barros Uchôa.

OS VIGARIOS – Durante este primeiro seculo da cidade exerceram a missão de Parochos de S. Salvador os seguintes sacerdotes:

Conego Dr. João Carlos Monteiro, desde 1828; morreu a 10 de Janeiro de 1876, ás 13 ½ horas. Era natural de Campos e filho de José Carlos Monteiro e d. Clara Delphina Rosa. No dia 6 recebeu os ultimos sacramentos e então, em hora tão solemne fez, no seu leito, com a eloquencia que lhe era peculiar, um discurso que fôra tão commovente que arrancou lagrimas dos sacerdotes e mais pessôas presentes. Nasceu a 16 de Julho de 1799 e falleceu com 76 annos. Foi carmelita e indo bacharelar-se na Universidade de Coimbra, secularisou-se. Voltando á patria obteve por meio de concurso a parochia de S. Salvador, da qual tomou posse a 5 de Julho de 1828. Foi deputado em varias legislaturas e vereador da Camara, assim

tambem Juiz Municipal. A primeira vez que D. Pedro II veio a Campos, (1847) brindou-lhe com uma caixa de ouro para rapé, e foi agraciado com o titulo de Conego da Capella Imperial.

Foi sempre muito admirado no pulpito. Elle sabia em uma linguagem clara e repleta de altos pensamentos e repassada de uncção religiosa, electrisar o seu auditorio.

Foi enterrado no Cemiterio da O. de S. Francisco.

Conego Luiz Ferreira Nobre Pelinca, desde Abril de 1876 regeu a parochia até 1896, quando retirou-se para o Rio de Janeiro por ter desinteligencia com o Bispo D. Francisco do Rego Maia. Substituiu-o o

Pe. Antonio Maria Corrêa de Sá, que tomou posse no dia 22 de Março de 1896. O melhor elogio que se póde fazer a esse vigario é repetir as palavras do Dr. Alberto Lamego: – «*Sacerdote virtuosissimo, viveu sempre na pobreza, sendo o seu funeral feito ás expensas dos seus amigos*.» Eloquente verdade!

Filho do povo, de familia pobre, campista dos mais dedicados á nossa terra, patriota e religioso, portador de uma vocação sacerdotal impetuosa, – Deus suscitou aquella alma branca como a hostia, mesclada de uma innocencia que se percebia na sua simplicidade e alheiamento ao mal, – para conduzir o rebanho campista a outros e novos pastos espirituaes, illustrando os catholicos, a quem edificava com o seu exemplo, no melhor exercicio da religião que são as praticas sacramentaes. Não extirpando de todo no animo do povo o costume e o gosto pelas pompas das exterioridades, o Padre Sá começou sua tarefa apostolica por doutrinar com afinco, com muita insistencia, para que o nivel do devocionismo dos seus conterraneos e parochianos ascendesse á altura conveniente, e isso descontentava muito aos infensos ao catholicismo.

É que, segundo já remarcou o Dr. Lamego no seu livro «Verdadeira noticia da fundação da Matriz de S. Salvador,» o padre Sá tinha uma «vida exemplar, deu grande impulso ás Devoções catholicas e por isso mesmo foi muito perseguido e caluniado.» De facto; os adversarios da Egreja assestam logo suas armas contra os bons sacerdotes, emquanto applaudem aos padres ruins, que não cumprem com os seus deveres, porisso que desmoralisam a Religião; e as armas de que sempre se servem taes detratores da Egreja são

as accusações artificiosas ou exageradas da *simonia* ou da abdicação da *puresa*.

Sendo notoriamente reconhecido o grande desapego do Padre Sá pelo dinheiro, ao ponto de receber dos fiéis as esportulas do seu ministerio e no mesmo instante repartir tudo com os seus pobres, (chefes de familia envergonhados, viuvas, e orphãos) que já o esperavam ao descer do altar para serem discretamente soccoridos na sachristia), – não podendo, porisso, ser elle taxado de – «negociar no balcão da egreja», conforme o *chavão* dos impios, não trepidaram ante a infamia de insinuarem-no como máu padre, atassalhando a honra e a virtude de um santo sexagenario!

Emquanto isso, o mundo catholico idolatrava o bom e singelo velho e a Santa Sé de Roma teve noticia de suas santas qualidades e logo lhe enviou o titulo nobiliarchico de Monsenhor, em Novembro de 1900.

Façamos-lhe tambem justiça: – Padre Sá foi o desbravador da aggreste floresta do indifferentismo e da impiedade: braços vigorosos em golpes certeiros, foi abatendo a ignorancia religiosa, cortando os arbustos da inconveniencia, semeando a semente escolhida da piedade christã com uma persistencia incançavel, por isso, com os perigos, as ameaças, as fadigas, soffreu a inclemencia dos cardos daquelle terreno ingrato, onde vegetavam urzes e vicejavam jôios tendentes a afogarem a vinha sagrada de Jesus Christo. Limpou o terreno mystico para a semeiadura que então fez mas que não poude concluir nem colher visto que, – altos designios de Deus, – a molestia tolheu-lhe os movimentos; a paralysia impedia-o de regar a sua cultura parochial, contudo, o principal e mais penoso trabalho estava feito, já podia ir para o Céo receber de Deus a paga do seu esforço, – toda aquella cooperação no preparo das almas para que a tarefa fosse avante já então pelo seu denodado substituto que foi o

Pe. ACHILLES MELLO. – Este puro e jovem sacerdote emprehendendo a grande tarefa de cuidar da Vinha do Nso. Senhor em Campos, desde 1915, agiu com precisão na extirpação das lagartas do indifferentismo religioso que ainda roiam uma ou outra folha da videira mystica, atrophiando a manifestação do viço desta. Seu zêlo, seu recato, sua capacidade de trabalho, seu enthusiasmo pelo triumpho de Deus, sua fé intrépida, tudo, tudo fazia criar o despeito, a inveja, accendendo o odio nos

espiritos inconsequentes que, pelo desnorteamento proprio eram infenso as bellezas da fé dos nossos avós. Nas trévas dos conciliabulos urdiram uma trama satanica, deshonesta e deshumana; emquanto na imprensa procuravam matar moralmente o padre, nos conchavos secretos planejavam matar materialmente aquelle homem que tinha por unico *crime* ser um bom servo de Deus. A imprensa sopprava as brasas da calumnia até que estas queimassem e incendiassem a inconsciencia brônca do populacho, triste instrumento de uma politica sectaria, – e assim escreveram com o sangue innocente de um ungido do Senhor, A PAGINA MAIS VERGONHOSA DA NOSSA HISTORIA, e que pela selvageria e inconsequencia prejudicou irremediavelmente a boa fama dos Campistas, da terra que sempre foi tão hospitaleira e religiosa, centro de CIVILIZAÇÃO CHRISTÃ, gente de cultura e de cordura, população que toléra toda a custa de adventicios, com seus defeitos, suas idéas, suas crenças e até seus crimes...

A Historia precisa ser sevéra no castigo público desses infelizes adventicios e campistas sem amor á justiça e ao Bem; a Historia precisa *desafrontar o nome de Campos*, marcando bem com um ferro em braza, aquella turba de desgraçados sectarios, sem moral, sem consciencia, sem caridade e até sem humanidade, instinctos de féras a mover corações denegridos pela culpa, cujas féras bem mereciam a proscripção do seio da sociedade civilisada que nos congrega e que nos exalta, – pois, miseravel foi o pretexto, e pobre de próvas, para se precipitarem desrespeitosamente pela Matriz, na tarde de 15 de Maio de 1918, e de lá arrastarem para a rua da Amargura, pelos meandros de um novo Calvario, aquelle digno imitador de Christo, martyr do dever, apostolo e confessor da fé, e si não tiveram tempo de corôa-lo de espinhos, nem pôr-lhe aos hombros o lenho da condemnação iniqua, corôaram-lhe sem intenção com a corôa da gloria de soffrer pelo Divino Mestre no carregar venturosamente a cruz sublime da santificação.

Pe. Dr. Olympio de Castro – Substituiu ao padre Achilles, desde 20 de Maio de 1918 até 20 de Abril de 1919.

Pe Dr. Antonio Carmello – Em 1919, a 20 de Abril tomou o pastorado da Freguesia de S. Salvador este illustrado sacerdote e forte polemista, escriptor de renome que já tem publicado apreciaveis livros de bella literatura.

Com ser a Matriz elevada a Cathedral em Junho de 1924, foi o Pe. Carmello nomeado cura da Cathedral, cargo que renunciou em 1931, tendo por sucessor o Pe. Magaldi que funccionou como Cura da Cathedral apenas alguns mezes, quando o cargo foi entregue ao infatigavel Conego João de Barros Uchôa, o prestimoso sacerdote que levantou o faustoso monumento que hoje tanto desvanece aos campistas. – a Cathedral.

Mais adiante trataremos dessa joia d'arte.

EGREJA DO SACCO – Falar nas festas da egrejinha do Sacco é tanger suavemente as cordas de muitos corações enlevados pelas doçuras da Tradição Campista. Oh! As festas do Divino! aquellas temporadas festivas de 1854!... de 1870!!... de 1822... Os romeiros de 1836 já não existem certamente... a não ser que ainda reste um ou outro coração alquebrado pela velhice, de alguma «mucama» africana ou decrépito ex-pagem dos «sinhô-moços» daquelles tempos que se afundaram no Preterito.

As festas do Espirito Santo no Sacco eram procuradas pelas romarias dos nossos ascendentes, com uma predisposição de animo adoçada da melhor ingenuidade, com um ardor religioso enfeitado de garridices interessantes. Ir ao Sacco naquelles tempos de cincoenta ou oitenta annos passados, era aprestar-se para viagens bem distantes... que não dispensavam os bucéfalos, os «carros-de-bois», os «sociaveis» e depois... a estrada de ferro!

Nas festas de 1854 a policia achou de bom alvitre publicar o seguinte edital: – «Tendo-se de festejar no dia 11 de Junho ao Divino Espirito Santo, na capella de N. S. do Rosario do Sacco, fica expressamente prohibido o correr-se a cavallo ou em qualquer transporte de condução puxado por animaes, em todas as *estradas* que se dirigem áquella egreja; os contraventores desta ordem serão presos em flagrante delito e punidos com 24 horas de prisão. – O escrivão, Franco».

O facto é que nem o rigoroso frio de Junho impedia aquella animação das bizarras festas do Sacco. A população ali ficava por dias, nos carros, ou em abarracamentos, pois a *distancia*... era grande de mais para as idas e vindas diarias em todos os dias de festas que se prolongavam por uma semana, ás vezes mais. Os programmas daquellas festas campestres eram que mais faziam babar de goso áquella multidão rica de bonhomia e simplicidade –

aqui rodopiavam os «cavallinhos de páu» com o indefectivel «João Paulino»; ali bamboleava o «boi pintadinho» com o respectivo «Pae-João» e «Mãe-Maria»; acolá a garotada tentava em pura perda escalar o viscoso «páu de cêbo»; por todo o adro barraquinhas originaes e pela redondeza perambulava a «folia» do Divino, com sua bandeira escarlate ajaezada de fitas multicores, com seus meninos e meninas de trajes caracteristicos e côres berrantes a cantarem agitando pandeiros e chocalhos, na cadencia de um motivo que era bem esganiçado pela clarinêta, emquanto um bombardino grunhento desperdiçava o contra-canto e o piston dizia «quialteras» arrevezadas pelo sopro forte do Felismindo-Cégo, e os sac-horns respondiam «gruppêtos» ás deixas graves do bombardão...

O «clou» das festividades externas estava na procissão, assim tambem no «imperio», e em tablados faziam-se as danças de jardineiros, de anões, de caboclinhos, onde ha uns quarentas annos passados o Manoel Pereira adquiriu o gosto por essas festas populares e assumptos da caboclada local. A chave das festas eram os classicos «fogos de vista», em que tanto se esmeravam os velhos profissionaes da polvora, o commendador Bernardino de Senna, o Balthazar Campista, o Portal, o Mesquita e mais modernamente o popular Antonio Patrão.

As procissões faziam seus percursos pelas estradinhas poeirentas, e em 1879 chegou a vir até á rua de S. Bento, voltando pela «estradinha do Outeiro» (rua Gil de Góes) Naquelle anno a Estrada de Ferro Campos-Macahé offereceu uma novidade á festa – o seu novo meio de transporte, fazendo «*trens especiaes*» *da Corôa ao Sacco*!... a 500 a passagem de ida e volta!! afóra os nickeis para o bond que da Praça ia até á porta da estação.

As terras do Sacco pertencia á fazenda de Manoel Rodrigues. Ali, na margem do Parahyba onde foi fundada, havia perto um aldeiamento de indios guarulhos, missionados pelos frades capuchinhos (franciscanos), em cuja intimidade vivia o dito Rodrigues, que chegou a ser syndico daquelles religiosos. Alem disso, crearam-lhe um filho, «moço de agudo engenho e que fallava melhor a língua daquelles indios do que a propria». Quando os capuchinhos francezes foram obrigados a desprezar o territorio e vieram substitui los os religiosos portuguezes, já o filho do syndico Rodrigues era

ordenado padre e a elle commetteram o cuidado dos indios guarulhos, «o que fez com tanto espirito e zêlo da conversão delles que, tendo muitas vezes entrado pelas vastas regiões florestaes, de lá trouxera muitos indios para viverem nas aldeias».

A egreja do Sacco em 1903 foi rescontruida pela Devoção de S. Domingos de Gusmão, (hoje inexistente), e totalmente reformada pelo capitalista Admardo Alves Torres em 1924. Agora está elevada á categoria de Matriz, por ter sido creada na zona mais uma parochia, por D. Henrique Mourão.

ENTERRAMENTOS NOS TEMPLOS – Uma portaria do Vice-Presidente da Provincia datada de 30 de Junho de 1835 approvou a prohibição formulada pela Camara na postura de 12 de Junho dos enterramentos nas egrejas, dando o praso de um anno para começar a vigorar, portanto em Junho de 1836. Em Dezembro de 1835 a Camara consultou á Ordem Terceira de S. Francisco se queria concorrer para o novo cemiterio, sendo feitas iguaes consultas ás irmandades do Santissimo Sacramento, N. S. dos Passos, Terço, Rosario e S. Benedicto.

EGREJA DA LAPA – Já disse com muita propriedade o Padre José Severino que a ermida da Lapa é a avó das egrejas de Campos. Ella foi reformada em 1872, sendo ás obras devidas á iniciativa do padre João Antunes de Menezes e Silva sendo então bensida a 23 de Março. Antigamente, ainda em 1845 a egreja possuia 2 torres, conforme uma gravura que está na Bibliotheca Nacional, e foi o local de pomposas festas do Mez de Maria, que tinham por principal promotor o dr. Antonio Secioso.

PROCISSÃO DE CINZAS – Era uma cerimonia inicial da Quaresma, que se organisava na quarta-feira de Cinzas, sahindo o cortejo da egreja de S. Francisco, e que ficou por muitos annos sem ser promovida devido a um desentendimento entre o Vigario e o Comissario da Ordem de S. Francisco.

Em 1856 recomeçou a ser feita, com seus Anjos e Archanjos, as figuras representativa de Adão e Eva expulsos do Paraizo, o Santo Lenho conduzido pelos ministros sob o pallio roxo, e com o acompanhamento do 13º Batalhão de Infanteria da Guarda Nacional.

Sahiu pela ultima vez no anno de 1859. Outra procissão que desde muitos annos não tem sido feita aqui é a do «Triumpho», que era organizada na egreja da Ordem do Carmo, nos domingos de Ramos, formada com sete andores representando Jesus Christo desde o Monte Olivete até do Monte Calvario. A ultima vez que se fez foi a 24 de Março de 1907.

AS FESTAS DO DIVINO – Andaram muito em vóga nos annos que antecederam ao de 1856, cahindo então no desuso, e eram celebradas na Matriz. Até 1854 foram feitas com o costumado «annuncio do programma feito por... *mascarados*»... Os antigos gostavam muito de certas palhaçadas, e porisso nas festas religiosas, bem como nas civicas, não prescidiam elles de intercalarem certas esquisitices que hoje julgamos mais que ridiculas. As festas do Divino attrahiam muitos habitantes do interior, e no citado anno foi festeiro o commendador José Gomes da Fonseca Parabyba, que promoveu a folia, um baile de mascarados em tablado na Praça Principal, o «imperio» com a respectiva «corôação do imperador da festa», e na mesma praça em que hoje estão os grammados com florinhas rosadas, hermas dos poetas, arborização bem cuidada, foi feita uma luzida e bem movimentada «*cavalhada*» que maravilhou ao povo, pelo adextramento dos cavallos, garbo e dextresa dos «mouros» e «christãos» de ricas endumentarias.

Pela ultima vez foi feita aquella festa, na Matriz, no anno de 1855, com a folia e seus foliões vestidos de vermelho e ouro, capacêtes rutilantes, assim o «bando de encamisados» e «os mascarados bem vestidos». Desde então não se viu mais ali na Praça o baile *masquée*, os leilões de prendas em que preponderavam os galinaceos e leitões grunhidores, nem mais o «Imperio» e os «bonecos de fogo» da pyrothenia indigena.

PROCISSÃO DOS PASSOS – Perde-se pelos tempos da antiga Villa a data da instituição da «Imperial Irmandade de N. S. dos Passos», erecta na Matriz, e que promovia a tocante procissão de Nosso Senhor dos Passos, tão conhecida e estimada dos campistas. Era uma irmandade da antiga nobreza campista, tal o numero de titulares que muito se faziam repistonudos quando se revestiam dos balandráus roxos de borlas douradas. Com o advento da republica, quiçá com o exterminio da escravatura, a irmandade imperial tambem experimentou a força da

democracia e a decadencia dos barões, viscondes e commendadores, tanto que foi lentamente admittindo em seu gremio os fiéis sem titulos de nobresa ou bens de fortuna.

As ultimas columnas dessa communidade religiosa ha annos extincta foram: José Ribeiro de Castro, José Francisco de Mattos Pimenta, Dr. José Heredia de Sá, Julião Ribeiro de Castro, Francisco Pereira de Miranda Pinto, José Vaz Corrêa Coimbra, José Francisco Nunes de Azevedo, Germano Rodrigues Peixoto, João José Nunes de Carvalho. Dr. Augusto Octaviano Bessa.

A irmandade tinha por seu compromisso promover a Festa da Exaltação da Cruz, que era feita com grande pompa em 3 de Maio, e na terceira dominga da Quaresma a solemne Procissão dos Passos. Nem por ter desapparecido a Irmandade com os seus "barões assignalados", deixa de ser promovida, annualmente, a commovedora Procissão do Encontro, sempre precedida pela classica figura roxa da Morte a sopprar sua tuba lúgubre á frente do guião, o celebre lábaro violacio com as iniciaes: S. P. Q. R. lembrando o estandarte dos Romanos, sob cujo poder foi condemnado a morte Jesus Christo.

Aquellas letras querem dizer: «*Senatus Populus Qui Romanos*» (o Senado e o Povo Romano) que era a formula usada na promulgação das leis da republica romana, segundo alguns historiadores, mas um genio catholico accomodou essas letras assim interpretando-as: «*Salva Populum, Quem Redimisti*», isto é, "*Salva o Povo Que Redimiste*".

Em 1861 a Procissão dos Passos sahiu da egreja da Lapa por se achar a Matriz em obras. Outras Irmandades que se extinguiram foram: *Irmandade de Santa Ursula*, (da Matriz) a *Irmandade de N. S. Mãe dos Homens*, instituidora da Santa Casa de Misericordia; outrora essa communidade que vicejava já em 1854, promovia a tradicional Festa da Visitação, a 2 de Julho, a que comparecia a Camara Municipal encorporada.

Ultimamente (cerca de 30 annos) foram tambem se extinguindo as antiquissimas irmandades *do S. S. Sacramento* e a *de S. Miguel e Almas*.

SANTA CECILIA – Os musicos campistas sempre tiveram muita veneração pela sua Patrona, a martyr romana Santa Cecilia. Em 1853

foi benzido o altar onde se collocou o painel representando a mystica musicista, na egreja do Terço, sendo então feita a primeira festa, promovida pela «*Corporação Musical*» procedendo-se a nomeação do Provedor que festejaria a Santa dos Musicos no anno de 1854, recahindo a escolha em Antonio Pereira dos Anjos Barreto, (contralto e rabequista), tendo por companheiros de administracção a Manoel Baptista Pereira de Castro, Bartholomeu Francisco dos Reis e Joaquim José Teixeira de Castro. Outros membros proeminentes da «Corporação Santa Cecilia» eram: Florentino José Viveiro, Tiburcio Dias de Moura, Romualdo França, Francisco Barbosa Xavier dos Reis. Nos dias da festa compareciam na egreja do Terço todas as bandas de musica da cidade, porem, com o correr dos annos, os homens das harmonias se fizeram desharmoniosos, «atravessando o rithmo», isto é, levantaram as rivalidades do partidarismo, torcendo o «compasso» do hymno da camaradagem e devocionismo, e assim, já não se via em 1884 e annos seguintes, reunidas no terço as bandas Phil'Euterpe, Apollo, N. S. da Conceição, Conspiradora.

A formosa imagem da virgem foi adquirida e collocada no nicho do altar do Terço em 1859. No sabbado 17 de Dezembro á tarde, fez-se a trasladação solemne da imagem, da egreja da Lapa onde fôra depositada, para a egreja do Terço, depois de benzida, pregando na occasião o então novo levita Joaquim Pereira Jorge Guaraciaba e o admirado musico Zepherino tocou uma das suas celebres *variações* no seu ophicleide.

Naquelles dias o ophicleide era... o "succo"...

EGREJA DA BOA MORTE – O nosso povo tem uma grande predilecção pelas festividades dessa egreja dedicada á morte e assumpção de Nossa Senhora. As procissões de 14 e 15 de agosto têm uma concurrencia extraordinaria. No anno de 1858 foi feita a Procissão da Assumpção que havia muitos annos não era feita. Em 1857 uma faisca electrica cahiu, pela madrugada, na torre da egreja, desmoronando parte della e damnificando tambem o predio contiguo.

Em 1867 procedeu-se ás obras de embellezamento da egreja e sendo sagrada no dia 10 de Março.

A Ordem Terceira da Boa Morte teve esforçados e mui

dedicados irmãos, taes como: Barão da Boa Viagem, Domingos José Velasco, Barão de Itaóca, tenente-coronel Antonio Rodrigues da Costa, Joaquim José da Silva Vianna, Julião Baptista Pereira de Almeida, Manoel da Silva Assumpção Campista, Epiphanio José de Souza, tenente José da Silva Pereira, Mauricio Encrenaz, Pedro Luiz Rousseau, Lauro José Pinto de Freitas, Manoel Pereira da Rocha, José Nunes Teixeira, Francisco Luiz Minucci, Lubelio Pinto Carneiro.

Muito contribuiu para a reedificação da egreja em 1913 quando foi feita a fachada pela rua dr. Alberto Torres, o engenheiro dr. João Manhães Barreto.

Teve um antigo commissario, o Conego Joaquim Pacheco.

EGREJA DE S. FRANCISCO – É um dos mais antigos templos da cidade construido pelos terceiros franciscanos e sómente a torre é que foi construida em 1857, no 24º anno de cidade. O templo foi traçado pelo barbadinho italiano que tambem edificou a egreja de S. Fidelis.

Em 1871 a Ordem Terceira promoveu a construcção de um hospital, ao lado esquerdo do seu templo, cuja primeira pedra foi collocada a 11 de Março, ás 4 horas da tarde, tendo o coronel Francisco Rodrigues de Abreu Caldeira feito o donativo de 5 contos, dedicando-se muito no trabalho daquella edificação o Conego Antonio Pereira Nunes, dr. Francisco Coelho, dr. Velloso Rebello, dr. Antonio de Mattos Judice, dr. Alvaro de Lacerda.

Foi por muito tempo commissario da Ordem o virtuoso padre Manoel de Oliveira Pecegueiro.

EGREJA DE SANTA EPHIGENIA – A Irmandade de Santa Ephigenia tinha sua séde na egreja de N. S. do Rosario, e lá fazia as festas de sua Oraga, porem em 1853 deliberou construir seu templo, e foi primeiramente escolhido o local na rua do Theatrinho (depois chamada de Santa Ephigenia), cujas obras foram começadas no mez de Fevereiro. O povo, ás tardes, carregava pedras para a construcção do templo, porem no dia 3 de Maio indo os devotos ao local escolhido para a edificação, tiraram a pedra angular e transportaram-na para outro local, onde hoje se acha o templo, na então orla da lagôa do Cortume.

Era Juiz da Irmandade naquelle tempo o irmão dr. João Baptista

de Lacerda e dirigiu as construcções o mestre d'obras Joaquim da Penha. Antes de proseguirmos, abramos aqui um parenthesis, fugindo por instantes do assumpto, para fazermos um louvôr muito justo, aos nossos antigos e obscuros constructores. Quem considerar que aquelle templo de Santa Ephigenia foi constuido num local outr'ora sujeito aos charcos dos aguaceiros pluviaes que ali perduravam constituindo bréjos a que se dava o nome de – «lagôa do Cortume» ou do «Osorio»; quem considerar a estrutura daquelles alicerces e paredes que resistiram á impetuosidade e permanencia das aguas da grande cheia de 1896, as quaes penetraram na egreja n'uma altura de mais de metro, sendo as imagens retiradas em canôas que entraram na egreja até junto dos altares; quem considerar que em todo o templo está a maior solidez sem que, nem por durar muitos dias a innundação, se verificou a mais leve depressão ou frestas na construcção, admirará e formulará o maior conceito da capacidade profissional do *mestre Penha* e seus obreiros, que, si vivessem agora, teriam asco ao reparar as obras dos conteporaneos que, muitas d'ellas, hoje são erguidas e amanhã já desprendem os rebôcos e depois d'amanhã já reclamam urgentes e consecutivos concertos para que não desmoronem...

As obras da construcção da egreja de Santa Ephigenia tiveram soluções de continuidade; em 1859 estavam de todo paralizadas por falta de recursos; as paredes apenas erguidas sem cobertura, havia em todo o recinto muito matto. O padre Dionysio Manhães Barreto que era Juiz da Irmandade no anno de 1865, bem como o procurador José Francisco Toscano deram muito impulso as obras; tambem a mesa administrativa de 1867, notadamente o thesoureiro Antonio José Pereira da Silva, e o incansavel procurador Guilhermino de Sá Vianna com o concurso das irmãs dd. Luiza Rosa Almirante Porto Leite, Francisca Isabel Corrêa de Moraes, Anna Gomes Leite, Antonia Carolina de Oliveira Carvalho e Thereza Leopoldina de Carvalho Vianna, muito trabalharam, promovendo kermesses em beneficio das obras.

Em 1859 foi collocado telhado; 1870 o assoalho, em 9 de Outubro desse anno, teve logar o benzimento do templo, havendo Missa ás 9 horas e á tarde «imperio» no adro. Á noite ladainha, e n'um tablado

danças de jardinheiros.

No dia seguinte foi celebrada missa de *requien* pelas almas dos bravos brasileiros que morreram na campanha do Paraguay. Em 1874 d. Luiza Rosa Leite de Faria fez doação da imagem de N. S. do Livramento, mandando construir o altar.

Foi a *primeira egreja* construida depois que Campos se tornou cidade. A segunda a ser construida foi a Matriz de Santo Antonio de Guarulhos e a terceira a de S. Benedicto, conforme os leitores verão mais adiante.

SOCIEDADE DO BOM PASTOR – Em 1862 o padre Manoel de Oliveira Pecegueiro juntamente com João Esberard e o dr. Antonio Secioso Moreira Sá instituiram no mez de Maio a Sociedade do Bom Pastor, destinada ao ensino nos domingos, da doutrina e moral christã aos meninos pobres. (Os meninos de paes ricos ou de algum recurso aprendiam a doutrina nos collegios).

Para incitar e facilitar os chefes de familia pobres a enviarem seus filhos, – a sociedade lhes dava uma esmola e fazia vestir e calçar os meninos que necessitavam de roupa e calçado.

Em 1876 o vigario conego Luiz Ferreira N. Pelinca, iniciou na sua matriz em 25 de Maio o ensino do catecismo aos meninos e a 28 do dito mez deu a primeira aula ás meninas.

O primeiro catechista em Campos, foi Carlos F. Arantes em 1857, preparando as engeitadas e orphãs da Santa Casa de Misericordia para que fizessem sua primeira communhão na festa de Santa Izabel, a 2 de Julho, na egreja Mãe dos Homens.

Agora ha aulas de catecismo em quasi todas as egrejas e capellas, bem como nas escolas publicas, ministradas por almas apostolicas e devotadas ao bem.

MATRIZ DE GUARULHOS – No fim do seculo XVII foi eregida uma capella na aldeia de indios guarulhos, perto da fóz do rio Muriahé. A capella que servia de Matriz depois de algum tempo foi arruinando até que ruiu, sendo reconstruida em 1852 pela piedade do Barão de Muriahé. Como ficasse a dita matriz retirada por alguns kilometros do «povoado» que na margem do Parahyba ia se desenvolvendo por ficar fronteiro á

cidade, o vigario Conego João Pessanha Baptista com alguns fazendeiros guarulhenses deliberaram construir nova egreja á margem do Parahyba e em 1853–55 promoveram uma subscripção para tal fim.

Como pretendessem precipitar a marcha da tentativa, em 12 de Fevereiro de 1855 conduziram a primeira pedra da nova egreja em uma canôa enfeitada de flammulas para o terreno fronteiro á «Corôa», adquirido pelo Barão de Muriahé ao seu genro, o Commendador José Ribeiro de Castro, cujo terreno que tinha 100 x 50 braças foi doado á Mitra. A pedra foi benzida pelo Vigario segundo o ritual, acolytado pelos padres João Antunes, Guedes e conego Marianno.

José Peixoto de Siqueira fez doação de todas as portadas do templo, e ficou constituida uma commissão para tratar das obras, pelo Barão de Muriahé, Barão do Itabapoana e José Francisco da Cruz Peixoto. Quatro mezes depois, falleceu o Barão de Muriahé e o vigario Baptista passou a substitui-lo na commisão de obras, tendo a viuva Baroneza de Muriahé se compromettido a auxiliar nas despezas da construcção.

Depois de uma paralyzação prolongada, foram as obras recomeçadas a 1 de Abril de 1857, e os alicerces ficaram promptos em Abril; em Junho foram levantadas as paredes.

A planta apresentava um zimborio que não foi construido.

Em 1858-59 as obras continuaram, tendo em Agosto o vigario Pessanha Baptista deixado o vigariato, sendo substituido na commissão pelo padre Manoel Florentino Cassiano de Campos. Em 1860, pelo mez de Fevereiro, foi aberta a concurrencia para a arrematação das obras de conclusão da Matriz, orçada em 81:599$000 pela Directoria de Obras Publicas da Provincia. Nesse mesmo anno, a 27 de Setembro, foi nomeado vigario da freguezia o Conego Joaquim José Pacheco Guimarães, que tomou posse do cargo em 25 de Outubro.

Na sessão da Camara de 17 de Julho de 1865 os vereadores Thomaz Coelho e Joaquim Faria propuzeram «que a Camara reiterasse ao Governo Provincial o pedido já feito de mandar entregar ao Parocho de Guarulhos a obra da matriz e o material ali existente, visto propor-se o mesmo Parocho a concluir essa obra ás expensas dos seus parochianos,

e achar-se o actual templo (na Aldeia) em estado de ruina, e incapaz pela sua pequenez e indecencia de prestar-se ás necessidades do culto.»

Satisfeita a vontade do Vigario Pacheco, esse parocho desenvolveu apreciavel actividade, conseguindo em pouco tempo a conclusão das obras do bonito templo, um dos mais bellos da cidade, pelas suas symetricas arcadas e columnas quadrangulares. A inauguração da nova Matriz de Guarulhos teve logar a 6 de Setembro de 1874, sendo benzida ás 4 horas da tarde. No dia seguinte houve a procissão de trasladação da imagem de Santo Antonio, o padroeiro da Parochia, e demais imagens que estavam na matriz da Aldeia para o novo templo, havendo sermão á entrada da procissão pelo padre Joaquim José Teixeira de Castro e em seguida se entoôu «Te Deum».

No dia 8 de Setembro foi celebrada a festa de Santo Antonio, havendo missa cantada, sermão pelo conego Antonio Pereira Nunes, sendo a orchestra regida por Manoel Baptista de Castro, á tarde houve «danças de anões», «de velhos» e «dos caboclinhos», dedicadas á Baroneza de Itabapoana a grande bemfeitora da Parochia.

O vigario Conego Joaquim Pacheco parochiou a freguezia de Guarulhos durante *quarenta annos*, porisso que era ali geralmente estimado por uma geração a quem elle ingressára na Religião pelas águas regeneradoras do baptismo. Falleceu á 11 de Dezembro de 1900 e foi seu substituto o Conego Candido Marinho de Oliveira, que parochiou a Freguezia até 1906, morrendo a 7 de Janeiro.

O vigario de Guarulhos desde então, foram: Pe. Frederico Rabble Keller, padre Luiz Salomondi, padre José Chiaromonti, padre Paulo Di Santi, padre Abilio Mendes, e presentemente a parochia é assistida por padres agostiniados.

EGREJA DE S. BENEDICTO. – A Irmandade de S. Benedicto, conforme a de Santa Iphigenia, funccionava na egreja N. S. do Rosario, e em 1865 a mesa administrativa deliberou construir um templo onde funccionasse á parte. Porisso, na sessão da Camara de 15 de Março daquelle anno foi lido um requerimento da commissão encarregada pela Irmandade de S. Benedicto «propondo *a compra do terreno* de propriedade da Camara situado na Praça Municipal, comprehendido entre as ruas

do Principe e Ouvidor, fazendo face á Travessa do Curral e fundos para os terrenos dos herdeiros de José Francisco de Oliveira, para nelle ser edificada a capella do mesmo glorioso Santo.»

Em 22 de Outubro de 1865 foi collocada a primeira pedra; foi conduzida processionalmente a imagem de S. Benedicto, desde a egreja do Rosario até a praça Municipal e o Vigario Conego João Carlos Monteiro acolytado pelo capellão da Irmandade, procedeu ao benzimento da pedra angular, voltando em seguida a imagem para a egreja do Rosario. No anno seguinte, no mez de Abril, começaram as obras segundo a planta de Leandro Baptista Lory, (só não se construindo as duas torres projectadas). Era então thesoureiro João Francisco de Oliveira Filho, que foi substituido no cargo pelo denodado irmão Sylvestre José Pereira Guimarães, que foi um baluarte da irmandade para a erecção do seu templo.

Em 1868 sendo thesoureiro o padre Manoel de Oliveira Pecegueiro, promoveu uma subscripção em favor das obras, entre as pessoas ricas que puderam contribuir com 1:000$000 cada uma, ajudando-o nessa tarefa os irmãos Joaquim Gomes Barroso, Dr. Antonio Ribeiro de Castro e Felismino José Teixeira. Em 1874 prosseguiram as obras que vinham tendo sempre a melhor cooperação de Sylvestre Guimarães, bem como a de Francisco José de Oliveira Castro, Francisco Dias Furtado, Dr. Antonio José de Mattos Judice e José Gomes Barroso.

Na vespera do Natal de 1875, não obstante não se acharem concluidas as obras, foi feita á tarde a trasladação da imagem do milagroso S. Benedicto, da egreja do Rosario para a sua nova egreja. Era então Juiz da Irmandade Antonio José Pereira Martins.

As construcções foram dirigidas pelo engenheiro José Corréa Fernandes e o mestre de obras Chrispim Corrêa da Silva, sendo a capella-mór de estylo corinthio.

Actualmente, com o ser a egreja elevada á Matriz da Freguezia de S. Benedicto, pelo Bispo D. Henrique Mourão, é uma das mais movimentadas egrejas da cidade, tanto mais que cada vez cresce a devoção da população ao querido santo siciliano, até mesmo das pessôas refratarias ás leis da Egreja, tal o beneficio que experimentam

do culto prestado ao grande leigo franciscano.

PADRES CAMPISTAS – Dentro deste Centenario a terra de S. Salvador deu varios levitas á Egreja. O primeiro sacerdote que cantou sua Missa Nova foi o padre *Ricardo Mauricio de Oliveira Filho*, a 1º de Janeiro de 1855. No anno seguinte, na festa de N. S. da Penha cantou a 1ª missa na egreja do Terço o religioso carmelita, *frei Antonio de Santa Delfina Collares*, em 30 de Maio de 1856. Na mesma egreja e a 10 de Maio de 1857 tambem na festa de N. S. da Penha, celebrou a 1º missa *padre Francisco da Cruz Paula*. Em 1859 *padre Manoel Capistrano de Almeida*, em 1º de Janeiro na festa de S. Benedicto na egreja de N. S. do Rosario; (falleceu 5 annos depois, em Dezembro de 1864). Em 1860 *Pe. Antonio Pereira Nunes* (tio do Dr. Benedicto Pereira Nunes), em 19 de Fevereiro, na festa de N. S. do Parto na egreja do Terço; *Pe. Francisco Luiz Goitacaz*, em 30 de Março, na Matriz, festa de N. S. das Dores. Na noite do Natal de 1860, *padre João Norberto da Costa Lima*, na egreja de S. Francisco. Foi um grande tribuno, muito illustrado, cuja erudição empolgava aos auditorios. Mucio da Paixão, que não morria de amores pelo cléro nem pela religião por seu espiritista, não poude deixar de render seu culto á verdade e sua admiração por João Norberto (o Monte Alverne campista), escrevendo no seu livro – «Movimento literario de Campos» as seguintes linhas:

«Sua eloquencia fragorosa, brotava em jorros donde faiscavam as cambiantes de um opulento estylo: as imagens, lhe irrompiam dos labios numa profusão polychromica, bordando os mais transcendentaes problemas da philosophia; inflammado pelos fulgores de seus assumptos, tratados com uns cuidados de artista, o padre João Norberto transfigurava-se na tribuna, e subindo das pequenezas da terra, parecia num vôo ascencional attingir aos explendores do céo. Quando terminava as suas famosas orações, por pouco que mãos frementes de enthusiasmo não reboavam pelas abobadas dos templos os applausos de admiração».

Falleceu a 17 de Agosto de 1877. – Em 2 de Fevereiro de 1861, cantou Missa Nova na festa de Santa Cecilia, na egreja do Terço o *padre Joaquim Teixeira de Castro*. – Em 1862, o *padre Manoel Luiz Ferreira Pinto*, na festa de Santa Rita de Cassia, na egreja da Boa Morte, a 21 de Setembro

em 1866, o *padre José Cardoso Pereira Lobo*, filho do alferes Joaquim José Cardoso Pereira Lobo, que celebrou sua missa nova em suffragio da alma de seu pae, a 13 de Outubro, na egreja de S. Francisco. Mais tarde secularisou-se. Em 1877, na Matriz de S. Salvador, festa de S. Sebastião, a 20 de Janeiro cantou a primeira missa, o *padre Antonio Maria Corrêa de Sá*.

Em 1926 cantou sua missa nova, o *padre Gentil de Castro Faria*, na egreja do Terço, em 25 de Março, tendo sido ordenado na Cathedral a 21.

Em 1927 foi ordenado o *padre Augusto José de Assis Maria* aos 15 de Maio. Em 1929, na matriz de S. Benedicto, foi ordenado o *padre Antonio Francisco Maria Dvoreczhy*, a 30 de Março, cantando a 1ª missa a 31 na Cathedral provisoria (Carmo); em 1932 canta a 1ª missa na matriz de S. Benedicto, o *padre Jorge Letto*, a 3 de Janeiro; e no anno de 1933, aos 6 de Janeiro, o *padre Venceslau Fuentes de Carvalho*, em S. Eduardo. Na Cathedral provisoria, a 18 de Dezembro de 1932 foi ordenado o *padre Antonio Souto Ribeiro do Rosario*, que cantou a 1ª missa na matriz do Terço, no dia do Natal.

Até aqui viemos annotando apenas os padres conterraneos que celebraram suas primeiras Missas. Generalisemos agora os nossos registros acerca do cléro de Campos.

Um illustrado socerdote campista foi o *Monsenhor Dr. Anacleto José Ribeiro Coutinho*, que nasceu aqui em 1799 e recebeu o grau de doutor em 1834 na Faculdade de São Paulo, de cujo corpo docente ficou fazendo parte. Era camarista honorario do Papa Pio IX, desde 1847 e o Governo Imperial concedeu-lhe a commenda da Ordem de Christo. Em 1852 foi nomeado Vigario Geral do Bispado de S. Paulo e em 1853 foi vereador e Presidente da Camara Municipal Paulicéa. Morreu em Setembro de 1881, em S. Paulo.

Padre Agostinho dos Santos Collares. Foi discipulo dos padre-mestres Salles e Fraga Loureiro. Logo que foi ordenado militou na politica e pela sua grande popularidade e prestigio politico oriundo do seu caracter, logrou sempre ser candidato dos mais votados pelos suffragios populares, tendo sido nomeado vereador em varias legislaturas.

O *Padre Francisco da Cruz Paula*, depois conego e monsenhor, era outro sacerdote muito popular e bemquisto, já pela sua lhãnesa, já pela sua dupla missão: Religião e Instrucção. Foi assim que quando o "*Padre Chiquinho*",

como era geralmente conhecido, foi distinguido com a nomeação de Conego da Capella Imperial, os seus ex-discipulos promoveram-lhe expressiva manifestação, offertando-lhe valioso annel uma grande amethista circundada de brilhantes. Os manifestantes, que assim protestavam reconhecimento ao seu antigo mestre, foram: Dr. Manoel Coelho Barroso, Dr. Olympio da Silva Pinto, Dr. Feliciano Manhães Barreto, Dr. Antonio Manoel de Azevedo, Dr. Joaquim Duarte Pimenta Bueno e Dr. Manoel Joaquim da Silva Pinto.

Foi coadjuctor da Matriz de S. Salvador e Vigario de S. Gonçalo e S. Francisco de Assis, finalmente Vigario da Parochia de N. S. do Terço, em cuja funcção falleceu.

Muitas pessoas ainda se lembram d'um velho sacerdote muito apreciado na tribuna sagrada, o *Padre Francisco Cardoso de Mello*, natural de Portugal e que chegou nas plagas camposinas a 26 de Abril de 1857 pelo vapor "Macahense" vindo do Rio, em companhia de sua mãe e duas irmães. Parochiou por muitos annos a freguesia de Morro do Coco.

Esse sacerdote tinha uma particularidade mui apreciavel na sua oratoria todos os annos vinha á cidade para fazer o sermão da Paixão, nas sextas-feiras da Semana Santa, e tal era a entonação da sua voz, a precisão dos seus argumentos, a compunção que infundia no coração dos ouvintes ao descrever os lances da morte do Homem-Deus, que commovia aos mais indifferentes, arrancando fartas lagrimas não só dos seus sensitivos ouvintes como até delle proprio.

O padre *Manoel José Pereira Brados*, mais tarde conego, auferia muita influencia da sociedade campista, nos ultimos annos da Villa de S. Salvador e primeiros annos da cidade. Presidia a Camara Municipal quando veio o decreto da elevação de Campos e durante o seu tempo de vereança agiu com o melhor acerto. Foi commissario da Ordem do Carmo.

O clero tem sido um elemento forte para a constituição da nossa grandeza, do nosso desenvolvimento intelectual e artistico, e da congregação do povo, já pela pregação que uniformisa os costumes, unifica os esforços e estabelece a paz, – já pela cooperação nos serviços publicos, nas lides da instrucção e na disseminação dos principios moraes e civicos.

O conego *Joaquim Pereira Jorge Guaraciaba* era outro sacerdote

muito illustrado, tendo sido nomeado vigario de São Fidelis, cuja posse se verificou em 13 de Janeiro de 1874.

Alem desses sacerdotes, se verificaram nesse centenario o fallecimento dos seguintes padres campistas:

Padre *Hygino Alvares Delgado Pimenta*, fallecido a 23 de Setembro de 1860, victimado por uma paralysia, aos 70 annos; – Conego *Dr. Angelo José da Fonseca*, em 31 de Julho de 1860; – o Conego *Luiz Rodrigues Novaes e Silva*, em 1865; – Padre *Manoel de Oliveira Pecegueiro*, em 12 de Novembro de 1868; – padre *Ricardo Mauricio de Oliveira*, em 10 de Fevereiro de 1869; – padre *Antonio Aquino dos Santos Collares*, em 17 de Outubro de 1884; – padre *Pedro José Dantas*, (portuguez), em 12 de Junho de 1886; – padre *João Antunes de Menezes e Silva*, em 5 de Dezembro de 1881; – Pe. *Firmino Teixeira*, velho capellão da egreja de S. Benedicto.

OS BISPOS – que vieram a Campos no interregno do 1.º seculo da cidade, foram os seguintes:

D. Marianno Nogueira, Bispo catholico de Nova-Orleans, Estados Unidos, chegou a Campos em viagem de recreio a 27 de Janeiro de 1880.

Dr. Antonio de Macedo Costa, Bispo do Pará, o intrépido confessor da fé que soffreu a prisão por causa da maçonaria, chegou a Campos em 18 de Abril de 1882, acompanhado do seu secretario o padre Dr. Macedo Costa e padre Lyrio Vespucio, seis annos após sua sahida do cárcere na Fortaleza de S. João. Desembarcou no Porto Grande; sendo recebido pelo cléro e povo, seguindo a pé até a Matriz e hospedando-se na casa do vigario Pelinca. No dia 20 celebrou a missa ás 7 horas e no dia 23, domingo, chrismou a mais de 3.000 pessoas. Tendo recebido esportulas pelas chrismas na importancia de 820$000, entregou-as ao Vigario para distribuil-as com as viuvas e os pobres.

Conservamos n'alma um culto de gratidão a esse heroico Defensor da Egreja, por ter sido quem nos confirmou naquella fé forte que o animava e com a qual glorificou sempre a Deus.

D. José, Conde de Santo Agostinho, Bispo do Rio de Janeiro, veio a Campos em 20 de Novembro de 1891, tendo se hospedado no palacete da Viscondessa de Santa Ritta, (hoje «Banco de Minas») vindo presidir as

festas do Padroeiro Salvador. Em sua companhia vieram o governador Dr. Portella, Mons. Abreu Lima, Mons. Freire, Conegos Eduardo Christão e Amador Bueno, Dr. Getulio das Neves, vice-presidente do Estado, e o grande maestro brasileiro Antonio Carlos Gomes.

D. José paramentou-se na egreja de N. S. Mãe dos Homens e acompanhado do Vice-governador sahiu processionalmente para fazer a sua entrada solemne na Matriz indo sob o pallio, cujas varas eram levadas pelos: Vice-Governador, Intendente geral, o provedor da Santa Casa, Barão de Miracema, Barão de Itaóca e Intendentes municipaes. Um piquete de cavallaria do 2º Batalhão, em grande uniforme seguia a procissão.

Na Matriz foi entoado *Te-Deum* e á noite o Bispo fallou no pulpito durante uma hora a um auditório de cerca de 3.000 pessôas. No dia 22 houve Missa Pontifical e á tarde acompanhou a solemnissima procissão do Padroeiro.

As ruas foram ornamentadas e no Parahyba foi feita uma procissão fluvial com os vapores "Cintra", "Cachoeiro", "Cambucy", "Muriahé" e "Santa Rosa", levando a bordo as bandas de musica do 2º Batalhão, Lyra Conspiradora, Lyra de Apollo e Gremio Carlos Gomes. No dia 24 de Novembro em que o Conde de Sto. Agostinho completava seu 56º anniversario natalicio a população campista promoveu muitas homenagens ao prelado.

D. João Esberard, Bispo de Olinda, veio a Campos em 27 de Dezembro de 1891 em visita a sua familia, regressando a 29. Foi a ultima vez que o illustre prelado reviu as plagas campistas em que passou a sua infancia.

BISPADO EM CAMPOS – Em 1894, foi assignada em 19 de Novembro a escriptura de doação da egreja e palacio da Ordem de S. Francisco para servirem de cathedral e residencia do Bispo de Nictheroy, porque estava transferindo a séde do bispado para esta cidade. A 7 de Maio de 1895 por ter chegado a noticia de que o Bispo *D. Francisco do Rego Maia* já havia recebido o documento papal transferindo a séde do Bispado para aqui, os sinos das onze egrejas repicaram festivamente ao meio dia durante quinze minutos.

Em 6 de Junho chegou e fez sua entrada solemne na cidade o Bispo

Diocesano. As ruas desde a estação da Corôa até a praça S. Salvador, e as ruas 7 de Setembro, 13 de Maio até a egreja de S. Francisco estavam ornamentadas. Foi um verdadeiro acontecimento. Após o desembarque, pelas 5 horas da tarde, o Dr. Gesteira Passos, presidente da Camara saudou ao Bispo em nome do Municipio de Campos.

Depois de paramentar-se o Bispo fez a pé: sua trajectoria até a nova Cathedral, acompanhado do clero, autoridade civis. Em varios coretos tocaram as bandas Lyra de Carvalho, Lyra de Apollo, e Gremio Carlos Gomes. As festas populares e illuminação das ruas duraram até ao domingo 9. Muito trabalhou para o estabellecimento do Bispado em Campos o conego Luiz Ferreira Nobre Pelinca.

D. CYRILLO MUGABGAB – bispo syrio do rito grego, (maronita), veio a Campos no dia 29 de Setembro de 1904, em visita a grande colonia syria de Campos, tendo se hospedado no palacete da rua 15 de Novembro, esquina da rua Dr. Gesteira.

Foi recebido na estação da Corôa pelo cléro, autoridades judiciarias e policiaes, representantes da imprensa e todas as classes sociaes. Dirigindo o grande cortejo para a Matriz, o prelado oriental fez, depois das suas orações, uma saudação á grande assistencia, dizendo em francez – que se sentia feliz em pizar o solo do Brasil onde é tão apurado o sentimento religioso de seus filhos; que lastimava não saber falar a nossa lingua, mas a intelligencia dos assistentes era bastante para perceber a impregnação de fé com que ungia as suas palavras; que a religião era a mesma, importando pouco as pequenas variantes de rito e as differenças de linguagem ante a perfeita comunhão de fé catholica, ligando todos os corações num só sentimento de solidariedade religiosa, e terminou agradecendo a brilhante recepção de que era alvo e lançando a sua benção sobre o povo. A noite foi-lhe offerecido um banquete pela colonia syrio-libanesa.

D. FERNANDO – Bispo do Espirito Santo esteve em Campos no dia 18 de Outubro de 1804, celebrando missa na Matriz no dia seguinte e regressando para a sua diocese no dia 19.

D. JOÃO FRANCISCO BRAGA – Bispo da Diocese veio a Campos em 31 de Julho de 1904, sendo recebido na estação da Corôa pelo mundo

catholico e autoridades. Veio para o centro da cidade processionalmente até a Matriz onde foi entoado *Te Deum*. Hospedou-se no palacete Dr. Lamego, na rua 21 de Abril e á noite uma verdadeira multidão estacionara na rua Marechal Floriano e 21 de Abril onde tocava uma banda de musica. Demorou-se em Campos 10 dias fazendo a visita pastoral, tendo ido ao hospital e capella da Sociedade Portuguesa de Beneficencia, Cadeia, Santa Casa de Misericordia, visitando ao Juiz de Direito, as redacções dos jornaes e diversas pessoas gradas. Depois de ministrar o sacramento da Chrisma a mais de 5.000 pessoas, regressou no dia 10 de Agosto.

Em Agosto de 1906 voltou D. João Braga a Campos, hospedando-se na casa do Dr. Alberto Lamego na rua 7 de Setembro, 60, e no dia 11 de Agosto fez s. revma. a vestição do habito carmelita ás postulantes do Asylo da Lapa e do Carmo.

VARIAS NOTAS – Em 1835 a cidade continha uma só freguesia, a de S. Salvador: em 1869 o Barão da Lagôa Dourada em sessão da Camara, propoz que se conseguisse do Governo a creação de outra freguesia urbana, de Nossa Senhora do Rosario, desmembrada da Freguesia de S. Salvador, o que não logrou approvação. Com o ter a Assembléa Estadual ampliado o perimetro urbano de Campos que abrangeu a parte norte do Rio Parahyba, ficou a cidade tambem com parte da Parochia de Guarulhos e em 1895 D. Francisco do Rego Maia então residente aqui, creou a Parochia de S. Francisco de Assis que, mais tarde, foi substituida pela parochia de N. S. do Terço, sendo o 1º Vigario de ambas o Mons. Francisco da Cruz Paula. Ultimamente D. Henrique Mourão creou mais as freguesias de S. Benedicto e de N. S. Rosario do Sacco, tendo porisso a cidade 5 parochias.

MISSÕES – Em 1868 pregaram Missões em Campos os frades franciscanos Caetano de Messina, prefeito dos Religiosos Capuchinhos e Egydio de Garejo, desde 7 de Agosto até 7 de Setembro, na egreja Matriz. Somente 57 annos depois daquellas pregações foi que pela iniciativa do Bispo D. Henrique Mourão houve Missões dos Padres Redemptoristas, chefiada pelo padre Estevam Maria, desde 8 a 24 de Março de 1925. Pregaram na Cathedral o Provincial Padre Thiago Klinger, padre José Affonso e padre Henrique Barros; na Matriz do Terço os padres Otto

Maria e Alves; na Matriz de Guarulhos os padres Murtinho e Miguel; na egreja de S. Benedicto os padres Pedro e Lucas Veeger.

RELOGIO DAS TORRES – O relogio da torre da Misericordia foi inaugurado em 16 de Agosto de 1883; o da egreja de S. Francisco, no anno de 1900 e o da torre da Cathedral no anno findo, começando a funcionar em Novembro.

IMAGENS – A imagem de *Nosso Senhor da Agonia* tão venerada até hoje pelo povo catholico da cidade que, em todas as quintas-feiras enche o templo de N. S. Mãe dos Homens, foi benzida e entregue ao culto em 26 de Maio de 1869.

– A imponente imagem de *S. João Baptista*, da Cathedral foi trazida para Campos em fins de Março de 1855 ficando em exposição na casa de João Antonio de Oliveira Bastos, a qual foi adquerida pela Irmandade de S. João (hoje extincta). Transportada para a Matriz, foi benzida no dia 15 de Junho do dito anno.

– A bonita imagem de *S. José* que se venera na matriz do Terço, foi adquerida na cidade do Porto e doada pelo dr. José Pinto Ribeiro Sampaio, em 1863, quando foi nomeado Juiz da festa daquelle patriarcha.

– A artistica imagem de *Jesus Resuscitado*, da Cathedral foi dádiva por promessa feita pelo restabelecimento de João José Nunes de Carvalho em 1895, que a trouxe de Paris, sendo levada festivamente da Usina do Limão para a Matriz em 14 de Abril.

UM SACRILEGIO NA MATRIZ – Ao amanhecer o dia 21 de Outubro de 1896 a Matriz de S. Salvador apresentava a porta principal aberta e as imagens profanadas. Logo que rapidamente circulou a noticia por toda a cidade a população em peso accorreu ao templo, ficando a grande egreja regorgitando de povo durante todo o dia. Na capella de N. S. das Dores despojaram a imagem de suas joias de ouro e brilhante. Na capella lateral de N. S. dos Passos tentaram incendiar a imagem da Virgem Maria. Da imagem de S. Antonio retiraram um cordão de ouro, tendo para isso quebrado o vidro do nicho, no qual um dos sacrilegos cortou uma das mãos, o que resultou varias partes da egreja ficarem com muitos vestigios de sangue. Um delles feriu tambem um pé, tendo perdido bastante sangue,

o que observado pela autoridade policial, então o Dr. Alvaro Grain, pois as gottas de sangue eram vistas pelo assoalho da egreja, seguindo taes vestigios a direcção da porta da sahida, calçada da rua Sacramento, depois pela rua do Conselho até á rua do Ouvidor; nessa rua os signaes de sangue foram vistos na direcção da Beira-Rio porem apenas até ao predio nº 13, sobrado que hoje é o Azilo do Carmo e que então era a casa de cultos dos protestantes baptistas. Junto á soleira da porta de entrada desse predio, havia maiores manchas de sangue, o que fez com que populares assoalhassem que os autores do vandalismo teriam sido os baptistas.

O povo compungido invectivava aquelle brutal attentado que, não seria fructo de ladrões, porisso que muitas outras joias lá deixaram, e quebraram uma espada de metal dourado arrancada da imagem de N. S. das Dores, lá deixando um pedaço e dias depois achou-se o outro pedaço, atirado na rua do Vieira.

O pastor Gimsburg fez espalhar no dia 22 um boletim protestando contra as insinuações populares de serem os baptistas auctores do desacato ao templo catholico, bem como contra a tentativa de ataque á casa de cultos por parte de populares exaltados. O boletim desculpava os baptistas daquella ação de fanaticos.

Até hoje não se descobriu o auctor ou auctores daquella profanação.

SOCIEDADE VICENTINA – É uma das mais importantes organizações catholicas, fundada pelo admiravel apostolo dos pobres, S. Vicente de Paula. A primeira sociedade vicentina instituida em Campos foi a *Conferencia de S. Salvador*, em 6 de Agosto de 1882, e que ainda existe. Foram seus fundadores: o conego Luiz Ferreira Nobre Pelinca, dr. João Pedro de Saboia Bandeira de Mello (então juiz municipal), Manoel Leopoldino Almirante Porto, Leopoldo Reis, e reuniam-se na Matriz, ás quintas-feiras socorrendo de inicio a 20 familias pobres.

É a mais perfeita obra de caridade, pois segundo o espirito do evangelho, a esmola é feita sem que o mundo perceba, sem vexame para quem a recebe, congregando os vicentinos em suas reuniões hebdomadarias para se quotisarem, e depois, cada um vae pessoalmente em busca da pobreza envergonhada, entra no tugurio do pobre, ausculta

suas necessidades, deixa lá, semanalmente, não só a esmola material, mas a esmola espiritual: o conselho, o consolo, a palavra de Deus.

A segunda socidade vicentina aqui organizada foi a *Conferencia de S. Francisco de Assis*, fundada em 1895 na então Cathedral de S. Francisco, tendo como principal instituidor o dr. Luiz de Souza Neves, (então Juiz de Direito), por solicitação de D. Francisco Rego Maia e primitivos confrades foram: Dr. Alberto Frederico de Moraes Lamego, Francisco Ribeiro dos Santos, Manoel José Linhares, Guilherme José de Miranda e Silva, Theophilo Carlos de Gouvêa, João Francisco Nunes, Horacio Sousa.

DEVOÇÃO DO CORAÇÃO DE JESUS – Esta grandiosa instituição, também denominada »Apostolado da Oração» porque estabelece uma efficiente prática de oração, de piedade e de reparação, – teve inicio em Campos em 1879. Naquelle anno, pelo mez de Junho, foi aqui organisado o primeiro nucleo da Devoção do Sagrado Coração de Jesus por iniciativa do Vigario Conego Dr. Luiz Ferreira Nobre Pelinca.

As fundadoras e que constituiram a primeira directoria, foram as seguintes senhoras: d. Carolina Amelia Fagundes Pinheiro, (directora presidente), d. Julia Merli Biolchini, (secretaria), d. Antonia Esberard, (thesoureira); d. Rosa Dubois, d. Anna Dolores Esberard.

Em 1890 o Apostolado da Oração já se achava muito disseminado na população, pelo zelo de almas veramente apostolicas como: d. Elisa Pires Ferreira Eliof, d. Maria Carlota Pinheiro, d. Maria Francisca de Oliveira Ferreira; mais tarde surgiram outras denodadas zeladoras, como d. Elisa das Neves Cunha, d. Maria Iphigenia Gouvêa, d. Adelia das Neves Cunha, verdadeiras apostolas da fé christã

Presentemente existem 5 Apostolados da Oração: na Cathedral, na Matriz do Terço, na Egreja de S. Francisco (que foi o fundado em 1879), na Matriz de S. Benedicto e na Matriz de Guarulhos, com um grande corpo de zeladoras e milhares de associados, que fazem a comunhão reparadora nas primeiras sexta-feiras de cada mez.

AS FILHAS DE MARIA – Existem em Campos 4 Pias União das Filhas de Maria, tendo sido creada em primeiro logar, nesta cidade, a

PIA UNIÃO DO ASYLO DO CARMO, – fundada a 25 de

Outubro de 1908. Foi seu instituidor e 1º. director o padre Alberto Lopes de Andrade, tendo por primeira directoria: – Dª. Francisca Romana Ribeiro de Castro, (directora); d. Maria do Carmo Ayres Neves, (presidente); d. Delmira Luiz Ayres Neves (secretaria); d. Dorothéa Sieberath, (thesoureira).

Actualmente tem a seguinte administração: – Director, padre Lucas Veeger; directora, Irmã Vicentina de N. S. de Lourdes, (da Congreg. da Divina Providencia); presidente, d. Nair Soares Young; vice-presidente, d. Gilda Calomeni; – assistentes: dd. Maria Izabel Peixoto e Maria da Conceição Gomes; secretarias: dd. Marietta Lacerda Souto e Celia Gomes Cruz; thesoureira, d. Nair Calomeni; conselheiras: dd. Maria Benedicta Gouvêa, Maria de Lourdes Veiga, Blandina Alves de Mello, Zilda de Barros Loureiro e Laura Leite Martins.

O numero de associadas é de 128, e foi a primeira Pia União das Filhas de Maria que se instituiu em Campos.

PIA UNIÃO DA EGREJA DO TERÇO – Fundada em Junho de 1927, tendo por fundadoras dd. Dorothéa Sieberath Sardinha, Alice Maia Peixoto, Maria de Lourdes Medina Gomes, Zilka de Vasconcellos, Ernestina Guedes, Rosa Pereira, Acydalina Ribeiro, Canuta Baptista, Florencia Rocha, Heloisa Branco, Jovelina Gonçalves de Oliveira, Lenira Gualda Spinosa, Joanna Marota, Maria da Paz Vasconcellos, Maria Dolores Alvarenga; Maria Soares de Oliveira, Jandyra Rechaid, Maria da Conceição Almeida e Maria Isabel Gualda Oliveira. Actualmente o numero de associadas é de 79 Filhas de Maria, 13 aspirantes e 16 aspirantes de 2º gráu.

PIA UNIÃO DA CATHEDRAL. Grande congregação que foi fundada pelo zeloso vigario Padre Achilles de Mello em 21 de Janeiro de 1915, sendo a 1ª Presidente e fundadoras dd. Maria Philotéa Gouvêa, Maria Antoniêta Gouvêa, (secretaria), Zizinha Bessa, (thesoureira), Antonica C. de Mello e Maria Carlota Cardoso de Mello.

PIA UNIÃO DO COLLEGIO N. S. AUXILIADORA. é a mais recente das Pias Uniões e já contando numerosas associadas. Infelizmente não conseguimos dados acerca da sua fundação e organizadoras, ficando assim impossibilitados de completar o historico da grande organisação marianna, pelo que damos, por calculo, a

existencia de 450 a 480 Filhas de Maria na cidade de Campos.

LIGA CATHOLICA. – É uma das pujantes organisações religiosas, e foi fundada na egreja de S. Francisco pelos Padres Redemptoristas, durante as Missões, em Março de 1925. A primeira reunião preparatoria foi no Domingo 29 de Março, com a pequena presença de 187 homens. A fundação canonica da Liga teve logar em 26 de Julho do dito anno, sendo Director, o rev. Padre Gualter Perriens; a reunião foi presidida pelo Bispo Diocesano, D. Henrique Mourão, que entregou os diplomas e cordões dos 315 socio fundadores, sendo creadas 12 secções.

Actualmente é director da grande milicia catholica o rev. Padre Lucas Veeger, e mensalmente fazem-se as reuniões nas terceiras quartas-feiras, ás 7 ½ horas da noite, no vasto templo franciscano, que fica inteiramente cheio, unicamente de homens.

CAPELLA DE N. S. DO SOCORRO. – A «Devoção de Nossa Senhora do Socorro» foi fundada em 6 de Dezembro de 1902 na egreja de Santa Iphigenia, sendo Director Mons. Corrêa de Sá, presidente d. Avelina França do Soccorro, secreraria d. Alzira Braga, thesoureira d. Anorelina Gomes, procuradora d. Maria Nogueira e zeladora d. Maria da Conceição.

Conjugados os esforços com a fé, os administradores da devoção resolveram edificar uma capella, adquirindo um terreno da então chacara Dubois, quando em 1902 o prolongamento da rua Formosa naquelle local estava apenas em projecto. Força é assignalar que tal emprehendimento teve por principaes factores os esforços de d. Avelina França do Soccorro e do dedicado catholico Manoel Simões de Rezende, que conseguiram levar a bom termo, inaugurando o templo a 26 de Junho de 1921.

A actual administração da Devoção é a seguinte: Director Mos. João de Barros Uchôa; presidente d. Avelina F. Soccorro; vice-presidente D. Maria Amelia Braga; 1.ª e 2.ª secretarias dd. Maria José e Maria Izabel Braga; thesoureiros Manoel Simões de Rezende e d. Sebastiana Abido; procuradora d. Maria Eugenia Braga, zeladoras dd. Acidalina David Ribeiro, Maria Julia Simões, Rosa Pereira, Luiza de Aguiar, Antonia Teixeira e Dalila Costa.

CAPELLA DE S. JOÃO (No Capão). – Para os catholicos

é muito edificante o historico desse pequeno templo erigido lá tão longe do bulicio da cidade. A Capella de S. João Baptista surgiu quando grassava em Campos a celeberima gryppe que se denominou *«hespanhola»*, no anno de 1919.

O cidadão João Baptista Paravidino, como todos os habitantes de Campos, viu a terrivel influenza penetrar no seu lar, atirar para os leitos oito membros da sua familia, inclusive elle mesmo que se viu nas garras da morte. Em face do perigo lembrou-se de se valer do soccorro divino e implorou com muita fé ao seu patrono S. João Baptista para que salvasse a si e aos seus, daquella calamidade, promettendo fazer construir uma capella nos seus terrenos. «Como por milagre, – escreveu-nos o sr. Paravidino, – toda a minha familia restabeleceu logo a saúde.» tratou-se então de construir o templo e para administral-a foi feita a primeira directoria da Irmandade, – Prior, João Baptista Paravidino; vice-prior, Lourenço Azevedo da Silva; thesoureiro, Waldemiro Jorge Cabral; secretarios: Malvino Freitas e Candido Braz da Silva; fiscaes, João Matheus Paravidino e Eugenio Paravidino; procurador Leonidio de Freitas; zelador, Manoel de Souza Lobo e andador Thelemaco Burla.

Actualmente a irmandade conta 30 irmãos, e a actual directoria está assim composta: Presidente, João B. Paravidino; vice-presidente, Modesto Moreira da Silva; thesoureiro, José Manoel da Silva, que tem sido muito esforçado; secretarios, Agostinho Paravidino e Francisco Benci; fiscaes, João Matheus e Eugenio Paravidino; procurador, Manoel de Souza Lobo e zelador, João Braga.

Por occasião da inauguração da capella, estiveram nas festas no adro do templo mais de oito mil pessôas.

CAPELLA DO ASYLO DO CARMO. – Este primoroso oratorio da «Velhice Desamparada», ou melhor, da Velhice Amparada e Venturosa, – foi inaugurada com o edificio do Asylo a 8 de Agosto de 1904, sendo benzido pelo bispo D. João Francisco Braga que foi o primeiro sacerdote a celebrar ali a Santa Missa.

O Asylo cujo edificio foi doação dos benemeritos catholicos Dr. Alberto Lamego e sua esposa D. Joaquina do Couto Lamego, começou

a funccionar naquelle dia com o internamento de 4 mulheres. Muito trabalharam pela instituição o Dr. Luiz Antonino Neves, Guilherme José de Miranda, Manoel Padrenosso, Dr. Lamego, ultimamente Emiliano Pires Almada, Manoel Veiga, Francisco Chris Guimarães, Miguel Perlingeiro Netto e tantos outros.

Antes de fecharmos este capitulo da – Religião em Campos – reproduzamos aqui palavras de um profundo conceito moral que foram publicadas pelo «*Monitor Campista*» em sua edição de 10 de Outubro de 1908:

«As questões religiosas, são muito transcendentes. Não tem progredido em nosso paiz os pregoeiros de novas seitas em opposição á dominante. O catholicismo foi buscar no berço a nossa nacionalidade, quando no desabrochar das primeiras gerações surgiram os primeiros habitantes desta grande terra hospitaleira, onde o homem vive uma vida facil, sob a protecção de uma natureza amiga.

A educação catholica do nosso povo tem pelo seu esforço o mesmo aspecto de tenacidade das grandes cruzadas de que nos falla a historia religiosa. O jesuita foi o templario dessa luta travada no solo inculto de um paiz que nascera trazêndo para disputar o passo ao conquistador ouzado, o braço forte e indomavel do gentio. Não se pode negar em nossa nacionalidade a acção regeneradora do catholicismo, imprimindo esse sentimento humanitario que a caracterisa; não ha argumentos valiosos capazes de occultar essa influencia tradicional exercida pela alma piedosa dos sectarios da religião christã na alma de um povo em franco periodo de formação. Pode-se bem dizer que no Brasil, a nacionalidade nasceu embalada pelos psalmos da religião do Golgotha que acompanhando a evolução social do paiz, dissemina-se tambem, empolgando todas as classes, tornando-se a religião soberana.»

UMA RECAPITULAÇÃO. – Façamos agora uma recapitulação muito interessante acerca da Religião dos campistas. Pelos dados colhidos nas proprias fontes podemos apresentar o seguinte schema do movimento de religiosidade no primeiro centenario da nossa cidade:

PRESBYTERIANOS – começaram em Campos a 18 de Junho de 1874, no 198.º anno da fundação da Villa, e 39.º anno da cidade, funcciona ha 60 annos e actualmente têm	186 adeptos
LUTHERANOS – nunca organizaram culto	--
BAPTISTAS – começaram em Campos em 23 de Março de 1891, no 215.º anno da fundação da Villa e 56.º anno da cidade; funcciona ha 43 annos e actualmente têm	292 adeptos
CONFUCISMO – não ha culto (ou «pagode»)	2 adeptos
ISRAELISMO (OU JUDAISMO) – Os filhos de Judá começaram em Campos em 1918, no 242.º anno da Villa e 83.º anno da cidade; funcciona ha 16 annos e actualmente têm, provavelmente	200 adeptos
FECTICHISMO – não consta nenhum	--
MAHOMETISMO – idem, idem	--
MAÇONARIA – começou em Campos no anno de 1832, no 156.º anno da Villa e 3 annos antes da creação da cidade, funcciona ha 102 annos e calculamos ter, aproximadamente	2.000 adeptos
ADVENTISTAS – suppômos haver uns	60 adeptos
ESPIRITISMO – começou em Campos em Agosto de 1880, no 104.º anno da fundação da Villa e 45.º anno da cidade; funcciona portanto ha 55 annos. Existindo 14 «centros» federados, não exageramos si computarmos em 156 o numero dos demais «*centros*» ou «*grupos*». Si calcularmos que cada um desses 200 *centros* sejam formados por 50 irmãos, teremos o computo, por hypothese, em	10.000 adeptos

ATHEISMO. – Havendo aqui materialistas, excepticos, atheus, communistas, socialistas, theosophistas, positivistas, etc., devemos computar-lhes, por hypothese, em	1.000 adeptos
	13.740 adeptos

Campos tendo uma população *urbana* de 60.000 habitantes, e os diversos systemas religiosos addiccionados ao atheismo formando um total de 13.740 habitantes, – podemos, com segurança, tirarmos a seguinte illação: –

São ACATHOLICOS – 13.740 habitantes de Campos;

São CATHOLICOS – 46.060 habitantes de Campos, isto é, mais do triplo dos acatholicos em conjuncto.

Em 1889, a estatistica demonstrou haver no Municipio de Campos 103.000 catholicos e 3.000 acatholicos, isto porque muitos acatholicos, em se RECENCIANDO, declaram-se catholicos...

A ABOLIÇÃO

«CAMPOS, QUARTEL GENERAL DO ABOLICIONISMO»
(Andrade Figueira)

«*A propaganda Abolicionista tem por fim realisar, nos limites da legalidade, a maior das reformas sociais do nosso Paiz*»
(JOSÉ DO PATROCINIO)

Quando, em 1883, tornou-se mais forte a agitação da grandiosa lucta em prol da abolição do escravagismo, – Campos que tinha o maior nucleo de população escravisada por ser o mais intenso municipio agricola da Provincia do Rio de Janeiro, contava cerca de 15.000 escravos, e porisso foi que a luta aqui tornou-se bem mais renhida que em qualquer outro ponto do paiz.

Desde 1856 espiritos humanitarios se manifestavam já francamente adeptos da abolição, criando-se a «Sociedade Campista Promotora do Trabalho Livre», no mez de Fevereiro. Os socios concorriam com quotas prefixas e prestimos pessoaes ao grandioso impulso de substituir o trabalho de servidão pelo *trabalho livre*, attrahindo por todos os meios licitos as pessôas livres *em exclusão do trabalho dos excravisados*. O Barão de Carapebús foi o presidente. Era o primeiro passo dos Campistas para golpear a escravidão, substituindo o trabalho das mãos dos captivos pelo dos braços não algemados por tão negra instituição.

A 6 de Fevereiro de 1856 houve uma grandiosa assembléa no salão do Theatro S. Salvador, convocada para se tratar do magno assumpto pelos seguintes cidadãos: – Antonio Manoel de Sousa, Antonio de Oliveira Castro, Barão de Carapebús, Barão de Itabapoana, Bernardo José

de Mattos, Candido Francisco Vianna, Chrysantho Leite Pereira Sá, João Joaquim de Sá e Costa, José Vaz Corrêa Coimbra, dr. Caetano Thomaz Pinheiro, dr. Caetano Rocha Pacova, Domingos Pereira Pinto, Felismindo José Teixeira, Francisco Rodrigues de Abreu Caldeira, Francisco Thomaz Pinheiro, Germano Rodrigues Peíxoto, José Joaquim de Moraes, Joaquirn da Costa Pimenta, José Fernandes da Costa Pereira, dr. Joaquim Antonio Rodrigues Passos, Julião Ribeiro de Castro, Joaquim Manoel Dantas, João Ferreira Tinoco e João Lopes da Silva Lima.

Pelo anno de 1870 o dr. Miguel Heredia de Sá que era tambem um espirito superior, passou a ser tido pelos donos de escravos como – «*um homem pernicioso*...» Assim verificamos que a idéa do abolicionismo já era uma chamma intensa 27 annos antes de crepitar irresistivelmente em 1883-88. Nem podia ser de outra forma! O escravagismo era urna instituição horrorosa, deshumana, anti-christã! O escravo era tratado como um bicho, *urna qualquer coisa abaixo da natureza humana*... Si os escravos fugiam dos maltratos, quiçá da morte, eram caçados no matto como si fossem féras! e para tanto instituiu-se a casta celeberrima dos taes «*capitães do matto*...» pagando a Municipalidade duas patacas diarias (640 réis), para a captura dos negros fugidos, e para facilitar aos capitães do matto reconhecer os escravos quando fugidos, alguns *senhores* costumavam MARCAR COM SUAS INICIAES os peitos, espaduas ou nádegas dos seus escravos com FERRO EM BRAZA!... Os capitães do matto eram peritos em observar, pelos annuncios nos jornaes, si os fugitivos tinham – *a côr retinta, pernas arcadas, beiços grossos, cicatrizes*... pelo que faziam as suas batidas nas nossas mattas e estradas dos sertões do Nogueira, Pedra Lisa, Cacimbas, Piúma, Quimbira, etc.

Havia até uma postura da Camara (!) que determinava o pagamento por captura de escravos fugidos 16$000 aos capitães do matto e sendo cobrada depois a quantia ao *senhor*. (Postura nº 31, – 1836)

Para derrubar-se aquella denegrida instituição foi que CAMPOS, *a terra da nobreza e do christianismo*, levantou-se stoica e offereceu o holocausto dos seus martyres para a Redempção dos escravos. O 1º martyr foi o dr. Miguel Heredia, jornalista campista, que muito pugnou, em 1870 pela

libertação dos escravos. Então começaram as alforrias: – Jeronymo Pereira Pinto declarou fôrro todos os seus escravos; o tenente-coronel Francisco de Paula Gomes Barroso, o Barão de Itabapoana e d. Francisca Maria Teixeira de Queiroz tambem alforriaram todas as crianças nascidas nas suas fazendas.

Proseguiram na propaganda pró-liberdade, na imprensa, o dr. Alvarenga Pinto, dr. Bento Baptista, dr. Portella, os quaes ficaram então MALVISTOS pelos donos de escravos. Foi então fundada, no mez de Março de 1870 na casa de Teixeira de Queiroz, por occasião duma festa para libertação da escrava Margarida, – a «Sociedade Emancipadora de Creanças», ficando como presidente Francisco Maria Teixeira de Queiroz, passando mais tarde a denominar-se «Sociedade Emancipadora Campista». Isso valeu muitas intrigas dos escravocratas. O dr. Heredia ficou sendo muito odiado, julgado como um reprobo por muita gente, pelo que o distincto clinico teve esta expressão:

– «*Seja muito embora maldicto o meu nome, mas triumphe a causa santa da justiça, da humanidade e da Religião*». O dr. Bento Baptista foi outro ardoroso apostolo da liberdade dos escravos. A Ordem dos Benedictinos, em 3 de Maio de 1886, quatro annos antes desse movimento, já havia por deliberação do Capitulo, dado alforria a todas as crianças nascidas nas fazendas do Mosteiro de S. Bento, encarregando-se até de lhes dar a precisa educação, desde 1869, e todos os escravos que attingissem a 50 annos ficavam ipso facto livres, tendo terras para trabalhar, e em Campos, alguns faziam 50 arrobas de assucar por anno.

Em 19 de Setembro de 1870 o fazendeiro Manoel Joaquim de Faria, commemorou o baptismo de uma filhinha libertando 3 crianças e declarando que estariam livres todas as creanças do sexo feminino, que nascessem das suas escravas, desde então.

A Camara Municipal reunindo-se em 1871 discutiu a proposta do dr. Francísco Portella para que a Camara se dirigisse ao Governo Imperial exprimindo a opinião e voto para a extincção da condição escrava no começo do seculo, isto é, – em Janeiro de 1900. Votaram a favor da proposta os vereadores dr. Gregorio de Miranda Pinto, coronel Paula Barroso, dr. Hermenegildo de Alvarenga, Barão da Lagôa Dourada,

dr. Thomaz Coelho de Almeida, que opinou pelo VENTRE LIVRE e que teve esta sublime phrase: – «ESTANCAR A FONTE DO MAL O QUANTO ANTES, EIS TUDO O QUE RECLAMA A CIVILISAÇÃO E A HUMANIDADE». Entretanto, depois elle combateu a Carlos de Lacerda, como veremos linhas á frente.

É bom que assignalemos aqui o que sem cerimoniosamente annunciavam certos mercadores: – «Vende-se carne secca *propria para escravos*... a 640 réis a arroba».Eram fardos, de carne já deteriorada... E por um annuncio publicado em 1847 no «Monitor» tiram-se illações concludentes: «Roga-se ás pessoas que tiverem de mandar corpos para o cemiterio da Santa Casa (Quimbira) que mandem primeiro á Santa Casa pelo bilhete, e pagar o imposto do Cemiterio, para se fazer assento competente e não acontecer como aconteceu no dia 29 de Outubro, que appareceu um corpo de escravo na porta do Cemiterio, embrulhado em uma manta de algodão, sem que pagassem, nem desse nome a quem pertencia; e o mesmo aconteceu no dia 1º do corrente, *este estava nú*. O que faz publico para constar a quem convier»...

Depois de auferirem o trabalho e exgotarem as vidas de entes humanos, atiravam a esmo os corpos, como si fossem restos mortaes de uns cães damnados!!!

Em 1871 o Dr Miguel Heredia fez uma conferencia na sociedade literaria «Phenix», acerca da «melhor solução para o urgente problema do elemento servil; conciliar os principios eternos de Justiça, os dogmas do Christianismo com os interesses e necessidade do Paiz.»

Em Agosto de 1871 Luiz José de Carvalho Cardoso e seu filho João José Nunes de Carvalho declararam livre o ventre de todas as suas escravas. Tambem os Frades Carmelitas, em Desembro alforriaram todos os seus escravos. Generalisou-se muito o humanitario gesto, porisso em 1872 (Abril) Julio Feydit libertou seu escravo João; d. C1audina Maria de Jesus, em seu testamento libertou os escravos: Pedro, Januario, Vicente, Camillo, Pedro (africano), Antonio, Lauriana, Antonio Pedreiro, Francisco, Francisca, Eva, Narciso, Maria, Lourenço, Rita, Izabel, Margarida com seus 5 filhos; Francisco José de Mattos Lima, em Junho, libertou o pardinho Jorge.

Em 7 de Fevereiro de 1873 Luiz José de Carvalho Cardoso alforriou os escravos Josué, Leonor e Joaquim, commemorando o anniversario, de sua nora d. Theresa de Carvalho, esposa de João José Nunes de Carvalho.

SEGUNDA PHASE DA PROPAGANDA

Em 1881 começou a 2ª phase da acção abolicionista que, depois de empolgantes vicissitudes, atingiu ao brilhante epilogo de 13 de Maio de 1888. É que em 1881 surgiu na arena do abolicionismo o heroico CARLOS DE LACERDA chefiando um pugilo de decididos adeptos da redempção dos escravos, e com José João Barreto, Amaro Bastos Renner, João Guarulhos de Sousa, Francisco de Paula Guimarães e Casemiro Josè da Silva fundaram no dia 17 de Julho a – «Sociedade Campista Libertadora». Era o estupim que se preparava para opportunamente fazer estourar o Decreto n. 3353 que declarou o Brasil livre do escravagismo.

Para logo outros importantes elementos se juntaram a Lacerda para os renhidos embates contra os escravocratas, nomes que luzem na historia da redempção dos captivos com estrellas de primeira grandeza, a saber: Julio Armond, Adolpho Porto, José Armond, Antonio Moura, vulgo (Moura da Bodéga), Paschoal Mangano, Maximiano, vulgo («Cabeça Chata»), João Corrêa, Benedicto Caréca de Carvalho.

A primeira reunião para a fundação do «Club Abolicionista Campista» teve logar a 17 de Julho de 1881, ficando como presidente João Alves de Sousa Barreto Machado, que renunciou o cargo a 27 de Julho, porém, sómente em 1883 foi que se desencadeou a titanica campanha.

Em 25 de Março de 1884, realisou-se no Theatro Empyreo a 1ª conferencia abolicionista de Carlos de Lacerda em homenagem á data em que o Ceará déra o grito de remissão dos escravos. Mais de mil pessôas accorreram ao theatro. Lacerda perorando disse que se organizasse uma associação sómente de abolicionistas destemidos, e acclamou para ela os seguintes nomes:

Presidente, Dr. Francisco Portella, por causa das suas ideias avançadas e por ser *o primeiro que escreveu em Campos* a favor da emancipação; Vice-presidente, Dr. José Manoel Carlos de Gusmão, thesoureiros, Antonio Manoel da Silva Campos e Manoel Duarte Pereira Gomes; secretarios, AIberto Siqueira e Cecilio Lavra, todos elles dedicados apostolos do abolicionismo.

Carlos de Lacerda apresentou então 1 carta de liberdade; o Club Tenentes de Plutão apresentou 2 cartas; os clubs Indiano e Macarroni, 3 cartas cada um. D. Ritta Brasileira de Vasconcellos Campos, Francisco Campos e Candido Gomes, tambem apresentaram cartas de alforría. Oraram enthusiasticamente João de Moura Minguta, o sargento Gabriel de Magalhães e o Dr. Alvarenga Pinto. Com aquellas alforrías foram despendidos 5:090$000.

Antes de proseguirmos, façamos uma importante demonstração calcada em dados estatisticos acerca do numero de pessôas escravas que existiam no Brasil em 1884:

PROVINCIAS	Escravos	PROVINCIAS	Escravos
Amazonas	1.716	Sergipe	26.173
Goyaz	6.899	Alagôas	29.439
Matto Grosso	7.051	Côrte	35.568
Paraná	7.668	Maranhão	60.059
Rio Grande do Norte	10.051	Rio Grande do Sul	68.703
Santa Catharina	11.049	Pernambuco	84.700
Piauhy	18.691	Bahia	165.403
Ceará	19.588	S. Paulo	174.622
Espirito Santo	20.717	Minas	279.010
Pará	25.393	Rio de Janeiro	268.831
Parahyba	25.817	**TOTAL**	**1.346.648**

Ora, Provincia do Rio de Janeiro ERA CAMPOS, o grande centro agricola, – e d'ahi o verificar-se que, apenas a grande Provincia de Minas Geraes superava em numero de escravos ao nosso fluminense torrão.

Em 17 de Abril de 1884 Lacerda focalizou bem a sua propaganda, apresentando uma face da questão em jogo, bem ao vivo, e a modos de impressionar profundamente: é que exhibiu ás autoridades e á imprensa o caboclinho Theodoro, de 14 annos, escravo de um senhor Arêas com as costas feridas por azorrague, tendo a população ficado muito irritada com o escravagismo. Luiz Militão, o poeta conterraneo, fez então uma conferencia no Theatro Empyreo, na quinta-feira Santa, profligando os excessos e condemnando os horrores da escravidão, tão contrarias á Religião.

Era inicio da debacle. Para melhor diffundir a sagrada propaganda da libertação, o denodado Lacerda lança aos ventos da publicidade, no dia 1º de Março de 1884, o destemeroso jornal «*Vinte e Cinco de Março*».

A 27 de Junho Lacerda fez a 2ª conferencia no Empyreo, agitando sempre os animos contra o escravagismo. Isso fez com que um vereador que era dono de escravos, (cujo nome não citamos para não deprimil-o ainda agora,) na Camara Municipal pedisse «*providencias contra o Abolicionismo que se erguia*...» porem dois outros vereadores profligaram ali mesmo aquelle gesto desordenado no seio da Camara contra o salutar movimento libertador.

Os abolicionistas começaram então a pôr em pratica o *primeiro ponto do seu grande plano*: provocavam as «fugas» dos escravos, que elles se encarregavam de occultar e remetter para o Ceará, onde a escravidão já não preponderava. Foi assim que da Fazendinha («Becco») propriedade de d. Brigida de Miranda Moreira, (mãe do Raymundo Barbaça), começaram a fugir, por industria dos abolicionistas, os escravos: Felix Benedicto, Agostinho, Nicolau e Maria, nos dias (respectivamente) 11 e 19 de Setembro, 18 de Outubro e 2 de Novembro. Dias após fugiram mais: João, da Fazenda Cacomanga, de Maria Baptista Pessanha Teixeira; Amaro, vindo de Dores de Macabú, escravo de Antonio F. Torres Junior.

Foi annunciada outra conferencia abolicionista para o dia 7 de Setembro, no Empyreo, tendo os escravocratas, tentando obstal-a e preparando atenuante para um premeditado attentado, espalhado

o boato de que naquelle dia os escravos todos se sublevariam por incitamento dos abolicionistas, e por prevenir o imaginario *levante dos negros* instigaram as autoridades, para que mandassem vir uma força de 30 praças. Mas nem esse apparato bellico poude impedir que a conferencia se realizasse extraordinariamente concorrida, discursando Lacerda, Francisco Thomaz Augusto e Luiz Militão, sendo entregues 21 cartas de liberdade.

Em 1885 – Pedro Albertino fez uma conferencia, no domingo 22 de Fevereiro, ás 7 horas da noite no Empyreo, com a presidencia de Lacerda. Foram então apresentadas 18 cartas de liberdade, fallando a seguir Eleuterio Lima. O theatho foi pequeno para conter o povo, e a massa popular entulhou-o até á rua.

Em 25 de Fevereiro de 1885 foi apresentada á Cacaro dos Deputados uma representação firmada por numerosos fazendeiros e commerciantes Campistas pedindo alforría gratuita e incondiccional de TODOS OS ESCRAVOS do Brasil dentro do praso de sete annos. Referindo-se ao caso o "Jornal do Commercio" disse que "o importante documento será contado na historia do abolicionismo por uma das manifestações mais honrosa para o caracter nacional".

Francisco Ribeiro Pinheiro e sua esposa d. Deolinda Jorge Leite Pinheiro, signatarios que foram da representação á Camara dos Deputados, deram cabal próva de sua sinceridade assignando em 27 de Fevereiro o seguinte documento: – «Nós, Francisco Ribeiro Pinheiro e Deolinda Jorge Leite Pinheiro, marido e mulher abaixo-assignados, de nossa livre e expontanea vontade, sem coacção de sorte alguma, querendo concorrer com o nosso contingente para a extincção da escravidão em nossa Patria, temos resolvido que os escravos que actualmente possuimos e viemos a possuir nos prestem serviços como escravos a nós e a nossos herdeiros SOMENTE até o dia 25 de Dezembro do anno de 1889, por ser aquelle o dia, em que nasceu o Redemptor do Mundo, concedendo nós dessa data em diante, alforria aos mesmos, para que naquelle dia 25 de Dezembro de 1889 entre no goso pleno de liberdade e sejam considerados pessoas livres – Fazenda

de S. José em Campos, 27 de Fev. de 1885. (Assignaturas e a relação dos 32 escravos). Registrado no 3º Cartorio do tabellião Dr. Antonio José de Mattos Lima.

A 11 de Março de 1885 veio á sua terra natal JOSÉ DO PATROCINIO' então redactor da "Gazeta de Noticias" tendo os seus conterraneos o recebido com enthusiastica manifestação de regosijo. O povo ovacionou o grande jornalista desde a sua chegada na estação da Corôa. A rua Beira Rio estava toda engalanada. O Club Abolicionista hospedou-o. Fez elle a 1ª conferencia no Theatro S. Salvador a 13 de Março e a 2ª a 15.

As conferencias de propaganda amiudavam-se, tomando parte nellas alem de Carlos de Lacerda, Manoel Franco, dr. Alvaro de Lacerda, Pedro Albertino.

Em Maio de 1885, o delegado Affonso Osorio ataca pela imprensa a Lacerda e prende a Adolpho Pereira Porto, bem como a Adolpho Magalhães e Feliciano José da Silva, os quaes entraram em Jury em 11 de Junho accusados de ter invadido a fazenda do tenente Orbilio da Costa Bastos, em S. Gonçalo, no dia 27 de Março e, arrombado a senzala, retirando della escravos e um tronco. Para a defeza dos accusados veio propositalmente a Campos, o dr. Sisenando Nabuco, que com os drs. Candido de Lacerda e Manoel Coelho Barroso conseguiram por 11 votos a absolvição dos abolicionistas, cuja sessão do Jury terminou ás 9 horas da noite do dia 11 de Junho, absolvição que fôra fructo de uma tactica dos abolicionistas, os quaes para aterrorisarem os jurados, (que eram todos senhores de escravos e medalhões da fidalguia), espalharam o boato de uma *revanche* caso os seus companheiros fossem condemnados, e para mais apavorar, cortaram os fios da illuminação publica ficando a cidade mergulhada na mais tétrica escuridão. Juiz e jurados perceberam bem o peso daquellas trevas... e accenderam a luz da liberdade aos réus...

Por essa occasião o valoroso «Club Abolicionista» estava assim organizado: – Presidente, dr. Candido de Lacerda; vice-presidente, major Marcos da Costa Brito; thesoureiro, pharmaceutico Antonio Manoel da Silva Campos; 1º secretario, Antonio Fernandes da Costa Pimenta; 2º secretario, Emilio de Souza Martins; orador, Carlos de Lacerda;

fiscal, Amaro Bastos Renner, Conselho: Leopoldino de Amorim, João Ribeiro Pimentel, Antonio Dias dos Reis Netto, João Ferreira de Souza, David da Silva Rodrigues, Francisco de Paula Guimarães, João Cardoso Pereira Lobo, Alcebiades Lucas Moreira, Antonio Leopoldino Pereira Porto, Bernardino Antonio de Oliveira, Firmino Domingues da Cruz Sobrinho e João Pereira Pedra.

Carlos de Lacerda foi preso e recolhido á sala livre por ser commendador, em 31 de Maio, ainda por causa do arrombamento da fazenda Orbilio.

O Tribunal da Relação, em 16 de Junho havia concedido ordem de soltura ao commendador Lacerda tendo o «habeas-corpus» desfeito a ordem do Juiz dr. Constantino José Gonçalves. Emquanto isso, no Parlamento o illustre campista Conselheiro Thomaz Coelho defendia os abolicionistas de Campos acusados de praticar excessos, chegando a dizer: – «*o chefe do Abolicionismo conduzia a propaganda no terreno da legalidade*», – rebatendo assim os artigos do Juiz Gonçalves publicados no «Jornal do Commercio».

Das fazendas de Francisco Antonio Pereira Lima e de Elias Antonio de Luna foram retirados tambem escravos e troncos, no mez de Junho. Na fazenda do primeiro, em Guarulhos, (hoje usina de S. João) deu-se um episodio que bem caracterisou o arrojo, a tactica e a calma com que intelligentemente agiam os abolicionistas, que já inspiravam tanto terror aos senhores de escravos: Em certo dia de Junho o coronel «Chico Lima» recebe um recado dos abolicionistas avisando que estes iriam, naquella noite atacar sua fazenda e tirar uns escravos que os abolicionistas sabiam estarem presos com ferros.

O coronel preparou sua capangada que ficara vigiando a fazenda á noite. Em dado, momento, o pessoal de Chico Lima ouve tiros disparados num local mais interior e distante da fazenda, e emquanto uns acodem partindo para o local dos tiros, outros receiosos fogem, e outros grupos de abolicionistas em correria dispararam suas armas em varios lugares estabelecendo a confusão e pondo a gente de Lima tonta. Emquanto isso, outro grupo penetrava por outra cancella, chegando á senzala e arrombando-a para retirar e levar consigo os escravos, troncos,

gargalheiras, correntes, toda a especie de horrendos supplicios que lá encontraram que dias depois ficaram em exposição na redacção do «Vinte e Cinco de Março».

Dia a dia surgiam nas fileiras do abolicionismo novos adeptos a formarem outros contingentes, e é bom e justo que o historiador não deixe de mostrar aos pósteros um só daquelles obscuros mas denodados zuavos da mais humanitaria causa que se emprehendeu no Brasil: – Manoel Paula Guimarães, Antonio José de Brito, José Francisco de Mattos Sobrinho, Manoel Antonio Aderne, Paulino Gomes, Epiphanio José de Sousa, Alexandre Ramos, Manoel Pereira da Rocha, João Bento Alves, Bernardo Bento Alves, Antonio Ramos, Domingos Braga, Juvenal Borges Carneiro.

A 1º de Julho surgiu o jornal «A Evolução». Ao que affirmaram seria o jornal da defesa dos senhores de escravos... É certo que o jornal publicou larga defesa, mas com muita infelicidade, e o «*Vinte e Cinco de Março*» atacou-o rudemente, sem dar-lhe tréguas.

ATTENTADOS DE MORTE – Na noite de 17 de Julho de 1885 estavam Adolpho Porto e João Bento Alves no Becco do Barroso esquina da rua Barão de Amazonas quando foram inopinadamente aggredidos a tiros por 2 cavalleiros. Adolpho ficou gravemente ferido e Bento recebeu leves ferimentos. Os aggressores fugiram sem se deixarem reconhecer nem prender. Raymundo Alves Moreira ficou sendo logo accusado como mandante do attentado, e foram effectuadas prisões de Manoel Ríbeiro e Luiz Alves Moreira, empregado e irmão de Raymundo; outros accusados foram Hermogenes Ribeiro dos Santos e Antonio Fernandes de Miranda. Adolpho Porto intentou acção criminal contra Raymundo, e assim, mais a mais foram se acirrando os odios. Processado Raymundo por Adolpho Porto, foi despronunciado.

Planejaram os escravagistas planos sinistros que foram executados barbaramente. A primeira victima dos cicarios foi Jeronymo de Faria, morto a 22 de Fevereiro de 1886; a segunda foi Luiz Fernandes, em 30 de Janeiro de 1887 no Empyreo, e quasi um mez depois, em 22 de Fevereiro, assassinaram a Antonio Eurico Cassalho, no Hotel Frances, n'uma noite de Carnaval.

O 2º *plano* do grande combate ao escravagismo foram *os incendios de cannaviaes*, que começaram a ser postos em prática em Janeiro de 1886. Si as atrevidas arremettidas ás fazendas com o fim de arrancar os negros e lhes dar destino conveniente encheram de apprehensões aos escravocratas, imagine-se quanto esses não ficaram estarrecidos de medo ante a perspectiva de completa ruina por verem devastados pelos incendios mysteriosos, os seus inumeros cannaviaes! Sómente no mes de Janeiro se verificaram incendios em 8 fazendas: Outeiro, de Antonio Ribeiro de Azevedo Arêas, Queimado, Usina S. João, Abbadia, Mantiqueira, Penha, e um cannavial do Barão de Miranda, no Sacco, (hoje Jardim Maria de Queiroz).

Continuando os incendios a devastarem cannaviaes, o Barão de Cotegipe, então presidente do conselho e Ministro da Justiça mandou um aviso á Presidencia da Provincia dizendo convir mandar o chefe de policia a Campos para abrir o inquerito, tendo vindo o Dr. Manoel José Espindola, com 10 praças. No mesmo dia da chegada do chefe de policia, manifestou-se incendio em cannaviaes da fazenda de d. Brigida de Miranda Moreira, mãe de Raymundo Moreira, ás 11 horas do dia.

Diante da terrivel iniciativa dos abolicionistas, os fazendeiros fizeram uma reunião na rua da Quitanda, escriptorio de Thomaz Coelho a 30 de Janeiro, em que tomaram parte: Thomaz Coelho, Ignacio Ribeiro de Azevedo, Barão de Miranda, João Belisario Soares de Souza e outros, tendo o primeiro publicado um libello contra Lacerda, o que foi revidado pelo Dr. Pedro Tavares.

Planejou-se então a eliminação do chefe do movimento libertador, caso elle não se deixasse subornar, mas o Dr. Jeronymo Baptista Pereira verberou com vehemencia e indignação tal medida dos escravocratas, por indigna e barbara. Entretanto a proposta teve a approvação dos demaes fazendeiros e sete dias depois procurou-se assassinar Lacerda quando fazia sua conferencia no Theatro Empyreo, no dia 30 de Janeiro.

O PRIMEIRO EMBATE – Havia uma assistencia superior a 2.000 pessôas, no Empyreo, inclusive familias, quando teve logar um conflicto memoravel. Carlos de Lacerda discursava quando foi provocado por um aparte de Raymundo Alves Moreira e ante o

tumulto que se levantou, Moreira retirou-se do theatro. Continuava a conferencia quando ouviu-se detonações na porta do theatro. Antonio Germano da Silva que estava cégo da vista direita por causa de uma catarata, recebeu um bago de chumbo na vista esquerda ficando totalmente cégo.

Luiz Antonio Fernandes da Silva tambem recebeu um tiro na cabeça, morrendo no dia seguinte ás 11 hs. da manhã. Travou-se uma luta renhida em seguida aos primeiros tiros, ficando feridos: Feliciano José da Silva (na fronte, estomago e coxa esquerda); Manoel Ribeiro Moço (na região thoraxica, lado esquerdo por uma punhalada e no rosto por um caco de garrafa).

Eram as primeiras vidas collocadas no altar do sacrificio para a Liberdade do Negro!

Dias após foi exposto ás vistas da população um escravo que depois de ter andado fugido cerca de um anno, foi preso e entregue ao senhor, Isidoro Alonso de Faria. Posto a ferros, conseguiu fugir novamente conduzindo ao pescoço uma pesada gargalheira na qual estava presa uma forquilha e nos pés grossas pégas. Vindo a pé pelas mattas de S. Fidelis a Campos, no caminho, junto ao Cemiterio fora soccorrido por Luiz Falcão que o mandou conduzir n'uma carroça. Tinha os pés inchados e em uma das pernas se via uma cicatriz que disse ser queimadura causada pelo *argolão incandescente* ao ser-lhe posto na perna!... A população ficou horrorizada ante um tal quadro e mais repelliu e amaldiçoou a Escravidão.

FOGO! SEMPRE FOGO! As labarêdas da luta crépitavam taes quaes as labarêdas dos cannaviaes: a 6 de Fevereiro de 1886, ao meio dia, ardeu na Fazenda Velha, de Francisco Ferreira Saturnino Braga; o chefe de policia foi fazer corpo de delito e verificou um prejuizo de 2 contos; mais 3 cannaviaes foram achados em chammas, na fazenda do Paraiso, de Guilherme José de Miranda e Silva, em S. Gonçalo. Em Setembro ardem cannaviaes na fazenda da Abbadia, de Antonio Custodio Coelho de Almeida, havendo o prejuizo de 5 contos. O chefe de policia vendo que nada podia fazer, regressou sem mais demora...

Era impossivel prevêr ou evitar os mysteriosos incendios, porque estes eram operados da seguinte maneira: – Os abolicionistas (ou alguns escravos industriados por elles), collocavam um vidro de lente sobre palhiço de canna, á beira dos nannaviaes, de modo a ficar bem exposto aos raios solares. Pela acção do sol a lente produzia o fogo que encontrando a palha secca devorava rapidamente os cannaviaes. Assim, era impossivel pôr as mãos nos incendiarios ou evitar os grandes prejuizos dos corypheus do escravagismo.

Em 7 de Março de 1886 pela madrugada, o alferes Costa Real e 4 praças de linha, com Antonio Eurico Cassalho, Manoel Arêas e outros, invadiram a residencia de Lacerda para assassinal-o. Lacerda ameaçado entre facas, revolvers e garruchas, escapou, fugindo pelos fundos da casa, indo refugiar-se na estrada do Sacco, em casa de José Francisco de Mattos Sobrinho, donde tomando um cavallo, voltou ao centro, indo azylar-se na casa do tenente-coronel Antonio Rodrigues da Costa, na rua Direita.

Em 25 de Maio a tropa de linha foi retirada de Campos.

Em 12 de Dezembro houve um grande motim entre o povo e soldados, sendo preso um abolicionista, que conseguiu evadir-se ajudado pelo povo, ficando um dos soldados sem o réfle por lhe ter sido arrebatado, ficando como trophéu em mão d'um dos populares...

100 LIBERTAÇÕES! – No dia 31 de Dezembro de 1886 João José Nunes de Carvalho fez uma grande festa no Limão, dando liberdade a mais de cem escravos. A Confederação Abolicionista enviou a João Carvalho o titulo de benemerito, o qual foi assignado por João Clapp, Luiz de Andrade, André Rebouças, José do Patrocinio, AIberto Victor e Jeronymo Simões.

Continuando a arderem mysteriosamente os cannaviaes dos inimigos do Abolicionismo, pois no «Scipião» queimou-se um de José Pinto Pessanha, o Governo mandou abrir inquerito, promettendo dinheiro... (chegou a abrir-se um credito de 4 contos...) aos delatores livres, e liberdade aos escravos, – o que provocou um vehemente protesto da Confederação Abolicionista, no Rio, em cujo *meeting* presidido pelo senador rio-grandense Avila, falaram Ruy Barbosa, dr. Cyro de Azevedo, Quintino Bocayuva e José do Patrocínio, que teve palavras de fogo como estas:

– «A perseguição demonstra que esse desmoralizado governo da Escravidão só póde viver voltando contra as consciencias as armas que a lei lhe deu para garantir o amor da patria e que elle vendeu a pirataria! A morte, bem-vinda seja ella: precisamos de algumas gottas de sangue mais para completar o diluvio que ha de bem cedo, innundar essas instituições e esses homens apodrecidos.»

O dr. Manoel Rodrigues Peixoto e Antonio Manoel da Costa, da fazenda de Santo Antonio, promoveram em Março de 1887 a libertação dos escravos dentro de cinco annos. Tambem o capitão José Manoel da Costa e major João Gregorio Francisco de Miranda adheriram á iniciativa de libertar os seus servos. Destes 4 senhores o numero de libertações attingiram a 400. Como aquelles bons exemplos fructificassem, cuidaram de libertar seus escravos a curto praso: João Francisco Dumas, (fazendeiro em Mineiros), Visconde de S. Sebastião, José Pinto de Souza Vasconcellos; José Rodrigues de Araujo adquirindo em Março a fazenda do Becco, que era do Visconde de S. Sebastião, acto continuo reuniu todos os escravos e prometteu-Ihes a libertação dentro de 4 annos. D. Maria Elisa Carneiro, na sexta-feira da Paixão, de 1887, deu carta de liberdade á sua escrava Cecilia, de 24 annos.

O exemplo dos senhores campistas foi emitado pelos paulistas que foram tambem acceitando o movimento libertador.

A 25 de Março de 1887 realisou-se em Campos *o primeiro meeting*, na Praça do Rosario. Por ser uma novidade então, apresentada pelos abolicionistas, attrahiu muita gente.

Os abolicionistas approveitavam todas as opportunidades para desmoralizar o escravagismo, e foi assim que no dia 15 de Maio apresentaram ao Juiz Municipal 4 escravos e 1 escrava carregados de ferros: pêgas, gargalheiras de 1ibambo, correntes; eram os escravos: Salvador e José, do Conselheiro Thomaz Coelho; Marcos, de Manoel Joaquim de Faria e a escrava Fellippa, de José Bento Carneiro. Como conseguiram os abolicionistas esses escravos?... Milagres da tactica lacerdista!...

O Juiz encarregou a Manoel Ferreira de Mattos e Nicolau Rockert de cortar os ferros, nomeando peritos para examinar os ferimentos das victimas os drs. Theophilo Torres e Mattos Judice.

Um brado em prol da abolição retumbou no dia 8 de Setembro de 1887, na Egreja do Carmo, na hora da missa commemorativa da Natividade de Nossa Senhora. Foi mais um tiro certeiro no escravagismo cruel, deshumano e anti-christão. O padre Tito Affonso Capellani subindo ao pulpito e dirigindo a palavra á grande assistencia que enchia o templo, disse:

– «O Brasil havia commemorado na vespera o anniversario da sua independencia, mas... infelizmente, era um facto que não podia ser motivo de jubilo porque não era uma verdade a independencia, não era uma verdade a liberdade, emquanto existisse o CANCRO DA ESCRAVIDÃO! Que esse cancro *precisa ser estirpado* para a felicidade da Patria, para o bem geral da Sociedade: e era essa a nobre tarefa que a Egreja tomava agora sobre si» E perorando o sacerdote levantou ainda mais a voz, dizendo: «Este dia era o do nascimento de Maria, a escolhida por Deus para dar ao mundo o Homem que veio FRATERNIZAR A HUMANIDADE e que era este o dia que elle escolhera para em nome de Maria Santissima e de seu Divino Filho, implorar de todos os que possuem escravos a sua collaboração na grande obra da redempção dos captivos».

Por seu turno os Bispos começaram a publicar Pastoraes que muito concorreram para abreviar a abolição, assim tambem o Papa.

Em 31 de Julho de 1887 o Club Indiano Goytacaz promoveu um passeio recreativo á cidade de Macahé, onde Carlos de Lacerda faria então uma conferencia em prol da liberdade, – mas os macahenses instigados pelos donos de escravos daquella localidade, impediram o desembarque dos passeantes campistas, se postando na estação da estrada de ferro mais de 200 capangas armados e dispostos a assassinarem Lacerda e ao dr. Pedro Tavares.

RAPTOS CURIOSOS – No dia 1 de Abril de 1887 os abolicionistas praticaram mais um dos seus prodigios: estavam presos no Quartel, na rua do Sacramento, 2 pretos que, accorrentados um ao outro faziam a faxina, quando os abolicionistas conseguiram apoderar-se dos presos, (que não eram criminosos, mas sim, fugitivos) dando-Ihes evasão pelos fundos do quartel, que sahia para a rua Barão do Amazonas, e depois de tirar-lhes a corrente e as «gollilhas» do pescoço, fizeram-lhes a barba, os

vestiram e remetteram para o Rio com destino ao Ceará. O carcereiro, Antonio José de Carvalho Figueiró foi exonerado... e substituido por Antonio José S. Guimarães.

A LUTA RECRUDECE! – Annunciada uma conferencia abolicionista no Theatro Empyreo, para 28 de Setembro, afim de celebrar a data da Lei do Ventre Livre, Raymundo Alves Moreira publicou no mesmo dia o seguinte:

«Eu e o famigerado Luiz Carlos de Lacerda, vulgo capitão do matto da Loanda. – Constando-me que o celeberrimo capitão do matto da Loanda vae fazer amanhã uma conferencia abolicionista no theatro Empyreo, – tambem annuncio e previno que occupando elle uma tribuna occuparei outra. Se houver conferencia a minha palavra será a da verdade e com factos que pretendo discutir hei de confundir o fogoso conferente»...

Era «fita»... elle bem sabia que não poderia penetrar no theatro... Então outras represalias foram engendradas contra os abolicionistas. A 24 de Outubro, postaram-se desde ás 2 horas da madrugada 2 policiaes em frente do sobrado em que estava a redacção do «*Vinte e Cinco de Março*», e verificou-se então um grande conflicto. Pela manhã compareceu o delegado Dr. Affonso Peixoto de Abreu Lima que, depois de intimar em vão que abrissem a porta da redacção, mandou arrombal-a e dar busca no sobrado, encontrando-o vazio. O delegado indo á rua do Rosario, casa de Adolpho Porto que ficava nos fundos do predio da redacção, prendeu a Porto, Julio Armond, Leopoldo Ferreira, Feliciano José da Silva e José Francisco de Mattos Sobrinho, mandando recolhel-os á Cadeia. A força de policia entrou então na Redacção e destruiu tudo... A causa de todo esse ataque foi o ridiculo atirado pelo «Vinte e Cinco de Março» ao commandante da policia, pelo epitheto «*Capitão Peixe-Frito*».

Antes de darmos o epilogo deste conflicto devemos explicar que o tiroteio em frente da redacção originou-se porque os 2 soldados queriam apagar o lettreiro «*Capitão Peixe Frito*» que se achava gravado na parede do predio, allusão ao capitão Fernando Pinto de Almeida.

No dia 1º de Novembro houve uma sublevação dos escravos ao saberem da prisão dos abolicionistas, e cerca de 40 delles reuniram-se

na ponte do Parahyba, em Guarulhos, dispostos a atacarem a Cadeia e de lá retirarem os abolicionistas, mas a policia agindo a tempo prendeu sete delles, tendo os demaes fugido.

A 20 de Novembro, seis mezes antes de raiar a Lei da Abolição, devia realisar-se uma reunião politica no Empyreo promovida pelo deputado provincial Dr. Alvaro de Lacerda, ás 10 horas da manhã. Uma força da policia postou-se á porta do theatro e não permittia que entrasse ninguem armado. Porque muitos não quizessem se submetter áquella exigencia, deixando de entrar no theatro, foram postar-se e em grande multidão na rua; o Dr. Lacerda declarou então que fazia a reunião na sua residencia, e para lá se dirigiu acompanhado do povo. Da janella da casa, na rua Direita, começou a discursar, e então a cavallaria da policia arremeçou-se a galope sobre o povo, despersando-o com os cavallos e com... rebenques! Espadas foram desembainhadas e praticaram espalderamentos! Á vista da violencia o conferencista á frente da multidão foi á casa do Juiz Municipal, Dr. Godofredo Xavier da Cunha pedir garantias contra aquelles excessos. O juiz foi com o Dr. Alvaro á casa do Dr. Juiz de Direito, Carlos José Pereira Bastos.

Emquanto isto a policia atacava o povo, mesmo perto da casa do Juiz, o qual teve occasião de assistir o ataque tendo convidado os populares a refugiarem-se em sua casa. Os conflictos entre populares e policia nas ruas Direita e Quitanda foram renhidos; o povo campista daquelles dias nao era o povo campista de hoje... exessivamente compassivo e até demasiadamente soffredor...

O povo que se achava sem armas, defendeu-se utilizando-se das pedras que arrancavam dos calçamentos. Ficaram feridos por balas: Domingos Vicente Rosa, Fellippe de Santiago e Raymundo Alves da Cruz, este gravemente, quando fechava a porta da sua casa commercial. O juiz foi ao encontro da policia e fez recolher esta ao quartel. A noite a policia sahiu novamente á rua, deu uma descarga na rua dos Andradas, sendo ferida uma pobre mulher, no braço e peito.

O Juiz fez que o governo retirasse o já então celebre «*Capitão Peixe-Frito*» e seus soldados, vindo então para Campos outra força policial

commandada pelo capitão José Alves Sampaio, em 27 de Novembro, que tornou-se bemquisto do povo.

Em Fevereiro de 1888 a imprensa campista advertia: – «*É tempo! É preciso! dar um polpe decisivo na escravidão, estabelecendo o trabalho livre e com este a paz. A escravidão acabou-se, é preciso organisar-se o trabalho rural com braços livres*». Os exemplos dos fazendeiros campistas Julião Baptista Pereira de Almeida e Francisco Ribeiro Pinheiro legando a liberdade aos seus escravos provocou as acções nobilitantes do conspicos agricultor João José Nunes de Carvalho e da distincta fazendeira D. Anna Gregoria de Miranda Pinto, que os imitaram.

O «Monitor Campista» publicou uma serie de artigos com o titulo – «Aos que dormem...» donde extractamos este trecho:

«*Já não é o escravo tranzido de terror que implora piedade ao senhor, é este, soffrendo mil martyrios n'alma, fructo de sua incuria e da incerteza em que labora, que rende-se humilde a evidencia da Liberdade.*»

O «*Vinte e Cinco de Março*» e «*O Telegrapho,*» este redactoriado por José de Castro Bessa, agitam a propaganda. Francisco Pereira de Miranda Pinto para festejar o anniversario de seu filho Gregorio, no dia 2 de Fevereiro, desistiu da condição do seu escravo Marcolíno, reduzindo ao praso de 1 anno a condição dada aos escravos Eugenio, Francisco, Randolpho e Alexandrino, dando-lhes salario mensal.

A 2 de Fevereiro de 1888 Carlos de Lacerda convocou uma reunião no Empyreo «para que o partido abolicionista deixasse bem clara e definida a sua attitude em face dos acontecimentos relativos á propaganda». Era a ultima cartada. Começaram os escravos a abandonar em massa as fazendas. Até ao dia 15 de Março, os fazendeiros deram liberdade a 340 escravos, no dia 16 mais 322; no dia 17, 415; no dia 18 celebrou-se o Congresso Agricola, no paço municipal, ao meio dia, tomando parte fazendeiros e commercianttes. Presidiu-o o Dr. Francisco Portella secretariando os drs. Nilo Peçanha e Candido de Lacerda. O fim era estabelecer-se a emancipação definitiva do Municipio e organisação do trabalho livre, sendo então votada a seguinte proposição, que foi approvada:

«*O Congresso julga necessaria e urgente a abolição immediata da escravidão sem condições, neste Municipio*».

O dr. Antonio Carneiro Antunes Guimarães depois de fazer um animado discurso propoz que o congresso se dirigisse ao Governo exprimindo seu voto para que decretasse quanto antes a abolição immediata da escravidão em todo o Imperio, formulando a seguinte moção:

«A população do Municipio de Campos julga de seu dever manifestar ao governo imperial o voto que faz para que seja decretada, quanto antes, a abolição da escravidão em todo o Imperio, ainda que por um acto do poder executivo, porque é preciso que cesse já a perturbação geral e profunda do paiz.»

O dr. Alvaro de Lacerda opinou para que antes de ser remettida a moção se consolide a libertação immediata do Municipio, porisso lembrou fossem nomeadas commissões parciaes para promoverem a libertação nas freguezias campistas, fazendo-se então, em 25 de Março outra reunião para se recolher os resuItados das commissões, declarando-se naquelle dia – O MUNICIPIO DE CAMPOS LIVRE DA ESCRAVIDÃO.»

Fallaram ainda Dr. Pinheiro de Andrade, Carlos de Lacerda e Dr. Nilo Peçanha. Uma commissão foi nomeada «para proceder a reorganização do serviço rural» composta de: Basilio Lannes, Francisco Ferreira Saturnino Braga Junior, João José Nunes de Carvalho, João Gomes Sobral de Barcellos, coronel Francisco Antonio Pereira de Lima, Dr. Manoel Gesteira Passos, Dr. Feliciano Manhães Barreto, commendador Antonio José Ferreira Martins e major José Julião Ribeiro de Castro. Para cada rua da cidade foi nomeada uma commissão para solicitar as emancipações, e a da rua do Principe ao percorrel-a, não encontrou mais nenhuma pessoa escrava!

EXODO! – Desde 6 de Março começaram os escravos a se retirarem em grandes grupos das fazendas de: Marcellino Francisco Soares, (Carvão), José Francisco Crespo (S. Gonçalo), Antonio Ferreira Saturnino Braga (S. Gonçalo), e major Manhães Barreto (Araçá). No dia 8 e seguintes o numero de «*retirantes*» augmentou consideravelmente, chegando, diariamente, na cidade, mais de 500 escravos Não sendo mais

possivel deter a catadupa do movimento emancipador os fazendeiros se reuniram no dia 10 de Março e publicaram o seguinte aviso:

«Varios fazendeiros dentre os mais importantes, tanto de um como de outro lado politico promovem uma reunião de todos os interessados, no Paço da Camara, as 11 horas afim, de assentar-se a emancipação definitiva do municipio e na organização do trabalho livre.»

Thomaz Coelho de Alrneida havia expedido ordens severas ao commendador João Gonçalves Pereira, delegado da policia, para não intervir contra os «*retirantes*», e assim elle se manteve com prudencia deante da melindrosa situação.

De 11 de Março a 5 de Abril houve no municipio 8.727 libertações.

LIBERTAS!

A 8 de Maio é recebido em Campos, ás 4 horas da tarde o seguinte communicado telegraphico:

«Côrte, 8 Maio. – O governo apresentou hoje á Camara proposta extinguido a escravidão do Brasil. O enthusiasmo da população friza o delirio.»

Si na Côrte onde não se viram todas aquellas 85 *gargalheiras* de ferro e correntes que a policia ao arrombar a redação do «Vinte e Cinco de Março» foi encontrar lá, retiradas dos pescoços, braços e pernas dos mártyres escravos; si na Côrte, onde não se viram contusões e echimoses soffridos pelos Mártyres da Liberdade: – Adolpho Porto, Julio Armond e Leopoldino Ferreira, – o enthusiasmo popular frizara o delirio – imagine-se em Campos, THEATRO DA GRANDE LUCTA que se feriu para a extinção da negregada e deshumana instituição do captiveiro!

No dia 13 de Maio, ás 4,25 da tarde, outro telegramma:

«Passou no Senado em 3.ª discussão o projecto declarando extincta a escravidão no Brasil. A lei tem o n.º 3353.»

Oito dias de festas encheram as ruas de Campos de movimento e alegria! e nem se póde descrever o regosijo do povo mais indomito e mais decidido pela Liberdade, assim como é indescriptivel as galas com que então se cobriu a cidade, para se festejar o grande acontecimento.

E quando, em 1900 se festejou a data sublime, o nosso poeta Azevedo Cruz cantou a grande arremetida por estes versos brilhantes:

«O dia de hoje é filho da Justiça
Da Razão, da Verdade e do Direito!
Lei contra a Cobiça
E contra o Preconceito!

Rôtas algemas! Livre a Raça Espuria!
Não mais os Fortes dominando os Fracos!
Lavou-se alfim a secular injuria
Da frente de Spartacus!

Houve mistér, no longo tirocinio,
Que o sangue fértil fecundasse a terra
Mas a idéa venceu com Patrocinio,
Nabuco e Joaquim Serra!

Dos mortos hoje a Patria as glorias herda!
Bento e Gama e Menezes e Fernandes!
E entre os maiores – *Carlos de Lacerda*
O *Bayard* entre os grandes!

Campos, meu berço! Intrépido reducto
Da Abolição! Aquella voz sonóra
Que é feito della? Cobre-te de luto!
Terra querida, chóra!

Nomes? foram Cordeiros e Glycerios!
Pedro Albertino! Quantos são? contae-os!
Quando a tormenta escala os hemispherios
Contam-se acaso os raios?

O dia de hoje é uma licção de Historia
Lêde-a! Com sangue lagrimas escripta!
Guardae-a na memoria,
A pagina bemdicta!»

E já aqui chegados, rematando a nossa narrativa historica da mais brilhante phase da vida camposina depois em que se achou empenhada a heroina Benta Pereira, vem a proposito, como um reparo fórte, reproduzirmos aqui topicos de uma carta daquell'outra Matrona Campista, já agora afastada do nosso convivio:

«Ilmo.. Snr. Horacio Sousa. – Rio, 25 Maio 1934. – Saudações. – Li no «Monitor» de 19 de Maio, (data justamente do anniversario de Carlos de Lacerda), um vosso artigo com referencia á indifferença dos nossos patricios para com o maior heróe que teve Campos. Ninguem melhor do que eu, póde conhecer essa luta, companheira em todos os transes e víctima que fui, devido á grande propaganda em que se empenhou aquelle que foi meu esposo notando-se que quando foi decretada a lei de 13 de Maio, CAMPOS NÃO TINHA MAIS ESCRAVOS. Mas sempre notei que os campistas deprimem os seus patricios para protegerem e glorificarem os estranhos á nossa terra!... Agradeço-lhe a feliz lembrança e aceite os protestos de amizade e gratidão. – *Olympia Lacerda*».

Não esqueçamos, pois, «*d'uma lição de Historia escripta com sangue e lagrimas*», como bem accentuou o vate conterraneo; – mais ainda, – façamos de nossos corações os altares d'aquelles que se offereceram em holocausto pelos infelizes – Lacerda, Adolpho Porto, Julio Armond, Heredia, Adolpho de Magalhães, Feliciano José da Silva, João Bento Alves, Antonio Germano, Luiz Antonio Fernandes, Manoel Ribeiro Moço, Domingos Vicente Rosa, Fellippe de Santiago, Raymundo Alves da Cruz, e tantos outros, já que uns offereceram o seu sangue generoso, outros a propria vida, em prol da sacrosanta – LIBERTAS!

O PARAHYBA E SUAS ENCHENTES

Esta torrente maravilhosa que tantos beneficios nos presta, porisso que a estimamos, que nossos poetas a descantam, que nossos pintores a reproduzem cuidadosa e fielmente nas suas télas; – esta torrente magica que fertiliza nossos campos e abastece assim os nossos celeiros, é a mesma apavorante torrente que, quando se esquece da sua placidez, quando se desvencilla da sua quietude, salta para as nossas ruas, invade e derruba nossas casas, estabelecendo o panico, a desorientação, o prejuizo, até a morte!

Dentro deste seculo da nossa cidadania o Parahyba tem feito 9 grandes e impetuosas incursões na cidade, sendo que; por mais terriveis, ficaram célebres as pavorosas enchentes de 1833 (2 annos antes da creação da cidade) e as dos annos de 1877, 1882 e 1906, em que bem poucas foram as ruas que não ficaram invadidadas pelas aguas.

Vamos cuidar de todas ellas, cada uma de per si.

Enchente de 1833. – Em Fevereiro verificou-se a chamada «grande enchente», conhecida até então como a maior, segundo constatamos em um officio da Camara (nº. 58) de 30 de Dezembro de 1835. Cento e noventa e oito casas ruiram nas ruas: Direita, Quitanda, Frade, Rosario, Rocio; Detraz do Rosario, Santa Iphigenia, Conselho, Flores, Sacramento, Lapa, Alecrim e Beira-Rio.

Enchente de 1841. – Oito annos depois daquella calamidade os campistas soffreram identica inundação da cidade, com forte correnteza atravez do «Corrego do Cula». O curso deste corrego era: pelos terrenos

que hoje formam lado e fundos do Cemiterio Publico, tangenciando as antigas estradinhas do Sacco (hoje ruas: Municipal, Espirito Santo e Rocha Leão) na Fazenda do Sacco, passando pela frente da ermida e no local em parte occupado hoje pela Estação «Campos», atravessando o actual «Jardim Maria de Queiroz,» por traz do outeiro (hoje alto do Lyceu) até ganhar as «Covas d'Areia,» estrada do Queimado, rua das Covas d'Areia, (hoje «José do Patrocinio,» entrada da rua do Leão, atravessando toda a extensão da actual praça Almirante Porto, ruas das Palmeiras, Fazendinha, Capão, cercados e roças até attingir á Lagôa Feia e assim o Atlantico.

Por que houvesse excacez de generos, o governo Provincial mandou soccorrer a população campista com 4.000 alqueires de farinha de mandioca, visto que os pobres tinham perdido em suas roças os mandiocáes.

Enchente de 1842. – No anno seguinte, no mez de Março houve mais outra inundação, porem sem a gravidade das antecedentes. Comtudo o Rocio ficou coberto d'agua por causa da Lagôa do Cortume (ou do Raymundo), sendo preciso que a Camara mandasse abrir vallas em frente do cortume lá existente, para esgottar o local e circumvisinhanças, isto pelo mez de Abril. A entrada da rua da Jaca tambem ficou com aguas represadas e foram precisas vallas para serem escoadas.

Enchentes de 1856 e 1859. – Nesses annos Parahyba fez pequenas inundações, contudo não deixou de causar prejuizos.

Enchente de 1877.– Começou a 14 de Fevereiro. O Parahyba transbordou na Corôa, entrando pelo porto do Jenipapo, (perto da actual Cadeia), ficando o Cemiterio insulado pelas aguas do «Cula» A rua Voluntarios da Patria, estação dos bonds (então na rua Cons. José Fernandes) a Lapa, foram invadidas pelas aguas e os antigos habitantes de então, disseram, que aquella enchente fôra maior que a celebre de 1833. Estando a Corôa sem passagem, Domingos José Vieira concedeu ao publico franco transito por dentro dos seus terrenos, (hoje rua do Vieira, que então não existia).

Enchente de 1882. – Passaram-se cinco annos sem haver cheias, quando o Parahyba se lembrou de visitar as nossas ruas, onde penetrou aos 25 de Fevereiro e por ellas perambulou fazendo diabruras até o dia 2 de Março. As aguas entraram pelos pontos costumados: Cula, ruas da Quitanda e Goytacazes, Lapa, Matadouro. O trafego da Estrada de Ferro Macahé-Campos ficou interrompido.

Terminada a enchente, no dia 7 de Março, o dr. Henrique Antão de Vasconcellos, Eloy Passos e Albino de Miranda Faria sahiram acompanhados da banda de musica «Nossa Senhora da Conçeição» esmolando pelas ruas para soccorrer as victimas da grande inundação havida em Macahé, e para igual fim o Club Neptuno promoveu um espetaculo no Theatro S. Salvador.

Enchente de 1895. – A 10 de Março, mais uma enchente. A Lapa ficou toda inundada; rua 15 de Novembro desde Voluntarios da Patria até á Corôa. A 12 de Março na rua as aguas subiram ainda mais. As aguas do Corrego do Cula formaram 2 cachoeiras, uma nos fundos da chacara do Dr. José Nunes de Siqueira, nas Avenida Pelinca, e outra alem da ponte da estrada de Ferro. A rua Sete de Setembro, entre Goytacazes e Riachuelo era uma grande lagôa, havendo desabamentos de paredes nos predios de Bernardo Bento Alves e Audeno dos Santos Barroso. Germano Moreira andou com sua canôa em serviço de salvamento nas ruas 7 de Setembro, Riachuelo Miguel Heredia.

Na rua dos Goytacazes a casa de José Pinto Porto ficou quasi toda destruida e paredes desabaram no predio de Emmanuel Couret.. A Cadeia ficou «presa»... pelas aguas Rua 15 de Novembro, desde a do Espirito Santo até ao Cortume, assim a rua Municipal, ficaram tomadas pelas aguas. Cidadãos prestimosos e humanitarios como: Clodomir Feydit, Olindo Lavra, Jayme de Oliveira, João de Freitas, José Luiz, Florindo Baptista, Francisco Barreira, Joaquim Gomes de Azevedo e outros, com canôas prestaram soccorros aos moradores dos logares inundados. Na rua do Espirito Santo quasi todos os predios tiveram paredes desabadas. Na rua Municipal ruíu o predio nº. 35.

Guarulhos soffreu, como sempre, horrivelmente.

A matança do gado passou a ser feita da chacara de José Ribeiro das Chagas, na rua dos Goytacazes. Por se achar invadida a estação dos bonds, ficou paralysada o trafego dos carrís.

No dia 13 as aguas começaram a baixar e no dia 14 notou-se a diminuição de um palmo em seu nivel.

No dia 15 cresceram novamente as aguas e esse repiquête veio ainda fazer damnos: ruiram 2 predios, um na rua do Espirito Santo e outro na rua Rocha Leão. Os predios numero: 23, 25, 27, 33 e 35 da rua José Fernandes ficaram com paredes cahidas. Sómente no dia 19 de Março baixaram sensivelmente as aguas desimpedindo algumas ruas.

O Parahyba nas suas maiores estiagens desce até 5 metros e nas grandes cheias sóbe até 12 metros, como succedeu nas dos annos 1882 e 1895.

Enchente de 1896. A 3 de Fevereiro as aguas começaram a entrar nas ruas da Quitanda e Goytacazes, parte baixa da rua Sete de Setembro, leito da linha «Campista», ruas Conselheiro José Fernandes, Baronesa, Voluntarios da Patria e Espirito Santo. Interromperam-se os trafegos das linhas Macahé e Carangola, assim a dos bondes nas ruas inundadas.

Dia 4 augmentou o volume das aguas. Guarulhos teve muitas casas inundadas.

Dia 5. As aguas cresceram ainda mais. Rua dos Andradas, Thomaz Coelho, Porto do Osorio (Ouvidor).

O pintor Philogonio Magalhães pintou um quadro da enchente.

Dia 6 começou o rio a vasar.

Nesse dia pereceu afogado nas aguas da rua Thomaz Coelho o arabe Miguel Yaziji, natural de Tripoli, de 17 annos, isso quando tentava atravessar a rua. O corpo só foi encontrado 2 horas depois, por um mergulhador...

Enchente de 1901. Não bastava a peste que irrompera em Campos no mes de Setembro; aos 9 de Dezembro o Parahyba transborda inundando logo Guarulhos, S. Martinho, a Mombaça até ao Hospital de Isolamento. Felizmente não fez grandes estragos porque ao 3º dia as aguas baixaram de nivel deixando a população socegada.

GRANDE ENCHENTE DE 1906 – Depois de muitas chuvas o rio teve o volume de suas aguas augmentado em 5 de Janeiro, começando a inundar a Lapa e o leito da E. F. Campista.

No dia 13 invadiu ao Matadouro e hospital de Isolamento, ruas: Municipal, Espirito Santo, com grande impetuosidade. As casas da rua Sete de Setembro proximidades da rua Riachuelo ficaram invadidas pelas aguas.

Dia 14 (domingo), a população começa a impressionar-se vivamente com o aspecto terrivel da enchente. Pelas 9 horas da manhã começaram as aguas a penetrar nas ruas 15 de Novembro e Quitanda, assim tambem nas ruas: Thomaz Coelho, Miguel Heredia, Saturnino Braga, Goytacases, Riachuelo e José Fernandes; a populacão de Guarulhos começou a pedir soccorro e muitos habitantes refugiaram-se na Matriz de Santo Antonio.

A tarde, toda a praça do Sacco estava inundada e a rua do Espirito Santo completamente abandonada pelos moradores, ruindo 6 predios e outro na praça do Sacco.

Depois de dois dias de lenta vasante, começaram a subir novamente as aguas, alteando quatro palmos no dia 18 e no dia seguinte as aguas penetraram na rua dos Andradas, Rosario, Formosa, Ouvidor, Quitanda, Direita, 21 de Abril; Praça do Rocio (Mercado), Praça Azeredo Coutinho, José do Patrocinio, Marechal Deodoro (até Cabral), toda a zona do Sacco, Gil de Góes, Avenida Pelinca, Baronesa, Thomaz Coelho, José Fernandes, Goytacazes, Riachuelo, 7 de Setembro, em summa, bem poucos trechos da parte alta da cidade é que ficaram livres das aguas. O povo em massa refugiara-se nas egrejas, Theatro S. Salvador, edificios da Camara e edificios particulares. Á tarde, a cidade foi abalada por um fortissimo estampido que apavorou terrivelmente a população; motivaram a explosão, as aguas da cheia que penetraram n'um grande deposito de carboreto que havia na rua dos Goytacazes. Foi para nós um «dia do Juizo!»

A REPUBLICA

«Campos na sua phase primitiva foi uma villa turbulenta, REVOLUCIONARIA, que chegou ao ponto de não quererem seus habitantes saber dos Poderes e proclamarem aqui a REPUBLICA, que durou 11 annos, até que a villa foi pacificada».

Muito antes que o Brasil tomasse a formula republicana, em 1889, já os Campistas tinham emprehendido a propaganda democratica. Data de 1876 o inicio da propaganda em Campos, organizada pelo Dr. Miguel Heredia de Sá, no seu jornal «*Gazeta de Campos*. Em 1º de Janeiro de 1877 teve logar a 1ª reunião republicana nesta cidade. Depois de um arrefecimento que durou oito annos, a idéa é novamente agitada pelos campistas, havendo uma grande reunião, a 20 de Setembro de 1885, para a fundação de um club republicano, no predio nº 223 da rua Beira-Rio. Presidiu-a Augusto de Castro Lafayette, secretariada por Thomaz de Sá Freire Redactor da «Gazeta do Povo.» O dr. Alvaro de Lacerda e José Elminio Drummond Esmeraldo foram nomeados respectivamente, orador e thesoureiro.

NILO PEÇANHA, bacharelando-se na Faculdade de Direito de Recife, chega a Campos a 14 de Dezembro de 1887, estreiando na Tribuna do jury em 19 de Março de 1888, defendendo Fernando Rodrigues da Silva, accusado de ter assassinado a Lucindo Lemos da Silva no «Corrego da Chica», em Abril de 1886, e taes foram os arroubos da sua oratoria que conseguiu a absolvição do réu por unanimidade. Em Setembro do mesmo anno encetou uma serie de conferencias republicanas em Mineiros, S. Sebastião, S. João da

Barra, S. Benedicto da Lagôa de Cima, Morro do Coco, Natividade, Santo Antonio do Carangola e a 21 de Novembro em Bom Jesus de ltabapoana, onde a policia foi accusada de commetter violencia contra o povo e o tribuno, tentando assassinal-o.

MANIFESTO – No dia 5 de Abril de 1888 foi publicado o seguinte:

«Os cidadãos abaixo-assignados, republicanos, convencidos, como estão de que convem aos interesses da democracia e é uma obra patriotica organizar quanto antes o partido republicano, convidam aos eleitores seus correligionarios e aquelles outros que nesta data queiram adherir ás suas crenças politicas, a reunirem-se a 21 do corrente, ao meio-dia, no salão do Grande Hotel Gaspar, afim de tratar-se da installação e organização de um Club, que constitua no Municipio o centro de propaganda e da resistencia que é mister oppôr ao regimen monarchico. – Campos, 4 de Abril de 1888 – Dr. Francisco Portella, Pedro Tavares Junior – Nilo Peçanha.»

No dia 21 de Abril, teve logar no Hotel Gaspar a reunião convocada, em que tomaram parte 34 cidadãos, afim de organizar um partido. O manifesto foi redigido pelos Drs. Pedro Tavares, Nilo e Portella, e os estatutos ficaram a cargo dos drs. Galvão Baptista, Hemeterio Martins e Augusto Castro Lafayette. Os primeiros republicanos campistas, foram:

Antonio Silveira de Mesquita, Antonio Simplicio de Salles, Antonio Pinheiro da Cunha, Antonio Martins de Menezes, Antonio da Silva Xavier, Antonio Rodrigues de Mello, Alcebiades Peçanha, Arthur Rockert, Benedicto Galvão Pereira Baptista, Christiano Justo Antonio, Domingos Antonio Tavares, Domingos Moreira Roque, Francisco R. Arêas, Francisco Portella, Hemeterio Martins, Henrique Dias Junior, João Olympio Pimentel, João Judice, João Guedes de Oliveira Machado, José Henrique de Santiago; José da Silva Leite, José Barroso, Joaquim Britto Tavares, Manoel Pinto de Queiroz, Manoel Augusto Monteiro, Manoel Franco, Manoel Joaquim Venancio da Silva, Mariano de Britto, Nilo Peçanha, Pedro Tavares, Romualdo José de Carvalho, Salvador Pires Junior, Thomaz de Sá Freire e Targino da Silva Abreu Campista.

Em 31 de julho de 1888 veio a Campos o grande propagandista *Dr. Silva Jardim* e fez á noite, no Theatro Empyreo a primeira conferencia e no dia 1º de Agosto a segunda.

Agitando a ideia, Nilo fez duas conferencias, em 2 e 30 de Dezembro e Alcibiades Peçanha no dia 23 do dito mez.

Em Junho de 1888 mais uma reunião foi feita em casa do Dr. Galvão Baptista, sob a presidencia de Targino Campista, para resolver sobre a organização de que deveria ter os membros do partido com os clubs parochiaes. O directorio ficou constituido dos Drs. Pedro Tavares, Portella e Galvão.

O Manifesto Republicano então publicado levou as assignaturas seguintes: – Dr. Pedro Augusto Tavares Junior, Dr. Francisco Portella; Dr. Nilo Peçanha, Dr. Hemeterio José Ferreira Martins, Dr. Benedicto G. Pereira Baptista, Manoel Antonio Franco, Targino da Silva Abreu Campista, Sebastião Paes de Sousa, Dr. Francisco Victorino Baptista, Francisco Luiz de Azevedo Silva, Antonio Pinheiro da Cunha, Antonio José da Silva Riscado, Antonio Feydit, Henrique José Dias Junior, Luiz José de Faria Gaio, Domingos Moreira Roque. Honorio Luiz de Freitas, Dr. Fernando Alberto Vieira Lemos, Manoel Pinto de Queiroz, Maximiano Ferreira Duarte, Antonio Rodrigues de Mello, Salvador Pires Junior, Alcebiades Peçanha, Francisco R. Arêas, Clodomiro Feydit, Vicente José Fernandes, Antonio da Silva Gomes e Thomaz de Sá Freire.

Os republicanos pretenderam fazer um grande *meeting* no dia 1º de Janeiro de 1889, na praça do Rosario, para protestar contra as violencias de que foram victimas os cidadãos que assistiram a conferencia de Silva Jardim, no Rio. A reunião foi vetada pelo delegado da policia, João Gonçalves Pereira.

Em 19 de Janeiro reuniram-se os republicanos no escriptorio do Dr. Hemetrio Martins para elegerem o novo directorio.

Nilo Peçanha em 19 de Janeiro publicou: – «Domingo 27, ás horas da tarde, no theatro Empyreo, devo fazer uma conferencia, não obstante propalar-se, sem fundamento, que nós os republicanos temos medo das correrias da policia».

Em de 14 Julho o Dr. Alvaro de Lacerda fez uma conferencia no Empyreo, com Alcebiades Peçanha e Domin- Moreira Roque, e o «Diario de Noticias», do Rio, publicou então: «Filiado hoje ao partido republicano, é de esperar que ao lado de Nilo Peçanha, Alcebiades Peçanha, e outros, tenha Carlos de Lacerda, em Campos, e triumphante, a bandeira da democracia pura».

Em 1º de Novembro, quinze dias antes de ser proclamada a Republica, veiu a Campos, *Quintino Bocayuva*, redactor d' «*O Paiz*», em visita á sua filha, casada com o Dr. Godofredo Xavier da Cunha, juiz Municipal, demorando-se entre nós quatro dias.

A PROCLAMAÇÃO – Na tarde de 15 de Novembro, pelas 6 horas da tarde, chegou a noticia pelo telegrapho: – «Povo, exercito, armada vão intallar governo provisorio, que consultará Nação convocação constituinte. Acclamações geraes Republica. – *Vinhaes*.»

Ás 9 hs. da noite grande massa de povo dirigiu-se ao paço municipal e até teve logar uma reunião sob a presidencia do Dr. Antonio Francisco Ribeiro, secretariado pelo Dr. Candido de Lacerda, sendo destituidas as autoridades imperiaes e formado o concilio administrativo, sendo acclamado:

Dr. Antonio Francisco Ribeiro:

Dr. Pedro Tavares:

Dr. Nilo Peçanha.

Estes dirigiram ao povo campista uma proclamação. O *Dr. Francisco Portella*, redactor do «Monitor Campista» foi nomeado Governador do Estado do Rio de Janeiro Dr. Pedro Tavares foi nomeado Governador do Estado do Maranhão, e o dr. Godofredo Xavier da Cunha foi chamado para occupar a chefia da policia.

No dia 17 a Lyra Conspiradora e o Gremio Musical Carlos Gomes percorreram as ruas da cidade saudando o advento da Republica. Em varios pontos discursaram: Nilo Peçanha, Pedro Tavares, Dr. Jeronymo Motta; Candido de Lacerda, Galvão Baptista, Hemeterio Martins, Alvaro de Lacerda, José Graça Aranha, Thomé Guimarães e Domingos Roque.

No sabbado 23 e domingo 24 proseguiram as festas, achando-se as ruas centraes embandeiradas, e tocando em varios pontos a Lyra de Apollo e a banda N. S. da Conceição.

INTENDENCIA DE CAMPOS – Em 10 de Janeiro de 1890 foram empossados os seguintes intendentes: – Dr. Marianno de Brito, (presidente), Francisco Antonio Pereira de Lima, Dr. Joaquim Ribeiro de Castro, Dr. Hemeterio Martins e Antonio Alberto da Silva Ultra; Procurador, Pedro Gonçalves da Silva; Secretario, Francisco Luiz Minucci.

Outras autoridades: – Delegado, Affonso de Miranda Osorio; sub-delegado, Eloy Passos. Supplentes: Antonio Feydit, Jacintho Martins do Couto Reis, Damaso Jacintho de Sá Carvalho, Virgilio Francisco de Sousa, (no 1º Districto). Antonio José Ferreira Martins Filho, Antonio Martins de Menezes, João Rodrigues dos Reis e Antonio Baptista da Gama, (2º Districto).

Na sessão da posse Nilo Peçanha foi convidado para hastear a bandeira nacional, tocando nessa occasião a Lyra de Apollo o Hymno do Estado do Rio de Janeiro, usando da palavra Nilo e Jeronymo Motta.

E assim começou em Campos o novo regimen.

Em 7 ele Abril de 1890 Raul Paula Remigio de Bellido, Eduardo Franklin, Arthur Rockert, Benedicto Costa, Carlos Rockert, Benedicto Barroso fundaram o "Club Republicano Marechal Deodoro", cujo programma era "cooperar para regeneração do povo e conservação da Republica".

AS BELLAS ARTES

A MUSICA

Os campistas sempre foram muito amantes da musica, e si hoje contamos aqui 5 bandas musicaes, em cada rua se houve um canto ou um piano.

Em 1847 já havia em Campos uma boa orchestra regida por Tiburcio Dias de Moura, assim tambem diversas «bandas de barbeiros», de que trataremos adiante. A orchestra do Tiburcio era denominada *"Corporação Musical"*; em 2 de Janeiro de 1855 fundaram na rua do Rosario n. 65 a *"Sociedade Philarmonica de Campos",* sendo o principal organisador Christiano Julio de Almeida.

Havia tambem por aquella epoca um "Collegio de Musica" para meninas, na rua do Principe, 48, dirigido pelas senhoras: dd. Maria Joanna da Conceição Andrade e Candida Francisca Andrade.

A BANDA "PHIL' EUTERPE" – Foi fundada em 28 de Setembro de 1856, tendo por fundadores: Luiz Martinho dos Santos Gradil, Joaquim Moreira da Rocha Brito, João Alberto Ultra, João Gonçalves Silva Vianna, Joaquim de Almeida Albuquerque, João de Oliveira Grain, José Joaquim da Costa Criméa e Joaquim Ribeiro dos Santos. Os primeiros ensaios foram feitos no sobrado de Francisco de Paula Bellido, na rua das Flores, (onde hoje é o palacete Lyzandro). No ano de 1860 a cidade festejou pela primeira vez em Campos, a padroeira da musica, Santa Cecilia, na egreja N. S. Mãe dos Homens, a 22 de Novembro.

Em 1877 a séde era na rua Direita, n. 9, e annos depois nos baixos da Soc. União Artistica. Em 1883 era o regente Leopoldo Muylaert Leão.

Em 1906 a banda metamorphoseara-se em orchestra, predominando os membros da família Muylaert: dd. Olympia, Etelvina, Corina e Argemira Muylaert, Carlos e Leopoldo Muylaert Junior, o famoso pistonista Rochinha, o clarinetista Antonio Braga, Arthur Muylaert, Valdevino, e outros. Com a morte do maestro Leopoldo desappareceu tambem o veterano conjuncto musical.

Existiram aqui a «*Sociedade Musical Instrucção e Recreio*» (1856-58) com a figura primordial de José Gonçalves Perigrino e Silva, e a «*Sociedade Recreio Musical*,» fundada por Francisco Xavier dos Reis Barbosa (1860), e com igual titulo, em 1863, uma importante associação com musicos e associados do valor de: Barão Ricardo Breitenbauch, Dr. José Alexandre Texeira de Mello, padre Ricardo Mauricio de Oliveira, Dr. Pedro Autran da Matta, Dr. José Ferreira Passos, etc.

«CORPORAÇÃO MUSICAL SANTA CECILIA.» Não conseguimos precisar a data da fundação de tão tradiccional conjuncto musical que por vezes se intitulava » Devoção de Santa Cecilia;» apenas apuramos que em 1858 suas reuniões eram feitas na egreja do Terço. Foram seus elementos de renome: Manoel Ferreira da Penha, (regente até 1876), Francisco Joaquim das Chagas (regente em 1876-86) Lourenço Antonio Soares, (regente 1887-1892). Antonio Pedro da Silva, Francisco Lusquinho Junior, José Ferreira Bareto, e mais recentemente Manoel Assumpção Campista, Firmino Domingues da Cruz, Luiz Cardoso, Firmino Mendes, Felismindo Costa, Jacintho Campista, José Ferraz, Antonio dos Anjos Barreto, João Ferreira Barreto, Luiz Gama (flautista e tocador de tymbales.)

Em 1861 installou-se uma *«Sociedade Euterpe»* que desappareceu em 1865, e sómente promovia concertos philarmonicos, em que tomavam parte: dd. Ranchel Bessa, Maria Clandel, mademoiselles Reis Netto e Cassalho de Oliveira. Em 1862 organisou-se tambem a *Sociedade Philarmonica*» que teve vida ephemera, tendo feito suas exhibições, no theatro S. Salvador.

BANDAS DE BARBEIROS.» – Até 1878 existiam aqui umas bandas de musicas que o povo apellidava «musicas de barbeiros,» formadas de escravos que exerciam tambem a profissão de barbeiros, uma era propriedade do Visconde de ltabapoana, e outra de Antonio Luiz

Ferreira Pinto. Tomavam parte nas festas de S. João, (na Matriz), e de Santa Cecilia, assim tambem nas festas nacionaes. A ultima vez que funccionou a musica de barbeiros, foi na inauguração da usina de S. João, em 1878.

BANDA N. S. DA CONCEIÇÃO. Não conseguimos tambem certificarmos nada acerca da fundação – dessa philarmonica que existiu aqui até 1900. Pelo anno de 1870 era regente Francisco Barbosa Xavier dos Reis, então um conjuncto de fama pela sua pericia musical, pois, foi uma grande banda. Em 1873 dirigia-a o commendador Bernardino de Senna. Quando a conhecemos foi na sua derradeira phase, apenas com duzia e meia de musicos, tendo a sua séde numa casinha da rua do Aquidaban, donde se transportou para o sobradinho da rua Rosario, proximo á rua Saldanha Marinho. Ainda tinha os resquicios do seu esplendor: um bonito e riquissimo estandarte azul e ouro, e veteranos musicistas como o Sigisnando, o velho flautista Eduardo José Pereira, Pretextato do Rosario, etc. Deu causa á desorganização da velha aggremiação, uma forte scisão havida em seu seio no anno de 1882, em que andaram envolvidos os associados Felismindo Nogueira da Costa, João Ferreira Barreto, Benecdito Barnabé Rodrigues, Jacyntho José Gonçalves de Souza Amorim, João Ponciano Ferreira Tiburcio, Manoel da Silva Assumpção Campista. Naquella occasião a séde era na rua Barão do Amazonas, mudando-se depois para a rua do Rosario, 92. Do grupo dissidente organisou-se outra banda que intitularam *«Conspiradora»*, porque seus membros *«conspiraram»*, contra a antiga organisação.

LYRA DE APOLLO – Foi fundada em 19 de Maio de 1870 e tinha por patrona *Nossa Senhora da Gloria*, cujas festas promovia em Agosto na Egreja da Boa Morte. Seu primeiro regente foi Manoel Baptista Pereira de Castro, que a dirigiu até 1882, e teve por fundadores: Frederico Itaborahy, Rodolpho Antonio de Oliveira, Bernardino Rodrigues de Oliveira, Bernardo Bento Alves, Vicente Lusquinho, Luiz Cardoso, João Baptista de Alcantara, Antonio de Oliveira Zabumba, Lourenço Soares, João Pedro do Rosario, Eduardo Pereira, Agostinho de Souza Pinto, Manoel Bento Alves, Paulino Siqueira, Manoel Antonio Pinto e Belarmino do Rosario.

Em 1880, na festa de Santa Cecilia, inaugurou o seu rico estandarte rubro com brocados de ouro, cujo benzimento foi na egreja da Boa

Morte, paranimphando-o José Caetano Carneiro, Manoel Baptista Pereira de Castro, d. Maria Elisa Carneiro e a professora Domingas de Jesus Barreto, achando-se presente a banda «N. S. da Conceição». Sua 1ª séde foi na rua Constituição, hoje nº 37.

Teve dedicados associados, taes como Audeno Barroso dos Santos, João Joaquim Ribeiro dos Santos, José Esquitini, Bernardino José Rodrigues de Oliveira, Manoel Vianna Dias, Luiz Rocha, Antonio Ribeiro Cardoso, assim José Bento de Miranda, Manoel Florencio Nunes, etc. Em 1883 occupou a regencia Luiz Cardoso, e successivamente Frederico Leopoldo Itaborahy, Vicente Lusquinho e Lourenço Antonio Soares.

Em 1887 tomou conta da batuta José Ribeiro da Motta Ferraz, regendo-a com muita proficiencia por muito tempo, até que, por sua retirada para o Paraná, assumiu a regencia Joaquim Fiuza, depois o festejado José Chagas, estando presentemente como o director de harmonias o eximio maestro Alvaro Reis (o «Lóquinha»). Construiram um bello palacete na Praça S. Salvador, para a séde social, em 1915.

No momento é a mais antiga das nossas bandas, e tem um caracteristico apreciavel: – é sempre o mesmo harmonioso conjuncto; quem a ouviu tocar, como nós, em 1894, não descobriu nenhuma differença ao ouvil-a em 1900, e nem póde constatar differenciações ainda hoje: sempre harmoniosa, sempre primorosa! Um justo orgulho para a Terra Campista!

A força de vontade daquelle pugillo de musicos operarios que sustenta bem alto uma tradiccional fama que muito redunda em proveito de Campos; o vigor d'aquella pleiade, que se modificando nas figuras, nunca se modifica na excellencia de suas exhibições, são causas de admiração e de elogios, é Gloria Campista auferida, certamente, daquella NOSSA SENHORA DA GLORIA que, foi, desde inicio, tomada para Patrona daquella associação.

LYRA COMMERCIAL – Organizou-se em Novembro de 1876 mais viveu pouco. Era director Aurelino Bastos e sua primeira directoria compunha-se dos seguintes: Manoel Diniz da Costa, Manoel Luiz de Souza Gama, Joaquim Antonio de Castro Bulhões, Audeno dos Santos Barroso, Antonio Teixeira Camarão e João Pedro do Rosario. Outra corporação musical de vida muito curta foi a *«Sociedade Musical Amantes do Loto»,* fundada

em 1881, por Aureliano Paula, Antonio Muylaert, Manoel Mac-Tavisch, Arthur Lemos, Thomé Moreira, José Esquitini de Mattos, Leopoldo Muylaert, Carlos Muylaert, Francisco Muylaert e Antonio F. de Paula.

LYRA CONSPIRADORA – Foi fundada a 2 de Agosto de 1882 pelos musicos que se desaggregaram da «Banda N. S. da Conceição». Seus fórtes baluartes foram, Felismindo Nogueira da Costa, Manoel d'Assumpçâo Campista, João Luiz Carneiro, Horacio da Rocha Nunes, Candido Peixoto da Costa, Alberto Rangel, João Damasceno de Oliveira, Lauro José Pinto de Freitas, Cincinato Magalhães, tendo por grandes benemeritos Pedro Luiz Rosseau, José Ventura Louro, Vicente Balbi.

Em 1885 inaugurou seu estandarte, no dia de Santa Cecilia, fazendo o benzimento na egreja do Terço e paranymphando-o a Lyra de Apollo e D. Elisa Corrêa de Moura, esposa de Antonio M. de Moura, sendo o delicado trabalho de bordado a ouro setim escarlate feito por d. Maria Victorino Bellido.

Contando esta banda mais de meio seculo, tem ella sempre vindo emaranhando com os seus «dobrados» e e marchas todos os grandes acontecimentos publicos da cidade, quer nas festas civicas, quer nos factos lutuosos, notadamente nas vicissitudes da renhida campanha do Abolicionismo. Porisso ha muita sympathia em torno della, posto que é uma das muitas variantes da tradicção goytacaz.

Houve uma epoca em que pareceu ter se estiolado de todo esse veterano conjuncto artistico, tal o seu demorado apparecimento em publico, porem os animos se revigoraram, as energias se conjugaram e nestes ultimos 10 annos a Conspiradora vem tendo o mesmo viço de outr'ora, estando na regencia actualmente o applaudido maestro Juca Chagas.

Houve em 1882 uma *Banda de Musica do Collegio Fonseca*, dos alumnos do professor André Alves da Fonseca, na rua Barão do Amazonas esquina do Becco do Barroso, assim tambem outra banda dos alumnos do Collegio Diocesano, em 1928, ambas de curta existencia. Mais outra banda que pouco durou foi a «*Sociedade Musical Euterpe Goytacaz*», em 1884, fundada em Novembro e fazendo sua estréa na Fabrica de Cerveja Goytacaz em 26 de Janeiro de 1885.

GREMIO CARLOS GOMES – Essa organisação composta de moços do commercio foi fundada pelo espirito fino e vigoroso de Cesario Lyrio de Gusmão, em 30 de Setembro de 1888. Sua estréa foi a 6 de Janeiro em passeio ferro-viario a Campo Limpo. A primeira directoria foi a seguinte:

Cesario de Gusmão, Ernesto Lyrio de Gusmão, Candido Gomes de Castro, Sebastião Gomes Teixeira, Arthur Cesar de Gusmão, Cecinio Ornellas Paraiso. Em 1890 inaugurou seu estandarte tricolor, paranynphando o acto a Lyra de Apollo; em 1897 a banda transformou-se em orchestra, depois de uma scisão havida por causa de politica, e que foi o germen da destruição que veio soffrer a artistica organisação. Em 28 de Desembro de 1901 ainda realisou um importante concerto em que se exhibiram dd. Marianna Barroso, Almerinda de Freitas, Virginia Chris Guimarães, José Leandro de Oliveira, Antenor Macieira, Joaquim da Costa Freitas e Norberto Gusmão. Em 1903 deixou de existir.

BANDA DO 2º BATALHÃO – Começou a ser organisada pela policia aqui destacada, em Junho de 1891, no tempo do Governo do Dr. Portella. Fez a sua primeira audição publica em 1º de Outubro de 1891 na frente do quartel, na rua Marechal Floriano, predio que hoje é o Azilo do Carmo. Foi o regente, João Joaquim Ribeiro dos Santos e sub-regente Gustavo Nunes Coutinho. Com ser removido de Campos, em 26 de Setembro o 2º. Batalhão da Policia, lá se foi tambem para a capital a banda de Musica com todo o seu elemento formado por campistas.

Em Julho de 1893 foi creada a «*Lyra Plutonica*», organisada pelo Club Tenentes de Plutão, a qual viveu conforme as rosas de Malherbe.

BANDA MUSICAL OPERARIOS CAMPISTAS – Sua fundação foi a 26 de Maio de 1892, fazendo sua estréa na Missa dominical da egreja de N. S. Mãe dos Homens, tocando durante o Santo Sacrificio e depois fazendo uma passeiata pela cidade. Teve por fortes organisadores Antonio José Soares, Julião Baptista Pereira Ramos e Nabor Cruz, e sua regencia já esteve debaixo da batuta de Luiz Cardoso, Alberto Gomes; Jacintho Eiras e agora está sob a direção do esforçado Olympio Chagas. A banda tem recebido excellente concurso dos devotados socios Durval Lucio de Moraes, Deolindo Gomes da Boa Morte, Olympio Chagas,

João Sergio Pereira, Zozino Seabra, e outros.

LYRA GUARANY – Pujante organisação musical que surgiu em 1893, sendo fundada a 22 de Outubro.

Das bandas existentes em Campos e apparecida neste centenario, é a *caçula*, porisso mesmo muito garrúla e estimada.

Foram seus fundadores: Domingos Ricardo da Silva Vianna, Joaquim Alexandre da Silva Vianna, João Isidro S. Vianna, (elementos de muita propulsão), Antonio Cardoso Rabello, Olympio Indio da Silva Pinto, Jorge Marçal, João Jacques Rosseau, Manoel Passos Pereira Castro, Alexandre Gusmão, José Monteiro de Queiroz, Agricola Ribeiro dos Santos, João Duckes, Agripino Nolasco Pessanha, João Joaquim Ribeiro dos Santos, Delio Ribeiro dos Santos, Miguel Berenger Wagner, Benedicto Guimarães, Feliciano Rolin e Antonio Rodrigues Peregrino.

Já esteve na regencia, em 1905, Pattapio Silva, (fallecido a 24 de Abril de 1907), depois Amaro Cordeiro, Leopoldo Muylaert, Prisco de Almeida e actualmente Eucario Villela. A 25 de Agosto de 1907 foi collocada a pedra fundamental do edificio da séde própria, na rua 13 de Maio, a qual foi benzida por monsenhor Côrrea de Sá. A cumieira foi collocada a 24 de Setembro, havendo festejos em regosijo.

É uma organisação correta e cohesa, desfrutando muita popularidade e experimentando prosperidades. Dentre os muitos esforçados membros pode-se destacar José Collares de Sá, José Pinto de Souza Vasconcellos, Dr. Alcindor Bessa Manoel Antonio Vieira, Belarmino Neves, Norival Tavares Lyrio, Astrogildo Passos, Julio Nogueira, Pebro Ribeiro de Carvalho.

MUSICOS, CANTORES – No inicio deste capitulo já citamos o velho Tiburcio de Moura, que alem de regente era tambem apreciado cantor. Elle e os seus contemporaneos Manoel Ferreira da Penha, Romualdo da Silva França, Clementino Domingues da Cruz, Manoel Baptista Pereira da Costa e Manoel Diogo de Freitas, cantores festejados, formavam um pujante sextêto muito apreciado dos nossos avós quando, nos «córos» da egrejas cantavam os *«Kyries,»* os *«Incarnatus»,* e *«Quitolis»*. Dentre as cantoras famosas, de 1850-1870, contou-se dd. Maria Araujo, Isabel Teixeira, Maria Pinto Martins, Francisca Amalia

Nunes Monteiro, Maria Alexandrina da Rocha Franco, Elisa Lacaze, Anna Josepha de Souza Terra, Euphemia Passos.

Os musicos notaveis daquella epoca remota eram: José Gonçalves Peregrino Silva, eximio rabequista, José Joaquim Teixeira de Castro, (clarinetista), Bartholomeu Reis, (tocador de cymbales), Francellino de Moura Pessoa, Francellino Clandel, Francisco Barbosa Xavier dos Reis, Manoel Joaquim da Silva (trompista), Jacintho Antonio de Oliveira, Zepherino Ferreira Dias, (ophicleydista). Esse musico, com o seu instrumento marcou epoca; tudo tem seu tempo e nem as bellas artes ficam immunes do imperio da moda. Hoje o que prepondera é o saxophone, o trombone de vara, a pancadaria esdruxula e estapafurdia do *«Jazz-Band»* ... outr'ora foram a harpa, a cytara e o «succo» fôra até o ophicleyde, aquelle comprido canudo metallico crivado de chaves e buracos, por onde se emittiam sons gemebundos e sentimentaes, sinão grotescamente gutturaes arremedando grunhidos de suino, o qual insuflava em quem o sopprava um tal enthusiasmo, que o musico se refestelava n'um porte galhardo, repistonudo, até mesmo petulante...

Os ultimos soppradores de ophicleydes que vimos nas bandas de musicas, sobraçando aquelles trambolhos de metro e meio foram: o Audeno Barroso, Julião Baptista Ramos, e Pretextato do Rosario, mas a ephoca aurea do ophicleyde foi lá por 1854, quando elle andava pelos salões de concerto nas mãos e aos dedos do famoso Zepherino...

Charles Reiners de Lacourt, foi um musico francez que em 1854 instituiu um curso orpheonico no Collegio S. Salvador.

Alfredo Claudel era outro maestro francez que teve sua nomeada aqui em 1850-60, quando morreu a 29 de Agosto aos 45 annos, victimado por uma syncope cardiaca. Foi grande compositor.

Manoel Baptista Pereira de Castro alem de cantor era compositor-sacro e escreveu varias partituras, como a Marcha Funebre para a missa de requien do Visconde de Araruama, (3 Maio 1865), o «Salutaris Hostia,» assim tambem a contradança «Os bravos da Patria,» que fez successo nos dias da extinção da guerra com o Paraguay.

Frederico Itaborahy. Fez seu curso no Imperial Conservatorio e só

regressou a Campos em 1885 depois de andar por Minas e S. Paulo. Fez muitas composições. Morreu e 8 de Outubro de 1894

Lucio de Lauro acatado maestro Italiano que teve um grande numero de discipulos de piano e canto. (Compoz uma bella partitura de missa em 25 Março de 1863 que ainda hoje é cantada nas festas das nossas egrejas

Leopoldo Muylaert de Almeida Leão. antes de apaixonar-se pela musica dedicando-lhe todo o resto de sua existencia, foi commerciante nas Cóvas d'Areia, abandonando em Agosto de 187l o convivio de Mercurio para devotar-se a Euterpe. Compoz varias musicas: «Teu sorriso» e «Alba» (schottischs, a dança reinante em 1868), «Corina» (quadrilha), etc.

MUSICOS DE 1870-1900 – *Carlos Rinaldi*. eximio pianista italiano, do Conservatorio de Milão, que veio para Campos em 1872 constituindo aqui nupcias com d. Florencia Linhares Rinaldi, applaudida cantora. Morreu em 11 de Setembro de 1888.

Luiz Cardoso, o principe dos flautistas camposinos. Escreveu a partitura d'um drama de José Azurar, – «José do Egypto» e teve um curso de musica na rua da Constituição. Era um espirito rico de intelligencia, bonhomia e... fleugma. Nunca se camaradou com a pontualidade. Nas funcções musicaes era sempre o ultimo a chegar fóra da hora, mesmo que a sua pessôa se fizesse necessaria.

Registremos uma amostra da sua calma: – Devia tocar um sólo de flauta n'um contra-canto com a soprano. A egreja da Boa Morte estava cheia de fiéis: começava a festa, mas... *Lúlú Cardoso* não se fazia presente. Depois da orchestra tocar os *«Kyries»* passa a atacar vibrante *«Gloria in excelsis* mas... *Lúlú Cardoso* ainda não era chegado. Lê-se o Evangelho, o pregador sóbe ao púlpito, é chegada a hora do sólo de flauta rendilhar a voz da cantora nos motivos da *«Saudação Angelica,»* mas... onde estaria o *Lúlú Cardoso*?... D. Olympia Lacerda que era a cantora teve de fazer sósinha o seu «sólo» sem os gorgeios melifluos da flauta. Proseguia a Missa, canta-se o *«Credo,»* depois o *«Salutaris»* mais o *«Agnus Dei»*... e só então, pachorento, displicente, caixa da flauta debaixo do braço, chega ao «côro» Lúlú Cardoso... que ficou pasmo ao saber que a missa estava terminada... elle que suppunha estar chegando com muita antecipação...

Francisco Chagas, – insigne violonista que regeu por muitas vezes a «Orchestra Santa Cecilia.» Era pae dos maestros Olympio e Juca Chagas. Compôz uma bella variação para flauta, tocada por Firmino Domingues da Cruz. Compoz tambem «Tautum ergo» com variações de ophucleyde, executado por José Daniel, em 1873.

Felismindo Nogueira da Costa, – o admiravel musico cégo de nascença. Estudou em 1859 no «Imperial Instituto de Meninos Cégos,» voltando á sua terra natal empregava a sua actividade no ensino do idioma francez, de piano, sendo habil afinador desse instrumento.

Exibiu-se pela primeira vez em Campos como pistonista da banda de Musica N. S. da Conceição em 1.º de Maio de 1871, na festa em beneficio das obras da egreja do Rosario, sendo muito applaudido. Alem do piston, tocava piano e harmonium e em 1878 fez escrever uma partitura de sua inspiração, para a Missa da festividade promovida pela banda N. S. da Conceição, na egreja da Boa Morte, em 27 de janeiro.

Luiz Rocha (o «Rochinha»), era o sublime pistonista, cujo sôpro em seu cornetim maravilhava pela suavidade e firmeza.

João Baptista Gomes, – mais conhecido por «João dos fraks.» Aqui não o mencionariamos si não fosse para reparar seu convencimento de ser um *barytono* integral... Tocava sax-horn na Lyra Conspiradora e *cantava* nas egrejas fazendo dupla com o Manoel Joaquim, o gago, em «duettos» estapafurdios! Si a voz não era esmerada com os requisitos da vocalisação, muito menos a pronuncia do latim que elle estropiava, tanto quanto fazia com o proprio vernaculo...

Manoel Joaquim da Silva, (o gago), a quem acima já referimos, antes de exhibir-se como barytono nas egrejas, foi muito admirado por aquella gente de 1862 a 1871 como tocador de trompa.

Dentre as cantoras e pianistas (1873-1888) figuraram com brilho dd. Maria Emilia Torres da Costa, Maria Candida Alves da Motta, Rita Delfina de Souza, Laura Zenobia de Sampaio Fernandes Pereira, Maria de Moraes Costa, Carolina Amelia Fernandes Pinheiro, Deolinda da Rocha Torres, Maria Muylaert, Olympia Lacerda, Joaquina Bastos da Ponte, Thereza Barbosa, Condessa Clelia Hely Bucci, que veio para

Campos em Abril de 1877, Guilhermina Amalia Nunes Monteiro da Gama, Marianna Barroso, Maria Castorina de Araujo, Emilia Pezzoli, Maria da Conceição Barreto, Emilia Costa, Eliza Laccazi.

Mais tarde, (1889-1901) foram apreciadas cantoras: dd. Maria Tiburcio Ferraz, Ambrosina Costa, Conceição Campista, Cecilia Soares, Etelvina Muylaert, Leocadia de Freitas, Maria da Conceição de Souza, Olympia Muylaert, Maria Gesteira Passos, Benedicta Pereira da Rocha, Antonia Reis, Julia Ribeiro, Rosa de Souza e Alda Souza.

D. Emilia Pezzoli, insigne prima-dona italiana, veio para Campos no elenco da companhia lyrica de José Ferry em 1875; deixou a ribalta e contrahiu nupcias com o nosso conterraneo Olavo Braga. Lecionava piano e canto.

Thomé Moreira – Veterano musicista, preciosa reliquia que nos resta daquelles estimados artistas de 1878. Tornou-se «fanatico» da musica, porisso que abandonou as suas tarefas na arte de Guttemberg. Pianista bem apreciado, compôz para ser desferido pelos teclados o motivo da polka «Fascinadora», em Setembro de 1878, e quando Cupido o foi dardejar, emquanto entretido com as gammas do seu instrumento, do éstro forte, com catadupas de sons, formulou logo a mazurka «Presentimento de Amor»...

Alberto Cerqueira – professor de piano, compôz o *passo-doble* «Carlos de Lacerda», em 1884, quando em effervescencia a questão negreira; em 1890 compôz a polka «Cocota».

Firmino Mendes – Um preto muito distincto, cordial, um dos esteios de jacarandá (sem allusão á côr) da antiga orchestra Santa Cecilia. Era alfaiate caprichoso nos allinhavos e pospontos, e rabequista de resistencia, muito affeito ao arco do seu violino, com o qual arrancava os melodiosos arpêjos e as mais complicadas, «quialteras» do gemebundo instrumento.

Dentre os musicos concertistas citaremos: D. Francisca de Carvalho, (professora de piano e canto), Domingos Secioso Moreira de Sá, Carlos Muylaert, Dr. Abelardo de Mello, D. Maxima Silva, maestro Antonio de Magalhães Costa (o «Britinho»), José Leandro de Oliveira, dd. Victoria de Oliveira, RacheI Bessa, Conceição Bessa, Alice de

Carvalho, Maria Dolores Seixas, Argemira Muylaert, Lydia de Azevedo, Maria Lolita Sodré, Maria Moll, Amalia Rosinda de Souza.

LOURENÇO SOARES. – Deixamos para fechar a relação dos nossos musicos, o nome do laureado maestro que reputamos O MAIOR DOS MUSICISTAS que aqui brilharam com intensidade. Realmente não tememos contestação á nossa affirmativa, porque Lourenço Antonio Soares, não obstante a sua simplicidade e natural modestia, era um musico de profundos conhecimentos da arte de Verdi. Familiarizado com as inflexiveis regras do contraponto, espirito affeito ás subtilezas da harmonia, dotado de um éstro fecundissimo, quiçá invejavel, Lourenço era um musico completo, um compositor rematado. Cantor consciente e de uma voz sã e educada, regente meticuloso e de uma audição aguda, e mais uma illustração que elle vellava com a singeleza de suas maneiras affaveis, – não era um maestro vulgar assim como não era um musico emprôado pelo seu saber; não provocava nomeada pela enscenação da sua figura, antes parecia um simples cultor da arte dos sons.

Seu typo era em tudo o vulto do nosso glorioso Carlos Gomes, sem faltarem a cabelleira e os bigodes bastos, argentinados pelos annos; sem faltar o rosto cheio, de traços fortes, e tez amorenada; sem faltar a vivacidade nos olhos pretos pequenos, faiscantes que denunciavam a intelligencia invulgar, admiravel!

Já velho, pobre como sempre, talvez pelas vicissitudes da vida, talvez pela profunda dôr ao vêr que a esposa enlouquecera e os dois unicos filhos, Alfredo e Cecilia, morreram ainda em plena mocidade trucidados pela tuberculose, – certo é que Lourenço tornou-se a presa do vicio que o victimou, atirando ao tumulo uma verdadeira gloria musical de Campos.

Fez varias composições de valor: – ouverturas, dobrados, contradanças, musica religiosa, e conhecia perfeitamente o latim e o canto-chão, pelo que, por vezes, nas solemnidades da Semana Santa, cantava a parte do «chronista» com o mesmo conhecimento e pericia dos sacerdotes.

Quizemos aqui prestar este nosso culto de admiração ao velho mestre, que até na Capela Imperial elevou o nome de Campos, se manifestando um perfeito cultor da divina arte.

CARLOS GOMES. – Este grande maestro brasileiro creador do «Guarany» e do «Salvador Rosa», esteve em Campos em 20 de Novembro de 1891, tendo se hospedado no Hotel Gaspar.

Compareceu á noite, no Theatro S. Salvador e ao findar o espectaculo foi acompanhado até ao hotel pela Lyra de Apollo e grande multidão, sendo saudado pelo povo e fallando em nome deste o Dr. Jeronymo Motta. Regressou a 24.

Tambem esteve em Campos, em 24 de Setembro de 1887, o grande pianísta de Berlim, *Alberto Friedenthal,* tendo feito um concerto no Theatro Empyreo.

Outro maestro concertista, *Antonio Rayol*, veio a Campos em 1903, escrevendo e offertando á mocidade da nossa Escola Normal o «Hymno das Normalistas».

Era magnifico tenor.

A PINTURA

A cidade ja contava seu 27°. anno sem que possuisse nenhum artista do pincel. Quando se precisava de um quadro, um retrato a oleo, devia se procurar os artistas da Côrte... A bella arte de Murillo e de Miguel Angelo, que tantos cultores viria a ter em Campos, começou sua éra aqui em 1862.

CLOVIS ARRAULT – Em 3 de Maio daquelle anno aportou em Campos esse grande artista francez, e dias depois publicou o seguinte annuncio:

«Clovis Arrault, retratista, discipulo da Escola de Bellas Artes de Paris, achando-se *de passagem* nesta cidade, tem a honra de offerecer o seu prestimo ao respeitavel publico para toda e qualquer especie de pintura a oleo, seja qual fôr a dimensão, tanto em Retratos, como em painéis do genero de paysagens. Procura-lo na typ. de Eugenio Bricolens. Praça das Verduras.»

O artista que se dizia de passagem por Campos, *bebeu a agua do*

Parahyba... e ficou logo *enfeitiçado por esta terra*, com gosto de ficar entre os campistas, tanto que já no mes seguinte se propoz a ensinar desenho e pintura. Dois annos depois em 17 de Março de 1864, contrahiu nupcias com d. Maria Francisca da Conceição Lambert, filha de Angelo Vieira Falcão. Em 1869 o artista que se achava na França, fez publicar o seguinte:

«Clovis Arrault pintor historico e retratista no Boulevard Saint Michel, 145, Paris, tem a honra de prevenir aos illustres habitantes de Campos, que, trabalhando actualmente (Abril 1869) em um *quadro historico* que apresenta, como assumpto, a «Partida dos Voluntarios da Patria, de Campos» e sendo-lhe assás necessario para terminar esse trabalho, conseguir o maior numero possivel de retratos desses bravos, muito agradecido ficaria aquellas pessôas que possuindo esses ditos retratos photographados em cartão, quizessem prestar-lh'os para esse fim, tendo a bondade de remetter-lh'os por intermedio do sr. Paulo Lecler, vice-consul frances em Campos.» – Em fins de 1870 voltou da França e fixou definitivamente sua residencia em Campos.

Em 1875 foi inaugurado o quadro dos Voluntarios da Patria, no qual o artista collocou ao lado esquerdo os vereadores, autoridades e cidadãos mais conhecidos da epoca; no lado direito, os voluntarios Mandú, José Carlos, Sansão, Peixoto, que estando no primeiro plano são expressões vivas da energia e do patriotismo. Esse quadro se encontra na sala de honra da Camara Municipal. Outro quadro importante de Arrault é o retrato em tamanho natural do Visconde de Araruama, feito em 1865 e que se acha na sachristia da Cathedral de S. Salvador. Fundou o «Lyceu de de Artes e Officios Bittencourt da Silva, em 5 de Maio de 1885, de que trataremos mais adiante.

GUILHERME L1TRAN foi outro pintor francez que andou por Campos em 1869, tendo pintado uma vista da cidade, cujo paradeiro não conseguimos descobrir, e que deve constituir um bom flagrante da antiga cidade.

LEOPOLDINO FARIA. – Foi o primeiro pintor campista, tendo completado seus estudos na Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro em fins de 1868. Em Julho de 1869 fez uma exposição na rua do

Sacramento n.° 43. Dois annos depois pintou os quadros «Mucio Soevola,» «Um peregrino» e «A passagem de ltoróró,» que foram muito elogiados.

Em 1876 instituiu uma aula de desenho na Sociedadade: Brasileira de Beneficencia, sendo seus primeiros dicipulos Agostinho Francisco dos Santos, José Candido Peixoto, João Sobral Guimarães, Benedicto Heredia de Sá, Theodoro de Oliveira Reis, Rodolpho de Oliveira, Antonio Manoel da Fraga, Manoel Francisco Lopes e José Damaso de Souza Figueiredo. Em 1876 pintou o retrato de D. Pedro II encommendado pela Camara Municipal, (e por onde andará esse quadro?...) e em 1880 o retrato do Dr. João Baptista de Lacerda e de «Tiradentes.»

ANTONIO EZEQUIEL DA SILVA, foi um habil pintor scenographo, obscuro mas de muita intelligencia e competencia. Em Julho de 1877 pintou um quadro de bonita paysagem. Conhecemol-o ainda no theatro Empyreo, já no fim da sua vida, com a sua cabelleira crescida, sua hypocondria que o fazia refratario ao convívio dos homens, desconfiado destes. Era pae da actriz conterranea Ludovina Silva.

D. MARIA TEIXEIRA PORTELLA, joven pintora conterranea, de 21 annos, pintou por cópia o quadro de Leopoldino Faria, «Tiradentes,» de quem era discipula. Emprehendeu uma viagem de estudos pela Europa. Em 1880 casou-se com o seu mestre, e expoz no Rio de Janeiro mais de 20 paysagens.

D. MARIA ELISA CARNEIRO, outra distincta adepta dos tons. Da sua palheta sahiram as delicadas tintas com que copiou o quadro de Blandel, – «A adoração dos Reis Magos,» dando perfeita disposição de luz, quer na aurora que se levantava por detraz das montanhas de Belem, quer na projecção divina que irradiava do Menino-Deus. D. Maria Elisa era filha de José Caetano Carneiro e esposa de Leoncio Barreto.

LYCEU DE ARTES E OFFICIOS. Foi importante instituto que Campos deveu á inciativa do Grande artista Clovis Arrault. Começou como modesta escola de desenho em 5 de Maio de 1885, porem, com o concurso de Antonio Ferreira Martins Filho, foi transformado em Lyceu no dia 2 de Julho de 1885, com 42 alumnos. Em 1886, já cinco dos alumnos passavam a ser mestres, leccionando nas aulas, e eram: Julio

Fileto, Francisco Lopes Monteiro, Antonio Rangel do Nascimento, Luiz Jaccomossi e Antonio Rego Moreira. Em 1887 foi feita a *primeira exposição*. O Lyceu era nos predios da rua da Quitanda n.° 6 e 8.

Em 1887 começou a fazer parte do professorado, d. Domingas Leite Ferreira Martins. Por proposta do deputado dr. Manoel Coelho Barroso o Governo Provincial sancionou o projecto que autorizava a construcção de um predio proprio. A Provincia comprou o terreno da rua do Sacramento. (onde se fazia as corridas de touros), tendo 23,20 X 42,50 para nelle edificar o Lyceu, que foi construido pelo estylo toscano, planta de Arrault e desenho de Antonio Rangel, tendo as obras sido começadas em 1889, por contracto com José Negry, sendo a pedra fundamental collocada no domingo 16 de Junho.

Os primeiros discipulos do Lyceu foram: José Maria Morgade, Alexandre Francisco Ramos, Feliciano Henrique, Benedicto Rosa dos Santos, Julião Bahiense, Valentim Gimenez, Benedicto Coutinho, Benedicto Paulo dos Santos, Alberto Lima, d. Margarida de Carvalho, d. Maria Castorina de Sá, Adalberto Marques, Antonio Rolin.

Em 12 de Maio de 1895 foi inaugurado o novo edificio, – porem apenas decorreram alguns dias e falleceu, pelas 2 hs. da manhã, o grande Clovis Arrault, victimado por uma congestão cerebral, e desde então o Lyceu ficou sem o seu forte baluarte. Julio Fileto ficou sendo Director, e mais tarde Philogonio de Magalhães, o substituiu, tendo chegado a Campos a 17 de Setembro. Demorou-se pouco em Campos, e o Lyceu desappareceu.

RAUL CARDOSO – foi outro apreciado pintor campista, que fulgurou no nosso meio pela scintillação do seu talento.

D. LAURA GUSMÃO,– illustre artista conterranea, filha de Cesario Lyrio de Gusmão. Em Agosto de 1894 fez o retrato a oleo do seu pae, e em Outubro de 1900 o do que veio a ser seu esposo, José Cerqueira.

Em 1894 Julio Fileto e Horacio Souza expuzeram interessantes quadros: – «Miscellania,» – tendo o ultimo feito um trabalho identico que foi premiado, na exposição do Lyceu em Maio de 1896.

ESCULPTURA

Em 1854 veiu para Campos e aqui permaneceu e constituiu familia, *Chrispim Corrêa da Silva*, artista portuguez, casado com d. Jurdina Corrêa e competente mestre de architectura; logo annunciou acerca da sua «profissão de *esculptor de brazões*, ou escudos, em pedra, para as fachadas das casas nobres e de pessoas distinctas».

Mais tarde, quando a Monarchia que era a grande fabricadora de «nobres» foi destruida pela democracia, Chrispim não mais teve escudos para esculpir, porisso que se occupou sómente da architectura, tendo construido os melhores predios da cidade, ficando, porfim, a serviço da Municipalidade. Conhecemos na intimidade o já velho esculptor-architecto na sua chacara da rua Voluntarios da Patria e onde, nos dias do seu anniversario gostava de reunir todos os seus numerosos afilhados e compadres para opiparos jantares.

MODESTINO KANTO. – Nome glorioso de um genio nascido em Campos e que pontifica no templo da Arte, elevando bastante o nome da Patria até na França, onde teve bem acolhido um dos seus bellos trabalhos, intitulado: *«Ne passe pas.»* Em Campos temos a herma de José do Patrocinio, cinzelada por Kanto, o qual já fez a *maquette* da grande horoina campista Benta Pereira, a ser erigida em uma das nossas praças. Modestino é filho do Dr. Canto Coutinho que aqui advogou pelo anno de 1888-92.

DÔR, LUTO, DESOLAÇÃO

VARIOS CASOS TRISTES

A FÔRCA. – Duas instituições tétricas possuiu a cidade, em virtude da letra da lei: – *o pelourinho e a fôrca.* Aquelle fôra erigido no lardo da Beira Rio fronteiro á entrada da rua da Quitanda, (o Largo do Capim), conforme já dissemos em paginas anteriores; a fôrca fôra levantada no Rocio e na praça de S. Benedicto. Em 1837 foi executado no dia 11 de Setembro o escravo Americo, pertencente a Antonio José Gonçalves Loureiro, por ter assassinado uma creança recem-nascida, filha do seu senhor, em S. Fidelis, que era então um curato pertencente a Campos. Em 1838 foram *enforcados* na mesma praça os escravos Braz e Joaquim, que haviam assassinado ao feitor da fazenda, Domingos Gomes Barroso.

Em 1840 foram *condemnados* ao patibulo os criminosos Simão, Mathias e Adão, que deviam ser *executados* a 15 de Outubro, sendo os dois primeiros escravos de João Pinto Ribeiro e o ultimo de Manoel José Ribeiro de Azevedo. No dia 14 os tres infelizes foram encontrados exangues no mesmo cubiculo por se terem degolado com uma faca, estando Simão morto, Mathias moribundo, e sendo Adão medicado, tendo subido ao *patibulo* no dia 15, na praça do Rocio, *onde foram sepultados os corpos dos dois suicidas*. Esses *condemnados* tinham morto os seus «feitores».

E por que os teriam *assassinado*? que carrascos horriveis não eram taes «feitores»?...

Ainda na mesma praça, a 5 de Março de 1844 foi enforcado o preto Ildephonso, de 21 annos, fôrro, por ter assassinado em 1842 a preta Izabel.

Na sessão da Camara Municipal, de 6 de Setembro de 1849 foi lido um officio do Dr. Juiz Municipal «participando achar-se recolhido á Cadeia o algoz que á requisição do Juiz tinha vindo para executar a sentença do escravo Domingos, o qual sendo pobre, estava no caso de ser sustentado a custa do cofre municipal.» Feita a execução, o Juiz fez outro officio que foi lido na sessão de 2 de Novembro, fazendo ver que «achando-se a Camara autorisada para pagar a despeza com a execução da pena capital do preto Domingos se omittira na ordem a quantia de 11$500 que se despendeu como a mesma execução e que era necessario satisfazer-se visto que foram os objectos constantes das contas que acompanharam a dita autorisação, mas que não foram incluidos na conta de despesa com o patibulo.»

Em 15 de Junho de 1850, na sessão da Camara foi pelo Juiz Municipal «exigido que se fornecesse ao algoz o alimento diario, visto que tinha sido remettido para esta cidade para executar a sentença de pena capital imposta ao cabra Nicolau.» Essa execução foi efectivada no final de Junho, bem como a do escravo Romão ficando depois a forca por muito tempo depositada na Praça Principal... ao lado da Cadeia.

Em 9 de Outubro foram enforcados 3 escravos, Antonio, Cyro e Amaro, que haviam assassinado seu senhor, o fazendeiro José Joaquim Barroso de Siqueira, bem como 2 escravos que haviam enterrado o corpo de José Joaquim de Almeida Pinto, assassinado por sua escrava e amasia, de nome Athanazia. Essas cinco execuções foram as ultimas feitas em Campos, na Praça de S. Benedicto, lado da Rua Saldanha Marinho, tendo vindo para as fazer o carrasco Fortunato.

Esse Fortunato foi carrasco durante 48 annos, era um presidiario desde 7 de Julho de 1833 na Cadeia de Ouro Preto, tendo morrido a 9 de Julho de 1883, sendo *o ultimo da classe* no Brasil.

Ainda existia em 1909, a Bandeira da Misericordia, que se encontrava na sacristia da Egreja Nossa Senhora Mãe dos Homens, estandarte que tinha pintada ao centro a effigie da Mãe de Misericordia, e que serviria para cobrir o corpo do desgraçado levado ao patibulo, caso o baraço rebentasse e elle cahisse ao sólo com algum alento de vida...

NAUFRAGIO DO VAPOR «HERMES». Campos teve seus dias bem dolorosos. A Terra «feita de luz e madrigaes», – por vezes é bem – terra feita das amarguras e das desolações.

Pelo anno de 1861 ainda os campistas não dispunham de estrada de ferro para a Côrte; as viagens eram feitas nos vapôres, si quizessem alheiar-se ás incommodas cavalgadas por terra. Assim, no dia 27 de Novembro de 1861, as familias campistas entregavam-se alegremente aos preparativos para a recepção de seus queridos membros, que regressavam da Côrte, mas... pela madrugada de 28, o vapor «Hermes» que conduzia para cá cerca de 100 pessôas, largando de Macahé, logo a 1 1/2 legua ao mar tocára em um arrecife, perdendo-se completamente e perecendo grande numero de campistas. O sinistro deu-se por ter o navio feito escala *em Macahé*, em vez de vir directamente para S. João da Barra como de costume.

OS QUE MORRERAM: – Augusto Pinto Brasil, Antonio Ribeiro da Silva, Antonio dos Reis Pinto, Antonio José Pereira de Figueiredo, Antonio Anselmo Jacques Godfroy, Domingos Pereira Pinto, Emiliano Pinto Martins, Francisco M. Dias, Gregorio Leite de Miranda e Sá, Padre Joaquim Ferreira da Rocha, José Joaquim Teixeira Sobrinho, José de Almeida Nunes, José de Faria, Luiz Francisco Barroso Nunes, Luiz da Costa Medeiros e familia, Miguel José Ferreira Couteiro Filho, Marcolino Teixeira da Silva, Miguel Joaquim da Penha, doutor Manoel Antonio de Almeida, (medico e litterato, auctor do romance de costume do tempo colonial «Memorias de um sargento de milicias»). Ovidio Rodrigues Leite, Pedro Murthé, S. F. Pailheux, Urbano de Paiva Guedes, 5 escravos de Francisco Ribeiro de Castro, um de Domingos Barcelos Cordeiro e um de Visconde de Araruama, dois marinheiros e o piloto do vapor.

Os cadaveres do padre Rocha, da esposa de Luiz Medeiros e do filho de Thomaz Teixeira foram recolhidos em Macahé. Na praia do «Barreto» recolheram-se 4 cadaveres de homens brancos e 4 negros. Na praia de «Maria Menina» appareceram 2 cadaveres, e na de «Tapobossú», 4.

OS QUE SE SALVARAM: – Antonio Gomes Barroso Antonio José Pessanha Moço, Antonio Manoel Peixoto de Souza, Antonio do

Val Cardoso, Antonio José Pereira Codeço Junior, Agostinho Lopes de Oliveira, Antonio Pereira Castro, Domingos Alves de Barcellos Cordeiro, Ernesto da Silva Lima, Francisco Octaviano Pereira Bastos, Francisco José da Silva, F. F. Navete, Francisco Ferreira Saturnino Braga, Luiz Antonio de Oliveira, José Bello de Araujo, Joaquim José Rodrigues Barbosa, Joaquim Antonio Lobato de Vasconcellos, Joaquim José Rodrigues Barbosa, José Julião Ribeiro de Castro, João José Carneiro da Silva, João José Pereira Bastos, Januario da Silva Sacavém, José Alves Carneiro, José Antonio Soares, Luiz Augusto Burguer, Luiz Antonio de Oliveira, Manoel José Pinto da Silva, Manoel Manhães Barreto, Manoel José Soares, Sebastião Soares de Carvalho, um policial, 20 pessôas da tripulação, 5 escravos e o commandante Ornellas.

No chegar a noticia em Campos a dôr confrangiu a todos os corações. No dia 6 de Dezembro foi celebrado Officio solemne na egreja de S. Francisco, em suffragio das victimas, promovido pelo Cléro, tornando-se o dia das lagrimas, tantos eram os parentes das victimas que choravam a perda de tantos entes queridos!

NAUFRAGIO DO «GOYTACAZ» – Foi outra catastrophe que feriu fundo a sociedade Campista. A 22 de Novembro de 1887 o vapor *Goytacaz*, da Companhia E. F. Macahé-Campos» de viagem da Corte para Imbetiba, naufragou na «Ilha dos Francezes,» em Cabo Frio, perecendo os seguintes passageiros: Dr. Domingos Gomes Barroso, e duas filhas, D. Ambrozina e Francisca Barroso João Mesquita, d. Rita Armond, (progenitora dos grandes abolicionistas Julío e José Armond), Rodolpho Barroso, Luiz Escobar e sua esposa d. Jesuina Escobar, Augusto Machado e 1 filhinho de 8 annos, Manoel Nogueira Junior, d. Maria Theresa, Manoel Joaquim Soares, mestre do vapor e um policial.

Salvaram-se: – Dr. João Francisco Leite Nunes, a menina Maria filha do Dr. Domingos Barroso, Luiz Duffournel, José Felippe Chaves, o commandante Raul Mathias Netto e o primoroso litterato Mario Fontoura, que esteve muitas horas agarrado a um dos mastros do vapor, e assim livrou-se da morte. Alguns corpos foram enterrados em Cabo Frio, onde a população consternada se apresentou de luto na praia e nos enterramentos.

CRIMES E DESASTRES. – O comendador Bernarnardino de Senna tinha sua foguetaria na rua Direita esquina da rua do Principe, e na madrugada de 20 de Agosto, pelas 2 horas, quando 2 operarios trabalhavam ultimando uns fogos, um inimigo de Senna atirou na foguetaria uma bomba de dynamite que feriu mortalmente ao operario Antonio Francisco Barbosa. As suspeitas recahiram no fogueteiro portugues Antonio de Mello Vianna, a quem o povo quiz atacar, sendo impedido a tempo pelo então delegado Carlos de Lacerda.

Em 1882 Francisco Nogueira Gomes (conhecido por *Pão de Lot*) e seu irmão Florentino foram accusados de terem morto com castigos ao negro de nome Benedicto, e depois *queimado no banguê* da fazenda do Pontal, em S. Sebastião propriedade de d. Maria de Souza do Espirito Santo, aos 22 de Abril. Foram julgados no jury de 21 de Junho, mas obtiveram a absolvição.

– Já fizemos referencia ao assassinio de Antonio Eurico Cassalho, no Hotel Francez, na praça S. Salvador esquina da rua da Constituição, predio terreo que desappareceu com o alargamento da rua. Em 1886-87, foi uma epoca de agitação acerca da *questão negreira*. Os dois mais acirrados inimigos dos abolicionistas eram Raymundo Nogueira e Manoel Arêas. Este ultimo foi accusado de ter mandado João Francisco de Araujo Osorio (vulgo *João Paulista*) e José Rolin de Azevedo assassinarem o Cassalho quando este, com alguns amigos, se divertia na sala de jantar do hotel, em dia do Carnaval.

Os implicados ficaram impunes...

– Quizeramos deixar de narrar o assassinato de *D. Anna Pimenta*, occorrido em 20 de setembro de 1873 por demaes conhecido da população – todavia, como devemos registrar tudo que nestes 100 annos não prescinde de narrativa, fazemos um resumo do caso. D. Anna Carneiro Pimenta, fazendeira, residia no sobrado de sua chacara (hoje situada na rua Formosa esquina do Canal), quando foi estrangulada por suas escravas Cecilia, Cherubina, Virginia e Leticia, na noite de 19 para 20 de setembro. Leticia foi quem apertou a garganta para suffocar a victima, vingança tomada por ter sido castigada com palmatoria.

Essas escravas passavam as noites algemadas umas ás outras! O delegado Thomé Ferreira Tinoco que fizera o corpo de delito, foi exonerado do cargo... por ter tomado conhecimento do estado deploravel dos escravos da assassinada, os quaes apresentavam varios ferimentos pelos crueis castigos que lhes eram infringidos...

– Outro facto sensacional e porisso bastante conhecido é o do assassinio feito por *Motta Coqueiro*, ocorrido em 1852, em que, com seus escravos e mais 2 cicarios, assassinou a foiçadas, no Macabú, a Francisco Benedicto da Silva e toda a familia deste, composta de sete pessoas, inclusive uma creancinha de 2 annos! A palhoça das victimas foi incendiada e em seguida Motta Coqueiro veio para a sua chacara, nas Cóvas d'Areia, donde na noite de 17 de Setembro tomou uma canôa e atravessou na «Coroinha» o rio Parahyba, indo em fuga até Itapemerim: depois de caminhar 2 dias voltou para Guarulhos, no Muriahé, foi preso pelo Inspector daquelle districto e remettido para a cidade, chegando a 23 de Outubro, á tarde, desembarcando no porto da Lancha, onde o povo que ali aguardava o seu desembarque, pretendeu lynchal-o, porem a policia conseguiu livral-o da sanha popular que era intensissima. A 24 de outubro, foi enviado Coqueiro com grande escolta para ser julgado em Macahé em cujo districto se deu o crime, sendo depois levado á fôrca.

ASSASSINATO DE LYDIA – Na manhã de 29 de Junho de 1866 foi encontrada morta, no Porto Grande, fronteiro á Rua Direita, uma moça conhecida pelo nome de Lydia Lambert, filha de «Manoel da Barca», mestre da barca-pendula de Luiz Lambert, cujo crime ficou até hoje envolto em denso mysterio. A victima, segundo o exame cadaverico feito pelos medicos, fora morta por sufocação que teria sido feito emquanto era violentada.

E causa pasmo que um crime tão monstruoso não pudesse ser desvendado pela policia, não deixando de si um só indicio para a descoberta do espirito diabolico que o concedeu e praticou!

O «BENTO TUYÚ» – Havia aqui um preto muito gordo e muito dado a prestar-se para os subterfúgios da politica, chamado Bento José de Oliveira, conhecido pela alcunha de *Bento Tuyú*. Parece que a politica

foi causa da sua desventura, sendo assassinado a punhaladas por Cyro Sá Freire na noite de 1º de Março de 1894 á porta do Café Americano, na rua Direita esquina da rua 7 de Setembro, predio que não mais existe por ter sido feito o alargamento da rua Sete.

UM ESQUELETO pendurado por uma corda foi encontrado n'ma arvore do fundo da chacara do Barão de Miranda na rua Gil de Góes (hoje «Collegio Bittencourt») no dia 26 de Dezembro de 1890. Aquelle despojo foi enterrado no mesmo local; ficou envolvido no maior mysterio a pessoa daquelle suicidio ou daquelle crime. O corpo teria sido devorado pelos urubús... sem que *ninguem pressentisse* a lugubre occurrencia...

O SINEIRO BENTO – No dia de Natal do anno de 1893 estava na torre da Matriz o sineiro Bento, dobrando o sino grande, quando foi apanhado por este, que o atirou para fóra da torre, indo o pobre rapaz cahir no lagedo da praça, esphacelando o craneo!

INFANTECIDIO – Ao meio dia de 29 de Setembro, de 1905, almoçavam os moradores da casa nº 56 da rua do Rosario, residencia de Cypriano Augusto de Carvalho, quando appareceu no quintal, trazido por urubús, os restos de uma creança recem-nascida, de cor branca, e do sexo masculino, isto é, apenas o tronco e membros, faltando a cabeça e os intestinos que já tinham sido devorados pelas terriveis aves!...

EXPLOSÃO – No mesmo anno, a 4 de Dezembro, explodiu uma dynamite quando trabalhado por José Balthazar Campista na foguetaria de Manoel de Oliveira a rua Marechal Deodoro 58, ficando Balthazar muito queimado desde a cintura até a cabeça. O incendio iniciado foi logo extincto.

AFOGADOS – Em 28 de Novembro de 1907 cinco pessoas morreram afogadas no «Fundão», quando em uma canôa pretendiam atravessar o rio até o lado de Guarulhos, onde iam assistir a uma «sessão» de espiritismo em casa de Miguel de tal, morador em Santa Rosa; os mortos foram: o canoeiro Elydio Souza, sua filha Maria Geralda, a mulher de Juvencio Santos, a menina Felicia e Castorina de tal, que deixou 3 orphãosinhos. Ainda no anno passado, no mesmo logar, 2 mulheres, a decahida Lili, a irmã e uma menina, pereceram afogadas quando se banhavam, na tarde do domingo 10 de Novembro.

EXPLOSÕES, CHAMAS, HORROR! A 8 de Agosto de 1906 na Foguetaria Goytacaz, de Antonio Gonçalves Patrão, á rua dos Goytacazes, o artista José Antonio de Sá fabricava bombas, pelas 9 1/2 horas da manhã, quando inflamou-se a massa e ouviu-se horrivel explosão, ficando muito queimado o operario. Era já a terceira vez que se verificava incendio na foguetaria Patrão, (e não seria a ultima!) Já em 3 de Agosto de 1904, no mesmo fabrico de bombas o operario Benedicto Carneiro de Miranda fôra víctima de explosão que lhe decepou os dedos e queimara o corpo, da cabeça aos pés, falleccendo na Santa Casa ás 6 horas da tarde.

Entre os mais memoraveis incendios que se verificaram em Campos, além da foguetaria de Antonio Portal em 28 de Maio de 1898, da Fabrica de Tecidos (deposito de algodão), em Julho de 1904, conta-se o do armazem de Francisco Monteiro Brandão e Benedicto Brandão, na rua Formosa esquina da rua Marechal Deodoro, o do Café Americano, sendo os mais pavorosos o do armazem de Benedicto Queiroz, na rua Direita esquina do Becco do Carmo, no dia 6 de Agosto 1890 e o da loja de Adelino Larangeira, na tarde do dia de Santo Antonio.

Nos tempos remotos, houve 4 incendios terriveis: o do Collegio de Moysés Marques de Carvalho, sobrado da rua Detraz do Rosario fronteiro ao Rocio, no qual morreu uma educanda, filha do fazendeiro João Ferreira Tinoco, a 27 de Agosto de 1856; o da foguetaria do Chagas, em 15 de Novembro do mesmo anno; o da casa Saturnino Braga, na Praça do Imperador, em 18 de Julho de 1867, e da casa commercial de Leite & Lopes, na rua da Quitanda, a 26 de Maio de 1872, na rua do Rosario.

AS GRANDES TEMPESTADES – Ficou memoreval a grande tempestade de 1846, na quarta-feira de Cinzas, quando sahira a Procissão de Cinzas da egreja de S. Francisco.

Uma faisca cahiu na torre da egreja, arruinando a fachada do templo e fulminando um homem de nome Augusto que se achava em baixo da torre, e queimando bastante o sacristão Antonio Linhares Filho.

Outra tempestade foi a 6 de Janeiro de 1854, havendo muitas descargas; um raio cahiu na residencia de Antonio Alves Ferreira, na rua do Sacramento e outro na serraria de Manoel de Terra Pereira.

O 1º PARA RAIO – Até então não existia em Campos nenhum para-raios, e a imprensa começou a preconizar essa salutar *providencia*. Então em fins de Janeiro de 1854 o commendador José Gomes da Fonseca Parahyha foi o *primeiro* a fazer collocar *para-raio* em seu sobrado da Praça Principal. O segundo para-raio foi collocado no predio de João de Oliveira Guimarães, na rua Direita. O habil installador de para-raios foi P. A. Lacaze.

Em 20 de Janeiro de 1855 um forte vendaval varreu a cidade, despejando-se sobre ella algumas faiscas electricas. Em 28 Janeiro do anno seguinte houve uma forte chuva de granisos e outra no dia 6 de Julho de 1871.

A 8 de Outubro de 1871 um furacão destelhou casas, derrubou outras, arrancou arvores, emquanto uma chuva de pedras inundava alguns logares. Uma faisca cahiu na casa de Candido José de Araujo, na Praça S. Salvador; outra nos fundos da padaria de Guilherme Spilborgh, na rua Direita. As egrejas da Misericordia e da Boa Morte ficaram sem os coruchéos das torres. Na rua do Rosario o destelhamento foi geral; dois armazens de Saturnino Braga na praça do Imperador, foram derrubados pelo furacão. Nas valas das Covas d'Arêa os granizos se conservaram 2 dias.

Seis dias depois daquella calamidade repetiu a tempestade sua acção pavorosa, começando ás 8 horas da noite e prolongando-se até ao amanhecer. Era geral o sobresalto, devidos aos tremendos effeitos da tempestade anterior. Semelhante furação já se tinha presenciando em 30 de Julho de 1858, quando casas ruiram, arvores foram arrancadas, ficando inutilizado o Curral do Açougue (matadouro.)

As demaes tempestades havidas aqui foram as seguintes:

A 2 de janeiro de 1875 – cahindo 2 raios na casa de sobrado de propriedade dos herdeiros de João Gomes Sobral, na rua 7 de Setembro, então residencia de Sylvestre Guimarães; um dos raios resvalou para o predio visinho, a Padaria Franceza, de Augusto Mathias Rodoz.

A *11 de Dezembro de 1888* – cahindo uma faisca no Cortume de Julio Feidyt, nas Cóvas d'Areia, partindo uma palmeira e matando 2 suinos.

A 28 de Fevereiro de 1895 – com forte ventania que derrubou muros, arrancou arvores e destelhou o edificio do Lyceu de Artes e Officios, e uma faisca matou o carreiro Honorato, rapaz de 31 annos na fazenda de Campo da Cidade.

– *A 2 de Janeiro de 1902*, com forte tufão derrubando na rua 15 de Novembro esquina da rua Goytacazes um dos postes da illuminação publica, em cujos fios enbaraçou-se o moço Antonio Alexandre Almeida com o cavallo que montava, ficando fulminado juntamente com o animal.

– *A 16 de Novembro de 1907*, ás 7 1/2 horas da noite, desabando um predio da rua 7 de Setembro nº. 61.

– *A 26 do mesmo mês*, começou a temperatura, ás 3 hs. da tarde descendo o thermometro até 35 á sombra, depois principiaram innumeras descargas electricas sem uma só gotta de chuva. Uma faisca cahiu numa palmeira da Praça S. Salvador, bi-partindo-a, outras faiscas cahiram na Torre de S. Francisco, e na fabrica de tecidos, causando grande panico ás centenas de tecelões, que lá trabalhavam. Tantas foram as descargas que se succediam umas ás outras que o povo deu áquella tempestade o nome de – «*Chuva de Raios.*» Seis dias depois, a 2 de Dezembro, mais outra tempestade: um raio cahiu na cimalha do predio nº. 174, da rua 13 de Maio, lascando 3 janellas, e outra cahiu no predio nº 227 da Rua do Rosario, fendendo uma parede e quebrando uma mezinha de cabeceira.

Passemos agora a mencionar as calamidades publicas de outras especies, – as seccas e as epidemias, destacando estas ultimas em capitulo á parte e a seguir.

– Em 1859-1870 reinou uma prolongada secca, ficando as roças campistas estyoladas pelos rigores do sol abrazador. Em 15 de Março a Irmandade do SS. Sacramento promoveu uma procissão de penitencia, trasladando a imagem de S. Sebastião para a egreja do Sacco e a de Nossa S. do Rosario daquella egreja para a Matriz. Dias depois grandes nuvens negras espalharam-se pelo horizonte e copiosa chuva cahiu refrescando o sólo enchendo de satisfação aos habitantes.

Outra demorada e prejudicialissima secca reinou em 1875. Mezes a fio decorreram sem que houvessem chuvas.

Nas horas em que a mão divina castiga a humanidade pelos seus delitos e patenteia a sua omnipotencia, accendem-se sempre as chammas da fé n'um ou n'outro coração para o bem de todos, e assim foi em 14 de Janeiro de 1876: – José Caetano Carneiro, ante os effeitos terriveis da grande secca que matava os pastos e fazia ficarem vazios os celeiros, desenhando com os raios do sol as perspectivas da Fome na terra goytacaz, – projectou uma Procissão de Penitencia, em que se levasse a imagem do Padroeiro S. Salvador para a ermida do Sacco e de lá trouxesse a imagem de N. S. do Rosario para a Matriz. A procissão não poude sahir, porque no mesmo dia marcado e ao approximar-se da hora, choveu copiosamente, pelo que os devotos reunidos na egreja Matriz, deliberaram fazer celebrar Missa e ladainha em louvor de S. Sebastião, e N. S. do Rosario, na Egreja do Sacco.

AS EPIDEMIAS

– A Febre Amarella
– Ainda o cholera (em 1867)
– Variolas
– Beri-beri
– Coqueluche
– A Peste (chamada bubonica)

Campos era uma cidade pestilenta, tendo muitas endemias, certamente causadas pelos varios pantanos lagôas, enxarcamento, ausencia de canalização das aguas servidas e esgoto para as materias fecaes, pois tudo ia para as baixadas do Rocio, da Bacia e para o rio, infeccionando aquelles logares.

Já tratamos em capitulo a parte da terrivel acção do Cholera-morbus de 1855, que ao ser extincto em principio de 1856, o Dr. Antonio Francisco de Almeida Barbosa que era o presidente da Camara Municipal fez ser cantado um solemne *Te Deum laudamus* na egreja Matriz, em accão de graças.

O Cholera reappareceu doze annos depois... nos primeiros dias de Maio de 1867, fazendo muitas victimas, mui especialmente na gente escrava. Contou-se 47 victimas, sendo 35 pessoas escravas e 12 livres. Em 2 de Junho promoveu-se uma Procissão da Virgem Maria, da egreja da Lapa, até a Matriz, para a extincção da peste.

Na acta da Camara do dia 11 de Maio encontra-se o voto de agradecimento que fora deliberado fazer-se ao Rev. Coadjuctor da freguezia de S. Salvador porque «no exercicio dos deveres do seu sagrado ministerio se prestou a ministrar aos moribundos cholericos os

consoladores soccorros da Religião, comparecendo a todas as horas e em todos os postos que a sua presença era solicitada.» O Padre Collares tambem assistiu a muitos doentes do cholera.

A peste recrudeceu em Agosto e reinou até Outubro; o delegado capitão Custodio José Nunes de Faria tambem tornou-se digno de muito elogio, pela sua solicitude e actividade. O Dr. Miguel Heredia escreveu então acerca do cholera.

A 8 de Setembro, dia da Natividade de Nossa Senhora, houve uma festa na egreja da Misericordia para pedir a extincção do mal reinante, havendo missa solemne cantando as recolhidas do Azylo da Lapa; ás 4 hs. da tarde, passeio triumphal do presente de Nossa Senhora com o prestito na seguinte ordem:

1º. – Porta-estandarte com sua musica; 2º. – carro de 6 soberbos carneiros merinos enfeitados de flores e fitas; 3º. carro triumphal da vitella ornada de flores e fitas; 4.º carro dos pastores com sua musica: esquadrão de campeiros vestidos a caracter (mascarados). Esse prestito percorreu toda a cidade. Dia 15 houve Benção da então nova imagem de Santa Maria, (que se acha na Matriz), procissão e *Te Deum*. Dia 22 houve o sorteio da vitella.

Na egreja de S. Francisco tambem fizeram-se préces nos dias 23, 24 e 25 de Outubro e da egreja da Boa Morte sahiu a procissão de Santa Rita, S. Jeronymo e do Senhor Crucificado.

A peste cessou mas a Camara, segundo lêmos na acta de 15 de Novembro, estava com o seu cofre esgottado, não tendo conseguido nenhum auxilio da Provincia!

FEBRE AMARELLA. – Em Outubro de 1850 reinou com alguma intensidade aqui a *febre amarella*. A Camara não descuidou nas providencias, ordenando aos medicos e pharmaceuticos que soccorressem a todos os indigentes por conta dos cofres municipaes. A Santa Casa tambem prestou bartantes soccorros.

Os drs. Miguel Heredia, José Caetano de Carvalho Salzedas, Custodio Francisco de Castro Norberto e Caetano Thomaz Pinheiro se prestaram a soccorrer os doentes gratuitamente.

O dr. Miguel Heredia empregou o tratamento e com muito exito o *croton*, até então nunca empregado, combatendo admiravelmente o vomito preto. Durou a epidemia até Junho de 1851 e reapareceu em Abril de 1857.

FEBRES REINATES. – Havia em Campos umas febres periodicas que grassavam epidemicamente, em Março-Abril, que o povo chamava «*febres reinantes*» ou tambem «*febres da quadra*». Atacava ás vezes, de um para outro dia, familias inteiras, mas tendo fórma benigna. Começavam por grande prostração, e bastava um qualquer sudorifico e um ou dois laxativos para desapparecerem.

O dr. Miguel Heredia devia estar com a razão quando, em 1869 escreveu que – «Quasi todas as molestias de Campos são phenomenisações ou modalidades dos venenos palustres, que entre nós não só são uns verdadeiros protêns, como assumem uma energia espantosa.»

A VARIOLA. – Era outra molestia quasi endemica em Campos. Para avaliarmos bem isto basta assinalarmos que as bexigas grassaram aqui com intensidade nos annos de 1838, 1862, 1863, 1865, 1866, 1867, 1872, 1873, 1879, quando se estabeleceu no «Becco» o primeiro hospital de isolamento, em Campos.

O dr. Miguel Heredia demonstrou (Outubro de 1863) a vantagem do leite para curar até os males da molestia, dando a beber aos enfermos leite crú; e assim irrompiam as bexigas, cobrindo o enfermo com pannos embebidos em leite para evitar as deformidades da epiderme.

Em Março de 1863 morreram muitos bexiguentos, notadamente escravos. Nos annos de 1880, 1882, 1883 foi grande o estrago feito pela variola, sendo transformado a séde da Sociedade Brasileira de Beneficencia, no Outeiro, (hoje rua Dr. Alberto Torres esquina da Baronesa) em hospital de variolosos. A Camara para desbellar o mal prohibiu: – a) que *voltasse* do Cemiterio o caixão dos cadaveres variolosos... b) a lavagem de roupas dos bexiguentos nos *quintaes e portos* do Parahyba... De Janeiro a Dezembro as variolas atiraram para as cóvas do Cemiterio 325 victimas. Em Janeiro de 1884 continuaram a grassar e depois de dois annos reappareceram em Setembro de 1887. No começo de 1892 reinou novamente a variola, depois em 1885; desapparecendo

durante dez annos, surgiu em Janeiro a Junho de 1896, e graças ao uso da vaccina, um mal tão horrendo se afastou de nós durante 39 annos, si bem que nos fins do anno passado se tenham verificado dois casos de variola na Cadeia Publica.

O BERI-BERI. – Essa molestia, por vezes tem reinado epidemicamente em Campos. Neste centenario da cidade ella se tem manifestado com intensidade duas vezes: 1877 e 1933.

Irrompeu no começo de 1877, e então escreveu o Dr. Miguel Heredia na «*Gazeta de Campos*»: «A causa desta doença acredito seja o impaludismo, pois os phenomenos beribericos parecem n'uma manifestação especial de um envenenamento paludoso, uma verdadeira cachexia palustre – desvio de sangue motivado pelo envenenamento dos pantamos.»

Isso elle affirmou porque a causa determinante do beri-beri são a humidade e o calor, – estes favorecendo o desenvolvimento dos miasmas dos pantanos, são tambem as causas determinantes das febres palustres; affirmou mais que, administrado com coragem o arsenico e o sulfafo de quinino, conjuntamente, – verificou magnificos successos no tratamento dos doentes. Exteriormente o dr. Heredia applicava fricções de kerozene e terebentina, bem como o oleo de eucalyptos.

Naquelle tempo o beri-beri era considerado pelos medicos de Campos como molestia incuravel com os meios therapeuticos, e o Dr. Miguel Heredia muito escreveu na imprensa para remover os seus collegas daquella falsa supposição.

Em 1878 ainda grassava o beri-beri, ceifando numerosas victimas, e isso porque, como accentuou Heredia, era confundido com outras molestias, taes como o rheumatismo, hydropsias, nevralgias, lesões do coração, hepatites, amollecimento cerebral, etc.

Então a classe medica disse que Miguel Heredia era – *ignorante*, *visionario*, *louco*... porem outros facultativos reconhecendo o seu valor e sua perfeita razão, puzeram-se a seu lado como o Dr. José Camillo de Moura e Dr. José Ferreira Barreto.

Houve então (1878) um duello scientifico travado entre os clinicos

José Camillo de Moura e Heredia *versus* Dr. Lourenço Baptista. A 18 de Junho houve uma reunião medica no salão do «Club dos Conspiradores,» convocado pelo Dr. Francisco Portella para tratar do beri-beri, estudar suas causas e o seu tratamento. Presidiu a reunião o Dr. Barbosa, estando presentes os drs. João Baptista Lacerda, Feliciano Manhães, Portella, José Camillo de Moura, Manoel Fr. de Oliveira, José Barreto, Miguel Heredia, Souto Mayor, Guimarães, Benedicto Galvão, Lourenço Baptista e Terra, e os pharmaceuticos José Delgado Motta, Lopes da Costa, Venancio Silva, Manoel da Silva Campos, João Reis e Ezequiel Sampaio.

O nome dessa molestia nasceu de uma exclamação indigena: – um indio, quando debaixo da sensação de uma intensa dôr que o affligia, exclamou: – «*beri-beri*,» que no vernaculo corresponde á exclamação *ai-ai*! Em nada tal nome define o caracter da molestia.

O dr. Sebastião de Moura affirmou n'uma conferencia que fez a 2 de Julho de 1878 sobre o apparecimento do beri-beri, suas causas e pathogenia, que desde 1872, logo após a sua formatura, deparou em Campos, na freguezia de S. Sebastião, com doentes dessa molestia.

A PESTE BUBONICA. – Por vezes irrompeu em Campos uma peste mortifera que os medicos affirmaram ser o mal do Ganges – a «peste bubonica». Nunca admittimos que a «bubonica» reinasse em nossa terra, pelos motivos que mais adiante expenderemos.

Um mal terrivel appareceu por vezes, é certo, e já em 1892 o dr. Benedicto Gonçalves Pereira Nunes pediu energicas providencias com relação á Companhia Syndicate, visto ter elle notado em sua clinica diversos *casos fataes* de molestia epidemica e que lhe parecia ter contribuido para tal os *encanamentos* daquella Companhia.

O primeiro caso determinado como *peste bubonica* em Campos foi a 23 de Janeiro de 1895, em um homem vindo da Usina Barcellos. Dois dias depois, verificaram-se 3 casos, um na rua do Aquídaban, outro na rua Gil de Góes e outro na rua 15 de Novembro, perto da ponte. A Camara estabeleceu um hospital de isolamento na praça do Sacco, predio de Constantino Cardoso Netto.

A população ficou alarmada e a cidade foi ficando vazia porque

grande parte das familias fugiram para o inferior e cidades proximas. A 2 de Fevereiro constataram-se mais 2 casos fataes; a 8 do dito mez, mais 12 casos, dos quaes 5 foram fataes, occorridos no Passeio Municipal, rua 13 de Maio, Cabral, Boa Morte e Beira Rio. As victimas foram; Rosa Maria da Conceição, João Baptista Pessanha, Flausina Maria Francisca, Lydio (de 3 annos) filho de José S. Gomes, Francisco José Palhaço e o preto Elias. O mal demorou-se até Julho.

Em 1901 fez o supposto mal levantino sua segunda errupção em Campos, surgindo em 16 de Setembro. O Governo mandou para Campos o Dr. Jorge Pinto Barradas, director da Assistencia do Estado, por solicitação da Camara. O primeiro foi na rua do Rosario n.º 54; manifestaram-se outros casos nas ruas: 13 de Maio, 24 de Fevereiro, Constituição, no Azylo da Lapa, Rocio, Beira-Rio, Boa Morte, Avenida Pelinca. Desde 16 a 30 de Setembro, verificaram-se 22 casos, dos quaes 6 foram fataes. Nesse dia sahio da Egreja de S. Benedicto uma Procissão de Penitencia ás 5 hs. da tarde.

Os drs. Luiz Sobral, Ramiro Braga e Lacerda Sobrinho procederam a rigorosas desinfecções dos domicilios e se empregou o apparelho Clayton para lavagem das rêdes de esgotos. No mez de Outubro o mal recrudeceu sendo accomettidas as seguintes pessoas: (collocamos na ordem alphabetica e gryphamos os que falleceram) Antonio Ribeiro, Antonio Gomes, Antonio, filho de Caetano Balbi, Antonio Joaquim Caldas, Antonio do Espirito Santo Ribeiro, Antonio Nascimento, Antonio filho de Clarinda, Antonio Vicente, *d. Antonia Reis*, (cantora que possuia uma magnifica voz), Arlindo Fernandes, *Augusto Peçanha*, *Abelardo Carneiro*, *Adelaide*, *Antenor Freire*, *Angenor Andrade*, *Alzira Velasco*, Agacques Aristoteles, *Ajax Lannes*, *Augusto Leite*, Amelia J. Caldas, Alvaro de Almeida, Anna Maria, Aureliano Campos, *Arlindo Abreu*, Alcina Carneiro, Arthur Passos, Alcidia Pinto Carneiro, Alzira Reis, Anna Benedicta, Bertha de tal, Benedicto da Penha, Bernardo Rodrigues, Conceição Maria da Penha, *Carlota Maria de Jesus*, Claudino de Azevedo Cruz, *Cacilda* (menor), Cesario Gusmão (carregador), Chrysantho Nascimento, *Didima de Souza*, *Djanira da Conceição*, *Eugenia de tal*, Euclydes Peçanha Dias, Emiliano da Silva

Santos, Euclydes filho de Francisco Antonio, *Elias de tal*, Edina (menina), Eliziario Mathias, Estacio de tal, Faustino Peçanha dos Santos, Francisca Marieti, (hespanhola), Francisco Luiz Abreu, Francisco Magalhães, *d. Francisca Fritsch Nunes*, (Fanuy), esposa de Antonio Nunes, (em 26 de Outubro), d. Francisca Dumas Rocha, Francisca Peçanha, Faustina filha de Albino de tal, Fidelino Pinto, Firmino de tal, (90 annos), Francisco Vaz, Felicidade Maria da Conceição, Francisco de Abreu, Frederico Alves Carneiro, Geraldo de tal, Guilhermina Carvalho, *Herminio José Sant'Anna*, (commerciante fallecido a 16 de Outubro), Herminio Francisco da Silva, Honorato Secundino dos Santos, *Ilda Heindrick*, Ioceno Vianna, Ichar José (arabe), Isaura de tal, *Izabel Maria Gomes*, *Julio Azevedo*, Jacintho Soares Carvalho, Juvenal Guedes, Julião Monteiro, José dos Santos Pinto, João Sant'Anna, Joaquim Ramos, Julião Monteiro, Joaquim Pereira, *Julieta das Neves*, José Ramos, José Xavier Dias, *João Maia*, João Faria, Julio Azevedo, Joaquim Cunha, *João Fiuza*, *José Pinto Linhares*, Jorge Pinto, Josepha Lirio, *João Gualda Spinoza*, *João Coelho da Silva*, *Juvenal* de tal, José Lauro, *João Laurentino*, José Souza Pereira, Luzia Barcellos, Leoncio de Souza Moço, *Luiz* filho de Luiz de Freitas, Luiza Gomes de Oliveira, *Luiza* (menor) *Leonor Rosa do Espirito Santo*, Lydio de Souza, Leonardo Jacone, Laudelino Gonçalves, Maria Queiroz Carvalho, Marcolino Souza Lobo, *Manoel Francisco de Souza*, Manoel Souza Peixoto, Miguel Nabuco, Maria Gomes Rezende, Maria Dolores (menor), Maria Candida, Manoel Martins, Maria Moreira, Maria da Silva Cunha, Maria do Nascimento, *Maria Faustina*, Magdalena Barreto, Manoel Cassiano, Marianna da Silva Cunha, Maria Antonia Leite, Maria Antonia, Maria José Moreira, *Maria Generosa*, Manoel Gomes, Maria da Gloria, Marianna Gomes de Souza, Manoel Antonio, Manoel Alves, Maria Thereza Lage, Norma de tal, Niclotildes Lyrio, Norival Baptista Bacellar, Noemia de tal, Natalina de Araujo, Norival Theodoro, *Nicomedes* filha de Concordia Angelica, Olivia das Dores, Olympio Peçanha, Orlando de tal, Olivia Cotta, *Paulino José da Penha*, Olivia das Dores, Plinio Gonçalves da Silva, Pedro Antonio Ferreira, Rosa Ferreira de Souza, *Rosa Maria Carvalho*, Rita Barreto, *Raphael* filha de Ignacia da Conceição, Rosalina de tal, *Sylvio Graça*, Sebastião

Marques, Tacito Tavares, Theresa Francisca Cordeiro, *Themoteo Santos*, *d. Umbelina Sampaio Carvalho*, esposa do commendador Manoel Francisco de Carvalho; Victorino Xavier, Vicente Coutinho Filho, Vitalina (menor), Virginia Maria da Conceição, *Zelina Barreto*.

A bubonica cessou em Dezembro, sendo o ultimo obito verificado no dia 30, o de (João Laurentino). No dia 20 de Dezembro foi inaugurado o novo *Hospital de Isolamento*.

Durante os treis meses que reinou a peste dita «do Ganges», ou oriental, morreram 103 pessôas pestosas.

Em Junho de 1902 reappareceu a peste, grassando até Dezembro, atacando a 213 pessôas, das quais 115 falleceram.

Anno por anno vinha irrompendo o mal. Em 1903 reappareceu juntamente com a epidemia das variolas, em Outubro.

A MORTE DOS 3 MEDICOS – A quarta e ultima erupção da chamada peste bubonica tornou-se celebre por ter arrebatado, logo que surgiu no predio nº 1 da rua do Sacramento, em Agosto de 1906, as vidas dos illustres medicos Dr. Luiz Cardoso Mello, João Baptista de Lacerda Sobrinho e João Antonio da Silva Tavares, levando tambem para sepultura o commerciante Alberto Braga e sua esposa d. Maria Luiza da Costa Braga, os cirurgiões dentistas Theopisto de Abreu e Ubaldo Abreu, bem como a esposa de Francisco Ornellas.

Das victimas da peste estiveram na casa nº 1 da rua do Sacramento apenas escaparam o Dr. Ignacio Moura, Godofredo Cruz, Xenophonte de Abreu, Sebastião Cruz e Antonio Rabello.

A população ficou impessionadissima. Os medicos enfermaram no dia 14 de Agosto; o primeiro que falleceu foi o Dr. Lacerda Sobrinho, ás 7,35 da noite de 16, aos 26 annos de idade. O enterro effectuou-se á meia noite para evitar o concurso do povo, mas mesmo assim grande numero de populares desatrellou os animais do coche funebre e condusiu o corpo empurrando o carro do estimadissimo clinico, sendo a inhumação feita no Cemiterio S. Benedicto, junto á sepultura do seu pae, o inolvidavel chefe abolicionista Carlos de Lacerda. No mesmo dia 16 falleceu o dr Silva Tavares, então director do Lyceu de Humanidades

e Escola Normal. No dia 22 falleceu o Dr. Cardoso de Mello, ás 7 hs. da noite com 45 annos. A consternação no povo era extraordinaria. Lacerda e Cardoso eram medicos dos pobres, desprotegidos da sorte. Nós mesmos, ao traçarmos estas linhas temos o coração em lagrimas de saudade e de gratidão pelo muito que nos fizeram, tendo o Dr. Cardoso de Mello salvado a esposa e filha primogenita quando lhe batemos á porta para soccorrel-as e não quis elle a menor renumeração nossa!

Quando redactoriavamos o jornal «*O Lábaro*» tivemos a franquesa de contradictar a commisão medica que alarmava a população com o espantalho da *peste bubonica*. Porque tivessemos ido verificar a remoção de dois pestosos, a esposa de Alberto Braga e um caixeiro da Casa João Renne, notamos que os doentes não tinham *burbões* que eram os caracteristicos do terrivel morbus do Ganges, mas sómente a epiderme crivada de pontos avermelhados como mordeduras de mosquitos. Profligamos a determinação da bubonica, pois o mal não passava de uma pestilencia motivada pelo estado descuravel das rêdes do esgoto. Tanto que se providenciou para que os apparelhos Clayton desinfetassem consecutivamente os canos de esgoto logo decresceu o mal até que se extinguiu e não mais se manifestou desde 1906.

Fechando este capitulo triste, pavorosamente lugubre em que a dor e o luto se estenderam pela grande planicie goytacaz, passemos para um assumpto consolador, estimulante, que nos falle da tradição com alegrias, que nos faça recordar do passado com emoções.

AS ASSOCIAÇÕES CAMPISTAS

A união fazendo a força que produz o progresso e o bem-estar da nossa gente. – As associações antigas e as actuaes.

Até 1841 não existia em Campos nenhuma associação e porisso a imprensa fazia o reparo seguinte: – «Ao passo que no Rio de Janeiro e nas mais pequenas provincias medra o espirito associativo, Campos uma das melhores e já bem populosa cidade do Imperio parece que desconhece que as Sociedades attestam a civilização e estado progressivo de um povo.»

Não obstante essa ponderada advertencia, passaram-se mais dez annos sem que os campistas organizassem alguma associação scientifica, artistica, beneficente, recreativa ou que promovessem gremios para o amparo das classes; apenas havia sociedades secretas, «casas de Maçonaria» conforme disse o «Monitor Campista» em seu n.º 171 de 14 de Dezembro de 1841 – «que não se sabe o que são, porque seus membros *trabalham ás escondidas*.. e chamam *profanos* a todos que não tem nella entrada.»

É verdade que em Campos houve antes de 1841 a «Sociedade Campista de Agricultura», mas... já não funccionava desde muito tempo, re-erguendo-se depois em 1852.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE BENEFICENCIA. – Foi fundada pelo Padre João Antunes de Menezes e Silva, em 20 de Agosto de 1852, tendo por grandes cooperadores José Joaquim Freire Larangeira, Antonio Pinto Rodrigues da Costa, Antonio Maria Corrêa de Sá, Luiz Antonio Babo, Germano Rodrigues Pereira, Romualdo da Silva França

e outros. As primeiras reuniões foram feitas no consistorio da Egreja do Terço, e por occasião do cholera-morbus em 1855 a Sociedade prestou grandes concursos, tendo os seus associados Padre Ricardo Mauricio de Oliveira e Padre José Joaquim Teixeira de Castro prestado muitos soccorros espirituaes aos cholericos.

Depois da presidencia do Padre João Antunes que durou 15 annos, passou a dirigil-a Euzebio Ildephonso Barroso. Em 1868 a Sociedade teve um colapso; nascida da classe menos favorecida desde o começo, lutou com difficuldades. Em 1869 tomou novo alento. Abriu um curso em 1870 para os filhos dos associados, tendo D. Pedro II offertado 400$000 para o curso, que era no sobrado da Rua Direita (hoje «Hygh-Life»).

Surgiram depois novos e importantes elementos, como o Dr. Francisco Portella, Chrysantho Leite de Miranda Sá, Dr. Domingos de Alvarenga Pinto, Eugenio Bricolens, Dr. José Ferreira Dias, José Pinto Cambucá.

Em 1872 foi fundada uma bibliotheca, e em 1875 com a presidencia do Dr. Teixeira de Mello a sociedade tomou muito grande incremento. A politica partidaria penetrou na velha sociedade em 1876 combatendo a presidencia do Dr. Antonio Francisco Barbosa, chefe do partido liberal.

A Sociedade Brasileira prosperava tanto que já havia edificado um grande hospital em 1880 na rua da Constituição, predio que hoje está dividido nos 3 predios pertencentes ao Dr. Alberto Cruz, Achilles Salles e Domingos da Motta Faria,

Na presidencia o Dr. Affonso de Abreu Lima, estabelleceu-se no seio social uma luta que deu por terra com a benemerita instituição, em 1883-1887, sendo o predio vendido por 1:200$000 ao Dr. José Joaquim Itabaiana, para pagamento de seus honorarios de advogado da ultima directoria...

«SOCIEDADE PHILANTROPICA PORTUGUEZA» foi fundada em Setembro de 1853, tendo por fundadores Bernardo José de Mattos, José Custodio Osorio, Joaquim Pereira Pinto, José Antonio Rodrigues, Caetano Maria Pereira, Manoel Alves Araujo, José Antonio Soares da Rocha, Manoel José Alves Torres, Agostinho Lopes de Oliveira e Sylvestre José Pereira Guimarães.

Treis annos depois deixou de funccionar.

«SOCIEDADE PORTUGUEZA DE BENEFICENCIA», é a tradiccional organisação philantropica que os portugueses de Campos fundaram em 25 de Julho de 1852. A primeira reunião foi no salão do Theatro S. Salvador, sendo eleita a primeira directoria: Presidente, Padre Dr. Ignacio da Silva e Siqueira; vice-presidente, José Bento de Araujo; 1°. e 2.° secretarios, Manoel José dos Santos e Felippe Antonio de Oliveira, thesoureiro, Manoel José de Souza Azevedo; syndico, Joaquim Ferreira Pinto; administrador de beneficencias, Manoel Francisco Dias.

Taes os semeadores desta frondosa Arvore da Caridade que viceja prodigiosamente ali na rua de S. Bento, com o patrocinio do thaumaturgo luzitano Santo Antonio de Lisboa.

Passaram pela presidencia os espiritos combativos de Miguel José Ferreira Conteiro (1857), e de Antonio José Ferreira Martins, (1864).

Em 12 de Setembro de 1865 foi assentada a *primeira pedra* do edificio da rua de S. Bento, sendo o hospital inaugurado a 12 de Agosto de 1872, presidencia de José Ribeiro de Meirelles e sendo Thesoureiro Manoel Pereira de Azevedo.

A construcção foi dirigida pelo constructor portugues Chrispim Corrêa da Silva, e é um instituto que muito honra a Campos e a estimada colonia portuguesa.

«SOCIEDADE YPIRANGA L1BERTADORA» – foi uma organização patriotica e humanitaria que se fundou em 10 de Agosto de 1856 e tinha sua séde na chacara do capitão José Almeida Leão. Seus fins eram quatro: Commemorar o dia 7 de Setembro; – erguer estatuas aos grandes brasileiros que trabalharam pela independencia do paiz; melhorar a sorte dos descendentes desses grandes homens; reunir os captivos nascidos no Brasil.

Em 7 de Setembro de 1856, libertou uma menor, para solemnizar a data, tendo na vespera se organizado um prestito com carro triumphal, no qual se via um indio empunhando a bandeira brasileira, ladeado por anjos. Nas esquinas eram cantadas por Manoel Barbosa e outros famosos musicos os hymnos *Nacional e da Independencia*.

Na aurora de 7 de Setembro era queimada uma salva de 21 tiros e eram cantados os hymnos. Á tarde, em tablado erguido na Praça Principal, fôra apresentada a libertanda em trajes de captiva, fazendo o presidente um discurso analago, seguindo-se o acto da liberdade, findo o qual foi ella apresentada ao publico e a musica se intercalava com os applausos.

Os escravagistas fizeram forte pressão a «Libertadora» até que em pouco tempo a asphixiaram...

«SOCIEDADE UNIAO ARTISTICA BENEFICENTE», veterana associação dos artistas que a fundaram em 29 de Maio de 1870. Dizemos que foi fundada no dia *29 de Maio* para respeitar o registro social, porem, por amor á verdade temos que affirmar que a primeira reunião para fundação foi a *24 de Maio*, no salão do Theatro S. Salvador, quando grande numero de artifices que tinham feito sua festa commemorativa da terminação da guerra do Paraguay, verificando um saldo da subscripção feita, deliberou applicar este na creação de uma sociedade que garantisse o futuro dos mesmos. A ideia partio do cérebro previlegiado e arguto de Francisco de Paula Bellido, que foi o seu 1º presidente, tendo por companheiros: Antonio Joaquim da Costa Freitas, Henrique José de Souza Osorio, João Baptista de Freitas, Antonio Teixeira da Costa, Julio Esberard, Francisco José Barbosa Guimarães, Francisco Muylaert, Affonso Sovat, Emilio Francisco das Chagas, João Gil Ribas.

Hoje é uma instituição sólida por ter tido sempre dirigentes honrados e prestimosos, como: Francisco José Barbosa Guimarães, José Rodrigues Leite, José Joaquim de Moraes, Guilherme Bolckan, Francisco Ribeiro dos Santos, Julio Esberard, João Alvarenga, Leopoldo Muylaert, Domingos José Velasco, Antonio Joaquim da Costa Freitas, GuiIhermino de Sá Vianna, Cantidio de Souza Martins, Martinho Agostinho Kock, Vicente José Tavares, José Lopes Pereira Lobo, Benedicto Fernandes, e outros.

Tem séde propria e espalha a beneficencia como religiosamente determina os seus bemditos estatutos.

CENTRO OPERARIO – Foi uma grande associação de operarios fundada em 1890, que começou com o titulo «LIGA OPERARIA» e

que fizera sua primeira reunião no salão da Soc. União Artistica, a 16 de Fevereiro, convocada por Benedicto Fernandes de Oliveira, Jeronymo Caetano Pereira, José Pacheco Sobrosa, Anorelino Lima, lrineu Antão de Vasconcellos, Manoel Pedro de Alcantara, Joaquim M. de Azevedo Lima, Faustino Pinheiro de Lima, passando depois a funccionar na rua Direita nº 73. Em 15 de Junho fizeram uma grande assembléa no theatro Empyreo, presidida por Antonio José da Cunha Braga, orando então João Corrêa, Alberto Alvarenga, João Martinho Eliot, Antonio José de Brito e Nilo Peçanha. Lavrou-se a primeira acta em que assignaram 110 operarios. Não tardou que a politica se intrometesse naquella organização de obreiros para explorar a sua bôa fé. O «Centro» passou por uma reorganização em 1891, por iniciativa de Bernardino de Oliveira, Antonio Nunes Cardoso.

O Centro Operario teve elemento decididos no propugnar pela classe proletaria, taes como Luiz Jorge da Silva Nuffer, Damasio Gomes da Silva Antonio José da Cunha Braga, Julio Fileto, Luiz Eloy da Silva Passos, Antonio José de Brito (o Brito do Bóde), mas certos *operarios politicos... operarios-deputados... «operarios»* que nada produzem, injectaram logo o virus da destruição na pujante organização proletaria que desapareceu em 1898.

As classes operarias tinham como seus delegados, em 1892, nos seguintes operarios: Fortunato J. de Faria, (carpinteiros); Silvestre Santos, (escreventes de cartorio); Manoel Mesquita, (fogueteiros); João Corrêa, (typographos); Pedro Felix da Costa, (carris urbanos); Manoel Felippe Pinto, (carroceiros); Sebastião Gomes Monteiro, (sapateiros); José Vicente Tavares, (latoeiros); Demetrio Alves de Souza, (pintores); Belmiro de Azevedo, (pedreiros); Jeronymo Caetano Pereira, (ouriveis e relojoeiros); João Ferreira de Souza, (alfaiates); Damião Valverde, (cigarreiros).

Em 1892 os politicos que tinham habilmente collocado os seus titeres como delegados e dirigentes do «Centro», puxavam pelos cordélinhos das suas inconfessaveis conveniencias, quando o heroico operario Luiz Nuffer deu o brado denunciando a exploração e reagindo contra os que queriam ludibriar o operariado. Em 1º de Maio houve a primeira marcha pelas ruas da cidade levando os operarios estandartes de suas varias classes, sendo nesse dia publicado o 1º nº do jornal *«O Operario»*.

Em 1898 estando quasi sem efficiencia o Centro, cessou a publicação do «O Operario», cuja typographia foi vendida a Horacio Souza para a publicação do jornal catholico «O Lábaro». E assim desappareceu a grande instituição dos operarios campistas.

«MONTEPIO BENEFICENTE». – Accreditada instituição que foi fundada a 5 de Junho de 1892 pelos antigos operarios da «Campos Syndicat Limited C.º» encabeçados por Carlos Maria Rodrigues, os quaes improvisaram com barricas vazias e taboas uma mesa em que realizaram a 1.ª sessão para a fundação da sociedade, então com o titulo «Montepio Beneficente dos Empregados da Syndicat».

A primeira directoria foi: Presidente, Carlos Maria Rodrigues; vice-presidente, José Maria Morgade; secretarios, Alexandre Mercier e Manoel Cardoso Lobo; thesoureiros, Targino de Abreu Campista e Manoel Brun; procurador, Francisco Menezes, Conselheiros: José Corrêa, Francisco Menezes Filho, José Barros e Ernestino Manhães Pinheiro.

Tão perfeita e honrada administração exerceram os directores que em 1933 o patrimonio social era de..... 62:000$000, distribuindo uma media de 500$000 mensaes com beneficencias. Attinge agora ao seu 43.º anno de existencia.

ASSOC. B. C. AUXILIOS ÁS FAMILIAS. – Importante sociedade que tem distribuido muitos beneficios não só no seio da populaçao campista como nas dos outros logares. A «Associação Beneficente Campista de Auxilios ás Familias» foi ideiada por Pedro Ramalho e a primeira reunião teve logar a 7 de Setembro de 1902, na Associação Commercial, sendo installada a 16 de Outubro, elegendo a seguinte directoria: Presidente, Dr. Joaquim Ribeiro de Castro; vice-presidente, Dr. Francisco Pinto de Souza Vasconcellos; secretarios, Antenor Macieira e Altino Costa; thesoureiros, Christiano Amaral Costa e Segisnando Pinto Martins, Conselheiros: Dr. Luiz Augusto Gomes, Candido Alvaro Machado, Cesario Lyrio de Gusmão. Um mez depois já havia 400 socios.

Foram membros de destaque na grande associação, alem de Ramalho, Ignacio Lessa, Antonio Luiz de Barros, José Antunes Moreira, Americo Ney; João Renne, Virgilio de Souza, nomes abençoados por

muitas famílias campistas.

O primeiro seguro pago pela A. B. C. foi a 20 de Fevereiro de 1902, á familia do finado Benedicto Ricardo de Sant'Anna, o qual se havia inscripto nella havia 3 mezes, despendendo apenas 10$000. A directoria trabalhava sem remuneração, pois eram verdadeiros apostolos da abnegação e da philantropia seguindo a doutrina de Jesus Christo, o Santissimo Salvador que era o patrono da Associação.

Até agora a A. B. C. tem pago centenas de contos aos beneficiarios dos seus associados, por isso, mesmo é bem digna de permanecer sempre com o vigor de out'rora, prosperando, esparzindo as flores da sua caridade, regadas que são pelo orvalho da solidariedade humana.

LIGA BENEF. OPERARIOS DA CARANGOLA. – Prospera aggremiação que nasceu humillima, dentro de uma officina ferroviaria e que cresceu, viçou, robusteceu, sendo hoje uma das esbeltas organisções beneficentes.

Foi fundada a 2 de Dezembro de 1903, e ampliando o seu campo de acção, porisso que admittiu no seu seio outros elementos que não só os empregados da Carangola, e chegou a tal apogêo de prosperidade que enche de gaudio e beneficio aos seus membros.

Muito trabalharam por essa Liga, os benemeritos José Alves Dias, Francisco Fernandes Balthazar, João Rufilio Rebel, Belarmino Gomes Neves, Joaquim de Oliveira Guede.

«GREMIO OPERARIO». – Foi o sonho dourado do estimado operario Damasio Gomes da Silva. Foi fundado a 4 de Junho de 1905, tendo sua primeira séde na Praça S. Salvador n.º 6, possuindo agora séde propria, na rua do Mafra 8. Alem do seu esforçado fundador, trabalharam muito em beneficio do Gremio, Lauro Pinto de Freitas, Benedicto de Souza Fernandes, Felicissimo da Silva Cordeiro, Manoel Larangeira.

SOCIEDADE DE SOCCORROS MUTUOS. – Vinte e cinco annos de successos vem fruindo essa explendida sociedade de cooperação recíproca. Seus membros quotisam-se mensalmente, formam peculios que sorteiam entre si, beneficiando a muitos.

Foi fundada em 20 de Novembro de 1910

ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL. – É uma das glorias de Campos. A mór parte dos historiadores da nossa terra dão como sendo a 9 de Agosto de 1891 a fundação da imponente instituição dos commerciantes campistas, porem nós já a enxergamos desde o seu longinquo embryão, pois tudo pesquisamos com minucias, com cuidado, mui cisos de fazer luzir a verdade. Já em 1884 reuniram-se em 15 de Agosto os commerciantes desta cidade para formarem a sua aggremiação, funccionando como secretario *ad-hoc* Manoel Francisco dos Reis Tavora. A ideia porem dormitara durante quatro annos, até que em 2 Junho de 1888 fez-se uma reunião na Sala do Jury, comparecendo 98 negociantes, tratando-se da elaboração dos estatutos, e eleição da Directoria provisoria que foi a seguinte:

Presidente, José Alfredo Carneiro de Fontoura: vice-presidente, Henrique Alves Carneiro; thesoureiro, Manoel José de Araujo Silva; secretarios, Antonio Alberto da Silva Ultra e José Luiz Pinto; procurador, Domingues Francisco Pereira Serpa; fiscaes, João Francisco Ribeiro e Affonso Machado de Faria; syndico, Manoel Duarte Pereira Gomes; Conselho: Jeronymo Joaquim de Oliveira, José Narciso Dias Teixeira de Queiroz, Manoel de Souza Machado, Cesario Lyrio de Gusmão, Jacintho Martins Corrêa, Manoel Pereira Antunes, João Antonio Palmeira Junior, Boaventura Peixoto da Costa, Sebastião Gomes Teixeira, Antonio Ferreira Junior, Thomé de Souza e Silva, José Pinto de Souza Vasconcellos. Havia então 205 socios no quadro já então perfeitamente organisado.

Si não podemos mencionar a data de 15 de Agosto de 1884 como sendo a da fundação, porisso que não passava de boa tentativa de organisação, ficando porem o machinismo social ainda muito atrophiado por uma serie de circunstancias poderosas que dividiam o corpo commercial e impediam a sua marcha, – podemos apontar como definitivo inicio da Associação o dia 2 de Junho de 1888. A 10 de Junho houve a segunda assembléa, em que foi nomeada para eladorar os estatutos, a seguinte commissão: Antonio Joaquim Alves da Costa, Manoel Martins Chaves e Francisco Pinto Rodrigues de Brito. A 1.º de Julho houve a terceira assembléa que approvou os estatutos e elegeu a definitiva Directoria: – Presidente, Francisco Pinto Rodrigues de Brito;

vice, Manoel Martins Chaves; secretarios: Anda Silva Ultra e Jacintho José Martins Corrêa, thesoureiro: José Alfredo Carneiro de Fontoura; vogaes, Manoel José Araujo Silva, Alexandre Duwel, Affonso Machado de Faria, Pierre Chatel e Daniel Findlay.

A 30 de junho de 1891 o Governador Portella approvou os estatutos da Associação, ficando este sujeito ao decreto estadoal de 29 de Junho que creara a Junta Commercial do Estado e porisso a Associação fez uma assembléa geral, deliberando *extinguir* a mesma, repartindo o fundo social pela Santa Casa e União Artistica, em Agosto.

Em 9 de Agosto de 1891 houve a re-organisação, em assembléa effectuada no salão da lntendencia Municipal, a que compareceram 417 socios, presidindo os trabalhos Manoel Antonio de Oliveira Seabra secretariado por Antonio de Oliveira e Silva e João Gregorio Francisco de Miranda.

Procedendo-se á eleição da nova directoria, ficou esta assim constituida: Presidente, Francisco José Rodrigues de Carvalho; vice, Sylvestre José Pereira Guimarães, secretarios João de Alvarenga e Dr. Francisco Eugenio Magarinos Torres; thesoureiro, João Antonio Palmeira Junior. A posse foi dada a 16 de Agosto, na lntendencia.

Em 1893 foi adquirido o predio, na Praça S. Salvador, para a séde social, o qual foi vistosamente reformado em 1916,

Figuras de destaque pelos seus esforços pela Associação podemos citar dentre muitas, os de João Alves de Magalhães; Emmanuel Couret, José Carlos Pereira Pinto, Olavo Cardoso, Dimas Corrêa dos Santos, Antonio Pereira Amares, José Bruno de Azevedo (o creador da «Folha do Commercio «orgão da Associação), José Perlingeiro Junior, Constantino Peçanha, Armando Ritter Vianna, Manoel Ferreira Machado.

ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO. – Logo que os patrões campistas se congregaram reorganizando a Associação Commercial, a garrula classe caxeiral julgou de bom alvitre se congregar tambem e para logo formou uma grande assembléa, a 10 de Junho de 1888 para assentar as bases fundamentaes dessa grande organização que ahí vemos cheia de vida e louçania. A 26 de Agosto de

1888 foi feita outra assembléa para approvação dos estatutos e eleição da sua primeira directoria, assim constituida: – Presidente, Antonio Fernandes da Silva; vice, Joaquim Pereira Vidal; secretarios, Horacio Cócles Castellar, e Benedicto Caldeira: thesoureiro, Clemente Felippe da Silva Santos; syndico, Francisco Vaz da Silva Junior, Conselho: Felisberto Mignot, Joaquim Sampaio, Wenceslau Costa

João Barreto no seu «Annuario Campista» affirmou que a Associação dos Empregados no Commercio – foi fundada em 26 de Agosto de 1894, – sem remarcar que em tal occasião foi que começou o incremento da aggremiação cujos signaes de vida, como vimos linhas acima, despontaram desde 1888. Nessa segunda phase, isto é, nesse re-erguimento no anno de 1894 foi que muito se empenharam Americo Ney, Mucio da Paixão, Pinto Bravo, Domingos José de Faria, Manoel Medeiros, Lubelio Pinto Carneiro, Vicente Gonçalves Dias, e Francisco Fernandes Guimarães.

Outros optimos elementos de propulsão foram Francisco Riscado, Leovigildo Leal, Antonio Dias de Castro Azevedo, e Hemor Heveo Pessanha.

Hoje a Associação dos Empregados no Commercio é uma organização sólida, prospera, honra da classe, gloria da Cidade,

Reservamos para quando tratarmos do ultimo jubileu da cidade neste seculo, para a citação das novas e actuaes associações de Campos, – portanto cuidemos agora de outras especies de associações antigas, a saber.

SOCIEDADES DE DANÇAS – Os campistas foram sempre muito amantes das danças. No começo deste centenario as danças predilectas eram *lundús* os «*passos a dois*» muito em voga até 1849, e tambem a «Caxuxa», sem dispensar-se os minuêtes lisos, de corte e afadangados... Mais tarde surgiram os «*Lanceiros*», *«polka-dedinho»* e a dança buffa «Pae-Paulo»; e eram tão do agrado do povo que havia mestres de dança que anunciavam no «Monitor» o que aqui transcrevemos: – «Augusto de Magalhães *lecciona* danças em *collegios*, sociedades e casas particulares, podendo ser procurado na sua residencia, a rua do Rosario, n.º 2». Esse «mestre-sala» devia ser batuta na arte dos revoluteios e mesuras rithmadas

das mazurkas, quadrilhas, valsas, schottisches, *varsovianas e sicilianas...*

Das associações dançarinas, existiram as seguintes:

«Sociedade Harmonia Campista» (1854), *«Sociedade União Campista»*, (rival da «Harmonia»...) *«Cassino Juvenil»* (inaugurada a 7 de Janeiro de 1855) *«Sociedade Ophelia»* (fundada a 19 do Novembro de 1857) «Atheneu Campista», fundado em 1862, «Congresso Recreativo Comercial», fundado em 16 de Outubro de 1887, na rua do Sacramento.

OS SYNDICATOS DE CAMPOS – (de empregados) *«União dos Trabalhadores do Livro e do Jornal»,* fundado em 2 de Junho de 1933.

«Syndicato dos Trabalhadores em Usinas de Assucar e Classes Anexas», fundado a 15 de Janeiro de 1931.

«Syndicato dos Trabalhadoles Metalurgicos e Classes Annexas», fundado em 1933.

«Syndicato dos Trabalhadores em Hoteis, Cafés e Restaurantes», fundado em 1933.

«Liga dos Padeiros».

«Syndicato dos Trabalhadores Industriaes do Estado», fundado em 1933.

«Syndicato dos Viajantes e Commerciarios», fundado em 1934.

AS COMPANHIAS E BANCOS

Campos, pelo seu valor industrial, commercial e agricola, mesmo nos tempos remotos, sentiu a imperiosa necessidade de transações bancarias para movimentar sua febril actividade, porisso que os campistas em 1855 projectaram a creação do BANCO COMMERCIAL E HYPOTHECARIO DE CAMPOS, a forte casa de credito que é um padrão para attestar o vigor e a honradez da nossa gente.

No mez de Junho de 1855 alguns capitalistas idealizaram a fundação desse Banco e logo formularam os estatutos, sendo seus promotores: Miguel José Ferreira Monteiro, Manoel José de Castro, José Joaquim Moraes, Engenio Bricolens, Luciano Irineu Alves, Bernardo José de Mattos e Francisco Rodrigues de Abreu Caldeira.

Todavia não ficou logo installada a casa bancaria, já por causa da calamidade do cholera, já por outros incidentes, porisso que sómente mais tarde, a 24 de Maio de 1872 foi que effectuaram uma reunião, na Sociedade Brasileira afim de «nomear os accionistas para tratarem dos estatutos», sendo a assembléa presidida pelo conselheiro Thomaz Coelho. Apresentados os estatutos que foram confeccionados pelo contabilista Jeronymo Joaquim de Oliveira, nomearam para dar parecer aos mesmos o Dr. José Bento de Araujo, Rufino Gomes de Oliveira, e Francisco José Rodrigues de Carvalho.

Em 1873 foi installado o Banco no predio que tinha o nº 161 da rua Beira Rio (hoje séde do Club Saldanha da Gama) tendo como director José Alves da Torre, e supplentes Dr. Francisco Portella, Joaquim Gomes Barroso e Francisco Augusto de Oliveira, começando o Banco a funccionar no dia 1° de Maio, no predio da rua da Quitanda, onde até hoje está installado.

BANCO (DO CALDEIRA) – O povo designou «Banco do Caldeira) a uma casa bancaria que foi fundada em 1862 por Francisco Rodrigues de Abreu Caldeira, Manoel José Alves Torres e Dr. Francisco Rodrigues Penalva, sob a firma Caldeira Torres & Penalva, para substituir a (Caixa Filial) que fora fechada.

Em Agosto do mesmo anno tambem foi estabelecida uma casa bancaria, de Miguel José Ferreira Conteiro.

BANCO DE CAMPOS – Esse banco fundado em 1863 funccionou até 1899 quando foi liquidado com prejuizo para muitos accionistas. A 9 de Julho foi approvado o estatuto pelo Decr° nº 3121, havendo uma assembléa a 3 de Janeiro de 1864 para fundação e eleição da Directoria. Os primeiros Directores foram: Barão de Carapebús, Dr. Caetano Thomaz Pinheiro, José Joaquim de Moraes; suplentes: José da Terra Pereira, Dr. Manoel Gesteira Passos e Felismindo José Teixeira. Começou a operar em 28 de Março de 1864.

Em 1897 começou a periclitar, melhorando um pouco a sua situação financeira em 1899 para logo entrar em liquidação.

CAIXA ECONOMICA. – Foi fundada em 1834 e trinta annos depois tinha por maiores accionistas: Conego Marianno Leite da Silva

Escobar, David Kock, Conego Luiz Rodrigues de Novaes e Silva, padre Manoel Joaquim da Rocha Campista, José Bernardino de Oliveira, João Domingues Alves de Barcellos, padre Manoel de Oliveira Pecegueiros, Dr. Caetano Thomaz Pinheiro e José Joaquim de Moraes. Este ultimo, que recebeu depois o titulo de Barão de Guarulhos, ficou sendo thesoureiro em 1886 e no anno seguinte sendo a Caixa Economica transformada, no mez de Maio, em «*Caixa Depositaria*», passou o Barão de Guarulhos a ser o presidente.

Funccionaram na sua liquidação em 1897 os ultimos directores Barão de Miracema, José Joaquim da Souza Motta e commendador João Gonçalves Pereira.

Banco do Brasil e Banco Hypotecario e Agricola do Estado de Minas Geraes, importantes e movimentadas agencias, cujas transações são bem consideraveis.

COMP. DE SEGUROS S. SALVADOR DE CAMPOS – foi uma antiga companhia de seguros terrestres e maritimos com séde na rua do Conselho, 70 e depois no sobrado da rua Beira-Rio esquina da do Rosario, approvada pelo Decrº. Imperial n. 4318 de 13 de Janeiro de 1869 e que existiu até 1900. A assembléa para a sua dissolução teve logar a 4 de Junho, cuja commissão de liquidação compoz-se dos cidadãos: Ignacio Lessa, Targino Ribeiro e Eustachio Cavalheiro, sendo os ultimas directores Antonio Fernandes dos Santos, José Bento de Freitas Miranda e Targino Ribeiro.

COMP. DE SEGUROS PERSEVERANÇA – era outra instituição local creada em 1871 que teve approvação pelo Decreto n. 4829 de 23 de Novembro, tendo por fim fazer operações de seguros contra os riscos maritimos, fluviaes, de predios; mercadorias, incendios, accidentes corporaes, inundações.

Começou a pagar seus dividendos em 1873, sendo director José Domingos Tinoco e caixa Anastacio Leão da Costa, tendo operado até 1900.

COMP. SEGUROS «UNIÃO FLUMINENSE» – Foi fundada a 28 de Janeiro de 1913 e installada a 25 de Maio do mesmo anno; por Vicente Gonçalves Dias, Feliciano Vieira Dimas dos Santos, Ruthenos Riscado e outros.

BANCO MERCANTIL DE CAMPOS – é a mais jovem das instituições bancarias de Campos, forrnada por uma sociedade cooperativa de responsabilidade limitada. Começou a funccionar na rua 13 de Maio com a actividade de Arnaldo Castro. No momento funcciona na rua Barão de Cotegipe n.º 10 (altos) e tem por directores os conspicuos cidadãos Dr. José de Castro Pache Faria, Luciano de Oliveira e Ruthenos Vianna Riscado.

O CARNAVAL CAMPISTA

Guilherme Ribeiro o saudoso carnavalesco que muito acatado era pela gente folgazã de Rio e Campos, disse com feliz precisão que – «Campos é a segunda cidade carnavalesca do Brasil.

A não ser o carnaval carioca, (referimos unicamente ao explendor dos prestitos), nenhum outro iguala em enthusiasmo e gosto ao carnaval campista. Affirmou isto uma autoridade, como é na materia o «Lord Sogra», o ex-chefe dos «Democraticos», do Rio de Janeiro.

Realmente, desde muitos annos, Campos conta clubs valorosos que primam pelo luxo e arte com que plasmam as idéas nas pomposas allegorias, extasiando o grande publico com as magnificas concepções, – tanto é a conjugação dos esforços dos que sustentam antiquissimas sociedades como a dos «Macarroni» (fundado em 1870), «Indianos Goytacaz» (6 de Agosto de 1896) e «Tenentes de Plutão» (13 de Janeiro de 1884).

Em tempos idos, explendidos carnavaes assistimos, e assim é que bem nos lembramos do «Club Neptuno», cujos carros sempre nos apresentavam as cousas da mythologia creada pelos gregos em relação á marinha, – eram soberbas estructuras prenhes de fulguencias. Outros clubs têm existido e desaparecido no decorrer dos tempos, – os «Democraticos» em 1882 e 1883 os «Caboclos Negros», o «Club da Concha» do Raul Cardoso, os «Aventureiros» e os «Voluntarios».

Todavia, os baluartes ahi estão ainda a medirem forças na lucta das allegorias, do fausto, do espirito e da elegancia.

Do «C1ub Macarroni» lembramo-nos do heroico Constantino Sampaio, do calvo Vieira Bellido, do João Corrêa, do Joaquim Silva Vianna uma phalange denodada e dura de se torcer, mas que passou já á nova geração a custodia das perigrinas tradições da «Terrina», onde ainda se condimentam com pericia a gostosa «macarronada» de cada carnaval.

Do phantastico «Club Tenentes Plutão», ao jogarmos a memoria para o coxin das reminiscencias de 1885, empolgam-nas as figuras do Sylvestre Guimarães e mais o Antunes da «Princeza», o Arthur Rockert, o Lavra, Castro Bombocado» e o enthusiasta Maximiano Duarte, assim uma rapaziada caxeiral que hoje são velhos commerciantes, uns, foliões em disponibilidade outros, sem me esquecer do fleugmatico João França do cartorio, sempre affeitos áquellas phantasmagorias do vexillo rubro-negro de um Inferno deste mundo... bem differente daquelle citado pelas Escripturas Sagradas.

Do «Club Indiano Goytacaz», ha factos, ha lances, ha episodios fortes, que jamais esmaescem, muito menos morrem, pela liga indextructivel que houve entre a caboclada campista nas renhidas liças do Carnaval antigo com os embates terriveis daquelles audazes mulatos da «taba» em prol das libertação dos escravos.

Ao ouvir-se a tuba do «boré» daquelles destemerosos Goytacazes, vêm logo a mente dos contemporaneos os Mânes da Liberdade, as figuras inapagaveis dos invictos «caciques» Carlos de Lacerda, Julio Armond, Adolpho Porto, e até agora o indefectivel Manoel Pereira, pois que o mais modesto dos clubs campistas, sempre que apresenta magnetiza o animo patriotico do povo deste rincão rico de bairrismo e tradição, porque as suas idéas sempre nos falam da selva Brasileira, do animo Goytacaz.

Já agora, o carnaval do Centenario para acentuar bem a fertilidade imaginativa e o gosto desta gente que é animada de uma alegria propria da raça latina e que do em vez dos excessos e crimes dos bacchanaes, se entrega de corpo e alma ás liças de um prélio todo arte, todo luxo, todo galhardia.

Feitas estas disgressões acerca da festa mais popular que precede á epoca da penitencia dos chistãos, examinemos os clubs antigos e os contemporaneos da cidade.

CLUBS ANTIGOS – Foi em 1857 que começaram os campistas a fazer prestitos carnavalescos, a pé, a cavallo ou em carrinhos. A primeira associação carnavalesca que houve aqui chamou-se *«Sociedade Congresso Carnavalesco»*, e promovia bailes na séde á rua do Sacramento, e fez prestitos bonitos (para aquella epoca), em 1857 e 1858. Nesse ultimo anno o prestito teve musica, um carro forrado de parras e pannos, á guisa das antiga saturnaes. A comitiva com mascaras, seguia em carrinhos ou a cavallo, levando cada um o seu *bouquet* com que se ia brindando ás damas...

Outra sociedade, que surgiu em 1862, foi o *«Club Zenith Carnavalesco»*, e em 1869 sahiu pela primeira vez a *«Sociedade Incognita X»*, que em 1870 ganhou a palma da victoria sobre suas congeneres. Foi quando se exhibiu pela primeira vez a *«Sociedade Az de Copas»*, club esse que escandalisou a pacata população campista porque os seus socios se apresentaram em publico apenas trajando camisas de mulher.

Outras sociedades carnavalescas foram: *Sociedade Commercial e Artistica*, (1870); *Club Carnavalesco Bamboche»* (1871); *«Club Estréa Campista»* (1872), e o esplendido.

CLUB NEPTUNO – Foi fundado a 18 de Março de 1877, por moços do commercio e foi o c1ub que levantou o carnaval em Campos apresentando *prestito organisado com allegorias*, no anno de 1878. Eram então dirigentes, José Carvalho de Vasconcellos, José Antonio Gonçalves de Araujo, Monel Luiz Pereira Seixas, Monoel Martins de Oliveira Santos, Francisco Joaquim Nogueira, Francisco de Paula Carneiro, João Alvarenga.

Pelo anno de 1884 os activos directores Gustavo Alvarenga, Manoel Joaquim Venancio da Silva, Antonio Portilio de Freitas, Salvador José de Faria e Manoel Mac Tavisch adquiriram o predio nº. 14 da rua Direita e terreno ao lado da Travessa S. Salvador, e até em 1886 apresentou os mais dispendiosos prestitos, desorganisando-se em 1887.

CLUB MACARRONI – Dos clubs contemporaneos é o mais antigo, fundado no anno de 1870. Dizia a gente antiga que o seu nome derivou de uma critica que fizera á então numerosa colonia italiana da

cidade, pois o bloco carnavalesco ficou então chrismado popularmente por – *macarroni*. Apresentou seus prestitos em 1871, e seguintes, sendo que no anno de 1875 se exhibiu pela primeira vez com carros puxados a bois. Desde então sempre tomava a frente nas pugnas de Momo.

Os dedicados elementos do club, nos tempos idos, foram: Luiz Vieira Falcão, Constantino Sampaio, Adelino Larangeira, João Ribeiro Pimentel, Eleuterio da Silva Lima, Julio Siqueira, Manoel «Sussuarana», Felippe Pimentel, João Cruz, Antonio Vieira Bellido, Victorino Cunha, José Maria Romero.

Fortes columnas do legendario club têem sido Antonio Eugenio Fristsch, João Lacourt da Cruz, João Gomes de Lima, Domingos da Motta Faria, Orencio Tinoco.

CLUB INDIANO GOYTACAZ, – foi fundado em 1876. Sua propaganda abolicionista começou em 1881 fazendo criticas do commercio de escravos. Decididos, adeptos foram Jeronymo Pinto da Costa, Eduardo José Teixeira, Manoel Antonio Aderne, Waldemar Rockert, Amaro Bastos Renner, Domingos Braga, Laurentino Ignacio da Silva, Arthur Napoleão Barreto Siqueira, Alfredo Alves Meira.

Os fundadores do club foram: Antonio José de Mello, Adolpho Pereira Porto, Antonio de Mattos Sobrinho, Annanias Peixoto Salgado, Albino Alves Perestrello, Amaro Bastos Renner, Alexandre Mercier, Bernardo Caetano de Souza Motta, Benedicto Muniz Sayão, Benedicto Lisbôa, Manoel Antonio Pinto, Gabriel Ramos, João Bento Alves, Manoel Joaquim de Souza, João Ferreira de Souza, Manoel Pereira da Rocha, José de Mattos Sobrinho, Domingos Braga, Francisco de Paula Guimarães, Manoel Corrêa da Silva, Luiz Militão de Aquino.

– Em 1877 foi fundado a 22 de Abril o *«Club Conspiradores Progressistas»*, que existiu até 1879, com elementos magnificos, como Dr. Lourenço Maria de Almeida Campista, Antonio de Araujo Lapa, João Valentin de Figueiró Filho, Christiano Justo Antonio, Thomé da Costa Guimarães, José Emilio Drumond Esmeraldo. A séde era na rua do Sacramento, junto ao sobrado do Dr. Barbosa, onde havia bailes mensaes. – No mesmo tempo existiu na rua Barão do Amazonas nº 210 *«Club Zuavos Campistas»*.

No anno de 1884 foi que se realizou o maior Carnaval aqui. Sahiram alem dos *Clubs* Indiano, Macarroni, Plutão, Neptuno, tambem os *«Indio Negro», «Cacêtes e Caras-Duras», «Tenentes do Diabo» e «Progressista»,*

Em 1883 foi instalado o *«Club Diabolico Carnavalhesco,»* em 14 de Março, no predio nº 18 da rua da Constituição. Eram seus promotores: Joaquim Cavalcanti de Ouron, Carlos José Rocker, Benedicto Indio da Costa, João Francisco Corrêa, Eduardo Athayde, Emiliano Faria. Durou pouco tempo.

CLUB TENENTES DE PLUTÃO, – foi inaugurado em 13 de Janeiro de 1884 e muito concorreu para esta necessaria e antiga emulação que dá aos carnavaes muito brilhantismo. Teve denodados proselytos, como: José Lapa, Antonio Manoel Antunes, Izidoro Lapa Manoel Franco, Eloy Passos, Luiz Thomé Peixoto, José Pereira da Motta. Em 21 de Fevereiro de 1887 houve um conflicto entre PIutões e Macarroni, que ficou memoravel e designado com o nome de – *«noite das garrafadas»*. Era a segunda feira do Carnaval e como andava accesa a rivalidade dos dois clubs, os Macarroni fizeram uma passeiata contendo urna critica de enterro do club adversario, indo até a porta da séde dos Plutões, na rua do Sacramento, nº 10 (sobrado que fazia esquadria com a rua do Mafra), sendo o prestito macarronico recebido á garrafas que eram atiradas do alto da séde plutonica. Houve tiros, panico, correrias, seis pessôas feridas, tentativa de incendio no barracão dos plutões, uma batalha cruel bem differente das batalhas carnavalescas dagora em que Macarroni e Plutões combatem no campo da graça, da satyra fina, do gosto apurado.

– Outro caso havido com os Plutões e que teve muita repercussão em Fevereiro de 1891 foi o da critica do *«São Jacob»*. O facto deu-se por ter o delegado Affonso Osorio prohibido a sahida de um carro em que havia uma figura designada S. Jacob, allusão ao Governador Portella, a quem a politica dera tal appellido. O club deixou de sahir, e expôz o carro ao publico, no barracão.

Os primeiros directores do Club, foram: Oscar de Carvalho, Manoel Franco, Arthur Rockert, Joaquim José da Silva Vianna, Ernesto Salermo, Isidoro Lapa, João Barreto.

Os Plutões contam com enthusiastas como José Vizella, Bartholomeu Lyzandro, Gonçalo de Vasconcellos, Dr. Plinio Machado.

* *
*

O Carnaval campista de outr'ora não tem semelhança, afora os prestitos dos clubs, com os carnavaes hodiernos. Não se vê mais o entrudo, com seus *«limões de cheiro»*, seringas e bisnagas, pois os ultimos annuncios do Vieira Bellido acerca da venda de cêra e fôrmas para os taes «limões», foi publicado em 1892... Não quer isto dizer que desapparecessem desde logo os limões e bisnagas. Só em 1896, com a entrada em Campos dos *«confettis»* e serpentinas, introduzidos pelo Arthur Rockert, foi que o entrudo agonisou e morreu.

O SPORT EM CAMPOS

HYPPISMO	*– 1873*
ATHLECTISMO	*– 1886*
NATAÇÃO	*– 1881*
REGATAS	*– 1881*
CYCLISMO	*– 1889*
PEBOLISMO	*– 1912*

Não ha um só ramo do sport que não tenha tido apaixonados em Campos. O que primeiro foi exercitado entre nós foi o hyppismo, contando muitos adeptos. Em 1873 Francisco Octavio Pereira Bastos convocou uma reunião em 19 de Janeiro, para a fundação de um club de corridas de cavallos, sendo em Julho formada a directoria seguinte: – Presidente, Francisco O. Pereira Bastos; vice, Dr. Manoel Rodrigues Peixoto; secretarios, Joaquim Gomes Barroso e José Pinto Cambucá; thesoureiro, Dr. João José Pereira Bastos Filho; fiscaes, Barão de Pirapetinga, Dr. Julio de Miranda e Silva e Dr. Gregorio Pereira de Miranda Pinto. Assim instituiu-se o primeiro

JOCKEY-CLUB, em S. Gonçalo, sendo a *primeira corrida* realizada a 8 de Março de 1874. O primeiro pareo foi batido pelos cavallos «Velocidade» e «Pisa-cravo», vencendo este, que era de propriedade de Balbino da Silva Barreto.

O 2.º prado havido em Campos foi o *«Prado Campista»* inaugurado a 12 de Setembro de 1880, na Lapa, tendo por promotores: Dr. José Seabra, Jacintho Medeiros, José Lopes Rangel, Julião da Silva Pessanha, Dr. Lourenço Baptista, João Wagner dos Santos, Dr. João Ribeiro de Azevedo. O 3.º prado com o nome de «Jockey-Club Campista» foi no

«Becco», esquina da Estradinha do Capão, em 1884.

O 4.º prado foi o *«Hyppodromo Campista»*, em 1890, directores: Dr. Lourenço Baptista, Carlos Grevy, Dr. Jeronymo Motta, Antonio Augusto Lopes da Costa, Dr. Alvaro de Lacerda, Francisco José de Mattos Pimenta, Thomaz de Sá Freire, Manoel L. Almirante Porto. Com igual nome foi creado em Cruz das Almas outro prado, em Dezembro de 1896, dirigido por João Gregorio.

Em 1890 inaugurou-se o *«Derby-Club»*, organizado por João Alvarenga, Arthur Rockert, Raul Paula Remijio de Bellido.

Em 1894 foi inaugurado outro *«Hyppodromo Campista»* e em 13 de Dezembro de 1896 foi construido o *«Jockey Club Campista»*, no Queimado. Foi a mais bem construida pista da cidade. O ultimo club hyppico que existiu aqui foi o prado da «Fazendinha», em 1928.

REGATAS. – A primeira prova de remo que se procedeu em Campos foi em 1881, Esta noticia fará extranhar a muita gente, sobretudo a esta mocidade que agora se entrega a tão salutar sport, filiada que está aos actuaes clubs de regatas.

Pois affirmamos que a primeira regata havida em nossa terra foi a 2 de Outubro de 1881. A próva foi feita na Ilha das Pombas, com uma baleeira e 3 escaleres, e por ser um espactaculo então inedicto affluiu muita gente áquella ilha. Houve tambem corridas a pé de dois indios, jogos de malha á ingleza e... briga de gallos. O vapor «Muriahé» conduziu muitas pessôas, bem como a banda «Phil'Euterpe».

Era o prenuncio destes grandes prélios que viriam a se realizar no nosso magestoso Parahyba vinte e poucos annos mais tarde.

«CLUB NATAÇÃO E REGATAS CAMPISTA». – É o veterano dos clubs do remo, fundado a 10 de Junho de 1905.

A *primeira regata* teve logar a 14 de Outubro de 1906, com a presença do Prefeito. Correram as baleeiras «Amelia», «Benta Pereira» guarnecidas por Antonio Martins, Antonio Bastos, Fidelis Nascimento, Octacilio Monteiro, Alvaro Rinaldi; Anthenor de Assis, Luiz Alves Pires, Epiphanio de Souza, José Alves Pires João Valiengo e Francisco Marques, sendo o pareo dedicado á Associação Commercial.

Actualmente este club tem muitos associados, e a directoria tem sido muito esforçada na promoção do progresso do apreciado club.

«SPORT CLUB SALDANHA DA GAMA». – Foi a segunda sociedade do remo a ser creada em Campos, uma semana após a estréa do club «Campista», aos 21 de Outubro de 1906, tornando-se logo um forte competidor nas pugnas do remo. Elementos de destaque, no seu inicio, foram Flavio Medina, Henrique Poley, Antonio Valiengo, Antonio Cardoso Moreira.

Actualmente possue uma séde palaceana na Avenida 15, onde outr'ora funccionou o Club dos Politicos.

«CLUB DE REGATAS RIO BRANCO». – Foi fundado a 24 de Janeiro de 1919, tendo por organizadores Oriani Maciel, Dr. Edgard Pinheiro Dias, Adhemar Larangeira, Francisco Lima Araujo, Themistocles Silva, Serapião Caldas, Abelardo Caldas.

Foi o vencedor do campeonato 1930-1934. A actual directoria consta do capitão Domingos Silva, Clodoaldo Peixoto, Praxedes Barroso, Julio Cunha Wagner, Pedro Alves Mello, José Alves de Azevedo, Feliciano Lopes e Mario Souza.

NATAÇÃO. – O inicio do magnifico sport da natação teve logar em 1881. No dia 1.º de Abril o inglez Alton Baker e o portuguez João Maria se entregaram a uma próva lançando-se ao Parahyba em frente á egreja da Lapa e subiram o rio até em frente á chacara de José Joaquim de Souza Motta (Guarulhos).

Vinte e quatro annos depois foi que a natação se encrementou e se regularizou, com serem instituidos os clubs «Campistas», «Saldanha da Gama» e «Rio Branco».

Em 1928 foi organizado o «Balneario da Baroneza», tambem conhecido por «Balneario da Corôa», por estar situado no popularissimo bairro da Corôa, fronteiro á rua da Baroneza. Foi inaugurado a 12 de Outubro.

As fundadoras do «Balneario», – tendo á frente o consagrado athleta Antonio Pereira Amares, – foram as graciosas nayades senhoritas: Aspasia Amares, Lili Nascife, Lêda Amares, Natalina Muniz, Lucia Amares,

lrene Muniz, Adelia Amares, Belita Moreira, Diadema Carvalho, Jurema Ferreira, Nicéa Ferreira e Catharina Bigler. Prestou muito bom concurso ao Balneario, que actualmente é o *Posto N.º 1*, o valente nadador Gil Muniz.

ATHLETISMO. – Em 1886 organizou-se na rua do Gaz, terreno de José Ribeiro das Chagas, onde é a praça de sport do «Goytacaz F. C.», o *«Club Athletico de Campos»*, destinado ás corridas a pé. Inaugurou-se a 27 de Junho, sendo fundadores: João Francisco Ribeiro, Adão Alves da Costa Guimarães, Manoel Luiz Pereira Seixas, Antonio Baptista Simões, Antonio Luiz de Barros, Francisco Antonio Alves.

No 1.º pareo correram: Lucio Pessanha, Francisco Vaz de Souza Junior, Antonio de Faria Lobo e Antonio Alves Dias Pessanha, vencendo o primeiro.

Outros athletas foram: Francisco Xavier Pinheiro, Eugenio Alves da Costa Guimarães, Mathias Moraes Costa, Urcelino de Souza Gomes, Manoel José de Araujo Silva Junior, Guilherme Findlay, Luiz Hablier, Diogo Handerson, as meninas: dd. Olympia Guimarães, Esther de Mattos Lima, Conceição Bessa, Marcionilla Bessa; os meninos: Armelindo Moura, Francisco Tojeiro, Alvaro Duarte dos Santos, Raphael Pimentel, Agenor Pimentel, Orville de Moraes Moura, Adelino Ferreira de Souza, Juventino Duarte dos Santos.

Havia corridas em saccos, com saltos mortaes, com obstaculos. O club funccionou até 1889.

CYCLISMO. – Em 1889 teve inicio em Campos as corridas de bicycletas, sendo construida uma importante pista na rua do Sacramento, com o titulo *«Velodronio Campista»* tendo por principal director o afamado cyclista Francisco Cunha.

Em 13 de Maio de 1900 realisou-se a primeira *surroute*, que alcançou grande animação. Os sportmans partiram da rua 13 de Maio, (largo da relojoaria Renne) subindo aquella rua até a 15 de Novembro, fazendo o percurso pelas ruas Ouvidor, 13 de Maio, Conselheiro Octaviano, Avenida Pelinca, S. Bento, Constituição, Praça S. Salvador, Sacramento, Conselheiro Octaviano, 13 de Maio, 15 de Novembro, Ouvidor e 13 de Maio até ao ponto da partida, em 22 minutos. Em 1.º logar chegaram

«Jenny» (Francisco Cunha) e «Pery» (Germano Peixoto), empatando, sendo os demaes corredores: «Campos,» «Cambucy,» «Apollo,» «Persy,» «Veneza,» «Jupiter» «Systs» e «Amazonas.»

Em 1893 inaugurou-se na rua Formosa (chacara de D. Anna Pimenta) o *«Bellodronio-Recreio,»* em 1.º de Outubro, havendo corridas de bicycletas e a pé.

GYMNASTICA E ESGRIMA. – Em 1881 foi creado por Domingos da Costa Guimarães, o *«Club de Gymnastica Luso Brasileiro*, em Agosto, na rua do Ouvidor, onde se praticava gymnastica nos domingos e dias santificados, e em 27 de Agosto de 1890 foi creado o *«Club de Esgrima e Gymnastica,»* na séde do Club Tenentes de Plutão, para desenvolvimento dos musculos e rubustez do corpo. Os directores eram: Miguel Ribeiro da Motta Junior, Dr. Homero Moretzshou, Fidelis Barcellos, Aristides Bastos, Antonio Alberto da Silva Ultra, Henrique Cardoni.

PEBOLISMO

O violento jogo da pelota começou a ser praticado em Campos em 1911, surgindo as primeiras aggremiações em 1912, como sejam: os clubs *Goytacaz, Campos, Internacional, 15 de Novembro, Rio Branco, Lacerda Sobrinho, Luzo Brasileiro*, mais tarde o *Americano*, por fim muitos outros. Observando a ordem da antiguidade, comecemos a descrever o decano dos clubs de foot-ball.

«GOYTACAZ F.C.» foi fundado a 20 de Agosto de 1912, tendo seu primeiro «campo» no Becco (Turf-Club). Seu 1.º jogo official foi com o «Internacional F. C.» (agora inexistente), sendo seus primeiros jogadores: Caramurú Doge, Estevam, Jorge, José, Alvaro, Heitor, João, Didú, Dito e Rudá. Possuiu em seu quadro o famoso zagueiro David.

Os fundadores foram: Antonio Caramurú, Alvaro Nogueira, Deodoro Camargo, Estevam Almeida, Heitor Caramurú, João Cunha, Jayme Silva Rego, Manoel Patrão, Otto Nogueira, Roberto Mello, Rudá Martins, Walfrido Freitas.

O *Goytacaz* venceu os seguintes campeonatos: (1.º team) 1914, 1920, 1926, 1932 e 1933. (2.º tem) 1914 1919 1920, 1923, 1925, 1929, 1630, 1932 e 1933. Actualmente o 1.º team está assim constituido: Tanomoyo, Chiquito, Capêta, Violeta Antonino Calombinho, Gentil, Titio, Manoel, Amaro e Chiquinho.

São actuaes dirigentes: Domingos Guimarães, (presidente); Diomedes Basilio, (vice); Orestes Moreira da Costa Renato Samphim Cardoso e Octavio Homeriano dos Santos (secretarios); Antonio de Souza Carvalhal e Jorge Gabriel, (thesoureiros). Conselho de julgamenntos: Orcine Gomes de Moraes, Edmundo A. da Silva Tavares, Arnaldo Nunes de Mattos, Ary Oliveira e Souza e Manoel Rabello.

A magnifica praça dos jogos na rua dos Goytacaz tem feérica illuminação para as pelejas nocturnas, bem como campo de Basket-ball. Foi o primeiro club que attrahio a Campos os conjuntos do Rio, Friburgo, Petropolis, Victoria, e Itapemerim, e de parceria com o Americano F. C. o forte seleccionado Uruguayo, empatou com o forte seleccionado campista. O *Goytacaz* é respeitado como forte conjuncto sportivo, porisso muito apreciado e applaudido pelo publico.

«CAMPOS ATHLETICO ASSOCIAÇÃO», – Foi o segundo club pebolistico creado em Campos, a 26 de Outubro de 1912, por Wanderley Barreto, Jorge Muniz Filho, Anizio Silva, Angelo Carvalho, Carivaldino Carvalho, Francisco Antonio e Hernandes Carvalho, Alvino Silva e outros.

Essa sympathica aggremiação é uma das antigas e das mais pujantes. No presente são valiosos elementos para o consecutivo exito do gremio dos «roxinhos» os conceituados adeptos: Alvino Silva, Wanderley Barreto, Anizio Silva, Leopoldino Amorim, Jorge de Souza Muniz, Edmundo Chagas, Acyr Teixeira, Antonio Leandro Diniz, e Luiz de Oliveira. Actualmente tem magnifica praça de sport na Rua Rocha Leão.

«ALLIANÇA F. C.» – Uma das mais novas porem das mais fortes associação do jogo da pelota, possuindo a mais ampla praça de jogos entre as Avenida Vicente Nogueira e Passeio Municipal. É formada pelos empregados da grande Usina do Queimado, tendo um optimo patrono que é o conceituado usineiro Julião Nogueira.

ASSOCIAÇÃO SPORTIVA – Com a fundação de varios clubs de foot-ball tornou-se imprescindivel a creação de uma entidade que norteasse os sportes terrestres em nossa Campos. Assim em 1912 foi fundada a *Liga Campista de Foot-ball* que teve vida longa, não obstante algumas scisões, só desapparecendo em 1925, quando foi organisada a *«Associação Campista de Sports Athleticos,»* a qual viveu ate 1933. Reappareceu nesse mesmo anno a «Liga Campista» que viveu mais um anno, o que determinou a fundação da *«Associação Campista de Sports Terrestres»,* ora em pleno funccionamento.

Foram directores da «Liga», Prof. Mucio da Paixão, João Muylaert, Antonio Pereira Amares e por ultimo José Alves Dias.

A Associação de Sports Athleticos teve por directores Reginaldo Duncan, Antonio M. Faria, Domingos Guimarães, Constantino Escocard e Edmundo Chagas.

A actual entidade campista de Sports Terrestres dirige os prélios que são feridos pelos seus clubs fíliados: «Goytacaz», «Campos», «Americano», «Alliança», «Rio Branco», «ltatyaia» e Athletico F. C.», sendo este o ultimo da 2.ª divisão.

«CLUB SPORTIVO RIO BRANCO», – É bem interessante o historico dessa aggremiação. Foi fundado com o nome de Rio Branco F. C. em 5 de Novembro de 1912, ás 11 hs. da manhã por um grupo de meninos moradores nas imediações da Praça da Republica. O primeiro jogo foi travado a 24 de Novembro com o «Democrata F. C» sendo este derrotado pelo score 2x0, com o seguinte *team:* Firmino Barreíras, Adherbal Miranda, Walter Grain, Carolino Santos, Octavio Silva, João Baptista Cruz Saldanha, *Brasil Castilho Azevedo, Manoel Landin, Fausto Apody Cruz Saldanha, Custodio Barroso dos Santos e Celso Cardoso Linhares,* sendo os fundadores os cinco ultimos e mais José Landim.

O primeiro campo foi na chacara do Dr. Siqueira, e a sua séde na rua do Sacramento n.º 91. A primeira bola adquirida foi por meio de um rateio entre a criançada, e o primeiro uniforme em tricot branco foi doado pelo saudoso advogado Dr. Pedro Landim. Á vista dos progressos da petizada na arte do pé da bola fazendo jogos bons, os paes, irmãos e

amigos dos componentes do *team*, enthusiasmados, tomaram a direcção e organizaram a primeira reunião na residencia do jornalista Cruz Saldanha, sendo proclamado junto a uma das palmeiras da Praça da Republica o nome do grande Brasileiro que deu seu nome ao club.

Em 1914 houve no seio do club uma scisão, da qual nasceu o «Americano F. C.», e em 1929 outra scisão que fez surgir o «ltatyaia A. C».

O *«Rio Branco»* conquistou os campeonatos de 1917, 1928, 1929 e 1931. Actualmente possue uma vasta praça na Rua 7 de Setembro nº 166 e campo para basket-ball. Sua directoria neste anno centenario é a seguinte: – Carino de Barros Quitete, presidente; Alberto Tavares, vice-presidente; Antonio Calomeni Filho e ldivaldi Riscado, secretarios; Vicente Lima Netto e Amaro Ribeiro Leite, thesoureiros; Amaro Ribeiro Leite, Abelardo Rodrigues e Abdala Skof, fiscaes; Polybio Bulhões, director social

ITATYAIA A. C. – Fundado a 29 de Janeiro 1931.

Tem por valorosos elementos Helvio Barcellar, Waldyr Pereira da Motta, Alvaro Reis (o Loquinha), Falieres, Saturnino Monteiro, Tufy Farah, Angelo Queiroz, Adyr, Feliciano, e tantos outros.

É um club que pratica o atletismo com muita correção. Tem sua praça na rua dos Goytacazes.

«AMERICANO F. C.» – É outro conjuncto de athletas fortes e sempre bem treinados. Teve seu inicio a 23 de Abril de 1914 com a seguinte directoria: – Presidente, Carlos Barroso; vice, Nathaniel Galvão; secretarios Jayme Vieira e Heitor Silva; thesoureiros, João Henrique e Arthur Pinheiro; directores-sportivos, Alfredo Rosa e Fernando Cretella. Organisou a sua primeira praça na Corôa, em frente da rua Rocha Leão (hoje Estação Metereologica) sendo inaugurada a 19 de Julho, jogando com o *«America F. C.»* do Rio de Janeiro e sendo honrosamente vencido por 5 x 1, *score* que denunciara logo o que viria a ser aquelle club, então recentemente creado.

Do seu quadro tem havido jogadores internacionaes como «Sóda» (o saudoso Creobulo Faria) e Mario Seixas, que se fizeram assombrosos, assim tambem Cleeveland Cardoso.

Luiz Cavalcanti e Aristides Figueiredo são nomes benemeritos nesse club.

O «Americano F. C.» tem sido campeão dos prélios ge 1915, 1919, 1921, 1922, 1923, 1925, 1930 e do anno passado. O numero desses campeonatos que elle tem conseguido, bem como os trophéos arrebatados: 55 taças, 12 bronzes, 3 medalhas e 1 estatuetas (gesso), indicam bem o valor desse gremio da rua de S. Bento, onde está a sua boa praça de sportes.

A actual Directoria está assim constituida: Tarcilio Augusto Monteiro, presidente; Jorge Pereira Pinto, vice-presidente; João Benevento e Arnaldo Marques Nogueira, secretarios; Celso Antunes Moreira e Carlos Augusto Monteiro, thesoureiros; conselho deliberativo: Alvaro Barcellos Coutinho, Dr. Arthur Lontra Costa, Godofredo Cruz, Dr. Oswaldo de Menezes Póvoa, Polycarpo Ribeiro, Dr. Boabdyl Grevy Bastos, Adahil Bastos Tavares, Alcine M. Machado e Fabio Barros. Director de athletismo José da Silva Guimarães, e director de foot-ball, Cleeveland Cardoso.

POETAS E LITTERATOS DE CAMPOS

Si Campos é a capital financeira do Estado do Rio de Janeiro, podemos affirmar tambem que *é a capital do intellectualismo fluminense*. Contamos um numero de poetas, prosadores, jornalistas, historiadores que elevam bem alto a cultura de nossa gente. Basta que apontemos para aquella estrela de 1ª grandesa que foi JOSÉ DO PATROCINIO.

A IMPRENSA

CAMPOS foi a 1.ª villa ou povoação provincial que possuiu a imprensa

Evaristo Ferreira da Veiga em 1831 escreveu no «Diario Mercantil» edicção de 11 de Janeiro: «As luzes se vão propagando rapidamente por todo Brasil, graças ao benefico influxo de uma Constiuição liberal! *A villa de Campos possue hoje um periodico*, *O CORREIO CAMPISTA*, escripto no sentido nacional, e que apparecerá duas vezes por semana. Vimos o primeiro desta folha, que contem alguns artigos mui bem escriptos».

E o Dr. Teixeira de Mello accrescentou, já em 1877; – «De então até hoje quantos jornaes não tem tido em Campos! Actualmente (1877) se publicam não menos de 4, a saber: o *Monitor Campista*; decano delles e o 4º em antiguidade dos que existem no Brasil, o *Diario de Campos,*

a Gazeta de Campos, o *Correio de Campos*, que substituiu desde 21 de Setembro de 1877 *O Independente, e o Commercio de Campos.»*

Quando nos veio a cidadania em 1835, havia em Campos o jornal bi-semanal *«O Recopilador Campista»* que tinha surgido a 1º de Janeiro daquelle anno, em substituição a *«O Campista»*, publicado na typographia de Parahyba & C. sendo estipuladas as assignaturas em 1$920 trimensaes; redactor, Evaristo J. Pereira de Abreu.

De 1835 a 1885, (meio seculo,) foram publicados em Campos 110 jornaes. Dispensamo-nos de enumeral-os, porque Theophilo Guimarães, melhor que ninguem, já os catalogou com minucias no seu livro «Subsidios para a historia do jornalismo em Campos,» portanto, não devemos aqui praticar uma redundancia. Entretanto não podemos nos furtar ao destaque dos principaes daquelles jornaes e jornalistas.

«O Monitor» fundado por Bernardino José Maciel appareceu em 4 de Julho de 1838 tendo a geril-o e norteal-o, em 1840 o bom suisso Eugéne Bricolens e o optimo campista Thomé José Ferreira Tinoco; já fallamos do «Recopilador Campista» que se metamorphoseara do «O Campista.» Pois da phyltragem dessas primeiras flôres do jornalismo goytacaz obteve-se a 31 de Marco de 1840 a magnifica essencia jornalistica que ainda hoje se denomina – *«Monitor Campista»*.

Em 1875, já então sob a direcção e propriedade do Dr. Domingos de Miranda Pinto, passou a ser – diario – tendo em 1879 o velho Miranda Pinto confiado ao zelo dos seus filhos João e Attila Alvarenga a guarda daquelle relicario que começou a ser burilado tambem pelo D. Francisco Portella.

Nas paginas do Monitor scintillaram as pennas do Dr. Antunes Guimarães, Dr. Hemeterio Martins, Dr. Abelardo de Mello, Dr. Ramiro Braga, Dr. Luiz Antonino Neves, (polemista catholico), Theophilo Guimarães, Lyndolpho de Assis (exegeta catholico), e João Barreto. Hoje o «Monitor Campista» scintilla pelo acrysolamento do Dr. Antonio Joaquim de Mello, Dr. Americo Vianna, José Vianna de Castro e Prisco de Almeida.

«Alvorada Campista», foi um brilhante periodico surgido em 2 de Abril de 1859, redactoriado pelo Dr. Miguel Heredia de Sá, que publicou tambem a «Gazeta de Campos,» em Janeiro de 1862. Heredia ainda redactoriou *«A*

Republica» primeiro jornal que pregou a democracia em Campos apparecido em 24 de Julho de 1876, treze anos antes da proclamação de Deodoro.

José Joaquim de Castro Bessa foi um denodado jornalista, publicando o *«Correio de Campos»,* em 21 de Setembro de 1877, *«O Regenerador»,* em 1879; *«Diario de Noticias* em Setembro de 1880; *«O Imparcial»* em Novembro de 1885.

João Barreto, vigoroso e correcto polemista publicou varios jornaes: *«Gazeta da Noite»* (1879) *«Gazeta da Tarde»* e *«Gazeta da Manha»* (1880) *«Sexto Districto»* (1883) *«Gazeta do Districto»* (1884).

A *«Gazeta do Povo»* teve duas phases, a primeira começou em 12 de Maio de 1881 dirigida por Carlos de Lacerda e Francisco Luiz Minucci e a segunda em Julho de 1886 sob a direcção de Thomaz de Sá Freire.

«Vinte e Cinco de Março» foi o valente paladino da Abolição, surgido em 1.º de Maio de 1884, dirigido por Luiz Carlos de Lacerda.

De 1885 a 1935, publicaram-se mais 172 jornaes prefazendo o total de 282 jornaes durante este Centenario. Desses 172 são dignos de nota;

A Aurora, a explendida revista de Theophilo Guimarães, e foi a arca das joias litterarias da mocidade lyceista de 1885, entre a qual esteve José Moll, Azevedo Cruz, Gregorio Ribeiro, Manoel Gomes. *A Aurora* foi uma substituição do órgão estudantino «A Infancia», e appareceu a 14 de Fevereiro de 1886. Tancredo Lobo, Norbertino Guimarães, Egydio Martins, Carlos Mendes, Benedicto Barroso, Manoel Lavra, Thomé Guimarães, Silvestre Santos, Ataliba Bastista, Viveiros de Vasconcellos, Tancredo de Mello, Alcebiades Furtado, Sylvio Fontoura, Amphiloquio de Lima, Mario Fontoura, Manoel Carneiro, (Emmanuel Karnero), Eloy Ornellas, Franklim Almeida, Flaminio Caldas, José Freitas Guimarães Junior, senhorita Gisella Peixoto, Ignacio Moura, José Libutti, Luiz Barbosa de Azeredo, Manoel Moll, Olegario de Alvarenga, Obertal Chaves, Remijio de Bellido Severino Lessa, Thierry de Alvarenga, Tullio Collares Walfredo Martins, são todos prosadores e poetas campistas que deixaram naquella urna os productos de suas previlegiadas intelligencias.

«O Telegrapho», a ultima creação de José Joaquim de Castro Bessa, que, conforme reparou Theophilo Guimarães «foi o homem que mais

jornaes fundou em Campos.» Esse jornal começou a ser publicado em 5 de Outubro de 1886 á tarde, sob a redacção de João Barreto. Foi o primeiro periodico que estabeleceu serviço telegraphico admiravel. Outra circunstancia digna de registro foi a parte activa que *O Telegrapho* tomou na propaganda do Abolicionismo, defendendo-o com ardor.

A *«Cidade de Campos»* surgida em 19 de Março de 1888, teve por fundador a Carlos de Lacerda que, como accentuou bem Theophilo Guimarães, vendo terminada a sua campanha com a victoria de 13 de Maio, e não se conformando com a inactividade oriunda da cessação do seu jornal «Vinte e Cinco de Março», juntara-se a Eleuterio Lima e Manoel Paula para a publicação do novo paladino.

«O Matinada», foi um jornal que fez epoca... sendo fundado e redactoriado pelo espirito atrabiliario do solicitador Gustavo Bessa, em 1889. Gustavo tinha um genio exquisito, incomprehensivel mesmo, e por que assim era, seu jornal tinha os mesmos requisitos do seu genio, espeIhava bem as suas picuinhas, porisso que fazia em suas edições uma *matinada* ... de «damnar» a muita gente...

«A Republica», segundo jornal com este nome, surgiu em 14 de Março de 1890, e foi a atalaia do Dr. Pedro Tavares Junior logo que deixou o cargo de governador do Maranhão e voltou para Campos. Teve a seu lado João Ribeiro de Alvarenga, Jeronymo Motta, Manoel Paula, Hemeterio Martins. Foi o 3.º jornal republicano de combate vigoroso em nossa terra.

«O Bouquet», primeiro jornal illustrado que sahiu em Campos. O seu primeiro numero distribuiu-se a 11 de Julho de 1896, pelo processo polygraphico, e no anno seguinte foi substituido pelo «O Cartomante», com criticas que ainda hoje são commentadas. Mario Fontoura escreveu-nos ha poucos dias, recommendando-nos que neste nosso livro não deixassemos de nos referir áquelle nosso jornalzinho, de que os saudosos Tancredo Lobo (o Lobinho) o Chico Costa, o Almirante Porto, o Dr. Bessa, o Attila, o Marcial tanto se recordavam... e ainda provóca riso ao Mario, ao João França, e tantos outros. Foi o inicio da nossa actividade jornalistica.

Os grandes diarios que existiram nos ultimos 40 annos foram: *"Segundo Districto"* (4 de Julho 1897) redactor-chefe Dr. Alberto Bezamat. Corpo de

redacção: Dr. Abreu Lima, Dr. Homero Moretzshon, Dr. Alberto Lamego, Theophilo Guimarães, Francisco José Pinto, Francisco Luiz Minucci.

"O Tempo", (3 Abril 1907) redactores-chefes Drs. Ignacio de Moura e Obertal Chaves. – Corpo de redacção; Mucio da Paixão, Thomé Guimarães, Olympio Guimarães, Olegario Alvarenga. Foi um dos mais esplendidos diarios que tivemos.

"Folha do Commercio", appareceu a 10 de Julho de 1909, creada pelo espirito fórte de José Bruno de Azevedo. Teve magnificos redactores como Dr. Gastão Graça, Tarquinio Pereira, Theophilo Guimarães, Dr. Abdelkader Magalhães, Adolpho Credilha, Evandro Barroso e outros. Na phase inicial o grande diario teve o concurso intellectual do padre Alberto Lopes de Andrade. Neste momento é orgão official da Prefeitura.

"O Rio de Janeiro", sahiu a 15 de Maio de 1914 fundado pelo Dr. Cesar Tinoco; em 1922 teve a direcção, de Pericles Jorge de Souza, redactoriado por Dalton Guimarães e collaboração de Mucio da Paixão, Gastão Machado – Theophilo Guimarães, Horacio Souza.

"A Noticia", surgiu a 15 de Agosto de 1918, fundada e até hoje redactoriada por Silvio Fontoura, o apreciado escriptor e versejador satyrico, o mais popular dos jornalistas que creou o mais popular dos vespertinos.

A Gazeta", apparecida a 8 de Dezembro de 1921, redactoriada por Julio Nogueira, depois passou á direcção do Dr. Alvaro Neves e gerencia de Carivaldino Pinto Martins, tendo tambem o grande concurso de Ulysses Martins, do Dr. Americo Vianna, e actualmente está redactoriada superiormente pelo Dr. Octacilio Ramalho e Antonio de Alvarenga Filho.

"O Dia" fundado a 16 de Março de 1924 pelos genios combativos dos drs. Cesar e Godofredo Tinoco. No *"O Dia"* têm se visto pennas adextradas como as de Gastão Machado, Dr. Antero Manhães, e prof. Alvaro Barcellos, e é um diario que muitos serviços vem prestando ao publico.

"A Cidade", creação do abalisado jornalista Julio Nogueira e onde se faz apreciavel a penna vibrante do Dr. Alcindor Bessa. É a mais joven das folhas campistas.

"A Defeza", semmanario catholico que substituiu *"A Verdade"* e é redactoriada pelo Padre Antonio Ribeiro do Rosario. É o 4.º Jornal

catholico publicado em Campos. O primeiro foi "O Labaro", (1896-1900) redactariado por Horacio Sousa, e que promoveu um forte combate á maçonaria; o segundo foi *"O Parochial"* que depois tomou o nome de "*Universo"*, (1915); o terceiro foi *"A Verdade"* (1.ª phase) em 1925, ambos tendo áquelle mesmo redactor, e era orgão da Diocese de Campos.

O primeiro jornal *diario* publicado na cidade foi o "Diario Commercial Campista", em 1842, propriedade de B. A, Paraná & C.ª.

Deixamos para remate destas noticias sobre a imprensa campista, referencias ao jornal que levantou a mais forte reacção popular: – *«A Tribuna»*.

Iniciou sua publicação a 4 de Novembro de 1900, como propriedade de Patricio de Menezes, Arnaldo Silva e José Almada. Tomou a chefia da redação o Dr. João Baptista de Lacerda Sobrinho, auxiliado pelo vibrante João Izidro da Silva Vianna. Jornal dedicado á defesa do povo, não tardou que profligasse vigorosamente a politica que preparava o monopolio das carnes verdes. Lacerda e João Vianna não trepidaram em atirar-se a um combate renhido, formidavel, crivado de peripecias, increpando os potentados politicos que anhelavam explorar o povo por meio dos seus «afilhados».

Vencendo dia a dia naquella batalha titanica, acirravam os odios e intrigas dos seus inimigos, tanto que muitas vezes attentaram contra a vida do Dr. Lacerda, cuja luta culminou no celebre dia 15 ce Agosto de 1902, quando policia fazendo cahirem mortos alguns populares, viu-se logo acossada pelo povo, que a obrigou a refugiar-se no seu quartel, emquanto o delegado João Corrêa fugia para não ser lynchado pela populaçào revoltada!...

«A Tribuna» passou a ser diario em 1903 sob a direção de João Barreto, e depois foi ter ás mãos de Lyndolpho de Assis, Adolpho Feydit e Epaminondas Dutra, gerencia do activo cidadão Luiz Muguet. Teve uma terceira phase levantada pelo Dr. Alcindor Bessa, por fim desappareceu, comtudo vive ainda e sempre na memoria dos campistas, visto que este povo não esquece os seus heróes, porisso não se esquece jamaes de Lacerda Sobrinho e das vibratilidades da sua intelligencia nas paginas da *«A Tribuna»*.

HISTORIOGRAPHOS

Os escriptores campistas e não campistas que se têm dedicado á historia da nossa terra foram os seguintes:

Visconde de Araruama, (José Carneiro da Silva), escreveu a «Memoria Topographica e Historica sobre os Campos dos Goytacazes», impressa em 1819 na Imprensa Régia e em 1836 publicou a «Memoria sobre a abertura de um canal entre a Cidade de Campos e Villa de Macahé» (typ. J. Velleneuve).

Fernando José Martins publicou 2 edições da sua «Historia de S. João da Barra e dos Campos dos Goytacazes».

José Bernardino Baptista Pereira de Almeida Sodré, escreveu o "Esboço sobre os obstaculos, que se têm oppostos á prosperidade da Villa de Campos", (existindo um exemplar na Bibliotheca Nacional). Nasceu em 1763 e falleceu a 29 de Janeiro de 1861.

Dr. José Alexandre Tancredo de Mello, publicou em 1889 as "Memorias de Campos". *José Alex. Teixeira de Mello*, escreveu "Campos dos Goytacazes".

João Barreto, publicou em 1920 o "Annuario Campista" com fartos apontamentos acerca de Campos.

Augusto de Carvalho, publicou em 1889 "Os apontamentos para a historia da capitania de S. Thomé (historia de Campos, S. João da Barra, Macahé e S. Fidelis).

Gtts, (Theophilo Guimarães) publicou o livreto "Campos", em Fevereiro de 1897, fazendo uma revista dos costumes e acontecimentos desde 1881, na melhor fórma litteraria.

Julio Feydit, publicou em 1901 o livro "Subsidios para a Historia de Campos", com mais de 400 paginas.

Alberto Lamego, o mais meticuloso dos nossos historiographos, sendo levado pelo seu pendor para as pesquizas historicas, atravessou o Atlantico e se metteu nos archivos de Porto e Lisboa para descobrir documentos importantissimos sobre a nossa terra.

"A Terra Goytacá" é um grande manancial historico da terra campista. Escreveu elle tambem a noticia da fundação da Matriz de S. Salvador.

Joaquim d'Atahyde, deu-nos no anno passado um trabalho acerca da nossa terra e da nossa gente, sob o titulo "Campos dos Goytacazes".

POETAS

Os campistas têm muita propensão para a arte das rimas, e assim sendo, innumeros são os que aqui tangem a harpa sonora de suas sublimes locubrações. Citar todos os nomes, será fastidioso, mas nem porisso deixaremos de assignalar alguns dos antigos e dos modernos, os grandes vates assim os pequenos trovadores:

Francisco José Moreira Ribeirão, escreveu em 1868 poesias e odes nos jornaes de Campos e da Côrte.

O *Dr. José Pinto Ribeiro de Sampaio*, foi poeta que cantou os hymnos guerreiros de 1865. Morreu em 12 de Dezembro de 1877, e já demos, paginas anteriores, suas producções.

Joaquim Ribeiro da Silva Peixoto, soldado e poeta, cuja elégia "Despedida", já reproduzimos tambem anteriormente.

Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, é o querido poeta que muito arrebatou a admiração dos seus conterraneos. "Sombras e Sonhos", "Myosotis", vivem cantados sempre com agrado pelo nosso povo.

José do Patrocinio. Não era sómente o polemista escorreito e impetuoso; não era sómente o romancista delicado e psycologico: – tambem fez versos em 1877, e nem podemos deixar de reproduzil-os aqui:

– Recordação de Campos –

"Eu era bem creança, nessa idade
Em que só temos n'alma *a luz da crença*,
Pobre estrella que em hora de alvorada
Era do céu na vastidão immensa.

Deixei meu lar então; desse momento
Restou-me um quadro ás sombras da orphandade;
– Em baixo – o mar, em cima – o firmamento,
Entre as vagas e os sóes minha saudade.

Recordação de tudo que eu presava
Desde a dormencia do meu patrio rio
Desde o negror do serro descalvado
Até do amor limpido amavio.

Terra do nosso lar, sempre és formosa,
Ou nos seja rosal aberta em flôres;
Ou sejas o logar onde escreveu-se
A pagina maior das nossas dôres.

Foi teu nosso primeiro balbucio
Como a primeira préce a Deus erguida
Filtrava a tua luz pelos olhares
De nossa mãe feliz e eternecida.

A ampulheta do tempo inexoravel
Esgota a pouco e pouco os nossos dias
Estióla-se a crença, affectos novos
Vêm nutrir-nos de novas alegrias.

Terra do nosso lar! só tú não perdes
O teu logar em nosso pensamento!
Sentimos-te na flôr, no céo, nas aves,
No azul das aguas, no rugir do vento.

Eu era bem creança no despedir-me
Dos teus mais vivos, lúcidos encantos,
E não tiveram força de apagal-os
Nem mesmo os rudes vincos dos meus prantos.

Cresci dia por dia nos meus sonhos
Com mais firmeza e ardor sentia amar-te,
E no espaço advogava mais ao astro
Que eu via que devia illuminar-te.

Como out'ora ligou-se a minha infancia
Liguei tambem até a mocidade
Não pela gloria que eu não tive nunca,
Mas pelo coração, pela saudade."

D. Maria José de Andrade, preceptora das mais conceituadas, era tambem, nas horas de lazer, apaixonada cultora do lyrismo, e aqui damos um dos seus trabalhos poeticos, escripto em Janeiro de 1892:

Tristezas

"Sou triste como gemido
Do marinheiro perdido
No seio do vasto mar;
Sou triste qual moribundo
Neste bulicio do mundo,
Quando um suspiro profundo
Seu peito sente exhalar!

Se melancolica a lua,
Serena, palida, e nua
Divaga com lentidão,
Assim minh'alma saudosa
Vagando em senda tortuosa
Só ouve um écho, a chorosa
Que repete: – solidão!

Neste silencio tristonho
Pergunto, como n'um sonho:
Florinha quem te murchou?
Responde: fugiu-te a aragem
Que bafejava a folhagem,
A tua branca miragem
Já tambem se sombreou?

Como passam lentamente
As horas para o descrente
Que na tristeza definha,
Assim é longa a saudade
Quando filha da amizade
Soffremos na realidade
Como hoje soffre, sosinha."

Francisco José Dias Moreira, publicou em 1841 uma grande ode intitulada – "A Nação Brasileira", no dia 7 de Setembro, a qual, por estender-se em 18 sextilhas, limitamo-nos a reproduzir aqui a primeira e a ultima, que são bastante para accentuar o valor intellectual e imaginação do vate conterraneo.

«Quando da Patria o sacro fogo inflamma,
Deve o Vate embocar clarim ousado,
E nelle sublimado
Erguer padrões que perpetue a fama
De Patrio ninho, que virentes louros
Altivo manda aos seculos vindouros.

Que minha tenue Musa inda não póde
Tirar do eximio plectro o som cadente;
Mas ao Dia ridente,
Respeitoso consagro debil Ode;

Possa eu um dia em versos d'alto preço,
Á Patria offerecer, o que ora offereço.»

Dr. Francisco Alipio. (1873) foi outro cultor do verso. Quando foram levados á forca 5 escravos, na praça de S. Benedicto, (ultimas execuções que se fizeram em Campos), Alipio publicou versos quentes, cauterisadores d'aquella barbaridade judiciaria... Lêam os leitores alguns daquelles versos apostrophantes:

«Desgraça! A raça presente
Erguendo o véu do passado
Deixa tambem o seu nome
No cadafalso lavado
Sim! triumpha o despotismo!
Ao povo tremendo abysmo
Cava a lei á luz do dia!
E povo triste, humilhado,
Segue o trilho envergonhado
Que lhe aponta a tyrania!

Fantasma horrivel, medonho
C'os pés plantados no chão,
Ergue-se o negro patibulo
Em vez da Cruz do Perdão
Miseria da nossa raça!
Ostenta-se em plena praça
Essa vergonha que opprime!
Em vez de puros exemplos,
de Escolas, livros e Templos,
Erguem-se os braços do crime!

Oh! filhos desnaturados
Desta patria infortunada

A forca horrenda negreja
Na vossa historia Manchada!...
Um dia um louco sublime
Sonhara partir, (um crime)
Os ferros dos pulsos teus...
Mataste-o!... eterno vexame!
Outro patibulo infame
Vem hoje insultar os céus.

Basta! voltae, inda é tempo,
A face ao verdugo horrendo!
Punir o crime com a morte
É barbarismo tremendo!
Em vossa fronte agitada
Cahiu a gotta sagrada
Do sangue do *Redemptor*,
Symb'lo do santo perdão:
Poupae o sangue de irmão
Poupae á Patria este horror.

Eloy Martins, em 1879 publicou o poemeto "Ignacia", em que apostrophou uma adultera que envenenara seu esposo Quirino, a mando do amante. Foi um crime muito commentado em Abril de 1879. Eloy terminou seus versos com estes látegos:

"E a réproba fugia, temendo que a alvorada
Trouxesse á claridade a sua tez manchada
Na lama, no torpôr."

Dr. José Manoel da Costa Bastos, morreu a 7 de Agosto de 1879 e entre os seus papeis encontrou-se varias poesias inecditas, e dentre ellas, uma que começava por estas notas dolentes:

"Já la vão cinco meses, que prostrado.
Cruel enfermidade me tortura.
Não me queixo, oh! meu Deus! essa amargura
É ingente aos que nascem do peccado!.'

O Dr. Costa Bastos era pae do conhecido professor Cornelio da Costa Bastos, e era um clinico muito estimado e caridoso.

José Bernardino Maciel, publicou seu livro de versos intitulado «Ipoméas» em Dezembro de 1881.

Cecilio Lavra foi auctor dos sonetos «Sempre triste», «As flores», «Sensitiva» (1881-85) e muitos outros.

Vê-se que proliferaram sempre os poetas em Campos; João Barreto, Emiliano Faria, Eleuterio da Silva Lima, – mais tarde Amphiloquio Lima, Silvio Fontoura, Theophilo Guimarães, Obertal Chaves, Isimbardo Peixoto, Flaminio Caldas, Alvaro de Barros, Licineo Machado, Pericles Maciel, Sylvio Tavares.

Azevedo Cruz, da geração nova é o *alter-ego* na poesia camposina. Seu primeiro soneto publicado em 1891 foi «Viagem», em que o então futuro cantor da «AMANTIA VERBA» expoz a subtilesa e fertilidade do seu éstro: reproduzimos aqui aquelle bellissimo ensaio:

Viagem

"Nessa barquinha audaz e temeraria
que a fantazia nómade carrega
pelos mares azues, entregue á varia
sorte, a minh'alma célebre navega.

Melancolica e triste como um pária,
as brancas velas tumidas desprega,
e acalentada pela procellaria
foge a tormenta, inteiramente cega.

Corta do mar a superficie vasta...
O vento agita o seu velume roto
e em convulsões no pêlago se arrasta.

Mas vai por diante a gondula veleira,
e emquanto o teu amor for meu piloto
a melhor vida é a vida aventureira.

Cruz foi o mais bairrista dos nossos poetas, tanto que não se restringiu áquella palavra amorosa que enviou á terra "*feita de luz e madrigáes*", cuja torrente mágica que a cinge. tambem rolava, segundo disse elle, dentro do seu peito. Cruz como bom campista, como PERFEITO CAMPISTA, jamais olvidou a heroina destas plagas esmeraldinas, e então, recita a sua préce civica, o seu psalmo patriotico a BENTA PEREIRA:

"Protectora visão de minha terra
De austero porte e varonil figura!
Alma affeita aos revérberos da guerra
Symbolo audaz de indigena figura!

O teu nome nos pórticos fulgura
Da nossa lenda, nas quebradas erra...
E repetido vae de serra em serra,
Appello de honra á geração futura!

Neste canto de Patria Brazileira
Lançaste o povo, impavida, guerreira,
Contra a iniqua metropole voraz!...

E hoje na alma campista altiva e culta
Cada vez mais teu nome cresce e avulta,
Valorosa mulher, cada vez mais?"

Da gente mais nova, ahi estão Antero Manhães, Claudinier Martins, d. Thercilia Cruz, Cassio Chaves, José Honorio de Almeida, Laerte Chaves, Francisco Pereira Pinto, Antonio Arêas Junior, Belo da Gama Bilot, d. Marinella Peixoto, e muitos outros que não sendo campistas, comtudo amam tanto a nossa terra como se aqui tivessem nascido.

Antonio Rangel de Souza é um dos mais operosos urdidores das rimas. Elle já tem publicado muitos sonetos em seus livros «Crença e Descrença«, (1926), «Desafios», (1930), «Vacillações», (1932), e porque apreciamos a sua actividade litteraria aqui reproduzimos parte de uma das suas buriladas obras:

Amoroso

Não te fujas de mim, anjo orgulhoso,
Que deste módo, sabe; me angustías:
– Não brótam cravos em lajêdas frias,
Mas nasce o cardo em tálo ruvinhoso...
Eu quero luz nas minhas agonias...
Olha bem para mim, anjo maldoso!

Geme a saudade á sombra do cipreste
Se me faltar a luz dos olhos teus...
– Não deixes nunca, meu divino Deus,
Secar-me a fonte desse olhar celeste...
Se me faltar a luz dos olhos teus,
Geme a saudade á sombra do Cipreste!

Passas, altivo, em busca de um Cruzeiro
– Porto em que ancóra a náu do Salvamento –
Emquanto a cruz do meu padecimento
Eu levo, a passo, ao pôsto derradeiro...
E não se importa o meu padecimento:
Passas tranquilo, lépido, fagueiro!

Agora reparemos num cytharista modesto quão ardoroso no seu sentimentalismo; referimo-nos a *João Antunes de Freitas*:

Damas de Caridade

Vejo no quadro incerto desta vida,
Vossos Passos em cada pobre ninho,
Dando conforto e fé na dor sentida,
Ao misero que sofre no caminho

Santo Mistér de. benfazeja lida,
Aos desprezados no viver mesquinho;
E ouço louvores de Alma soccorrida,
No allivio de bondade e de carinho.

Este exemplo de amor, que se revela
Na senda amargurada desta tela,
Representa um dever de humanidade.

Mensageiras do bem, Mostrae ao mundo,
O aureo espelho de vosso ideal fecundo,
Como servas de Deus na caridade:

Para fécho deste capitulo deixamos a noticia muito alviçareira para os Campistas e muito honrosa para os Brasileiros, uma vez que se trata de uma escriptora conterranea, de intelligencia que assombrou até aos intellectuaes parisienses; referimo-nos a

D. AMELIA GOMES DE AZEVEDO. – Escriptora e romancista campista, nome bem pouco conhecido entre nós (porisso mesmo que tratamos aqui da sua repercussão), não obstante ter sido uma assidua e apreciada collaboradora do «Jornal do Commercio» (1891), e ter merecido os mais encomiasticos applausos da critica em Paris, uma vez que tomou parte num concurso litterario disputadissimo

na Cidade Luz. Publicou os seus bons trabalhos «Naufrago», «Os 2 perigrinos», «Christovam Colombo», no «Monitor Campista» (1892).

Não fôra a nimia gentilesa do Dr. Claudio Borges, parente daquella litterata, e a bondade de d. Amelia Garcia, filha da distincta escriptora, e não nos seria possível apresentar aqui este verdadeiro «furo» segundo a gyria da imprensa

D. Amelia (assim como sua irmã igualmente escriptora, d. Altina Gomes de Azevedo, filhas que eram do fazendeiro Jacintho Antonio de Azevedo, nasceu na fazendo «Monte Himalaya», no Itabapoana, em 16 de Abril de 1866. Extranharão os leitores ao reparar que dizemos que a illustre escriptora era campista emquanto affirmamos que ella nascera lá para as bandas que margeam o rio Itabapoana, divisas com o Espirito Santo; – porem o fazemos com a melhor verdade, porisso que aquelles sitios naquella epoca, como todo o territorio campista sob a designação de – districto de Limeira, – então 15.º districto deste Municipio, o qual só foi desmembrada da nossa terra para a creação de Itaperuna, em 1890 pelo governador Portella, quando d. Amelia já era escriptora festejada, pois sua actividade litteraria culminou em 1889-1892.

Para mostrarmos que a nossa illustre conterranea não era uma mediocridade, nem mesmo uma escriptora trivial, basta reproduzirmos algumas linhas da critica feita pela revista francesa «*Les Causereis Familiéres*,» de Paris, acerca do trabalho com que D. Amelia Azevedo concorreu a um concurso litterario mundial organisado por aquella revista, no qual ella arrebatou o 1.º premio – medalha de ouro!

«Comme nous l'avons dit, dans notre derniére livraison, en donnant le resultat, de notre cuncurs litteraire, le sujet que nous avons imposé a donné lieu á des récits absolument différents, et il nous est facile, sans risquer de fatiguer nos lecteurs d'en publier plusiers.

Ils ont le mérite d'être des impressions personelles et sjncéres. Il est facile de se figurer une assemblée de femmes invitées á parler de ce temps de la fin des études, oú l'on est toute naiveté, toute jeunesse: mais, la reunion étant impossible, nous nous contentons de letres. Voici Mademolle Amelia Gomes de Azevedo, de Rio-de-Janeiro, qui nous adresse son

recit. On remarquera que nous publion le tout tel quel, et que, jene dirai par pour une étragére, mais même pour une française, madamoiselle Amelie écrit le français, ce qu'on dénomme en anglais *fluently*; il n'est besoin de réclamer aucune indulgence pour elle. Nos jeunes concurrentes françaises feront, volontiers l'honneur du premier pas á l'etrangére.»

Para a mesma revista D. Amelia escreveu – «Une page au Brésil,» – que foi muito apreciada e obteve o 2.º premio no concurso, – não occultando o redactor da revista seu espanto e admiração por vêr que – «d'um pays si éloigné recevoir ces pages écriies en un français fort correct,» e mais porque D. Amelia «ont cependant su encastrer dans leurs récits des episodes de mœurs brésllennes trés curieuses, et nous initie á certaines mœurs du sauvage.»

Em 1894 publicou o livro «Rumorejos do Monte Himalaya» no qual enfeixou todos os seus escriptos. Tão versada era no idioma francez, que com felicidade fez boa versão da poesia de Gonçalves Dias:

«Mon pays a des palmiers
Oú chante le *sabiá*,
Les oiseaux qui gazouillent ici
Ne gazouillent pas comme lá-bas!

Era uma nativista esforçada e que muito concorreu para difundir a litteratura brasílica naquelle centro da cultura enropéa. Em 1896 publicou o romance «Mercédes,» de bem cuidado enredo, cujos episodios ella fez se desenrolassem nas nossas praias do «Furado,» naquelles vargedos que ella bem conheceu, pois os descreveu com precisão e minudencias.

A illustre escriptora campista falleceu em 24 de Setembro de 1929 na fazenda S. João, com 63 annos de idade. Entrara no collegio aos nove annos, no Rio de Janeiro, quando não existiam aqui estradas de ferro, e porisso a então futura escriptora patricia, para ir beber o elixir da instrucção com que depois impressionaria aos escriptores da França, tinha de emprehender viagens a cavallo desde «Monte Himalaya» até aqui, donde seguia para S. João da Barra, e tomava os vapores que

a conduziam á Corte. O collegio em que fôra internada chamava-se «Collegio Brasileiro», próximo ao Largo do Machado.

*
* *

Encastoemos agora neste final de capitulo, esta amethista litteraria do saudosissimo Dr. Obertal Chaves:

Tuberculosa

Pobre de ti, romantica doente
Que eu tanto quiz curar e nunca pude,
Vaes definhando paulatinamente,
Qual o magico som de um alaúde!

Tuberculosa, a febre impertinente,
Roubou-te as rosas frescas da saúde,
E a tua voz, sonóra antigamente,
Vibra agora na tosse secca rude.

Paira a sombra do tédio, no teu rosto
E nos teus olhos languidos, sem vida,
Reflectiu-se a tristeza do sól posto!

Pobre de ti, no leito perfumado
Pensas na morte e deixas esquecida
A risonha illusão do teu noivado!

Ahi estão as vibrações da alma campista em suas mais altas symphonias, dizendo expressamente bem do valor de nossos bardos e litteratos.

CAMPOS ANTIGA
CAMPOS MODERNA

«Estuda a cidade onde vives; se amanhã fores forçado a deixa-la, has de te alegrar tendo-a bem presente na memoria e podendo-a percorrer toda com o pensamento. A tua cidade, tua pequena patria, aquella que foi por tantos annos o teu mundo, onde deste os primeiros passos ao lado de tua mãe, onde experimentaste as primeiras impressões onde primeiro chorastes e abriste o espirito ás primeiras ideas; onde emfim tiveste os primeiros amigos; essa foi mãe para ti; instruiu-te, protegeu-te. Estuda-a nas suas ruas e na sua gente, ama-a bem, e quando ouvires injurial-a, defende-al»

EDMUNDO DE AMICIS

É tempo de concluir nossas pesquizas historicas, porisso façamos apparecerem os contrastes que se verificam entre a Campos como cidade de antanho e a Campos moderna que temos agora, preparando assim elementos que facilitem aos vindouros, – nossos filhos e netos, – escreverem depois a historia do Centena- de 1945.

Em recapitulação remarquemos: – Na acta da 7.ª sessão da Camara Municipal, de 12 de Maio de 1835 foi que pela primeira vez a Camara se referiu á recepção da Lei de 28 de Março, (L.º de Actas, fls. 191). Na falta de bancos, a Camara guardava suas rendas n'uma Arca de madeira que ainda hoje existe n'um dos compartimentos do

A Normalista
AZEVEDO MACHADO & C.
Rua 13 de Maio n.° 21 — Fone 411

Archivo Municipal e guarda o antigo estandarte da Camara, a chave de ouro da Cidade, offerta do Imperador, e outras curiosidades historicas, dignas de figurar no Museu a ser futuramente creado, pois há um autographo de S. M. o Imperador D. Pedro II, 1 escriptura de doação do palacete Barão da Lagôa Dourada ao governo para o Lyceu de Humanidades.

Já então a terra dos campistas, com todas aquellas falhas que de inicio assignalamos, era um logar que prendia a attenção pelo seu valor, tanto que recebeu sempre as mais honrosas e significativas visitas. Em 1847, doze annos após sua elevação á cidade, teve a

VISITA DO IMPERADOR – A 25 de Março de 1847 ás 11 1/2 horas, via Quissamã, chegou sua altesa, desembarcando no logar "Travagem". 3 gyrandolas collocadas na Olaria da fazenda de Francisco da Silva Leite, outra na cancella da Fazenda do Queimado e a ultima na entrada da cidade junto ao pórtico da rua de S. Francisco (Direita), espoucaram dando o signal da chegada. Na egreja de S. Francisco penetrou o Monarcha e sua comitiva para o *Te Deum* que a Camara fez entoar. O embandeiramento e alcatifas eram profusos nas ruas Direita, Flores, Beira-Rio e Praça Principal.

Ás noites havia luminarias; foram *prohibidos os despejos* na Beira-Rio, desde o porto de José da Silva (Rosario) até o Trapiche do Raymundo. Os irmãos da Ordem Terceira de S. Francisco aguardaram a chegada de D. Pedro no cercado (Hoje Praça da Republica) com o pallium cujas varas foram entregues aos vereadores quando o cortejo entrou no templo. A musica esteve sob a batuta de Tiburcio Dias de Moura e as cerimonias liturgicas foram dirigidas pelo padre Luiz Rodrigues de Novaes, entoando os psalmos os reverendos: Manoel José de Siqueira Rocha, Marianno Leite da Silva Escobar e o vigario da Vara.

A Epocha
Casa especialista em artigos para homens.
D. CASTRO NUNES — Rua João Pessoa, 62

No acto da entrada do Imperador no pórtico da cidade, (gigantesco arco triumphal armado na rua Direita esquina da rua Saldanha Marinho, então recentemente aberta), o Presidente da Camara, José Martins Pinheiro entregou a S. M. uma chave de ouro, feita ás expensas proprias, e disse as seguintes palavras:

"Senhor! A Camara Municipal tem a subida honra de apresentar a V. M. a chave da Cidade com a segurança da fidelidade, amor e respeito que os Campistas consagram á Augusta Pessôa de V. M. Imperial", – ao que o Imperador respondeu com o seu natural laconismo: – "Com muito prazer a recebo".

Findo o "Te-Deum", o Ministro da Fazenda que viera na comitiva dirigiu-se ao Presidente Martins Pinheiro e dando-lhe a chave symbolica disse-lhe que o Imperador lh'a mandava entregar por consideral-a em boas mãos.

Houve parada da Guarda Nacional commandada pelo Barão de Itabapoana, e o Imperador foi se hospedar na casa de Manoel Pinto Netto, na rua Beira-Rio (hoje Edificio do Quartel), por não querer a hospedagem que se lhe preparava na casa do Dr. Fonseca Parahyba, na Praça Principal (hoje Hotel Gaspar), porque corria certa versão contra Parahyba, em relação ao assassinato do seu socio e amigo Dr. Alypio... O imperador posteriormente galardoou Pinto Netto com o titulo de – Barão do Muriahé.

Foi quando D. Pedro teve esta expressão acerca de Campos.

– "Grande regosijo se apodera de mim, vendo-me no meio dos Campistas, povo tão leal, e que tanto se distingue pelo amor ao trabalho." O Imperador visitou a obras do Canal que se iniciavam, na Bacia, o Seminario da Lapa, a Matriz onde assistiu as solemnidades da Semana Santa, tendo na cerimonia do *Lava-pés* tomado parte, lavando os pés a 12 pobres a quem déra uma dadiva, demorando-se até 15 de Abril em Campos.

Á Penna de Bronze
Armarinho, artigos de phantazia, livraria.
TINOCO & C. Ltd. — Rua B. Cotegipe, 56

Outros illustres visitantes foram: Em 1848 o Presidente da Provincia, Luiz Pedreira do Couto Ferraz, visconde de Bom Retiro, em 27 de Setembro, havendo *Te-Deum* na Matriz. Em 1850 veio o Vice-Presidente, em Agosto. Em 1855 veio o visconde de Baependy, 1º. Vice-presidente da Provincia, hospedando-se em 20 de Março no solar do Barão de Carapebús, no Becco (hoje Seminario Diocesano).

CONDE D'EU E PRINCESA IZABEL – Visitaram Campos a 10 de Junho de 1868, vindo a bordo do vapor "União", desembarcando no porto da Cadeia, onde foram aguardados pela Camara, Guarda Nacional, o Clero e autoridades. O delegado da policia Dr. José Heredia de Sá teve a precaução de publicar antecipadamente um edital prohibindo – "durante o tempo que Suas Altezas se demorassem nesta cidade, a lavagem de roupa nos portos, desde o porto da Lancha até o porto Maciel, bem como a venda de peixe nos logares do costume (Beira-Rio) sendo transferido o mercado desses objectos para o largo do Rocio e bacia do Canal."

Indo as Altezas assistir ao Te Deum, na Matriz, occupou o pulpito e fez um dos seus formidaveis sermões o grande tribuno padre João Norberto. Dentre as visitas e passeios das Altezas figurou a excursão ao alto do Itaóca, onde, em caramanchões de bambús foram servidas viandas, vinhos e doces. Findo o almoço as Altezas foram aos dois pontos da montanha afim de gosar do excellente e pitoresco panorama que offerecem o valle do Parahyba e a freguesia de Santa Rita.

D. PEDRO II voltou a Campos mais 3 vezes, a 13 de junho de 1875 para assistir a inauguração da Estrada de Ferro Macahé-Campos, em 22 de Novembro de 1878 por occasião da inauguração da Usina Barcellos, vindo tambem o Visconde de Tamandaré, o Barão de Maceió, o Visconde de Bom Retiro, Ministro Sinimbú e José do Patrocinio, sendo a sua ultima visita em 24 de Junho de 1883, para inaugurar a Luz Electrica.

Em 5 de Agosto de 1881 visitou Campos o conselheiro Manoel

Casa Nice
Calçados e artigos para homens. — Os melhores e os menores preços.
NICOLINO PROFIO — Rua do Conselho, 58

Buarque de Macedo, ministro da Agricultura; – em 6 de Dezembro de 1882 o desembargador Gavião Peixoto, presidente da Provincia; em 4 de Novembro de 1888 o presidente provincial Dr. José Bento de Araujo; em 1 de Fevereiro de 1890 o Governador Dr. Francisco Portella, que fez uma segunda visita a 12 de Julho de 1891. Em 6 de Fevereiro o presidente do Estado Dr. José Thomaz da Porciuncula; a 22 de Fevereiro de 1901 o Dr. Alberto Torres, e em Novembro de 1901 o Dr. Quintino Bocayuva, em 24 de Julho de 1903 o ministro da viação Dr. Lauro Muller; em 24 de Abril de 1904 o Dr. Nilo Peçanha, presidente do Estado; em 6 de Janeiro de 1906 o Dr. Leopoldo Bulhões, ministro da Fazenda.

PRESIDENTE DA REPUBLICA – Dr. Wenceslau Braz veio a Campos em 5 de Novembro de 1916 por occasião da inauguração dos melhoramentos da cidade, vindo com elle o Dr. Nilo Peçanha, presidente do Estado. Em 22 de Agosto de 1920 foi visitada a cidade pelo Dr. Raul Veiga, presidente do Estado. Em 1923 fez sua visita o Dr. Sampaio Vidal, Ministro da Fazenda, e em Maio do mesmo anno o Dr. Aurelino Leal, Interventor Federal.

Em Fevereiro de 1924 esteve em Campos o Dr. Pio Borges, Secretario de Obras Publicas, e em 24 de Julho do anno passado o interventor federal Commandante Ary Parreiras.

COMO ERA A CIDADE E O QUE É HOJE – Em 1836 a cidade tinha 17.459 habitantes (5.804 livres e 11.655 escravos); no recensiamento de 1920 computou-se em... 59.265 habitantes, e no presente somos 62.796 habitantes. O municipio tinha 51.718 habitantes em 1835; existiam... 175.850 em 1920 e hoje atinge a 280.500 habitantes.

A receita da Municipalidade em 1834-1835 (anno financeiro) foi votada em 2:083$136 e a despesa em 1:904$419 como segue:

Sapataria Progresso
FUNDADA EM 1912
Sempre as ultimas novidades.
FRANCISCO VIEIRA & C.
Rua do Conselho, 47

RECEITA

Subsidio dos vinhos	300.000
Balança e balancinha	341.571
Contracto de cachaça	101.056
Aluguel Bancas de peixe	666.449
Aluguel do Extincto Açougue	75.000
Venda terreno r. Boa Morte	64.000
Infracções de Posturas	284.860
Multas pelos Juizes de Paz	19.000
Laudemios	217.500
Licenças para espectados	6.000
Fóros	7.700
	2:083.136

DESPESA

Pago ao Secretario	600.000
Pago ao Porteiro e ajudante	224.631
Pago ao Carcereiro	137.500
Limpesa Praça do Rocio	8.060
Despesas judiciarias	458.951
Pago «Recopilador Campista»	1.920
Commissão ao Procurador	133.357
Obras publicas	340.000
	1.904.419

Café "Santa Barbara" Rua Santos Dumont, 17
BICHARA & IRMÃO

O orçamento de 1935 está calculado em mais de Rs. 2.000:000$000.

Segundo foi publicado pelo sr. Miguel Perlingeiro Netto, digno collector federal, Campos contribuiu para a União nos annos de 1912 a 1931 com 47.806:034$064, e segundo documentos officiaes, Campos concorre para o Estado com 3/4 parte de toda a receita, isto quer dizer que Campos contribue sosinho como se fosse 16 municipios fluminenses!

Outra impressionante estatística: – Campos tinha em 1835 apenas 2.982 predios, com aquelles beiraes que arremedavam kyosques chinezes, cujos especimens ainda vêm um ou outro, como no predio, n.º 14 da rua dos Andradas esquina da rua 21; outros com sotãos, conforme ainda são os de n.º 725, 767 da rua 15 Nov. e n.º 30 da rua Santos Dumont; havia nelles, até 1872 (e em alguns até 1885) as rótulas trabalhadas pacientemente em madeira, uso e estylo importados de Badajóz, em fórma de alçapões, – mysteriosas, recatadoras, – authentica móda do reinado de D. João VI... Hoje já não são mais aquelles 2.982 predios, pois seu numero subio para 7.812. – Por uma pesquisa que fizemos no archivo da Prefeitura, conseguimos constatar com segurança que foram construidos em 1921 nesta cidade, 164 predios em 1922, noventa e quatro;; em 1923, cento e dezoito; em 1924, oitenta e dois; em 1925, cento e quatorze; em 1926, cento e quinze; em 1927, noventa e um; em 1928, oitenta e sete; em 1929, cento e onze; em 1930, setenta e um; em 1931, setenta e dois, em 1932, oitenta e quatro; em 1933 cento e vinte e dois em 1934, setenta e oito; havendo entrado nos mezes de Janeiro e Fevereiro de 1935, quinze pedidos de licença para novas construcções. Total: 1.418 predios feitos desde 1921 a Janeiro de 1935, o que dá em resultado um quociente de um predio em cada trez dias nestes ultimos quinze annos na nossa cidade.

Quanto aos costumes populares foram sempre impregnados desta expanção legitima e sã, em que pese não haver aquelle recato de outr'ora, um tanto diminuido agora...

A Imparcial

Modas, fazendas, armarinho
MANSUR & C. — Rua B. Cotegipe, 40
PHONE 813

As diversões de outros tempos eram: as danças, o theatro, as festas patrioticas, as festas religiosas-profanas, as touradas, a zarzuela, mais tarde o lyrico; as «convivencias» de S. João, ranchos dos Reis com suas «pastorinhas» a cantarem de porta em porta, no mez de Janeiro, uma infinidade de diversões innocentes e candidas nas vesperas e dias do Natal, os *entrudos* do Carnaval. Só em 1880 veio o phonographo, mais tarde as batalhas de *confettis*; o Arthur Rocher em 1904 implantou o cinema, mas o cinema bom, uctil, inoffensivo do inicio, – não essa immoralidade e perversidade de hoje!... a ensinar o impudor, a incutir o crime, a depravar os costumes, a perder terrivelmente a infancia que vae ser amanhã a sociedade engolphada no materialismo e na hediondez suggestionados pelas «fitas» norte-americanas...

Já então, para fechar com chave de ouro os bons costumes do nosso povo neste final de Centenario, temos o «RADIO CULTURA DE CAMPOS,» de que trataremos mais adiante.

AS DANÇAS – Já vimos, paginas anteriores, os «minuêtes,» mas não nos referimos aos tão apreciados «rocamboles» com que nossos avós tanto davam o que fazer ás pernas, nos salões da «Sociedade de Harmonia Campista» (1854), «Cassino Juvenil» (1855) «Sociedade Orphilia» (1857) e outras organisações recreiativas; mas tambem em plenas ruas, das Cabeças, do Proposito, da Valla, tambem se dançava em 1863: o que provocou reclamações da imprensa contra aquelles *fados* da gente desclassificada, cujos *batuques* e sapateados começavam ás «Ave-Marias,» porisso que os jornalistas bem ajuizadamente classificaram de – «attentatorios á nossa civilização.» O que é certo que as danças antigas não escandalisavam como os «charlestons» e *«foxtrox»* de agora...

O THEATRO. De começo houve o theatrinho «Campista,» a rua de Santa Iphigenia, illuminado com vellas de sebo... que se derretiam sobre as sobrecasacas dos cavalheiros, e «balões» das damas na platéa;

Fundição Goytacaz
Completas officinas metalurgicas. Fundição de machinismos.
MACHADO VIANNA & C.
Rua 15 de Novembro, 643, 645.

depois a «Casa da Opera» da rua Detraz da Matriz. Só em 1839 foi que se demarcou o *«Theatro S. Salvador,»* na rua Direita, esquina da rua Formosa, intersecção que ficou designada por «canto do theatro» e onde era o «ponto» dos velhos Sá Vianna, Corrêa de Sá, Luiz Balbo, coronel Costa, e outros respeitaveis anciãos para palestrarem por entre boas pitadas do «Paulo Cordeiro,» até a hora do «toque do recolher.»

Pois não sabem algo do *"toque do recolher"*?... Lhes contamos:

Era um dobre na sinêta da Cadeia, em 1851, para que os noctivagos "retardatarios" se recolhessem ás suas casas, e se fechassem as casas de commercio... mas, por não ser bem percebido, passou a ser feito, em 1852, pelo sino grande da Matriz. Então o encarregado do dobre foi o preto Hortencio, depois (1865) ficou com o encargo por 80$000 annuaes o Felippe Pereira; em 1876 o David José Pinto, depois, pela injuncções politicas... (até no sino influenciavam liberaes e conservadores), tomou conta do toque das 10 horas o "Theodorico gago" e em 1888 quem ganhava 15$000 por mes para o "toque", era o preto Peregrino da "Botica do Motta" um sympatico typo de egypcio, muito espaventoso.

Voltemos ás cousas do theatro. Só em 7 de Setembro de 1839 se collocou a 1ª. pedra para edificação do Theatro S. Salvador, porem se passaram seis annos para se apromptar o edificio, que foi inagurado a 7 de Setembro de 1845; em 1857 passou a ter illuminação a gaz apenas na caixa. Muitas companhias dramaticas occuparam o "S. Salvador", dentre ellas as de Primo da Costa, Ribeiro Guimarães. Anna Chaves, Moreira de Vasconcellos, Caetano Alves, Delphica de Araujo, Dias Braga, Joaquim d'Athayde e era muito do gosto do nosso publico as representações do "Conde de Monte Christo", "Morgadinha de Val Flor", "Dalila, "Medico das Creanças", "A Falsa Adultera", "O Fiacre 226", "Mulheres de Marmore", "Os Engeitados", etc, e muito se applaudiu os actores campistas, como o Joaquim d'Athayde, Mario

Adahil B. Tavares
AGENCIA DE PEÇAS CHEVROLET
Peças e accessorios para automoveis.
— PINTURA DUCO —
Rua B. de Miracema, 27

Bellido, Ludovina Silva, e até a Maria Rosa...

O publico gostava tambem das Zarzuelas, porisso muito applaudiu, em 1873 a empresa de D. André Ortiz, e a de Manoel del Valle em 1894.

Os campistas foram e são muito amantes do lyrico. A primeira companhia lyrica que veio a Campos, foi a de José Ferry, que estreiou no "S. Salvador" a 22 de Agosto de 1875 com a opera de Bellini, "A Norma", tendo sido depois cantadas: O Trovador, Traviata, Ernani, Attila, Lucia de Lammemour, Lucrecia Borgia. Depois em 1878 veiu a segunda companhia lyrica que nos trouxe e aqui deixou a conhecida prima-dona Emilia Pezzoli. Em 1893 Sulli & Verdini estreiaram sua companhia com O Trovador, vindo no elenco Corina Cescati, e em 1895 voltou Albino Verdini associado a Rotoli, sendo cantadas as operas até aqui desconhecideas: *O Guarany, Aïda, A Sonambula, Barbeiro de Sevilha, Norma, Carmem, Fausto, A Favorita, Um Baile de Mascaras, Cavalheira Rusticana, e A Gioconda,* com que foi feita a estréa em 9 de Janeiro.

O theatro "S. Salvador" foi demolido em 1919, para alargamento da rua Formosa.

THEATRO EMPYREO – foi outro theatro da rua Direita, (onde hoje está o predio n. 63), inaugurado pelo João Gil Ribas em 6 de Setembro de 1874. Na frente havia um parque e a caixa do theatro dava sahida para a rua da Quitanda, (onde agora é uma ferraria). Tinha cobertura de zinco, (estilo do "Phenix" do Rio) e a empresa Silva & Reis o estreiou com o drama "O Poder do Ouro". Luiz Amoedo trouxe a 2ª. Companhia que ali trabalhou, em 1878, estreiando com o drama "O Guia da Montanha". No anno seguinte lá esteve a companhia do Dias Braga, e do elenco fez parte Leopoldo Mesquita, Phebo, Leolinda Amoedo, Julia Goubert. Tambem occupou seu proscenio, em 1880, a

Godofredo Cruz
MATERIAL ELECTRICO
Variadissimo sortimento
Rua Santos Dumont, 57

companhia de zarzuelas de A. Azulay & C.

Foi celebre esse theatro por causa da campanha abolicionista nelle feita, e porque recolheu no seu solo, como altar dos sacrificios o sangue das primeiras victimas immoladas pela grande causa da liberdade dos captivos. Foi demolido em 1893, sendo feito nelle o ultimo espectaculo em 5 de Janeiro de 1890.

MOLIN ROUGE – Theatrinho na rua Direita, feito por Arthur Rockert onde agora é o bello "Trianon". Foi inaugurado a 31 de Dezembro de 1904, pela campanhia Eduardo de Sousa.

ORION – Theatro-cinema, luxosamente montado por Francisco de Paula Carneiro e inaugurado a 24 de Dezembro de 1913.

TRIANON – a soberba concepção de Francisco de Paula Carneiro que começou a ser edificado em 1918. Ultimamente foram construidos os cine-theatros *"Colyseu dos Recreios"*, na rua de S. Bento, em espaçoso parque, e o *"Mascote"* antigo "Capitolio" na rua do Frade.

Outros divertimentos de que muito gosta o nosso povo são as tourádas, circos de cavalhinhos e até as rinhas de gallos sem olvidar as cavalhadas e o "boi pintadinho"...

As primeiras *touradas* que foram feitas em Campos realisaram-se em 1839, divertimento então desconhecido dos campistas e que fora introduzido aqui pelo hespanhol João Lopes, que armou o seu "Curro" na praça do Rocio, pelo mez de Junho. Depois foi armada com todos os requesitos uma "plaza" na rua da Constituição, inaugurada a 7 de Setembro de 1877, empresa de Don José Saldivas Péres. Os touros vieram dos campos de S. Luiz, sendo os bandarilheiros Barnabé Assencio, Manoel Barca e João Fernandes. Em 1894 verificou-se em uma "plaza" da Travessa do Cabral um desastre, pois o celebre pegador *Pataquinha*, foi maltratado por um touro, sendo retirado da arena e fallecendo no dia 11 de Dezembro. Em 1900 esteve aqui a empresa Panadero; em 1904

Fabrica de Sabão "União"

INDUSTRIA CAMPISTA — O melhor artigo para roupas e tecidos finos.
RODRIGUES ALVES & C.
RUA VOLUNT. DA PATRIA, 49.

veio a troupe do Rodero, de que faziam parte as toureiras senhoritas Francisca Dias, Lola Salinas, e Assuncion Gregorio, e o pegador Ramiro Catalan. que se fez muito popular entre os campistas.

TYPOS DAS RUAS – Antes de mostrarmos o que se tem feito em Campos nestes ultimos annos, lancemos um golpe de vista para traz, afim de repararmos alguns typos originaes que perambularam por aqui, provocando as chufas de uns, a compaixão de outros, o riso de todos.

Nicacia era uma preta fôrra, pobre desiquilibrada, que em 1862 andava vagando pelas ruas, abordando a todas as casas e exigindo ou o aluguel das mesmas ou as suas chaves... pois era, na sua demencia, – a «*Donataria de Campos,*» e queria a renda universal dos seus grandes dominios... Por «aluguel» reclamado, lhes davam alguns vintens para o seu fumo e o seu pão, e assim arrastava ella a sua vida de «potentada»... de cambulhada com a sua illusão...

«Pai Antonio cégo» era um destes typos que nada têm de dementes, nem de miseraveis, porisso que são refinados espertalhões. Elle viveu muitos annos a pedir esmolas por que, faltando-lhe a vista, não podia trabalhar. A molecada para fazel-o exasperar gritava pelo seu apellido de – «Morte» – e então era vêr-se o despejar do seu terrivel vocabulario. Contavam-se curiosas historias daquelle preto velho: fôra escravo do fazendeiro Angelo Vieira Falcão, de quem obteve a sua alforrria, dizia-se, mediante 600$000... conseguidos não se soube como... Em Janeiro de 1873 *alforriou* um outro preto tambem *cégo*... que dizia ser seu irmão... para o ajudar a pedir esmolas... Pai Antonio, ou Morte,» com o seu companheiro, occupando-se de dia em esmolar pelas ruas, a noite, em seus quartinhos á rua 7 de de Setembro, se entregavam á exploração de outra fonte de renda, essa então por demaes indecorosa e infame, segundo as más linguas...

«Pirão» era um homem de lingua depravada, sempre que se não lhe chamava pelo seu nome de baptismo; e como elle, tivemos o

C. P. Devoto & C.
AGENTES DA FORD MOTOR COMPANY
Caminhões — Automoveis — Tratores
26 — Rua Santos Dumont.
Fone 421 — CAMPOS

«Bacuráo,» membros de boa familia mas que se esquecia da sua apurada educação logo que a garotada em vez de tratal-o por sr. Muniz; lhe dava aquelle nome de passarinho...

Não são de poucos annos o viver estonteado da «Mariquinhas Pula-pula,» assim o da *«Candinha,»* que se inculcavam «malucas» para justificar de suas leviandades...

Era um gosto para a creançada vêr o andar saracoteiado da «Mariquinhas,» assim o vestir estapafurdio da *«Candinha» Maluca*, com seu chapeu de palha rustico enfeitado de fitas de côres berrantes e flores sylvestres.

Viviam como loucas... mas viviam: – aqui um cigarro, ali uma fructa, acolá uma palestra, mais adiante doces e licores... mariposas humanas a pennar e a rir!...

Barrilóte – sempre sisudo, devoto, com gravidade carregando a cruz processional na frente da Ordem Terceira da Boa Morte da qual era irmão e muito assiduo nas funcções. Sua estatura baixa e grossa que lhe tinha prespegado o appellido, parecia ainda mais baixa e mais obtusa quando revestida do seu habito preto. Nem nas procissões os espiritos zombeteiros e ferinos o deixavam em paz... e bastava que o bom homem ouvisse ciciar a phrase: – «Barrilóte»... – e para logo, ali mesmo, cruz na mão, estravasava da sua bocca um palavriado profanador, irreverente, que molhava toda a sua sisudez, devoção e gravidade... Que tivesse paciencia quem lhe escutasse: – elle não gostava daquella termo achatador...

Fossemos contar historias acerca do *«Cabeça Chata»* magnifico sapateiro da Rua Formosa; do *Boiada*, vendedor de arroz com leite na Quitanda Velha, onde tambem pontificava o magaréfe *«Pedro Cabeça,»* do «Sobejo da Morte, da «Bahiana dos Badanhos»... há chistes, anecdotas, peripecias que constituiriam outro livro. Fiquemos, pois, por aqui, já sem a «Carrapeta» e a *«Maracanã»*... mas com a *Balão*, o *Cata-Ouro*, a *Rã*, com tantos outros maniacos que vivem a arrastar sua vida por ahi como Deus é servido!...

NOS ULTIMOS TEMPOS

O desenvolvimento de Campos tem sido grande nestes ultimos tempos, e mui rapidamente assignalaremos os factores desta evolução:

ESCOLA DE APRENDIZES ARTIFICES, – Creada pelo Decrº. n.º 7566 a 23 de Setembro de 1909, quando na presidencia da Republica estava o Dr. Nilo Peçanha, e presidencia da Camara de Campos o Dr. João Antonio de Oliveira Guimarães. – Foi seu 1.º Director o saudoso Francisco Thomaz Pinheiro, e primeiros funccionarios: – professores d. Maria Carlota Cardoso de Mello, Carlos Hamberger, d. Clotilde da Cunha Porto, d. Yolande Miranda Sá Hamberger, d. Alice Baptista Nogueira, e d. Arabella Alvarenga. Mestre de alfaiataria, Elenterio José Gomes; de marcernaria, Jorge de Souza Muniz; de electricidade, Magnus Ribeiro Netto; de sapataria, Manoel Souza Queiroz.

Foi inaugurada em Janeiro de 1910 com 562 alumnos.

Actualmente é Director, o sr. Paulo Pereira de Araujo e Secretario, Miguel Martins, estando a parte graphica sob a direcção do competente Edmundo Chagas.

PONTE DE LIGAÇÃO – das vias ferreas da «Leopoldina Railway», construida em 1907-1908, sendo serviço de escaphandrista feito por sr. Hanson. O engenheiro foi A. Gilmour.

ESTAÇÃO CLIMATOLOGICA DE CAMPOS. – Foi installada em 1910, como estação de 2.ª classe e dependente da administração do Observatorio Nacional. Em 1921 houve a creação da Directoria de Meteorologia que elevou a estação á categoria de 1.ª classe, que subsiste

ainda. A esse departamento, actualmente sob a jurisdição da Directoria de Aeronautica Civil, acham-se affectos as secções seguintes: – Climatologia, Previsão do tempo, Aerologia, Hydrologia, Ecologia Agricola.

A estação dispõe de 1 barometro, 1 termometro de maxima, 1 dito de minima, 1 psicrometro, 1 catavento, 2 pluviometros, 1 pluviographo, 1 heliographo, 1 evapometro, 1 anemometro electrico, 1 anemographo, 1 anemoscopio, 2 barographos, 1 termographo, 1 higrographo, 1 quadrante solar, 1 evaporimento de balança, 1 teodolito, 5 thermometros sub-solo, 2 regoas hidrometrica,s 1 thermometro de minima da relva e 1 estufa.

As observações desses instrumentos são tri-horarios, com o registro obrigatorio em cadernetas especiaes. A estação está installada em edificio proprio, possuindo uma torre semaforica de 36 metros de altura onde são feitos diariamente á tarde e á noite os signaes da previsão do tempo.

A previsão do tempo é transmitttida diariamente ás 16 hs. a 40 estações da «Leopoldina Railway» e a 15 postos regionaes, para cujo fim a estação dispõe de franquia telegraphica em toda rêde.

Por 2 regoas hydrometricas installadas nas 2 pontes que sobrepõem o rio Parahyba e pelos despachos especiaes transmittidos pelo Instituto Central, a estação transmitte diariamente durante a epoca das cheias aos postos interessados, as oscillações do nivel do rio, prevendo com dias de antecedencia as inundações e as vazantes.

Todos os serviços se acham em pleno desenvolvimento e de accordo com a technica meteorologica internacional, tendo por competente director, João Baptista de Seixas Tinoco, que tem a efficiente collaboração de habeis auxiliares.

O FORUM. – Em virtude da Deliberação n.º 202 de 17 de Julho de 1919 a Camara Municipal doou ao Governo Fluminense os terrenos em que foi edificado o Palacio da Justiça. Campos deve aquelle importante melhoramento ao Dr. Raul Veiga que o planejou e fez iniciar a edificação. Inaugurou-se neste inicio de 1935, aos 11 de Março, pelo Juiz Criminal Dr. Alvaro Ferreira Pinto e sendo Promotor Publico o Dr. Guaracy Soutto Mayor.

É um palacio que muito enriqueceu o patrimonio de Campos,

tendo sido marcado pelo laureado architecto José Benevento.

INSTITUTO COMMERCIAL, importante iniciativa que teve como principal propugnador o sr. José Macchi: Foi estabelecido em 1922, com edificio proprio, na rua 13 de Maio e hoje tem a norteal-o com muito proveito para a mocidade, o dr. Celso Bruno, tendo uma grande matricula.

POLICLINICA. Com serem cedidos, em 16 de Outubro de 1923 á Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia os terrenos do antigo cemiterio do Quimbira, na rua Alberto Torres, o espirito vivaz e intelligente do saudoso Dr. Benedicto Gonçalves Pereira Nunes, fez logo assentar a primeira pedra para a construção da «Policlinica» e séde daquella douta e humanitaria associação. A Policlinica foi inaugurada a 24 de Janeiro de 1926.

ESCOLA PROFISSIONAL FEMININA. Foi uma das boas creações do Dr. Nilo Peçanha, em 1923. Teve por primeira directora, a professora d. Maria das Neves, e presentemente é dirigida pela professora d. Isaura Lucas dos Santos Cruz, tendo já diplomado grande numero de alumnas.

TELEPHONES. Em 1932 os telephones tiveram em Campos um grande melhoramento, passando a ser automaticos e propriedade da Companhia Telephonica Brasileira, (succursal da "Ligth"). Os telephones foram estabelecidos aqui em 1882, primeiramente na estação da E. F. Carangola. Em 1886 foi que se ampliou a rêde Telephonica, tendo desenvolvido muita actividade o Francisco Porto. A estação era um sobradinho de 2 andares da rua Direita, onde hoje é a "Alfaiataria Forzano".

ORPHANATO DE S. JOSÉ. – Providencial instituição nascida daquella alma veramente religiosa que é o Padre José Severino da Silva. Asylo dos orphãosinhos, – quantos criminosos, quantos «guitarristas,» quantas desventuras não tem impedido o Padre Severino ao congregar alí na Lapa, naquelle doce retiro em que o candido sacerdote ensina as salvadoras doutrina da paz, do bem e da justiça, tal qual Jesus entre as creancinhas a fallar das bellesas do Céu!!

O anno de 1934 foi muito propicio ao progresso de Campos.

Começou pela marcação da primeira etapa do

INSTITUTO CLAPARÉDE, no parque da Praça Almirante Porto, cujos pavilhões já não mais são os dourados sonhos da aureolada Professora d. Antonia Lopes de Castro, mas sim uma gloriosa realidade que bem demonstrou as suas scintillações pelos resultados do seu primeiro anno lectivo.

RADIO CULTURA. Mais louros para Campos, marchetados dos esforços titanicos de Amador Pinheiro da Silva, Alcides Maciel, Antonio Pereira Amares, Chrysantho Sobral.

Não resta duvida que Campos cresceu tanto no seu valor e importancia social com o estabelecimento da Estação da «Radio Cultura de Campos P. R. F. 7,» quanto cresceu e se destacou das suas congeneres, em 1883, quando adoptou em primeiro logar, na America do Sul, a illuminação publica pela electrecidade.

As carcteristicas da Radio Cultura de Campos P. R. F. 7, que vem sendo ouvida no Districto Federal, Estados de S. Paulo, Minas e Espirito Santo, tem uma frequencia de 1.830 kc/s ou sejam 217,4 de comprimento de onda. Potencia de 1000 watts. Modulação de 85% a 100%. O periodo das transmissões é de 11 ás 12,30 e de 19 ás 22,30, ouvindo-se os programmas de rêde Verde-Amarella das 21 ás 22.

A MATERNIDADE, – outro grande passo, na senda do progresso, da caridade, da humanidade e da solidariedade social. As mães pobres já não passarão pela dôr de ver, após as dores do corpo, os fructos de seus corações estyolarem-se e fenecerem pelo effeito da miseria e falta de soccorros profissionaes. Bemditos sejam não só por todas as Mães, mas por todos os espiritos ricos de nobresa e sentimentalismo christão, os nomes de Benedicto Gonçalves Pereira Nunes, Ovidio Manhães, Abelardo Bastos Tavares e tantos outros sacerdotes da Medicina, que tiveram a dita de planejar e inaugurar aquelle verdadeiro Templo da Humanidade, aos 23 de Dezembro de 1934. A 1.ª creança nascida na Maternidade foi o pretinho Benedicto, filho de Isaltina Alves Gomes, que veio ao mundo a 29 de Dezembro, ás 5h,55, tendo recebido o régio presente de elegante berço.

Outros avanços estupendos para um futuro brilhantissimo foram as officialisações da ESCOLA DE DIREITO CLOVIS BEVILACQUA e a FACULDADE DE PHARMACIA E ODONTOLOGIA, concedidas pelo governo do Commandante Ary Parreiras, em 27 de Desembro de 1934, e tendo tambem na cidade a ACADEMIA DE COMMERCIO, na rua Carlos de Lacerda.

A DIOCESE E A CATHEDRAL

O que veio augmentar, em muito, a importância da nossa Terra, foi a creação da Diocese, com a sua Cathedral. Desde muitos annos anciavam os campistas por vêr sua cidade elevada á séde episcopal. Em 4 de Dezembro de 1922 o Decreto Pontificio *Ad Supremde Apostolicae Sedis solium* creou a Diocese de Campos desmembrando-a da de Nictheroy, a qual abrange onze Municipios, a saber: – Campos, Itaperuna, Macahé, S. Fidelis, Santo Antonio de Padua, Cambucy, S. João da Barra, S. Francisco de Paula, Santa Maria Magdalena, S. Sebastião do Alto, e Barra de S. João, ficando com um superficie de 17.403 k. q. A Santa Sé não nomeou logo o Bispo, mas sim um Administrador Apostolico que, providencialmente, foi D. Henrique Cesar Fernandes Mourão, nomeado depois 1.º Bispo de Campos e a nossa cidade teve um dia de fulgor quando da sua sagração, assistindo o que a Lithurgia Catholica tem de mais solemne. Tres bispos insignes estiveram presentes: D. Benedicto P. Alves de Souza, de Victoria, D. Emmanuel Gomes de Oliveira, de Goyaz e o Bispo Sagrante. D. Henrique Gasparri, Arcebispo de Sebaste, Nuncio Apostolico no Brasil, agora promovido ao Cardinalato.

A CATHEDRAL, alem das varias preocupações de D. Henrique, foi a que se tornou o pivot de todos os seus emprehendimentos. D. Henrique idealisou para Campos, esta estupenda obra de arte que hoje tanto nos desvanece e nos enche de justo orgulho. Seus trabalhos foram iniciados em Dezembro de 1928, até principio de 1929. Seis mezes ficaram paralysadas as obras sendo re-iniciadas em 7 de Julho de

1930 e em Março de 1933 é que foram intensificadas até agora, – sendo erigidas todas aquellas pompas architectonicas apenas em 5 annos, – um caso unico! verdadeiro milagre!

Os Campistas ficam com esta grande divida de gratidão ao illustre Bispo D. Henrique Cesar de Mourão e ao seu infatigavel Vigario Geral, Mons. João de Barros Uchôa, pois, foram estes dois espiritos veramente illuminados por Deus que enriqueceram Campos com um monumento que no Brasil, bem poucos o superam, tantos são os esplendores, daquellas magnificencias que admiramos ali na artistica Cathedral de S. Salvador.

*
* *

E como APOTHEOSE – só nos falta a projectada erecção da bella ESTATUA DE BENTA PEREIRA, ideia e anhello dos bons Campistas, que trabalham e preparam o levantamento deste mais justo tributo de civismo e admiração pela grande e intrépida heroina goytacaz. Querendo contribuir, com os leitores deste livro da historia de Campos, para tão significativo monumento patriotico, destinamos dez por cento da renda liquida deste trabalho para a Estatua de Benta Pereira, cuja *maquêtte* já fôra plasmada pelo laureado esculptor campista, Modestino Kanto, professor da Academia de Bellas Artes; – assim, tambem destinamos outros dez por cento para aquelle outro monumento, – A CATHEDRAL DO PADROEIRO.

AVE, CAMPOS!

Nosso Municipio, um dos maiores, limita-se com os de S. João da Barra e Itaperuna (ao norte); Macahé e oceano Atlantico, ao sul; S. João da Barra e oceano a leste e S. Fidelis, Santo Antonio de Padua e Santa Maria Magdalena ao oeste. Tem a superficie de 5.406 kilometros quadrados. Divide-se em 16 districtos a saber: 1.º, 2.º e 7.º *Guarulhos*, (em partes), formam a cidade; 3.º Districto, *S. Gonçalo*, onde estão as ferteis zonas de Tocaia, Vermelha, Ponta Grossa dos Fidalgos, Collegio, Saturnino Braga e Tócos. – 4.º Districto, *S. Martinho*, que comprehende os movimentados povoados de Santo Amaro, Baixa Grande, Correnteza e Olhos d'Agua; 5.º Districto, *S. Sebastião*, onde ficam as importantes zonas: Mineiros, Poço Gordo, Saquarema, Tahy, Alto, Barra do Jacaré; 6.º Districto, *Mussurepe*, onde está o Cabo de S. Thomé e os campos de Bôa Vista, Bananeiras, S. Bento, Pitanga; 8.º Districto, *Travessão*, (Conselheiro Josino e Guandú); 9.º Districto, *Paraiso*, onde se encontram as caeiras de Cardoso Moreira, Monção: 10.º Districito, *S. Benedicto da Lagôa de Cima*, rica zona fertilizada pelos rios Imbé, Quimbira Preto e pela azul Lagoa de Cima, onde as prodigiosas varzeas do Imbé e do Rio Preto; 11.º Districto, *Santa Rita da Lagôa de Cima*, tradiccional districto; 12.º Districto, *Dores de Macabú*, onde estão as terras de Macacos, Ribeiro da Pedra, Socego, e estação Guriry; 13.º Districto, *Villa Nova*, populosissimo districto onde está o Morro do Côco; 14.º Districto, *Santo Eduardo*, dos importantes povoados Murundú, Santa Barbara, Santa Maria, Pedra Lisa, Palmares, Alegria; 15.º Districto, *Taquarussú*,

onde ficam Outeiro, Trapiche, Santa Margarida, Vargem Grande, São Luiz; 16.º Districto, *Paciencia*, que abrange boa parte do Imbé, (Barro Branco, Vargem do Mundo, Agulha dos Leaes, Fervedeira, Boa Vista).

A zona urbana foi ampliada pelo Decrº. n.º 2905 de 27 de Outubro de 1921 e porque a população se augmentasse bastante, edificando muitos predios suburbanos, 3 annos depois, em Outubro de 1924 foi novamente ampliado o limite urbano pelo Decreto n.º 3127.

A Serra do Mar é a cordilheira que separa o nosso municipio dos limitrophes, tendo por culminancias o *Imbé, Cachoeiras do Rio Preto, Pedra Lisa, Bahú, Côco, Quimbira* e serra das *Almas*. Como vigilante guarda da cidade, levanta-se austero e poetico o *Morro do Itaóca*, o legendario refugio de Benta Pereira quando, qual leôa ciosa de resguardar seu filho ferido pelas forças da metropole, conduziu-o para aquelle azylo onde, a salvo dos inimigos, poderia pensar naquellas feridas que lhe sangravam o valoroso coração maternal e patriotico.

Os rios que fertilizam a esmeraldina planicie goytacaz são: o *Preto, o Ururahy, o Mocotó, o Imbé, o Macabú, o Itabapoana, o Muriahé, o Furado, o Vermelho*, e os corregos: *Corrêa, Assú, Virgem, Collegio, Doce e Marrecas*. Por fim, o imponente *Parahyba* atravessa a cidade fazendo graciosas sinuosidades na Coroinha e na Lapa. O *Canal de Campos á Macahé* tambem atravessa a cidade, e alem delle existem tambem os canaes: *Nogueira,* da *Onça* e do *Furado*.

As lagôas campistas são: *Lagôa Feia*, com uma circumferencia de 200 kilometros e 40 de extensão, ficando em contacto com o Atlantico pelo canal do Furado. O seu nome provem da bravura quando reina o vento sudoeste, e então se assemelha a um mar, tal a agitação das suas ondas. É muito piscosa, e numa de suas margens fica a grande povoação de pescadores, – a Ponta Grossa dos Fidalgos, – que é a abastecedora do peixe á população citadina; *Lagôa de Cima*, com quasi 15 kilometros de comprimento, no 10.º e 11.º districtos: Lagôas *Tahy Grande* e *Tahy pequeno*, ambas no 5.º districto; *Lagôa do Campello*, na divisa de Campos e S. João da Barra; e mais as pequenas lagôas: dos *Coqueiros*, de *Bananeiras*, de *Saquarema*, do *Salgado*, das *Pedras*, da *Saudade* e da *Onça*.

Na cidade entroncam-se cinco ramaes ferreos da "Leopoldina Railway" que determinam as consecutivas chegadas e partidas de trens, desde manhã até á noite. Ás 7 hs. da manhã chega o nocturno do Rio, partindo ás 7,15 para Victoria; ás 8,30 chega o mixto de Santo Amaro, ás 9 hs. o de Atafona; ás 10 hs. o expresso de Miracema, ás 10,30 o expresso de Itapemirim; ás 11, parte o expresso para o Rio, ás 11,30 parte o mixto de Saturnino Braga que de retorno chega ás 13hs.; ás 13,40 chega o expresso do Rio, partindo ás 14,30 para Itapemirim; ás 15 hs. parte o expresso de Miracema, ás 15,30 parte o mixto de Santo Amaro e ás 16 hs. o de Atafona. Ás 22,30 chega o nocturno de Victoria que, ás 23hs. parte para Barão de Mauá. Alem destes trens ainda existem os mixtos de Maché, de Miracema e de Murundú, 3 vezes por semana.

A Agricultura é a poderosa alavanca do progresso de Campos: – 14 usinas de assucar trabalham febrilmente na producção do nosso *ouro branco*, assim tambem na da aguardente e do alcool-motor, magnifico succedaneo da gazolina. Na zona do Imbé e Carangola está a cultura do café; nos 11.º e 12.º districtos, a da mandioca, e por todo o municipio a cultura de cereaes, sendo de lastimar que não seja tambem cultivada em grande escala o algodão, cultura muito mais lucrativa e menos dispendiosa que a canna de assucar.

O Commercio de Campos é conhecido e bem disputado pelas praças do Rio, S. Paulo, Recife e Rio Grande do Sul, assim como pelas do exterior do paiz, taes são as suas possibilidades e honradez. Tem treis órgãos importantes: a "A Associação Commercial de Campos", com séde na Praça S. Salvador n.º 25, o "Syndicato dos Commerciantes Varejistas de Campos", com séde na rua Santos Dumont n.º 20, e a "Associação dos Empregados no Commercio", com séde á rua Barão de Cotegipe n.° 13.

A Industria campista, alem da pastoril que é a forte abastecedora do Rio e Victoria, – consta tambem do fabrico de queijos, manteiga, doces, especificadamente a famosa *goiabada campista*, tendo importantes fabricas de tecidos, de moveis, de ceramica, olarias, cortumes, pilações de café, serrarias, officinas metalurgicas, fundições de ferro e bronze, notadamente a importante "Fundição Goytacaz", que tem fabricado machinismo não só para todo o municipio, como para o municipio de S. Paulo.

A parte Judiciaria, actualmente, está assim constituida: – Juiz de Direito da 1.ª Vara, Dr. Luiz da Silveira Paes; Juiz de Direito da 2.ª Vara, Dr. Caetano Thomaz Pinheiro, nosso conterraneo; Juiz Criminal Dr. Alvaro Ferreira Pinto; Promotor Publico, Dr. Guaracy Albuquerque Souto Mayor; Curador de Orphãos, Dr. Pedro Saragoça Santos.

A cidade tem seis cartorios: – 1º. Officio, tabellião Chrysantho Sobral; 2º. Officio, tabellião, Alcides Carlos Maciel; 3º. Officio, tabellião José Augusto Gomes: 4º. Officio, tabellião Gilberto Siqueira; 5º. Officio, tabellião Dr. Godofredo Nascente Tinoco; 6º. Officio. Esmeraldo Delorme Baptista. Na parte urbana estão canonicamente estabellecidas 5 freguezias: *S. Salvador* (séde na Cathedral, cura e Vigario Geral, Mons. João de Barros Uchôa); *Nossa Senhora do Terço,* vigario Pe. Braulio Figueira de Mello; *S. Benedicto*, vigario Pe. Abelardo Falcão; *Santo Antonio de Guarulhos* e *N. Senhora do Rosario do Sacco*.

As ruas da cidade offerecem na parte central bem acentuado movimento, cortando-as constantemente muitos vehiculos, que já não são aquella porção de fiacres, séges, tylburis e caleches, mas rapidos automoveis e auto-omnibus que estabellecem a communicação dos povoados com a cidade e seus diversos suburbios.

A Assistencia Publica, alem do grande contingente fornecido pela Santa Casa de Misericordia e Policlinica, a Prefeitura tem organizada a Directoria de Saude Publica que superintende o "Centro de Saude" e o "Lactario Infantil", de que é director o Dr. Alberto de Vasconcellos Cruz.

Como centro adiantado, Campos não podia prescindir de contar em si as associações de cultura, e porisso, alem da Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia que tem attrahido para Campos as attencções dos grandes luminares da sciencia, conta a "Sociedade dos Amigos de Alberto Torres", o "Centro de Cultura Artistica", "Rotary Club Campista", o "Peteca Futurista Club" fundado em Setembro de 1932 para o desenvolvimento do athletismo, o "Automovel Club" centro da alta Sociedade e onde está sendo installado o "Conservatorio de Musica de Campos" pela esforçada e intelligente iniciativa de d. Edméa de Mello Regazzi.

O governo da União com a cooperação do governo municipal estabelleceu nos terrenos da antiga Escola de Aprendizes Marinheiros, em Guarulhos um bem construido – "Campo de Aviação" para os aviões da Esquadra Nacional.

*
* *

Terminando este trabalho, que nada mais é senão simples compilações de notas para a Historia de Campos a ser feita posteriormente por outrem mais apto e competente, resta-nos agradecer aqui, com o mais profundo reconhecimento, todos quanto nos ajudaram, – de qualquer modo, – cumprindo-nos mencionar o Dr. Silvio Bastos Tavares, que nos franqueou, quando nas funcções de Prefeito de Campos, o preciosissimo archivo da Municipalidade, onde pudemos encontrar um manancial de informações seguras e incontestaveis para a reconstituição da historia do nosso primeiro Centenario. Outro nome a destacar é o do Dr. Francisco da Costa Nunes, que muito contribuiu para a publicação desta obra, – assim tambem o reverendissimo D. Henrique Cesar Fernandes Mourão, Bispo Diocesano, o Dr. Claudio Borges, e o magnifico cidadão Gonçalo de Vasconcellos, alma affeita aos gestos nobres que tanto o dignificam, porisso que estando sempre prompto a cooperar para a grandesa do nosso torrão, nos deu seu valioso apoio moral e material. Assim tambem estendemos nossos agradecimentos a todos quanto nos dispensaram auxilios e contribuiram para a confecção deste trabalho, dentre muitos o sr. Edmundo Chagas, superintendente da secção graphica da "Escola de Aprendizes Artifices de Campos".

A todos os leitores a nossa mais férvida gratidão, de envolta com a solemne promessa de preenchermos as muitas lacúnas que se verificam nesta obra, em a segunda edição, na qual publicaremos outras considerações e noticias que a premencia do tempo nos tolheu de faze-las nesta edicção.

Essentia
EDITORA

Papel Supremo 250 gm², com laminação fosca (Capa)
Pólen Soft 75 gm² (Miolo)
Tipologia Trajan Pro (Capa)
Bodoni Poster Compressed (Capa)
Garamond (Miolo)
Formato 16 x 23 cm (com orelhas de 7 cm)
Tiragem 1000
Impressão São Jorge Gráfica e Tecnologia
Tel.: (61) 3035-8300